

# Paradoxo Bíblico

*Pesquisas e análises textuais da  
nossa fé, sob os pontos de vista  
cultural, filosófico, religioso e moral.*

*Eurípedes Martins Araújo*

BLOCOS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# Apresentação

PARADOXO BÍBLICO é o resultado de trinta anos de pesquisa de Eurípedes Martins, advogado e professor de Esperanto, o que torna o autor, simultaneamente, um homem de ciências e letras. A obra não se restringe a ser exclusivamente teológica (e nesta abrangência reside a sua grandiosidade): ela nos entretém, ensina, questiona e contribui para um aprofundamento das reflexões filosófico-existenciais vivenciadas pelo ser humano do século XXI. Assim, melhor defini-la como um livro de debates em diversas áreas, a partir da leitura da Bíblia, um dos textos mais importantes de todos os tempos para a civilização ocidental.

No presente edição, a História, a Geografia, a Parapsicologia, a Sociologia, a Filosofia, a Filologia estão presentes, através da abordagem das nossas três maiores religiões tradicionais: o Catolicismo, o Protestantismo e o Espiritismo, enfocadas numa linguagem moderna e acessível de modo a clarificar aspectos que, anteriormente, só nos eram transmitidos de forma hermética ou parcial. É, em suma, um belo exemplo do que pode fornecer de construtivo a observação das religiões comparadas, à luz de uma crítica ponderada, embasada, e de uma lógica racional, sem, no entanto, negar ou relegar a fé, indispensável para o progresso espiritual.

Temos muito orgulho, pois, de apresentar PARADOXO BÍBLICO; sem sombra de dúvida, uma obra marcante e diferente de todas as lidas no gênero, capaz de transformar, para melhor, a qualidade de vida da humanidade.

**OS EDITORES**

Aos meus filhos:  
Cristiano e Luciano (In Memoriam),  
Alexandre, Eduardo e Marcelo;  
e à minha companheira espiritual —  
as sinceras homenagens  
e agradecimentos do autor.

# Deguste Filosófico

— “Um pouco de filosofia inclina o espírito humano ao ateísmo; porém, maior profundidade o reconduz à religião; porque quem olha as causas secundárias pode, algumas vezes, não passar delas, deixando de ir além; mas quem lhe contempla os encadeamentos, remonta à Providência. Não encontramos verdades novas, porque tomamos veneráveis proposições como indiscutíveis pontos de partida... Ora, se o homem começa com a certeza, acabará na dúvida; mas se, no começo, se contentar com a dúvida, acabará com a certeza” (**Francis Bacon**).

— “O mal de todos os séculos foi o fanatismo entretido de superstição e ignorância... A superstição produziu incontáveis males e infortúnios: ela é a mais cruel inimiga do puro culto devido ao Ser Supremo. A superstição é uma serpente, que afoga a religião com seus braços; devemos esmagar-lhe a cabeça, sem ferir a mãe que ela asfixia” (**Voltaire**).

— “Tudo é possível a um povo que perdeu a crença em Deus” (**Nietzsche**).

— “Deus é a inteligência suprema e soberana; ele é único, é eterno, é imutável, é imaterial, é onipotente, é soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso. Tal o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas... Toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos — que tente não tanto anulá-los, mas simplesmente diminuí-los — não pode estar com a Verdade... Em Filosofia, em Psicologia, em Moral, em Religião, só há de verdadeiro o que não se afasta, nem um til, das qualidades essenciais da Divindade. A Religião perfeita será aquela cujos dogmas todos suportem a prova dessa verificação, sem nada sofrer” (**Allan Kardec**).

— Tende fé em tudo o que ela tem de bom e de belo, em sua pureza e racionalidade: amai a Deus, mas sabei por que o amais; crede em Suas promessas, mas sabei por que nelas credes; segui os nossos conselhos, mas inteirai-vos do fim que vos mostramos e dos meios que vos trazemos, para atingi-los... Porque fé inabalável só aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade” (**Allan Kardec**).

— Nós precisamos aprender a amar e a respeitar a Verdade, ainda quando ela se inclina em direção contrária aos nossos desejos” (**Will Durant**).

— “Antes pereça o mundo, do que tenha eu — ou qualquer outra pessoa do Universo — de acreditar em uma mentira” (**Bertrand Russel**).

# Definição de Paradoxo

— A palavra "Paradoxo" vem do grego (paradoxos), e é formada pelo prefixo "pará" e o vocábulo "doxa". O prefixo "pará" significa (perto de, ao lado de, além de, afastando-se de); e a palavra "doxa" significa (um juízo, uma opinião, um ponto de vista popular), em oposição a "epistémé" (que significa "conhecimento científico"). No título desta obra, empregamos a expressão "Paradoxo Bíblico" para indicar "uma apreciação, um juízo, um ponto de vista da Bíblia, que está acima da opinião ou apreciação popular.

## Os Métodos Usados Neste Livro

O motivo pelo qual os assuntos são expostos de modo contraditórios e opostos, é que, nesta obra, procuramos utilizar, ao mesmo tempo, os Métodos Didático e o Dialético. O Método Didático nos possibilita uma exposição mais ordenada e específica de cada tema enfocado, inclusive com as repetições necessárias; o Método Dialético, com seus momentos de Tese, Antítese, Análise e Conclusão, nos parece o processo mais justo e perfeito para se procurar a Verdade.

## Nossas Conclusões Pessoais

As conclusões a que chegamos, neste livro, são de nossa inteira responsabilidade; e ninguém está autorizado a afirmar que elas representem os ensinamentos da Doutrina Católica, nem da Doutrina dos Espíritos. Essas conclusões se nos impuseram como um encadeamento lógico e conseqüentes dos fatos como eu os vi.

# Índice

<b>ÍNDICE GERAL.....</b>	<b>IX</b>
<b>PREFÁCIO DO AUTOR .....</b>	<b>XIX</b>

## 1.0.0.

### **PRIMEIRA PARTE – (TESE) A ERA DA FÉ BÍBLICO RELIGIOSA**

## 1.1.0.

### **MOMENTOS HISTÓRICOS DA FÉ RELIGIOSA:**

#### 1.1.1. ....01

Do século I ao século IV dC – A) As fontes e origens do Cristianismo. B) Os primeiros cristãos e o Cristianismo nascente. C) Os Concílios Ecumênicos desse período. D) Os Papas mais importantes desse período. E) Filosofia católica e definições teológicas.

#### 1.1.2. ....03

Do século V ao século VIII – A) Os bárbaros, o Feudalismo e a Trégua de Deus. B) Os Concílios mais importantes desse período. C) Os Papas desse período. D) Maomé, o Sagrado Alcorão e o Islamismo. E) Filosofia Católica e definições teológicas.

#### 1.1.3. ....04

Do século IX ao século XII – A) As Cruzadas religiosas — 1ª - 2ª - 3ª B) Os Concílios Ecumênicos desse período. C) Os Papas desse período. D) Tentativas de Reformas na Igreja — A Questão das Investiduras — O Sacro Império-Germânico. E) Filosofia católica e definições teológicas — A Escolástica Tomista.

#### 1.1.4. ....06

Do século XIII ao século XVI – A) As Cruzadas (continuação e final) — a 4ª Cruzada — A Cruzada das Cruianças — 5ª, 6ª, 7ª e 8ª Cruzadas — O final das Cruzadas e suas conseqüências. B) Os Concílios Ecumênicos desse período — Os Papas desse período. C) O Tribunal do Santo Ofício e a Inquisição — A Inquisição da Espanha — A Inquisição Italiana — A Inquisição em Portugal — As visitasões do Santo Ofício. D) A Reforma Protestante— A Contra-Reforma Católica — Acordo de Bolonha — O Concílio de Trento da Contra-Reforma — A Dieta de Spira — A Dieta de Augsburg — As Guerras Religiosas — Santo Inácio de Loyola — A Contra-Reforma — Guerras religiosas na França — O Edito de Nantes. E) Filosofia Católica e definições teológicas — Aquino e a Evolução Biológica. — A Escolástica pós-tomista.

#### 1.1.5. ....13

Do século XVII ao século XX – A) A Inquisição em Portugal (continuação) — As Guerras Religiosas (continuação) — As Visitações do Santo Ofício no Brasil — A Questão Religiosa no Brasil. B) Os Concílios Ecumênicos desse período. C) Os Principais Papas desse período — O Dogma da Imaculada Conceição— D) Acordos, Editos, Tratados e Concordatas — O Edito de Alais. O Edito de Tolerância — Concordata de Napoleão — Tratado de Latrão, em 1929. E) Filosofia Católica e Definições teológicas.

## 1.2.0.

### **NOSSA FÉ NA BÍBLIA SAGRADA:**

#### 1.2.1. ....15

	A Bíblia Judaica e Cristã – A) O que é a Bíblia? B) Origens e Fundamentos da Bíblia. C) Para a Igreja, “A Bíblia é a palavra de Deus”. D) “A Bíblia está isenta de erros”. E) “A Bíblia tem Deus por autor e foi inspirada pelo ES”.	
1.2.2.	O Antigo Testamento Bíblico – A) O que é o Antigo Testamento? B) Os 5 primeiros livros bíblicos (ou Pentateuco). C) Os demais livros do AT. D) O AT e o NT são inseparáveis. E) Significado teológico do AT.	16
1.2.3.	O Novo Testamento – A) O que é o NT? B) Os 4 Evangelhos sobre Jesus. C) Os Evangelhos Sinópticos. D) Os demais livros do NT. E) O significado teológico do NT.	18
1.2.4.	Os Antigos Textos Bíblicos e as Línguas utilizadas: A) Como surgiram as diversas línguas humanas? B) Em que línguas foram escritos os livros Bíblicos? C) Não existe mais nenhum texto original. D) Hebraico, a Língua do AT. E) Grego, a Língua do NT.	19
1.2.5.	Seleção, escolha e canonização dos textos Bíblicos: A) Quais eram os livros Bíblicos oficiais? B) Tradução do AT, do Grego para o Latim. C) Canonização dos Textos Bíblicos — pelo Concílio de Trento (1545-1563). D) A Bíblia Protestante em Português. E) A Bíblia Católica em Português.	20
1.3.0.	<b>O MAGISTÉRIO, A TRADIÇÃO E O DIREITO CANÔNICO:</b>	
1.3.1.	O Magistério Eclesiástico: A) O que é o Magistério Eclesiástico? B) Os “Únicos e Verdadeiros Mestres da Fé Revelada”. C) A Igreja é “Mãe e Mestra” da Cristandade. D) A Igreja é Infalível em assuntos de Fé e de Moral”. E) “Só a Igreja possui os poderes de “atar e desatar”.	21
1.3.2.	A) O que é a Tradição Oral? B) “A Tradição Oral não é a única fonte da Revelação”. C) “Nem a Bíblia é a única norma da fé revelada”. D) “Só a Tradição e as Escrituras, juntas, constituem a fé”. E) “Mas nem todos podem ler a Bíblia”.	22
1.3.3.	O Direito Canônico: A) O que é o Direito Canônico? B) As fontes do Direito Canônico. C) Formação e Desenvolvimento das Leis Canônicas. D) Competência Disciplinar e Poder Coercitivo. E) Execução e Cumprimento das Sanções Canônicas.	24
1.3.4.	A Fé Religiosa Versus a Razão: A) Alguns Conflitos entre a Fé Religiosa e as Ciências. B) Não há oposição entre a fé e a ciência. C) A soberania da Revelação Divina. D) A Revelação Divina é completa e Imutável”. E) Pena de excomunhão para os desobedientes.	25
1.3.5.	A Infalibilidade da Igreja e do Papa: A) Por que Precisava a Igreja ser Infalível? B) Dificuldades enfrentadas pela Igreja. C) Mas a Igreja é uma Sociedade Perfeita. D) Jesus garantiu a Infalibilidade da Igreja. E) Finalmente, a Decretação Oficial de sua Infalibilidade.	25
1.4.0.	<b>ENSINAMENTO DA TEOLOGIA CRISTÃ:</b>	
1.4.1.	Ensina a Teologia Católica: A) O Conceito Católico sobre Deus. B) A Providência Divina. C) Atributos de Deus e SST. D) Deus pode operar Milagres. E) Ele se revelou pessoalmente aos Homens”.	26



1.4.2.	.....	28
	A Criação do Universo,segundo a Igreja: A) A Criação material. B) A Criação do primeiro homem e da primeira mulher. C) Adão e Eva no Jardim do Éden. D) A Herança do Pecado Original. E) O batismo lava a mancha do Pecado Original.	
1.4.3.	.....	29
	Conceito Católico da Justiça Divina: A) Sobre a Morte e o Juízo Particular. B) A Salvação das almas dos Justos. C) A Condenação eterna dos ímpios. D) A 2ª vinda de Cristo e o Juízo Final. E) A Ressurreição da Carne.	
1.4.4.	.....	30
	Alguns Ensinamentos Protestantes: A) Os Fundamentos do Protestantismo. B) Diferentes interpretações Bíblicas. C) "A alma não é imortal". D) Quem se salvará da condenação eterna? A doutrina da predestinação. E) Proibição da transfusão de sangue humano.	
1.4.5.	.....	32
	Os Anjos, os Demônios e os Mortos: A) A Origem dos Anjos. B) O poder dos anjos, segundo a Igreja. C) A Rebelião de Lúcifer e a Origem dos Demônios. D) Os Demônios podem influenciar a humanidade. E) "Os Mortos não se Comunicam com os Vivos"!	
1.5.0.		
	<b>O VATICANO, O SANTO OFÍCIO E AS HERESIAS:.....</b>	
1.5.1.	.....	33
	As Heresias do século I ao século IV – A) O que é uma Heresia? B) As heresias do século I. C) As heresias do século II D) As heresias do século III. E) As heresias do século IV	
1.5.2.	.....	34
	As Heresias do século V ao século VIII – A) Heresias do século V. B) O Cisma de Acácio. C) As heresias do século VI . D) As heresias do século VII. E) As heresias do século VIII.	
1.5.3.	.....	36
	As Heresias do século IX ao século XII – A) As heresias do século IX. B) As heresias do século X. C) O Cisma do Oriente, Miguel Cerulário. D) As Heresias do século XI. E) As heresias do século XII.	
1.5.4.	.....	37
	Heresias do século XIII ao século XVI – A) As heresias dos séculos XIII e XIV. B) O maior de todos os Cismas: 3 Papas ao mesmo tempo. C) Os hereges pré-reformadores do século XV. D) Os Reformadores protestantes — Lutero — Zwinglio — Calvino — John Knox. E) O Conteúdo da Reforma Protestante.	
1.5.5.	.....	39
	As Heresias do século XVII ao século XX – A) As heresias do século XVII. B) As heresias do século XVIII. C) As heresias do século XIX — O Panteísmo, o Naturalismo, o Racionalismo, o Comunismo, o Evolucionismo, as Mesas Girantes, o Espiritismo de Allan Kardec. D) As heresias do século XX — sobre a separação do Estado da Igreja — sobre o Consumismo Ateu — sobre as Doutrinas Errôneas — sobre o Evolucionismo Biológico. E) A Igreja, o Santo Ofício e a Comunicação dos Mortos — É uma proibição Divina — é uma proibição Eclesiástica.	
2.0.0		
	<b>SEGUNDA PARTE (ANTÍTESE)</b>	
	<b>A ERA DA FÉ CIENTÍFICA E RACIOCINADA</b>	
2.1.0.		
	<b>NASCE NOSSA CONSCIÊNCIA CIENTÍFICA.</b>	

2.1.1.	Nossos Antigos Conhecimentos Clássicos – A) Até há bem pouco tempo atrás. B) Algumas lembranças da Era Clássica: Alexandria (a Biblioteca — a destruição da civilização clássica e da biblioteca de Alexandria) — A Grécia Helênica (a palavra escrita entre os gregos — os antigos instrumentos e materiais de escrita — os primeiros comerciantes da escrita, 500 aC — a Invenção do Pergaminho, 200aC — a Decadência da Grécia) — a Roma Clássica (o alfabeto chega a Roma — o primeiro calendário romano — o calendário de Rômulo — o Calendário Juliano — a reforma do imperador Augusto — o Calendário eclesiástico — o alfabeto, a língua e a literatura de Roma — duas línguas Latinas — a decadência do Império Romano). C) As ciências durante a Idade Média — os algarismos romanos — os algarismos árabicos. D) As línguas derivadas do Latim — quando surgiram. E) A Invenção da Imprensa Metálica e suas conseqüências.	44
2.1.2.	A Renascença Cultural e a Retomada dos Estudos – A) A Era das Grandes Navegações. B) A Retomada dos Estudos e o avanço cultural — a emancipação da Astronomia — Copérnico — Bruno — Brahe — Galileu — Képler — o Calendário Gregoriano — a retomada dos estudos — Newton. C) Napoleão no Egito, Champollion e a Pedra da Roseta. D) A Descoberta de outras civilizações paralelas — No Oceano Pacífico (Melanésia, Polinésia, Ilha da Páscoa) — Na América pré-colombiana — habitantes da América pré-colombiana. E) Uma interrogação se impõe	51
2.1.3.	Surgem Algumas Ciências Experimentais – A) As Ciências Geológicas. B) As Ciências Biológicas e a Teoria da Evolução das Espécies. C) As Ciências Paleontológicas. D) As Ciências Antropológicas. E) As Ciências Arqueológicas.	58
2.1.4.	Uma Breve Recapitulação de Nossa Origem Cósmica – A) Hipóteses sobre a Origem do Universo. B) A Terra, Nosso Habitat Planetário. C) As Eras Geológicas — o Paleolítico — as culturas paleolíticas — O Mesolítico — o Neolítico — Instituição da Organização Social — Surge a Propriedade privada — os primeiros agrupamentos humanos — a Pré-história — a Idade dos metais. D) A Invenção da escrita — a Proto-história — as letras ou sinais gráficos — o período histórico propriamente dito . E) As primeiras civilizações da História — o Elam — a Suméria — a Acádia — a Babilônia — o Egito — descobrimento do papiro — a China — a Assíria — a Fenícia.	69
2.1.5.	Retornando aos Nossos Tempos – A) Dezenove, o século das luzes. B) Vinte, o século da Era Espacial e da Internet — Será que Estamos Sozinhos no Universo? C) Os OVNIS mostram que não somos os únicos no Universo E) O Calendário Cósmico Científico, de Carl Sagan.	85
2.2.0.	<b>A FILOSOFIA INDAGA O SIGNIFICADO DA VIDA</b>	
2.2.1.	A Fé, a Religião e a Filosofia, antes de Moisés – A) Durante o Paleolítico, o Mesolítico e o Neolítico. B) Durante as primeiras Civilizações (Suméria, Acádia e Babilônia). C) Do Egito e da Índia pré-mosaicos. D) Dos Chineses e Fenícios pré-mosaicos. E) Os hebreus antes de Moisés.	89
2.2.2.	A Fé, a Religião e a Filosofia, de Moisés até Jesus – A) Divisão da história dos filhos de Israel. B) durante o I período — uma análise racional dos 7 primeiros livros bíblicos. C) História Israelita durante o 2º período. D) História dos Israelitas durante o 3º período – Influências sofridas da Índia, da Pérsia, da Mitologia Grega, dos pré-romanos, dos gregos. E) História dos Israelitas durante o 4º período – Influências vindas da Índia, da China — o Confucionis-	102

mo — da Pérsia (o Zoroastrismo) — da Religião Grega — da filosofia grega nesse período — de Roma — Literatura do AT — um longo período de tradição oral — algumas traduções do AT — a Invenção do Pergaminho — A Escrita nos tempos de Jesus — Ele não deixou nada escrito.

2.2.3. .... 126

A Fé, a Religião e a Filosofia, de Jesus até a Invenção da Imprensa metálica - A) A religião de Jesus. B) Foi Paulo quem criou os fundamentos do Cristianismo. C) Os Apóstolos e os Primeiros cristãos. D) Origem da Literatura do Novo Testamento — um Evangelium antes dos Evangelhos. E) A Longínqua Itália adota a religião da Palestina — influências vindas do dualismo maniqueísta — o Cisma de Hipólito — Ário e o Arianismo — Constantino e o Concílio de Nicéia (325) — O Credo de Nicéia.

2.2.4. .... 132

A Fé, a Religião e a Filosofia, da Imprensa Metálica ao Colapso da Fé - A) Conseqüências da Imprensa Metálica. B) Lutero e a Reforma Protestante. C) Contra-Reforma, o Concílio de Trento e a Canonização textual. D) Alguns conflitos teólogos. E) A Lingüística decompõe os textos do Pentateuco.

2.2.5. .... 140

O Colapso da Fé religiosa e suas conseqüências - A) O colapso da fé religiosa. B) A fé religiosa em desencanto — Heresias de Nosso tempo — a fé em Crise — C) A teologia da "morte de Deus" — Deus está Morto? D) Agonia das Religiões. E) O Fim do Cristianismo Convencional — As conseqüências do esfriamento da fé religiosa".

2.3.0.

**O ADVENTO DO "ESPÍRITO DA VERDADE" (OU CONSOLADOR PROMETIDO)**

2.3.1. .... 146

Alguns "fenômenos paranormais" na História - A) Na Antigüidade Oriental. B) Durante a Era Clássica. C) Durante a Idade Média e a Renascença. D) Durante a Era Moderna. E) "A Vidente de Prévorst" e o Dr. Justinus Kerner.

2.3.2. .... 151

As "Mesas Girantes" e a Codificação do Espiritismo - A) Ainda antes de Allan Kardec. B) O Prof. Hippolite Rivail Léon Denizard e suas pesquisas científicas. C) O Consolador Prometido. D) A codificação dos Ensinos dos Espíritos Superiores — O auto-de-fé de Barcelona. E) A morte de Allan Kardec - um discurso de Camille Flammarion junto ao seu túmulo.

2.3.3. .... 158

As Obras Básicas da "Doutrina dos Espíritos" - A) Introdução às Obras Básicas. B) Uma mostra do livro "O Que é o Espiritismo?" e do "Livro dos Espíritos". C) Uma mostra do "Livro dos Médiuns". D) Uma mostra de "O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina" e do livro "Gênese", de Allan Kardec. E) Uma mostra dos livros "O Evangelho segundo o Espiritismo" e "Obras Póstumas".

2.3.4. .... 173

Obras Suplementares da "Doutrina dos Espíritos" - A) Introdução às Obras Suplementares. B) Ditados pelo Espírito Emmanuel, "A Religião dos Espíritos" e o livro "Vida e Sexo". C) Obra do Espírito André Luis, o livro "Ação e Reação" e o livro "Libertação". D) Obras do Espírito "Irmão X", o livro "Cartas e Crônicas"; do Espírito Vianna de Carvalho, o livro "Enfoques Espíritas"; do Espírito Francisco Valdomiro Lorenz, o livro "Esperanto Como Revelação". E) Do Espírito C.C.B., o livro "Memórias de um Suicida".

2.3.5. .... 193

Os Espíritos Superiores e os Dogmas Convencionais - A) Sobre os dogmas teológicos — atributos essenciais da Divindade Suprema do Universo. B) A Criação Universal — Existência do princípio Espiritual — o princípio material — Fluido universal — o Princípio Vital — formação dos primeiros animais — diversidade e multiplicidade dos mundos. C) Sobre os dogmas Cristológicos

— sobre Jesus de Nazaré — A natureza de Jesus — Os milagres de Jesus não provam a sua Divindade? — As palavras de Jesus provam a sua divindade? — A dupla natureza de Jesus — A crença no dogma da Divindade de Cristo. D) Dogmas antropológicos — A origem e a criação dos anjos — o duplo princípio — teoria dos dois princípios. Não existem demônios, mas sim espíritos involuídos — de acordo com o Espiritismo, não existem "demônios". E) Sobre alguns dogmas religiosos ou eclesiásticos — A raça adâmica — sobre o pecado original — sobre as penas futuras — sobre a crença do inferno — sobre os Limbos — a Ciência desmistifica os céus — sobre a crença no Purgatório — necessidade da Encarnação dos Espíritos — a pluralidade das existências.

## 2.4.0.

### **PESQUISA CIENTÍFICA À PROCURA DA ALMA HUMANA**

#### 2.4.1. .... 209

Existe, no Universo, um princípio espiritual? — A) Existe alma? B) Esse Princípio Espiritual sobrevive à morte? C) Individualidade do ser pensante. D) A Psiquê humana. E) Psicologia, a ciência que estuda a alma.

#### 2.4.2. .... 210

Noções de Magnetismo e Hipnotismo, segundo Karl Weismann — A) O que é Magnetismo? B) Antigos casos de Magnetismo. C) O Hipnotismo se torna ciência. D) Os caminhos percorridos pelo Hipnotismo. E) A Magnetoterapia.

#### 2.4.3. .... 215

Ocultismo Científico e Metapsíquica — A) "Fatos Espíritos", por William Crookes, 1874. B) "Provas Científicas do Espiritismo", Epes Sargent — "Provas Científicas da Sobrevivência", Friederich Zöllner. C) "Por que Creio na Imortalidade da Alma", Lodge, 1887. D) O Relatório da Comissão de Sábios, Milão, 1892. E) Nasce uma nova ciência, a Metapsíquica, em 1905 — A Metapsíquica se torna a Parapsicologia.

#### 2.4.4. .... 219

Da Parapsicologia à Reencarnação — A) "A Nova Revelação", sir Arthur Conan Doyle, 1918. B) A Parapsicologia se torna Ciência de Vanguarda. C) A PES, a Telepatia, a Clarividência — A Teoria Corpuscular do Espírito. Hernâni Guimarães, 1959 — A "Vida sem Morte", pelo Dr. Niels Jacob. As Experiências Norte-Americanas de "Quase Morte" — A Reencarnação, a TVP, a Psiquiatria — "Muitas Vidas, Muitos Mestres", Brien L. Weiss, 1981. E) A Psiquiatria Face à Reencarnação, Dr. Inácio Ferreira.

#### 2.4.5. .... 233

A Transcomunicação Instrumental e Mediúmica — A) A Transcomunicação Instrumental dos Espíritos. B) Surge o Sistema Espíricom. C) "Os Espíritos se Comunicam por Gravadores", Dr. Peter Bander, 1972. D) Vidicom ou comunicação através do vídeo. O Sistema áudio-vidicom. E) Transcomunicação Mediúmica dos Espíritos: três Mensagens Psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco.

## 2.5.0.

### **O CONSOLIDADOR SOBREVIVE AO DESAFIO DA RAZÃO**

#### 2.5.1. .... 239

A Fé Religiosa, Científica e Filosófica — A) Competência e campo de ação da ciência, da filosofia e da teologia. B) A fé cega e a fé Raciocinada. C) A Doutrina dos Espíritos é uma Ciência e uma Filosofia — o Espiritismo é uma Ciência Experimental. D) O Espiritismo caminha ao lado das Ciências — a progressividade dos ensinamentos dos Espíritos.

#### 2.5.2. .... 242

Acaso, Deus proibiu ou condenou "O Espiritismo"? — A) Acaso aquele personagem bíblico era realmente Deus? B) É a Bíblia a palavra de Deus? C) Terá o texto bíblico chegado fiel até nossos dias? D) O que se proibiu, no AT? — Diferença entre "Anísmismo" e "Espiritismo".

2.5.3.	.....	243
	O Santo Ofício e a Campanha Antiespírita Internacional – A) Os dois motivos alegados pela Igreja. B) Diversos Pronunciamentos do Santo Ofício. C) Sinopse do texto do livro “O Mundo Invisível, uma Exposição da Teologia Católica Perante o espiritismo Contemporâneo”, Lépicier, 1921. D) Sinopse do texto do livro “Fraudes Espíritas”, Herédia, México, 1930. E) Sinopse do texto de “Metapsíquica e Espiritismo”, Palmés, Barcelona, 1931.	
2.5.4.	.....	265
	A CNBB e a Campanha Antiespírita no Brasil – A) Pronunciamentos e decisões da CNBB — Sinopse do texto do livro “O Espiritismo no Brasil”, Kloppenburg, 1950. B) Sinopse do livro “Ação Pastoral Perante o Espiritismo”, Kloppenburg, 1955. C) Sinopse do livro “O Reencarnacionismo no Brasil”, Kloppenburg, 1955. D) Sinopse dos “Cadernos Vozes em Defesa da Fé e da Moral: — Caderno 01 – “Por que a Igreja Condenou o Espiritismo”; Caderno 04 – “A Psicografia e Chico Xavier; Caderno 06 – “O Livro Negro da Evocação” — Sinopse do Caderno 08 – “Resposta aos Espíritas”. E) Sinopse do texto do livro “A Face Oculta da Mente”, do Padre Oscar Quevedo, Uruguai, 1960.	
2.5.5.	.....	292
	Análise Racional e Filosófica da Campanha Antiespírita – A) Os falsos fundamentos. B) Uma síntese da Campanha Internacional. C) Síntese da Campanha Antiespírita no Brasil. D) Incoerências e Contradições da Campanha Antiespírita. E) Em busca da Verdade, por Allan Kardec — as diversas classes de materialistas e crédulos — a quem se dirige o Espiritismo — como e por onde começar? — necessidade de um estudo prévio — Os fenômenos e as manifestações não são o mais importante — caminho mais correto para a aprendizagem.	
3.0.0.		
	<b>TERCEIRA PARTE (ANÁLISE) CONFRONTO TEXTUAL DA FÉ</b>	
3.1.0.		
	<b>O TEXTO ATUAL DO ANTIGO TESTAMENTO</b>	
3.1.1.	.....	302
	OS Cinco Primeiros Livros (ou Pentateuco) – Cabala – Introdução ao estudo do Antigo Testamento. A) Texto e análise do livro “Gênesis”. B) Texto e análise do livro de “Êxodo”. Análise. C) Texto e análise do livro “Levítico”. Análise. D) Texto e análise do livro “Números”. E) Texto e análise do livro “Deuterônimo”.	
3.1.2.	.....	341
	De Josué ao IV Livro dos Reis – A) Texto e análise do Livro de Josué. B) Texto e análise do Livro Juízes. C) Texto e análise do I Livro de Reis. D) Texto e análise do II Livro de Reis. E) Texto e análise dos livros III e IV de Reis.	
3.1.3.	.....	354
	Dos livros de I Paralipômenos ao Livro da Sabedoria – A) Texto e análise do I Livro de Paralipômenos — No II Livro de Paralipômenos. B) Texto e análise dos livros I e II de Esdras. C) Texto e análise dos Livros de Tobias e Jó. D) Texto e análise dos livros de Rute, Ester e Judite. E) Texto e análise dos livros Eclesiastes, Provérbios, Cânticos, Salmos e Sabedoria.	
3.1.4.	.....	360
	Do profeta Isaias a Ezequiel – A) Texto e análise do Livro do Profeta Isaias. B) Texto e análise do Livro Profecias de Jeremias. C) Texto e análise do livro “Lamentações de Jeremias”. D) Texto e análise do livro Profecias de Baruc. E) Texto e análise do Livro de Ezequiel.	
3.1.5.	.....	365
	De Daniel ao II Livro de Macabues – A) Texto e análise do livro Profecias de Daniel. B) Texto e análise dos livros dos Profetas Oséias, Joel, Amós, e Abdias. C) Texto e análise dos livros dos Profetas Jonas, Miquéias, Ageú, Naum e	

Habacuc. D) Texto e análise dos livros Profecias de Malaquias e Zacarias. E) Texto e análise dos livros I e II Macabeus.

### 3.2.0.

## A TRANSIÇÃO DO ANTIGO PARA O NOVO TESTAMENTO

### 3.2.1. ....372

À Espera de um Messias e Salvador do Mundo: A) Origem das Tradições Messiânicas. B) Os Exilados da Capela”. C) As promessas do Divino Mestre. C) Os Capelinos e a Raça Adâmica. E) Origem dos atuais dogmas religiosos.

### 3.2.2. ....374

A Vinda de Jesus ao Nosso Planeta – A) Os precursores de Jesus B) Todos O esperavam. C) A Chegada de Jesus. D) Os exemplos redentores de Jesus. E) Mas os Judeus não o Reconheceram.

### 3.2.3. ....377

Jesus e a "Doutrina dos Seguidores de Cristo"— A) Os Seguidores de Jesus. B) A Conversão de Paulo de Tarso. C) Cristi-an-ismo, a Doutrina dos Seguidores de Cristo. E) Mas Jesus não era Deus.

### 3.2.4. ....379

Paulo e sua Influência no Novo Testamento – A) Foi Paulo quem nos introduziu no NT. B) Em que se baseou a Teologia de Paulo? — As dúvidas teológicas de Paulo. C) A verdadeira Teologia de Paulo. D) Viagens missionárias de Paulo. E) As 14 Epístolas Paulinas.

### 3.2.5. ....380

A redação dos Textos Neotestamentários – A) Jesus não deixou nada escrito. B) Um “Evangellium” antes dos Evangelhos. C) Quando e por quem foram escritos os Evangelhos? D) Mas por que 4 Evangelhos? E) Os Livros Apócrifos do Novo Testamento

### 3.3.0.

## O ATUAL TEXTO DO NOVO TESTAMENTO

### 3.3.1. ....383

Os Evangelhos em Perspectiva – A) Da Anunciação ao Templo Judaico. B) Do Batismo de Jesus à sua “tentação pelo demônio”. C) Jesus Inicia seu Ministério Apostólico. D) Os irmãos e irmãs de Jesus. E) A história da Figueira Seca”.

### 3.3.2. ....391

Em que Acreditava Jesus? A) Acreditava ser Ele o próprio Deus? B) Acreditava na “salvação” ou “condenação” eterna? C) Acreditava Jesus no Inferno? D) Mas as crenças atribuídas a Jesus são contraditórias — Acreditava Ele nas lendas do AT? Acreditavam na Ressurreição ou na Reencarnação? Acreditava no “demônio” (ou “Satanás”)? E) Ou acreditava Jesus na Reencarnação? — Jesus, Nicodemos e a Reencarnação — Prometeu Jesus enviar o Espírito Santo (ou Espírito da Verdade)?

### 3.3.3. ....397

Morte, Aparições e Ascensão de Jesus – A) Teria Jesus predito sua Própria Ressurreição? B) A Traição de Judas, e a prisão de Jesus. C) Jesus perante Pilatos — D) Jesus depois da morte — Teria realmente Jesus Ressuscitado no seu Corpo Físico? As aparições de Jesus depois de sua Morte. E) Texto e análise dos Atos dos Apóstolos, de Lucas.

### 3.3.4. ....405

As 14 Epístolas Paulinas – Introdução. A) Texto e análise da Epístola aos Romanos. B) Texto e análise das I e II Epístolas aos Coríntios. C) Texto e análise das Epístolas aos Colossenses, aos Gálatas, aos Filipenses e aos Efésios. D) Texto e análise das Epístolas I e II aos Tessalonicenses. E) Texto e análise das Epístolas aos Hebreus, I e II a Timóteo, a Tito, a Filémon.

### 3.3.5. ....410

Das Epístolas Católicas ao Apocalipse – A) As Sete Epístolas Católicas – Epístolas de São Tiago. B) Texto e análise da I e II Epístolas de São Pedro. C) Texto e análise da I, II e III de São João. D) Texto e análise da Epístola de São

<b>3.4.0.</b>	<b>RECAPITULAÇÃO DAS FONTES E ORIGENS DE NOSSA FÉ:</b>	
<b>3.4.1.</b>	.....	<b>416</b>
	O que nos Chegou de Antes de Moisés – A) Do Paleolítico, do Mesolítico e do Neolítico. B) das Primeiras Civilizações da História —do Ejam — da Suméria — da Acádia — da Babilônia — da Assíria. C) Do Egito e da Índia antes de Moisés. D) Da China, da Fenícia e dos pré-helênicos antes de Moisés. E) A crença dos Hebreus Antes de Moisés.	
<b>3.4.2.</b>	.....	<b>419</b>
	O que nos Chegou depois de Moisés? A) A Herança Religiosa da Babilônia e do Egito pós-mosaicos. B) Herança Religiosa da da Fenícia e da Índia pós-mosaicas. C) Herança Religiosa da China, dos Hititas e dos Persas pós-mosaicos. D) Herança Religiosa dos pré-helênicos e dos pré-romanos. E) Herança da Religião e da Filosofia gregas.	
<b>3.4.3.</b>	.....	<b>421</b>
	Crenças e dogmas surgidos durante a Igreja Católica – A) O que foi definido pela Igreja dos séculos I ao século IV dC. B) O que nos veio do século V ao século VIII. C) O que nos veio do século IX ao século XII. D) O que nos veio do século XIII ao século XVI. E) O que nos veio do século XVII ao século XX.	
<b>3.4.4.</b>	.....	<b>426</b>
	A Fé Bíblica em Desencanto – A) A Alta Crítica da Bíblia. B) Nossa herança Bíblica, sobre o ponto de vista filosófico e teológico — lingüístico e histórico — cultural e científico. C) Nossa Herança Religiosa – D) Por que somos católicos? "Mas Roma Pode Errar e Já Errou". E) Inadmissibilidade de alguns dogmas Convencionais — de alguns dogmas teológicos — de alguns dogmas Cristológicos — de alguns dogmas Mariológicos — de alguns dogmas Antropológicos — e dos dogmas Religiosos ou Eclesiásticos.	
<b>3.4.5.</b>	.....	<b>435</b>
	"Uma Fé Inabalável" — Introdução. A) Provas Bíblicas da crença nos Espíritos. B) Provas de Faculdades Mediúnicas na Bíblia. C) Provas de Curas Espirituais na Bíblia. D) Provas de Reencarnação na Bíblia. E) O Espiritismo Explica os Fenômenos Anímicos da Bíblia.	
<b>3.5.0.</b>	<b>O Ser Humano à Luz da Eternidade:</b>	
<b>3.5.1.</b>	.....	<b>446</b>
	Antes da Terra, já havia Mundos – A) Deus, o Infinito e a Criação Divina. B) Elementos Gerais do Universo. C) O Princípio Inteligente e o Princípio Material. D) A Encarnação e o Progresso dos Espíritos. E) A Diversidade dos Mundos e dos Corpos Materiais.	
<b>3.5.2.</b>	.....	<b>449</b>
	Origem e Desenvolvimento da Terra – A) Foi Jesus quem plasmou a Terra. B) Desenvolvimento Telúrico. C) Os Antropóides e Antepassados do Homem. D) A Encarnação dos Primeiros Homens sobre a Terra. E) Migrações, Imigrações e Expurgos planetários.	
<b>3.5.3.</b>	.....	<b>456</b>
	As Revelações da Espiritualidade, de Moisés ao Consolador – A) Moisés e a Primeira Revelação. B) Jesus e a Segunda Revelação. C) Os Primeiros Cristãos e a Doutrina Nascente. D) O Papado, a Igreja Católica. E) Chega o Momento do "Consolador Prometido".	
<b>3.5.4.</b>	.....	<b>464</b>
	O Consolador Prometido por Jesus – A) Jesus Havia Prometido enviar um Consolador — a 1ª revelação — a 2ª revelação. B) A Missão do Espiritismo. C) A 3ª Revelação. D) Mas a Igreja o Repeliu. E) Tudo Passou, mas Jesus não Passará Jamais.	

3.5.5 .....	A Humanidade Terrestre e o Porvir – A) América, a nova oficina de Deus. B) O Crepúsculo de uma Civilização. C) "Brasil, Coração do Mundo. Pátria do Evangelho". D) A Passagem para o III milênio. E) A Terra durante o III milênio	468
4.0.0.	<b>QUARTA PARTE – (CONCLUSÃO)</b>	
	<b>PROBLEMAS DA HUMANIDADE SEM FÉ</b>	
4.1.0. ....	As Mutações de nosso Código Moral – A) Moralidade e Costumes. B) O estágio da Caça ou Pastoril. C) O estágio Agrícola. D) O Estágio Industrial — Alterações do Código Moral. E) Dissolução da Moralidade.	473
4.2.0. ....	A Eclósão dos Problemas da Atualidade – A) Dezenove, o Século das Grandes Transformações. B) A Ajuda do Mundo Espiritual. C) Mas a Igreja Rejeita o Consolador. D) As Expectativas para o Século XX. E) As Guerras Mundiais — O Mundo do Após-guerra — Começa a Guerra Fria — Criação da ONU — criação do Estado de Israel — Os perigos de uma nova Guerra — Gorbachev, a Perestroika e a Nova Ordem Internacional — a Globalização das Nações, a Internet e as barreiras lingüísticas — O problema das Barreiras Lingüísticas.	475
4.3.0. ....	A Família, a Juventude e a Moralidade Social – A) Família, a Célula Mãe da Sociedade humana. B) O Código Moral da Família — Vinculações e Desvinculações Afetivas. D) A Educação da Juventude. E) Como Encontrar uma Nova Ética?	481
4.4.0. ....	A Reeducação do Homem Espiritual – A) O Homem na Era da Razão. B) Para a Era da Razão, Só uma Fé Raciocinada. C) Estamos em um Mundo de Provas e Expições. D) Mas "a Morte não Mata a Vida". E) E o Nosso Objetivo é Jesus".	484
	<b>Bibliografia Geral .....</b>	<b>487</b>
	<b>Glossário .....</b>	<b>496</b>



# Paradoxo Bíblico

(Prefácio do Autor)

## 1.0. – Quando eu era católico:

— Entre 1955 e 1960, eu freqüentava a Catedral Metropolitana de Uberaba; era membro da Congregação Mariana e da Legião de Maria; acompanhava o padre na celebração da missa; em 1960, eu assistia à missa e comungava diariamente. Assim, eu estava familiarizado com a Bíblia e com a Teologia Católica: acreditava que Deus fizera o mundo em seis dias, por volta de 4004 aC; que Moisés escreveu o Pentateuco; que a Bíblia era a fiel palavra de Deus, para fundamentar a nossa fé e nossa moralidade. Por acreditar no inferno, na condenação eterna e no demônio, eu me preocupava mais com a minha "salvação individual" do que com o futuro espiritual de outras pessoas. Mas, em 1958, eu me ingressei no Curso Científico (correspondente ao atual 2º grau), então, minha vida mental ia se alterando, e minha fé religiosa começava entrar em conflito com o que eu aprendia.

## 2.0. – Conflito entre minha Fé e meus Estudos:

— No Colégio, ensinaram-nos que "o Sol é apenas uma estrela de 5ª grandeza"; que existem centenas de bilhões de sóis no universo; que o Sistema Geocêntrico, de Ptolomeu, que ensinava ser a terra o centro do universo, só foi aceito, durante 1500 anos, por coincidir com a interpretação literal dos textos bíblicos e com a teologia católica. Mesmo sem saber, ainda, o que significava "grandeza", eu pude concluir que, necessariamente, deve haver ao menos quatro sóis ou estrelas maiores, mais luminosas ou mais importantes do que nosso sol. Entretanto, se é a terra que gira ao redor do sol, como poderia Josué ter feito o sol e a lua pararem, enquanto matava os inimigos? Como teria o profeta Isaías feito o sol retroceder suas sombras 10 graus no relógio de Acáz?

— Eu já percebia grandes divergências entre meu modesto aprendizado científico e os fundamentos bíblicos da minha fé. O que estaria errado: a palavra de Deus (isto é, a Bíblia) ou a palavra dos homens (isto é, as ciências)?

— Aquelas dúvidas despertaram minha curiosidade: a curiosidade despertou meu gosto e amor pelos livros; o amor pelos livros desenvolveu em mim uma verdadeira paixão pela Verdade. E, durante 30 anos, eu estudei, li, aprendi, coletei e reuni informações científicas que desautorizam a crença literal na Bíblia. Depois, em oito anos, eu reli o material pesquisado, conferi as informações e montei este livro "Paradoxo Bíblico".

## 3.0. – Quais seriam as causas dessas incompatibilidades?

— Seria, realmente, a Bíblia a fiel palavra de Deus? Teria, de fato, Moisés escrito os 5 livros do Pentateuco? Seria a Bíblia a fonte de nossa fé e do nosso código moral? Por que, então, essas divergências e antagonismos? Eu tinha esperança de conciliar aquelas verdades conflitantes. Para mim, se erros houvesse na Bíblia, eles teriam sido ali incorporados por culpas puramente humanas. Pouco a pouco, fui conhecendo mais ensinamentos científicos que não deixavam quaisquer dúvidas a respeito da impossibilidade da origem divina do atual texto bíblico. Ora, se a Bíblia não tinha origem divina, todo o edifício de nossa fé bíblica e religiosa desmoronaria.

— Na esperança de encontrar respostas às nossas indagações e dúvidas, percorremos

alguns campos do conhecimento humano, relacionados ao tema.

#### **4.0 – A Evolução dos Materiais de Escrita:**

— Viemos a saber que o Papiro foi descoberto no Egito, em 3.000 aC, mas era muito raro e de uso exclusivo dos reis (ou faraós) do Egito; que, nos tempos de Moisés (1.500 aC), os únicos materiais de escrita, disponíveis para as massas, eram folhas e as cascas de árvores, tijolos de barro e lâminas de pedras; que, o Pergaminho foi inventado em 200 aC, de peles de ovelhas e vitelas; que, nos tempos de Jesus, não havia outro material mais adequado, e que ele mesmo não deixou sequer uma palavra escrita; que o papel só foi inventado perto do ano 1.000 dC, mas só se espalhou na Europa depois da invenção da imprensa metálica, que se deu em 1.440 dC, por Guttenberg; mas que foi somente no Concílio de Trento, da Contra-Reforma Católica, em 1545-1563, que a Igreja decidiu, pelo voto conciliar, qual era a Bíblia considerada oficial. Ora, por tudo isso, pudemos concluir que, dificilmente, poderia ter Moisés escrito o Pentateuco, e diminuía nossa credibilidade na origem divina da Bíblia.

#### **5.0. – Um período de tradição oral**

— Verificamos que tudo, na vida, obedece à lei universal da evolução; que todo escrito passa, primeiramente, pela fase oral, antes de chegar à escrita; e que o acervo cultural e religioso dos israelitas não escapou a esse processo. Admitindo, pelo menos hipoteticamente, um período de Tradição Oral para o acervo israelita, julgamos razoável pensar que, de Moisés (1.500 aC.) até a invenção do papel (1.000 dC); da invenção do papel até a imprensa metálica (1.440 dC), o acervo cultural e religioso dos israelitas, transmitido de geração em geração, de pai para filho, necessariamente deve ter sofrido influências e alterações das mais diversas, tanto de seu povo, como dos estrangeiros, tanto voluntária, como involuntariamente.

— Tomamos conhecimento de que, muito antes de Moisés, brilhantes povos e culturas tinham surgido, atingido o seu apogeu e até desaparecido. Ora, se Moisés não escreveu nada do que hoje lhe é atribuído, mas todo o acervo cultural e religioso dos israelitas passou, durante mais de um milênio de tradição oral, pelos riscos das alterações e adulterações, podemos imaginar que, quando levados à escrita, as tradições já tinham sido influenciadas tanto pelas culturas pré-mosaicas, quanto das pós-mosaicas.

— Dos povos e culturas pré-mosaicos, não temos dúvida de que influenciaram a literatura israelita as tradições religiosas vindas do Elam, da Suméria, da Acádia, do Egito, da Babilônia, da China, da Índia, da Assíria, dos pré-helênicos, da mitologia grega etc. E, comprovadamente, das culturas e religiões pós-mosaicas, vieram influências do Egito, da Babilônia, da China, da Índia, da Fenícia, dos gregos, da filosofia grega, dos pré-romanos e dos romanos. Em decorrência disso, é que hoje podemos identificar, nos textos bíblicos, a presença de lendas, mitos e crenças religiosas daquelas antigas culturas.

— Tomamos conhecimento, ainda, de que o hebraico não possuía vogais, e que deixou de ser uma língua falada por volta do século IV aC, após o cativo da Babilônia. Ora, indubitavelmente, isso deve ter alterado e prejudicado as traduções do Hebraico para o Grego, do Grego para o Latim e do Latim para as Neolatinas.

#### **6.0. – Era evidente que Moisés não poderia ter escrito o Pentateuco:**

— Parecia-me implícito que os primeiros livros bíblicos não poderiam ter sido escritos nos tempos a que se referem, e que Moisés não poderia ter escrito os cinco livros do Pentateuco. Então, procurávamos, nos próprios textos, alguns caminhos percorridos pelos livros pentatêuticos, antes da fase escrita. E, depois de analisar os

próprios textos, isto se tornou inequívoco: a) ele não recebeu ordens de "Deus" para escrever qualquer coisa (exceto o Deuteronômio); b) durante 40 anos, perambulando pelos desertos, à frente de uma multidão de quase 1 milhão de pessoas, rebeldes e indisciplinadas, ele não encontrou ambiente adequado para escrever os 5 volumosos livros do Pentateuco; c) ele não dispunha de tempo — se para escrever apenas os Dez Mandamentos, em lâminas de pedra, Deus teria gasto 40 dias e 40 noites — quantos séculos seriam necessário para Moisés escrever, naqueles primitivos materiais, os cinco volumosos livros do Pentateuco? d) em seu tempo, não havia material adequado para escrever — são os próprios textos bíblicos, em Êxodo (31:08), que afirmam "Moisés recebeu duas lâminas de pedras, contendo as 10 palavras do Testemunho, escritas pelo dedo de Deus". Ora, se não havia material para Deus escrever, tampouco havia para Moisés. E ele teria de usar os únicos materiais disponíveis: folhas e cascas de árvores, tijolos de barro e lâminas de pedra. e) Efetivamente, Moisés não poderia ser o autor do Pentateuco. E como Moisés não escreveu aqueles livros, é lógico supor que eles só chegaram até nós, através da tradição oral.

### **7.0. A Ciência Bíblia Alemã desmistifica o Pentateuco**

— A esta altura, nós já possuímos certeza absoluta de que alguém já deveria ter provado isso cientificamente. Foi quando viemos a saber que, no século passado, a ciência bíblica alemã já havia decomposto e analisado todos os textos do Pentateuco. E eles haviam chegado à conclusão de que "o acervo cultural e religioso dos israelitas surgiu das correntes (javeísta, eloísta, deuteronomíca e sacerdotal), de fontes e datas diversas — e que só por volta de 400 anos aC. foi reunido num todo que hoje conhecemos por Pentateuco; que o Pentateuco foi atribuído a Moisés, mas ele não teve nada com isso; que ele não escreveu nenhum dos cinco livros que hoje lhe são atribuídos. E historiadores da religião demonstraram que alguns livros bíblicos não foram escritos nos tempos a que se referem, nem pelos autores atribuídos; que a "tradição que atribui a Moisés a autoria do Pentateuco, só começou a vigorar depois do cativo da Babilônia". Estava destruída a crença na autoria mosaica do Pentateuco. E isso nos autorizava a investigar, mais de perto e sem temor, a origem, autoridade e credibilidade dos fundamentos textuais de nossa fé, porque, a nosso ver, o nosso futuro espiritual é responsabilidade que deve caber a cada um.

### **8.0. Uma Análise Cultural do Texto Bíblico**

a) **A Astronomia** - nos leva a pensar que, se um satélite gira ao redor do planeta, deve ter surgido depois daquele; se o planeta gira ao redor da estrela (ou sol), deve ter surgido depois daquele; se o Sistema Solar gira ao redor do centro da galáxia, deve ter surgido depois daquele centro; se uma constelação gira ao redor do centro de uma nebulosa, inequivocamente deve ter surgido depois daquela. E tudo isso, ao contrário do que nos ensinam os textos bíblicos, nos convence de que a criação do universo não se iniciou na terra. Aliás, se o nosso sol tem um diâmetro de (116 vezes) o diâmetro a Terra e possui luz própria — embora há 149 milhões de quilômetros de distância de nós, pode ser visto daqui da terra; entretanto, se alguém pudesse, lá do sol, olhar em nossa direção, sequer suspeitaria da existência do nosso minúsculo planeta Terra. E nada disso endossa a fé bíblica

b) **Geologia** — nos mostra que a terra não produz ouro prontinho e acabado; mas centenas de séculos ou de milênios são necessários até que o laboratório da Natureza transforme em ouro os seus elementos constitutivos. A idade da terra pode ser lida

nas rochas. A ciência calcula em 5 bilhões de anos a idade da Terra, e dividiu esse período em 4 eras: a Primária, de 450 há 170 milhões de anos; a Secundária, de 170 há 60 milhões de anos; a Terciária, de 60 milhões há 1 milhão de anos; e a Quaternária, de um milhão de anos até nossos dias. Ora, tudo isso está em oposição aos ensinamentos da Bíblia, quanto à data e processo de formação da Terra.

**c) A Biologia** — demonstrou que a vida deve ter surgido no planeta, há uns 450 milhões de anos atrás, nas profundezas dos oceanos; depois migrou-se para a água doce; em seguida conquistou a superfície; e, finalmente, atingiu o espaço, no sentido vertical, quando algumas espécies vivas venceram a lei da gravidade e aprenderam a voar. Ensinou que os seres inorgânicos (sais minerais, água e ar) não possuem órgãos, logo não têm vida; mas os seres orgânicos possuem órgãos (de alimentação, de reprodução, de secreção, de locomoção etc); que, por se alimentarem de sais minerais, encontráveis no solo e no ar, os vegetais não precisam se locomover; mas que a alimentação dos animais é feita à base de produtos orgânicos, produzidos pelos vegetais verdes, daí a necessidade de se locomoverem, à procura de alimentos verdes. Sem os vegetais verdes, os animais não poderiam sobreviver.

**A Teoria da Evolução** — já demonstrou que, se as espécies tivessem se originado de um tronco único, não haveria razão para possuírem estruturas tão fundamentalmente semelhantes; que, durante centenas e milhares de séculos, os animais primitivos se transformaram e se modificaram, se adaptaram às condições ambientais, até atingirem o estágio das complexas formas da atualidade. E isto também vai de encontro aos ensinamentos bíblicos.

**d) A paleontologia** — estuda a vida do passado, sendo que a Paleobotânica estuda os fósseis vegetais, e a paleozoologia estuda os fósseis animais. A Paleontologia já provou a existência, no passado, de centenas de organismos primários e intermediários: desde o protoplasma aos homens; desde os polípeiros até as gigantescas árvores da atualidade; desde os micro organismos até os grandes dinossauros — todos eles atestam a vida no planeta muito antes da chegada “homo sapiens”.

**e) A Antropologia** — estuda o ser humano em diversos sentidos; e já provou, a partir da Era Terciária, a existência do “Pithecanthropus Erectus”, o Adão da Antropologia; do “Homem de Neanderthal”, que descobriu o uso do fogo; do “Homem de Cro-Magno”, até chegar ao homem atual. E tudo isto está em desacordo com a criação do homem e do universo, como narrado nos textos bíblicos.

**f) A Arqueologia** — estuda os restos deixados pela inteligência, pelo engenho humano, em um período desprovido de escrita ou de documentos escritos. Os arqueólogos, ou historiadores da pré-história, já demonstraram a existência de utensílios e instrumentos humanos desde a pré-história, fabricados pelos antepassados do homem atual. Também tudo isto está em desacordo com o texto bíblico. Ora, se o homem tivesse sido criado na época em que informa a Bíblia, seria impossível encontrarem-se marcas deles em tão recuadas eras.

**h) A História** — registra o passado letrado, e se caracteriza pelo aparecimento de textos escritos. E ela tem registros de feitos deixados na Suméria, velhos de 3.600 anos aC; do Egito no IV milênio aC; e que muito antes de Moisés, brilhantes culturas e religiões já tinham surgido, atingido o seu apogeu e até desaparecido, deixado sua marca na história dos povos, até chegar às páginas da Bíblia.

i) **A Línguística** — mostra que as línguas atuais são um desenvolvimento, uma evolução milenar de antigas tentativas e experimentações humanas: que, da "língua sumeriana" surgiu a "língua egípcia"; da egípcia surgiu a "língua fenício-hebraica"; da fenício-hebraica surgiu a "língua grega"; da língua grega surgiu o "Latim", do Latim surgiram as "Línguas Neolatinas", em que estamos compilando estas informações históricas. Portanto, aquela lenda da "confusão das línguas", do texto bíblico, é anticientífica, legendária e mitológica.

j) **A Filosofia** — mostra o encadeamento entre causa e efeito, entre criador e criatura. Ela mostra que Deus não tem corpo humano, nem se confunde com suas próprias criaturas; que se tudo foi criado por Deus, por isso, se o demônio existisse, também seria por ele criado; que Deus não pode ser pai e filho de si mesmo, porque seria um "anacronismo causal"; que o criador não pode deixar-se matar pelas criaturas, porque isso seria o "impossível metafísico".

### **9.0. – Conclusões Impostas pelos textos bíblicos**

— Guiados pela razão, pela nossa crença em Deus, e pelo avanço de nosso tempo, sentimos-nos com o direito de examinar os textos bíblicos, procurando saber até onde ele sofreu intervenções da vontade humana. E depois de metuculoso e exaustivo exame dos textos, chegamos às seguintes conclusões:

#### **a) Moisés não escreveu os livros do Pentateuco**

— Ele não recebeu ordens de "Deus" para escrever; não teve ambiente adequado; não dispunha de tempo suficiente — e sobretudo — não dispunha de material adequado para a escrita: se não havia material para "Deus" escrever, muito menos haveria para Moisés.

#### **b) Aquele personagem bíblico não era Deus**

— Um exame rigoroso e profundo dos textos do Pentateuco nos convenceu de que aquele personagem bíblico — tão irascível, tão instável, tão vulnerável, tão defectível e inseguro — não possuía os atributos essenciais e indispensáveis de Divindade Suprema do Universo — logo, ele não era Deus. Pelo contrário, sequer possuímos elementos para considerá-lo uma entidade espiritual evoluída e pura.

#### **c) – A Bíblia não é a fiel palavra de Deus aos homens**

— Diante disso, efetivamente, a Bíblia não é a fiel palavra de Deus aos homens. Ela resultou da união de um conjunto disforme de mitos, de lendas e de tradições primitivas, vindos de povos e culturas anteriores, quando exprimiam a idéia que aqueles homens primitivos faziam da Divindade Suprema do Universo.

#### **d) O texto bíblico não resiste a uma análise racionalista**

— Como chegou aos nossos dias, nas línguas modernas, o texto bíblico não resiste a uma superficial e despreziosa análise à luz das ciências, da razão, da lógica e do bom senso.

#### **e) A mensagem bíblica não serve mais como paradigma moral para a família**

— Alguns exemplos, deixados pelos Patriarcas, parecem-nos hoje imorais, atentatórios aos bons costumes, à honestidade e à dignidade humana; e muitos textos bíblicos são uma blasfêmia ao nome de Deus; por isso não servem mais como modelo para a fé, nem para a moralidade humana.

### **10.0 – O Colapso da Fé e Suas Conseqüências**

— Bastou que o homem começasse a raciocinar, que entrasse na Era da Razão e que participasse da Revolução Industrial, para perder a fé que se fundamentava na Bíblia.

E as conseqüências do esfriamento da fé religiosa são conhecidas: o materialismo, o cepticismo, o oportunismo, a hipocrisia, o indiferentismo moral etc. O homo sapiens, depois de conquistar a coroa da razão, de descobrir a ciência, após milênios de experimentação e de provas, acabou se abdicando da fé e da própria racionalidade. Atualmente, nossa vida social está transformada numa verdadeira "selva de pedra". E as religiões bíblicas passaram a se atracar, continuamente, cada qual se declarando detentora exclusiva da verdade, da fé e da moral. Mas foi entre os próprios religiosos que surgiram livros como "Deus está morto?", a "Teologia da morte de Deus", o "Fim do Cristianismo Convencional", etc. É lógico que Deus não morreu, nem morrerá jamais. O que morreu foi a fé humana, que se baseava em lendas, mitos e supertições antigas, ensinadas como ditadas por Deus, mas desmentidas pela razão e pelas ciências.

— E o "homem religioso", do século XX, chega a ameaçar a estabilidade de sua própria civilização, por ter descoberto que mercadejadores da "palavra de Deus" lhes ensinaram, em nome da Divindade Suprema do Universo, inverdades que a ciência e a lógica da Era da Razão, viriam desmentir. E agora, ele necessita ser reeducado e novamente espiritualizado, mas em bases mais sólidas.

### **11.0. – Eis os Motivos do livro "Paradoxo Bíblico"**

— Neste último ano do II milênio, nesses momentos de transição da humanidade terrestre, quando as estruturas morais da família, do indivíduo, da sociedade e da própria civilização estão a exigir mais respeito e seriedade; quando o cepticismo, o materialismo, o imediatismo, a hipocrisia e o indiferentismo moral ameaçam a estabilidade da família, do indivíduo e da própria civilização chamada cristã, aparece o "Paradoxo Bíblico", como um choque de alta voltagem para nos convidar a rever os fundamentos de nossa fé e moralidade. Um novo Código Moral necessita ser adotado, preparando-nos para o III milênio e para a civilização do futuro. Estamos informados de que, durante o III milênio, a humanidade terrestre passará por profundas renovações, tanto físicas, quanto morais e espirituais. A Terra passará de um "mundo de provas e expiações", que é atualmente, para um "mundo de regeneração". E grandes conquistas e descobertas se efetivarão — inclusive o intercâmbio ostensivo com inteligências de outros orbes. Vamos despertar o ser humano para a realidade da Vida Imortal, antes que seja tarde demais. Vamos desfazer o condicionamento mental que, no correr dos tempos, as religiões institucionais implantaram na mente humana — condicionamentos esses incompatíveis com a nossa crença em Deus e na santidade da Vida. Vamos entronizar, na mente humana, uma fé endossada pela razão humana e pelos progressos científicos.

Aos estimados leitores, meus sinceros agradecimentos e cordial abraço.

Eurípedes Martins Araújo,  
Uberaba, MG, 15 de dezembro de 2000

# 1.0.0. PRIMEIRA PARTE

## A era da fé bíblico-religiosa convencional (tese)

### 1.1.0. Momentos Históricos da Fé Religiosa Convencional

#### 1.1.1. Do século I ao século IV dC.

##### A) As Fontes e Origens do Cristianismo

Em “História da Filosofia”, os teólogos e padres Humberto Padovani e Luis Castagnola destacaram três fatores que entraram na constituição do Cristianismo: a) a religião judaica; b) a filosofia grega; c) o direito romano. Eles ensinam que, de Israel, o Cristianismo herdou o teísmo, o conceito de uma revelação Divina e o de uma assistência especial de Deus aos homens. “Para a revelação cristã, é filosoficamente indispensável a idéia de uma queda original, a vinda de um Messias ou Redentor, para explicar a existência do mal na terra”. (42/132)\*. Da Filosofia grega veio a crença em uma Revelação de Deus e na divindade do Cristo ou Messias: somente o homem-Deus, o Verbo Encarnado, poderia ser o Redentor da Humanidade; e foi no Direito Romano que a Igreja inspirou o Direito Canônico (42/131)

##### B) Os Primeiros Cristãos e o Cristianismo Nascente.

Os primeiros seguidores de Jesus eram chamados “cristãos”; as primeiras comunidades cristãs receberam o nome de “igreja”(do grego *ekklesia*”, ou assembleias); os sucessores dos apóstolos passaram a ser chamados de bispos (do grego “*episkopos*”, ou supervisores), e Cristianismo, “a doutrina dos seguidores de Cristo”.

Já em 64 surge, com Nero, uma campanha de calúnias e perseguições; depois, os imperadores Galieno e Valeriano tentaram suprimir a religião nascente, com novas perseguições; mas, como o próprio imperador Galério reconheceu, em 311, já era tarde demais para deter a sua evolução; por isso, Galério publicou um “Edito de Tolerância”. Logo a seguir, Constantino se converte ao Cristianismo, assume o império romano e se declara a favor dos cristãos. Em 313, ele assina o Edito de Milão, que já reconhecia alguma liberdade de culto aos cristãos. Entretanto, o Cristianismo só foi mesmo reconhecido como religião oficial do Estado em 380, com Teodósio. Naquele tempo, a Igreja do Oriente havia se separado da Igreja do Ocidente. Teodósio concilia as duas facções e publica um Edito, ordenando que “todos os povos devam ligar-se à doutrina niceana e ao papa Dâmaso”.

##### C) Os Concílios Ecumênicos desse Período

Segundo o padre Raphael Galanti, em “História Universal”, chama-se Concílio uma reunião eclesiástica convocada pela autoridade competente da Igreja, com a finalidade de estudar, discutir e decidir questões religiosas; quando aquela reunião não for convocada nem ratificada pela autoridade competente, receberá o nome de

---

(\*) No final desta obra, o leitor encontrará uma bibliografia geral. O primeiro número se refere à obra citada, e o segundo, à respectiva página

“conciliábulo”. Há duas espécies de Concílios: a) o Concílio Geral ou Ecumênico quando se reúnem representantes de toda a Igreja; b) e Concílio particular ou Sínodo, quando apenas os de uma região, diocese ou província (45/110).

Naquele período, os dois concílios mais importantes foram: o Concílio de Nicéia (325) e o Concílio de Constantinopla (381) (45/111).

#### **D) Os papas mais importantes desse Período**

Do grego, a palavra “papas” veio, através do latim “pater”, para o italiano “papa”, que significa “Pai”; ela indica o chefe supremo da Igreja Católica, com poderes espirituais, políticos, jurídicos e até militar. Antipapa é o nome dado a uma pessoa elevada ilegal ou ilegítimamente ao trono papal, quando não reconhecida pela Igreja. Cisma é uma divisão, uma separação dentro da própria Igreja. Nesse período houve o “Cisma de Novaciano” (45/109).

Dos oito papas do século I, todos foram canonizados, destacando-se São Dionísio que, quando era Patriarca de Alexandria, foi chamado a Roma, acusado de negar a Santíssima Trindade (45/109). No século II houve onze papas, todos eles canonizados. No século III, quinze papas. No século IV, onze papas, todos canonizados, destacando-se São Silvestre (314-317), que batizou o imperador Constantino (45/111); São Dâmaso (366-384), que incumbiu São Jerônimo de traduzir a Bíblia do Grego para o Latim, a “Vulgata Latina” (45/112).

#### **E) Filosofia Católica e Definições Teológicas**

Patrística foi o nome dado ao pensamento cristão que vai da fase neotestamentária até o começo da Filosofia Eclesiástico, isto é, do começo do século II até o século IX. Ela recebeu este nome porque representou o pensamento dos padres da Igreja, construtores da Teologia Católica. A Patrística se divide em pré-agostiniana, agostiniana e pós-agostiniana (42/147).

A Patrística pré-agostiniana, entre os séculos II, com os padres apologeticos, os apostólicos e os controvertidos, caracterizou-se pela defesa que se fez do Cristianismo contra o hebraísmo, o paganismo e as primeiras heresias (42/148). Entretanto, a primeira síntese doutrinal da Igreja só apareceu no século III, com os padres alexandrinos e os africanos: Orígenes, Tertuliano, Gregório Nazianzeno (42/149).

A Patrística agostiniana, no século IV, surgiu em consequência da necessidade de se defender a Igreja dos ataques arianos (42/153). Seu principal personagem foi Agostinho (354-430), que pensou ter encontrado, no dualismo maniqueísta (do bem e do mal), a solução para existência do mal sobre a terra; só mais tarde, ele abandonou o maniqueísmo para seguir a filosofia neoplatônica (42/155). Para Agostinho, o mal é metafisicamente uma negação, uma privação; e o corpo humano não é mau por natureza, pois, sendo uma criação de Deus, não pode a matéria ser essencialmente má (42/157). O “mal metafísico” não é um verdadeiro mal, porque atinge também a perfeição natural dos seres; e o “mal moral” entrou no mundo por causa do pecado original e do atual (42/159). A Patrística pós-agostiniana será vista em nosso capítulo 1.1.2.E”.

As mais importantes definições teológicas do período foram: a excomunhão de Ário e do Arianismo; a ordenação para que a Páscoa fosse celebrada, por toda a Igreja, no primeiro domingo da lua cheia, do equinócio da Primavera; e a edição do “Credo



de Nicéia” (39/41). O equinócio da Primavera é só para o hemisfério norte, já que ele, no hemisfério sul, corresponde ao Outono.

\*\*\*\*\*

### **1.1.2. Aconteceu do século V ao século VIII**

#### **A) Os Bárbaros, o Feudalismo e a Trégua de Deus**

Os romanos denominavam “bárbaro” todo povo que não pertencia ao Império Romano. Durante a Idade Média, cinco raças assolaram o império: a raça céltica, a germânica, a eslava, a cítica e a árabe (45/114). Feudalismo foi um regime de grandes propriedades e de intenso cultivo da terra, quando o proprietário recebia rendas por sua ocupação. Trégua de Deus foi um período de suspensão das hostilidades, durante a Idade Média, em certos dias da semana, consagrados pela Igreja à recordação de alguns mistérios da vida de Jesus (45/56).

#### **B) Os Concílios mais importantes deste período**

Segundo o padre Galanti, no século VI, houve o Concílio de Éfeso (531), que decretou que “Maria é a mãe de Deus” (45/147); que, no século VIII, o mais importante foi o de Nicéia (787), que condenou os iconoclastas (ou destruidores de imagens) e definiu, como lícita, a veneração das imagens (45/150).

#### **C) Os Papas desse período**

No século V, segundo o padre Galanti, houve quatorze papas, todos eles canonizados, destacando-se: São Gelásio (495-506), que expulsou os maniqueístas, queimando-lhes os livros religiosos, também redigindo um cânon das Escrituras e o primeiro catálogo de Livros Proibidos pela Igreja (45/147). No século VIII, houve treze papas, dos quais cinco foram canonizados: São Gregório III (731-741), que excomungou o Imperador Leão III; São Paulo I (757-767), irmão do papa Estevam, o qual lutou contra o antipapa Constantino; São Leão II (795-816), que, coroando Carlos Magno, criou o novo Império do Ocidente (45/147)

#### **D) Maomé, o Sagrado Alcorão e o islamismo**

O profeta Maomé nasceu em Meca, na Arábia Saudita, em 570; em 610, ele anunciou a Doutrina Religiosa, a qual afirma ter recebido de Deus (Allá), através do Anjo Gabriel. O Alcorão — o livro sagrado dos muçulmanos — compôs-se de 114 suratas, divididas em versículos. Foi, porém, o califa Abdul Bekr quem mandou reunir, em um só volume, tudo das mensagens do profeta, todo o material escrito ou confiado à memória. Entretanto, o texto só foi firmado, definitivamente, sob o califado de Abd El Malike (605-689). O Alcorão contém toda a lei civil, penal e religiosa dos muçulmanos; ele ensina a crença em um Deus único, no céu ou paraíso, no inferno, nos anjos e demônios, no Juízo Final e na Ressurreição da carne.

#### **E) Filosofia Católica e Definições Teológicas**

A Patrística pós-agostiniana, ou período de decadência da Patrística. Depois de ter atingido o auge, com Agostinho, a Patrística, juntamente com toda a cultura humana, começa a decair. Era então necessário passar do sobrenatural para o natural, dando ao Cristianismo uma filosofia própria, como já havia dado uma teologia Cristã.

Entre seus maiores vultos, destacamos: no Ocidente, Severino de Boetiu e Bento de Múrcia; no Oriente, o Pseudo Dionísio e João Damasceno (42/161).

Segundo o padre Galanti, “sabe-se que a Era Cristã foi introduzida por Dionísio, o Pequeno, falecido em 540 dC.. Ele foi um monge de origem Cita, responsável por fixar o nascimento de Jesus em 753 depois da fundação de Roma. Parece, entretanto, que um pequeno erro incorporou-se a esse cálculo: o nascimento de NSJC deve ser colocado, pelo menos no ano 749 ou 748 (depois da fundação) de Roma, pois, de um lado, conforme o Evangelho, é certo que Jesus veio ao mundo dois ou três anos antes da morte de Herodes I, o Grande; por outro lado, a História assevera que Herodes I faleceu em março do ano 750 da fundação de Roma” (45/105).

A definição teológica mais importante, desse período, foi a do Concílio de Éfeso (531), numa reação contra as heresias de Nestório, que negava a divindade de Jesus e que Maria fosse a Mãe de Deus, mas apenas a mãe de Jesus; e a Igreja decretou, como dogma da fé católica, que “Maria é verdadeiramente a Mãe de Deus” (40/02).

\*\*\*\*\*

### **1.1.3. Aconteceu do século IX ao século XII**

#### **A) As Cruzadas Religiosas**

Cruzadas Religiosas foram expedições militares, organizadas pela Igreja e iniciadas pelo papa Urbano II, que ocorreram nos fins do século XI até o final do século XII. Elas partiam de vários pontos da Europa e se dirigiam ao Oriente Próximo, para reconquistarem os lugares santos da Palestina, que então se achavam em poder dos muçulmanos. Elas foram criadas pelo Concílio de Clermon (1095), quando o papa pediu ajuda dos cristãos para libertar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis. Houve, ao todo, oito cruzadas. Citando a expressão de Ana Comeno, o historiador católico italiano, César Cantu, escreveu: “a Europa parecia precipitar-se sobre a Ásia: era a grande unidade cristã que se movia como um só homem, obedecendo apenas a um brado de guerra: Deus o quer”! (41/75)

**A Primeira Cruzada (1096 – 1099)** – Uma multidão de entusiastas — diz o padre Galanti — chefiados por Gualtério e Pedro (o Eremita), composta de um milhão de pessoas, quase exclusivamente de romeiros e desarmados, saiu de Colônia, em abril de 1096. Godofredo de Bulhões tomou a cidade de Jerusalém, em 1099; mas, em virtude de não estarem preparados para a guerra, foram dizimados pelos húngaros e pelos búlgaros”. Foi nessa época que se fundaram as ordens religiosas dos Templários e dos Cavaleiros de São João, com a finalidade de protegerem os cristãos na Palestina (45/166).

**A Segunda Cruzada (1147 – 1149)** – Mais tarde, o Sultão da Síria, Saladino, ocupa Edessa; por isso, o papa Eugênio ordena que São Bernardo pregue, na Europa, uma nova Cruzada, a qual foi confiada a Conrado III, imperador da Germânia, e a Luis VII, rei da França. Entretanto, a expedição foi um fracasso, chegando à Síria somente destroços do exército cristão (45/167).

**A Terceira Cruzada (1178 – 1192)** – Em 1187, Saladino se apoderou de

Jerusalém; isso levou a Igreja a estabelecer, na Europa, um dízimo para a luta contra o Sultão e a pregar a 3ª Cruzada. Nela, tomaram a cruz o imperador Frederico Barbarroxa, Ricardo Coração de Leão e Felipe Augusto, da França (45/167).

As demais Cruzadas pertencem ao período seguinte.

### **B) Os Concílios Ecumênicos desse período**

Desse período, o Padre Galanti destacou o Concílio de Latrão (de 1123), que concluiu a “Questão das Investiduras”; além do Concílio de Latrão (de 1179), que condenou os cátaros (ou puros) e deu cabo ao cisma de Frederico (45/120).

### **C) Os Papas desse período**

Ele destacou, no século IX, Estevam VI ou VII (896 – 897), que enterrou decentemente o corpo do papa Formoso; João IX (898 – 909), que depôs o imperador Arnulfo (45/151). No século X, destacou Bento V (964) que, ao morrer, obrigou os romanos a jurarem que, falecendo Agapito, elevariam ao trono pontifício Otaviano, seu filho menor de dezoito anos de idade; eleito, ele tomou o nome de João XIII (45/152); e Silvestre II (999 – 1003), que estabeleceu a comemoração do “Dia dos Finados” (45/153).

Do século XI, ele destacou Bento IX (1033 – 1046), que contava apenas dez a doze anos, nunca recebeu ordens religiosas, procedeu de modo muito censurável e, na opinião de Darras, certamente foi um “antipapa” (45/153); Silvestre III, que foi deposto como intruso no Concílio de Soutri, e passou o resto de seus dias num mosteiro; Hildebrando, que tomou o nome de São Gregório VIII (1073 – 1085) e iniciou a Reforma na Igreja, combatendo a Simonia e o nepotismo. Henrique IV, imperador da Alemanha, tentou depô-lo, mas o papa o excomungou, e o rei teve de fazer penitência e pedir perdão, em Canossa. Gregório foi canonizado em 1729 (45/154).

Do século XII, o padre Galanti destacou Adriano IV (1154 – 1159), que excomungou Guilherme, o Mau, rei da Sicília, porque invadira Benevenuto e apoiava os revolucionários de Roma (45/209); Inocêncio III, que marcou o apogeu da Idade Média, organizou a quarta Cruzada, convocou o Concílio de Latrão e autorizou uma expedição que exterminou os albigenses, hereges do sul da França (45/209).

### **D) As Tentativas de Reforma da Igreja**

O papa Leão IX (1049 – 1054) trabalhou muito, no sentido de reformar a Igreja. Ele renovou, com severidade, as antigas leis disciplinadoras contra a Simonia e a Cleromania; depois, Nicolau II (1055 – 1057) e Estevam (1057 – 1058) vedaram aos cléricos de receberem as investiduras dos leigos; com isso, a Corte Germânica declarou deposto o papa Nicolau II, condenando sua memória como infame, e criou um antipapa (45/160).

**A Questão das Investiduras** – foi um conflito, do século XI, surgido entre os papas e os imperadores do Sacro Império Romano-Germânico, quando os imperadores detinham o direito de escolher os bispos em seus territórios. Ao ser eleito, em 1073, o papa Gregório VIII procurou restabelecer a disciplina da Igreja, condenando todos os negócios seculares e qualquer investidura de cléricos feita por leigos. Inconformado com isso, o imperador Henrique IV tentou depor o papa, mas foi ameaçado de excomunhão; temendo-a, o imperador foi a Canossa pedir perdão e fazer penitência. No entanto, a Questão das Investiduras só terminou na Concordata de Worms (1122), que garantiu competência exclusiva do papado para eleger os bispos.

**O Sacro-Império-Germânico** teve início quando Carlos Magno foi coroado por Leão III (45/157); mas este nome foi também dado ao império de seus sucessores, bem como ao império Germânico (962 – 1806). Simultaneamente, havia o Império Bizantino. Bizâncio era uma cidade muito importante, uma porta de ligação entre os dois mundos. Entretanto, houve um crescente desentendimento entre os Patriarcas de Bizâncio, e a Igreja de Roma deixou de ser respeitada no Oriente, dando nascimento à Igreja Ortodoxa Grega.

#### **E) Filosofia Católica e definições teológicas**

**Filosofia Escolástica** é o período do pensamento cristão que vai do começo do século IX ao fim do século XV, isto é, desde a constituição do Sacro-Império-Romano até o fim da Idade Média (42/169). Enquanto a Patrística interessava-se pela religião, agora a Escolástica seria mais especulativa, visando uma completa visão filosófico-religiosa. Ela se dividiu em três períodos: Escolástica Pré-Tomista, Tomista e Pós-Tomista.

**A Escolástica Pré-Tomista**, que vai do século IX, com Carlos Magno, até metade do século XIII, quando surge Santo Tomás de Aquino (42/169). Os vultos mais importantes deste período foram: Escoto Erígena, que foi condenado pela Igreja, em 1225, por causa de sua obra: “Da Visão da Natureza”, escrita em 847 (4/172); São Bernardo de Cabral (42/174); Santo Anselmo (1033 – 1109), o monge beneditino que criou o argumento “a priori”, para provar a existência de Deus; Pedro Abelardo (1097 – 1142), de grande poder dialético, ensinou que a dúvida leva à investigação, e a investigação, ao conhecimento. Entretanto, acusado de heresia, foi condenado por dois Concílios Ecumênicos (42/175); São Boaventura (1221 – 1274), um franciscano que ensinou que a filosofia não deve ser racional, mas prática e religiosa; que ela deve conduzir a Deus, e não às indagações racionais. Segundo ele, a alma é uma substância completa. Essa orientação é chamada averroísta e admite, como admitia Averróis, que possa haver tese filosófica contrária ao teísmo religioso (42/178).

**A Escolástica Tomística** será vista no capítulo seguinte.

**Os prelúdios da Inquisição** – Já em 1178, o papa Alexandre encarrega os bispos de visitarem suas dioceses suspeitas de heresias. Em 1184, o Concílio de Verona determinou que o Juízo sobre as heresias fosse de competência do papa. Entretanto, o primeiro inquisidor geral só foi designado por Inocêncio III, em 1216 (37/17).

Entre as definições teológicas mais importantes deste período, citamos “a elevação da hóstia, que foi uma reação da Igreja contra a heresia de Berengário, que negava a presença de Jesus na Eucaristia”.

\*\*\*\*\*

#### **1.1.4. Aconteceu do século XIII ao século XVI**

##### **A) As Cruzadas Religiosas (continuação) – Final das Cruzadas**

**A Quarta Cruzada (1202 – 1204)** – Depois que Abd El Malike violou a trégua que seu predecessor havia assinado, o papa Inocêncio II mandou pregar a 4ª Cruzada. De Viena partiram Bonifácio IV, o marquês de Monferrato, Simão de Montfort e Balduíno IX, conde de Flandres; todavia, desviaram-se do seu objetivo, que era o

Egito, e foram para Zara, onde fundaram o Império Latino do Oriente, que durou apenas cinqüenta e sete anos (45/168).

**A Cruzada das Crianças**, que ocorreu entre a 4ª e a 5ª Cruzadas – Um rapazola de doze anos pregou a “guerra santa”, e um bando de crianças inexperientes (cerca de trinta mil da Alemanha e outro tanto da França) partiu. As crianças alemães transpuseram os Alpes e desceram ao longo da costa italiana, “à espera de que o mar se abrisse para lhes dar passagem, como fez o Mar Vermelho para os hebreus”; mas o mar não se abriu. Eles chegaram todos a Roma, onde foram recebidos pelo papa, que os mandou de volta para suas casas. As crianças francesas voltaram, exceto umas cinco ou seis mil, que aceitaram o transporte gratuito de dois comerciantes, sendo por eles vendidos aos negociantes de escravos, na África Setentrional. As que ficaram, “enfeitaram os caminhos, que se tornaram repletos de corpos daqueles que não resistiram às privações e à fadiga”.

**A Quinta Cruzada (1212 – 1221)** – Foi pregada por Inocêncio II e teve sua direção confiada a André II, da Hungria, a Guilherme, da Holanda, e a Frederico, o Glorioso, que era arqueduke da Áustria. Frederico II obteve uma vitória, mas a Igreja se opôs a que se concedesse liberdade de culto aos muçulmanos, nos recintos de Jerusalém.

**A Sexta Cruzada (1227 – 1229)** – Na verdade, foi a viagem de Frederico II, que estava sob o peso da excomunhão papal. Seu objetivo não foi religioso, mas simplesmente o de tomar posse do reino de Jerusalém, que lhe pertencia como herança de sua mulher, filha do finado João de Brienne; entretanto, como ele desobedecesse a excomunhão papal, foi recebido como inimigo pelos cristãos, e teve de tomar, por si mesmo, a coroa (45/168).

**A Sétima Cruzada (1243 – 1248)** – Foi comandada por São Luis, rei da França, que, quando estava gravemente ferido, fez um voto de tomar a cruz, caso sobrevivesse; e ele marchou contra o Egito e tomou Damiata. No entanto, tendo sido aprisionado, foi obrigado a restituir a cidade, como pagamento de seu próprio resgate (45/169).

**A Oitava Cruzada (1270)** – Em virtude dos progressos feitos pelos infiéis, na Palestina, São Luis, rei da França decidiu fazer uma nova expedição com a cruz, quando concluiu, com o sultão de Túnis, um vantajoso tratado para a Igreja; mas, ali mesmo, em Túnis, ele foi atacado por uma peste, que o matou juntamente com quase todo o seu exército (45/169).

**O Final das Cruzadas e suas conseqüências** – Segundo o Pe. Raphael Galenti, a despeito de tantos esforços, os Santos Sepulcros ficaram para sempre abandonados (45/169); e a conquista da Terra Santa, pelos infiéis, ultimou-se em 1271, quando os Cavaleiros de São João não puderam mais se opor ao progresso dos turcos em Jerusalém. Apesar disso, segundo alguns historiadores, as Cruzadas trouxeram os seguintes benefícios: o enfraquecimento do Feudalismo (porque muitos nobres perderam seus domínios); contribuição para o fortalecimento do poder real; aumento das relações entre o Ocidente e o Oriente, possibilitando aos europeus contato cultural e científico com civilizações mais adiantadas, como a árabe e bizantina; o retardamento, por quatro séculos, da queda de Constantinopla; e o maior desenvolvimento do comércio, da navegação, intensificando o intercâmbio

cultural dos vários povos e cidades do Mediterrâneo.

### **B) Os Concílios Ecumênicos desse período**

No século XIII, destacamos o IV Concílio de Latrão (1215), por Inocêncio III, que decretou “o casamento entre parentes ilícito até o 4º grau”; mandou que todos os fiéis cristãos se confessassem ao menos uma vez por ano e comungassem na Páscoa; concedeu ao Patriarca Latino de Constantinopla o primeiro lugar de honra, depois do de Roma (45/212). Em seguida, tivemos o Concílio de Lião (1274), com Gregório X, que reuniu a Igreja Grega à Latina (45/292).

No século XIV houve apenas um Concílio, o de Viena (1410 – 1311), que condenou diversas heresias, aboliu a Ordem dos Templários e decretou a guerra contra os turcos (45/213). No século XV, o Concílio de Pisa, resultante de dez mil sugestões recebidas pela Universidade de Paris. Este Concílio depôs os dois papas existentes (Urbano VI, por Roma, e Clemente VII, por Avinhão) e nomeou um terceiro papa, resultando, daí, três papas ao mesmo tempo. O Concílio de Constança elegeu o papa Martinho V, que era italiano; mas a paz só voltou com a eleição do papa Nicolau V (45/212).

No século XVI, o Concílio de Latrão (1512) expediu importantes decretos; endossou o testemunho de Santo Agostinho de que “toda razão aduzida contra a autoridade das Divinas Escrituras, por mais especiais que sejam, não podem senão enganar-se com a aparência de verdade” (15/12).

No mesmo século, houve o Concílio de Trento (1545 – 1563), da Contra-Reforma, que condenou os erros inovadores dos protestantes e reformou a Igreja de todos os abusos. Foi o Concílio mais importante daqueles tempos (45/242).

### **Os Papas desse período**

No século XIII houve dezessete papas, destacando-se Inocêncio III (1198 – 1218), que adotou, na liturgia católica, os hinos “Stabat Mater” e o “Veni Creator”; excomungou Felipe Augusto, da França, e João Sem Terra, da Inglaterra (45/211); Gregório IX (1227 – 1241), que excomungou Frederico II, duas vezes, criou a Inquisição e a expandiu; Urbano IV (1261 – 1334), que autorizou a festa do “Corpus Christi” ou “Corpo de Deus” (45/211).

No século XIV: João XXI (1316 – 1334), que excomungou Luis da Baviera (45/212); e Bento XII (1324 – 1342), que definiu: “os justos, quando não têm pecado para expiar, ao morrerem, entram sem detença na glória celeste” (45/212).

No século XV, destacamos Pio II (1458 – 1464), que deu a Fernando a investidura do reino de Nápolis (45/214); Paulo II (1464 – 1471): concedeu a Ladislau o trono da Boêmia, tirando-o de Podiabrad, que protegia os hussitas (45/214); Inocêncio VII (1484-1492): depôs Fernando I, que oprimia o povo, e deu a investidura do reino de Nápolis a Carlos VIII, da França. Segundo o padre Raphael Galanti, “como Inocêncio VII fosse casado antes de ser sacerdote e tivesse muitos filhos, são injustas as acusações que lhe são feitas a esse respeito” (45/214); Alexandre VI (1492 – 1503), que não era aquele monstro que alguns pretendem pintar; como papa e como rei foi grande: restaurou em Roma a ordem e a segurança, e puniu Savonarola por fanático e desobediente, recusando a Carlos VIII a investidura do reino de Nápolis (45/214); além de ter editado uma Bula, com a finalidade de evitar conflitos entre

portugueses e espanhóis, no tocante às terras descobertas.

No século XVI, destacamos Júlio II (1503 – 1513), que foi um papa guerreiro e trabalhou com afinco para restituir à Itália a ordem e a independência; Leão X (1513 – 1521), que deu a Dom Manuel, o Venturoso, a investidura das terras descobertas pelos navegadores portugueses; excomungou Lutero e conferiu a Henrique VIII, rei da Inglaterra, o título de “Defensor Fidei” (o defensor da fé); Clemente VII (1523 – 1534): declarou nulo o casamento de Henrique VIII com Ana Bolena, e separou aquele rei da Igreja Católica (4/291); Paulo III (1534 – 1549): aprovou, em 1540, a Cia. de Jesus; excomungou de novo Henrique VIII. Como Paulo fosse casado — informa o padre Galanti — são injustas as acusações contra ele a este respeito; Paulo IV (1555 – 1559) uniu-se à França contra a Espanha, e, a pedido de Maria da Inglaterra, conferiu o título de “Reino” à Irlanda (45/291); Pio V (1566 – 1572) obteve a união das armas cristãs (Veneza, Espanha e Sabóia) e dos Cavaleiros da Malta, que derrotaram os turcos, em 1671, na Batalha de Lepanto; ele proibiu também que os médicos tratassem os doentes que não apresentassem bilhete de confissão; decretou bárbaras penas contra os infratores do repouso dominical; excomungou Isabel, da Inglaterra (151/356); e Gregório XIII (1572 – 1585), que fez a Reforma do Calendário, em vigor até nossos dias (45/292).

### **C) O Tribunal do Santo Ofício — a Inquisição**

Segundo o padre Bernardo, no Caderno Vozes “A Inquisição”, foram as seguintes as causas do Tribunal do Santo Ofício: os maniqueus, com o novo surto do maniqueísmo, dos cátaros e dos albigenses. Jamais houve uma heresia tão perigosa para o Estado e para a Igreja como a dos albigenses e dos cátaros (37/11). Ele escreveu que “os valdenses, desde 1173, tornaram-se hereges e faziam propaganda ativa; a magia, a adivinhação, o sortilégio, a alquimia, o culto do demônio, o pacto com o demônio, que se consumava com os “sabbats”, a crença na magia, nas bruxas etc. — tudo isso autorizaria a Igreja a defender-se e aos seus súditos cristãos (35/13).

Foi provavelmente em 1216 que o papa Inocêncio III designou o primeiro inquisidor; mas, como instituição permanente e oficial para toda a Igreja, a Inquisição só apareceu em 1231, com a Bula de Gregório IX, fundando o Tribunal do Santo Ofício na França, que se estendeu depois para toda a Europa (37/17).

Em “A Inquisição”, o padre José Bernardo justifica a sua criação, alegando que “a Igreja tem a missão de propagar e proteger a revelação divina; e, para proteger estes “ofícios”, ela cria o Tribunal Eclesiástico do Santo Ofício” (37/07). Segundo ele, Santo Agostinho “começou a defender o emprego de força, excluindo contudo a pena de morte” (37/08). E Henrique Hello afirma que Tomás de Aquino já ensinava que “todo aquele que tem o direito de mandar, tem o direito de punir; que nem sempre as penas espirituais bastam — porque alguns as desprezam; é por isso que a Igreja deve possuir o direito de infligir também penas temporais” (47/10).

Segundo Hello, “nesse tribunal de exceção”, o juiz delegado da Santa Sé recebia sua investidura por uma Bula Pontifícia; todo o processo é guiado pelos pontífices romanos. Antes da instauração do processo, há um período de graça, sem qualquer perseguição: anunciavam o período de graça, que durava um mês (47/32). “Os hereges podiam apresentar-se, confessar e se salvarem, porque, se prometerem renunciar à

heresia e derem garantia disso, não serão perseguidos; mas, passado o tempo de graça, o inquisitor citará o suspeito para comparecer, e prescreverá o inquérito para o que julgar necessário. Nessa fase, às vezes, intervém a aplicação de torturas.

O Tribunal podia aplicar as seguintes penas: A) Obras pias, como peregrinação; o serviço das cruzadas; uma multa pecuniária; a assistência— com uma cruz — a um cerimonial religioso. B) Outras penas: a degradação; o confisco dos bens; a separação do corpo da Igreja (ou excomunhão); a incapacidade para o culto, extensiva a seus dependentes (47/74). C) O Ordálio – que consistia numa prova em que o acusado era submetido, por exemplo, a ser jogado num rio, ou a caminhar sobre fogo etc. – caso a pessoa saísse ileso, seria considerada inocente” (157/272).

O autor católico acha que “é, portanto, justíssimo que a pena de morte seja aplicada ao que, propagando a heresia, com obstinação, perde o bem mais precioso do povo, que é a fé” (47/11). O inquisidor, delegado do papa, pertence a uma ordem eclesiástica; ele recebe sua delegação de Santa Sé, sem prejuízos dos direitos dos Bispos, que conservam todos os seus poderes para a repressão às heresias.

**A Inquisição na França** – Foi o aparecimento das heresias dos Albigentes, que levou o papa Gregório IX a instituir, na França, em 1231, o Tribunal da Inquisição. Ele foi criado para julgar os culpados de heresias e outras falhas espirituais e morais. Mas, depois de julgados pela Inquisição, os réus condenados eram entregues às autoridades locais, para que elas executassem a pena imposta pela Igreja. Da França, os Tribunais se estenderam por toda a Europa.

**A Inquisição Italiana** – Segundo o padre Bernardo, em “A Inquisição”, diversos eclesiásticos e católicos italianos professavam o Protestantismo; e, mais ou menos em 1224, o papa Honório III já tinha incumbido vários bispos, do norte da Itália, de agir contra os hereges (37/28). Mais tarde, lá foram punidas pela Inquisição Savonarola, em 1498; João Huss e Jerônimo de Praga, em 1415; Giordano Bruno, em 1600; etc.

**A Inquisição na Espanha** – Houve dois períodos de Inquisição na Espanha: a primeira Inquisição espanhola foi instituída desde o século XIII, para salvar a Espanha, durante o reinado de Aragão, quando as heresias albigenses exerciam também ali, suas devastações. Foram então postos em execução as determinações do Concílio de Tolossa, de 1232, quando o papa Gregório IX recomendara ao Arcebispo de Taragosa e aos seus súditos que fizessem sindicar os hereges pelos dominicanos, caso não o fizessem por si mesmos (47/60). Entretanto, com o tempo, a 1ª Inquisição havia terminado, devido ao desaparecimento do perigo.

A 2ª Inquisição Espanhola – Segundo Mário Cavalcante de Melo, em “Da Bíblia aos Nossos Dias”, Fernando e Isabel se casaram em 1460, depois lançaram as bases da nação espanhola (158/309). O Dicionário de História da Civilização, de Aldorema Freitas, ensina que Fernando e Isabel receberam, do papa Inocêncio VIII, o título de “Os reis católicos” (157/132). E Henrique Hello afirma que, “mais tarde, em 1478, eles se dirigiram a Roma, para solicitarem do papa Xisto IV uma nova Inquisição na Espanha; e o papa os atendeu, através de uma Bula Papal de 01-11-1478” (47/60).

**A Inquisição em Portugal** – Aqui, ela foi instituída em 1536, durante o reinado de Dom João III. Segundo a Enciclopédia Século XX, “calcula-se que mais de 1.500 hereges foram condenados à morte na fogueira, e que cerca de 25.000 pereceram nos



cárceres do Santo Ofício, no período entre 1572 e 1750. No Tombo de Lisboa existem, ainda hoje, cerca de 36.000 processos daquele período” (180/1092).

**As Visitações do Santo Ofício** – Os portugueses e os espanhóis estenderam às colônias americanas o domínio de sua Inquisição. A Enciclopédia Século XX ensina que “a partir de 1591, a Inquisição Européia se fez presente também no Brasil, através da chamadas “Visitações do Santo Ofício”, instaurando numerosos processos. Entre as vítimas estavam o bispo Dom Constantino Barradas, acusado de favorecer os judeus. Também foi preso e torturado, com vinte e um anos de idade, o teatrólogo Antonio José da Silva, que, mais tarde, com 34 anos, foi queimado vivo em Lisboa. Somente em 1821, em consequência da Revolução Liberal de 1820, o Marquês de Pombal viu extinta a Inquisição no seu país” (180/1092).

#### **D) A Reforma Protestante e a Contra-Reforma Católica**

Reforma Protestante foi um violento movimento religioso e político, que se passou na Civilização Ocidental, no século XVI; foi iniciado por Lutero e continuado por Calvino, Zwinglio e outros. Como causas imediatas da Reforma, os historiadores citam as seguintes: o nascimento do nacionalismo; a decadência da filosofia Escolástica; o grande interesse dos papas da Renascença pelas artes, pela política e pelos assuntos seculares, em prejuízo da religião e da moral cristã; a influência das heresias reformistas, pregadas por Huss e por Wiclief; as urgentes necessidades de Reforma por que passava a Igreja; e, finalmente, a “questão das indulgências”. Em 1520, Lutero rasgou uma Bula Papal que exigia dele silêncio em algumas afirmações e que condenava seus livros às chamas. O povo apoiou aquela exaltação, e logo ocorreu o rompimento definitivo, passando a adotar o conteúdo religioso da Reforma Protestante, diferente do que ensinava a Igreja.

**O Acordo de Bolonha** – foi um acordo assinado pelo rei da França, Francisco I, em 1516, com o papa Leão X, regulamentando as relações entre a França e a Igreja Católica francesa, cuja vigência durou até à Revolução Francesa. A Dieta de Worms (em 1521) foi um Congresso Imperial, perante o qual o monge Lutero compareceu para defender seus pontos de vista. Ela foi composta pelo rei Carlos V, pelos príncipes e pela alta nobreza.

**O Concílio de Trento da Contra-Reforma(1545 – 1563)** – Condenou todos os erros inovadores dos protestantes; fundou a Companhia de Jesus; instituiu o “Índice dos Livros Proibidos”; reafirmou o credo e os dogmas católicos, ameaçados pelas inovações protestantes. Pelas decisões tomadas em favor da Igreja, o Concílio de Trento tornou-se um dos mais importantes e decisivos para a Igreja Católica e para a canonização dos livros bíblicos.

**A Dieta de Spira** – Confirmou o decreto da Dieta de Worms contra Lutero, e proibiu, rigorosamente, a suspensão da missa nas igrejas reformadas; os estados que já haviam abraçado o luteranismo (cinco príncipes e quatorze cidades) apresentaram um protesto contra aquela decisão; daí em diante, passaram a ser chamados “protestantes”.

**A Dieta de Augsburg** foi um congresso convocado por Carlos V, em 1530, com o objetivo de restabelecer a unidade religiosa do Sacro Império Romano-Germânico; foi nela que Lutero apresentou a sua “Confissão de fé”; e a Dieta sancionou o princípio

da mútua tolerância religiosa na Alemanha.

**As Guerras Religiosas** – Foram uma série de conflitos que agitaram a Europa, após o advento da Reforma Protestante. Os primeiros choques, entre católicos e protestantes, foram registrados na Suíça, em 1531, quando o líder Zwinglio teve seu corpo queimado e suas cinzas espalhadas aos ventos. Na Alemanha, a luta iniciou-se em 1546 e durou até 1555, quando, na Paz de Augsburgo, os principais luteranos conseguiram uma liberdade de culto em seus domínios (42/309); mas, ali, a Guerra dos Camponeses devastou grande parte da Alemanha do Sul, quando se praticaram horríveis barbaridades, com o sacrifício de cem mil vítimas (151/153).

**Santo Inácio de Loyola (1491 – 1556)** – Foi o fundador da Companhia de Jesus, em 1534, que prestou inestimável serviço à Contra-Reforma. A Cia. de Jesus tornou-se a principal barreira erguida pela Igreja contra o expansionismo protestante, um verdadeiro exército a serviço da Igreja. Graças à ação dos jesuítas, a Contra-Reforma conseguiu freiar o expansionismo protestante e ganhar terreno em várias partes do mundo (157/85).

**A Contra-Reforma** – Foi uma reação da Igreja Católica contra a Reforma Protestante. Com ela, a Inquisição foi revigorada e destruiu as idéias reformistas, devolvendo à Igreja o prestígio que havia perdido e que fora abalado com as idéias reformistas. Houve, então, uma cisão definitiva entre católicos e protestantes, que se transformou em “guerras religiosas”.

Antes mesmo da Reforma Protestante, já havia tentativas para disciplinar a Igreja, iniciadas por Adriano VI, continuadas por Paulo IV, por Pio V e Xisto V (157/102). Porém a Contra-Reforma opôs-se à Reforma Protestante, e teve início no Concílio de Trento (1545 – 1563), que levou um apelo à reação da Igreja contra a Reforma. Sua maior expressão foi a Cia. de Jesus (42/225). Destacaram-se também Santo Inácio de Loyola, o “Índice dos Livros Proibidos” e as decisões tomadas no Concílio de Trento.

**Guerras religiosas na França** – Ali houve, ao todo, oito guerras religiosas. Catarina de Médicis foi a alma de uma tenebrosa conspiração (151/379), que culminou com os eventos da “Noite de São Bartolomeu”, em 24 de agosto de 1582.

**O Editto de Nantes (1598)**, convocado por Henrique V, da França, estabeleceu a igualdade entre católicos e protestantes perante a lei, a liberdade de culto e a tolerância religiosa em toda a França; ele foi uma vitória para os adeptos da Reforma.

### **E) Filosofia Católica e Definições Teológicas**

**A Escolástica Tomista, ou segundo período**, coincide com a metade do século XIII (42/172); seu expoente máximo foi Tomás de Aquino (1225 – 1274), um filósofo e teólogo que convergiu para o pensamento grego da sistematização aristotélica, usando principalmente os comentários árabes (42/180).

**Aquino e a evolução biológica** – No livro “Você Conhece Deus?”, a autora católica, Maria de Lourdes Ganzarolli ensina que, na opinião de Tomás de Aquino, “até à criação dos homens, podemos aceitar o surgimento da vida como um produto de longa evolução, durante milhões de anos”. Ele admitia que Deus criou o homem no momento em que, pela primeira vez, infundiu diretamente uma alma imortal, feita à sua imagem e semelhança, em um corpo que poderia prover-se da matéria orgânica preexistente; neste momento, então, Deus criou o homem. “O importante aqui — diz

ele — é a criação da alma: sendo espiritual, esta não pode ser o resultado da evolução da matéria, sendo que a matéria tende a decompor-se e não a espiritualizar-se. Nossa alma é criada diretamente por Deus, no momento em que começamos a existir; sendo espiritual, ela é imortal; e é por ela que, infinitamente, nos distanciamos de todos os outros animais” (56/45).

Segundo Aldorema Freitas, a obra de Aquino, em começo, foi encarada com reservas pela Igreja. Em 1277, o Bispo de Paris condenou 219 artigos referentes a Averróis e a Aristóteles; em 1262, a doutrina Tomista foi declarada suspeita; mas, em 1323, o papa João XXII canonizou Tomás de Aquino, e, em 1567, o papa Paulo V concedeu-lhe o título de “Doutor da Igreja”. Atualmente, ele é considerado o maior filósofo da Igreja Católica (157/251).

**A Escolástica Pós-Tomista** – Nesse período, destacaram-se: João Duns Scotto (1266 – 1308). Ensinou ele que: não se pode inferir, como certo, dos efeitos à causa, pois, se Deus quisesse, poderia fazer com que uma causa produzisse efeito diverso do atual (42/189); Guilherme de Occam, que nasceu na Inglaterra antes de 1300, fez-se franciscano e lecionou na Universidade de Oxford; depois, foi processado por heresia pela Santa Sé. Segundo ele, “a vontade de Deus é absolutamente livre para estabelecer outra ordem sobrenatural (por exemplo: se Deus quisesse, poderia o Verbo ter encarnado em um burro)” (42/191) — está escrito em História da Filosofia, de Padovani e Castagnola.

\*\*\*\*\*

### **1.1.5. Aconteceu do século XVII ao século XX**

#### **A) A Inquisição em Portugal (continuação)**

Em 1780, Sebastião José de Carvalho e Melo, estadista português (1699 – 1782) recebeu o título de “Marquês de Pombal”. Ele foi implacável com seus opositores.

**Continuação das guerras-religiosas** – Foi durante as guerras-religiosas deste período que ocorreu a famosa “Guerra dos Trinta Anos”, na Alemanha, entre católicos e reformadores. Ela só teve fim com o Tratado de Westphalia, em 1648, que consagrou a existência política do Protestantismo. O papa Inocêncio protestou contra os artigos do Tratado que, segundo ele, ofendia os interesses religiosos, mas não foi atendido (45/157).

**As visitasões do Santo Ofício no Brasil** (continuação) – O padre Malagrida (1589 – 1761), jesuíta italiano, missionário no interior do Maranhão, de Pernambuco e da Bahia, foi muito perseguido pelo Marquês de Pombal: foi preso e entregue à Inquisição portuguesa; depois, foi supliciado (com garrote e fogueira), no Auto-de-Fé, em 1761 (181/1279).

**A Questão Religiosa no Brasil** – Foi um conflito entre o Estado e a Igreja, ocorrido entre 1872 – 1875, quando o bispo de Olinda, Dom Vital Maria de Oliveira, proibiu a celebração da missa comemorativa, promovida pela Loja Maçônica do Recife. Em protesto, a Loja Maçônica publicou uma lista de nomes de sacerdotes e de religiosos que eram maçons, apesar da condenação da Maçonaria pela Igreja.

Então, o bispo exigiu que esses se desligassem da Maçonaria, e suspendeu a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

### **B) Os Concílios Ecumênicos desse período**

Nesse período, destacamos: a) o I Concílio Vaticano (1870), que tomou importantíssimas decisões para a Igreja: a decretação da infalibilidade papal passou a ser artigo de fé católica (157/355). O primado e a infalibilidade do papa foram definidos nestes termos: “O Papa é o mestre supremo e infalível, quando fala, ex-cathedra, sobre a fé e a moral” (157/365).

Houve, ainda, nesse período, o II Concílio Vaticano (1965), com a “teologia da Libertação”, abolindo a clausura, o uso da batina, a extensão de cargos e atribuições sacerdotais também às mulheres. Foi uma reação inusitada de um grupo liberal contra o conservadorismo e a inflexibilidade da Igreja. Aquele Concílio votou o cânon revolucionário nº 1536: “Este Sínodo Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Consiste tal liberdade no seguinte: os homens todos devem ser imunes à coação, tanto por parte de pessoas particulares, quanto de grupos sociais e de qualquer poder humano, de tal sorte que, em assuntos religiosos, ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela, em particular e em público” (26/600).

### **C) Os Principais Papas e o Dogma da Imaculada Conceição**

Do século XVII, destacamos: Urbano VI (1623 – 1644), que presenciou a Guerra dos Trinta anos e proscreeu a doutrina jansenista (45/191); Inocêncio XIII (1691 – 1700), que proibiu o livro “Máximas dos Santos”, de Fenelon, e enviou um presente ao príncipe Eugênio, comandante das tropas de Leopoldo I, e que acabara de esmagar os turcos em Senta, na Hungria (45/292).

Do século XVIII, destacamos o papa Bento IX que, em 1854, decretou o dogma da “Imaculada Conceição de Maria”, pretendendo que ela tivesse nascido sem a mancha do pecado original.

No século XX, em 1904, o papa Pio X renovou e endossou o decreto da Imaculada Conceição de Maria, ao comemorar o jubileu (cinquenta anos) daquela declaração oficial.

Muito importantes, também, foram os papas: Pio XI, Pio XII, João XXIII e o nosso respeitável, santo e sábio João Paulo II, um dos mais importantes papas de todos os tempos — um verdadeiro homem de Deus.

### **D) Acordos, Editos, Tratados e Concordatas – Tratado de Latrão**

**O Edito de Alais** foi um ato promulgado por Luis XIII, da França, em 1639, conferindo liberdade religiosa na França e anistia aos protestantes sublevados em 1625, mas interditou-lhes as assembleias (157/208).

**O Edito de Tolerância**, que José II, imperador austríaco (1741 – 1790) realizou, concedendo, em 1781, liberdade religiosa a seus súditos, permitindo o acesso dos protestantes a qualquer cargo público (157/208).

**A Concordata de Napoleão** foi assinada por Bonaparte com o papa Pio VII, em 1801, trazendo a paz religiosa à França: o catolicismo deixou de ser a religião do Estado; em compensação, o clero passaria a receber honorários pagos pela República Francesa; com aquela Concordata, restabeleceu-se a obediência dos católicos france-

ses ao papa (157/85).

**A Questão Romana ocorreu em 1870**, entre o Vaticano e o governo da Itália. Ela foi resolvida em 1929, pelo Tratado de Latrão, quando foi confirmada a unificação política da Itália.

**O Tratado de Latrão (1929)** estabeleceu a separação entre a Igreja e o Estado, entre “os poderes temporais e os espirituais, bem como a constituição do Estado do Vaticano, como Estado Internacional Independente, dentro de Roma”.

### **E) A Filosofia Católica e Definições Teológicas**

Em 1854, o papa Pio IX decretou, como dogma oficial, que Maria nascera sem a mancha do pecado original. O I Concílio Vaticano decretou o dogma da infalibilidade do papa, quando fala sobre a fé e a moral. Em 1904, o papa Pio X ratificou e endossou o decreto da Imaculada Conceição de Maria. O II Concílio Vaticano editou a “teologia da libertação”.

Em 1992, o Catecismo Católico foi reformado, introduzindo-se nele o seguinte: a substituição da expressão “desceu ao inferno” para “desceu à mansão dos mortos”; a inclusão, entre os “pecados que badalam no céu e pedem a vingança divina”, o de “deixar de pagar salários aos seus servidores” etc...

### **1.2.0. Os Fundamentos da Fé na Bíblia**

#### **1.2.1. A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã**

##### **A) O que é a Bíblia?**

A palavra Bíblia vem do grego (ta bíblia) e indica “livros, um conjunto de livros”. Desde os primeiros tempos do Cristianismo, o vocábulo Bíblia, juntamente com os “Escrituras e Escrituras Sagradas” são usados para designar “o conjunto de livros que contém a revelação divina, a palavra de Deus”.

##### **B) Origens e Fundamentos da Bíblia**

Em “As Origens da Bíblia,” Alfredo Läßle escreveu que a Bíblia contém a palavra de Deus aos homens; que é a revelação divina; mas que ela foi escrita em diversos períodos e em diversas línguas, por pessoas diferentes; e que, 1.500 aC seria a data inicial dos livros bíblicos” (53/18).

Héster escreveu, em “O Livro dos Livros”, que o Novo Testamento só ficou totalmente acabado cerca de 100 anos dC (68/15). Naturalmente — ensina ele — os materiais de escrita, disponíveis e existentes nos templos bíblicos eram diferentes dos atuais: das tabletas de barro, passou-se ao uso de pedras; depois, ao uso de cascas de árvores, ao papiro, às peles de animais, ao pergaminho e só dez séculos depois de Jesus foi inventado o papel que conhecemos hoje. Desse modo, os escritos daqueles tempos não eram feitos em livros, mas em rolos ou tiras de materiais enrolados nos dois extremos, as quais eram guardadas, conservadas, copiadas e traduzidas pelos membros da religião dominante. (68/16).

##### **C) Para a Igreja, “A Bíblia é a Palavra de Deus”**

Segundo o padre Matos Soares, a Bíblia é a história da salvação da humanidade, a história de intervenção de Deus na vida do homem (04/05). E na Encíclica “Providentissimus Deus”, o papa Leão XIII orientava que foi Deus quem, por suas virtudes, excitou os escritores sagrados a escreverem a Bíblia; que Ele mesmo lhes assistia enquanto eles escreviam; de modo que concebessem o que Ele ordenava e

somente o que lhes ordenava; que, não fosse assim, Ele não mais seria o autor de toda a Sagrada Escritura (04/11); que tudo aquilo quanto afirmam os autores sagrados, expressa, com certeza, fielmente e sem erro, a verdade relativa à nossa salvação” (04/09).

O II Concílio Vaticano decretou oficialmente que “as coisas divinamente inspiradas que se encontrem por escrito nas Sagradas Escrituras, foram consignadas sob a inspiração do Espírito Santo; que a Igreja tem como sagrados e canônicos os livros completos do Antigo e do Novo Testamento, com todas as suas partes, porque foram escritos sob a inspiração do Espírito Santo e têm Deus como autor. (26/128).

#### **D) “A Bíblia está isenta de qualquer erro”**

São Jerônimo chegou a afirmar que “a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo” (57/32); e o papa Leão XIII concedeu trezentos dias de indulgências a todos os católicos que, “ao menos quinze minutos por dia, lessem e meditassem sobre um trecho da Bíblia” (65/216). E o II Concílio Vaticano decidiu que “cabe aos pastores educar os fiéis para o correto uso dos livros divinos, sobretudo os do Novo Testamento, de modo particular os dos Evangelhos, por meio de versões que sejam acompanhadas de explicações necessárias” (26/138); e determinou que fossem feitas edições munidas de anotações apropriadas ao uso dos não-cristãos (26/139).

#### **E) “A Bíblia tem Deus por autor e foi inspirada pelo ES”**

A Constituição Dogmática do I Concílio Vaticano (1870) sobre a fé católica, estabelece que “porque escritos sob a inspiração do Espírito Santo tem a Deus por autor, e como tal, foram confiados à Igreja (II, 1787); que, nas coisas da fé e da moral, deve-se ter por verdadeiro sentido da Sagrada Escritura aquele que foi e é mantido pela Santa Madre Igreja, a quem compete decidir sobre o verdadeiro sentido e interpretação da Sagrada Escritura; e que, por conseguinte, a ninguém é permitido interpretar as Sagradas Escrituras contrariamente a este sentido ou contra o consenso unânime dos Santos Padres (14/05).

O “Compêndio Vaticano II” ensina que as Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus; e, porque inspiradas, são verdadeiramente a palavra de Deus (26/137). Também no novo “Catecismo da Igreja Católica”, o papa João Paulo II asseverou que “Deus é o autor das Sagradas Escrituras”; que as verdades divinamente reveladas que estão contidas no texto da Sagrada Escritura, foram escritas sob a inspiração do Espírito Santo” (28/105).

\*\*\*\*\*

### **1.2.2. O Antigo Testamento Bíblico**

#### **A) O que é o Antigo Testamento?**

Chama-se Antigo ou Velho Testamento o conjunto de 39 livros da Bíblia Judaica, e os 45 livros da Bíblia Cristã que compõem a primeira parte. A Bíblia Judaica não possui o Novo Testamento, porque não aceitaram Jesus como sendo aquele Messias prometido no Antigo Testamento.

#### **B) Os cinco primeiros livros (ou Pentateuco)**

Pentateuco é uma palavra grega (penta, cinco, e teucos, livros) que indica o

conjunto dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento (68/73). Na ordem cronológica e história dos fatos narrados, os cinco primeiros livros são: o Gênese, o Êxodo, o Levítico, o Números e o Deuteronômio.

Os cinco primeiros livros da Bíblia foram escritos por Moisés. E o padre Matos afirma que “essa doutrina é admitida por toda a antiguidade judaica e cristã, além de ter sido corroborada, em 30/07/1909, pela publicação do Decreto da Comissão Bíblica” (04/17).

**O livro “Gênese”,** que significa “origem, começo”, narra as origens ou criação do mundo: a criação do mundo, do gênero humano, do povo hebreu e a história da revelação primitiva, feita por Deus aos cinco primeiros patriarcas hebreus (04/18). Segundo o autor protestante de “Através da Bíblia, Livro por Livro”, a Gênese abrange um período desde a criação do mundo até à morte de José, no Egito; um período de 2.315 anos, isto é, de 4.000 a 1.680- aC (71/17).

**O Livro “Êxodo”** significa “saída, retirada” e fala da saída dos hebreus da terra do Egito; segundo Myer Perman, a história nele contida abrange um período de 216 anos, cerca de 1.706 até 1490 aC. (71/31).

**O Livro “Levítico”** é assim chamado por tratar, principalmente, dos deveres e direitos dos levitas ou sacerdotes; pode ser considerado um livro ritual, e traz diversas leis que Deus ordenou aos sacerdotes (04/123), abrangendo um período de menos de um ano de jornada dos hebreus no Sinai (71/36).

**O “Livro dos Números”** tem este título devido a começar com a numeração ou recenseamento dos israelitas, segundo suas tribos, suas famílias e ofícios. Na realidade, porém, é a continuação da história da peregrinação dos hebreus, pelo deserto, durante trinta e nove anos (04/155), em um período que vai de 1.490 até 1.451 aC. (71/42).

**O Livro “Deuteronômio”,** cujo nome vem do grego e significa “segunda lei, repetição da lei”, traz os quatro discursos pronunciados por Moisés às margens do rio Jordão, dirigidos ao povo de Israel, para repetir e recordar os preceitos dos livros anteriores (04/199); sua narração abrange um período de dois meses, nas planícies de Moab, no ano 1351 aC (71/51).

### **C) Os demais Livros do Antigo Testamento**

As Bíblias protestantes possuem 39 livros e a católica, 45, que são os seguintes: de 1 a 5 (o Pentateuco); 6 – Livro de Josué; 7 – Livro de Juízes; 8 – Livro de Rute; 8-12, os 4 livros de Reis; 13-14, os 2 livros de Paralipômenos ou Crônicas; 15-16, os 2 livros de Esdras; 17 – o Livro de Tobias; 18 – Judite; 19 – Ester; 20 – O Livro de Jó; 21 – Salmos; 22 – Provérbios; 23 – Eclesiastes; 24 – Cântico dos Cânticos; 25 – O Livro da Sabedoria; 26 – o Eclesiástico; 27 – Livro de Isaías; 28 – Profecias de Jeremias e Lamentações de Jeremias; 29 – Profecias de Baruc; 30 – Profecias de Ezequiel; 31 – Livro de Daniel; 32 – Oséias; 33 – Joel; 34 – Amós; 35 – Abdias; 36 – Jonas; 37 – Miquéias; 38 – Naum; 39 – Habacuque; 30 – Sofonias; 41 – Ageú; 42 – Zacarias; 43 – Malaquias; 44-45, os 2 Livros de Macabeus.

### **D) O Antigo e o Novo Testamento são inseparáveis**

No “Catecismo da Igreja Católica”, o papa João Paulo II escreveu que “o Velho Testamento é uma parte indispensável das Sagradas Escrituras; que seus livros são

divinamente inspirados e contêm um valor permanente (28/121); que o Novo Testamento é a palavra de Deus; que é o poder de Deus para a salvação de todos os que têm fé” (28/124).

Para as testemunhas de Jeová, é impossível a aceitação parcial da Bíblia; é necessário que se creia em toda a narrativa do Gênese para aceitar a Bíblia como inspirada por Deus (74/32); os que rejeitam as narrativas do livro Gênese talvez não se dêem conta de que, ao fazerem isto, estão rejeitando o Cristianismo; quem aceita o sacrifício resgatador de Jesus Cristo, precisa também crer que a narrativa do Gênese é um fato, pois que um é a base para o outro. Impossível a aceitação parcial (74/35).

### **E) Significado Teológico do Antigo Testamento**

O Antigo Testamento significa a aliança de Deus, feita com os homens através dos patriarcas hebreus. No Antigo Testamento começam os conceitos básicos do homem sobre Deus, a criação do mundo, a criação dos seres humanos, o paraíso, o primeiro casal, a tentação, o pecado original, a queda do paraíso, a herança do pecado original, além de diversas profecias relacionadas às humanidades futuras. (26/132).

\*\*\*\*\*

## **1.2.3. O Novo Testamento**

### **A) O que é o Novo Testamento?**

Novo Testamento é o conjunto de 27 livros que formam a segunda parte da Bíblia Católica e Protestante. Por não terem aceitado Jesus como sendo o Messias prometido no Antigo Testamento, os israelistas não possuem, na sua Bíblia, o Novo Testamento.

O II Concílio Vaticano decretou que “embora Cristo tenha fundado a nova aliança com o seu sangue, todos os livros do Novo Testamento manifestam, completam e explicam o Antigo Testamento” (26/133).

### **B) Os 4 Evangelhos sobre Jesus**

Também definiu o II Concílio Vaticano que a Igreja sustentou e sustenta, com a máxima constância, que os 4 Evangelhos transmitem fielmente aquilo que Jesus, filho de Deus, realmente fez e ensinou para a eterna salvação; que, após a ascensão de Jesus, os apóstolos transmitiram tudo aquilo que ele disse e fez. Os autores sagrados escreveram os 4 Evangelhos, fazendo uma síntese das demais, ou explanando-as de conformidade com a Igreja (26/134). Os 4 Evangelhos são: Evangelho de São Mateus, Evangelho de São Lucas, Evangelho de São Marcos e Evangelho de São João.

### **C) Os Evangelhos Sinópticos**

São chamados “sinópticos” os 3 primeiros Evangelhos, porque fornecem uma sinopse (ou vista geral) dos mesmos acontecimentos e têm um plano comum; em conjunto, eles trazem uma mensagem evangélica aos homens não-espiritualistas, enquanto que o Evangelho de São João traz uma mensagem especial para os cristãos (71/231).

### **D) Os demais livros do Novo Testamento**

Tanto na Bíblia católica quanto nas protestantes, são 27 os livros que compõem o Novo Testamento: Do 1 ao 4, os Evangelhos; 5 – Atos dos Apóstolos; 6-19, as 14 Epístolas Paulinas (I e II Tessalonicenses, I e II Coríntios, aos Gálatas, aos Romanos,



aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses, a Filémon, aos Hebreus, I e II a Timóteo); 20-26, as 7 epístolas gerais ou “católicas”, de São Tiago, I e II de São Pedro, I, II e III de São João, a de São Judas; 27 – o Apocalipse ou Livro da Revelação.

### **E) O Significado Teológico do Novo Testamento**

O Novo Testamento significa o cumprimento das promessas feitas por Deus nas páginas do Antigo Testamento; significa o selo da Nova Aliança, feita com o sangue de Jesus, derramado no madeiro da cruz para a remissão dos pecados da humanidade.

\*\*\*\*\*

## **1.2.4. Os Antigos Textos Bíblicos e as Línguas utilizadas**

### **A) Como surgiram as diversas línguas humanas?**

Segundo a Bíblia, a causa da diversidade das línguas existentes está descrita em Gênesis XI: 1-8, a terra tinha uma só língua; os homens começaram a construir uma cidade e uma torre para chegar ao céu; Deus disse: vinde, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que um não compreenda a voz do outro; e que assim foi feito: o Senhor os dispersou daquele lugar para todas as regiões da terra, para que abandonassem a construção daquela “torre que atingiria os céus”.

### **B) Em que línguas foram escritos os Livros Bíblicos?**

Segundo alguns teólogos e historiadores, quase todos os livros do Antigo Testamento foram escritos em Hebraico (exceto os livros da Sabedoria e II Macabeus, que teriam sido escritos em grego), além de pequenas exceções, escritas em Aramaico, a língua falada nos tempos de Jesus; que os livros do Novo Testamento, escritos depois da morte de Jesus, foram redigidos em Grego. E foi através do Latim que esses livros chegaram até nossos dias, nas diversas línguas nacionais.

### **C) Não existe nenhum texto original**

Os arqueólogos são unânimes em afirmar que não dispomos, hoje, de nenhum texto original e nem mesmo muito antigo. Descobertas arqueológicas informam que o “texto manuscrito mais completo e antigo que possuímos da Bíblia, data mais ou menos de 1.000 anos depois de Jesus. Diante de tais circunstâncias, o católico deve conformar-se com os textos mais recentes, guardados, conservados, copiados e traduzidos pela Igreja”.

### **D) Hebraico, a língua do Antigo Testamento**

O padre Matos escreveu que “a literatura hebraica abrange um período de quase 1.500 anos, e isso explica as numerosas transformações por que passou o texto bíblico”. Ele distingue 3 períodos da língua hebraica: a) o período primeiro, que vai de Moisés até o reinado de Saul (1.500 a 1.000 aC); b) o segundo período, ou período clássico, que vai da fundação do reino até o exílio na Neobabilônia (1.000 a 586 aC); c) e o terceiro período, um período em que o Hebraico se tornou uma língua morta, passando a ser usada apenas nas escolas e na liturgia, recebendo acentuadas influências dialéticas e aramaicas, e vai do exílio até a era Cristã (04/12).

### **E) Grego, a língua do Novo Testamento**

Todo o texto do Novo Testamento já foi escrito diretamente na língua grega — independentemente das traduções do Antigo Testamento do Hebraico e do Aramaico

para o Grego. A tradução mais famosa do Hebraico para o Grego é a Versão dos Setenta, ou Septuaginta, uma tradução feita por volta de 250 aC., por uma equipe de 72 sábios religiosos. E a Septuaginta foi a versão oficial da Bíblia do Antigo Testamento, tanto na Grécia como em Roma; ela foi utilizada ainda nos primeiros tempos do Cristianismo.

\*\*\*\*\*

### **1.2.5. Seleção, escolha e Canonização dos textos Bíblicos**

#### **A) Quais eram os livros bíblicos oficiais?**

A fim de que o povo pudesse ler os livros sagrados da literatura hebraica, foram feitas algumas traduções dos antigos escritos em hebraico, passando-os para a língua grega. Entretanto, a cultura da massa humana, naquele tempo, era muito rudimentar — os materiais da escrita eram inadequados e impróprios — os documentos antigos eram de difícil aquisição. Assim, uma pequena parte da população só recebia informações dos textos através dos sacerdotes e religiosos.

Mas, nesse processo de cópias e traduções, diversas alterações, adaptações e opiniões puramente pessoais iam se incorporando aos textos copiados. Foi por esses motivos que, na luta contra a literatura pagã e herética, a Igreja produziu, num processo lento e demorado, uma lista dos livros aceitos como inspirados por Deus (64/23).

#### **B) A Tradução do AT do Grego para o Latim**

Foi somente no século V dC., por ordem do papa São Dâmaso, que São Jerônimo traduziu toda a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) do grego para o Latim, num trabalho que recebeu o nome de Vulgata Latina. A Vulgata Latina está escrito em Latim clássico e é o texto oficial da Igreja Católica até os nossos dias, conforme decidido no Concílio de Constança (1414), no de Trento (1545 – 1563) e no I Vaticano (1870).

#### **C) Canonização dos textos Bíblicos**

A palavra “cânon” ou “regra”, nas Escrituras Sagradas de hoje, designa a coleção de livros bíblicos, considerados inspirados por Deus e reconhecidos pela tradição da Igreja; todos os livros pertencentes ao cânon são chamados “canônicos”. Porém, segundo o padre Matos, nos primeiros séculos do Cristianismo, em uma ou outra Igreja, surgiram dúvidas sobre a inspiração de alguns livros bíblicos. Embora aquelas controvérsias tivessem sido passageiras, depois do século XVI, os antigos livros já considerados canônicos passaram a ser chamados de “protocanônicos”, ao passo que os livros então duvidosos passaram a ser chamados de “deuterocanônicos”, depois que se lhes atribuíram a inspiração divina (04/10).

Foi só no século IV que os autores católicos da Patrística aplicaram, pela primeira vez, o termo canônico, para os distinguirem como reconhecidos pela Igreja (64/22). Conforme o padre Matos Soares, não importa a ordem dos livros da Bíblia, porque, exceto o primeiro lugar requerido pelo Pentateuco, no Antigo Testamento, e pelos Evangelhos, no Novo Testamento, os manuscritos encontrados diferem no que se referem aos demais livros (04/07).

**O Concílio de Trento (1545 – 1563)**, depois de definir o cânon dos livros sagrados,

decretou que a Vulgata Latina é considerada a versão autêntica, e que fosse impressa com a máxima correção possível. A edição correta foi confiada, pelo Concílio, à própria Sé, que nomeou quatro comissões específicas, e delas saiu, então, a Edição Oficial do Vaticano. A cada edição seguiam-se outras reedições do Vaticano, em 1593 e 1598; e todas as edições subseqüentes devem conformar-se com ela. O Concílio não colocou a Versão acima dos próprios manuscritos, apenas reconheceu a Vulgata Latina como autêntica (04/13).

#### **D) A Bíblia Protestante em Português**

Entre as diversas traduções da Bíblia, feitas pelo Protestantismo, destacamos a tradução Portuguesa de José Maria Sarmiento (1713-1780); a do exímio latinista e teólogo, padre Antonio Figueiredo (1725 – 1797) e a de Ferreira de Almeida. Esta última chegou a constituir-se no texto tradicional dos próprios meios católicos. Entretanto, o padre Almeida deixou-se levar pelas fortes correntes de idéias de seu tempo; ele foi acusado de heresia reformista, foi afastado da Igreja. Atualmente, a tradução mais conhecida no Brasil protestante é a de Antonio Ferreira de Almeida.

#### **E) A Bíblia Católica em Português**

Nos países católicos, de língua portuguesa, os fiéis dispõem de grande variedade de traduções do Latim para o Português. Nós consultamos a Bíblia, Edições Paulinas, do padre Álvaro Negromonte, e a do padre Matos Soares, que consta de nossa biografia geral. Todas elas se baseiam no texto da Vulgata Latina e obedecem às decisões eclesiásticas e conciliares, conforme determinou o Concílio de Constança, o de Trento e o I Vaticano.

\*\*\*\*\*

### **1.3.0. O Magistério, a Tradição Oral e o Direito Canônico**

#### **1.3.1 O Magistério Eclesiástico**

##### **A) O que é o Magistério Eclesiástico?**

Magistério é o exercício de um cargo de professor; e Magistério Eclesiástico é o exercício da função educadora da Igreja. O II Concílio Vaticano (1962 – 1965) decidiu que cabe à Igreja o dever de educar e de mostrar o caminho da salvação aos homens, ajudando-os a atingirem a plenitude nesta vida e a salvação na outra vida (26/586).

No dizer do frei Aduino Palmas, “o magistério da Igreja tem aprovação nos céus e, por isso, é infalível”; ao instituir o Magistério autêntico, Jesus conferiu a infalibilidade aos apóstolos, individualmente, e aos seus sucessores — o Episcopado — na sua totalidade; “só a Igreja está autorizada a transmitir a figura genuína do Cristo histórico” (57/27).

Compete à Igreja o ensino da verdade, a defesa da fé (intolerância em face do erro, censura e penalidade, o Index dos Livros Proibidos, em face das heresias nascentes); enfim, compete-lhe a interpretação autêntica das verdades reveladas, que estão contidas na Bíblia e nos documentos da Tradição Oral (57/22).

##### **B) Os Únicos e Verdadeiros Mestres da Fé Revelada**

Em “As Origens da Bíblia” Alfred Läßle afirma que “pelo Espírito Santo, que lhes foi dado, os Bispos foram constituídos verdadeiros e autênticos mestres da fé” (53/40). E o frei Aduino Palmas escreveu: “o poder doutrinal da Igreja emana de sua

missão diretamente divina, dada pessoalmente pelo Cristo ressuscitado (57/23). A Igreja é infalível em questões de fé e moral; a suposição de poder errar, em matéria de fé e de moral, invalida a presunção divina de sua existência”

#### **C) "A Igreja é a Mãe e Mestra da Cristandade"**

Em 1960, o papa João XXIII escreveu uma encíclica “Máter et Magistra”, para mostrar a função materna e educadora da Igreja Católica. E o Cânon 1788 prescreve que “deve-se ter por verdadeiro sentido das Escrituras Sagradas aquele que foi e é sentido pela Igreja Católica, a quem compete decidir sobre o verdadeiro sentido e interpretação; a ninguém é permitido interpretar as Sagradas Escrituras contrariamente a esse sentido, ou contra o consenso unânime dos Santos Padres”.

#### **D) "A Igreja é Infalível em assunto de Fé e Moral"**

O cânon 1817 afirma que: “se alguém disser que — às vezes — conforme o progresso das ciências, se pode atribuir aos dogmas proposto pela Igreja um sentido diverso daquele que a Igreja ensina, seja excomungado”. E o 1809 determina que: “se alguém não admitir como sagrados os livros das Sagradas Escrituras, inteiros e com todas as suas partes, conforme enumerados pelo Concílio de Trento, ou lhes negar a inspiração divino – seja excomungado”.

#### **E) Só a Igreja possui poderes de “atar e desatar”**

O Concílio de Florença havia definido que “o romano pontífice é o verdadeiro vigário de Cristo, chefe de toda a Igreja, e Pai e doutor de todos os cristãos; a ele conferiu NSJC, na pessoa de São Pedro, os plenos poderes de apascentar, reger e governar toda a Igreja” (cânon 1835). E Jesus prometeu a São Pedro: — “Tudo o que ligares na Terra, estará ligado ao céu; e tudo o que desatares na Terra, estarás igualmente desatado no céu”.

\*\*\*\*\*

### **1.3.2. A Tradição Oral Extrabíblica**

#### **A) O que é a Tradição Oral?**

A palavra “tradição” é um substantivo que deriva do verbo “transmitir”, que significa “entregar, passar adiante”; e tradição oral foi a transferência, via oral, de uma geração a outra, de dogmas e ensinamentos da revelação, antes que fossem levados à escrita.

O frei Adauto Palmas ensinou que “durante milhares de anos, os patriarcas hebreus transmitiram essa revelação divina primitiva aos seus descendentes; entretanto, no correr dos milênios, foi se perdendo, cada vez mais, até tornar-se obscura e imprecisa. Por volta de 2.000 aC., teve início a Revelação Divina, feita aos patriarcas de Israel, por Intermédio de Moisés e dos profetas (57/10). No entanto, a tradição oral se desfigurou, distanciando-se, cada vez mais, da revelação primitiva; e o Cristo a aboliu, em razão de representar tradições mormente humanas” (57/29).

#### **B) A Tradição Oral não é a única fonte da Revelação**

Nas palavras de frei Adauto, “nem a universal tradição divina constitui norma próxima da fé, por ser inacessível à maioria dos cristãos, pois o seu conteúdo está sujeito a interpretações pessoais, que podem até ser falsas. Os documentos da tradição não são

inspirados, mas o seu valor pressupõe a autoridade e a infalibilidade da Igreja” (57/20).

### **C) Nem a Bíblia é a única norma da Fé Revelada**

“Nem a Bíblia exhibe a totalidade das verdades reveladas (57/15); ela é apenas uma fonte parcial da revelação, e não constitui o depósito total da fé religiosa” (57/47).

“Muita razão há por que não podemos proclamar a Bíblia como norma suprema da fé: uma norma obrigatória deve ser acessível a todos, e a Bíblia nunca foi acessível a todas as pessoas. (57/18).

“A Bíblia não é fonte absolutamente necessária à Revelação: nos primeiros decênios da Igreja nascente, não existiam ainda os livros do Novo Testamento; a sua tradução para o Latim e outras línguas foi sendo feita muito lentamente e por partes; e só mesmo no século IV e V ficou estabelecido o cânon das Escrituras. Pobres fiéis daqueles tempos, se as Escrituras fossem a única fonte de fé” (57/14).

### **D) Só a Tradição e as Escrituras juntas constituem a fé**

O II Concílio do Vaticano decidiu que “as sagradas Tradições e as Sagradas Escrituras estão intimamente ligadas e coordenadas entre si, pois promanam da mesma fonte original: a revelação divina aos hebreus. Desse modo, a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus por escrito, e a Tradição é a Palavra de Deus transmitida oralmente, e foi confiada por Cristo aos apóstolos” (26/127).

A Sagrada Escritura e o Magistério Eclesiástico estão de tal forma entrelaçados e reunidos, que um não tem consistência sem o outro, mas que, juntos, cada qual a seu modo, contribui para a salvação das almas (26/128). “Mas, quanto à sua autenticidade, âmbito e interpretação, a Bíblia depende da Tradição, ou seja, depende do Magistério que o Cristo instituiu” (57/17).

### **E) Mas nem todo mundo pode ler a Bíblia**

“É impossível apresentar, com segurança — segundo o frei Adauto Palmas — todas as esperanças de salvação, sem reconhecer uma autoridade infalível que esteja como garantia e segurança da integridade do texto e da fidelidade das traduções” (57/30). Felizes nós, os católicos, que, com humildade e submissão à Igreja, podemos dizer — juntamente com o grande Santo Agostinho: “Jamais eu creria nos Evangelhos, se a isso não me induzisse a autoridade da Igreja Católica”. João Duns Scott, OFM, deduziu, das palavras de Agostinho, que: “Não há de se ter fé nos Sagrados Livros canônicos, a não ser que primeiro se tenha na Igreja, que aprova e autoriza os mesmos livros e o seu conteúdo” (57/19).

“Mas, a fim de velar pela integridade da Bíblia e pelo bem-estar das almas, a Igreja só permite a leitura completa, em vernáculo, com muita cautela e vigilância; daí, só poderão ler a Bíblia completa, sem desvantagens, os católicos esclarecidos e capazes de atingir o sentido literal, espiritual e figurado das Escrituras Sagradas, guiando-se à luz das diretrizes da legítima autoridade, que é a Santa Madre Igreja. Para o povo simples e trabalhador, que não se dedica aos estudos profundos, nem o pode, aconselha-se a leitura do Novo Testamento e dos trechos seletos do Antigo Testamento, os quais se obtêm facilmente com as Bíblicas escolares” (57/42).

### **1.3.3. O Direito Canônico**

#### **A) O Que é o Direito Canônico ou Eclesiástico?**

É o conjunto de leis, de cânones e decisões, tomadas pela autoridade da Igreja, como artigos de fé, para reger a disciplina interna e a responsabilidade de seus dogmas e artigos de fé. Esse corpo de leis, de regulamentos e de decisões se acha reunido em um só volume, denominado “Corpus Iuri Ecclesiae” (Corpo de Direito da Igreja).

#### **B) As fontes do Direito Canônico**

Foi no Direito Romano que a Igreja alicerçou o seu Direito Canônico. À semelhança das legislações nacionais, também o Direito Canônico possui três poderes: o legislativo (aquele que elabora as leis canônicas), o Judiciário (o que julga os casos concretos) e o Executivo (o que executa a aplicação das leis e das decisões proferidas).

#### **C) Formação e Desenvolvimento das Leis Canônicas**

Nenhuma legislação se forma repentinamente. E o Direito Canônico não poderia fugir a esta regra evolutiva: ele foi se formando, pouco a pouco, progressivamente, ora revogando e substituindo leis obsoletas, ora se aperfeiçoando às circunstâncias do momento histórico. Por isso mesmo, muitos cânones eclesiásticos já deixaram de vigorar em virtude da mudança de costumes e de necessidades.

#### **D) Competência Disciplinar e Poder Coercitivo**

Para que uma legislação ou uma decisão seja obedecida ou cumprida, é imprescindível que o seu órgão editor disponha de meios para torná-la obrigatória; fora disso, nenhuma legislação passará de simples expressão escrita. Em vista disso, também o Direito Canônico possui seus meios de fazer com que suas leis sejam respeitadas.

Para alguns autores católicos, “quem tem a missão de ensinar, tem também o direito de punir”. O Executivo Canônico dispõe de poderes para disciplinar, impor penitências, reprimir heresias e até excomungar. Porém, como nem sempre as sanções espirituais são suficientes – pois muitos as desprezam – em 1231, a Igreja instituiu o Tribunal do Santo Ofício.

#### **E) A Execução e o Cumprimento das sanções canônicas**

No princípio, os bispos já possuíam competência para impor, regular, prolongar, afrouxar e até extinguir a penitência pública. No começo, eles faziam isso pessoalmente, mas – aos poucos – foram sendo substituídos por um ou mais sacerdotes autorizados. E estes podiam conceder privilégios, comutar ou substituir penas penitenciais, perdoando aos fiéis – parcial ou totalmente – as faltas cometidas. Chamou-se a isso, indulgências.

Conforme o padre Raphael Galanti, “surgiu, então, o costume de conceder indulgências de tantos dias, de tantos meses, de tantos anos – total ou parcial; e quem dispunha de merecimento perante a Igreja, como os mártires, os santos e os confesores, poderiam obter essas indulgências também em favor de terceiros”. No ano 390, o Patriarca nestório aboliu – em Constantinopla – o ofício de penitenciário (45/109).

\*\*\*\*\*

### **1.3.4. A Fé Religiosa versus a Razão**

#### **A) Alguns conflitos entre a Fé e a Ciência**

No correr dos séculos, têm aparecido centenas de hereges, que contrariam ou desrespeitam as diretrizes do Magistério Eclesiástico, admitindo, expondo ou ensinando idéias e opiniões contrárias àquelas que a Igreja tem como reveladas por Deus.

#### **B) Não há oposição entre a fé e a ciência**

O cânon 1799 estabelece que “a razão e a ciência não podem contrariar nem opor-se à revelação Divina: a verdadeira fé só pode ser revelada; por isso, nem a ciência, nem a razão devem contrariar a revelação divina”.

O cânon 1797 afirma: “Ainda que a fé esteja acima da razão, jamais poderá haver desarmonia entre uma e outra, porque o mesmo Deus, que revela os mistérios da fé, dotou o espírito humano da luz da razão; e Deus não pode negar-se a si mesmo, nem a verdade jamais contradizer a verdade. Eis porque não só é vedado a todos os cristãos defenderem, como legítimas, as conclusões da ciência e opiniões reconhecidamente contrárias à fé, máxime se tiverem sido reprovadas pela Igreja; mas ainda estão inteiramente obrigados a tê-las por conta de erro, revestidas de uma falsa aparência de verdade” (Constituição Dogmática. I Vaticano).

#### **C) A Soberania da Revelação Divina**

O autor de “Isto é a Igreja Católica”, explica que: “sempre que houver um conflito entre a fé católica revelada e as descobertas da razão ou da ciência, o católico deve guiar-se pelos ensinamentos oficiais da Igreja; que deve haver uma supremacia da fé religiosa sobre a fé científica; em se tratando de verdade religiosa, quer ensinada pela Bíblia, quer pela Tradição Oral, o católico deve aceitar, como matéria de fé, aquilo que a Igreja ensina como verdade ensinada pelo próprio Deus” (40/02).

#### **D) A Revelação Divina é Completa e Imutável**

“A doutrina da fé, que Deus revelou, não foi proposta ao engenho humano como uma descoberta filosófica, a ser por ele aperfeiçoada; mas foi entregue à esposa de Cristo, como um depósito divino; daí se segue que sempre se deve ter por verdadeiro sentido de dogma aquilo que a Santa Madre Igreja uma vez tenha declarado, não sendo permitido jamais, nem a título de uma inteligência mais elevada, afastar-se dele” (Cânon 1800).

#### **E) Pena de Excomunhão aos Desobedientes**

Preceitua o cânon 1817: “Se alguém disser que as ciências humanas devem ser tratadas com tal liberdade que as suas conclusões, embora contrárias à doutrina revelada, possam ser tidas como verdade, e não possam ser proscritas pela Igreja – seja excomungado”.

\*\*\*\*\*

### **1.3.5. Infalibilidade da Igreja e do Papa**

#### **A) Por que precisava a Igreja ser Infalível?**

Composta por homens, falíveis e defectíveis, a Igreja necessitava ser infalível, a fim de garantir a fidelidade da revelação divina e a conseqüente salvação das almas. Para livrar-se das falhas puramente humanas, era indispensável que o seu divino

fundador lhe desse a infalibilidade, em assuntos de fé e moralidade.

### **B) Dificuldades enfrentadas pela Igreja**

Na “Encíclica Vehemens Nos”, o papa Pio X escreveu: “A Igreja tem enfrentado dificuldades intransponíveis; mas que o seu período pior foi o final do século IX, todo o século X e parte do século XI; não fosse ela divina, teria caído por terra, desmoronando todo o seu patrimônio moral e espiritual; mas a sua força é divina. E lá, onde todas as instituições puramente humanas necessariamente teriam caído, ela sempre nutriu, nas suas provações, de uma força mais vigorosa e uma opulenta fecundidade” (19/31).

### **C) Mas a Igreja é uma Sociedade Perfeita**

Para o padre Rumble, em “Cristo é Realmente Deus?”, o Cristo veio estabelecer a verdadeira religião, e ordenou que seus apóstolos fossem e ensinassem a todas as nações, pois ele estaria com eles todos os dias, até a consumação dos séculos (36/05). E o cânon 1322 afirma que “a Igreja é uma sociedade perfeita, instituída por Cristo para guardar e expor, com fidelidade, o depósito da fé, a fim de encaminhar os homens à salvação eterna”.

### **D) Jesus garantiu a Infalibilidade da Igreja**

No livro “O Católico Perante a Bíblia”, lemos que “a Igreja goza de especial e perene assistência do Espírito Santo, porque ela é o reino da verdade” (57/25).

Escreve Boaventura Kloppenburg: “O Cristo entregou sua obra em mãos frágeis, fracas e falíveis dos homens; se o Cristo fundou uma sociedade que fosse a garantia divina da salvação eterna de todos os fiéis; se ele desejava mesmo o êxito de sua instituição, devia conferir também ao seu chefe visível os meios que lhe facultassem reunir todos os membros da Igreja na unidade da fé e impedir as dissidências.— Aí está o postulado daquilo que se chama “infalibilidade da igreja e do papa” (33/28).

### **E) Finalmente, a Declaração Oficial de sua Infalibilidade**

O Concílio de Florença votou o cânon 1835, com a seguinte redação: “O romano pontífice é o verdadeiro vigário de Cristo, o chefe de toda a Igreja, o pai e doutor de todos os Cristãos”... No século XI, o papa Gregório VII proclamou a perfeição da Igreja, dizendo que ela nunca havia errado, nem erraria jamais” (63/109). Foi, porém, o I Concílio Vaticano, em 1870, que declarou, como dogma oficial da Igreja, a infalibilidade dela e do papa.

\*\*\*\*\*

## **1.4.0. Sinopse da Teologia Cristã Convencional**

### **1.4.1. Ensina a Teologia Católica**

#### **A) O Conceito Católico sobre Deus**

A Bíblia não traz sequer uma linha para a provar a existência de Deus, nem a sua origem; o livro Gênesis diz apenas que “no começo, Deus criou o céu e a terra; e o espírito de Deus movia-se sobre as águas”. Entretanto, para o atual Catecismo Católico, “Deus é um ser pefeitíssimo, criador do céu e da terra: é eterno, porque não teve princípio nem fim, sempre existiu e existirá sempre.



O cânon 1785 diz que “Deus pode ser conhecido, com certeza, pela luz natural da razão, por meio de Suas obras” (Conc. Latrão). Deus é criador, porque só Ele criou e pôde criar todas as coisas, e por ninguém foi criado; é onipresente, porque está no céu, na terra e em toda parte; é onisciente, porque vê todas as coisas, passadas, presentes e futuras, até nossos pensamentos. Deus vê todas as coisas, porque é infinitamente sábio e está em toda parte. Deus não tem corpo, mas é um puríssimo espírito”.

### **B) A Providência Divina**

Providência Divina é a solicitude de Deus para com suas criaturas. Padovani e Castagnola escreveram que “para que Deus seja verdadeiramente a explicação do mundo, Ele não pode ser imanente, mas deve ser transcendente e criador; isto significa que houve uma criação, com a produção de todas as coisas tiradas do nada; elas não foram tiradas de sua substância, mas foram criadas para a sua glória”(42/140).

Mário Ferreira dos Santos, em “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais”, define “immanentismo” como doutrina que afirma apenas a imanência, negando a transcendência de um Ser criando o mundo; imanente é o que existe ou se dá sempre num dado objeto, que dele não se separa; é o que imana, permanece e indica presença, em oposição á ausência”. Dicionários especializados definem “transcendente” como: “aquilo que transcende, que está separado, que está fora do mundo”. Para a Igreja, Deus é transcendente.

### **C) Atributos de Deus e a SST**

O Catecismo ensina que “há um só Deus em três pessoas, iguais e realmente distintas, que são o Pai, o Filho e o Espírito Santo; que este mistério de um só Deus em três pessoas se chama Mistério da Santíssima Trindade. Todas as três pessoas são um só Deus, porque têm a mesma natureza divina; não há entre elas uma maior e outra menor, mas todas são iguais, pois têm todas o mesmo poder, a mesma sabedoria, e, repita-se, a mesma natureza divina. O pai não existe antes do Filho, nem o Filho antes do Espírito Santo, porque todas essas pessoas são divinas e igualmente eternas.

### **D) Deus pode operar Milagres**

Deus pode alterar suas próprias leis, parcialmente (ab-rogação) ou totalmente (derrogação), sempre que lhe aprouver. O padre Álvaro Negromonte, em “A Doutrina Viva”, escreveu: “Deus pode fazer com que o fogo não queime, como fez aos três jovens na fornalha de fogo da Babilônia (Dan-3: 1923) (55/26); e foi Deus quem abriu o Mar Vermelho para Moisés passar com os hebreus” (55/29).

### **E) Ele se Revelou pessoalmente aos Homens**

A Igreja ensina que, através dos patriarcas hebreus, Deus se revelou e se manifestou aos homens, ensinando-lhes o caminho da salvação eterna; que os profetas do Antigo Testamento transmitiram as ordens divinas ao “povo de Deus”; e que os caminhos da salvação das almas estão descritos nas páginas da Bíblia.

\*\*\*\*\*

## **1.4.2. A Criação do Universo, segundo a Igreja**

### **A) A Criação material**

O Credo de Nicéia, elaborado no Concílio de Nicéia (325), ensina, como confissão de fé, o seguinte: “Creio em Deus-Pai, todo poderoso, Criador do céu e da terra; que criou todas as coisas, visíveis e invisíveis”. No entanto, no texto de Gênesis I-1, só fala da criação material: No princípio, Deus criou o céu e a terra: a terra estava vazia e informe. E Deus disse: exista a luz, e a luz existiu. E fez o firmamento, e separou as águas que estavam por cima do firmamento. As águas que estavam abaixo do céu, juntaram-se num só lugar, e apareceu o (elemento) árido... E Deus disse: produza a terra erva verde e dê semente e árvores frutíferas, que dêem frutos segundo a sua espécie, cujas sementes estejam nelas mesmas (para se reproduzirem) (...) E Deus fez dois luzeiros: o luzeiro maior, que presidiu ao dia, e o luzeiro menor, que presidiu à noite, e as estrelas. (...) E Deus criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, os quais foram produzidos pela água”.

### **B) A Criação do 1º Homem e da 1ª Mulher**

Eis a gênese antropológica descrita na Bíblia: I:26, Façamos o homem à nossa imagem, segundo à nossa semelhança. II:2, E havendo Deus terminado no sétimo dia a Sua obra que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. Então, formou o Senhor ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser uma alma vivente. O Senhor fez cair um pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a costela, que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-se numa mulher, e lhe trouxe.

### **C) Adão e Eva no Jardim do Éden**

No livro Gênesis, capítulo II, está escrito: “15) Tomou, pois, o Senhor ao homem e colocou-o no Jardim do Éden, para o cultivar e o guardar. 16) E lhe deu esta ordem: de todas as árvores do Jardim comerás livremente, 17) mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, não comerás; porque, no dia em que dela comeres, morrerás. III: 1) Mas a serpente, que era a mais sagaz de todos os animais selváticos, disse à mulher 4) Não morrerás, 5) porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se vos abrirão os olhos; e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. 6) Vendo a mulher que a árvore era boa para comer (...) tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu. 14) Então, o Senhor disse à serpente (...) 16) E à mulher (...) 23) O Senhor, pois, lançou-o fora do Jardim do Éden, a fim de lavrar a terra do que fora tomado. 24) E, expulso o homem, (Deus) colocou querubins, a oriente do Jardim do Éden, e o refulgiu de uma espada que revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida”.

### **D) A Herança do Pecado Original**

Chama-se pecado original a falta cometida por Adão e Eva, no Paraíso. Os teólogos ensinam que: “por causa da desobediência de Adão e Eva, entraram no mundo o mal, os sofrimentos e a própria morte; que todo ser humano, nascido de Adão e Eva, herdou deles o pecado original”.

Esta doutrina do pecado original foi estabelecida, como dogma oficial da Igreja, no Concílio de Trento (1545 – 1563). Em 1854, ao decretar a “Imaculada Conceição

de Maria”, o papa Pio IX ensinou que “todos os seres humanos já nascem infectados pelo pecado original” (11/08).

Comenta o autor protestante do livro “A Verdade que Conduz à Vida Eterna”: “Adão e Eva perderam a sua perfeição, e seus corpos começaram a entrar em colapso e, finalmente, deixaram de funcionar, na morte (73/31); todos os descendentes de Adão nasceram depois dele, de sua desobediência; assim, sua descendência herdou dele o pecado e a morte; todos os homens herdaram a sua imperfeição, porque todos descendem de Adão e Eva” (73/32).

### **E) O Batismo lava a mancha do Pecado Original**

Consta do Caderno Vozes, nº 49: “Será que a Bíblia Contradiz a si Própria?": como é que um pouco de água derramada ou espargida (...) pode produzir tão tremendo efeito na alma? A razão é que, quando da aplicação da água, ela é acompanhada de palavras prescritas por Nosso Senhor: este, pela sua Onipotência, comunica à água uma eficácia misteriosa (...) A água e as palavras, triviais talvez em si mesmas, trazem a assinatura de Nosso Senhor e, por isso, recebem uma força e um valor tremendos, que os fazem iguais ao grande efeito de introduzir a vida sobrenatural na alma do recebedor do batismo” (38/46).

\*\*\*\*\*

### **1.4.3. Conceito de Justiça Divina**

#### **A) Sobre a Morte e o Juízo Particular**

O cardeal Lépicier ensinou, no livro “O Mundo Invisível”, que “é um ponto de fé que, depois da morte, as almas daqueles que praticaram o mal nesta vida e não se arrependeram, são imediatamente condenadas a um eterno castigo; ao passo que as almas daqueles que praticaram o bem, são admitidas, ou imediatamente ou depois de certo tempo de expiação, à visão da Divina Essência, no céu” (54/118).

É o Juízo Particular, feito imediatamente após a morte, pelo qual o destino da alma fica definitiva e inapelavelmente decidido.

#### **B) A Salvação da alma dos Justos**

A Igreja lembra que: “fomos redimidos pelo sangue de Cristo na cruz; mas precisamos apagar a mácula do pecado original, através do batismo; necessitamos obedecer aos Dez Mandamentos da Lei de Deus e aos Cinco Mandamentos da Lei da Igreja, além de evitarmos a morte em estado de pecado mortal.

Através da Igreja aprendemos que só ela tem o poder de perdoar os pecados, pois Jesus afirmou que “a quem perdoardes os pecados, ser-lhe-ão perdoados” (38/12).

Informa o autor do Caderno Vozes “Será que a Bíblia Contradiz a Si Própria”: “Não há restrição a este poder divinamente dado: toda espécie de pecado, por mais grave e hediondo que seja, incide no escopo dessa incumbência” (38/13). O Divino mestre afirmou que “as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo quanto ligares na terra, será ligado também no céu” (38/17).

Entretanto, a salvação não é prometida apenas para os católicos. A Constituição

Dogmática “Lumen Gentium”, do II Concílio Vaticano, ensinou que “há fiéis católicos e não-católicos; mas o plano de salvação abrange também aqueles que reconhecem o Criador. Entre eles estão, em primeiro lugar, os muçulmanos que, professando manter a fé em Abraão, adoram conosco o Deus único, Misericordioso, Juiz dos Homens no último dia” (25/19).

### **C) A Condenação eterna dos Ímpios**

No dizer de Boaventura Kloppenburg, “Jesus falou do inferno, por isso não há reencarnação”, porque a crença na condenação eterna é incompatível com a crença na reencarnação. E a Igreja ensina que a alma recebe, no Juízo Particular, a sentença condenatória ou absolutória, definitiva e irrevogável. Só as almas conduzidas ao purgatório poderão sair de lá, em direção ao céu, mas só por intermédio das orações e das indulgências concedidas pela Igreja, e nunca pelo seu próprio esforço.

### **D) A 2ª Vinda de Cristo e o Juízo Final**

Antes de alguns capítulos bíblicos, o padre Matos Soares acrescentou títulos, como “a segunda vinda de Cristo”, “o Juízo Final” e a “Ressurreição da carne”. E muitos teólogos e pregadores acreditam que Jesus deverá voltar, nas nuvens, para separar suas ovelhas salvas.

Na Encicélia “Divinum Illud Múnus”, o papa Leão XIII acreditava que “Jesus viria ou mandaria, em seu lugar, o Espírito da Verdade ou Consolador Prometido”. Quanto ao “Dia do Juízo Final”, alguns textos bíblicos o descrevem como “o terrível dia do Senhor, o dia da ira do Senhor, o dia de trevas e escuridão”. Naquele julgamento final, os bons serão julgados dignos da vida eterna e ressuscitarão; ao passo que os maus serão condenados e lançados ao eterno sofrimento do inferno.

### **E) A Ressurreição da Carne**

Católicos, protestantes e muçulmanos acreditam na ressurreição final e na “união substancial entre a alma e o corpo físico”. É por isso mesmo que, invocando os textos de I Cor-XV:42-53, de JO-XIX:25 e outros, muitos teólogos afirmam que “cada homem ressuscitará no seu próprio corpo material”.

A autora católica Maria de Lourdes Ganzarolli, assegura que “cada homem ressuscitará com o seu próprio corpo físico; que haverá todas as faculdades que o corpo possuía antes do sepultamento, mesmo que tenha sido mutilado, seja disforme, e inclusive haverá distinção entre os sexos” (56/117).

\*\*\*\*\*

## **1.4.4. Alguns Ensinamentos Protestantes**

### **A) Os Fundamentos do Protestantismo**

A Reforma surgiu exatamente da tentativa de se reformar a Igreja de Cristo, que era sacudida pelas diversas heresias e influências do poder temporal. No início do século XVI, o monge Martinho de Lutero fundou a chamada “Igreja Reformada”. Lutero ensinou a crença na Divindade de Cristo, na Redenção da Humanidade, na predestinação das almas, no inferno, em milhões de demônios, no Juízo Final e na Ressurreição da carne. Dos sete sacramentos da Igreja, ele aboliu vários, inclusive a

crença no purgatório, deixando apenas “o batismo e a comunhão”.

Em fins de 1998, o Conselho Nacional de Igrejas Evangélicas informou que existem, atualmente, no Brasil, cerca de trezentas denominações religiosas evangélicas. Ora, pelo fato de não haver uma autoridade hierárquica, com poderes para interpretar e ensinar a mensagem bíblica, as interpretações divergentes vão dando lugar ao nascimento de cada vez mais Igrejas. Por isso mesmo, quando dizemos que os “protestantes” acreditam nisso ou naquilo, não pode ser aplicado a todos eles, naturalmente.

As Testemunhas de Jeová possuem, nos EUA, a Watchtower Bible and Tract Society de New York, que edita, mensalmente, revistas em cento e trinta e duas línguas, para divulgar a palavra de Deus. O livro: “A Verdade que Conduz à Vida Eterna” é de sua autoria, e está em conformidade com sua filosofia religiosa. “Adão e Eva foram criados perfeitos, sem defeitos físicos nem mentais, e tinham perspectiva de viverem eternamente” (73/27); e “foi o pecado original que trouxe ao mundo a morte, o sofrimento, e o mal; a violação da ordem divina não partiu de Eva mesma, mas lhe foi sugerida por uma criatura espiritual, que usou a humilde serpente para falar; na Bíblia, essa criatura espiritual é identificada como “Satanás” e, por isso mesmo, chamada de “a serpente original” (73/30).

Segundo as Testemunhas de Jeová, como criação de Deus, ele era igual a todos os outros milhões de seres angélicos filhos de Deus” (73/56). O diabo, porém, não foi a única criatura espiritual que se revoltou, voltando-se para a obediência e iniquidade. Em Daniel V-10, revela-se uma parte deles como sendo em número de cem milhões. (73/58).

O livro dos Mórmons ou Santos dos Últimos Dias fala da crença em Deus, em Jesus e no Espírito Santo; que os homens são punidos por seus pecados, e não pelo pecado de Adão e Eva; que mediante a expiação de Jesus Cristo, todo o gênero humano poderá ser salvo, por obediência às Suas leis. Eles acreditam no batismo por imersão, para a remissão dos pecados; na imposição das mãos, para receber o Espírito Santo; no dom das línguas; nas profecias, nas visões e nas curas; e acreditam que também “O Livro dos Mórmons” é a palavra de Deus. (35/27).

### **B) Diferentes Interpretações Bíblicas**

Lutero ensinou a “teoria da predestinação”, segundo a qual, ao nascer, a alma já recebe de Deus o mapa do seu destino: salvação ou condenação eterna. Entretanto, nem todos os evangélicos são luteranos, por isso possuem crenças diferenciadas.

**Para as Testemunhas de Jeová**, por exemplo, conforme o livro “A Verdade Que Conduz à Vida Eterna”, o fim deste sistema de coisas não será “o fim do Planeta Terra”. Não acabará toda a vida humana; os homens ímpios é que serão destruídos (II Pedro-III:7); desaparecerão os que constituem o “mundo incrédulo” (73/101); e a Terra voltará a ter uma condição paradisíaca (73/111).

### **C) Para uns, “a alma não é imortal, está sujeita à morte”.**

Declaram eles: “a alma que pecar, ela é que morrerá”. “A Bíblia não diz, em nenhuma vez, em qualquer dos seus versículos, que, quer a alma humana, quer a alma animal, seja imortal, imorredoura, não podendo ser destruída nem perecer. Há, porém, dezenas de textos mostrando que a alma pode morrer ou ser morta. Até mesmo a

respeito de Jesus, diz a Bíblia: Esvaziou-se a sua alma até a própria morte”. Vemos, assim, que a alma humana e a própria pessoa, e quando a pessoa morre, é a alma humana que morre” (73/37).

**Para outras correntes evangélicas.** “a alma veio do pó, e ao pó voltará”. Para esses, após a morte, a alma fica inconsciente, no pó, aguardando o Dia do Juízo Final, quando poderá receber a recompensa da Ressurreição da carne, com o mesmo corpo com que foi sepultado, ou permanecer inconsciente para sempre.

#### **D) Quem se salvará da Condenação Eterna?**

Se as almas ficam inconscientes, no pó, à espera do Juízo Final e da Ressurreição dos eleitos, não há lugar nem para a comunicação dos mortos, nem para a reencarnação, nem para a salvação ou a condenação eternas, ao menos antes do Juízo Final.

Entretanto, como não admitem a reencarnação, crêem que cada pessoa que já viveu, vive ou viverá na face da Terra, será um espírito novo, criado por Deus na hora do seu nascimento. E baseado no Apocalipse, apregoam que apenas 144.000 pessoas que estiverem marcadas com o selo do cordeiro, receberão a glória de ressurreição.

#### **E) Proibição da Transfusão do sangue humano**

O Livro “A Verdade que Conduz à Vida Eterna” mostra, também, que Jeová proíbe e condena a transfusão do sangue humano. Foi somente após o Dilúvio que Deus concedeu permissão para que a humanidade comesse carne de animais” (73/165). “Os médicos usam, deliberadamente, transfusão de sangue no tratamento de seus pacientes; mas, naturalmente, isso não está em harmonia com a vontade de Deus, e não devemos absorver sangue em nosso corpo” (73/167).

\*\*\*\*\*

### **1.4.5. Os Anjos, os Demônios e os Mortos**

#### **A) Origem dos Anjos**

Já no Antigo Testamento encontramos referências aos anjos e aos demônios, mas nenhuma alusão à sua origem nem criação por Deus. É lógico que, sendo Deus a Causa Primária de todas as coisas existentes, ele foi também dos demônios e dos anjos.

Para a Igreja Católica, o texto de Isaias-IV-14, refere-se à queda dos anjos do céu. Também o cardeal Lépicier, no seu livro “O Mundo Invisível” prega a crença na “Rebelião dos Anjos”. Para ele, “tendo sido criado em estado de perfeição, por sua natureza, a mente angélica nem se desenvolve pelo conhecimento sucessivo, nem está sujeita a qualquer enfraquecimento, nem que tal conhecimento tenha de passar por evolução sucessiva (54/34); mas, ao contrário de nós, os anjos possuem, desde o primeiro momento de sua existência, todo o conhecimento natural que lhes é peculiar” (54/33).

#### **B) O Poder dos Anjos, segundo a Igreja.**

O cardeal Lépicier escreveu que “os anjos (bons ou maus) possuem extraordinários poderes, que são, por vezes, tão surpreendentes, que chegam a nos parecer verdadeiros milagres; mas que, neste caso, não se trata de milagres” (54/73). Ele

atribuiu aos anjos, bons ou maus, a produção de todos os fenômenos maravilhosos, como a separação da água do mar, a descrição de lugares desconhecidos, e, também, a simulação da aparência e dos gestos de uma pessoa morta, além de inúmeros outros que ocorrem nas sessões de Espiritismo.

### **C) A Rebelião de Lúcifer e a Origem dos Demônios**

É ainda Ganzarolli quem nos diz que “a igreja não afirma categoricamente, mas através de seus mais eminentes doutores: Lúcifer, o mais brilhante e elevado na hierarquia angélica, sentiu-se preterido em seu amor-próprio, ao pressentir que algum dia teria que se prostrar diante de um homem (Jesus-Deus); que os anjos fiéis, chefiados por São Miguel, lutaram contra Lúcifer e seus companheiros, vencendo-os. Os anjos rebeldes (ou demônios) foram precipitados ao inferno para eles criado. O inferno, porém, não foi criado logo no princípio do Mundo (Mat-XXV:34): Deus só o criou após o pecado dos anjos” (56/42).

### **D) Os Demônios podem influenciar a Humanidade**

Segundo a teologia católica, uma parte dos anjos rebeldes foi precipitada aos infernos, onde permanece acorrentada e condenada aos suplícios eternos; outra parte de demônios perambula pelo mundo, com a finalidade de corromper e perder os seres humanos, na tentativa de conduzi-los também ao inferno.

O exorcismo católico – Até o II Concílio Vaticano, a Igreja admitia e ensinava que “o demônio podia tomar o corpo de uma pessoa, substituindo-lhes a alma, provocando distúrbios psíquicos e mesmo físicos. E, a fim de expulsarem o demônio do corpo da vítima, inventaram o “exorcismo”, que era processado com palavras de um sacerdote experimentado, até a completa expulsão do demônio daquele corpo. Entretanto, “a partir do II Concílio Vaticano, não existe mais exorcismo na Igreja Católica, pois foi abolido”.

### **E) Os Mortos não se comunicam com os Vivos**

Para as teologias católica e protestante, que acreditam na união substancial entre a alma e o corpo, o morto não poderá se comunicar com os vivos, enquanto não for ressuscitado. Igualmente, para os protestantes, a alma fica inconsciente, no pó da terra, até o dia da Ressurreição; portanto, não se comunicam com os vivos.

\*\*\*\*\*

## **1.5.0. O Vaticano, o Santo Ofício e as Heresias**

### **1.5.1. Heresias – do século I ao século IV**

#### **A) O que é uma Heresia?**

Heresia é uma doutrina que nega ou contradiz um ou mais dogmas de fé Católica. Herege, na definição do Direito Canônico, é uma pessoa “batizada na Igreja, que conserva o nome de Cristão, e acredita ou divulga uma heresia”. No correr dos séculos de sua existência, a Igreja Católica foi alvo de, principalmente, três tipos de heresias: as heresias trinitárias, que negavam a existência da Santíssima Trindade; as heresias cristológicas, que negavam os milagres de Jesus e a sua divindade; e as heresias

mariológicas, que negavam a maternidade divina de Maria.

### **B) As Heresias do século I**

Segundo o padre Raphael Galanti, em “História Universal”, nesse século I houve dois grupos de heresias: 1) as originárias do Judaísmo, ensinadas por Cerinto, pelos Ebionitas e pelos Nazarenos, que defendiam a necessidade de aplicação das leis de Moisés aos recém-convertidos; negavam a virgindade de Maria e a divindade de Cristo; 2) as originárias do Paganismo, ensinadas por Nicolau, Himeneu, Fileto e outros, que pretendiam guiar-se exclusivamente pela razão, através da qual discutiam a criação da matéria e a existência do mal no mundo (45/107).

### **C) As Heresias do século II**

Aqui aparecem quatro grupos: 1) as heresias de Valentim, de Marcião e de Cerdão, que admitiam a “doutrina dos dois princípios (isto é, a do bem e do mal); 2) o grupo de Montano, que pretendia limitar “o poder das chaves”; 3) o grupo de Praxéas, que negou a distinção entre as duas pessoas de Cristo; e 4) o grupo dos milenaristas, afirmando que, no fim do mundo, “os justos ficarão por mil anos nesta terra, a gozar de todos os prazeres” (45/107).

### **D) As Heresias do século III**

Nesse século houve dois grupos: 1) as heresias de Paulo de Samosata, bispo de Antioquia, que ensinava haver duas pessoas em Jesus, sendo uma divina e outra humana; 2) as de Manes ou o maniqueísmo, que admitia a “teoria dos dois princípios” (o do bem e do mal) coexistindo eternamente; tal como o masdéismo persa, ele atribuiu a criação do mundo aos dois princípios opostos (à Essência do Bem, que é Deus, e à Essência do Mal, que é o diabo). Santo Agostinho foi maniqueísta dos 19 aos 28 anos (45/107).

### **E) As Heresias do século IV**

Aqui se destacaram quatro tipos de heresias: 1) a de Áriou ou Arianismo, bispo de Alexandria, que negava a divindade do Verbo, a divindade de Jesus e sua substancialidade como Pai Eterno (sua heresia foi condenada pelo Concílio de Nicéia); 2) a Heresia de Pelágio ou Pelagianismo, sacerdote inglês (360-440) e Celéstio, pela qual negavam o pecado original e sua conseqüente herança pelos descendentes de Adão e Eva, também negavam a necessidade da graça sobrenatural; 3) a dos donatistas, criada por Donato, que havia feito um cisma na África; depois de condenado por diversos Concílios, os donatistas tomaram o nome de circuncelões; 4) e finalmente o grupo dos albigenses, que eram um ramo dos maniqueístas, com sede em Álbí, na França; eles negavam os sacramentos, a encarnação do Verbo, a Ressurreição da carne e outros dogmas católicos: o papa Inocêncio III pregou contra eles uma cruzada religiosa (45/111).

\*\*\*\*\*

## **1.5.2. Heresias do século V ao século VIII**

### **A) Heresias do século V**

Nesse século, continuaram as heregias de Pelágio, de Celéstio, dos semipelagianistas, de Dióscoro, de Nestório e de Eutiques. Os seguidores de Pelágio e de Celéstio foram condenados por dois Concílios, nos quais Santo Agostinho defendeu a Igreja



com tanta firmeza que recebeu o título de “Doutor da Graça” (45/146).

Nestório era arcebispo de Constantinopla. Ele negava a união hipostática de Cristo com Deus e negou a divindade de Cristo. Ele ensinava que Maria não era a mãe de Deus, mas apenas de Jesus. Para ele, havia duas naturezas em Jesus Cristo, uma divina e outra humana, as quais — embora unidas em perfeita harmonia— não formavam um indivíduo único; por isso, Maria não era, como se proclamava, a Mãe de Deus, mas apenas a mãe de Jesus. O concílio de Éfeso (531) condenou a heresia e decretou, como artigo de fé católica, que “Maria é a verdadeira mãe de Deus.

Em 1931, o papa Pio XI publicou a encíclica “Lux Veritatis”, sobre o Concílio de Éfeso: “Esse homem arrogante, julgando que havia duas hipóteses perfeitas, vale dizer: a humana de Jesus e a divina do Verbo, e que elas se houvessem reunido numa pessoa comum, negou essa admirável união substancial das duas naturezas, à qual chamamos de hipostática; ensinou que o Verbo Unigênito de Deus não se fizera homem, mas estava presente na carne humana pela sua habitação... Daí, concluiu que Jesus não devia chamar-se Deus, mas portador de Deus (22/09); assim sendo, necessariamente deduziu que a Beatíssima Virgem Maria não era a verdadeira Mãe de Deus, porém, antes, Mãe de Cristo-homem, ou “recebedora de Deus”.

Eutiques era um monge de Constantinopla. Ele ensinava que, em Jesus Cristo, a natureza humana estava misturada com a divina, formando uma só pessoa, daí o nome de monofisismo (45/146); devido à sua Heresia, ele foi condenado pela Igreja.

Dióscoro, Patriarca de Alexandria, ensinava haver em Cristo uma só natureza, que era divina; ele expôs sua doutrina no Concílio de Éfeso (449); entretanto, mais tarde, os monofisistas foram derrotados no Concílio de Calcedônia.

Os albigenses ou cátaros (isto é, puros), tinham seu centro de difusão em Albi, na França e pregavam idéias maniqueístas, tentando harmonizar o pensamento cristão com a doutrina persa de Zoroastro, enfatizando a oposição entre o bem e o mal; eles sustentavam que o corpo humano era impuro e representava o mal, enquanto a alma era pura e representava o bem.

### **B) O Cisma de Acácio**

No século V, ainda, a Igreja foi sacudida pelo Cisma de Acácio, arcebispo de Constantinopla (482 – 518). Acácio ensinava haver em Jesus Cristo apenas uma natureza, a divina, e não a humana. O papa Leão I excomungou-o, e ele se desligou da Igreja Romana, provocando um Cisma.

### **C) As Heresias do século VI**

Nesse século, o bispo de Mopsueto escreveu uma obra intitulada “Os Três Capítulos”, na qual apoiava a heresia de Nestório, já condenado pela Igreja; então, o papa Virgílio (538 – 559) convocou um Concílio e impôs a proscricção do livro (34/148).

### **D) As Heresias do século VII**

São mencionadas as Heresias de Cycro, de Pyrro e o Islamismo de Maomé (47/148). Tendo publicado sua doutrina em 610, Maomé começou a pregar a “guerra santa”, cujo objetivo era implantar a religião do Islã em todos os cantos do mundo, com o poder das armas (157 – 234).

### **E) As Heresias do século VIII**

Destacaram-se, aqui, os iconoclastas e os jacobitas. Os iconoclastas eram destruidores de imagens; seu movimento foi uma reação contra o culto das imagens pela

Igreja. A partir de 730, os iconoclastas depredaram as igrejas. A reação do clero foi violenta, e o culto das imagens, que até então estava oficialmente abolido, intensificou-se com aquela proibição. Em 843, o culto delas foi oficialmente restabelecido pela Igreja. O Concílio de Nicéia (787) já havia condenado os iconoclastas e definido como lícita e pia a veneração das relíquias e das santas imagens (45/150).

\*\*\*\*\*

### **1.5.3. As Heresias do século IX ao XII**

#### **A) As Heresias do século IX**

Em “História Universal”, o padre Raphael Galanti observou que, por ensinar doutrinas heréticas na época, Fócio foi excomungado pelo papa João VIII (45/151). E nenhuma outra Heresia apareceu durante aquele século.

#### **B) As Heresias do século X**

Galanti ainda informou que o fim do século IX, todo o século X e parte do XI foram as épocas mais difíceis atravessadas pela Igreja (45/152). Durante esse século, a Igreja foi agitada pelas antigas Heresias dos cátaros (ou puros), que se baseavam no maniqueísmo e pretendiam ter absoluta pureza de costumes.

#### **C) O Cisma do Oriente, por Miguel Cerulário**

Em 1054, o Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, liderou um Cisma que veio separar a Igreja Romana da Igreja Ortodoxa, depois de velhas *divergências* existentes entre elas (180/632).

#### **D) As Heresias do século XI**

Durante o século XI não apareceu nenhuma Heresia nova; entretanto, os albigenses, durante os séculos XI e XII, combateram o papado, a propriedade privada, a missa e o culto dos santos. Os albigenses eram um ramo do maniqueísmo; eles negavam a Encarnação do Verbo, os Sacramentos, a Ressurreição e outros dogmas; mas eles foram liquidados pela Santa Inquisição (45/154). Berengário e seus adeptos negavam a presença real de Jesus na Eucaristia; por isso, a Igreja reagiu contra ele e seus seguidores, elevando a hóstia, na hora da missa, e convertendo essa prática em sacramento (45/154).

#### **E) As Heresias do século XII**

Nesse século tivemos Abelardo de Roscelino, Arnaldo de Brescia e os albigenses, além das seguintes Heresias: a de Tarqualino, que apregoava um sem número de erros grosseiros na Holanda; 2) e a de Eon de Estrela, fidalgo bretão que perverteu muita gente, fazendo crer que ele era o próprio filho de Deus; 3) a dos paulícios, dos cátaros, dos Patharinos, dos Bengardos, que, sendo maniqueístas, confundiam-se com os albigenses (45/210).

Valdos foi um negociante de Lião, chefe dos valdenses. Ele ensinava que todos os cristãos são sacerdotes, e que o Evangelho proíbe possuir bem temporais; que o divórcio era lícito; e que o culto dos santos era uma idolatria. Entre 1170 e 1176, Valdos começou a negar a autoridade papal, bem como a validade dos sacramentos

ministrados pelos maus sacerdotes. Os valdenses, também chamados de “os pobres de Lião”, foram condenados pelo Concílio de Verona, realizado em 1184.

\*\*\*\*\*

#### **1.5.4. As Heresias dos séculos XIII ao XVI**

##### **A) As Heresias dos séculos XIII e XIV**

Nenhuma Heresia a destacar durante o século XIII; entretanto, no século XIV, sobressai a presença do pré-reformador Jonh Wiclief (1324 – 1384), religioso inglês e professor de Teologia de Oxford. Ele combatia diversos aspectos do catolicismo: a cobrança de tributos eclesiásticos, a posse de bens pelos sacerdotes e ordens religiosas, o comércio das indulgências, o culto dos santos e das relíquias, além do celibato clerical; negava a doutrina da transubstanciação, e apresentava a Bíblia como única fonte de fé (151/377); atacava a supremacia dos papas, a confissão auricular, os votos monásticos. A reação da Igreja foi cruel, aprovando, no Parlamento, em 1401, uma lei que decretava a pena de morte na fogueira para quem fosse reconhecido culpado de Heresias pelos Tribunais Eclesiásticos (151/302).

##### **B) O maior de todos os Cismas: três papas ao mesmo tempo**

Segundo o “Dicionário de História da Civilização”, fazia, em 1378, apenas um ano que o papado tinha voltado de Avinhão, na França, para Roma, quando morreu o papa Gregório XI. Temendo que o novo papa fosse estrangeiro e levasse novamente a sede do papado para outro país, o povo cercou o Palácio Papal de Roma e fez manifestações, no sentido de que os cardeais escolhessem um sucessor italiano. Foi eleito o arcebispo italiano de Bari, que tomou o nome de Urbano VI. Todavia, pouco depois, alguns cardeais alegaram que a eleição do papa tinha sido feita sob coação, e elegeram um cardeal suíço, que tomou o nome de Clemente VII e foi morar em Avinhão — passando a haver dois papas ao mesmo tempo. A França e seus aliados (Portugal, Castela, Nápoles e Lorena) obedeciam ao papa suíço Clemente VII, de Avinhão; mas a Inglaterra, a Polônia, a Dinamarca e a Suécia obedeciam ao papa Urbano VI, de Roma. Não havia nenhuma diferença de culto nem de doutrina entre os dois partidos, mas cada um deles se considerava o autêntico, o legítimo e único papa (157/271).

Numa tentativa de solucionar o impasse, a Universidade de Paris solicitou e recebeu dez mil sugestões, as quais propunham, acima de tudo, um novo Concílio Ecumênico. Foi então realizado o Concílio de Pisa (1409). Esse Concílio depôs os dois papas existentes (Urbano VI e Clemente VII), nomeando um terceiro papa — o que resultou em três papas ao mesmo tempo. Depois, em 1414, fizeram o Concílio de Constança, que elegeu o papa Martinho V, italiano; apesar disso, a paz só voltou com a eleição do papa Nicolau V (45/212).

##### **C) Os hereges e pré-reformadores do século XV**

John Huss (1370 – 1415) foi um reformador religioso da Boêmia e seguidor das idéias de Wiclief; ele ensinava que a Igreja é uma sociedade de predestinados, e condenava a obediência religiosa. Na sua opinião, o papa é o Anticristo; a Escritura

é a única fonte de fé; ao clero não é lícito possuir bens temporais. Ele reprovava, também, a comunhão sob uma única espécie (ou só pão, ou só vinho); negava o culto da Santíssima Virgem Maria e dos Santos (45/208). Por tudo isso, Huss foi condenado à morte pelo Concílio de Constança (1414 – 1418) e queimado vivo, juntamente com o seu companheiro de idéias, Jerônimo de Praga (180/1054).

#### **D) Os Reformadores Protestantes**

**Martinho de Lutero (1483 – 1546)** foi um teólogo e reformador alemão que, a partir de 1519, passou a negar o dogma da “infallibilidade dos Concílios e o primado dos papas”. Em 1521, ele foi excomungado e banido do império pela Dieta de Worms, mas encontrou proteção em Frederico de Saxe. Depois disso, escreveu contra os votos monásticos, contra a missa e o celibato clerical (180/1260).

**Zwinglio (1484 – 1531)** fez a Reforma, na Alemanha. O sacerdote, em 1508, atacava as indulgências, o celibato clerical e a missa. Exigia mais seriedade na religião, e seus sermões protestavam antes mesmo da rebelião de Lutero. Pregava a idéia de que o Cristianismo deveria voltar à antiga simplicidade de organização e veneração. Por volta de 1520, atacou publicamente a vida monástica, o purgatório e a invocação dos santos, bem como a obrigatoriedade do pagamento de dízimos à Igreja.

O Luteranismo tinha se propagado extraordinariamente na Alemanha, com Zwinglio; na Suíça francesa e nos Países Baixos, com Calvino; e, em pouco, dividiu as opiniões religiosas.

**João Calvino (1509 – 1564)** foi um reformador francês: sua doutrina da justificação pela graça é resultante da crença na predestinação absoluta (178/412).

**O rei Henrique VIII, da Inglaterra,** fez-se chefe da Igreja em 1531, por uma Assembléia do Episcopado britânico, a qual anulou o seu casamento — anulação essa que tinha sido recusada pelo papa. Depois, sob a orientação do próprio rei, o Parlamento inglês proclama a existência de uma Igreja Anglicana, chefiada pelo rei, sem missa e sem celibato clerical (157/15).

**John Knox (1505 – 1572)** divulgou a Reforma na Escócia, seguindo Lutero e Wiclief. Ele chamou a Igreja Romana de “Sinagoga de Satanás”, igualando-a a horrível fera descrita no Apocalipse. Adotou a doutrina luterana, segundo a qual o homem se salva “somente pela fé, e que o sangue de Jesus Cristo nos purga de todos os pecados”.

#### **E) O conteúdo da Reforma Protestante**

A Reforma negou vários dogmas católicos, além de reduzir os sacramentos apenas ao batismo e à eucaristia. Ela só reconhece a Bíblia, como fonte de fé, a qual pode ser individualmente interpretada, porque todos têm assistência do Espírito Santo para discernir a verdade do erro (180/1126).

As principais afirmações da Reforma são as seguintes: a corrupção radical do homem, por causa do pecado original; a redenção pela morte de Cristo na cruz, sem colaboração alguma do próprio homem; a predestinação, por parte de Deus, à salvação ou condenação eterna de cada indivíduo; a autoridade exclusiva da Sagrada Escritura, sem auxílio da Tradição Oral e sem interpretação da Igreja; a supressão de qualquer mediação da Igreja (57/64).

\*\*\*\*\*

## **1.5.5. As Heresias do século XVII ao século XX**

### **A) As Heresias do século XVII**

Nesse século, o teólogo holandês Cornélio Jansen (1585 – 1638) pregou uma heresia sobre a graça, a predestinação e o livre arbítrio. Ele ensinou que, depois da queda do paraíso, nunca mais a vontade humana foi inteiramente livre (180/1129). Sem sair do catolicismo, ele professava um extremo rigorismo moral; combatia a comunhão freqüente, o culto ao Sagrado Coração de Jesus e vários outros aspectos da Igreja Católica; por isso, foi condenado pelo papa Urbano VI, juntamente com o Jansenismo (45/292).

### **B) As Heresias do século XVIII**

Nesta época, balançaram a Igreja Católica: a Maçonaria, o ateísmo, o naturalismo, o racionalismo, o panteísmo, as doutrinas modernistas, o liberalismo e a Revolução Francesa. A todos esses movimentos a Igreja se opôs para preservar a fé, a revelação divina e sua autoridade. E diversas encíclicas foram escritas para combater as heresias e perigos do século.

### **C) As Heresias do século XIX**

Nesse século, voltou a Igreja a enfrentar a divulgação das crenças no Panteísmo, no naturalismo, no racionalismo, no comunismo, no socialismo, no evolucionismo de Darwin, nas Mesas Girantes e no Espiritismo codificado por Allen Kardec.

Em 1846, o papa Pio IX redigiu a encíclica “Qui Pluribus”, sobre os erros contemporâneos e os meios de os combater. Nela, ele menciona as “doutrinas falsas de toda espécie, tais como as disseminadas Sociedades Bíblicas que, renovando as antigas maneiras dos hereges, não deixam de adulterar o significado dos livros sagrados, traduzindo-os em uma língua vulgar qualquer, contra as regras santíssimas da Igreja, e os distribuindo gratuitamente, em avultado número de exemplares, com altos gastos, aos homens de qualquer condição ainda que rudes; a tais sociedades Gregório XVI reprovou, e, igualmente, nós também reprovamos” (10/10).

Também em 1846, o papa Pio IX publicou outra encíclica “sobre o Panteísmo, o Naturalismo e o Racionalismo Absoluto”, em que volta a defender a posição oficial da Igreja a esse respeito. Referindo-se ao Socialismo, ao Comunismo, às Sociedades Secretas, às Sociedades Bíblicas e às Sociedades Clérigo-Liberais, ele asseverou que “estas pestes, muitas vezes com palavras gravíssimas, foram reprovadas por diversas encíclicas” (op. cit. 18).

O mesmo papa, em 1854, publicou uma encíclica “Sobre as Doutrinas Errôneas”, afirmando que “os inimigos da religião começam por negar primeiro o pecado do homem e sua subsequente decadência, e afirmam que o pecado original e todos os males dele decorrentes são meras fábulas” (12/15).

Em 1854, ainda o papa Pio IX elaborou a encíclica “Inefábilis Deus”, decretando o dogma da Imaculada Conceição de Maria. (11/03).

“Assim, desde o princípio e antes dos séculos, escolheu e pré-ordenou para seu filho, uma mãe, na qual Ele se encarnaria e da qual nasceria; e, de preferência a qualquer outra criatura, fê-la alvo de Seu amor. Por isso, cumulou-a admiravelmente, mais do que a todos os anjos e a todos os santos, de todos os dons celestes, tirados do tesouro de sua divindade (11/03). Assim, sempre absolutamente livre de toda mancha

do pecado, toda bela e perfeita, ela possui uma tal plenitude de inocência e de santidade que, depois de Deus, não se pode conceber outra maior” (11/03).

“A Igreja Católica é “a coluna e a base da verdade”, e sempre considerou como divinamente revelada esta doutrina acerca da inocência original da Augusta Virgem (...) e, como tal, nunca cessou de explicá-la e ensiná-la” (11/04).

Em 1861, redigiu ele a encíclica “Quanta Cura e o Silabo”, sobre os erros do Naturalismo e do Liberalismo: “Ousam dizer que a autoridade suprema da Igreja depende absolutamente do poder civil, ao qual deve submeter-se. À Igreja não assiste o direito de punir, com penas temporais, os infratores de suas leis; a propriedade dos bens possuídos pela Igreja, por ordens religiosas e outras obras pias, devem submeter-se à autoridade civil” (13/08).

Mais tarde, em 1879, o papa Leão XIII editou a encíclica “Aeterni Patris”, sobre a Filosofia Cristã, ensinando que “a causa dos males que nos afligem consiste em opiniões errôneas sobre as coisas divinas e humanas” (15/03).

O mesmo papa, em 1884, publicou a encíclica “Humanus Genus”, sobre a Maçonaria, na qual combate os ensinamentos naturalistas, que propagam: “em todas as coisas, a razão deve ser senhora e soberana”; e ainda: “é preciso separar a Igreja do Estado” (16/16). Na opinião do papa, “quanto à pretensão de fazer o Estado completamente alheio à religião, é uma temeridade sem exemplo” (16/21); e deu ordem para que “todo católico, se quiser ter para sua salvação o cuidado que merece, não pode filiar-se à seita dos maçons” (16/28).

#### **D) As Heresias do século XX**

Em 1904, o papa Pio X renova o decreto da Imaculada Conceição de Maria: “Há 50 anos, nosso predecessor, Pio IX, declarou e proclamou ser de revelação divina que Maria foi totalmente isenta da mácula original desde o primeiro instante de sua concepção”.

Em 1906, o mesmo papa publica a encíclica “Vehemens Nos”, sobre as relações entre a Igreja e o Estado, na qual começa confessando: “Nossa alma fica cheia de dolorosa solicitude, e o nosso coração se enche de angústia, em seguida à promulgação da lei que quebra violentamente os laços seculares pelos quais a França estava unida à Santa Sé Apostólica” (19/01). E continua: “Acontecimento sem dúvida dos mais graves, tão funestos à sociedade civil, como à religião, visto laicizar as escolas e hospitais; arranca os clérigos de seus estudos e à disciplina eclesiástica, para obrigá-los ao serviço militar; ab-rogou a lei que ordenava preces públicas no início de cada sessão parlamentar e na abertura dos Tribunais; suprimiu os sinais de lutos tradicionais, a bordo dos navios, nas sextas-feiras santa; riscou do juramento judiciário aquilo que lhe fazia o caráter religioso” (19/02).

“Separar o Estado da Igreja é uma tese absolutamente falsa, um erro perniciosíssimo (19/06); é uma negação claríssima da ordem sobrenatural e aflige graves danos à própria sociedade civil (19/09). Separando-se da Igreja, o estado cristão, seja qual for, comete um ato eminentemente funesto e censurável (19/11). Nós reprovamos e condenamos a lei, votada na França, sobre a separação entre a Igreja e o Estado, como uma lei profundamente injuriosa para Deus; reprovamo-la e condenamo-la como gravemente ofensiva à dignidade desta Sé Apostólica, para nossa pessoa, para o

Episcopado, para o clero e todos os católicos franceses” (19/29).

O Papa Pio X publicou, em 1907, a encíclica “Pascendi Dominice Gracis” e o “Decreto Lamentabilis”, sobre as Doutrinas Modernistas. Segundo ele, “estes inimigos da Revelação Divina, que exaltam, com os maiores louvores, o progresso humano, desejariam, com temerário e sacrílego atrevimento, introduzi-lo na religião católica, como se a mesma não fosse obra de Deus, mas obra dos homens ou de alguns sistema filosófico, que se possa aperfeiçoar por meios humanos; como se a divina revelação fosse imperfeita e, por isso, estivesse sujeita a contínuo e indefinido progresso, correspondente ao da razão humana” (20/28).

“Nós consideramos os livros sacros como escritos por inspiração do Espírito Santo, tendo Deus por autor; afirmamos que negar isso equivale a atribuir a Deus a mentira de utilidade oficiosa (20/36). Desejam que o clero volte à antiga humildade e pobreza (20/38). Parece-nos que só um demente ou, pelo menos, um rematado imprudente o pode admitir, sem exame, por verdadeiras, tais experiências íntimas apregoadas pelos modernistas (20/39). Queremos e mandamos, terminantemente, que a Filosofia Escolástica seja tomada por base nos estudos, principalmente a de Santo Tomás de Aquino (20/45). Todo aquele que tiver tendências modernistas, seja ele quem for, deve ser removido; como aqueles que se mostram amigos de novidades em matérias históricas, arqueológicas e bíblicas.” (20/48).

“Se em vossas dioceses circulam livros perniciosos, procurai energicamente proscrevê-los. O remédio já chega tarde, porque a demora facilitou a infiltração do mal (20/51). Não basta impedir a leitura ou venda dos livros maus; cumpre, outrossim, impedir-lhes a impressão. Se for favorável, o Bispo permitirá a impressão com a palavra “imprimatur” (imprima-se)”, que deverá ser precedida do “nihil obstat” (nada obsta) e do nome do censor (20/52). É proibido ao sacerdote secular tomar a direção de jornais ou periódicos, sem prévia autorização do Ordinário” (20/54).

“Os inimigos da religião hão de valer-se disso para, de novo, repisar a velha acusação com que procuram fazer-nos passar por inimigos da ciência e do progresso da civilização” (20/59).

Depois, em 1910, o papa Pio X divulgou a encíclica “Notre Charge Apostolique”, sobre os erros de Sillon: “Convém censurar a pretensão do Sillon de escapar à direção da autoridade eclesiástica (21/06). Se as suas doutrinas fossem isentas de erro, já teria sido uma falta muito grave à disciplina católica; mas o mal ainda é mais profundo: o Sillon, arrastado por um mal compreendido amor ao fraco, descambou para o erro (21/08). O Sillon propõe o reerguimento e a regeneração das classes operárias; ora, sobre esta matéria, os princípios da doutrina católica são fixos” (21/09).

“Mesmo na ordem econômica, subtraindo uma classe particular, o patronato será multiplicado de tal modo que cada operário se tornará uma espécie de patrão; a forma invocada para realizar esse ideal não é o Socialismo; é um cooperativismo suficientemente multiplicado para provocar uma concorrência fecunda e para salvaguardar a independência dos operários (21/15). Mas os horizontes do Sillon não se detêm nas fronteiras da pátria, se estendem a todos os homens, até os confins do mundo; o coração humano, alargado pelo amor do bem-comum, abraçaria todos os companheiros de uma mesma profissão, todos os compatriotas, todos os homens. Eis a grandeza

e a nobreza ideal realizada pela célebre trilogia: Liberdade, Igualdade e Fraternidade!” (21/16).

“O Sillon coloca a autoridade pública primordialmente no povo: inteiramente contrário é o pensamento dos católicos, o qual faz derivar de Deus o direito de mandar. Ora, Leão XIII condenou esta doutrina, na Encíclica *Diuturnum Illud*: ele refutou, de antemão, esta tentativa de conciliação entre a doutrina católica e o erro do filosofismo (21/20). Se o povo continua detentor do poder, o que vem a ser da autoridade? — Uma sombra, um mito: não haverá mais leis propriamente ditas; não mais obediência à cidade para a qual trabalham; não haverá mais mestres nem servidores; os cidadãos serão ali todos livres, todos camaradas, todos reis (21/21). Assim, só a Democracia inaugura um reino de perfeita justiça? Não é isso uma injúria às outras formas de governo, que são rebaixadas, por este modo, à categoria de governos impotentes, apenas toleráveis?” (21/22).

“O mesmo acontece com a noção de fraternidade, cuja base coloca o amor dos interesses comuns além de todas as filosofias e religiões, na mais ampla noção de humanidade, englobando assim, no mesmo amor, numa igual tolerância, todos os homens, com suas misérias, tanto as intelectuais e morais, como as físicas e temporais. Separando da fraternidade Cristã, a Democracia, assim estendida, longe de ser um progresso, constituiria um desastroso recuo para a civilização (21/23). O Sillon coloca uma falsa idéia de dignidade humana. Segundo eles, o homem só será verdadeiro homem, digno deste nome, no dia em que adquirir uma consciência esclarecida, forte, independente, autônoma” (21/24).

Em 1937, Pio XI redigiu a Encíclica “*Divini Redemptori*”, sobre o comunismo ateu, afirmando: “povos inteiros se acham no perigo de recair na pior barbárie: o comunismo bolchevista e ateu, que visa subverter a ordem social e abalar os próprios fundamentos da civilização cristã (23/03).” Anos antes, em 1845, Pio IX fulminou solene condenação contra aquela nefanda doutrina; ainda Leão XIII, na encíclica “*Quod Apostolice Numeris*”, definiu-o como “a peste mais destruidora que, infeccionando a medula da sociedade humana a levaria à ruína. E nós mesmos, em nossas encíclicas de 1931, 1932 e 1933, também o acusamos” (23/05).

“O Comunismo moderno oculta, em si, uma idéia de falsa redenção, determinando um pseudo ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade no trabalho (23/08). Tal doutrina ensina que não existe senão uma única realidade, a material, com suas forças cegas, a qual, por evolução, se torna planta, animal e homem. Nessa doutrina, como se vê, não há lugar para a idéia de Deus; não há diferença entre o espírito e a matéria, nem entre a alma e o corpo; não existe sobrevivência da alma depois da morte, nem há portanto esperança alguma em outra vida” (23/09).

“Negam a existência do vínculo matrimonial e negam a indissolubilidade do vínculo matrimonial; proclamando o princípio da emancipação da mulher, afastam-na da vida doméstica e da administração da prole, para levá-la à vida pública e às atividades coletivas (23/11). O comunismo começou perverso, mas mudou de roupagem, para iludir o povo (23/57). Os pobres são as maiores vítimas dos embusteiros, que exploram sua miserável condição, para lhes despertar a inveja e incitá-los a tomarem por si, pela força, aquilo que lhes parece injustamente recusado pela fortuna” (23/61).



Em 1950, o papa Pio XII elaborou a encíclica “*Humani Generis*”, sobre algumas Doutrinas Errôneas e nela opinou: “O Evolucionismo, que nem mesmo no campo das ciências naturais está indiscutivelmente demonstrado, com ousadia temerária se entrega à hipótese monista e panteísta de um universo sujeito às leis de uma evolução contínua; desta hipótese se aproveitam os fautores do comunismo para propugnarem e exaltarem o seu “materialismo dialético” e arrancar das mentes a idéia de Deus (24/05); as falsas afirmações de tal evolucionismo, no qual se repudia tudo o que é absoluto, firme e imutável, prepara caminho às aberrações de uma nova filosofia; e, rejeitando a essência imutável das coisas, só se preocupam com a existência de cada indivíduo” (24/06).

“O Magistério Eclesiástico é apresentado por eles como um empecilho ao progresso e um estorvo para a ciência; põem em perigo a autoridade das Sagradas Escrituras, a deturpar a definição do Concílio do Vaticano, a respeito da doutrina que diz ser o Senhor o seu autor; negam que o mundo tenha tido um início e afirmam que Deus não tem presciência eterna e infalível das ações livres dos homens (24/24); chegam a destruir o conceito de pecado original, bem assim o conceito da satisfação que Jesus Cristo deu por nós (24/25); não falta quem sustente que a Doutrina da Transubstanciação, porquanto fundada no conceito de substância já antiquado, deve ser corrigida; e alguns reduzem a uma forma vã a necessidade de pertencer à verdadeira Igreja para obter salvação eterna” (24/26).

“É deveras para deplorar que hoje a filosofia confirmada e admitida pela Igreja seja objeto de desprezo por parte de alguns, a ponto de, com imprudência, declará-la antiquada na forma racionalista e pelo processo do pensamento. Mas nenhum católico pode pôr em dúvida o quanto isso seja falso, especialmente em se tratando de sistemas como o imanentismo, o idealismo, o materialismo, seja histórico ou dialético” (24/32).

“A doutrina do Evolucionismo investiga a origem do corpo humano, que proviria da matéria orgânica pré-existente (a fé católica nos obriga a professar que as almas são criadas imediatamente por Deus) (24/35). Os filhos da Igreja não gozam da mesma liberdade, pois os fiéis não podem abraçar opiniões cujos autores ensinam que, depois de Adão, existem, na terra, verdadeiros homens que não tiveram origem por via de geração natural (24/36). Os onze primeiros capítulos do Gênese pertence ao gênero histórico em verdadeiro sentido, mas que devem ser ainda mais estudados (24/37)”.

### **E) A Igreja, o Santo Ofício e a Comunicação com os Mortos**

A Igreja Católica proíbe evocar os mortos e manter comunicação com eles, por se tratar de uma proibição divina e eclesiástica.

**1) É uma proibição divina**, porque está na Bíblia: Êxodo-XXII: 18 – Não deixarás viver os feiticeiros; Levítico-XIX:31 – Não vos dirijais aos magos, nem interrogueis os adivinhos, para não vos contaminardes no meio deles; XX:6 – A pessoa que se dirigir a magos e adivinhos, e tiver comunicação com eles, eu porei o meu rosto contra ela e a exterminarei meio do seu povo; 27 – O homem ou mulher em quem houver espírito pitônico, sejam punidos de morte; Deuteronomio XVIII: 10-14 – Não se ache entre vós (...) quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros (...) nem quem consulte pitões ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade; I Reis-XXVIII: 5-25 – A história do rei Saul, que foi consultar uma Pitonisa. Em I

Paralipômenos (X:13) suas conseqüências: Morreu, pois, Saul, por causa de suas iniquidades (...) além disso, tinha consultado a Pitonisa; por isso, ele o matou e transferiu o seu reino para Davi; IV Reis-XVIII:19,2 — enumerando os crimes de Israel, pelos quais foram castigados: “E entregaram-se a adivinhações, provocando a sua ira. E o Senhor se indignou contra Israel, e os rejeitou diante de sua face”.

2) **É uma proibição Eclesiástica** – Como distribuidora da revelação divina e responsável pela salvação das almas, a Igreja proibiu o espiritismo em 1840. 1856, depois em 1882, 1889, 1898, 1915, 1930, 1931, 1950, 1953, 1955, 1960 e até hoje.

No capítulo 2.5.0 até 2.5.5.E) o leitor acompanhará toda a campanha Antiespírita, internacional e nacional, movida contra a Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec.

## SEGUNDA PARTE (Antítese)

### A era da fé científica e raciocinada

#### 2.1.0. Nasce a Consciência Científica

##### 2.1.1. Nossos Antigos Conhecimentos Clássicos

###### A) Até bem pouco tempo atrás

Até há bem pouco tempo, a Bíblia nos parecia fora do tempo e do espaço. Nós acreditávamos que a civilização tivesse começado da Era Clássica, e não havia lugar para a história da Bíblia. Já percebíamos uma falta de ligação entre a história bíblica e a civilização clássica, mas faltavam-nos imprescindíveis elementos de ligação entre elas. E foi só no início do século XIX, com a decifração da “Pedra de Roseta”, por Champollion, que descobrimos a antiga civilizações do Egito, depois a da Assíria e inúmeras outras civilizações e culturas já extintas. Ainda nos faltam alguns elos entre o passado e o presente, mas a Bíblia já tomou seu lugar na história, como contemporânea e posterior a importantes povos, culturas e religiões.

###### B) Algumas lembranças da Era Clássica.

###### 1) Alexandria

Na série “Cosmo”, que foi televisionada em 1982 para o planeta inteiro e assistida por mais de 500 milhões de pessoas, o astrônomo Carl Sagan, da Universidade de Cornell, ensinou: “No ano 331 aC, Alexandre Magno, estadista macedônio, subiu ao trono do Egito e foi recebido como “filho do deus Amon”; depois, construiu a cidade de Alexandria, que veio a ser um dos mais importantes centros culturais do mundo antigo. O maior tesouro da Alexandria foi a sua biblioteca: os organizadores pesquisaram todas as culturas e línguas do mundo, procurando “livros” e conhecimentos escritos: navios mercantes, que ancoravam em Alexandria, eram revistados pela polícia marítima, não para procurar contrabando, mas apenas livros. Escritos eram apreendidos, emprestados, copiados e depois devolvidos aos seus donos. E até serem

estudados, os “livros” eram guardados em grandes pilhas, chamadas “livros dos navios”. Números precisos são difíceis de serem estimados, mas calculavam-se um milhão de documentos escritos”. (173/01).

“Infortunadamente, com a queda daquela civilização, até a Biblioteca de Alexandria foi destruída; apenas uma fração daquele trabalho sobrevive. E tivemos de esperar quase dois mil anos, para que esses fatos fossem redescobertos (...) os escritos de Aristarco de Samos haviam sido destruídos, totalmente e para sempre (...) Se multiplicássemos nossos sentimentos de perda desse trabalho por cem mil vezes, estaríamos começando a ter uma idéia da grandiosidade das conquistas da civilização clássica e da tragédia de sua destruição! É verdade que já superamos, em muito, a ciência conhecida no mundo antigo, mas há espaços e lacunas irreparáveis em nossos conhecimentos históricos. Imaginemos quantos mistérios do passado poderiam ser agora esclarecidos! E foi só na Idade Média, com grande perda de tempo e de oportunidades, que os cientistas redescobriram os trabalhos que haviam sido perdidos” (173/01).

No livro “Homens, Planetas e Estrelas”, Claude Gaer afirma que Aristarco de Samo acreditava que o sol fosse o centro do universo, e não a Terra, como acreditavam os seus contemporâneos. Ele estava dezoito séculos na frente do seu tempo (129/26). Ele já descobrira que a Terra tinha um movimento diurno, em torno do próprio eixo, e gira ao redor do sol, como os demais planetas. Essa teoria é conhecida como “teoria heliocêntrica”, mas não teve apoio na sua época, e Aristarco foi acusado de heresias.

Gerard Oudenot escreveu em “Os Segredos da Astronomia” que foi Hiparco, no século II dC, quem destruiu a teoria heliocêntrica de Aristarco. Depois de Aristarco, houve um período de estagnação da Astronomia, e os estudos só foram retomados, mais tarde, pelo cônego Cláudio Ptolomeu, que apresentou a “teoria geocêntrica”, a Terra como sendo o centro do universo. A teoria geocêntrica foi acreditada durante tanto tempo, porque corroborava a interpretação literal do texto bíblico (123/06).

## 2) A Grécia Helênica

“Durante a Era Clássica — notícia, hoje, o livro “Os Segredos da Astronomia” — desenvolveram-se na Grécia diversas teorias cosmogônicas, numa tentativa de explicar o universo: Hesíodo acreditava que, no começo do mundo, havia um caos, um abismo tenebroso, de onde saiu a Terra. Anaxímenes achava que o universo estava povoado de outros mundos e outros homens. Pitágoras pensava que a Terra fosse composta de terra, de água, de ar e de fogo. Anaximandro afirmava que a Terra é um astro semelhante aos outros, mas que se acha no centro do universo. Ao contrário disso, Filolau de Trento assegurava que a Terra não é o centro do universo, e não passa de um simples planeta (123/06). Heráclito já falava da rotação da Terra, de leste para oeste, em torno de seu próprio eixo. Hicetas cria que a Terra completa um movimento de rotação, em torno de si mesma, a cada vinte e quatro horas. E Aristóteles apresentava irrefutáveis argumentos para demonstrar que a Terra é necessariamente arredondada.

**A palavra escrita entre os gregos:** Hernani Donato, em “A Palavra Escrita e sua História”, observa que há evidências suficientes de que os gregos tinham recebido seu alfabeto dos fenícios; e que este alfabeto era irmão do alfabeto hebraico. Na língua

grega, as letras têm nomes parecidos e até seguem a mesma ordem: Aleph deu alfa; Beth deu beta; Gimmel deu gamma, e assim por diante; posteriormente, passaram, para o latim, como: a, b, c etc. A literatura grega começou com os poemas homéricos e terminou no fim do século II. O alfabeto fenício-hebraico não tinha vogais: foram os gregos que as criaram, independentemente das consoantes. E foi Aristófanes de Bizâncio, nascido em 257 aC, quem inventou os sinais de pontuação (100/72).

**Os antigos instrumentos e materiais de escrita:** Antes que se generalizasse o uso do papel, que se deu no século XIV dC, os “livros”, as cartas e documentos eram escritos em pergaminho ou em couros preparados de modo especial: e por ser o couro um material de grande durabilidade, é que ainda encontramos, nos museus de hoje, rolos de 3.000 anos (155/10).

**Os primeiros comerciantes da escrita:** Hernani Donato ensinou, também, que “já por volta de 500 aC, surgiram homens que faziam de sua profissão o vender produções de textos importantes. Não eram livros, naturalmente, aqueles couros de animais, folhas de certas plantas, tijolos cozidos, ou mesmo rolos de papiros, em que se copiavam leis, orações e as composições feitas por homens mais conhecidos ou de talento. Alguns homens, geralmente escravos, eram treinados para escrever, correta e rapidamente. Reuniam-se em certo local amplo: recebiam material apropriado e, enquanto outro homem, chamado “leitor”, lia em vez alta e pausada, o texto ia sendo “copiado” por eles (129/76). Depois de conferidas, essas cópias eram vendidas aos leitores e ao Estado (129/77).

**A descoberta do pergaminho:** Diante de tais dificuldades, começaram os gregos a procurar um novo material para receber o texto. Daquela procura nasceu, no século II aC, o pergaminho, que chegou a ser o substituto do papiro e foi utilizado por todos os povos do Oriente até o final da Idade Média, quando chegou o papel. O uso do pergaminho foi iniciado na cidade de Pérgamo, então centro cultural da Ásia Menor, sob o reinado do monarca Eumênio, de onde lhe veio o nome “pergamenius” (100/77).

**A decadência da Grécia:** Porém, segundo Hernani Donato, chegou para a Grécia o momento de deixar o lugar para uma potência mais nova e mais forte: e Roma iria suceder a Grécia, tal como a Grécia havia sucedido a Fenícia, e tal como a Fenícia havia sucedido o Egito. E, em 46 aC, quando a cidade de Corinto foi vencida, uma nova cultura iria impor-se ao mundo: a cultura romana (100/78).

### 3) A Roma Clássica

A Hélade intelectual foi conquistada pela espada romana: entretanto, como “presente de grego”, os helenos impuseram aos conquistadores a sua filosofia, a sua ética, a sua língua e a sua literatura; além disso, legou à posteridade os fundamentos da democracia. Apesar de tudo isso, a ciência romana não se sobressaiu: ligados demais à terra, para se interessarem pelos céus, os romanos praticamente não tiveram ciências; e só nos lembramos deles pelos seus famosos calendários, pela exemplar família romana e pelo direito romano.

**O alfabeto chega a Roma:** O alfabeto chegou à Itália, vindo com ele a Grécia com toda a sua cultura. Manejando esse alfabeto grego, muitos colonos transmitiram aos romanos o seu conhecimento e uso; e ele, aos poucos, foi-se disseminando e se modificando, segundo as exigências da terra e dos homens (100/80).

**I) O primeiro calendário romano**, segundo a Enciclopédia Larousse, fazia o ano começar em março, pois só havia 10 meses no ano; dele, ainda sobrevivem os nomes de setembro, outubro, novembro e dezembro, que eram, respectivamente, o 7º, 8º, o 9º e o 10º mês do ano. Foi somente a partir de 153 aC, que fixaram o começo do ano para 1º janeiro; e só mais tarde, com o triunfo do Cristianismo, outros elementos e pontos de referência foram adotados no calendário — como o 25 de dezembro, ou estilo de Natal, o 25 de março, ou estilo da Anunciação, o dia móvel da Páscoa ou o estilo da Páscoa. Entretanto, foi apenas no século XVI, em janeiro de 1564, com um Editto ao rei Carlos IX, que o estilo do 1º de janeiro se tornava obrigatório na França (146/635).

**II) O calendário de Rômulo** só possuía 304 dias. Mas, por volta do ano 70 aC, Numa Pompílio sucedeu a Rômulo, como imperador de Roma, e tentou fazer uma reforma naquele calendário, acrescentando-lhe trinta dias. O mês de fevereiro, porém, ficou sozinho, com vinte e oito dias. Os dias que sobraram, foram acrescentados, aqui ou acolá, ou subtraídos onde já tinha acrescentado outros dias (100/106).

**III) O calendário Juliano**: Por ocasião da guerra civil, entre César e Pompeu, em 46 aC, o calendário estava tão esquecido e desatualizado, que o equinócio (de “noites iguais”) da Primavera caiu três meses antes do dia previsto. Desse modo, os rituais da colheita e da vindima tiveram de ser celebrados, naquele ano, quando o calendário já marcava junho, ao invés de março, e não havia colheita de frutos para serem oferecidos aos deuses. Terminada a guerra, com a vitória de Júlio César, decidiu ele fazer uma reforma no calendário: seguindo a orientação de um astrônomo de Alexandria, chamado Sosígenes, Júlio César acrescentou 90 dias ao ano 46 aC; deu ao sétimo mês do ano, que se chamava “quintilis”, o nome de “Julius”, em homenagem ao seu próprio nome.

**IV) Mais tarde, o imperador Augusto**, em cujo reinado Jesus nasceu, em o ano 30, julgou-se também com o direito de colocar o seu nome em um dos meses do ano, e escolheu o “sextilius”, ou oitavo mês do ano, que passou a chamar-se “Augustus”.

Entretanto, Augusto achou que o mês que ficaria com o seu nome, deveria ser, pelo menos, tão longo quanto o que recebera o nome de “Julius”; por isso, Augusto subtraiu um dos dias do mês de setembro, que até então possuía trinta e um dias, colocando-o no mês “Augustus”, que só tinha trinta dias. E, com tais alterações, o Calendário Juliano funcionou, satisfatoriamente, durante 1.600 anos, até que aconteceu a reforma do calendário, feita pelo papa Gregório XIII, em 1582, e que conhecemos como “Calendário Gregoriano” (100/107).

**V) Meses lunares e meses solares**: O Calendário Juliano havia feito uma ruptura definitiva com os meses lunares, adotando exclusivamente o mês solar; mas, com o desenvolvimento do processo religioso, a Igreja necessitou fazer o seu próprio calendário, para regular sua liturgia e suas festas. Embora baseando-se no Calendário Juliano, o calendário eclesiástico não era exclusivamente solar: ao lado das festas fixas (como a do Natal e a de Todos os Santos), que tinham lugar definido no calendário Juliano, a Igreja celebrava também algumas festa móveis, baseadas na festa mais importante, que era a Páscoa.

**VI) O Calendário Eclesiástico**: No calendário judeu, a Páscoa era celebrada,

anualmente, no dia 14 do mês de Nisan, que coincidia com a lua cheia do equinócio da Primavera. Por isso, depois de muitas tentativas, a Igreja Católica adotou, como regra para todos os países católicos: a) a fixação do equinócio da Primavera (só para o hemisfério norte), em 21 de março; b) a celebração da Páscoa no 1º domingo de lua cheia desse equinócio (146/635). E, assim, o calendário Juliano-Agostiniano-Eclesiástico vigorou até 1582.

**O alfabeto, a língua e a literatura de Roma:** Os romanos conheciam a escrita desde sua fundação, pois, ao seu lado, floresciam povos como os etruscos e os oscos, que já a utilizavam (100/82). As primeiras inscrições latinas, encontradas numa fivela de ouro, numa catacumba da Palestina, são atribuídas ao século VII aC. Nela, tudo — desde as letras, as palavras e a construção de frases — lembra ainda a Grécia. Entretanto, o primeiro alfabeto latino compunha-se de dezesseis letras; só mais tarde surgiram as letras (g, h, j, q, v, x, y, z), para completá-lo e mantê-lo, ainda hoje, como o mais difundido do mundo (100/83).

**Duas Línguas Latinas:** Com este alfabeto, ainda em evolução, os romanos consolidaram e impuseram a sua língua (100/84). E, durante séculos, foi o Latim a língua literária do universo: com seus caracteres, foram escritos, até o século XVII, todas as obras científicas e filosóficas; além disso, o Latim tinha sido adotado pela Igreja de Roma como sua língua oficial (100/86).

Entretanto, mesmo em Roma, havia duas línguas latinas: o Latim literário ou clássico, utilizado pelos aristocratas e pelos intelectuais, e o Latim Vulgar ou bárbaro, utilizado pelo povo e pelas tropas militares, que saíam a percorrer os mais longínquos confins do império romano. Levado aos extremos, esse Latim Vulgar tentou dominar as línguas locais, mas teve de acomodar-se à pronúncia dos povos que se dispunham a aceitá-lo. Devido às causas fonéticas, os povos dispostos a assimilá-lo, não conseguiram livrar-se repentinamente dos seus hábitos de falar; e essas alterações, adaptações e mesmo adulterações do Latim foram a causa do nascimento de tantas línguas derivadas dele.

**A decadência do Império Romano:** Como ensina Hernani Donato, soara, entretanto, o relógio do tempo para anunciar a chegada da vez do Império Romano: então, já não havia uma língua latina, a não ser nos textos escritos; enquanto isso, pelos antigos territórios imperiais, eram ouvidas muitas línguas novas, chamadas “neolatinas” (100/90).

### **C) As Ciências durante a Idade Média**

A Idade Média havia se iniciado em 385, com a desintegração do Império Romano, e vai até 1492, com o descobrimento da América; ela foi um sombrio período da história humana, de profunda religiosidade, de fanatismo e hegemonia teocrática.

A história nos mostra que, durante a Idade Média, a Igreja tinha poderes sobre a mente, o conhecimento, as ciências e sobre o destino das pessoas. Ela podia punir, tanto materialmente quanto espiritualmente, quem lhe desobedecesse as ordens e vontade. Foi somente após a Revolução Francesa, que os homens se conscientizaram de que “todo poder emana do povo, e em seu nome deve ser exercido”.

Desse modo, ligados demais à religião e ao sobrenatural, os homens medievais não progrediram muito, nem mental nem intelectualmente. A Astronomia ficou

estacionada por vários séculos. Os homens estavam mais preocupados com o “céu” da bem-aventurança, do que com o “céu” dos astrônomos e estudiosos.

O livro “Os Segredos da Astronomia” informa que, naquele tempo sombrio da história, apenas Breda – o Venerável (673 – 735) – propõe uma reforma do calendário, a qual não vingou (124/72). Na cultura islâmica, o livro menciona também Alfraganus, os irmãos Bem-Schakis, Al Battan e Ali Ibn Yunis, que foi o maior astrônomo do Islã (124/75).

**Os algarismos romanos:** Do começo do Império Romano até o século XIII, não se usavam os atuais “algarismos arábicos”, mas letras do alfabeto grego e latino; na numeração romana, por exemplo, a letra “c” valia 100; a “d”, valia 500; a “e”, valia 5 entre os gregos e 50 entre os romanos. E, com pequenas alterações, esses famosos “algarismos romanos” chegaram até nossos dias.

**Os algarismos arábicos:** Em 907, um frade francês chamado Gilbert Aurillac, em missão de apostolado, rondou as divisões do mundo árabe, na Espanha. Entre as coisas que ele tomou aos “adversários” estavam os algarismos que, por virem através dos árabes, receberam o nome de “algarismos arábicos”. Mais tarde, ao se tornar o papa Silvestre II, Gilbert tentou adotar esses números em toda a Cristandade, mas só em 1202 houve a adoção por todos os povos (100/165).

#### **D) As Línguas derivadas do Latim**

Até aqui, não havia papel, nem imprensa metálica, nem máquina de escrever, nem computador, nem mesmo as línguas modernas que hoje conhecemos. Segundo Jonh Macy, tudo era escrito e copiado à mão, com apreciável perda de tempo e desperdício de material. O papel foi invenção chinesa, que os “bárbaros” aprenderam e transmitiram aos povos ocidentais; ele foi inventado no século X dC, mas só aproximadamente no século XIV o seu uso se espalhou pela Europa (155/09). Antes do papel, as cópias e traduções eram feitas em papiro, pergaminho ou em couros preparados de modo especial. E já haviam se passado 2.500 anos depois de Moisés, e cerca de 1.000 anos depois de Jesus.

**Surgem diversas Línguas:** Enquanto o povo e os soldados iam espalhando a Língua Vulgar, o tempo se encarregava de fazer dela uma nova língua. As elites imperiais falavam o Latim Clássico, o Latim puro; o povo e os soldados só falavam e escreviam o Latim Vulgar, que ia sendo adaptado, adulterado, modificado à moda dos países adotantes (100/78). Entretanto, além das causas fonéticas (derivadas da pronúncia), muitas outras causas também influíram para a formação de dialetos e das Línguas Neolatinas, como causas étnicas, psíquicas, políticas, climáticas e culturais. E aqueles dialetos eram levados à escrita, tornando forma de expressão para coletividades inteiras (100/87).

Mas quando e como teriam surgido as Línguas derivadas do Latim? – É difícil precisar; todavia, já sabemos que, no início da segunda metade do século X, todas já estavam prontas e formadas (100/89).

1) **O Francês** foi o primeiro idioma a se destacar, definitivamente, do tronco latino; e isso deve ter ocorrido por volta de 832, no século IX, por ocasião do Juramento de Estrasburgo (100/93).

2) **A Língua D’Oil** também teve seu nascimento naquele Juramento de Estras-

burgo; ainda sem se apresentar completamente unificada, ela guardava traços comuns com os numerosos dialetos (100/103).

3) **A Língua Catalã** floresceu o sentimento nacional com o apogeu de sua literatura, nos séculos finais do século XIII. Entretanto, ela teve seus primeiros vocábulos escritos por volta do século X (100/105).

4) **A Língua D'Oc** foi assim chamada pela abreviatura da afirmação: "oui-sim", no sul da França; é também correto chamá-la de Latim Meridional. Ela tomou exuberante forma gráfica nos séculos XII e XIII, com as obras dos trovadores medievais.

5) **O Português**: desde o início do século IV, o Latim Vulgar ou bárbaro foi a língua mais difundida no território que, mais tarde, iria constituir o reino de Portugal. Vem de 1189 o primeiro legítimo documento escrito nessa língua, que é uma famosa poesia (90/73).

6) **O Italiano**: das Línguas derivadas do Latim, é o Italiano o idioma que mais próximo permaneceu da sua origem, tendo contribuído para isto dois fatores: o de ter sido o Latim adotado como língua oficial da Igreja Católica, e o de ficar na Itália a sede da Igreja (100/87). Os escritos mais antigos da Língua Italiana, redigidos em um razoável Toscano, tratam de um catálogo de bancos florentinos, e datam de 1211 (100/87).

7) **O Espanhol**: Roma dominou a Espanha durante 600 anos, exercendo ali poderosas influências, como ainda pode-se ver dos documentos, dos costumes, da religião e da própria língua (100/98). Entretanto, a separação definitiva entre o Latim e o Espanhol ocorreu depois de 1492, quando a última cidade moura foi ocupada pelos cristãos; mas o primeiro documento literário da Língua, o poema "El Cid", é de 1245 (100/99). Ao Espanhol falado na América se dá o nome de Castelhanos.

8) **O Romeno**: É a Língua da Romênia, um país latino isolado entre a Europa e a Ásia. Tanto o nome do país, como o da Língua, trazem uma evocação à Roma histórica. Entretanto, o Romeno só se tornou realmente uma Língua independente, a partir do século XVII, numa reação contra a quase imposição da Língua Grega.

#### **E) A Invenção da Imprensa Metálica e suas conseqüências**

Aldorema Freitas Medina, em "Dicionário de História da Civilização", afirma que, foi baseado na imprensa de madeira, inventado por um holandês, que o alemão Guttenberg (1400-1468) aperfeiçoou os tipos de madeira para o metal, depois de descobrir uma liga metálica (chumbo e antimônio), o que possibilitou o processo de impressão metálica, ainda hoje em uso. Ele era proprietário de uma empresa de ourivesaria e polimento de espelhos, em Estrasburgo, onde realizou, em 1434, seus primeiros ensaios gráficos. Com o auxílio do capitalista João Faust, ele montou uma oficina de impressão pelo novo método; e, entre 1440 e 1450, imprimiu vários exemplares da Bíblia Sagrada (157/169). Entretanto, conforme se lê na "Enciclopédia Século XX", o primeiro trabalho completo, com os tipos de chumbo, foi a impressão do "Juízo Final", em 1444. A descoberta da imprensa metálica marcou o início de uma Nova Era para a Humanidade (180/1000).

Foram incalculáveis as conseqüências da invenção da imprensa metálica: foi um



marco definitivo para a civilização humana; permitiu extraordinário progresso, tornando-se um grande veículo de divulgação, notável progresso cultural à humanidade (157/192).

\*\*\*\*\*

## **2.1.2. A Renascença Cultural e a Retomada dos Estudos**

### **A) A Era das Grandes Navegações**

Na Idade Média, importantes navegações possibilitaram a descoberta de novos continentes e terras, alterando decisivamente o mapa geográfico do planeta; Cristóvão Colombo descobre a América, em 1492; Vasco da Gama, em 1498, descobre o caminho das Índias; e, em 1500, Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil. Em seguida, terras foram descobertas também em diversos outros pontos do globo.

Entre os poderes da Igreja, naqueles tempos, estava o de legislar sobre as terras descobertas. Foi assim que, em 1493, o papa Alexandre expediu Bula Papal, estabelecendo as seguintes normas, a respeito das terras descobertas: passaria uma linha imaginária, a cem léguas (ou 600 km.) de Açores e Cabo Verde, sendo que pertenceriam aos portugueses todas as terras que fossem descobertas a Oriente dessa linha, e aos espanhóis as que ficassem a Ocidente da mesma linha. Entretanto, Portugal não aceitou, e a Bula Papal foi revogada, em 1494, pelo Tratado de Tordesilhas.

### **B) A Retomada dos Estudos e o Avanço Cultural**

“Depois da sombria Idade Média — escreveu Carl Sagan — foram retomados os estudos, antes interrompidos pela Idade da Fé. E quando, no final do século XV, a Europa estava pronta para despertar do seu longo sono, recolheu alguns artifícios, livros e conceitos deixados pela biblioteca da Alexandria, há mais de 1.500 anos; e a ciência tomou impulso em diversas áreas (173/00). A Biologia atingiu seu apogeu; desenvolveram-se, simultaneamente, a Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica e a Paleontologia”.

**A emancipação da Astronomia** – Na Idade Média, havia prevalecido o sistema geocêntrico (a Terra como centro do universo), de autoria do cônego Claudio Ptolomeu, porque estava conforme à interpretação de algumas passagens bíblicas (125/108). Todavia, no final daquele período, semelhante doutrina deixou de estar em conformidade com a mente científica e cultural, e novas idéias surgiram.

**Nicolau Copérnico** nasceu em 19/02/1473 (123/31); recebeu as ordens religiosas e partiu de Torun, na Polônia, para a Itália. E Copérnico criou o sistema heliocêntrico (o sol, e não a Terra, passou a ser considerado o centro do universo). Para ele, todos os planetas seguem uma órbita, cujo centro é o sol. O movimento das estrelas é ilusório, e provém do movimento real da Terra, que gira em redor do seu próprio eixo em vinte e quatro horas; o movimento da Terra e dos planetas, em torno do sol, explica a alternância das estações do ano. Porém o Sistema Heliocêntrico, de Copérnico, estava em total contradição com o Sistema Geocêntrico, do cônego Ptolomeu, e com a Bíblia — e o próprio Copérnico, católico fervoroso, sabia disso (125/109). Desde então, abriu-se um ângulo agudo entre os dois sistemas, bem como do Sistema

Heliocêntrico e a interpretação textual da Bíblia.

**Giordano Bruno**, porque acreditava na magia, na pluralidade dos mundos e em habitantes de outros mundos — segundo Jacques Bergier, em “Os Livros Malditos”, foi julgado herege e queimado vivo em Roma, no dia 17/02/1600 (82/57).

**Tycho Brahe** (1564 – 1601) não admitia completamente os princípios de Copérnico; ele achava que a Terra continuava imóvel no centro do universo, em torno do qual giravam o sol e a lua, enquanto que os outros planetas giravam em torno do sol (125/116).

**Galileu Galilei** (1564 – 1642) estudou medicina, matemática e física, e seguiu as idéias de Copérnico; mas, em 1609, começou suas próprias observações, utilizando-se das lunetas inventadas pelo artesão holandês. Depois, ele abandonou, definitivamente, as idéias de Ptolomeu (125/127). Em 1632, publicou “Diálogo Sobre os Dois Sistemas de Ptolomeu e Copérnico”. No ano seguinte, suas obras foram consideradas perigosas, e ele foi proibido de ocupar-se com o sol e com o universo, tendo de exilar-se (125/127).

O autor católico do livro “O Fim do Cristianismo Convencional” informa que, em 1633, Galileu foi forçado a declarar, sob juramento, que abjurava, abominava, detestava e excomungava sua falsa doutrina sobre a revolução da Terra; mas, mesmo tendo capitulado, ainda permaneceu preso durante oito anos, sob controle, até pouco antes de sua morte, em 1642 (59/91). Depois de condenado pela Igreja, ele recebeu a promessa de que, se se retratasse de seus ensinamentos, lhe perdoariam a pena; e ele retratou-se, salvando assim a sua pele (59/91).

**Johannes Képler** (1571 -- 1630) foi quem colocou o sol em seu devido lugar. Ele era fervoroso coperniano, mas devido a um Edito protestante, teve de mudar-se para a França, onde se tornou aluno de Tycho Brahe; e foi ali que Kepler aperfeiçoou o sistema de Copérnico (125/135).

Carl Sagan observa que, com Képler, a Astrologia se separou da Astronomia. As duas tradições começaram a divergir na vida e na mente de Johannes Képler: foi ele quem “desmistificou” os céus, descobrindo que uma Lei Física existe por trás dos movimentos dos planetas. Ele foi o primeiro astro-físico e o último astrólogo-científico (173/TV).

**O Calendário Gregoriano** – No antigo calendário Juliano, o astrônomo Sosígenes havia cometido um pequeno engano: ele calculara o ano trópico em 365, 25 dias, quando, na realidade o ano trópico tem, apenas, 365,2423 dias. A diferença era de apenas 11 minutos e 14 segundos por ano; mas, à medida que os séculos se dobravam, depois do calendário Juliano, essa diferença ia formando dias suplementares; e foi assim que, no ano 1582, o equinócio da Primavera, que deveria ocorrer em 21 de março, caiu em 31 de março (129/108). A diferença, que já tinha sido corrigida no século IV, se tornara, agora, de dez dias. Por isso, na Bula “Inter Gravíssima”, de 24/10/1582, de Gregório XIII, o papa ordenava que o dia seguinte ao 04 de outubro daquele ano fosse considerado 15/10/1582 (146/636).

**Na reforma Gregoriana**, o equinócio da Primavera voltou a cair em 21 de março; e para acabar com aquele dia bissexto (que era repetição do 6º dia das Calendas), o papa o substituiu pelo dia 29 de fevereiro, que se repete de quatro em quatro anos.

Esse calendário, assim elaborado, tem um ano médio de 365,2425, quando o verdadeiro ano trópico tem apenas 365,2424. A diferença é tão pequena, de apenas 26 segundos por ano, e só chegará a completar um dia inteiro daqui a três mil anos. Apesar disso, o Calendário Gregoriano tem sido tão bom, que ninguém jamais tentou melhorá-lo (129/109).

**A reação religiosa contra o Calendário Gregoriano:** Desde muito, os países protestantes se recusaram a adotá-lo. Quando a Inglaterra e suas colônias decidiram aceitar este calendário, o erro de dez dias já tinha aumentado para onze; e, em 1752, um decreto real fez com que o dia seguinte a 02 de setembro fosse considerado 14 de setembro de 1752, em todos os países protestantes. Essa decisão, porém, desagradou o povo, que saiu às ruas de Londres, gritando e reclamando: “Queremos nossos 11 dias, queremos nossos 11 dias” (129/108). Já nos países católicos, a Reforma Gregoriana se propagou rapidamente. A Igreja Ortodoxa Grega também se manteve hostil mais tempo do que os protestantes, e só em 1923, os países dominados por ela também o adotaram. Hoje em dia, todas as nações cristãs da Terra se regulamentam pelo Calendário Gregoriano (129/109).

**A Retomada dos Estudos:** Segundo Carl Sagan, por volta de 1600, as idéias de Aristarco de Samos, há muito esquecidas, haviam sido totalmente redescobertas; e setenta anos depois da morte de Bruno, o universo, assentado no sol de Aristarco e de Copérnico, ficou completamente aceito pelo brilhantismo europeu. Surgiu, então, a idéia de que os planetas são mundos regidos por leis naturais, e as pesquisas viraram-se para o movimento das estrelas. Já no século XVII, Descartes, Newton e Leibnitz emitiram as primeiras idéias sobre a origem da terra; no final do século, os trabalhos de Buffon, de Guttard e Demareta muito contribuíram para a crença na Geologia e na origem vulcânica de algumas montanhas.

**Isaac Newton (1642 – 1727)** formulou a hipótese sobre a origem e a formação do Sistema Solar: no espaço em que se encontra atualmente o nosso sistema solar, teria existido uma nebulosa, formada de partículas de matéria em movimento universal; no centro da Nebulosa, teria havido um núcleo muito condensado, de temperatura elevada, que girava em torno do seu eixo, numa velocidade sempre maior; quando a força centrífuga das partes externas tiveram conseguido ultrapassar a força da atração do núcleo central, teria se separado progressivamente dos anéis e, por sua vez, em consequência da concentração da matéria, teriam se formado os planetas. Os satélites teriam nascido da mesma força, e o sol seria de fato o núcleo central.. Essas idéias não eram originais: já no século passado, Descartes, Swedenberg e outros, como Buffon e Kant, já haviam emitido semelhantes pareceres. (1173-TV).

### **C) Napoleão no Egito, Champollion e a Pedra de Roseta**

Em 1798, Napoleão conquistou o Egito para a França; fundou o Instituto do Egito; enviou muitos cientistas e pesquisadores, acompanhando os soldados, que para lá se dirigiam; encarregou Champollion de estudos sobre aquele país. Os cientistas procuravam elementos para a decifração da escrita hieroglífica egípcia. Não se tratava apenas de descobrir um alfabeto, mas de descobrir um mundo que continha preciosidades culturais e científicas (100/50).

No final dessas procuras, descobriu-se a Pedra da Roseta: era uma coluna de

basalto contendo um decreto do faraó Ptolomeu Epifanio V, do ano 196 dC. De origem grega, aquele faraó ordenou que seus decretos fossem escritos em hieróglifos egípcios, nas línguas Copta e Grega. Era, pois, uma inscrição tríplice. Champollion conhecia, muito bem, o grego e o copta; e, com seus companheiros, pôde decifrar finalmente os hieróglifos egípcios. A decifração daquela escrita desenvolveu, grandemente, os estudos a que se chamou Egíptologia, e que revelaram ao mundo esplendores da antiga civilização daquele país (100/51).

Em menos de trinta anos, chegaram a conhecer, em linhas gerais, a história de uma civilização que antecedeu, de quase três mil anos, as datas mais antigas do Velho Testamento. A história da civilização do Vale do Nilo abrange um período de cerca de cinco mil anos antes da Era Cristã, enquanto que a história de Israel ocorreu paralelamente com a última fase do Egito. Antes da decifração da Pedra de Roseta, os documentos mais antigos do Velho Testamento apresentavam histórias de mil anos mais antigas do que qualquer outra civilização conhecida; mas, verificada a história parcial da civilização do Nilo, por volta de 5.000 anos aC, os livros mais antigos do Velho Testamento são muito mais modernos do que os primeiros documentos do Egito (69/38). E a ressurreição do Egito trouxe à luz informações que derrubam qualquer teoria extremista a respeito do Velho Testamento e da História de Israel.

#### **D) A Descoberta de Outras Civilizações Paralelas**

Os pesquisadores descobriram muitas civilizações antigas e contemporâneas, que já existiram ou ainda existem, de forma independente e sem contacto com as civilizações do Ocidente.

##### **1) No Oceano Pacífico:**

Descobriu-se que os povos que habitam o Oceano Pacífico (os micronésios, os indonésios e os polinésios) têm um passado pré-histórico e uma civilização tão insondável quanto o mar que banha suas praias (1152/260).

##### **1-1) Na Melanésia**

A **Melanésia** — conforme Ivar Lissner — é um dos derradeiros “museus vivos”, onde os etnógrafos ainda podem estudar os costumes de um povo em via de extinção (152/260). Ali foi registrada a habitação de melanésios e papuas, ainda muito primitivos, e que possuem hábitos selvagens (como o canibalismo, a caça de cabeça etc.); eles vivem da caça, praticam o arco e flecha, e dão às máscaras um significado religioso. A Melanésia é o berço de práticas mágicas e de cultos bárbaros (152/263).

##### **1-2-) A Polinésia**

A religião dos polinésios é essencialmente grosseira; mas eles crêem que as almas dos justos são os bons gênios, e que as almas dos maus impelem o homem ao pecado. Os polinésios ofereciam sacrifícios aos deuses e, por vezes, eram antropófagos (152/249).

A **Ilha da Páscoa**, na Polinésia, foi descoberta em 1722, pelo almirante holandês Jacó Roggeven, em um domingo de Páscoa (152/253). A escrita da Ilha de Páscoa é ideogramática: cada sinal reproduz o objeto que designa. Conseguiram decifrar alguns caracteres, mas ignora-se o significado da inscrição (152/258). As únicas descobertas imputáveis aos habitantes da Ilha são seu sistema de escrita. Porém as

tábuas falantes” estão, infelizmente, mudas... (152/259).

## **2. No Continente Australiano**

Ivar Lissner afirma, em “Assim Viviam Nossos Antepassados”, que a Austrália já era habitada há um milhão de anos atrás. Foi o holandês Eugênio Dubois quem encontrou, ali, o mais antigo crânio do “Homem de Java”; mas a descoberta não foi feita ao acaso: muito antes de deixar a Holanda, Dubois estava convicto de que encontraria, em Java, restos de uma criatura primitiva, com características humanas. E, realmente, perto da aldeia de Trinil, na Ilha de Java, Dubois exumou os ossos do “*Pithecanthropus Erectus*”, o Adão da Antropologia (152/241),

A Austrália, porém, nem sempre foi uma ilha: uma língua de terra a ligava à Ásia do Sudeste. Quem sabe se a África do Sul, as Índias e a Austrália não fizeram parte de um mesmo continente? Essas terras desaparecidas são conhecidas pelos geólogos como “Gondwana”, e pelos zoólogos pelo nome de “Lemúria”. E a Austrália já era povoada antes de Gondwana se abismasse nas águas do Oceano Índico, donde a existência, na Austrália, de um verdadeiro “museu do homem”. Não se sabe em que época, mas é certo que Gondwana foi submersa, e a Austrália é um resto dessas terras desaparecidas. Se os restos do “*Pithecanthropus Javensis*” foram encontrados nas proximidades da Austrália, o acaso não entrou nisso (152/241).

No continente australiano — registra Lissner — vivia uma geração de homens que não tinham praticamente evoluído, desde milhares de anos; nem mesmo as plantas australianas se desenvolviam em nenhuma outra parte do mundo: fora do território australiano, os 9/10 dos vegetais não chegavam à maturidade. A Austrália era, pois, o “paraíso dos fósseis vivos”; seus animais eram contemporâneos da Era Terciária; e ali haviam se conservado cento e cinquenta espécies de Marsupiais” (152/242).

Os Páleo-australianos são os antepassados dos indígenas atuais, e o disprotodonte é o antepassado do canguru. Em 1804, na Terra da Rainha, foi descoberto um crânio, relativamente bem conservado, de um Páleo-australiano, juntamente com grande quantidade de ossos pertencentes a animais desaparecidos. Em Warnamboli, um terreno terciário, descobriram-se pegadas de um Páleo-australiano; e ossadas humanas foram igualmente encontradas nas grutas de Wellington (antes do afundamento de Gondwana). No fim da Era Terciária, há um milhão de anos, antes mesmo do afundamento de Gondwana, a Austrália já era habitada (152/241).

## **3. Os Habitantes da América Pré-Colombiana**

São chamados ameríndios ou pré-colombianos os indivíduos nascidos na América ou aqui encontrados na época de seu descobrimento (157/13). Segundo Aldorema Freitas, a origem dos ameríndios é discutida, rejeitada a hipótese do autoctonismo, por absoluta impossibilidade; mas, de que região do velho mundo teriam vindo? Qual o caminho seguido? Acredita-se que os pré-colombianos tenham uma origem asiática; mas, quanto à rota por eles seguida para chegarem à América, há três teorias; a) através do Estreito de Bering, que fica no extremo do continente; b) ou através das ilhas do Pacífico e dos Aleutas; c) ou através de uma ligação que teria existido, antigamente, entre a Austrália e a Terra do Fogo. Quanto à época da sua vinda, foi há menos de cinquenta mil anos, havendo várias levas migratórias (157/296).

**Distribuição geográfica dos Ameríndios** — Sob este ponto de vista, os pesqui-

sadores registraram dois estágios: a) os habitantes do México, do Peru, da Guatemala e da Colômbia (Astecas, Maias, Incas e Chabchuas) eram adiantados: já conheciam a vida urbana, a metalurgia e, às, vezes, uma escrita rudimentar; b) os demais povos se encontravam em estado selvagem, não tendo ultrapassado a cultura paleolítica. O substrato indígena contribuiu com importante parcela para a formação de algumas nações americanas, como o México, o Paraguai, a Bolívia e o Peru. Em outras regiões, como no Canadá, nos Estados Unidos, na Argentina, no Brasil, sua influência foi muito reduzida ou quase nula (157/296).

A arte dos indígenas pré-colombianos – É uma designação para suas formas artísticas, de 500 aC até 1.500 dC, quando surgiram as mais antigas (Olmecas, no México; Chavin, no Peru) até a chegada de Colombo, em 1492 (192/1685). A Idade da cultura de Cochise é superior a quinze mil anos; os homens que afeioaram esses objetos eram caçadores nômades e já faziam uso do fogo (152/266).

### **3.1. Os Indígenas da América do Norte**

Presume-se que os antepassados dos peles-vermelhas tenham vindo da Ásia, pelo Estreito de Bering, com a primeira chegada dos homens, há dez ou vinte mil anos (152/263). Há muita semelhança entre os instrumentos ameríndios e os da Polinésia... Cada vez mais os partidários da teoria da “origem oceânica dos ameríndios” triunfam (152/267), Entretanto, a única coisa que se pode afirmar, é que os índios estão mais próximos dos mongóis do que dos homens de raça negra ou branca. Isso não quer dizer que chineses e índios sejam irmãos: significa, tão somente, que eles descendem de uma raça pré-mongólica, fonte única dos extremos orientais e dos ameríndios. E, a julgar pelas descobertas de armas e utensílios, conclui-se que eles se fixaram, a princípio, no norte do continente; depois, com o tempo, desceram para o sul. Entretanto, não foram apenas homens que vieram do Velho Mundo: também mamíferos se serviram daquela passagem para passar da Ásia à América” (152/268).

**3.1.1 – Os Toltecas** dominaram o Vale do México, cerca de quinhentos anos. A eles se deve a Construção da Arquitetura Monumental, do Calendário e da Escrita Hieroglífica. Sua religião exigia o sacrifício de prisioneiros de guerra de conquista e de pilhagem. Entre seus deuses estavam: Quetzalco, o deus criador; Tlaloc, o deus da chuva; e Xoxhiquetzal, o deus da floresta (182/1585).

**3.1.2 – Os Astecas** possuíam um poderoso império no território do atual México. Já se encontravam em um estágio de cultura bem próximo da civilização: conheciam a metalurgia, a vida urbana, o comércio, a cerâmica e uma forma rudimentar de escrita (157/24). Chegaram a conhecer a forma da Terra, os seus movimentos, a causa dos eclipses e já explicavam a Via-Láctea como um aglomerado de estrelas (152/268). Possuíam dois calendários: o calendário ritual, que tinha vinte períodos de 13 dias cada um, e o calendário solar, que possuía dezoito meses de 20 dias cada (182/1685).

Seu centro político e religioso era a cidade de Tenochtitlan, destruída pelos conquistadores espanhóis; praticavam o politeísmo; admitiam sacrifícios humanos e o canibalismo como ritual. Com a conquista de Cortez, cerca de 1513 dC, os astecas desapareceram (157/23).

\*\*\*\*\*

## **3.2. Os Ameríndios da América Central**

**3.2.1. Os Maias:** Tiveram duas fases distintas: a) o Antigo Império, que vai do início da Era Cristã até o nosso 530 dC: b) e o Novo Império, que vai de 630 dC até 1541, ano em que os espanhóis ocuparam Yucatã (182/1686).

Os Maias possuíam incontestável superioridade cultural sobre os Incas e os Astecas. A Pirâmide do Sol, muito semelhante as do Egito, tem aproximadamente as dimensões da Pirâmide de Quéops: mede 660 m. de altura e 220 m. de largura (152/317). Eles se interessavam pelo ano trópico, pelo mês lunar e pelos ciclos de Vênus; efetuavam cálculos com espantosa precisão e já conheciam o zero; o ano oficial compreendia 360 dias e o ano astronômico, 365 dias (152/313).

Sua religião era muito sangrenta, e seus deuses eram predominantemente agrícolas (182/1686). Os Itsa-Maias adoravam um deus supremo, o qual nunca representavam em imagem (152/320). A partir de 300 dC, atingiram o seu apogeu (152/309); e o grosso do povo estabeleceu o seu império, mero reflexo do Antigo, na Península de Yucatã (152/310).

## **3.3. Os Índios da América do Sul**

**3.3.1. – Os Pré-Incas:** Constituiu-se de uma área de difusão artística, entre o começo da Era Cristã, até 500 dC. A mais conhecida é a “cultura de Chavin”, em cujas obras de arte (cerâmica e escultura) mostram uma intensa fé religiosa (152/271). Os funerais e os cultos fúnebres eram realizados em Tihuanaco; mas, um dia, essa Atenas Sul-Americana foi sumergida pelas águas do lago Titicaca, ao mesmo tempo em que vulcões entraram em erupção (152/267).

**3.3.2. – Os Incas:** Viveram de 1000 aC até 1532 dC, chegando ao seu final com o desembarque dos espanhóis, a tomada de Cuzco e o golpe de Cajamarca (152/279). Sua religião voltava-se para o culto da natureza (o sol, a lua, o trovão, o arco-íris) e admitiam sacrifícios humanos (152/192). Sua língua oficial era o Quichua (152/280); eles admitiam a existência de um Deus Supremo, criador de todas as coisas — era Viracocha — de forma antropomórfica (152/289).

Seus mortos ficavam de joelho dobrado: os cadáveres repousavam à espera da vida futura (152/290). Ivar Lissner informou que o intérprete Felip traduziu algumas palavras do Inca: “Vós credes em um Deus em três pessoas, que foi morto pelos homens por ele criado; mas o meu Deus vive e está nos céus., contemplando as suas criaturas” (152/291).

### **E) Uma interrogação se nos impõe**

De acordo com os ensinamentos bíblicos e religiosos, não devia haver lugar para os habitantes do Pacífico, nem da Austrália, nem da América pré-colombiana. É impossível conciliar a descrição da Criação do mundo e a cronologia bíblica, com a descoberta de tais povos dissociados do ramo ocidental.

Como poderiam os Maias ter construído a Pirâmide do Sol, tão semelhante às do Egito, sem nunca terem mantido contacto com eles? Só há duas opções: ou você acredita na descrição bíblica, fingindo ignorar esses povos, ou acredita nas descobertas científicas desses povos e relega o relato bíblico à conta de lendas.

Voltemos, porém, à Civilização Ocidental que, a esta altura, já está descobrindo os segredos do passado, por intermédio das ciências experimentais.

\*\*\*\*\*

### **2.1.3. Surgem algumas Ciências Experimentais**

#### **A) As Ciências Geológicas**

Chama-se Geologia a ciência que estuda a Terra, na sua origem, transformação, feitiço, evolução, estrutura, idade, massa, peso, enrugamentos, o magnetismo terrestre, a origem dos oceanos e continentes, além de outros aspectos (137/397). Também à Geografia compete o estudo descritivo da terra; entretanto, com a especialização das pesquisas científicas e modificações no campo de suas atividades, hoje a Geografia não passa de um ramo da Geologia (180/938).

As ciências auxiliares ou satélites da Geologia: A crosta terrestre sofreu e sofre deformações mecânicas, como enrugamentos, que deram origem à formação de cadeias de montanhas; e essas montanhas, como os vales e os litorais, sofrem, ainda hoje, incessantes modificações, seja sob a influência do ar ou da água ou, mais raramente, dos vulcões e dos tremores de Terra. Compete à Geografia Física (ou Geofísica) o estudo de tais fenômenos (148/6684).

Compete à Estratigrafia o estudo das rochas, pois nelas são encontrados restos de minerais, de vegetais e de animais que existiram no passado, mas se encontram atualmente desaparecidos. Foi graças ao estudo da vida do passado, das rochas, dos fósseis etc., que já se estabeleceu uma verdadeira cronologia da Terra, calculando-se, aproximadamente, as fases de sua longa duração (148/6684).

**As pesquisas geológicas:** Embora os fatos geológicos fossem estudados desde a Antigüidade Clássica, seus resultados foram apagados durante a Idade Média (148/6684). Todavia, hoje já sabemos que, segundo Aristóteles, o mar é substituído pela terra, e a terra pelo mar; que incontáveis nações e civilizações já apareceram e desapareceram, em consequência de súbitas catástrofes, ou da lenta marcha dos tempos (104/228).

No século XVII, os trabalhos de Buffon, de Guttard e Demareta muito contribuíram para a crença na Geologia e na origem vulcânica de algumas montanhas. Devido à sua estrutura e ao tempo necessário à sua formação no globo, são as rochas que fornecem o melhor material para a avaliação das transformações e da idade da Terra (148/6684). E, desde o século XVIII, já se sabia que os fósseis são verdadeiros documentos do passado (88/20).

Em 1785, Hutton publicou sua “Teoria da Terra”, sustentando que a Terra devia ter permanecido longos períodos em condições fundamentalmente parecidas com as atuais; que as camadas sedimentares são o resultado da decomposição de produtos pela segregação das rochas primitivas. Para ele, era necessário que o mundo tivesse existido, por muitos anos, nas mesmas condições em que o conhecemos hoje — o que ia de encontro à história bíblica da criação do mundo em seis dias (88/20). Como a maioria dos seguidores da antiga teoria geológica acreditava que a criação do mundo



ocorrera, realmente, há seis mil anos atrás, essa “teoria uniformista” de Hutton encontrou forte oposição, tanto entre cientistas quanto filósofos. Desde a publicação da obra dele, notou-se uma enorme distância e desacordo entre a Gênese bíblica e as condições naturais admitidas pela ciência (88/21).

Para G. S. Carter, em “Cem Anos de Evolução ou Neodarwinismo”, no século XIX, Lyell publicou “Princípios de Geologia”, defendendo a “teoria catastrófica”, que muito influenciou o mundo científico. Para Lyell, era evidente que a idade da Terra fosse superior a seis mil anos; por isso, desde então, os períodos mencionados em Gênese passaram a ser interpretados como períodos de duração indefinida. Para a “teoria catastrófica” esses períodos eram separados por catástrofes, nas quais a vida animal era destruída, para reiniciar no começo de nova era; o Dilúvio bíblico teria sido a última fase destas catástrofes (88/72).

Lyell havia convencido o mundo científico de que a história do mundo e da vida nele poderiam ser lidas nas rochas sedimentares; que as rochas ígneas não necessitavam de catástrofes mundiais para se apresentarem em suas formas atuais. Em 1850, os escritores religiosos concluíram que, depois da publicação do livro de Lyell, era impossível acreditar-se na história do Dilúvio bíblico e na criação do mundo como mostrado pela ciência, ao mesmo tempo. E o resultado imediato foi a separação entre o pensamento dos filósofos e dos cientistas (88/21).

### **B) As Ciências Biológicas e a Teoria da Evolução**

A Enciclopédia Século XX, ensina que Biologia (do grego “bio”, vida e “logia” estudo) se ocupa do estudo dos seres vivos, enquanto a Botânica estuda os vegetais e a Zoologia, os animais.

Na Enciclopédia Prática Jackson lemos que, sendo seres vivos, os vegetais têm de nutrir-se e de reproduzir-se, o mesmo acontecendo com os animais; mas, sendo vegetais, as plantas desempenham, ainda, outras funções que os animais não conseguem. A nutrição (ou alimentação) das plantas é feita através das raízes, dos caules e das folhas; mas sua vida nutritiva está organizada em torno do fenômeno da fotossíntese (136/20). Sendo esta nutrição feita através do mundo exterior, apenas de substâncias minerais, que se concentram no ar e em qualquer solo fértil, as plantas não têm necessidade de se locomoverem à procura de alimentos (136/22).

A fotossíntese das plantas, também chamada “função clorofílica”, é o processo mais comum de nutrição dos vegetais possuidores de pigmentos verdes — a clorofila — e consiste na síntese de hidrato de carbono, a partir do dióxido de carbono (C<sub>2</sub>) (179/877). Portanto, a água, a gordura e o carbono são os pontos de partida para a síntese. A reprodução dos vegetais se opera de forma assexuada, como de forma sexuada (136/24). Entretanto, a variação é indispensável para que a espécie possa evoluir. E, como os ambientes naturais estão sempre se transformando e se modificando, a espécie que não evoluir ou não se adaptar ao meio-ambiente, estará fadada à extinção (136/31).

O habitat natural dos vegetais: Os geólogos têm encontrado enormes quantidades de áreas que, há muitíssimos séculos, foram fundos marítimos; numerosos restos de árvores petrificadas, assinalando a existência de bosques, onde hoje há desertos; vestígios da ação de grandes eras glaciais em lugares atualmente de clima tropical ou

temperado; e restos de faunas de zonas temperadas, conservadas nos gelos polares (137/414).

**O aparecimento da vida sobre a Terra:** Ao que tudo indica, pela Enciclopédia Século XX, a origem da vida no orbe terrestre se deu há cerca de 450 milhões de anos, com os primeiros vegetais. Entretanto, devido à inexistência de oxigênio (O) e de bactérias, tal surgimento deve ter ocorrido em condições abiogénéticas, isto é, os primeiros seres vivos teriam surgido a partir da matéria inanimada, através de uma evolução química (177/180). Afirma a Enciclopédia Prática Jackson que, segundo os paleontólogos, a vida principiou no mar, passou depois para a água doce, veio em seguida para a terra firme e, em seguida, para a atmosfera (137/414).

Há provas científicas de que os corpos humanos são o resultado da evolução dos corpos animais; de que os animais são uma evolução dos vegetais; e de que os vegetais são uma progressão dos seres inorgânicos ou minerais. Logo, nossos conhecimentos científicos, confirmados pela lógica e pela razão, nos autorizam a dizer que: primeiro existiram os minerais; depois vieram os vegetais; a seguir, os animais primitivos e, de sua transformação e evolução, surgiram os corpos humanos.

Os seres inorgânicos (ou minerais) são desprovidos de órgãos, por isso não possuem vida; já os seres orgânicos possuem órgãos de nutrição, de secreção, de reprodução e morrem — porque a morte é apenas o esgotamento dos órgãos. Os vegetais se alimentam de seres inorgânicos, encontráveis no ar e em todo solo fértil, por isso não necessitam se locomover, à procura de alimentos. Os animais, porém, que se alimentam de substâncias orgânicas — produzidas pelos vegetais — necessitam locomover-se. Sem os vegetais verdes, responsáveis pela fotossíntese, não se formariam, na Natureza, as substâncias orgânicas, que são a base da alimentação dos animais, e estes, por conseguinte, não poderiam existir (136/20).

Aristóteles ensinava que “há mínimas gradações e aperfeiçoamento dos organismos ínfimos até os mais elevados; que, na base da escala, mal podemos extremar os seres vivos dos seres mortos; que é tão gradativa a tradição feita na Natureza, das coisas inanimadas para as animadas, que talvez exista, nos seres inorgânicos, certa porção de vida; e que as linhas fronteiriças são indistintas e duvidosas” (122/82).

Will Durant acha que Aristóteles muito se aproximou da “Doutrina da Evolução”, quando afirmou que, “de tal modo a Natureza passa das coisas inanimadas para a vida animal, que é impossível determinar a linha exata de demarcação; (...) que, na escala progressiva, depois das coisas inanimadas, temos as plantas — relativamente inanimadas em comparação com os animais, mas vivas em comparação com os objetos incorpóreos; que há na planta uma contínua escala de progresso para o animal”. Segundo ele, “encontram-se no mar objetos que não podemos determinar se são vegetais ou animais. (...) A esponja, por exemplo, tem todo aspecto de vegetal. (...) E certos animais têm raízes e morrem quando são arrancados” (105/231). Igualmente, não podemos, com segurança, classificar como plantas ou animais muitas espécies conhecidas, por serem muito semelhantes (122/82).

**A transformação, adaptação e evolução dos seres vivos:** É bem sabida a enorme influência que tem a chuva, a tempestade e o solo na distribuição da flora. Devido a essas influências, encontravam-se plantas e animais de outras épocas

submetidos a meios variáveis; isso provocou em uns animais a adaptação ao novo ambiente, mediante a modificação do próprio organismo para a sobrevivência da espécie; entretanto, em outros, provocou a extinção dos inadaptados às novas condições climáticas (137/414).

**A conquista da superfície da Terra pelos animais:** Este era um problema difícil para os animais, pois exigia agora a locomoção, até então dispensada aos animais aquáticos, porque a própria água sustentava o peso do seu corpo. Daí, os que já possuíam carcaças externas, como os artrópodes, ou os que já possuíam esqueleto interno, como os peixes, tiveram êxito na conquista do meio ambiente. No entanto, as nadadeiras dos peixes eram locomotores inadequados para a locomoção terrestre; por isso tornou-se mais difícil para os vertebrados. A transformação da nadadeira dos peixes em patas e a substituição dos brônquios por pulmões foram as duas conquistas que permitiram aos vertebrados dominarem a Terra. Os animais desenvolveram, para sua respiração, um órgão que já possuíam: os brônquios (139/313).

**A ocupação integral da Terra:** Tendo-se espalhado por toda a superfície da Terra, os animais tiveram a possibilidade de conquistar as árvores — o princípio da conquista do espaço, no sentido vertical. Os animais de mutações variáveis subiram nas árvores, encontrando nelas um refúgio contra os predadores que os perseguiam no solo, assim com uma nova possibilidade na obtenção de alimentos. E, sem falar nos animais voadores, muitos outros também conseguiram viver sobre as plantas (139/316).

**Os animais voadores e a conquista do espaço aéreo:** A Enciclopédia Prática Jackson informa que “não há nenhuma escolha predeterminada dos animais que devessem voar. O ar estava para quem fosse capaz de dominá-lo. Qualquer animal que apresentasse variações que lhe permitissem viver melhor nas árvores, e dali tentar deslocar-se no ar, levaria vantagens sobre os demais. Os primeiros voadores do ar não eram como são os exímios gaviões de hoje; eles se deslocavam com dificuldades; e, ainda hoje, há diferença entre a eficiência voadora de diversos animais” (139/316).

Nas aves, o método foi um pouco diferente: a expansão foi obtida pela presença de fortes penas, implantadas sobre os membros anteriores. Elas não eram inovações, mas variações derivadas da pele, e correspondem às escamas modificadas de seus ancestrais. Há aves primitivas, como a Ema e certas ratitas que, hoje existentes, não voam, embora possuam asas e penas. Em tese, pois, as penas surgiram bem antes da capacidade de vôo. Não devemos afirmar que as penas foram feitas para voar” (139/316).

**A Teoria Científica da Evolução das Espécies:** Evolução é um termo aplicado, em geral, à evolução orgânica dos seres vivos (177/18). O conceito de evolução é decorrente do fato de que todo o mundo na Natureza não está em estado de equilíbrio, mas em contínua variação, e que o curso de suas variações é direcional, isto é, não ao acaso, mas move-se em direções definidas para condições diferentes (88/05).

**História dos fatos evolucionários:** No século XVIII, Erasmo Darwin, o avô de Charles Darwin, declarou a possibilidade e a probabilidade da evolução das espécies, no seu livro “Zoonomia”, que publicou em 1794 (180/1191). O francês Bonet (1720 – 1793) publicou “A Escala dos Seres”, em que citava todos os organismos vivos e

não-vivos, desde as rochas de organização simples, até a complexidade do corpo humano; essa conceituação aplainou o caminho para as idéias da evolução na época em que elas apareceram (88/16). O naturalista francês Lamarck (1744 – 1829) admitiu a hereditariedade dos caracteres adquiridos (180/191).

Foi, porém, só no século XIX que chegaram as provas científicas da Evolução. Na primeira metade do século, dominou a escola Zoológica alemã, chamada “Natur Philosophie”, originária de Goethe, para a qual cada organismo era meramente uma modificação do tronco único, comum a todos (88/16); e, daí, sugeria a possibilidade de evolução. Igualmente os trabalhos de Von Baer favoreceram a interpretação evolucionista das semelhanças, tendo ele admitido certa evolução entre os elementos estritamente similares (88/19). Os maiores nomes da Biologia, do século XVIII, haviam sido os de Lineu e Buffon, sistemático e descritivo; no começo do século XIX, também aparecem os de Cuvier e Lamarck; e cada um desses ramos da Biologia sugere a possibilidade da evolução (88/20).

**A situação das ciências, antes de Charles Darwin:** Em 1809, o biólogo Lamarck publicara a sua “Teoria Geral da Evolução” e, em 1816, publicou “História Natural dos Animais”. Depois, em 1830, Darwin leu um livro de Thomas Maltus, publicado em 1788, sendo profundamente influenciado por ele; mas foi em 1837 que Darwin iniciou seus trabalhos sobre “As Origens das Espécies”, que veio publicar em 1859, e “Variações dos Animais”, em 1868 (88/43).

O criador da “Teoria da Evolução”, Charles Darwin (1809 – 1882), foi um cientista inglês que, entre 1831 – 1836, realizou viagens ao hemisfério sul, como naturalista oficial; ele esteve no Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, onde colheu dados da flora e da fauna locais. No seu livro “As Origens das Espécies”, Darwin formulou o princípio da “Seleção Natural” e da “Teoria da Evolução das Espécies”. Neles, coloca o mundo dos seres vivos numa escala inteligível, como em uma árvore genealógica. Entretanto, tal concepção causou vivas controvérsias, por não coincidir com a interpretação literal da Bíblia (179/663).

**Essência da Teoria da Evolução:** Darwin aceitou de Maltus a idéia de que o poder de reprodução dos animais é muito maior do que o necessário para manter a quantidade; a de que essa quantidade é mantida por causa da destruição de grande parte dos nascituros; que, se muitos animais estão sendo destruídos, é porque deve haver uma “luta pela vida”, quer entre os membros de uma mesma espécie, quer entre as espécies diferentes, pois estão quase sempre em competição; concluiu que os animais variam, logo, suas variações são herdadas; que, na luta pela vida, as variações favoráveis subsistem e as desfavoráveis serão exterminadas; que as variações favoráveis se acumularão, visando a melhor adaptação, acarretando, com o tempo, a origem de uma nova espécie (88/45).

A relação biológica entre o homem e os antropóides já havia sido apresentada por Lineu no seu “Systema Naturae”, no qual ele classificou o homem na escala zoológica do “homo sapiens”, espécie distinta da ordem dos Primatas. Não obstante, foi a publicação de “As Origens da Espécie”, de Charles Darwin, que reativou as discussões sobre o lugar do homem na natureza (88/56). E a segregação, entre os “pongídeos” e os “hominídeos” se deu em remotos tempos geológicos, talvez no início do

Mioceno, na Era Terciária (148/6707).

A “Enciclopédia Prática Jackson” registra que, assim como as famílias humanas vão se ramificando em diversos sentidos, também a evolução das espécies se deu em diversas direções, em ramificações sucessivas; que a ignorância desse fato tem provocado muita incompreensão, como a de dizer-se que o homem proveio do macaco: na verdade, são eles dois ramos que saíram de um tronco comum, hoje extinto, e não um do outro, como se ouve freqüentemente (136/87).

O autor de “Cem Anos de Evolução, ou Neodarwinismo”, ensina: o corpo humano evoluiu de acordo com o princípio que controla a evolução de todos os animais; mas que, desde que ele se tornou autoconsciente, a sua evolução tem sido controlada pela sua própria vontade (88/18).

**As hostilidades contra a Teoria da Evolução:** Até o século XVII, a variação das espécies não tinha implicação teológica; mas, embora Darwin não tivesse nenhum desejo de provocar ou hostilizar os que acreditavam na fidedignidade do Gênese, ele se sentiu obrigado a estabelecer os fatos biológicos como ele os via, e tirar as conclusões que esses fatos lhe sugeriam. Ele escreveu como biologista, esperando convencer biologistas; e, em toda a sua vida, ele sempre se recusou a entrar em discussões a cerca das implicações religiosas do seu trabalho (88/54).

**As razões da hostilidade contra a teoria de Darwin** foi a clara contradição entre a história da criação, narrada no cap. I do Gênese, e as condições necessárias para a evolução, tal como Darwin acreditava; esta foi, certamente, a razão principal da reação dos homens da Igreja (88/54).

No entanto, mesmo se não existisse esta Teoria da Evolução, seria difícil que um biologista, observando a natureza viva e lendo os trabalhos de outros biologistas, não sentisse que a idéia de cada espécie como ma criação especial está em desacordo com os fatos observados (88/13). O simples fato de poderem os organismos ser classificados, ajusta-se muito melhor à idéia da evolução: se as espécies fossem criadas separadamente, não haveria razão para que elas devessem ser criadas em grandes grupos de estruturas fundamentalmente semelhantes (88/15).

Além disso, havia, em “As Origens das Espécies”, outra causa capaz de causar a imediata reação dos teólogos: foi a concepção, nada nova, de que o homem tinha ascendência animal. Darwin não insistiu nesse ponto em “As Origens”, mas desenvolveu-o no seu livro “Descendência do Homem”, publicado em 1871. Parecia implícito que o homem deveria ser considerado apenas um animal evoluído, contradição muito mais fundamental à religião ortodoxa, do que o simples desacordo com a Gênese (88/56).

**A situação científica depois de Darwin:** Por volta de 1880, pouco mais de vinte anos depois, a grande maioria dos biologistas já estava convencida da verdade da concepção darwiniana, como também grande parte do público em geral; embora ainda houvesse oposição religiosa, deve-se reconhecer que foi extraordinária a velocidade com que a nova teoria se impôs (88/62).

Todavia, mesmo no século XIX, a opinião evangélica não estava muito interessada na base lógica da fé; interessava-lhes mais a salvação individual do que a teologia (88/56). Em 1887, Huxley escreveu que: “mesmo os teólogos já pararam de atirar o

significado claro do Gênese contra o não menos claro significado da Natureza. No fundo, o Gênese é honesto: não professa ser mais do que é. um repositório de veneráveis tradições, de origem desconhecida, sem a pretensão à autoridade científica, que não tem nenhuma” (88/72).

**Expansão das idéias Evolucionárias:** A Biologia aliou-se à Geologia e à Paleontologia; e esta aliança resultou em descobertas que impossibilitaram duvidar da Evolução. No correr de alguns anos, as idéias evolucionárias foram se impondo em todos os terrenos da ciência: ela se transferiu da Biologia para a Paleontologia; da Paleontologia para a Geologia e para a Antropologia e a Etnografia; depois, para as ciências do Direito e da História, para a Lingüística e a Literatura — enfim, para ser aplicada nas investigações de origem bíblica em todos os terrenos das ciências religiosas modernas (59/102).

**A Teoria da Hereditariedade, de Mendel:** Em 1865, o abade Gregório João Mendel publicou o Mendelismo, contendo sua teoria sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos. E a Teoria da Evolução nunca foi contraditada; nunca se observou nenhum fato que a contraditasse; ela é aceita como incontestável (136/87).

**Há uma predominância absoluta da Teoria da Evolução.** O que não poderia acontecer: se se encontrasse um fóssil de mamute, por exemplo, em um terreno carbonífero (onde predominam os répteis e não há vestígio de mamíferos de placenta), toda a teoria da Evolução cairia por terra, pois não se poderia explicar como existir um tipo de animal em uma época em que seus ancestrais ainda não tinham surgido (136/89). Isso, porém, nunca ocorreu, e a Teoria da Evolução é hoje aceita por todos os cientistas verdadeiros e por todos os estudiosos sérios.

Recentemente, Erick Van Däniken, autor de “Eram os Deuses Astronautas?” e outros livros, escreveu, em “Provas de Däniken”, um capítulo intitulado “Saltos Olímpicos dados pela Evolução”. Ele afirma que, segundo a Teoria da Evolução, os sáurios ou dinossauros existiram de 200 a 60 milhões de anos atrás, antes da existência dos seres humanos; que, por isso mesmo, nenhum ser humano viu um sáurio vivo. E ele apresenta uma fotografia, alegando que “há 140 milhões de anos, dois pés humanos, calçados de sapato, estiveram correndo atrás de um dinossauro”. Com isto, pensou ter derrubado a Teoria da Evolução.

Ora, não é esse o método científico para se avaliar a era de um solo. A própria ciência nos leva a pensar que “muito antes da Terra, já havia mundos”. É provável que muitos deles possuíam seres inteligentes e já tinham atingido um estágio cultural que só agora desfrutamos na Terra. Eu acredito que aquele homem poderia ser um “extraterrestre” que visitava o nosso planeta, antes do aparecimento dos homens terráqueos.

Para nós, o sábio pesquisador não desmentiu a Teoria da Evolução. No máximo, ele pode ter provado que, há milênios atrás, a Terra já fora visitada por seres de outros planetas. Para inumeráveis cientistas e pesquisadores sérios, a Teoria da Evolução permanece intocada. Consta da Enciclopédia Britânica: “Não temos a menor dúvida quanto ao fato da evolução” (75/09). E Huxley afirmou: “todos nós aceitamos o fato da evolução. (...) A evolução da vida não é mais uma teoria. Ela é um fato. É a base de todo nosso modo de pensar” (75/09).

**A Igreja Católica e a Teoria da Evolução:** Quarenta anos depois da publicação de Darwin, sua teoria já tinha sido aceita, quer pela ciência, quer, embora menos, pelo público leigo. E muitos teólogos acabaram compreendendo que a fidelidade literal do Gênesis não é essencial à religião (88/83). A própria Igreja chega a admitir o corpo humano como uma evolução: segundo Carter, “até mesmo a Encíclica papal “*Humani Generis*”, de Pio XII, publicada em 1950, admitiu a crença na ascendência animal, no que se refere ao corpo do homem” (88/59). Ela, porém, afirma que “a fé católica nos obriga a professar que as almas são criadas imediatamente por Deus” (24/35).

Instruí, também, a autora católica, Maria de Lourdes Ganzarolli, que “o escolástico Santo Tomás de Aquino (1225 – 1274) ensinava que “até a criação dos animais, podemos aceitar o surgimento da vida como um produto de longa evolução, durante milhões de anos. Segundo ela, Tomás admitiu a hipótese pela qual Deus criou o homem no momento em que, pela primeira vez, infundiu diretamente nele uma alma imortal, feita à sua imagem e semelhança, em um corpo (que poderia provir da matéria orgânica pré-existente; nesse momento, então, Deus criou o homem). “O importante aqui, é a criação da alma; sendo espiritual, esta não pode ser o resultado da evolução da matéria (a matéria tende a decompor-se e não a espiritualizar-se” (56/45).

Ora, ninguém afirma que a alma humana seja a própria matéria evoluída. Afirma-se que o “ser inteligente”, para desenvolver-se, precisa revestir a matéria, como instrumento de trabalho. Darwin mesmo não negou que, no começo, fosse indispensável a participação de uma Entidade Superiora. O que afirmamos é que há o habitante e a habitação, que é feita de matéria e evoluiu.

### **C) As Ciências Paleontológicas**

Ivar Lissner opina que “nenhum historiador contemporâneo presenciou a crucificação de Jesus, nem a vida dos cristãos na catacumba, nem a Reforma Protestante, nem o massacre da “Noite de São Bartolomeu”; no entanto, pelos documentos deixados, o historiador reconstruiu os fatos e deu uma idéia de evolução do Cristianismo” (136/89). O mesmo podemos dizer da reconstituição da pré-história: os fósseis, atualmente encontrados, nos fornecem elementos com os quais os paleontólogos reconstituem a vida do passado.

Paleontologia é a ciência que estuda o passado pré-histórico; a Paleobotânica, os fósseis vegetais; e a Paleozoologia, os fósseis animais. No dizer dos paleontólogos, “a vida surgiu no mar, passou à água doce, veio para a terra firme e, em seguida, para a atmosfera” (137/414). As cavernas são de grande interesse para os estudos paleontológicos, pelo fato de conterem restos de animais que as rodeavam; e as cavernas paleontológicas atualmente mais famosas são as de Altamira, na Espanha e as de Magdeleine, na França (148/6694).

A Paleontologia humana recebeu grandes estímulos com a descoberta do Homem de Neanderthal (na Prússia Renana); logo em seguida, na Bélgica, na França, na Alemanha, na China e em Java foram encontrados remanescentes humanos (ou humanóides) (148/6707). Minha querida cidade adotiva, Uberaba, possui, no distrito de Peirópolis, um importante Museu de Paleontologia, onde o estudioso pode contemplar restos de animais, dentes dos dinossauros que teriam vivido há oitenta milhões de anos atrás.

## D) As Ciências Antropológicas

Antropologia (do grego “antropus”, homem e “logia”, estudo) é a ciência que estuda o homem, na sua origem, diferenciação de raças, na sua evolução, na sua adaptação às várias regiões da Terra. Quando tomada em sentido lato, isto é, em sentido amplo, a Antropologia é muito abrangente e se mistura com outras ciências. Em sentido estrito, ela se divide em Antropologia Física, Antropologia Cultural e Antropologia Social (178/129).

Escreveu Ivar Lissner: “remontar o curso dos milênios, para encontrar a trilha do primeiro homem e resolver o enigma de sua origem, é uma tarefa apaixonante. Os antepassados do “homo sapiens” deixaram múltiplos testemunhos de sua existência: pedras trabalhadas, ossos de peixes pertencentes a espécies desaparecidas etc.” (152/265).

Há quatro milhões de anos — continua Lissner — uma criatura de aspecto simiesco se deslocava de pé sobre as duas patas, na superfície da Terra; as outras patas, que não serviam mais à locomoção, se especializaram; e os antepassados do homem serviram-se delas para se defender e para procurar alimentos. Depois, um dia, ignora-se como, a criatura começou a pensar, experimentou o desejo de ser guiado por um órgão central; o homem inventou o fogo e, contrariando as outras criaturas, aprendeu a ver com os olhos do espírito” (152/265).

Para se compreender os diversos tipos de fósseis humanos, é necessário voltarmos ao ponto de união dos símios com os homens (134/352). Como já vimos, a separação entre os “pongídeos” e os “hominídeos” ocorreu, provavelmente, no período Miceno, no final da Era Terciária; mas os hominídeos se especializaram no sentido da locomoção por embraquiação (148/6707). A relação biológica entre o homem e os antropóides (animais com aspecto humano) já é bem conhecida; ambos constituem um processo de diversificação gradual, que revela a origem comum de um mesmo estoque ancestral, em um passado remoto (148/6707).

Os símios antropomórficos ou primatas (macacos com forma humana) já foram mencionados por Lineu. Apesar das diferenças externas, este grupo se distingue dos outros animais por alguns caracteres comuns: uma caixa cerebral (prova da existência de um cérebro muito mais desenvolvido do que no resto dos mamíferos) e o andar ereto (134/352). O chipanzé é um mamífero da ordem dos “primatas”, da família dos “pongídeos”; ele vive como gorila nas florestas da África Ocidental; é o macaco que mais se assemelha ao homem. Entretanto, dele se distingue por ser menor, possuir orelhas menores e narinas mais estreitas; seus braços alcançam-lhes os joelhos, quando está em posição ereta; é domesticável e se alimenta de frutos” (178/513). Presume-se que a transformação e evolução dos hominídeos, até atingir o homem, deve ter se passado assim:

**1.0. A Família do Pithecanthropus.** A Palavra “pithecanthropus” vem do grego (“pithecus”, macaco e “anthropus”, homem) e significa o homem-macaco” (148/6707). Essa família é representada pelos seguintes fósseis, já estudados, classificados:

**1.1. O Pithecanthropus Antiquus** (o antigo homem-macaco). um primata ou macaco antropomórfico (de forma humana), que apareceu no Mioceno, na Era



Terciária, e é conhecido desde 1837 (134/355).

**1.2. O Pithecanthropus Javensis** (o homem-macaco de Java), que viveu há um milhão de anos atrás, no final da Terciária; é o esqueleto mais antigo que se conhece. Em 1891, restos do pithecanthropus erectus foram encontrados perto de Trinil, na Ilha de Java, e foram considerados como parte de um esqueleto de transição, que viveu há novecentos mil anos (148/6708).

**1.3. O Australopithecus Javensis** (o macaco australiano de Java), um humanóide primitivo, cujos remanescentes foram descobertos, em grandes quantidades, nos depósitos travertinos, no sul da África (148/6707). Ele tinha capacidade craniana de 550 a 700 cm<sup>3</sup>; grande desenvolvimento das arcadas supra-orbitais; mastóides de forma piramidal, humanóide e fossas mandibulares idênticas (138/6710).

**2.0. A Família “Zinanthropus”** (o homem chinês), que é representada pelos seguintes fósseis:

**2.1. O Zinanthropus Africanus** (o homem chinês africano). Em Tanganika, na África do Sul, foram encontrados, em 1859, restos humanóides (calvário e tibia) em associação com artefatos líticos e lascas de ossos; seus caracteres são mais acentuados do que os anteriores. Pelo método potássio-argônio, foram datados de 750 mil anos (148/6708).

**2.2. O Zinanthropus Pekinensis** (o homem chinês de Pequim). Tem sua existência baseada em diversos descobrimentos fósseis humanos, feitos perto de Pequim, de 1927 a 1930. Ele teria vivido, mais ou menos, há 600 mil anos atrás. É mais evoluído que o anterior e possuía as seguintes características: capacidade craniana de 1000 cm<sup>3</sup>; ossos mais largos e chatos; mandíbulas maciças; dentes agudos e robustos; caninos algumas vezes se projetando e ultrapassando a linha de oclusão bucal; perpendicular semelhante ao “homo sapiens” (148/6708).

**3.0. A Família do Homem (homo).** Representada por duas espécies: o Homem de Neanderthal e o homo sapiens; foi com o Homem de Neanderthal que começa o homem propriamente dito (148/6707).

**3.1. O Homo Neanderthalensis** (O Homem de Neanderthal). É um desenvolvimento colateral do homem; ele deriva de uma população anterior, cujos caracteres morfológicos não justificam a separação do “homo”. A denominação “Homem de Neanderthal” foi dada à população musteriense da Europa; entretanto, alguns achados pós-musterienses também recebem esse nome, por apresentarem algumas características morfológicas daquele tipo. O HdN foi encontrado, em 1856, em uma gruta entre Dusseldorf e Eiberfel; supôs-se que ele tenha existido há 400 mil anos, e que tenha sido o criador da chamada “Cultura Musteriense: (134/422). Segundo alguns paleontólogos, foi o Homem de Neanderthal quem, por volta de 300 mil anos atrás, começou o uso do fogo.

O Livro “Seleções da História” ensina que o Homem de Neanderthal tinha dentes e mandíbulas animais; uma grande protuberância óssea, ao largo da fronte, acima dos olhos; tinha nariz grande, maxilar desprovido de queixo; pernas curtas e braços longos; capacidade craniana de 1300 a 1600 cm<sup>3</sup> (128/18). Ele era troglodita, e seus instrumentos são de feitura muito primitiva, e destinados à defesa e à procura de alimentos (148/6694). Alguns fósseis que viveram entre 100 a 75 mil anos também

são considerados como pertencentes ao grupo do Neanderthal (148/6708).

**3.2. O Homem Cro-Magno:** Em 1868, em Cro-Magno, vários esqueletos, juntamente com ossos de animais e vários utensílios, foram encontrados em uma caverna, há cerca de 130 km. de Bordéus, na França. De lá para cá, mais de cem esqueletos desses homens foram encontrados, e eles teriam vivido na Europa, de 40 a 20 mil anos atrás. Sua capacidade craniana é de 1500 cm<sup>3</sup>. Junto dos esqueletos, nas cavernas e covas, aparecem instrumentos de pedras, esculturas e pinturas, mostrando que o Homem de Cro-Magno foi um verdadeiro artista (128/22).

Registra o “Dicionário da História da Civilização” que o Homem de Cro-Magno morava em cavernas e utilizava instrumentos de pedra lascada e de ossos (arpões, agulhas, anzóis, arco e flecha); tendo deixado inúmeros desenhos gravados nas paredes de sua habitação, sugerindo indícios de uma crença em uma vida sobrenatural” (157/98). Na opinião de Japi Freire, em “Seleções da História”. “muitas dessas pinturas, chamadas rupestres (do latim “rupes”, rocha), revelam extraordinários talentos artísticos e reproduzem cenas de caçadas, em que se vêem animais perseguidos, ou de guerras, com homens em luta” (128/25).

**3.3. O Homo Sapiens (o Homem sábio).** Designação que se aplica aos indivíduos do gênero humano, a partir do Cro-Magno, que se julga ter vivido entre 40 e 20 mil anos; as demais espécies de fósseis humanos não são consideradas “sapiens” (157/185).

**3.4. O Homem do tipo atual.** Depois do Homem de Cro-Magno, passa-se ao esqueleto do homem do tipo atual. Os ossos encontrados na França não são, evidentemente, idênticos aos dos esqueletos franceses de hoje, mas correspondem exatamente aos esqueletos de certos povos selvagens, negritos e hetetontes: portanto, trata-se de uma simples distinção de raças (148/6604).

**3.5. O Homo Sapiens-Sapiens (o homem sábio-sábio).** É o atual indivíduo do gênero humano, da espécie dominante no planeta; biologicamente, é classificado como “homo sapiens”. Ele se distingue dos primatas por apoiar-se exclusivamente sobre os dois membros posteriores (157/185). Foi o “Homem Atual” que, durante a Idade dos Metais, inventou a escrita e propiciou nossa entrada no período histórico.

#### **E) As ciências Arqueológicas**

Arqueologia é a ciência que estuda os restos deixados pelo engenho humano, pela indústria do homem primitivo (135/03). Os arqueólogos estudam, analisam e qualificam os monumentos não-escritos do passado, tais como túmulos, edifícios, obras de arte, armas, jóias, utensílios e instrumentos que, proporcionando apenas elementos materiais, estão desacompanhados de explicação ou de comentários, seja porque não existiam, seja porque são muitas vezes incompletos ou insuficientes (146/622). As principais ciências auxiliares da Arqueologia são a Egiptologia, a Assíriologia e a Numismática (que estuda as moedas metálicas) (146/644).

A Enciclopédia Século XX registra que a Arqueologia nasceu no século XVIII, com os trabalhos de Winckelmann e as descobertas das ruínas de Herculano e Pompéia; e que, no século seguinte, Schilleman fundou a Arqueologia Moderna, quando descobriu Tróia, Micenas e Tirinto (177/154).

Importantes escavações e descobertas foram feitas posteriormente, como as

escavações de Uruque, na Suméria; as da Ásia Menor, no Egito; a Cova do Dragão, na Suíça; as pesquisas da Tchecoslováquia; as ruínas de Lagash, na antiga Babilônia; as escavações da Palestina etc. Uma reportagem na TV Record, de 18/01/95, mostrou que existe, no sul da França, uma enorme quantidade de pinturas rupestres de dezesseis mil anos aC, muito semelhantes às de Altamira, na Espanha.

\*\*\*\*\*

## **2.1.4. Breve Recapitulação de Nossa Origem Cósmica**

### **A) Hipótese Sobre a Origem do Universo**

Vendo a disposição dos planetas, os homens primitivos criaram a Astrologia e, dela, nasceu a Astronomia; mas elas foram imediatamente ligadas à religião: é que todos os povos antigos adoravam o sol e veneravam a lua, considerados como essenciais à vida cotidiana. E os fenômenos celestes foram interpretados como presságios, como manifestações da vontade dos deuses (125/10).

Desde as mais remotas concepções sobre a formação do universo até às mais modernas teorias cosmológicas, todas tiveram uma fonte comum... tomaram de empréstimo numerosos detalhes à mitologia e às teorias religiosas (125/10). E a teoria religiosa mais conhecida e generalizada é aquela trazida pela Bíblia judaica, segundo a qual “Deus criou o mundo do nada, em seis dias, tendo descansado no sétimo, de toda a obra que tinha feito”. A Bíblia ensina isso como provindo do próprio Deus.

Entretanto, atualmente, há duas teorias científicas para explicar o universo: a teoria do universo em expansão e... a teoria do universo estacionário. A Teoria da Relatividade considera o universo em perpétua expansão... tendo explicado satisfatoriamente a gravitação em nosso Sistema Solar, pretende estendê-la a todo o universo. E Francisco Rusconi ensina que o raio do universo, atualmente conhecido, não passa de dez bilhões de anos-luz (176/73).

**A Teoria do Universo em Expansão** foi admitida depois que constataram que as galáxias estão se afastando umas das outras (176/84). E, segundo a Teoria do Big Bang (da Grande Explosão), a mais aceita na atualidade, o mundo se originou, há cerca de quinze bilhões de anos atrás, com uma grande explosão inicial, quando começou a expandir-se.

Como se efetuam as medidas cósmicas? – Como se pode observar, no escuro, a olho nu, na extremidade de uma fibra ótica, a luz é material, isto é, composta de corpúsculos luminosos; e percorre uma distância de trezentos mil km. por segundo. Ora, sendo as distâncias cósmicas extremamente grandes, elas são medidas em ano-luz, isto é, a distância que a luz percorre durante um ano. Se a luz percorre trezentos mil km. em um segundo, vai percorrer dezoito milhões, em um minuto, um bilhão e oitenta milhões em uma hora, vinte e cinco bilhões e cento e vinte milhões em um dia e nove trilhões, quatrocentos e cinquenta e um bilhões e oitocentos milhões de km. durante um ano-luz; mas, quando vemos uma galáxia, uma nebulosa ou uma constelação, vemo-la quando ela emitiu suas luzes, há quinhentos milhões de anos, há um bilhão de anos passados.

Qual teria sido a ordem cronológica do nascimento dos corpos celestes? – Qualquer principiante em estudos de Astronomia sabe que um satélite gira em redor de um planeta; logo, deve ter sido criado, necessariamente, depois dele, e assim por diante. Ora, se os planetas giram em torno de uma estrela (ou sol); se os sistemas solares giram em torno do centro de uma galáxia; se uma galáxia gira em torno do centro de uma nebulosa; e se uma nebulosa gira ao redor do centro de uma constelação, não será difícil concluir que primeiro existiu o centro da constelação; depois, o centro da nebulosa; em seguida, o centro das galáxias; a seguir, o centro dos sistemas solares, subseqüentemente, os planetas; e somente por último nasceram os satélites. É uma conseqüência lógica dos movimentos de rotação e translação, que obedecem às leis centrífugas e centrípetas do mecanismo universal.

**a) Uma Constelação** é, pois, um aglomerado de nebulosas. O livro “Homens, Planetas e Estrelas” informa que os modernos telescópios já nos permitem “ver” mais de dois milhões de nebulosas (129/278). Os nomes de algumas constelações já são conhecidos dos leitores, como os da Ursa Maior, Sírius, Cruzeiro, Centauro, Aldebarã, Gemma, Andrômedas, Triângulo, Cães de Caça, Cão Menor, Touro, Cassiopéia, Sagitário, Canopo, Bouvier, Veja, Capela, Rigel, Prócion, Altair, Antares, Espiga, Pólux, Régulo, Denelo, Belatriz e muitos outros.

**b) Uma Nebulosa** é, pois, um aglomerado de galáxias, que giram em redor do centro de uma constelação, como satélite seu. Quem nunca ouviu referências à nebulosa de Gum, de Caranguejo, de Saco de Carvão, de Trífide, das duas Nuvens de Magalhães etc.? Segundo o livro “O Imenso Universo”, a Constelação de Andrômedas é constituída de duzentas nebulosas, sendo uma delas formada de dezessete galáxias, dentre as quais uma é a nossa Via-Láctea (176/13).

**c) Uma Galáxia** é um grupo ou aglomerado de Sistemas Solares, que giram em torno do centro galático. Nós já estamos familiarizados com os nomes das seguintes galáxias: Via-Láctea (a nossa), Andrômedas, Triângulo M-3, a galáxia M-81 e muitas outras. Informações científicas registram a galáxia de Andrômeda, com mais de dez milhões de anos-luz, de uma extremidade à outra, com cerca de dois milhões de anos-luz da Terra. A Galáxia M-3 está há dois milhões de anos-luz de nós.

Via-Láctea é o nome de nossa Galáxia. Robertson Haward escreveu que a Via-Láctea tem a forma de lentes, com cem bilhões de estrelas, com o nosso sol se deslocando em direção às suas bordas (176/09). Ela tem uma extensão de 76 mil anos-luz (176/10). A Via-Láctea possui um movimento de rotação em redor do seu próprio eixo, e seus braços são arrastados nesse giro. Entretanto, ela não está girando uniformemente: enquanto nosso Sistema Solar e seus vizinhos gastam cerca de duzentos e trinta milhões de anos para fazer uma revolução completa ao redor do próprio centro galático, as estrelas e sistemas solares mais próximos daquele centro gastam apenas cento e vinte milhões de anos para completar seu giro (176/54).

**d) Um Sistema Solar** é a reunião de planetas e satélites. Em “O Átomo”, Fritz Khan afirma que “um sistema solar apresenta muita semelhança com um átomo: que um átomo é um sistema solar em tamanho pequeno, e um sistema solar é um átomo em tamanho grande, tendo o sol como núcleo e os planetas como elétrons” (142/54). Nosso Sistema Solar é regido por uma estrela (ou sol) de quinta grandeza e comanda

nove planetas, com seus satélites, os quais percorrem uma órbita ao redor do sol, com velocidades diferentes e latitudes diferentes, sem se chocarem.

e) **O Sol** – Nosso sol é uma estrela de quinta grandeza e possui luz própria. As estrelas de sexta grandeza, ou magnitude seis, são cem vezes mais fracas do que as de primeira grandeza (123/270). O Sol tem um diâmetro de 1.392.000 km, ao passo que o diâmetro da Terra é de 12.000 km, ou seja, cento e dezesseis vezes menor. O Sol tem um movimento de rotação, ao redor de si mesmo, e um de translação, em volta do centro de uma Galáxia. No seu primeiro movimento, ele comanda e arrasta, ao seu redor, como satélites seus, nove planetas, nas seguintes ordens, distâncias e tempo de translação; os cinco primeiros são visíveis da Terra a olho nu:

1) **O Planeta Mercúrio** está há 58 milhões de km. do Sol e demora 59 dias, para completar uma volta ao seu redor;

2) **O Planeta Vênus** está há 108 milhões de km. do Sol e gasta 225 dias para completar uma volta inteira ao seu redor;

3) **O Planeta Terra**, nosso habitat planetário, está há 149/151 milhões de km. do Sol e demora 365 dias e 6 horas para uma volta completa; sua superfície é de 510 milhões de km<sup>2</sup>, constituído de 362 milhões em oceanos e 158 milhões em continentes (123/76). O único satélite da Terra é a Lua, há 385 mil km. de nós; a Lua não possui movimento de rotação em torno de seu eixo, mas apenas de translação ao redor da Terra.

4) **O Planeta Marte** está situado, aproximadamente, há 228 milhões de km. do Sol, e gasta 687 dias para uma órbita ao seu redor;

5) **O Planeta Júpiter**, o maior planeta do Sistema Solar, está há cerca de 777 milhões de km. do Sol e demora 11 anos e 315 dias, dos nossos, para uma revolução completa na órbita solar;

6) **O Planeta Saturno**, há 1 bilhão e 427 milhões de km. distante do Sol, demora 29 anos e meio para uma volta completa;

7) **O Planeta Urano**, há 2 bilhões e 870 milhões de km. do Sol, demorando 84 anos para uma volta ao redor do astro central;

8) **O Planeta Netuno** está há 4 bilhões, 495 milhões de km. do Sol e demora 165 anos para uma volta ao redor do astro-rei.

9) **O Planeta Plutão**, finalmente, o mais distante do Sol, está há 5 bilhões e 900 milhões de km. deste, e gasta cerca de 250 anos para completar uma volta ao seu redor.

**A imensidão do espaço universal** e a pequenez de nosso planeta – O Cometa Halley, por exemplo, excursionando pelo Cosmo, demora 75 anos para reaparecer aos habitantes da Terra. Como é pequena e insignificante a Terra! Daqui, do nosso planeta, há 149/151 milhões de km., podemos ver o Sol, que é 116 vezes maior em diâmetro e possui luz própria. Entretanto, se alguém pudesse olhar, lá do sol, em direção à Terra, sequer suspeitaria de sua existência: a minúscula Terra se perderia na poeira cósmica. E o que pensar, da Terra, em comparação ao centro da galáxia, da nebulosa ou de uma constelação?

Muito antes da Terra, já havia mundos. Em "O Imenso Universo", lemos que: "Muitos acontecimentos cósmicos precederam à origem e formação da Terra: Copér-

nico deslocou o centro do universo, da Terra para o sol; mais tarde, os cosmólogos destronaram o sol, por sua vez, desse centro. E hoje sabemos, com surpresa, que nosso sistema solar sequer existia ainda quando foi formada a nossa galáxia. Assim desaparece, de vez para sempre, o último vestígio da concepção geocêntrica do universo” (176/37).

Ivar Lissner escreveu que “deveríamos nos lembrar de que o homem não é, de modo algum, indispensável ao Cosmos; que a Terra continuaria a girar em torno do sol, mesmo que o homem deixasse de existir” (152/17).

### **B) A Terra, nosso Habitat Planetário**

É um erro supor que a Terra gerou ouro prontinho; são necessários milhares ou milhões de anos para que as coisas se produzam, seja na Terra ou em qualquer outro ponto do universo (148/6684). Tudo o que nos rodeia, a qualquer distância que se encontre, tem um princípio, uma evolução e um fim (137/142).

A superfície da Terra tem sido objeto de transformações muito profundas e radicais, que modificaram a configuração e o relevo dos continentes, uma vez por afundamentos de extensas superfícies, outras vezes pela elevação de fundos marítimos, o que permitiu a formação de mares profundos (137/414).

**A Idade da Terra** – Entre diversos métodos científicos utilizados para calcular a idade da Terra, há o método chamado “relógio de urânio” ou “relógio de radioatividade”. O urânio se desintegra em chumbo de urânio, deixando uma quantidade de chumbo que, pelo tempo indispensável à sua formação, torna possível calcular quanto tempo ele está ali (176/82). Existe, também, o “exame de fósseis”, pelo qual se pode estabelecer uma verdadeira cronologia da Terra e precisar as fases de sua longa evolução (148/6694).

**Como e quando se originou a Terra?** Conclusões científicas nos levam a crer que a Terra deve ter-se originado da condensação da matéria, isto é, de partículas sólidas e gases (180/939); e pelos processos geológicos, avaliações recentes, elevam a idade da Terra para cinco bilhões de anos, aproximadamente (176/82).

**O Calendário Telúrico** – Supondo-se a idade da Terra em 4,56 bilhões de anos, em primeiro de janeiro deu-se o nascimento da Terra; em 14 de novembro começou o período primário; em 26 de dezembro, começa o terciário; em 31 de dezembro, às 20:00 horas, o nascimento do quaternário (123/150).

**A Teoria do Resfriamento** – Autores antigos supunham que nosso planeta tivesse se originado do resfriamento e solidificação da matéria em estado de fusão (180/939). Segundo eles, quando a temperatura superficial da Terra desceu abaixo de 4.500°, começou a formar-se a crosta, o que deu origem às primeiras rochas e à liberação de gases e vapores do magma, constituindo-se a atmosfera: dada a elevada temperatura superficial, o vapor da água, que cobria a Terra, juntamente com as chuvas, evaporaram-se antes de chegar à crosta; só muito tempo depois, começaram as precipitações a cair, de forma imponente, sobre um modelado *sui generis*. Porém ainda não havia vales, vias fluviais, superfície nem mares; tudo era uma topografia abrupta, irregular, constituída por saliências, depressões, formas grotescas e desiguais; em alguns pontos, os conjuntos vulcânicos e as grandes fraturas lançavam enormes quantidades de lavas em ignição (137/148).

**Surgem os diversos ambientes planetários** – Passaram-se, certamente, muitos milênios, para que o intemperismo e a erosão cinzelassem o modelo primitivo, ígneo e irregular, já que, até então, só havia uma superfície estéril, desprovida de seres vivos. Formaram-se, então, os rios e, com eles, as linhas divisórias das águas, os vales, as planícies e os oceanos, surgindo, dessa forma, os vários ambientes (137/418).

### **C) As Eras Geológicas**

Os geólogos convencionaram dividir a longa história da formação, transformação e evolução da Terra, em quatro grandes eras: a Primária, a Secundária, a Terciária e a Quaternária (148/6684).

**Antes da Era Primária, ou período Pré-Primário** – Para as ciências geológicas, a Era Primária não foi o começo da formação da Terra; mas caracteriza-se pelo aparecimento de fósseis sobre o planeta. Assim, das origens da Terra (há cerca de 5 bilhões de anos) até o começo da Era Primária (há 450 milhões de anos) houve um período considerável, o período Pré-Primário ou Era Azóica.

**As Quatro Eras Geológicas** – A Enciclopédia Delta Larousse informa que a Era Primária representa, por si só, uma duração muito superior à duração somada das outras três; que a Secundária, por sua vez, é mais longa do que a Terciária; e que a Quaternária representa um período muito curto, e cuja distinção fictícia não teria razão de ser, se não fosse o aparecimento do homem sobre o planeta (148/6684).

#### **1) Durante a Era Primária, Paleozóica ou Criptológica**

A Era Primária principiou, provavelmente, há cerca de 450 milhões de anos; sua duração foi calculada em 280 milhões de anos (137/418); portanto, existiu entre 450 e 170 milhões de anos atrás, quando se iniciava a Era Secundária.

**Divisão da Era Primária** – Estudos especializados levaram os geólogos e paleontólogos a dividirem a Era Primária em seis períodos, cujos nomes se relacionam com os das regiões em que os terrenos correspondentes são melhor representados e mais ricos em fósseis (137/418): período cambriano, ordovício, silúrico, devoniano, carbonífero e permiano.

**Generalidade da Era Primária** – No curso dessa Era, as grandes linhas geográficas são dadas pela existência de dois continentes: um setentrional, que se estendia do norte do Canadá até à Groenlândia, e ocupava considerável porção do atual Mar do Norte; e outro, meridional, localizado no atual Deserto do Saara, na África Central e Arábia. Entre as duas vastas porções de terras emersas, um grande oceano profundo cobria a quase totalidade da Europa atual (148/6684). Da fauna e flora primárias, sabemos que os vegetais acumulados resultaram as camadas de bulhas; eram vegetais bonitos, mas sem flores; e entre eles se destacavam os criptógramos e os gimnospermas (148/6693).

#### **2) Durante a Era Secundária**

A Era Secundária iniciou-se há cerca de 170 milhões de anos, com a duração calculada em, aproximadamente 110 milhões de anos, tendo terminado por volta de 60 milhões de anos atrás, ao começar a Terciária. Para efeitos didáticos, a Secundária foi dividida em quatro períodos distintos: o triássico, o liássico, o jurássico e o cretáceo.

**Generalidade da Era Secundária** – No fim da Primária, quase a totalidade da

atual Europa se achava emersa ou ocupada por lagunas; mas, no início da Secundária, o mar retornou e, durante toda a Era, a Europa vai ser novamente coberta pelas águas; só no final da Secundária há uma regressão dos mares e começam os enrugamentos importantes, que irão caracterizar a Terciária. Terminado o cretáceo, sobrevém ao mundo biológico uma crise, chamada por Dunbar de “o período da mortandade” (1137/419).

As florestas e a fauna mostram um clima quente, com alterações e variações; os répteis e as plantas criptogâmicas tiveram amplo desenvolvimento (137/419).

Os animais vertebrados eram representados por répteis que atingiram acentuado desenvolvimento, verdadeiros monstros gigantes, como: 1) o Iguanodonte, que era um dos principais répteis (ou dinossauros) da época, e tinham o aspecto de um canguru; 2) o Dipococo, um réptil que podia atingir até 25 m. de comprimento; 3) o Tricaratops, que tinha um crânio encouraçado e possuía chifres acerados; 4) os Cetossauros, que eram gigantes pesadões e estúpidos, mas tinham um cérebro pequeno e uma dentadura muito possante. Nessa época, houve, também, alguns répteis voadores, como: 5) os Pterodáctilos, que possuíam asas membranosas; 6) o Archeoptérix, um animal voador, de penas e dentes. Os mamíferos só apareceram no final da Secundária, e eram representados por espécies pequenas e raras.

### **3) Durante a Era Terciária ou Cenozóica**

A Era Terciária começou há cerca de 60 milhões de anos atrás e veio até 1 milhão de anos, quando começava a Quaternária. Durante a Terciária, grandes estabilidades, emergindo áreas continentais, com a conseqüente regressão marítima, numerosos derramamentos de rochas efusivas e, por último, um intenso vulcanismo (137/420). A Era Terciária foi dividida em cinco períodos: o paleoceno, o eoceno, o oligoceno, o mioceno e o plioceno.

**Generalidades da Terciária** – Na atual localização dos Alpes, havia um mar profundo, onde se depositaram grandes espessuras de sedimentos; em meados dessa Era, houve um enrugamento intenso, que originou uma importante cadeia de montanhas: os desdobramentos alpinos. No final da Terciária desaparecem os mamíferos gigantes, e o seu grupo tendeu para as espécies atuais: os elefantes, os rinocerontes e o cavalo lá encontrados, são muito próximos dos atuais.

### **4) Durante a Era Quaternária ou Psicozóica**

A Era Quaternária iniciou-se há 1 milhão de anos e veio até o final do Neolítico. Ela foi dividida em três períodos: paleolítico (ou idade da pedra lascada), mesolítico (ou período de transição) e o neolítico (ou período da pedra polida).

**Generalidade da Quaternária** – No final da Terciária, os Alpes acabavam de se formar; eram montanhas mais altas do que as de hoje, talvez até mesmo do que o Himalaia. A Europa atravessava um período de grandes glaciações: as montanhas eram cobertas de gelo, e foi sob os olhos humanos que se deu o seu desmantelamento (148/6693).

**A flora e a fauna** – Os vegetais nada apresentam de especial quanto às suas espécies; apenas suas áreas de distribuição sofrem modificações, em conseqüência das mudanças climáticas. Os animais são praticamente idênticos aos de hoje; quando muito, vemos desaparecer alguma espécie de mamíferos, como o mamute, o urso da



caverna, o rinoceronte de narinas rebitadas; e certos desaparecimentos são bem recentes (148/6693).

### **O Período Paleolítico**

O Paleolítico, ou antiga idade da pedra, caracterizou-se pelas armas, utensílios e instrumentos humanos, que eram feitos de pedra lascada, sem qualquer acabamento; foi o período do início, quando o homem ainda usava como arma suas próprias mãos e dentes. Entretanto, achando-se indefeso, diante dos animais selvagens, ele apelou para o seu espírito inventivo, idealizando os meios de viver com menos riscos e mais comodidade: criou instrumentos, armas, machados, facas, pontas de flecha etc., os quais, a princípio, não passavam de grosseiras lascas de sílex (ou pederneiras), que eram uma espécie de pedra que facilmente se parte em lascas, daí a denominação “pedra lascada”.

**A habitação humana durante o Paleolítico** – O homem habitava as cavernas e grutas, sendo por isso mesmo chamado de “troglodita”; ele era nômade e estava sempre se locomovendo, à procura de alimentos e de segurança; alimentava-se de produtos da caça e dos frutos silvestres; vestia-se de pele de animais, e revelava certo sentimento de crença em outra vida, pois já sepultava os seus mortos.

**A descoberta e utilização do fogo** – Segundo estudiosos do passado pré-histórico, foi durante o Paleolítico, por volta de 300 mil anos aC, que os hominídeos, representados pelo Homem de Neanderthal, começaram a fazer uso do fogo.

**Divisão do período Paleolítico** – em sete culturas distintas:

1) **A Cultura Pré-chelense** foi a idade primitiva, em que viveram os mais antigos hominídeos (146/650). No dizer de Will Durant, essa primeira cultura humana floresceu há cerca de 125 mil anos aC.

2) **A Cultura Chelense** teria florescido há cerca de 100 mil anos (101/102); e foi nela que apareceu o uso da machadinha de mão (135/03).

3) **A Cultura Achelense** ocorreu quando e onde os instrumentos já são mais leves, mais variados e mais perfeitos do que nas épocas anteriores: a machadinha continua sendo o instrumento de uso preponderante, mas vai atingir sua maior perfeição (135/04). Essa cultura teve lugar por volta de 75 mil anos aC (101/103).

4) **A Cultura Musteriense** deve ter florescido associada às últimas espécies do Homem de Neanderthal (101/103). Camadas arqueológicas, perfeitamente conservadas, dessa época, nos fornecem grandes esclarecimentos. A espécie humana provia as necessidades da outra vida, colocando alimentos e utensílios no túmulo (146/652). Aqui, aparecem também os perfuradores e uma indústria de madeira; os bandos de caçadores procuravam as cavernas e as montanhas (135/04).

5) **A Cultura Aurignascense** mantinha abundante caça, devido à presença de bisontes e cervos, além de bandos de renas, que são as presas prediletas; aparece também o emprego de tintas minerais, óxido de ferro e manganês (135/04). Essa cultura ocorreu há cerca de 25 mil anos (101/103).

6) **A Cultura Solustrense**, de 20 mil anos, ocupava o mais alto do Cro-Magno (101/103); nesse período cultural, havia artífices hábeis e, no final, aparecem agulhas com orifícios para se enfiar a linha (135/04).

7) **A Cultura Magdalense**, ou Cultura de Chancelade, apareceu na Europa há

16 mil anos aC e, nas artes e desenhos das grutas de Altamira (101/103). Essa cultura tem Dordogne, na França, como centro de sua difusão: ali, o homem tinha por habitação as cavernas e os abrigos debaixo das rochas; a luta pela vida era mais áspera do que nunca (146/652); é a última Cultura arqueológica, e aqui aparecem facas, raspadeiras, tosqiadores, punções e buris (135/09).

**O fim do Paleolítico** – Em Pleno Paleolítico, há cerca de 15 mil anos, os habitantes do Egito e da África do Norte desenvolveram a técnica do sílex e criaram utensílios de pedra, característica da cultura norte-africana (152/40). Durante o paleolítico, os homens usavam instrumentos rústicos, de pedra lascada, sem qualquer melhoramento, o que indica um estágio primitivo e inferior ao do Neolítico. Ainda não havia vestígio de animais domésticos: os homens tiravam deles apenas o proveito imediato, como a pele com que se cobriam, as carnes etc. (146/656).

### **O Período Mesolítico (ou de transição)**

A Idade Mesolítica ocorreu entre o Paleolítico e o Neolítico, e foi um período de transição entre ambos. O Mesolítico se caracterizou pelo aparecimento da navegação, da invenção do trenó, do machado com cabo artificial, da olaria, da domesticação do cão etc..

Afirma Will Durant, que por várias vezes, nos últimos séculos, grandes amontoados de lixo pré-histórico foram encontrados na França, na Espanha, na Sardenha, em Portugal, no Brasil, no Japão, na Mandchúria e, acima, de tudo, na Dinamarca, onde receberam o nome de sambakis. Tais humildes relíquias são, aparentemente, sinais de uma cultura formada no VIII milênio aC, no fim do Paleolítico e começo do Neolítico, porque ainda não denunciavam o uso da pedra polida. Esses sambakis representam um período de transição entre a idade Paleolítica e a Neolítica (101/108).

### **O Período Neolítico ou da Pedra Polida**

Ivar Lissner ministra que, passado muito tempo, o homem aperfeiçoou ainda mais seus instrumentos e armas, fazendo-os de pedra polida e, com isso, ingressando no Neolítico, que é o período pós-glacial, de clima quente e seco, que fica entre 3.000 e 1.800 aC, quando o homem fabricava seus utensílios e armas de pedra polida e rebentada. O homem do Neolítico era sedentário, cultivava o trigo, a cevada e os legumes secos; arrumava suas colheitas em granjas e domesticava os animais — notadamente o cão — além de utilizar a madeira como material de construção (152/206).

Para Will Durant, os mais velhos ossos dos resíduos neolíticos, de 8 mil anos aC, são do cão, companheiro número um da raça humana; depois de alguns séculos, por volta de 6 mil aC, vieram a cabra, o carneiro, o porco e o boi; finalmente, apareceu o cavalo (101/109). Enquanto o homem do Paleolítico não deixou traços de outra moradia, além das cavernas e grutas, o do neolítico deixou coisas como a escada, a polia, a alavanca e a dobradiça (101/111).

**A Instituição da Organização Social** – Eis como o historiador do século excreve, na sua monumental “Filosofia da Vida”, esse importante acontecimento social e jurídico: “Dois homens disputam: um derruba o outro, mata-o e conclui que, se ficou vivo, é porque tinha razão (...) Temos agora outra disputa entre dois homens, no qual um deles diz: Nada de lutas, em que corramos o risco de morrer: deixemos

que os mais velhos da tribo decidam nosso caso e aceitaremos a sua decisão". O momento em que esse homem propôs semelhante alvitre, foi um dos grandes momentos da humanidade. Se a resposta fosse "não", o barbarismo continuaria; mas como a resposta foi "sim", a civilização emitiu uma nova raiz: a substituição do caos pela ordem, da brutalidade pelo julgamento, da violência pela lei" (121/282).

**Surge a propriedade privada** – O homem tornou-se sedentário, possuindo sua criação e sua família organizada. Nasceu o sentido da propriedade privada, elemento que provocou os primeiros conflitos e guerras da Pré-História (157/189).

**Os primeiros agrupamentos humanos** – Os homens se fixaram no solo, surgindo agrupamentos humanos que deram origem às cidades; o lugar preferido para as primeiras cidades foram as margens e afluentes dos rios, pois, assim, resolveriam o problema da defesa e atendiam aos interesses econômicos. Para conseguir o cobre e o estanho, o homem passou a explorar o subsolo e a viajar em busca de novas minas, provocando a expansão do mundo humano (157/190).

**Divisão do Período Neolítico** – Os arqueólogos dividiram o Neolítico em duas idades: a) a idade da pedra polida; b) e a idade dos metais, que compreendem as idades do cobre, do bronze e do ferro. Conforme muito bem nos lembra Ivar Lissner, no começo o homem se servia de utensílios e armas de pedra lascada (foi o período Paleolítico); depois, passou a usar a pedra polida (foi o período Neolítico); em seguida, passou a aprender a cerâmica e o trabalho com os metais (foi a idade dos metais). A pedra precedeu o cobre, que precedeu o bronze, que precedeu o ferro — e isso se deu no mundo inteiro (152/360).

**Pré-História** foi o período anterior ao aparecimento da herança escrita e da história propriamente dita. Na Pré-História, ainda não havia escrita, ao passo que a história é o passado escrito ou letrado. A maior parte do passado da humanidade se desenvolveu na Pré-História: os monumentos do passado da humanidade são os únicos testemunhos dessa época, e os arqueólogos, os únicos historiadores (152/360). Para um centésimo de história iluminada, há 99% de Pré-História, pois a tradição, em documentos escritos de forma expressiva, não ultrapassa, em lugar algum, mais de três mil anos aC, de forma que a História constitui para nós um lapso de apenas cinco mil anos.

### **A Idade dos Metais**

Foi durante a Idade dos Metais – orienta Aldorema Freitas – que surgiu a escrita, entrando o homem no período histórico (157/90). Quando, porém, a humanidade começou o uso dos metais? Afirma Will Durant: “supomos que sobreveio acidentalmente, no fim do Neolítico. Pondo este fim em 4 mil aC, temos uma perspectiva de 6 mil anos para a idade dos metais, em contraposição aos 4 mil anos para a idade da pedra polida, e a 1 milhão de anos para a idade do homem. Aqui se vê como é breve e curta a substância de nossa História” (101/122).

**D) A invenção da escrita** – É ainda Will Durant quem ensina: Temos que pensar na língua, não como um dom dos deuses, mas como um lento envolver da expressão articulada, em séculos de esforços e de experiências. (...) Sem palavras ou nomes que pudessem dar às imagens a propriedade de representar uma classe, a generalização teria parado no começo, e a razão se aniquilaria ao ponto em que a encontramos nos

brutos. Sem palavras, a filosofia e a poesia, a história e a prosa tornar-se-iam impossíveis, com o pensamento jamais chegando à altura que alcançou em um Einstein ou em um Anatole France” (121/280).

**Como teria surgido a linguagem escrita?** – Na sua monumental “A Palavra Escrita e sua História”, Hernani Donato nos instrui: “no meio de tanta brutalidade, de vida tão rude, o homem sentia uma vaga preocupação pelo futuro, na ânsia de melhorar o ambiente e de aproveitar-se das experiências dos seus semelhantes. (...) É verdade que já podia falar, mas isto não bastava: a morte estava sempre vizinha, e a preocupação de viver o dia seguinte fez surgir a idéia de que a memória de um homem pode ir além de sua vida corporal, pelas façanhas que tiver praticado, e do que ele tiver dado a conhecer aos outros homens” (100/12).

“Daquele pensamento nasceu esta coisa tão importante: representar, com figuras, as proezas e os perigos vencidos. Com os instrumentos de que dispunha – facas de pedras, pontas de lanças ou flechas, ossos e chifres, começaram a riscar nas paredes de suas cavernas aquelas coisas que queriam que não esquecessem, ou que desejavam fossem conhecidas por outros homens (100/13)”.

“O valor desses desenhos pode ter sido assim descoberto: um caçador mata um urso, mas adivinha que a sua memória é fraca, e mais fraca ainda a de sua companheira e a de seus filhos. Então, agachando-se junto a uma pedra e, com paciência, desenhou um urso, a lança e um homem. Pronto o desenho, chega um companheiro que vê o desenho, adivinha a história e lhe diz: “Você caçou um urso com sua lança?” Aquele homem havia feito, com isso, uma preciosa invenção: a primeira escrita, a escrita figurada ou pictográfica (100/13)”.

“Essa escrita era figurada, porque se servia de representações simples de objetos, segundo o ponto de vista primitivo; e a essa técnica primitiva de transmitir o pensamento por meio de sinais representativos, chamou-se, depois, “pictográfica” (do Latim “pictus”, pintado” e do grego “grafe”, descrição). Cenas de caçadores, de objetos de uso, de acidentes da natureza etc. foram desenhados durante alguns milênios nas rochas das primeiras habitações humanas. Nos seus trabalhos aparecem o mamute, o rinoceronte, cavalos selvagens, lobos e ursos (100/13). As idéias e os desenhos eram simples, práticos e imediatos porque se relacionavam com o que existia ao seu redor, e que constituía as necessidades permanentes”(100/14).

**Proto-História** foi um pequeno período que ficou entre a invenção da escrita e o aparecimento dos primeiros testemunhos escritos. Nesse período, já havia a linguagem, mas não encontramos documentos escritos atestando o seu uso. A Proto-História fica entre a Pré-História e a História propriamente dita. Durante esse curto período de duzentos anos de silêncio e anonimato, o homem fez uma série de invenções técnicas de grande importância para a civilização: a metalurgia do ouro, da prata, do cobre, do estanho e do bronze (uma liga de cobre com estanho), a utilização da força dos animais como bestas de carga e de tração, a força dos ventos na movimentação das embarcações, o fabrico do tijolo, a invenção do arado e da roda.

### **Divisão da Idade dos Metais**

**1) A Idade do Cobre** – O cobre é o metal mais velho que se conhece. Encontramo-lo nas habitações lacustres de Robenhaus, na Suíça, de 6 mil anos aC; na

Mesopotâmia pré-histórica, há 4.500 aC; no Egito, 4 mil aC; mas a Idade dos Metais não começou com a sua descoberta, e sim com a sua transformação para o uso humano (101/112).

"O homem foi conhecendo, paulatina e empiricamente, os metais, sem prévia idéia de sua utilização prática; esta só veio como consequência das virtudes deles, de suas dureza, de suas flexibilidade, de suas cores brilhantes. Como as crianças, o homem primitivo apreciou os metais, vendo neles apenas as condições exteriores – o brilho, a beleza e a cor – de preferência às suas virtudes, que só mais tarde descobriu" (139/213).

"Entretanto, as idades do cobre, como a do bronze e do ferro são estágios da cultura humana, caracterizados pelo conhecimento e emprego de cada um deles. O cobre foi o primeiro metal a ser usado, por ser o mais maleável; foi conhecido na Caldéia e no Egito, cerca de 3.500 aC (157/190); na China, 1400 aC" (157/11).

**2) A Idade do Bronze** – "Já em 2.800 aC fundiram-se o cobre com o estanho, produzindo o bronze, que era mais duro para a fabricação da armas; mas os instrumentos de cobre e de bronze se inspiraram nos de pedra, que não desapareceram de todo. Logo se seguiram novos objetos e ferramentas incrustados de pedra, como a espada longa, o jarro cálice-forme" (157/190).

**3) A Idade do Ferro** – "O aparecimento do ferro coincide, quase exatamente, com a entrada no período Histórico. Era um metal mais simples e de grande quantidade como os anteriores, mas em condições de ser diretamente utilizado (139/217). E a Idade do Ferro foi o estágio da cultura humana caracterizado pelo aparecimento do emprego do ferro. Após sua descoberta, em 1.800 aC, na Mesopotâmia, o homem passou a possuir armas mais poderosas, objetos mais úteis, como bacias, alfinetes, moedas, baldes cilíndricos, chaves etc.; passou a construir grandes barcos e a edificar fortificações; mas tal processo não se verificou simultaneamente, em todos os lugares, nem de igual maneira" (153/190).

**4) Outros metais** – "Também o ouro foi abundante na Idade dos Metais; fica-se perplexo em face dos túmulos de Mecenas (antigo Mar Egeu), ao se ver a profusão de ouro que cobria os cadáveres: máscaras de ouro, peitorais, placas de ouro (700 em apenas três corpos)" (146/657).

### **As Letras viajam pelo mundo**

"Depois daquela escrita pictográfica (ou pintada) — continua Hernani Donato — chegamos à escrita ideográfica. Em dado momento, soube o homem ligar essas coisas e, nas pedras, começou a deixar sinais novos – e estes já não significavam a coisa vista ou os acontecimentos, mas significava a idéia que o desenho sugeria: o desenho de um sol, por exemplo, não significava somente o astro, mas também a porção de tempo que não sabiam como chamar, existente entre duas noites, isto é, o dia. (...) E dando uma significação a cada desenho isolado, reunindo várias representações em um só conjunto, criou-se uma verdadeira escrita, à qual se deu o nome de ideográfica" (100/14).

"A linguagem ideográfica consiste no emprego de sinais que sugerissem idéias. Um ideograma é um sinal gráfico que representa não determinado som ou letra, mas alguma idéia deles sugerida. Esta escrita ideográfica, também chamada "simbólica",

é encontrada entre todos os povos primitivos, inclusive nas populações selvagens de nossos dias. Porém, com o passar dos tempos, surgiu uma crescente necessidade de aumentar o número dos desenhos ou sinais, a fim de representarem as coisas que iam sendo encontradas, descobertas ou imaginadas. Não podendo aumentar, indefinidamente, o número desses sinais, descobriu-se que poderiam combinar aqueles sinais já em uso. Passaram-se séculos, e os homens primitivos se punham a construir frases mistas, isto é, de representações concretas e de símbolos abstratos" (100/15).

**A criação das letras ou sinais gráficos** – "Pouco a pouco, uma prodigiosa transformação foi sendo operada na língua escrita e falada: os desenhos iriam receber nomes (100/16). Suponhamos o caso da representação de um boi: o sinal que representava esse animal já era um desenho quase perfeito dele; mas, em determinado momento, o sinal em questão passou a representar tanto o animal como a sílaba que era a expressão de boi; isso significa que o sinal não era mais representativo da ideia, mas sim do som. A escrita estava em nova fase, e a divisão dos sinais trouxe, como resultado, as primeiras letras" (100/17).

Desse modo, a escrita seguia, através dos séculos, um caminho bem ordenado e evolutivo: nascera figurada ou pictográfica (com a representação ou desenho simples do objeto); passou a ser ideográfica (representando a idéia por meio de objetos desenhados); agora iria tornar-se silábica (o sinal desenhado representava a sílaba ou som emitido pela voz humana para pronunciar o nome daquele animal ou objeto); finalmente, chegaria a ser representativa de caracteres (letras ou sinais gráficos), como conhecemos hoje (100/17).

### **O Período Histórico propriamente dito**

Paulo Gomes e outros, em "História Geral da Civilização", mostraram que o Período Histórico propriamente dito é o período humano que está registrado por escrito. A civilização tem como marco inicial o uso da escrita; mas a passagem de uma a outra etapa não se sucedeu ao mesmo tempo, para todos os povos, alguns dos quais, até hoje, não chegaram a tornar-se civilizados (131/15).

As primeiras letras surgiram no Vale do Tigre e Eufrates, com o nascimento das primeiras civilizações (100/18). Os primeiros documentos escritos reportam-se à escrita linear da Suméria (de 3.600 anos aC). Aparentemente, ela é uma forma derivada de sinais e pinturas de primitivas cerâmicas da Mesopotâmia e do Elam (101/114). Em 3.600 aC, ou talvez antes, o Elam, a Suméria e o Egito desenvolveram um sistema de símbolos, de idéias ou hieróglifos, assim chamados por serem de uso dos sacerdotes; um sistema similar aparecera em Creta, em 2.500 aC (101/115). As mais antigas inscrições sumerianas são em pedra, e datam aproximadamente de 3.600 aC; mas já em 3.200 aC, também tabletas de argila aparecem (101/140).

**Divisão do Período Histórico** – Geralmente, os historiadores dividem, com pequenas variações, o período histórico em: a) História Antiga; b) História Clássica; c) História Medieval; d) História da Renascença; e) História Moderna; f) História Contemporânea.

### **E) As Primeiras Civilizações da História**

Opina Will Durant: "Não podemos ter certeza sobre qual dessas culturas apareceu em primeiro lugar, pois há milhares de anos, antes de nossa era, já existiam grandes

civilizações e culturas sobre a Terra; e se violamos aqui honroso precedente, colocando o Elam e a Suméria antes do Egito, não o fazemos por espírito de inovação, mas porque a idade dessas civilizações (...) aumenta à proporção em que nossos conhecimentos crescem a seu respeito” (101/118).

### **1) O Elam e os elamitas**

“Nesse território – orienta Durant – desenvolveu-se a primeira civilização mencionada na História: a antiga cidade de Susa, o centro da região conhecida dos hebreus como Elam (“a terra alta”). Desses começos, os elamitas passaram ao poder, conquistando a Babilônia e a Suméria, sendo depois por elas conquistados. A cidade de Susa viveu 6 mil anos de vida história coeva do apogeu imperial da Suméria, da Babilônia, do Egito, da Assíria e da Pérsia, da Grécia e de Roma, tendo florescido até o século IX da nossa era, sob o nome de Shu-Sham” (101/126).

### **2) A Suméria e os sumerianos**

Segundo Ivar Lissner, por volta de 3.200 anos aC, os antepassados dos sumerianos se fixaram entre Bagdá e o Golfo (152/20). E, de acordo com Aldorema Freitas, vindo do Planalto do Irã, no IV milênio aC, estabeleceram-se eles na Planície do Súmer, ao sul do Eufrates; mas sua unificação política foi realizada por um soberano estrangeiro – o semita Sargão I, da Acádia, que fundou o primeiro império mesopotâmico, em 2.555 aC (157/341).

S. F. Mason, em “História das Ciências”, informa que, provavelmente no ano 2.000 aC, os sumerianos foram vencidos e desapareceram da História; apenas a sua língua e escrita subsistiram, como veículo de instrução e cerimonial religioso (156/07). Na opinião de Ivar Lissner, a escrita sumeriana é a mais antiga grafia que se conhece (152/19); aquele sistema cuneiforme de escrita foi inventada naquela parte do mundo, e essa grafia jamais foi utilizada em outra região do globo (152/20).

“Foi para nós uma felicidade — ministra Will Durant — que não escrevessem em efêmeros papéis, com tinta delével, e sim em argila úmida, por meio de caracteres cuneiformes. Depois de concluído o trabalho, o escriba cozia as tabletas ao fogo, ou as secava ao sol e, desse modo, obtinha algo só menos durável do que a pedra. Esse desenvolvimento cuneiforme foi a maior contribuição da Suméria para a civilização (101/140).

### **3) A Acádia e os acadianos**

Povo de origem semita, provavelmente da Arábia, que se instalou na mesopotâmia à época do domínio sumeriano; seu nome vem da região em que eles se fixaram: a Acádia, ao norte da Suméria. Em 2.555 aC, o soberano Sargão I anexou ao seu império o que viria a ser o primeiro império da Ásia Ocidental. Com a morte de Sargão, os sumerianos se revoltaram, abalando a unidade do império súmero-acadiano, e pondo fim a ele (157/03). O rei Ur-Nummu, fundador da III dinastia de Ur, foi o primeiro a transformar em “torres de andares” os terraços-santuários, ou ziggurats, que foram os antepassados da Torre de Babel. Ele reinou cerca de 2.050 aC (152/30).

### **4) A Babilônia e os babilônios.**

Por volta de 2.000 aC, os amoritas dominaram o Vale do Tigre-Eufrates, assimilando as civilizações dos povos conquistados (sumerianos e acadianos); o império daí formado teve como capital a cidade de Babilônia; por isso, os amoritas passaram a

ser chamados de babilônios. Com a queda, porém, dos amoritas, a cidade entra em decadência, transferindo-se para o norte (Assur e Nínive) (157/33).

**O calendário babilônico** – S. F. Mason, em “História da Ciência” registra que, cerca de 2.000 anos aC, o calendário babilônico consistia em doze meses de trinta dias; que, além do mês, os babilônios nos legaram a semana como medida de tempo, designando os seus dias pelos nomes do sol, da lua e dos cinco planetas: que é também deles a divisão do dia em dois períodos de doze horas, de cada hora dividida em sessenta minutos e dos minutos em sessenta segundos (156/08).

**A Astronomia da Babilônia** – Estava desenvolvida, segundo Durant: em 2.000 aC, eles já tinham uma cuidadosa fixação dos movimentos do planeta Vênus; já tinham levantado a posição de várias estrelas, e iam traçando, pouco a pouco, o mapa do céu. Dessa astrologia e anotação das estrelas, lentamente se desenvolveu a Astrologia; mas a conquista cassita interrompeu, por mil anos, seu desenvolvimento (101/266).

**O rei Hamurábi e a Estrela das Leis** – Ele fundiu os sumerianos e os semitas em um só povo, chamado babilônio e reinou quarenta e dois anos (152/30). Enquanto reinava, ele elaborou um sistema de leis muito avançado para o seu tempo – o Código de Hamurábi ou Estrela das Leis, em que reuniu as práticas jurídicas até então vigentes na Mesopotâmia (157/03). Como a de Moisés, essa legislação surge como um dom do céu: o cilindro mostra o soberano recebendo as leis de Shamash, o próprio deus-sol (101/266). Sua legislação foi descoberta em Susa, em 1902 aC e comparada com fragmentos de cópias antigas. Foi a única legislação daquela região súmero-acadiana, que nos chegou quase completa (146/688).

**A Lei de Talião** – Entretanto, para Aldorema Freitas, a lei “olho por olho, dente por dente”, ou Lei de Talião, que já era comum entre os sumerianos, foi abrandada por Hamurábi, que a substituiu por uma multa em dinheiro, variável de acordo com a situação social do ofendido (157/33). Para Ivar Lissner, na Babilônia como em todas as cidades antigas, o escravo estava na base da organização social: uma mulher valia de 1.000 a 620.000 francos; um homem, de 1.000 a 630.000. Propriedade de seu amo, o escravo vivia à sua mercê, e as mulheres escravas sentiam-se desonradas, se não tivessem filhos deles (152/36).

A invasão dos cassitas – “Por volta de 1.750 aC, a Babilônia foi destruída pelos cassitas, povos bárbaros que não preservaram a cultura babilônica. Essa invasão lançou a civilização da Mesopotâmia em um período de trevas, que vai durar seis séculos. Depois disso, a Babilônia só vai reaparecer durante o reinado de Nabucodonosor, comandante que venceu os assírios. Daí em diante, passaram a ser chamados de “neobabilônicos” (157/33).

Nabucodonosor e a Astronomia – No reinado de Nabucodonosor, os estudos astronômicos foram retomados e eles fizeram as primeiras distinções entre os planetas e as estrelas (101/266). A “Torre de Babel”, erigida por ele, em 604 aC, segundo o Dicionário da História da Civilização, pode ser considerada uma aplicação dos conhecimentos astronômicos (157/33).

### **5) O Egito e os egípcios**

Em “As origens da Bíblia”, Alfred Läßle ensina que “a partir do IV milênio, havia, no Egito, como na Mesopotâmia, os chamados hieróglifos, que representavam



letras, mas que só mais tarde evoluíram para a representação de sílabas. Entretanto, a passagem da escrita hieroglífica para a escrita em caracteres ou letras realizou-se na região sírio-palestina, por obra dos fenícios, principalmente na cidade de Biblos” (53/28).

**Antiga engenharia do Egito** – Desde cerca de 4.000 aC, o Egito apresenta construções no Vale do Nilo e um sistema de irrigação. Alguns exemplos de construções egípcias são as Pirâmides, erguidas entre 2.700/1600 aC, e os templos de Carnac (179/735).

**Os ideogramas chegam ao Egito** – Ao chegarem ao Egito, porém, os ideogramas eram tipicamente figurativos: um objeto ou um conhecimento era representado por um desenho sumário; a esse desenho deu-se o nome de hieróglifo (“heros”, sagrado e “gluphein”, grafar). Os sinais chegados da Mesopotâmia, com as primeiras grandes migrações, diziam respeito a coisas comuns relativas ao ambiente daquela região; mas o Egito impõe uma série de novos sinais, os quais – pouco a pouco – substituíram completamente os sinais importados. Nos sinais novos já existiam motivos locais, uma das razões pelas quais o hieróglifo se fez tão difícil de ser interpretado (100/40).

**O descobrimento do Papiro** – "Naquele momento, um homem industrioso observou uma folha que crescia nativa, às margens do Rio Nilo: ela tinha uma haste nua, formada por uma série de películas concêntricas, uma sobre as outras. As películas da parte de fora eram colocadas, verticalmente, uma sobre as outras, e assim sucessivamente. Essa disposição aumentava a resistência do conjunto; quando se conseguia a espessura desejada, embebia-se sobre elas com tinta indelével, feita de fuligem. Servia de caneta um talo de junco e, mais tarde, penas preparadas de bambu (100/46). A essa planta, que atingia até quatro metros de altura, deram o nome de “cyperus papyrus”, o Papiro” (182/1547).

**Divisão da História do Egito:** Período do Antigo Império, do Médio Império e do Novo Império.

**1) O Antigo Império** – As cidades-estados independentes fundiram-se, no início do IV milênio aC, unificando os dois reinos (o do sul, no Vale ou Alto Egito) com o norte (Delta do Nilo ou Baixo Egito). Foi o soberano Menés, por volta de 3.200 aC, um soberano do Sul, quem conseguiu unificar o Alto e o Baixo Egito, dando início ao Antigo Império. Dessa época datam, também, as famosas pirâmides de Quéops, de Quéfren e de Miquerinos, soberanos da IV dinastia (157/235).

**2) O Médio Egito** – Com a autoridade central enfraquecida, o Egito mergulhou em uma crise social de três séculos, e só foi reorganizado por volta de 2.000 aC, com o Novo Império (157/16). Foi Amenófis I o primeiro soberano do Médio Império e viveu cerca de 2.000 aC; mas, em 1576 aC, o Egito foi invadido por nômades vindos da Ásia: como os cassitas, que há algum tempo tinham se apossado da Babilônia; como os romanos, na conquista da Grécia; como os hunos, na Itália e os mongóis em Pequim, também os hicsos se estabeleceram com seu domínio no Vale do Nilo (152/55).

**3) O Novo Império** – Iniciou-se com a expulsão dos hicsos, em 1580 aC (157/269). Foi uma mulher, a rainha Haxepsu, quem imprimiu sua marca a esse período, quando reinou de 1501 a 1470 aC. Ela se fez proclamar do sexo masculino

e de descendência divina (15/56);

Foi Amenófis II o sucessor de Haxepsu; mas, pouco depois, com o nome de Amenófis IV, sobe ao trono um jovem que se tornou o marido da encantadora Nefertite. Todavia, devido à sua menoridade, a regência foi assumida por sua mãe. Enquanto menino, Amenófis IV era fervoroso adorador do deus-sol, venerado em Heliópolis. Entretanto, no trono, Amenófis IV mudou seu próprio nome para Akn-Aten, mandou erguer templos ao deus Aten, e fez uma profunda reforma religiosa no Egito. Ele abandonou Tebas e fundou uma nova capital, "Akt-Aten", isto é. "cidade do horizonte de Aten" (152/58).

Com ele, o Atenismo passou a ser a religião oficial do país. Em todos os templos do deus Amon, ele mandou apagar o nome do deus e destruiu todos os objetos de culto... os padres de Amon perderam seus privilégios e cargos, e somente Aten, o deus-sol, deveria ser adorado (152/59).

O reformador Akn-Aten morreu, porém, e a sua morte seguiu-se um período de grandes perturbações: Smenkhara, genro de Akn-Aten subiu ao trono, mas morreu alguns anos mais tarde, sem dúvida – opinião de Ivar Lissner – fizeram-no desaparecer. Então, Tut-ank-Aten, seu sucessor, também genro de Akn-Aten, sob pressão dos padres de Amon, teve de mudar seu próprio nome para Tut-Ank –Amon e a sua adoração de Aten para Amon; ele deixou sua residência em Tel-El-Amarna e fez voltar a capital para Tebas, além de abolir o culto ao deus Aten (152/61).

#### **6) A China e os chineses**

Para Will Durant, as pesquisas de Andrews nos levam a concluir que, há 20 mil anos aC, a Mongólia já era densamente povoada por uma raça cujos instrumentos correspondia ao mesolítico europeu (103/91). Em "Os Segredos da Astronomia" lemos que, já no século XXV aC, a Astronomia da China tinha atingido altíssimo nível de perfeição: já conheciam Júpiter, Marte, Saturno, Vênus e Mercúrio, planetas que lhes colocavam na mesma distância da Lua. E, já para eles, o sol girava verticalmente em torno da terra, e determinava a sucessão dos dias e das noites (125/105). E, segundo Durant, a bússola pode ter sido implantada pelos chineses, pelo duque de Chou, no reinado do imperador Chen-Wang (1115 – 1078 aC), mas o seu uso era limitado a orientar a construção de navios e de templos religiosos.

#### **7) A Assíria e os assírios**

A Assíria foi um antigo império da Mesopotâmia, habitado pelos assírios, povos de origem semita, cerca de 2.500 aC. Durante muito tempo, esse povo esteve submetido aos sumerianos e aos babilônios. A partir, porém, de 1750 aC, ficaram livres das invasões que assolavam a Mesopotâmia. A Assíria só começou a se desenvolver, como potência militar e econômica, com o rei Assur-Ubalit I (1380 – 1340 aC).

#### **8) A Fenícia e os fenícios**

Vindo da Arábia, um povo de origem semita se apossou da terra e do que nela havia; esse povo era o fenício e aquele país passou a ser chamado Fenícia. Os fenícios se fizeram marinheiros e comerciantes, sendo os primeiros grandes navegadores viajantes da História (100/55).

"A Fenícia tornou-se o centro do mundo: seus homens comerciavam com Oriente e o Ocidente. Vivendo do comércio, possuíam tantos negócios, tantos navios

no mar. tantas colônias e empórios, que tinham forçosamente de contar com uma ordenada escrituração: leis, códigos, relatórios, ordens, cartas e tudo o mais que fosse preciso para administrar a cidade e realizar seus negócios, era conservado. Por isso, os comerciantes fenícios deram tanta importância aos sinais da escrita. Como semitas, os fenícios haviam recebido os sinais da escrita de seus parentes hebreus, e seu alfabeto passou a ser chamado “fenício-hebraico”. No entanto, foi no ano 1.250 aC, sob o reinado de Ahiran, que os fenícios tiveram conhecimento das letras; e, percebendo a utilidade delas, puseram-nas imediatamente em uso” (100/56).

“Os fenícios vão melhorar esses sinais e criar um perfeito alfabeto, o qual, através dos gregos, depois dos latinos, chegou a ser o que conhecemos hoje (100/53). Aconteceu, porém, que os velhos sinais, dos tempos do rei Ahiran, já não correspondiam às necessidades daquela época. Bons comerciantes que eram, os fenícios desejam, em todas coisas, a disciplina, a solidez e a ordem. E tanto os sinais hebraicos como os hieróglifos egípcios eram bons para textos religiosos curtos e para inscrições em monumentos, mas não serviam para o comércio. Para terem tudo isso na sua escrita, os fenícios aceitaram e levaram ao mundo uma série de vinte e dois sinais gráficos, que eram escritos horizontalmente, da direita para a esquerda” (100/57).

“Desse modo, os fenícios não criaram praticamente o alfabeto, apenas o aprenderam e o espalharam, levando-o do Egito a Creta e outros centros do Mediterrâneo. Nos tempos de Homero, os gregos estavam assimilando o alfabeto fenício, passando a conhecê-lo pelos nomes semíticos das duas primeiras letras (Aleph e Beth)” (101/116).

**O final da Fenícia** – Atraídos pela boa qualidade do chão da Fenícia, pela riqueza que ele guardava, armaram-se e avançaram contra ela: primeiro foi o Egito; em seguida, os israelitas, quando da passagem para a “terra prometida”; e foi ela também presa dos assírios, dos caldeus, dos persas e dos macedônios.

Do crepúsculo fenício, passamos para a aurora helênica (100/64). E assim, chegamos à Era Clássica, com seu apogeu em Alexandria, na Grécia e em Roma; de lá, saltaremos para os séculos XIX e XX.

\*\*\*\*\*

## **2.1.5. Retornando aos Nossos Tempos**

### **A) Dezenove, o Século das Luzes**

Não foi sem justa razão que apelidaram o século XIX de “o século das luzes” e o século XX de “o século da Era Espacial e da Internet”. Em 1810, Hahnemann fez uma verdadeira revolução no terreno da medicina, publicando os fundamentos da Medicina Homeopática. E foi naquele século que apareceram o automóvel, o barco de Fulton, a locomotiva de Stephenson, e o telégrafo sem fio.

Entre 1857/1868, Allan Kardec ouviu a voz dos “desencarnados” e traduziu, em linguagem fácil e compreensível, os seus ensinamentos sobre a “continuidade e sobrevivência da alma após a morte”. Só depois disso, em 1959, Charles Darwin publicou “As Origens das Espécies”, com sua famosa “Teoria Geral da Evolução”.

Em 1887, na Polônia, Lázaro Luiz Zamenhof, depois de uma vida inteira dedicada à Medicina e à Linguística, publicava o “Esperanto – a Língua Auxiliar Internacional”, com a finalidade de quebrar as barreiras linguísticas que separavam os homens entre si. Em 1885, Graham Bell inventa o telefone, e, em 1895, Marconi, o rádio. Enquanto isso, a ciência e a tecnologia estavam a desferir vãos para a realidade que presenciamos nos dias atuais.

### **B) Vinte, o Século da Era Espacial e da Internet**

Com os grandes começos do século que findara, chega o século XX com as mais promissoras perspectivas em todos os departamentos da atividade intelectual e industrial do homem. E foram surgindo, lentamente, as máquinas de datilografia, que se aperfeiçoaram até às maravilhas de que dispomos hoje. Santos Dumont inventa o avião, que também foi evoluindo até os modernos “jatos” e “supersônicos”. Aparece a televisão, o cinema falado, a bobina sem fio, o computador e milhares de criações paralelas.

**Começa a Era Espacial** quando, depois de vários foguetes e sondas, em 1959, o ser humano consegue pisar no solo lunar, através da Apolo-XI. A partir daí, satélites artificiais, satélites domésticos, sondas e aparelhos dos mais sofisticados percorrem nosso espaço cósmico, à procura de conhecimento para uma civilização terrena, que acabava de acordar para a realidade da vida. Diversos planetas, de dentro e de fora do nosso sistema solar, foram fotografados, estudados e analisados cientificamente.

A Eletrônica enriqueceu nossa vida; e, com o auxílio da óptica, conquistas assombrosas foram feitas, como a radiotelegrafia, a radiotelefonia, o supertelescópio Hubble e os mais sofisticados computadores. Finalmente, forma-se a Internet, uma rede de computadores que associa e estabelece o relacionamento de mais de cem milhões de internautas.

Cria-se a fibra-óptica, o telefone sem fio, o telefone celular, o vídeo-fone, as caixas eletrônicas, os mais modernos e sofisticados aparelhos, como as caixas bancárias, a urna de votação, os aparelhos sensores de alta precisão, e até o supercomputador, capaz de efetuar um milhão de cálculos, por segundo.

A Medicina consegue conquistas nunca dantes imaginadas, como a inseminação artificial, o transplante de órgãos, as micro-cirurgias à base de fibra-óptica e raio laser. Remédios e cirurgias dos mais eficientes são conseguidos nestes últimos tempos.

Entretanto, a maior conquista, nesta área, foi a descoberta, em 1962, do DNA ou “ácido hereditário”, pelo prof. James Watson; esta dupla hélice nos conduz à decifração do código genético, abrindo o caminho para o controle da hereditariedade e das mutações.

As máquinas impressoras, o editor de textos, a telegrafia moderna, a máquina de datilografia eletro-baile etc., possibilitaram incalculável benefício e avanços ao ser humano.

A Astronáutica nos levou à fabricação do superavião, capaz de transportar cerca de 350 mil toneladas de cargas. Fizeram experiências com o “cinto voador”, com a substituição do combustível pela água, pelas cascas de frutos etc. Enquanto isso, levantam-se construções arquitetônicas como Brasília, o Eurotúnel, a ponte Rio-Niterói e o Metrô de São Paulo. No entanto, estamos apenas começando a pensar, e

aprender, a descobrir e a inventar coisas que bem podem ser utilizadas em benefício de nossa segurança, bem-estar e felicidade.

### **C) Será que estamos sozinhos no Universo?**

Desde 1948, a partir dos Estados Unidos, o mundo inteiro se interessa pelo estudo dos UFOs ou OVNIS (objetos voadores não-identificados). Todavia, os resultados obtidos pelas instituições oficiais do mundo inteiro permanecem trancados a sete chaves. Teme-se que uma revelação pública da verdade provoque um pânico nas populações mais sugestionáveis. Realmente, a esta altura do campeonato, a revelação de uma verdade de tal magnitude deixará metade da população desconsertada e de sobressalto. Tendo a Bíblia e as religiões ensinado que o mundo foi criado na Terra, há uns 6 mil anos atrás, e que somos os únicos seres inteligentes do universo, uma revelação em contrário abalaria profundamente a harmonia social.

A despeito disso, quase todo mundo admite, acredita ou sabe que não estamos sozinhos no Cosmo. Demorem quanto quiserem, mas chegará um dia em que suas negativas se farão ridículas e insustentáveis, como se tornaram alguns segredos mantidos nos livros religiosos. Só nos EUA, cerca de quinze por cento das pessoas já viram ou acreditam que outrem tenha visto objetos voadores não-identificados. E uma grande parte dessas pessoas acredita que os OVNIS são tripulados por extraterrestres.

Em "Os Segredos da Astronomia", Jastrow Robert afirma que a chave da evolução da vida no universo está em Marte. Segundo ele, em 1971, a Sonda Espacial Maríner IX varreu a superfície daquele planeta, fazendo surpreendentes revelações. Foram fotografadas, em Marte, fendas de três mil metros de profundidade, mostrando um passado marciano torrencial. Havia indícios de água suficiente para que a vida pudesse desenvolver-se ali; E, nas imagens televisionadas transmitidas pela Maríner-IX, divisam-se vulcões e vastas camadas de gelo (123/27).

Em 1995, a TV Globo, do Brasil, exibiu um documentário científico, divulgado pela NASA, com fotografias tiradas pela Maríner-IX do solo marciano. Como milhões de outros telespectadores, eu também pude ver, no vídeo, aparências de colossais pirâmides em Marte, semi-encobertas pela areia marciana. Ora, se nós, da Terra, ainda não conseguimos chegar até lá, quem teria construído aquelas pirâmides na areia?

### **D) Os OVNIS mostram que não somos os únicos no Universo**

A sigla portuguesa OVNI (objetos voadores não-identificados) vem do inglês UFO (unknowled flying objects) e corresponde à palavra do Esperanto NIFO (ne-identigitaj flugantaj objektoj).

As provas apresentadas pelos ufólogos e pesquisadores independentes são tão expressivas, que nos dispensam mencionar mais provas, depoimentos e fotografias. Vamos procurar responder às cinco perguntas mais freqüentemente feitas por quem não acredita ainda em OVNIS e ETs: 1) Existem realmente objetos voadores não-identificados. 2) Seria a tripulação dos OVNIS da Terra mesmo ou de outros planetas? 3) Seriam nossos visitantes mais evoluídos do que nós? 4) Por que os OVNIS não aparecem, por exemplo, no centro de cidades populosas como Tóquio, Nova Iorque, México, São Paulo etc.? 5) Oferecem algum perigo para nós, e o que eles pretendem de nós?

1) Na nossa opinião, as provas extracientíficas da existência de ÓVNIS e ETs são suficientes para ninguém mais duvidar de sua realidade. As centenas de fotografias, de depoimentos, de reportagens e textos sobre o assunto não me deixam qualquer dúvida da sua existência.

2) Como nós só conseguimos ir à Lua, tudo indica que os OVNIS vêm de muito longe, e seus tripulantes não são da Terra, mas de outros planetas, porque a engenharia terrestre ainda não consegue fabricar instrumentos tão precisos e velozes.

3) Na nossa opinião, para disporem de instrumentos tão sofisticados, capazes de se deslocarem a tão impressionante velocidade, só uma civilização que esteja acima do nosso atual estágio de desenvolvimento intelectual e tecnológico. Eles devem provir de fora de nosso Sistema Solar, enquanto nós não conseguimos ainda ir além do nosso satélite natural.

4) Sendo mais evoluídos, ao menos tecnologicamente, do que nós, nossos visitantes siderais sabem que somos inferiores e lhes oferecemos ameaças. Uma visita ostensiva dentro de uma metrópole colocaria em risco sua missão na Terra. Imediatamente, toda a Força Aérea tentaria derrubá-los e escondê-los imediatamente. Por isso, nossos visitantes preferem locais mais ermos, sem riscos para seus tripulantes.

5) Mais evoluídos do que nós, não oferecem perigo algum, embora saibam que nós oferecemos ameaças a eles. Não sabemos o que desejam de nós: mas podemos imaginar que eles procuram a mesma coisa que procuramos em nossas missões espaciais: descobrir o universo desconhecido. Eu acredito que, em um futuro próximo, poderão se manifestar ostensivamente, oferecendo-nos ajuda e conhecimento do Universo que ainda ignoramos.

### **E) O Calendário Cósmico Científico**

Recentemente, Carl Sagan, um famoso físico e astrônomo da Universidade de Cornell, nos EUA, editou a série "Cosmo", que foi televisionada e vista por 500 milhões de telespectadores. Uma obra-prima da cibernética!. Carl Sagan acreditava na existência de seres extraterrestres inteligentes, mas diferentes de nós. Ele publicou o "Calendário Cósmico", que veremos em seguida.

"Um trabalho coletivo da ciência revelou-nos o universo com idade aproximada de 15 bilhões de anos: o período do nascimento explosivo até à data de hoje. A Grande Explosão (the big bang) está em cima, à esquerda, no primeiro segundo, do primeiro dia de janeiro; e 15 bilhões de anos mais tarde, chegamos à época atual: o último segundo, do último minuto do dia 31 de dezembro. Cada mês do Calendário representa 1 bilhão e 250 milhões de anos; cada dia, 40 milhões de anos; cada minuto, 30 mil anos; cada segundo, 500 anos de nossa história".

"Com o Universo começando a 1º de janeiro, não foi senão em maio que a Via-Láctea se formou; todos os sistemas planetários podem ter surgido em junho, julho e agosto, mas o nosso Sol e a Terra apareceram apenas no mês de setembro. A vida surgiu logo depois. Entretanto, emergimos tão recentemente, que os acontecimentos familiares, em nossa história, ocupam só os últimos segundos, do último minuto, do dia 31 de dezembro. Tudo o que os humanos já fizeram, ocorreu naquela marca brilhante inferior, à direita, no Calendário".

"Alguns fatos importantes para a espécie humana, todavia, começaram mais cedo,

minutos antes; aqui em baixo, os primeiros homens surgiram, pela primeira vez, por volta de 10:30 h. da noite de 31 de dezembro. E, com o passar de cada minuto cósmico (30 mil anos), começamos a árdua caminhada para entendermos o lugar onde vivemos e quem somos. São 11:46 h., o homem controla o fogo. Agora, 11:59:20 segundos, domestica as plantas e animais. Começa a aplicação do talento humano: 11:59:35 segundos, diversas comunidades agrícolas se desenvolvem, formando as primeiras cidades”.

“Qualquer pessoa de quem tenhamos ouvido falar, viveu em algum ponto aí dentro. Todos aqueles reis e batalhas, migrações e invenções, guerras e amores, tudo o que os livros de história registram, aconteceu aqui, nos últimos 10 segundos do Calendário Cósmico”.

“Somos a herança de uma evolução cósmica de 15 bilhões de anos. Temos uma escolha: podemos enriquecer a vida e vir a conhecer o universo que nos fez, ou podemos dissipar nosso legado de 15 bilhões de anos, numa auto-destruição sem sentido” (Carl Sagan).

\*\*\*\*\*

## **2.2.0. A Filosofia Indaga o Significado da Vida**

### **2.2.1. A fé, a religião e a filosofia, antes de Moisés**

#### **A) Durante o Paleolítico, o Mesolítico e o Neolítico**

##### **1) Durante o Período Paleolítico**

Em sua monumental “História da Civilização”, o filósofo e historiador norte-americano, Will Durant, ensina que “não podemos compreender a fé histórica, sem conhecermos suas origens pré-históricas” (101/111). A Enciclopédia Prática Jackson nos orienta que “há um milhão de anos atrás, os hominídeos já enterravam os seus mortos, dando-lhes verdadeiras sepulturas; já sepultavam seus mortos com a crença numa vida posterior; às vezes, pintavam-lhes os ossos de vermelho (138/211). E o autor de “A Crença do Homem Primitivo” diz que eles já tratavam seus mortos como “cadáveres vivos” (18/107).

Escreve Will Durant: “havendo concebido um mundo cheio de espíritos, cuja natureza e propósitos ignoravam, os homens primitivos procuravam propiciá-los, usando a magia e o animismo para captar-lhes a benevolência” (101/70). E o Homem de Neanderthal — informa a Enciclopédia Delta Larrousse — já colocava alimentos e utensílios para os seus mortos (146/562). Para o livro “Seleções da História”, o Homem de Neanderthal também era muito religioso; pelo menos, já acreditava na imortalidade da alma e já enterrava seus mortos com seus utensílios, borrifando-lhes os corpos com corantes vermelhos (128/25).

##### **2) Durante o Período Mesolítico ou de transição**

Durante o período Mesolítico, os mortos continuavam sendo enterrados no meio dos montes e dos detritos da vida cotidiana, como se descobriu em Mugen, em Portugal (146/658); e lá também continuavam os sinais de cultos religiosos e da crença em uma outra vida.

### 3) Durante o Neolítico

Durante o Neolítico, informa Durant, “os primitivos maravilhavam-se ante os fantasmas que viam durante os sonhos, e ficavam aterrorizados quando lhes apareciam, em sonhos, imagens de parentes e amigos mortos. Eles enterravam, então, os mortos, a fim de que eles não voltassem a Terra para os atormentar: com eles, enterravam também os seus pertences. Algumas vezes, deixavam o cadáver na casa e se mudavam; outras vezes, o corpo do defunto era retirado por um buraco aberto na parede, e o corpo era passado, rapidamente, por três vezes ao redor da casa, a fim de que o espírito se esquecesse da entrada, e não voltasse a assombrar os vivos” (101/64).

**O culto dos mortos** – A morte tem para o primitivo qualquer coisa de inexplicável; o defunto não podia desaparecer completamente, pois iria viver uma vida diferente; era importante, pois, que não pudesse atormentar os sobreviventes; e, como inspirassem medo, o homem procurou acalmá-los ou conciliá-los, colocando no seu túmulo aquilo que lhe era necessário (146/736).

Afirma J. P. Góes, em “Ensaio de Crítica Religiosa”: “O culto ao Sol é muito antigo e encontrado em quase todos os credos e sistemas teológicos que há no mundo, inclusive no atual Cristianismo (pág. 22). Do sol nos vem a idéia primitiva sobre Deus; a remotíssima veneração do homem pela cruz; é com a junção e fricção de dois pauzinhos, em forma de cruz, que se consegue o fogo sagrado, filho dileto do deus sol; daí, também, a origem do mito indiano da Trindade Sagrada, representada pelos três deuses: Savistre (o deus-sol), Agni (o deus-fogo), e Uaiú (o deus-ar)” (pág. 28).

O homem neolítico já tinha uma religião e mitos que dramatizavam a tragédia diária do sol, a morte e ressurreição do solo e as estranhas influências da lua (101/111). Ele retoma o culto dos mortos, criando diversos tipos de sepulturas: uma vez empregava a simples cova, feita na terra; outras vezes, agrupava os enterrados regularmente, uns por cima dos outros (139/211); ora em simples fossas cavada no chão; ora em cofres de quatro lajes, colocadas verticalmente, e uma quinta formando o tampo; ora depositando-o em grutas; mas o que constituiu novidade, no Neolítico, é o aparecimento de uma divindade funerária, feita em baixo-relevo, ao lado externo das grutas funerárias (146/657).

**As cerimônias de sepultamento** – No chamado “período aurignascense” os mortos eram inumados com os corpos protegidos por pedras e acompanhados de objetos; os ossos eram tingidos de vermelho, por uma abundante camada de óxido de ferro, com que o corpo tinha sido pulverizado — um verdadeiro rito religioso (146/654). Na cultura Megalítica, há cerca de 5.000 anos, o homem construía imensas câmaras de pedra para seus mortos, que pareciam construídas para a Eternidade. Algumas sepulturas de clãs continham até duzentos mortos (183/111).

Na primeira idade do ferro, os mortos eram colocados debaixo de um montículo de terra ou de pedras soltas, chamados “tumulus”; nesse caso, os ossos eram incompletamente calcinados e recolhidos dentro de um vaso no chão, coberto de cinzas de fogueira e, finalmente, recoberto com a terra (146/660).

**A cerimônia de “comer o deus”** – O filósofo e historiador Will Durant escreveu que “o homem primitivo acreditava adquirir a força do organismo ingerido, e isso levou-o naturalmente à concepção de “comer o deus”. Em alguns casos, comia-se a



carne e bebia-se o sangue de um ser humano, anteriormente deificado e engordado para o sacrifício religioso. Mais tarde, com o aumento da fartura no mundo e tendo-se tornado os homens menos ferozes, decidiram substituir a vítima por uma imagem ou cópia dela, e só essa imagem era comida. No antigo México, os Astecas faziam, de milho ou de outra semente, a imagem do deus; banhavam-na com o sangue de um menino sacrificado e, com isso, realizavam a “cerimônia de comer o deus”; mas era por meio de palavras mágicas e rituais religiosos que o sacerdote operava a transformação da imagem no próprio deus” (101/72). “A civilização — arremata o filósofo — é coisa de uma minoria; a grande massa humana dificilmente muda, por mais que os séculos passem; a emancipação do espírito não se opera em massa” (101/66).

## **B) A Fé, a Religião e a Filosofia nas Primeiras Civilizações:**

### **1) Na Suméria**

A religião sumeriana ensinava que, no começo, só existia a água, a qual se diferenciou em dois princípios que se confundiram (o oceano de água doce e o mar de águas salgadas); desses dois princípios saíram todos os seres, todos os deuses e todos os homens; os deuses eram celestiais, mas tinham as virtudes e as paixões humanas, embora fossem sempre benéficos à humanidade; o mal era causado pelos espíritos perversos, e a essas entidades malignas não se dirigiam preces, mas apenas a prática de magia para combatê-las (146/684). Para os sumerianos, os deuses manifestavam suas vontades por meio de sonhos, de oráculos e presságios (146/692).

**O Dilúvio sumeriano** — Segundo narrativas sumerianas, o dilúvio foi uma grande cheia dos rios Tigres e Eufrates, mais tarde retomado por outras religiões, participando, ainda hoje, do patrimônio da humanidade (146/21). Uma lenda diz que os deuses tinham criado o homem para a felicidade; entretanto, porque ele pecou pelo seu livre-arbítrio, foi punido com o dilúvio, do qual só se salvou Tagtug, o qual, porém, perdeu o direito à longevidade, por ter comido o fruto de uma árvore proibida (101/137).

Os sumerianos já acreditavam em uma vida de além-túmulo; entretanto, do mesmo modo que os gregos, mais tarde, figuravam esse além como uma triste morada de sombras, para onde iam indistintamente todos os mortos. Ainda não haviam concebido a distinção entre o céu e o inferno, entre as recompensas eternas e os eternos castigos; e as orações que rezavam não eram para a “vida eterna”, mas para as coisas tangíveis da Terra mesmo (101/137).

“Em geral — informa o autor de “História Antiga” — as divindades evocadas no Oriente Próximo se relacionavam com as estrelas. A preocupação de conhecer-lhes a vontade, levou o sumeriano a crer na influência dos corpos celestes sobre os fenômenos naturais e humanos, dando nascimento à Astrologia e, com ela, à Astro-nomia. A Astrologia é encontrada em todas as religiões da Mesopotâmia, à qual se deve a invenção do horóscopo, ainda hoje de tanto prestígio (146/21).

Ivar Lissner escreveu que os “burus”, os padres e os oráculos eram considerados oniscientes; e a hepatoscopia (maneira de adivinhar o futuro pelo exame do fígado de animais) já estava na base de suas predições e adivinhações (152/23).

Para o sumeriano, até o pecado era um deus — o deus da lua, que eles representavam sob a forma humana, com um leve crescente na cabeça, um presságio da

auréola dos santos medievais. E já havia a crença na salvação do homem pelo cordeiro: “Uma tableta lutúrgica — afirma Will Durant — diz, com estranha advertência teológica: o Carneiro é o substituto da humanidade; pelo homem o Carneiro deu a sua vida” (101/136). Segundo o Dr. Emmanuel Araújo, em seu livro: O “Êxodo Hebreu”, a idéia de um Deus vingativo e cruel é sumeriana; na versão acadiana, isto se torna evidente: “Em verdade, Senhor, o teu decreto é o primeiro entre os deuses; dizes só para destruir, e assim será” (78/59).

**A crença na vida futura** — As tumbas da I Dinastia são velhas, de 4.500 anos. Porém, “em matéria de cronologia antiga — assevera Ivar Lissner — um século a mais ou a menos só tem importância relativa” (152/25). “No templo de El-Obeid, o altar estava erigido fora do santuário, à frente da porta, disposição esta que será encontrada também na Babilônia, cerca de vinte e cinco séculos mais tarde. E certos tipos de ritos religiosos ou mágicos, posteriormente em uso, já eram praticados pelos sumerianos. Os deuses eram antropomórficos; cada cidade tinha uma divindade particular; e não havia uma hierarquia nitidamente organizada entre os deuses” (146/681).

**Havia também os semideuses ou heróis divinizados.** Sargão, por exemplo, compõe sua autobiografia no estilo mosaico: sua mãe deu-o à luz secretamente e lançou-o em um canavial, dentro de uma cestinha; ele foi salvo por um operário e depois tornou-se copeiro do rei; subiu, pelo favor do rei, rebelou-se, depôs o seu amo, subindo ao trono (101/130).

**A Origem Religiosa da Literatura** — Os padres transmitiam a educação juntamente com a mitologia, sempre orientados pelo seu interesse de classe (101/138). Durante séculos foi a escrita um instrumento do comércio, usada só em contratos e notas; depois, talvez, passou para o uso dos padres, na fixação das fórmulas mágicas ou dos rituais, das lendas sagradas, das orações etc., com o fim de preservá-los das adulterações (101/141).

O ar vivia cheio de espíritos, de anjos protetores de cada sumeriano, de demônios que procuravam sobrepujar os anjos e tomar posse do corpo e da alma das criaturas (101/136).

**Havia santuários elevados, ou “lugares altos”,** onde — supunha-se — as entidades desciam do céu; e cada cidade possuía um ou vários “terraços” que dominava a cidade inteira. A palavra “ziggurat” significa “lugares levados” e designava, na Mesopotâmia, os templos construídos em forma de terraços ou de torres de degraus (152/24).

**A legislação já era feita em nome de Deus.** O rei Ur-Engur proclamou seu código de leis em nome do deus Shamash, porque — naquele tempo — o governo já havia descoberto a grande utilidade do céu. E como os deuses se mostrassem úteis, começaram a proliferar: cada cidade ou estado, cada coletividade humana tinha o seu patrono (101/136).

**A Medicina estava misturada com a religião:** eles atribuíam as doenças à intervenção dos espíritos maus, que eram exorcizados. Para curar o mal dos homens, seguiam ritos mágicos e encantamentos ensinados pelo deus Engui; para descobrir a vontade dos deuses, o adivinho interpretava os fenômenos fortuitos ou provocados, tudo segundo regras fixas, e conforme a tradição. Havia uma lista de presságios,

descrevendo determinados fenômenos; e eles achavam que deveriam os fatos reproduzirem-se nas mesmas circunstâncias (146/285).

**O fim da civilização sumeriana** – Por volta de 2.300 aC, os poetas e historiadores sumerianos começaram a reconstruir o seu passado: os primeiros compuseram histórias da criação do mundo, de um paraíso ou éden primitivo e de um dilúvio que os engolira como castigo dos deuses, pelos pecados de um velho rei. Esse dilúvio sumeriano passou para todas as tradições, inclusive a judaica e a cristã (101/128).

## 2) Na Acádia

A Enciclopédia Século XX registra que lá, também, existiam os “terraços-santuários”, uma construção religiosa em forma de degraus; lá, também, corriam lendas de heróis sobrenaturais, como Nemrodé, o poderoso caçador, de Sansão e Golias, que reaparecem mais tarde na literatura dos hebreus e dos cristãos. A palavra “magia” está ligada à prática dos magos (ou magi), que foram sacerdotes do masdeísmo persa, tidos como hábeis nas práticas astrológicas e divinatórias; entretanto, a “magia” já era praticada entre os povos mais antigos, inclusive entre os acadianos (181/1275). Com a criação do império súmero-acadiano, feita por Sargão I, as religiões da Suméria e da Acádia se misturaram, tornando-se praticamente uma só.

## 3) Na Babilônia pré-mosaica

Entre as religiões da Babilônia e as da Assíria, não havia praticamente diferença: ambas possuíam o mesmo credo e a mesma teologia (166/538), além de sua origem característica ser a da Suméria. No entanto, a religião da Babilônia se resumia na observação do ritual, e não na vida perfeita. “Para cumprir seus deveres para com a divindade, era indispensável o sacrifício do templo e a repetição das mesmas orações; quanto ao resto — diz Durant — nada disso ofendia os céus” (101/249).

Eles acreditavam que Marduk, o deus criador, fez o céu e a Terra em seus lugares; amassou a Terra com seu sangue, e fez o homem para servir aos deuses. O homem tinha sido feito de um pouco de barro. Nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal foram encontrados, em 1854, sete tabletas, cada uma delas contendo a história da criação de um dia; mas elas eram cópias de uma lenda vinda da Suméria para a Babilônia e para a Assíria (101/246).

**O dilúvio babilônico** – “As causas do dilúvio foram as seguintes: os deuses se aborreceram com os homens e “mandaram uma grande inundação para destruir todas as suas obras; mas o deus Ea, deus da sabedoria, resolveu salvar um deles — Shamash-Napishtim — e sua mulher”. A inundação veio, e os deuses choraram diante de sua loucura. Napishtim sobreviveu, soltou uma pomba para inspeção, sacrificou aos deuses, os quais se agradaram. “Os deuses cheiraram o fumo do sacrifício e juntaram-se como moscas ao redor das oferendas” (101/246). Doze tabletas quebradas, da biblioteca de Assurbanipal, revelam a poesia épica da Mesopotâmia, como a Epopéia de Gilgamesh, que teria sido um rei lendário de Uruc, descendente de Shamash-Napishtim, que se salvou da arca e se tornou imortal (101/259).

**Os deuses da Babilônia** – Tanto na Babilônia, como na Assíria, encontramos a Trindade Divina, representada nos deuses Shamash, Sin e Ishtar, respectivamente o sol, a lua e o planeta Vênus (101/246). Cada planeta significava um deus interessado e vital nos assuntos humanos; cada movimento das estrelas significava algum acon-

tecimento na Terra (101/265). Porém, na sua obra de centralização, Hamurábi impõe Marduk — o deus da Babilônia — como Deus supremo de todo o universo" (146/688). "A deusa Ishtar — escreveu Durant — sugere uma reverência à mulher e à maternidade, como a adoração de Maria, na Idade Média; só que ela era representada como uma deidade bissexual e barbada, ou como uma mulher dando os seios para sugar. Seus adoradores chamavam-na "A Virgem", "A Sagrada Virgem" ou "A Virgem Mãe" (101/244).

O livro "Arqueologia Bíblica" diz que os túmulos de Ur, há 3.000 anos aC, atestam ter havido uma crença na sobrevivência da alma; nos túmulos encontravam-se provisões, jóias e utensílios (65/103); os babilônios, porém, pediam bens terrenos; sua concepção era como a dos gregos: os mortos — santos ou ladrões, gênios ou idiotas, iam todos para as sombras, nas entranhas da terra. Havia um céu que era só para os deuses; havia um inferno — o Aralu — para onde iam todos os homens, um lugar de tristeza e de castigos, onde os mortos, para sempre, sofriam sede, fome e frio, a menos que seus parentes depositassem alimentos nos seus túmulos; os maus estariam lá sujeitos a terríveis lepras (101/249).

**Os mortos e seus sepultamentos** – "Não havia embalsamamento, mas carpideiros profissionais eram pagos para lavar os pés dos defuntos, pintar-lhes as faces, colocar-lhes anéis nos dedos e vesti-los com roupa limpa. Uma mulher era sepultada com seus pentes, vidros de essências, cosméticos etc., para que se apresentasse dignamente na outra vida. Se não fosse assim sepultado, os mortos atormentariam os vivos, podendo trazer peste a toda uma cidade" (101/249).

**A Torre de Babel ou Ziggurat** – Ao se aproximar da cidade, de longe, o viajante via um alto ziggurat, de sete andares, com 215 m. de altura. Essas estruturas, mais altas do que as pirâmides do Egito, eram provavelmente a "torre de Babel" do mito judaico; No entanto, para Durant, "confusão de Babel não significa confusão de línguas, como se supõe; na palavra Babilônia, significa "a porta de Deus" (101/233). O autor de "Arqueologia Bíblica" afirmou que hoje os estudiosos já confirmaram que ziggurat foi um monte artificial, construído na planície, como um lugar para Deus (e que tem origem sumeriana) (65/103).

**As superstições da Babilônia** – "No começo era o caos, no tempo em que nada do que é chamado céu existia em cima; e nada do que havia embaixo, que tivesse recebido o nome de terra" (101/245). Berossos, o mais famoso historiador da Babilônia (280 aC), narrou os detalhes da criação do mundo e da primitiva história do homem: o primeiro rei da Babilônia fora escolhido por um deus que reinara 36 mil anos; do começo do mundo até o dilúvio, passaram-se 691 mil anos.

**"O pecado** não era um estado teórico da alma, como a doença; mas era a possessão de um corpo por um demônio, capaz de destruí-lo; a oração tinha a natureza de uma fórmula mágica, capaz de afugentar o demônio. Para eles, de todos os lados, esses demônios espiavam suas vítimas; e a proteção parcial contra esses invasores se obtinha com amuletos e recursos semelhantes: a imagem de um deus, trazida no pescoço, quase sempre bastava para manter os espíritos à distância (101/252). Além desses meios preventivos, era preciso também exorcizar o demônio com uma boa encantação ou ritual mágico, como, por exemplo, borrifar o doente com água tomada

dos rios sagrados — o Tigre e o Eufrates. Também pelas mágicas podia o demônio ser persuadido a abandonar o corpo da vítima e entrar no corpo de um animal, como aves e porcos, sobretudo em carneiros" (101/253).

"Nenhuma outra religião levou a tão grande desenvolvimento o exame do volume e da forma, das marcas e peculiaridades do fígado de um animal sacrificado, porque tinham a certeza de que, nessas vísceras, estavam localizadas a inteligência e as emoções. A adivinhação encontrou campo favorável nas ocorrências mais raras de todas as espécies. Os sonhos, os movimentos dos astros, o movimento dos animais, especialmente dos pássaros, tudo tinha uma significação para eles. E a astrologia adquiriu tanto desenvolvimento a ponto de criar a idéia popular de consistir ela na principal feição da religião da Babilônia e da Assíria" (166/538).

Todos os povos da Mesopotâmia (região entre os rios) gostavam de romances históricos, poesias épicas e mitológicas. A Epopéia de Gilgamesh é mitológica, lendária e teológica. Nemrode, o poderoso caçador, Sansão e Golias etc., são tipos que se encontram na literatura da Babilônia (101/270).

As taxas vinham em nome de Deus e iam diretamente para os tesouros dos templos (101/241). "Quando o exército vencia uma batalha, as primeiras levas de escravos e os primeiros carregamentos despojos iam para os templos: quando qualquer coisa boa acontecia ao rei, valiosos presentes eram ofertados aos deuses. Aos olhos do povo, o rei só era rei depois de investido de autoridade pelo sacerdote. Entretanto, a influência dos sacerdotes sobre o povo era maior do que a do rei, o qual podiam até depor: os padres tinham a vantagem da permanência" (101/243).

Na Babilônia, também, a legislação era feita em nome de Deus. O rei Hamurábi deixou uma compilação de leis, chamada "Código de Hamurábi". Segundo ele, as leis lhe foram reveladas pela Divindade Suprema. Em uma das gravuras da "Estrela das Leis", como é chamado aquele código, vê-se o rei recebendo a legislação das mãos do deus Shamash, o deus do sol e da justiça (152/34). Durant afirma que o código de Hamurábi tem semelhança com o de Ur-Engur e com o de Dunqui; pode ser o desenvolvimento de algum código anterior, porque os deuses e mitos da Babilônia e de Nínive, em muitos casos, são o desenvolvimento da mitologia sumeriana (101/144).

• "A penalidade começou com a "lex talionis", ou "lei da equivalente retaliação": se um homem quebrava um dente ou uma perna de outrem, também lhe quebravam o mesmo dente ou a mesma perna; se uma casa caía e matava o filho do comprador, o filho do arquiteto tinha que passar pelo mesmo. (...) Gradualmente, essas punições foram substituídas por multas e pagamentos do dano; um pagamento em dinheiro liberava o culpado da pena de talião, variando, não conforme a gravidade do delito, mas de acordo com a importância do ofensor ou da vítima" (101/240).

Desse estágio, passou a lei a bárbaras penas de amputação e de morte: o filho que batia no pai, tinha as mãos cortadas; o doutor, cujo paciente morria ou perdia o olho em uma operação, tinha os dedos decepados. A morte era a pena para um grande número de crimes. O homem acusado de feitiçaria, e a mulher, de adultério, tinham de lançar-se ao rio: se se salvassem, eram considerados inocentes; se a mulher emergia viva, era considerada inocente; se o feiteiro morria afogado, o acusador herdava os

bens; em caso reverso, era ele quem recebia os bens do acusador. Os primeiros juízes foram sacerdotes; e, até o final da Babilônia, os Tribunais se reuniam nos templos (101/240).

De acordo com o autor do livro “Arqueologia Bíblica”, a poesia “Louvarei ao Senhor da Sabedoria” é designada como “O Jô da Babilônia”: em parte é semelhante à de Jô, em parte semelhante ao Eclesiastes. A Epopéia da Criação, da versão assíria, em doze grandes tabletas, baseia-se na versão de Gilgamesh, uma obra da Babilônia.

### **C) Do Egito e da Índia Pré-Mosaicos**

#### **5) Do Egito Pré-Mosaico**

Escreveu Mason, em “História das Ciências”, que, para os egípcios, “o mundo parecia uma espécie de caixa retangular, em que a Terra formava a parte inferior”. Eles julgavam que o universo proviera de um caos de água; que o firmamento, o ar e outros elementos e forças naturais, personificados como deuses, era o resultado da reunião dos deuses (156/10).

“A Bíblia Disse a Verdade” mostra que seus sacerdotes já ensinavam o muito remoto mistério da Trindade Divina: Deus era o Pai, o Verbo era o Filho, e, da união dessas duas potências, surgiu a Trindade Divina, sintetizada nos deuses Shamash (o sol), Sin (a lua) e Ishtar (o planeta Vênus) (156/33). Orienta P. Góes, em “Ensaio de Crítica Religiosa”, que o deus-sol era considerado o gerador do universo e criador de todas as coisas; na Índia, era chamado de “Pai Celeste”. Em todas as religiões mais diversas e entre os povos mais antagônicos, encontramos o velho e fervoroso culto ao sol; e Orfeu, o grego, o considerava o maior dos deuses (op cit. 29).

**O deus Osíris** – “Na antiga religião, Osíris tinha sido um sábio e justo soberano, que ensinara ao povo a arte da metalurgia, as técnicas agrícolas e outros conhecimentos importantes. Um dia, Osíris foi assassinado por seu irmão – o invejoso Seth – que espalhou as partes do cadáver em lugares diferentes; mas sua dedicada esposa, Ísis, recolheu os pedaços daquele corpo, devolvendo a vida a Osíris: após recuperar o trono, Osíris “desceu ao mundo dos mortos”, do qual se tornou o juiz supremo. Porém, no ensinamento do “Dicionário da História da Civilização”, “a morte e a ressurreição de Osíris simbolizavam os ciclos das enchentes do rio Nilo: na vazante, o rio deixa suas margens sem vida, mas o seu reaparecimento faz renascer a Natureza, assegurando prosperidade ao país”. Além disso, o milagre da ressurreição, contido na lenda de Osíris, transmite aos crentes a idéia de que todos os homens podem tornar-se imortais” (157/274).

De acordo com a crença deles, os primeiros homens não passavam de filhos diretos de Ra... e viveram perfeitos e felizes; porém seus descendentes degeneraram, perdendo a perfeição e a felicidade; insatisfeito com aquilo, o deus Ra destruiu a maior parte da raça humana (101/208).

**Ishtar era a mãe de Deus** – “O povo considerava Ishtar como a “Mãe de Deus”; e os sacerdotes a exaltavam em sonoras matinas e vésperas. Na opinião de Will Durant, essas lendas poético-filosóficas afetaram profundamente a teologia e o ritual do Cristianismo. Os primeiros cristãos, muitas vezes, eram vistos curvando-se diante das estátuas de Ísis, com um infante no seio, vendo nela outra forma do velho e nobre mito pelo qual a mulher (isto é, o princípio feminino), tendo criado todas as coisas,

torna-se, por fim, a “Mãe de Deus” (101/211).

“Os semideuses ou homens divinizados – Alguns personagens eram admitidos como uma espécie de semideuses, dos quais o mais célebre foi Imotep, arquiteto do rei Djesser, da III dinastia egípcia (146/678). O próprio faraó era considerado um deus, filho de Amon-Ra. Por fim, os deuses se tornaram homens, ou antes, os homens se tornaram deuses” (101/210).

**Os animais sagrados** – Mais populares do que os semideuses eram os animais-deuses. Os egípcios adoravam o boi, o crocodilo, o galo, o falcão, o ganso, o bode, o carneiro, o cão, a galinha, a andorinha, o chacal e a serpente; e permitiam que essas criaturas freqüentassem os templos, com a mesma liberdade da vaca sagrada da Índia de hoje (101/208).

**A religião egípcia e as pirâmides** – “Por que construíram os egípcios as pirâmides? Eles acreditavam que o ser humano era habitado por um duplo, ou “ka”, que não morre com o corpo, mas precisa fixar-se em um corpo, para não perder suas propriedades; desse modo, acreditavam indispensável assegurar a conservação do cadáver, protegendo-o contra a decomposição e os predadores de túmulos — eis a razão de ser das pirâmides. Ensina Ivar Lissner: “as pirâmides nada mais são do que sepulturas dos faraós” (152/53). Para Aldorema Freitas, era, pois, um propósito religioso: o “ka” tinha de ser alimentado, vestido e servido depois da morte física; em alguns túmulos, havia até lavatórios para a alma. Os defuntos compareceriam perante Osíris, o supremo juiz dos mortos e, dependendo de suas ações na Terra, seriam punidos com a condenação eterna, ou recompensados com o paraíso” (157/120).

No dizer de Mário Cavalcanti de Melo, em “Da Bíblia aos Nossos Dias”, os egípcios acreditavam na reencarnação e na metempsicose (Heródoto II, 123); acreditavam que as almas se despojassem de um corpo para outro, tanto de homens como de animais; depois de haverem percorrido toda a escala da humanidade, existente no planeta, passariam a ter um corpo humano, e só depois atingiriam o céu (158/318). Os egípcios acreditavam também no Hades (ou inferno), que eles chamavam de Amentés (158/320).

“A legislação era editada em nome de Deus. Usavam, às vezes, — registra Durant — a tortura como parteira da verdade: para o perjúrio, a pena de morte. O espancamento era uma pena usual e, em casos graves, a mutilação pelo corte do nariz ou da orelha, das mãos ou da língua. Também aplicavam o exílio nas minas, a morte por estrangulamento, a empalação, a decapitação em vida e a fogueira. As penas mais severas consistiam no embalsamento em vida, quando o paciente era, aos poucos, devorado por uma camada de corrosivo” (101/172).

O autor de “As Profecias de Nostradamus”, Marques da Cruz, noticiou que a adoração da cruz é antiga: servia para os suplícios dos escravos fugitivos. Foi criada pelos egípcios e usada pelos gregos, mas tinha um feitio diferente do de hoje. Foram os romanos que lhe deram a forma pela qual é conhecida atualmente.

**A magia conheceu voga no Egito**, sob a forma de encantamentos, de amuletos profiláticos e mesmo na prática de magia negra (146/678). Através de Will Durant, ficamos sabendo que os sacerdotes se ocupavam em vender talismãs, fórmulas mágicas e em celebrar ritos; não tinham tempo de inculcar preceitos morais. O próprio

“Livro dos Mortos” ensina que os amuletos, benzidos pelos padres, supriam todos os obstáculos do morto no caminho da salvação. Por isso, a vida estava cheia de talismãs, de encantamentos e de adivinhações, e em cada porta ficava um deus, para afugentar os maus espíritos e os ataques do azar. O principal era repetir as orações, e não levar uma vida perfeita; o caminho da salvação não era a vida perfeita, mas a mágica e a generosidade para com os sacerdotes (101/214).

Na concepção de Charles Potter, a magia, os ritos extravagantes para determinar se alguém era culpado ou inocente, a poligamia, as oferendas de cabelos, as promessas estranhas, as cerimônias degradantes, a crença nos maus espíritos, as mágicas, o poder convincente do sangue, o sacrifício de animais e aves, o culto fálico, todos esses elementos de superstição e de religião primitiva, ao que parece, foram sancionados ou tolerados por Moisés (166/490).

**A Medicina e a Teoria Demoníaca** – “Nos textos médicos dos egípcios — ensina Mason — prevalecia a teoria demoníaca das doenças: a enfermidade seria a personificação de um mau espírito, que o médico procurava expulsar do paciente mediante o uso de eméticos e purgas, ou de remédios repugnantes, para pôr o demônio em fuga. Geralmente, expulsavam o demônio da moléstia para uma estátua de massa, que era em seguida queimada, ou então para um animal, um unguento ou um amuleto” (156/11).

**A Literatura Religiosa do Egito** – “A mais antiga literatura egípcia que existe resume-se aos Textos das Pirâmides — matéria piedosa gravada nos muros das cinco pirâmides, das V e VI dinastias, de 2.350 a 2.200 aC. Elas trazem ensinamentos sobre a vida além da morte, especialmente da vida dos faraós: são os mais antigos documentos religiosos de toda a literatura (101/223)”. O Livro das Pirâmides, no Antigo Egito; o Livro dos Sarcófagos, no Médio Egito; e o Livro dos Mortos, no Novo Império, eram escritos em rolos de papiros e estavam escondidos em faixas das múmias (146/678).

**No Livro dos Mortos**, noticia o autor de “A Bíblia Disse a Verdade”. lemos o seguinte: “Homem, não matei... não roubei... meu coração não cobiçou... não cometi adultério”. Nesta confissão de um defunto, reconhecem-se as leis morais promulgadas, mais tarde, nos VI, VII, VIII, IX e X mandamentos. Outros tratamentos de sabedoria egípcia, dos quais há testemunhos escritos contemporâneos de Moisés, se reconhecerão muito nitidamente nos Salmos, nos Provérbios e em outros livros do Antigo Testamento (158/101).

**A reforma religiosa de Akn-Aten** banuiu a superstição e o temor, introduzindo o “disco solar de Aten”, ou aten-ismo (166/30). Foi ele quem introduziu a crença no monoteísmo, concebendo um Deus universal, justo e misericordioso; mas suas concepções eram muito avançadas para a sua época; por isso, depois eu ele morreu, voltaram os egípcios para o Amon-ismo (157/120). Foi talvez pela influência do sol que surgiu a idéia de um Deus universal, que era Aten, fazendo desaparecer suas limitações a um só e a determinado povo; Akn-Aten desenvolveu este conceito, transformando-o em um deus universal (158/126).

## **6) Da Índia Pré-Mosaica**

Conforme Aldorema Freitas, a Índia foi a mãe das religiões, das ciências, das



artes, das letras e da filosofia. No Livro Léxico há provas de sua influencia sobre os hábitos dos hebreus: ali, também, encontram-se as mesmas proibições da Índia, e o livro indiano é muito mais antigo do que o livro bíblico (158/312).

"A criação do mundo era atribuída ora a Agni e Indra, ora a Soma, ora a Prajati; entretanto, um dos Upanishade atribuiu esta criação a um Pro-Criador. Segundo as leis de Manu, o Universo estava submerso entre trevas, quando o invisível Brahman as dispersou e criou as águas, imprimindo-lhes movimento" (158/113).

A mitologia hindu já falava em Ádima e Heva, que significavam, respectivamente, "o homem primordial" e "aquele que completa a vida". No ritual védico, celebrava-se, anualmente, o nascimento de Agni (o deus sol), no solstício do inverno, e a existência de todos os deuses criadores — lembra-nos J. P. Góes — é uma perfeita descrição da vida do sol: todos nascem no solstício do Inverno, em 25 de dezembro, quando o sol volta a nascer, e todos morrem, para ressuscitarem na Primavera, quando o sol se acha em seu esplendor (op. cit. 28).

**O Vedismo** – Segundo Góes, o Vedismo está contido nos quatro livros sagrados, chamados Vedas, impostos pelo Código de Manu; entretanto, muito antes disso, já se conservaram os Vedas como seus livros sagrados (op. cit. 44). Mário Ferreira dos Santos escreveu que "o Vedismo foi uma época de idolatria, de feitiçaria, de superstição, em que o sacerdócio se tornou uma profissão hereditária (174/1280).

Will Durant afirma que, na Índia, não havia imagens nem templos; os altares eram improvisados para cada sacrifício, como na Pérsia zoroastriana; o fogo sagrado, segundo eles acreditavam, elevava aos céus as oferendas feitas. Havia regras estabelecidas pelos sacerdotes sobre quantos cavalos, quantas vacas, quanto ouro, etc. eram necessários (101/114).

Mário Cavalcanti mostra que, segundo o Rig-Veda, VIII-14, a alma não somente é imortal, como eterna e não criada; se as almas não fossem eternas, não seriam imortais (Brama-Sutra 11-57); todas essas almas eram puras antes da queda (Anquétil, III-213) (158/306). Conforme as Leis de Manu, não há penas eternas: a alma cujas manchas não forem apagadas, voltará a encarnar no corpo de um homem (158/316).

**A criação do mundo** – Narra César Cantu: "Brahman criou o homem do lodo e agradou-lhe a sua obra; colocou-o no Schor-Chiam, um país de todo o bem, onde havia uma árvore, cujo fruto dava a imortalidade; mas a serpente Scheiou, guarda dessa árvore, concebeu tal despeito que espalhou seu veneno por toda a parte, de modo a pervertê-la inteiramente. Todos os sobreviventes iam morrer, mas Siva, tomando a forma humana e Shishu, o deus conservador, informou a Satiavratí, seu confidente, exortando-o a construir um navio, através do qual se salvou, juntamente com 840 milhões de germes de todas as coisas" (41/174).

Para Padovani e Castagnola, os indianos acreditavam na metempsicose (a reencarnação da alma humana em corpos de animais), que se fundava em dois princípios: o Sankra (a realidade considerada como um evoluir fenomênico) e o Karma (segundo o qual nosso futuro é uma conexão de todos os nossos atos). O objetivo da vida é nos libertarmos desse vir-a-ser e dos atos que os provocam, para atingirmos a felicidade (42/14).

## D) Dos Chineses, Fenícios e Pré-Helênicos

### 7) Da China Pré-Mosaica

Em "História Universal", César Cantu diz que os chineses mais antigos e os mais sábios reputavam a história primitiva como uma ficção alegórica. Já na história dos primeiros homens, encontramos Fo-Hi muito semelhante a Noé; vemos o rio Yo fazendo se escoarem as altas montanhas que "tendo-se elevado até os céus, banham o sopé das mais altas montanhas" (41/172).

Em consonância com as tradições sagradas da China, os espíritos intervêm incessantemente nos destinos humanos (158/307). Mário Cavalcanti de Melo afirma que "a crença na alma, em sua sobrevivência e nas manifestações dos espíritos é quase tão velha quanto o mundo, porque as manifestações dos espíritos têm ocorrido em todos os tempos, sem se cogitar de religião (158/313); também a idéia reencarnacionista existe desde as mais remotas eras e se perde na noite dos tempos" (158/316).

### 8) A Fenícia Pré-Mosaica

"A religião fenícia era a mesma dos outros povos semitas politeístas da Síria. Pelas descobertas recentes, sabemos que, no alto do Panteão egípcio, havia um deus criador, o deus El dos semitas; que abaixo dele vinham numerosas divindades chamadas simplesmente de Baal (senhor) e Baalar (senhora); que elas eram procedentes de tal ou qual região, e eram protetores de qual ou tal lugar (146/698). Como os etruscos, também os fenícios conservavam algumas tradições religiosas da idade do bronze... como a prática do exame do fígado de animais (ou hepatoscopia), para fins divinatórios" (156/14).

Sanchoniaton, que os sábios afirmam ter vivido antes de Moisés. — complementa Mário Cavalcanti — ensinou que os fenícios acreditavam que, no princípio, havia a matéria eterna e não criada (158/41); que ele atribuiu dez gerações à raça humana, desde a criação do mundo até o dilúvio, como o faria mais tarde o legislador hebreu; mas que, nessas dez gerações, ele não menciona nem o nome de Adão, nem de Eva, nem de qualquer um de seus descendentes, nem mesmo de Noé (158/60).

Para Aldorema Freitas, os fenícios tinham uma religião voltada para o culto da fecundidade do solo e da abundância das colheitas. Segundo a lenda, Adonis morreu durante uma caçada: árvores, flores e animais começaram a morrer; mas o amor da esposa Astarté fez Adonis ressuscitar, e a natureza renasceu com ele. "É evidente aqui — afirma a autora — a associação com as estações do ano: no verão, as plantas morrem com a seca, reaparecendo na quadra chuvosa" (157/31).

**Influências Fenícias são encontradas na Bíblia até hoje** — "Nos textos mitológicos de Ugarit, encontram-se vários nomes e termos que são também encontrados na Bíblia Judaica, tais como El, Baal, Asera etc.; e, na literatura ugarítica, há referências ao conflito entre Jav e o Dragão do Caos — Tehom, Leviatã e Raabe (relacionados em Jô 51-1, em Salmos 84:04, em Isaías 51:09 e 26:01) que, aparentemente, se identificam com os dragões tradicionais dos fenícios e dos cananeus. Entretanto, deve-se notar que as alusões são poéticas, porque é Deus, o criador de todas as coisas — em vez de Baal — que vence o dragão" (65/233).

## 9) Os Pré-Helênicos antes de Moisés

Segundo Will Durant, o cretense era muito religioso, dotado de uma mistura de fetichismo e superstição: ele adorava as montanhas, as cavernas, o número três, as árvores, os pilares, o sol e a lua, cobras e lagartos, pombos e touros. Para eles, o ar estava cheio de espíritos, bons e maus (104/17).

**Os deuses cretenses** – Depois de sua mãe, Calcanos tinha a preferência popular; ele cresceu de importância e se tornou a personificação da chuva fertilizante; por fim, ele morre, de geração em geração, e o seu sepultamento é seguido da ressurreição, com danças e choques de escudos (104/17).

"Os cretenses queimavam incenso para manter afastados os demônios. Depois, dedicavam um modesto culto aos mortos, enterrando-os em urnas de barros, porque os que não fossem assim enterrados, poderiam voltar. Os parentes lhes depositavam, nas sepulturas, rações e alimentos, artigos de toalete e figurinhas femininas de barro, com a missão de cuidar do defunto e consolá-lo por toda a eternidade. Nas sepulturas de um rei, um homem ou um monarca, colocavam, em seu túmulo, parte de sua prataria ou jóias; e, com uma tocante simplicidade, sepultavam um jogo de xadrez ao lado do enxadrista, uma orquestra de barro ao lado do músico, e um barco, ao lado do marujo" (104/18).

### E) Os Hebreus antes de Moisés

Na opinião do autor de "Arqueologia Bíblica", a história dos hebreus, antes de Moisés, é contada no Velho Testamento, no Livro de Gênesis, pelo próprio Moisés, sendo que essa história abrange um período que vai desde a ida de Abraão de Ur para a Palestina, até a saída dos hebreus da Terra do Egito (65/18). No seu entender, quando Abraão partiu de Ur, os caracteres cuneiformes já eram utilizados na terra que ele havia de atravessar, assim como na Palestina, que foi a sua pátria adotiva. Na Bíblia não há nenhuma referência ao modo de escrever dos hebreus, antes de Moisés, mas hoje sabemos que os escribas usavam o processo cuneiforme; é razoável pensar que Abraão já conhecesse a arte de escrever, antes de partir para a Palestina (65/29).

A Enciclopédia Delta Larousse informa que "após o dilúvio, os antepassados do povo hebreu viveram como nômades. Um deles, Terah, descendente de Héber, partiu de Ur, na Caldéia, e foi com seu filho Abraão se estabelecer na região de Hara, na Alta Mesopotâmia. E foi ali que Deus escolheu Abraão para ser o pai do povo privilegiado" (146/701). Para Ivar Lissner, em "Assim Viviam Nossos Antepassados", "Abraão veio de Ur, cerca de 1.700 aC, e elevou um altar ao Deus único; somente cerca de 1.500 aC, a Palestina passou ao domínio egípcio" (65/29).

Jacó teve seu nome mudado por Deus, para Israel. E, a convite de seu filho "José do Egito", ele entrou no país de faraó, através de um contingente de setenta pessoas. Por isso, na nossa opinião, os chamados israelitas nasceram dentro do Egito, eram egípcios, daí não pode ter havido nenhuma escravidão.

Hernani Donato mostrou que "quando a nação hebraica começava a se formar, o povo egípcio já tomava posição para desempenhar importante papel na história da humanidade; já no ano 3.500 aC, os egípcios possuíam uma brilhante civilização" (100/39). Igualmente, o autor de "A Nova Imagem da Bíblia" admite que "antes de Moisés, já existia uma vasta literatura e um sem número de códigos" (46/22). Por

isso, a crença dos israelitas durante e depois de sua permanência no Egito deve ter sido semelhante à daquele povo, ou foi por ela fortemente influenciada.

\*\*\*\*\*

## **2.2.2. A Fé, a Religião e a Filosofia, de Moisés a Jesus**

### **A) Divisão da História dos Filhos de Israel**

Não devemos confundir, como fazem alguns escritores, a história dos Hebreus com a História dos Israelitas (ou filhos de Israel). Segundo a própria Bíblia, hebreus eram os descendentes de Héber, que gerou Terah, que gerou Abraão, que gerou Isaac, que gerou Jacó, que gerou José do Egito. Para nós, israelitas são os descendentes de Israel (que tinha o nome de Jacó), o qual entrou com um contingente de setenta pessoas na terra do Egito, a convite de seu filho José do Egito.

Segundo os historiadores religiosos, a História dos Israelitas se divide em quatro períodos distintos: 1) o 1º período, ou período da infância nacional, que vai desde Moisés, no Egito, até o final dos juízes; 2) o 2º período, ou período de maturidade nacional, que vai ao final dos juízes até a morte do rei Salomão, por volta do ano 950 aC; 3) o 3º período, ou período dos reinos rivais, que vai da morte de Salomão até o cativo na Babilônia; 4) o 4º período, ou período de humilhação e silêncio, que vai do final do cativo na Babilônia, até à abertura do Novo Testamento.

### **B) História dos Israelitas durante o 1º período**

A história dos israelitas desse período está contada no livro Gênese (a partir do capítulo 41), livro Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué e Juízes. Como toda a Bíblia se fundamenta nestes sete primeiros livros, uma análise do seu texto será suficiente para um posicionamento racionalista sobre a Bíblia. Como os mesmos textos vão ser transcritos e analisados na terceira parte desta obra, limitar-nos-emos a transcrever, aqui, uma sinopse da mensagem bíblica. E para indagar a origem divina e fidelidade dos textos bíblicos, procuraremos responder somente às cinco perguntas que se seguem:

- 1) Se, realmente, aquele personagem bíblico era Deus;
- 2) Se, efetivamente, Moisés escreveu os cinco livros do Pentateuco;
- 3) Se a mensagem bíblica, como chegou até nós, é a palavra de Deus;
- 4) Se ela resiste a uma verificação racional e cultural de hoje;
- 5) Finalmente, se os exemplos deixados por alguns patriarcas, como atualmente descritos na Bíblia, ainda servem como modelo de fé e moralidade para a família e a sociedade humana.

#### **1) Está escrito no livro Gênese**

No princípio, Deus criou o céu e a terra; e o espírito de Deus movia-se sobre as águas e Deus fez dois grandes luzeiros: o luzeiro maior, para que presidisse o dia, e o luzeiro menor, para que presidisse a noite (e as estrelas); e Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (cap. I). Assim foram acabados o céu e a Terra: que Deus descansou no sétimo dia, porque nele tinha cessado toda a sua obra: que Deus ainda

não tinha feito chover sobre a Terra (cap. II). Deus disse: Adão se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; expulsemo-lo, pois, do paraíso, para que não suceda que ele venha a comer da árvore da vida e viva eternamente. E Deus lançou-o fora do paraíso, e colocou querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar a árvore da vida (eterna) (cap. III).

Depois, Caim matou Abel, e o Senhor pôs um sinal em Caim, para que não o matasse ninguém que o encontrasse (cap. IV). Havia gigantes sobre a Terra, e “os filhos de Deus tiveram comércio com as filhas dos homens, e elas geraram filhos gigantes”. Vendo a malícia dos homens, porém, Deus se arrependeu de ter feito o homem, e prometeu enviar o dilúvio para destruir tudo o que fizera (cap. VI). Abriram-se as cataratas do céu (...) e morreu tudo o que respira tem vida sobre a Terra (cap. VII). Deus colocou um arco nas nuvens, para lembrar a aliança eterna que tinha feito com os homens, de nunca destruir sua criação. A Terra tinha uma só língua, mas o Senhor, vendo que os homens estavam edificando uma cidade e uma torre para chegar aos céus, disse: Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; eles começaram a edificar esta obra e não desistirão do seu intento até que a tenham de todo executado; vinde, pois, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que um não compreenda a voz do outro”; e assim ele fez, e dispersou-os daquele lugar, para todos os países da terra, e assim cessaram de edificar a cidade e a torre de Babel (cap. XI).

Um (ou dois) anjos pernoitavam na casa de Lot; os sodomitas tentaram invadir a casa de Lot para abusarem daqueles homens, que eles não sabiam ser um anjo. Lot saiu à porta e prometeu-lhes trazer “suas filhas virgens, para que eles abusassem delas, como lhes aprouvesse, contanto que não tocassem naqueles visitantes desconhecidos”. Entretanto, os sodomitas preferiram os dois homens. Orientado pelos dois anjos, Lot saiu, no dia seguinte, abandonando Sodoma. Quando eles saíram, “fez o Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo (caindo do céu), e destruiu as duas cidades”. Lot foi, com suas filhas virgens, para os montes. Suas filhas virgens combinaram de dar vinho ao seu pai e de dormir com ele, para conservar a linhagem do seu pai. No mesmo dia em que havia morrido sua mãe, a filha mais velha entrou e dormiu com ele, mas Lot não sentiu quando ela deitou nem quando se levantou; na noite seguinte, a filha mais nova fez o mesmo — entrou e dormiu com seu próprio pai — mas ele não sentiu quando ela deitou nem quando se levantou. E as duas filhas de Lot geraram filhos de seu próprio pai — Amon (pai dos amonitas) e Moab (pai dos moabitas)” (cap. XIX).

Deus apareceu a Abraão e mandou que ele lhe sacrificasse o seu filho único — Isaac. Abraão pegou o menino, o cutelo e o fogo, e se dirigiu para o local indicado pelo anjo; e quando pegou o cutelo para imolar seu próprio filho, “um anjo do Senhor gritou lá do céu: Não lhe faças mal algum; agora conheci que temes a Deus e não perdoastes o teu único filho, por amor a mim” (cap. XXII).

Para casar com a filha Raquel, de seu tio Labão, Jacó trabalhou sete anos; entretanto, na noite de núpcias, Labão introduziu na câmara de Jacó a filha Lia; e só no dia seguinte Jacó descobriu que tinha sido enganado pelo sogro e tio. Labão mandou que, terminada aquela semana, lhe daria também Raquel como esposa, pela

qual ele trabalharia mais sete anos para Labão. E ele se casou também com Raquel; mas, “vendo que Jacó desprezava Lia, preferindo Raquel, o Senhor fez Raquel estéril e Lia fecunda”. Mais tarde, Jacó recebeu de suas mulheres, também duas escravas como mulheres (cap. XXIX).

Jacó trabalhava para o seu sogro e tio Labão. E, como as ovelhas coloridas pertenciam a Jacó, ao passo que as de cor pertenceriam a Labão. Jacó se utilizou de um processo estranho: ele descascou algumas varas, deixando uma parte branca e outra verde. Colocou-as próxima da água, a fim de que, enquanto fossem beber as águas, as ovelhas concebessem olhando para as varas. Diz a Bíblia que, com isso, “Jacó tornou-se extremamente rico” (cap. XXX). Depois, alguns anos saíram ao encontro de Jacó, lutaram com ele, tendo sido derrotados; então lhe disseram: “doravante, chamarás Israel, porque, se contra Deus foste forte, quanto mais o serás contra os homens” (cap. XXXI).

O filho de Judá morreu, deixando viúva Tamar. Esta apareceu grávida, e Jacó queria que a tirassem para fora, para ser queimada, mas ela conseguiu safar-se. Na hora de dar à luz, apareceram duas crianças no útero, tendo uma delas lançado fora a mãozinha, na qual a enfermeira atou um pano vermelho e disse: esta nascerá primeiro. No entanto, diz a Bíblia que ela errou, nascendo primeiro a outra, e só depois nasceu aquela que tinha fita vermelha no braço (cap. XXXVI).

## **2) Está escrito no livro Êxodo**

Levantou-se, no Egito, um rei que não conhecia José; ele disse aos seus súditos: “Israel é numeroso e mais forte que nós; vinde e oprimamo-lo, para que ele não se multiplique, mais ainda, e se uma aos nossos inimigos. E disse às parteiras das mulheres hebréias: se nascer do sexo masculino, lançai-o ao rio, mas se for do sexo feminino, conservai-o (cap. I). Depois disso, um levita casou-se, e sua mulher deu à luz um filho; escondeu-o por três meses, depois expô-lo no canavial: uma serva da filha do faraó cuidou dele, até que a filha do faraó adotou-o como filho e lhe pôs o nome de Moisés. Quando Moisés já estava crescendo, foi visitar seus irmãos, e viu que um egípcio os maltratava; ele matou o egípcio e o escondeu nas areias da praia. O Faraó ficou sabendo disse e procurava matar Moisés. Moisés fugiu para o Monte Horeb e foi falar com Deus. O Senhor ouviu o clamor do “seu povo”, que gemia sob o trabalho forçado (...) e prometeu enviar-lhe Moises para libertá-los daquela escravidão “na terra do Egito” (cap. II).

Diz o texto que Deus mandou que Moisés fizesse, diante do faraó, todos os prodígios que ele colocava em suas mãos; mas ele iria endurecer o coração do faraó, para que ele não deixasse o povo sair. Quando Moisés voltava para o Egito, com sua mulher e seus filhos, Deus se apresentou na pousada e queria matá-lo; mas se aplacou, depois que a mulher de Moisés pronunciou a frase “esposo de sangue”. E Moisés fez, diante do faraó, todos os prodígios ordenados por Deus, mas ele não permitiu que o faraó deixasse sair o povo (cap. IV).

Dos capítulos V até XII, o Êxodo descreve todas as pragas e prodígios que Moisés teria feito aos egípcios, cumprindo as ordens de Deus: 1ª praga, a transformação da água em sangue; 2ª praga, as rãs; 3ª praga, os mosquitos; 4ª praga, as moscas; 5ª praga, a peste e a morte de todos os animais do Egito; 6ª praga, as úlceras nos homens; 7ª

praga, o granizo com fogo – diz o texto IX: “o granizo e o fogo caíam ao mesmo tempo, misturados”; a 8ª praga, os gafanhotos; 9ª praga, as trevas – diz o texto que eram “trevas tão espessas que se podiam apalpar”; finalmente, a 10ª praga. “a morte de todos os primogênitos, desde o primogênito do faraó até o da escrava e dos animais”; e “houve um grande clamor e tumulto no Egito, porque não havia uma só casa em que não houvesse um morto” (cap. XII).

Depois, Deus ordenou a Moisés que mandasse a cada família matar um cabrito e colocasse o seu sangue nas portas de suas casas, porque seria um sinal em seu favor; pois, naquela noite, “o Senhor passaria pela terra do Egito e feriria de morte todos os primogênitos, desde os dos animais, até os dos homens; que, vendo o sangue nas portas, o anjo exterminador não molestaria os filhos de Israel”. E, diz o texto que, “à meia-noite, o Senhor feriu de morte todos os primogênitos da terra do Egito” (cap. XII).

“O povo insistia com o Faraó para que os hebreus saíssem imediatamente do país do Egito; e, naquele dia, o Senhor tirou os filhos de Israel da terra do Egito” (cap. XIII). Inexplicavelmente, o texto diz agora que “o rei do Egito foi informado de que os hebreus tinham fugido, e mudou-se o seu coração”, porque o Senhor tinha endurecido o seu coração para seguir os hebreus. Ao chegarem ao Mar Vermelho, “o Senhor soprou, durante toda a noite, um vento ardente, o qual retirou as águas do mar, e o secou, para que os filhos de Israel atravessassem pelo mar enxuto”; formaram-se dois muros, um à direita e outro à esquerda. E, ao romper da manhã, o mar voltou ao seu leito habitual, matando todos os egípcios que os seguiam (cap. XIV).

Durante a peregrinação pelo deserto, o povo murmurou contra Deus, o qual prometeu a Moisés que iria “fazer chover pães do céu”; então, vieram os codornizes, voando baixo, e cobriram todos os acampamentos dos hebreus. Arão colocou maná no tabernáculo do Senhor, e durante quarenta anos, o povo comeu maná, até chegarem a um país habitado, o país de Canaã. Moisés subiu ao monte, para falar com Deus, e Deus determinou que: “ninguém se aproxime do monte, nem homem, nem besta, porque será morto pelo Senhor”. “Moisés falava com Deus e ele respondia a Moisés” (cap. XIX). Depois disso, amedrontados pelos trovões e relâmpagos, causados pela presença do Senhor, o povo pediu a Moisés que ele mesmo falasse com Deus e que não falasse com o povo o próprio Deus. E “Moisés falava com Deus, enquanto o povo ficava distante do monte” (cap. XX).

No Sinai, Deus prometeu a Moisés que o anjo do Senhor conduziria o povo à terra prometida, onde corria o leite e o mel, a terra do “amoreu, do feresu, do heteu, do cananeu e do jabeseu”, os quais o próprio Senhor exterminaria (cap. XXIII). Deus ordenou à Moisés que dissesse ao povo para guardar o sábado, porque a sua violação seria punida de morte. Moisés levou “duas tábuas de pedra e esteve no monte quarenta dias e quarenta noites; e o Senhor deu a Moisés duas tábuas do testamento, escritas pelo dedo de Deus” (cap. XXXI-18).

Porém, ao voltar ao acampamento, Moisés viu que Arão tinha fundido ouro e feito um bezerro de ouro para ser adorado pelo povo; e que o povo estava nu e dançava; Moisés quebrou as duas pedras que trazia, e pegando o bezerro “Moisés o queimou e o esmagou, até reduzi-lo a pó, e o espalhou na água, dando dela de beber aos filhos

de Israel". Moisés transmitiu ao povo outra ordem de Deus: "cada qual cinja sua espada ao seu lado e mate o seu irmão, o seu amigo, o seu vizinho". E o chamado "livro de Deus" conta que os sacerdotes levitas mataram, naquele momento, cerca de 23 mil pessoas (cap. XXXII).

Em seguida, o Senhor mandou que Moisés cortasse mais duas tábuas de pedra, porque Deus escreveria nelas as palavras que continham nas duas tábuas que Moisés quebrou. E Moisés assim fez, e lá esteve mais quarenta dias e quarenta noites, com Deus, sem comer pão nem beber água, e escreveu, nas tábuas de pedra, as 10 palavras da aliança, que havia nas duas primeiras tábuas que Moisés quebrara (cap. XXXIV).

Como se percebe, as duas primeiras tábuas de pedra teriam sido escritas pelo "dedo de Deus", mas as duas últimas pelo próprio Moisés.

### **3) Está escrito no livro Levítico**

Deus ordenou a Moisés, e ele transmitiu ao povo: cada oferenda feita deverá ser acrescida de 1/5 para o sacerdote; o sacerdote que oferecer a vítima a Deus, terá a sua pele; tudo o que sobrar do holocausto, pertence também ao sacerdote (cap. I).

Nadab e Abiú puseram um fogo e incenso diante do Senhor, o qual ele não tinha mandado; por isso, "um fogo, vindo do Senhor, os devorou e eles morreram diante de Deus". Em seguida, Deus transmitiu a Moisés as leis judiciárias, com aplicação da Lei de Talião, ou Lei da Equivalente Retaliação: "animal por animal, quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente – qual seja o mal que alguém tiver feito a outrem, seja também feito a ele" (cap. X).

### **4) Está escrito no Livro Números**

"Deus mandou que Moisés fizesse o recenseamento do povo de Israel, de vinte anos para cima, dos que podiam ir à guerra. E acharam 603.550 homens, sem contar os sacerdotes levitas, as mulheres e as crianças (cap. I). Depois, houve uma murmuração do povo contra Deus, o qual irou-se e mandou um fogo ardente contra o povo, devorando uma extremidade dos acampamentos; Moisés orou ao Senhor e o fogo se extinguiu. Em seguida, um vento, mandado pelo Senhor, trazia codornizes da outra banda do mar, voando sobre os acampamentos a dois côvados da terra", mas o povo ainda estava comendo, quando a cólera do Senhor se acendeu contra o povo, ferindo-o com uma praga" (cap. XI).

Encontraram um homem apanhando lenha, no dia de sábado; o Senhor ordenou a Moisés que aquele homem fosse morto; e, "todo o povo o apedrejou, e ele morreu ali mesmo, como o Senhor tinha mandado a Moisés". Mais além, Coré, Datan e Abiron, juntamente com outros 250 homens, se levantaram contra Moisés, o qual aconselhava o povo a se afastar da tenda daqueles ímpios. Antes que ele acabasse de lhes falar, fendeu-se a terra, debaixo de seus pés, abrindo uma cratera no chão, e tragou a todos eles com suas tendas, os quais "desceram vivos ao inferno", e a terra os cobriu, ao mesmo tempo em que "desceu um fogo, vindo do Senhor, e matou os 250 homens que ofereciam incenso a Deus". Arão ofereceu incenso, e a praga divina cessou; mas os que morreram foram 14.700 pessoas (cap. XVI).

Uma vez, para cessar o queixume do povo contra Deus, o Senhor ordenou que cada tribo oferecesse uma vara a Moisés; e, no dia seguinte, a vara de Arão tinha germinado, produzido flores e até frutos; e, com isso, cessaram os queixumes do povo,



e não morreu mais ninguém (cap. XVII). Depois, Deus ordenou a Moisés “tudo o que eles dessem ao Senhor, em voto, pertenceria – por direito – aos sacerdotes: pelo primogênito dos levitas consagrados ao Senhor, o povo pagaria o respectivo valor, conforme a avaliação feita pelos sacerdotes, e aquele dinheiro pertencia aos sacerdotes levitas” (cap. XVIII).

Mais tarde, o rei cananeu pelejou contra eles e levou todos os despojos; Israel fez um voto ao Senhor: “Se tu entregares nas minhas mãos este povo, eu arruinarei as suas cidades”. E diz a Bíblia que os cananeus foram entregues por Deus, como os israelitas haviam pedido em oração. Além, o povo murmurou contra Moisés e Deus, por causa da fome e do desconforto do deserto; por isso, o Senhor enviou, contra o povo, serpentes ardentes, que causavam mortes em muitos deles. Moisés orou ao Senhor, o qual ordenou que fizessem “uma serpente de bronze” e a colocassem por sinal: aquele que, sendo ferido, olhasse para ela, viveria”. E assim foi feito, e todos os feridos, quando olhavam para a serpente de bronze, eram curados” (cap. XIX).

Há a história de Balaão, quando um anjo do Senhor ia com a espada desembainhada; ao vê-lo, a jumenta se desviou do caminho. Com isso, “o Senhor abriu a boca da jumenta, e ela falou a Balaão, como porta-voz de Deus: se a jumenta não tivesse desviado do caminho, eu teria te matado, e ela ficaria viva” (cap. XX). O povo entrou em fornicção com as filhas de Moab, por isso, o Senhor ordenou a Moisés: toma todos os príncipes do povo, e pendura-os em forcas, na frente do sol, para que o meu furor se afaste de Israel”. E assim Moisés fez, sendo mortos, naquele dia, 23 mil homens, e o Senhor se aplacou” (cap. XXV).

Mais adiante, Moisés ordenou ao povo que se armasse “para executar a vingança do Senhor contra os Madianitas; e eles assim o fizeram, matando todos os varões, tomaram suas mulheres e filhos, saqueando tudo e repartindo entre si os despojos. Mas, irado contra o chefe do exército, Moisés ordenou que matassem todos os varões, degolassem todas as mulheres casadas, preservando apenas as que não tiveram contato com homem. Assim o fizeram, e que “a presa foi de 675 mil ovelhas, 61 mil asnos e 32 mil pessoas do sexo feminino, que não tinha conhecido homens; e metade de tudo aquilo foi dado aos que foram ao combate, indo 32 mulheres para o Senhor; e Moisés deu uma cabeça de cada 50 delas aos levitas, que velavam no Tabernáculo do Senhor” (cap. XXXI).

Na minha aritmética, ao invés de 32 mulheres para o Senhor, o resultado foi:  $50/32.000 = 640$  mulheres virgens para o Senhor!

### **5) Está escrito no Livro Deuteronômio**

Às margens do rio Jordão, antes de atravessá-lo para se apoderarem da “terra prometida”, Moisés fez quatro discursos, lembrando ou recontando, ao povo presente, tudo o que havia acontecido, desde a saída do Egito até aquele momento. Portanto, é uma repetição dos fatos já descritos no livro Êxodo. No capítulo V, Moisés diz que “o povo não quis subir ao Monte Sinai para falar com Deus, porque temia morrer”.

A bem da verdade, não foi bem assim: o leitor viu, em Êxodo XIX e XX, que foi Deus quem proibiu que qualquer pessoa ou animal subisse ao monte, porque ele mesmo os fulminaria; só depois disso, temerosos dos trovões e relâmpagos, ocasio-

nados pela presença do Senhor no monte, foi que o povo pediu a Moisés para ele mesmo falar com Deus, pois temiam ser mortos pelo Senhor.

Só agora, no capítulo XVII, Deus teria ordenado a Moisés, pela primeira vez, que escrevesse alguma coisa: 4, “quando tiveres entrado na terra que o Senhor teu Deus te dará, e tiveres tomado posse dela, e nela habitares (...) 18) depois que tiveres sentado no trono do seu reino, escreverás para si o Deuteronômio desta lei, recebendo o exemplar dos sacerdotes da tribo de Levi” (cap. XVII). Depois, Moisés insistia para que o povo, em nome de Deus, praticasse a invasão, a violência, a pilhagem, a guerra armada e a apropriação de tudo o que fosse encontrado na “terra prometida”. Porém, para despertar a coragem de cada um, Moisés disse-lhes “não temessem nem recuassem, nem tivessem medo, porque o Senhor estaria no meio do povo e combateria por eles”. E, cumprindo a ordem divina, eles deveriam – quando saíssem de suas terras para guerrear – “primeiro oferecer a paz aos seus habitantes”: se eles aceitassem as condições e abrissem as portas, todo o povo nela existente seria salvo, mas ficariam sujeitos “aos hebreus, pagando-lhes tributo”; se, porém, não aceitassem as condições impostas e comesçassem a guerra contra os hebreus, estes deveriam cercá-los e passar tudo o que fosse encontrado ao fio da espada — todos os homens, poupando somente as mulheres, os meninos e os animais; entretanto, “quanto àquelas cidades que Deus havia de lhes dar — os heteus, os amoreus, os cananeus, os fereuseus e os jabuseus — não permitissem a nenhum ficar vivo, mas passassem ao fio da espada tudo o que fosse encontrado, assim como o Senhor ordenara” (cap. XX).

Novamente o Senhor ordena a Moisés que escreva alguma coisa: XXIV:2, “quando, passado o Jordão, tiveres entrado na terra que o Senhor teu Deus te há de dar, levantarás umas pedras grandes, e a revestirás de cal, 4) para que posas escrever sobre elas todas as palavras desta lei, depois que tiveres passado o Jordão, para entrar na terra” (cap. XXIV).

Diz o cap. XXXII-48, “E o Senhor, no mesmo dia, falou a Moisés: 49) Sobe a este monte de Abiron, defronte de Jericó, a fim de contemplar a terra de Canaã, cuja posse darei aos filhos de Israel, e morrerás sobre o monte. 52) Tu verás, defronte a ti, a terra (...) mas não entrarás nela” (cap. XXXII). E o cap. XXXIV conta, no vs-5, “Moisés, servo de Deus, morreu ali mesmo, na terra de Moab (...) 7) e Moisés tinha 120 anos. 9) E Josué, filho de Num, foi cheio do Espírito de Sabedoria, porque Moisés tinha imposto as mãos nele. E os filhos de Israel obedeceram-lhe e fizeram como o Senhor tinha ordenado a Moisés” (cap. XXXIV).

Ora, se a primeira Lei não tinha ainda sido escrita, como escrever a “segunda lei” ou “repetição da lei”? Por que deveria Moisés pegar o exemplar das mãos dos sacerdotes levitas? Este livro sequer deveria chamar-se Deuteronômio. O Deuteronômio deveria ser escrito depois que tivessem passado o Jordão, para se apoderarem da “terra prometida”. Como poderia ter sido escrito alguém do rio Jordão? E como atribuí-lo a Moisés, se o legislador hebreu morreu do lado de cá, antes de atravessar o Jordão?

### **6) Está escrito no Livro de Josué**

“Depois da morte de Moisés, o Senhor ordenou a Josué que passasse o rio Jordão e se apossasse da terra que “seria dada aos filhos de Israel: que todo o lugar em que

pisassem, seria deles; que, como tinha sido com Moisés, o Senhor seria também com Josué” (cap. I). E os israelitas chegaram ao Rio Jordão e ali permaneceram por três dias; depois disso, quando os sacerdotes, que conduziam a Arca do Senhor, puseram os pés na água, o rio secou, formando um muro de um lado, enquanto que as águas de baixo corriam até secarem de todo e aquele povo o passou, a pé enxuto, pelo leito do rio Jordão (cap. III).

Depois, o Senhor mandou que Josué fizesse facas de pedras e circuncidasse todos os israelitas que haviam nascido no deserto, durante os quarenta anos de peregrinação, porque todos os que haviam saído do Egito, já haviam morrido. Nos arredores de Jericó, Josué viu um anjo do Senhor portando uma espada desembainhada, o qual se identificou como sendo o príncipe do Exército do Senhor, que agora vinha para auxiliar os israelitas (cap. V). O Senhor mandou atacar Jericó, pois ele mesmo entregaria aquela cidade nas mãos dos israelitas. Depois que os israelitas soaram trombetas, durante sete dias seguidos, os muros de Jericó caíram, e os israelitas mataram tudo o que havia nela, desde os homens até as mulheres, desde as crianças até os velhos, além das ovelhas, bois e jumentos (cap. VI).

Um dia, para aplacar a ira do Senhor, Josué “tirou a sorte e descobriu que Acan havia mentido, furtado e manchado o nome do Senhor”, além de esconder, nas montanhas, o produto do furto. E, conforme a ordem de Deus, “o povo apedrejou Acan e queimou, com ele, todos os seus pertences; e, com isso, o Senhor se aplacou” (cap. VII). Como prometido, “o Senhor entregou a Josué a cidade de Hai, o seu povo e as cidades vizinhas – e Josué lhe pôs fogo, reduzindo a cinzas para sempre; e suspendeu, num patíbulo, o seu rei; e ele ficou lá até à tarde, quando Josué mandou que descessem o seu cadáver daquele lugar” (cap. VIII).

Cinco reis se uniram para combater contra Israel; o Senhor disse a Josué que não os temesse, porque Ele mesmo os entregaria em suas mãos para destruí-los. “E o Senhor os desbaratou à vista dos israelenses”. Em seguida, Josué “mandou que o sol e a lua parassem no céu, até que os filhos de Israel derrotassem seus inimigos”. A Bíblia menciona que “atendendo à voz de um único homem, o sol e a lua pararam no céu, enquanto os filhos de Israel mataram seus inimigos”. De lá, os israelitas passaram em “Maceda, em Lebna, em Laquis, em Eglom, em Dabir, matando tudo, arruinando todas as cidades e punindo seus reis” (cap. X).

Havia uns reis que se juntaram contra Israel, e o Senhor os entregou nas mãos dos israelitas, “os quais não deixaram sequer um vivo, dentro de toda aquela multidão”. Josué mandou que passassem, por cima dos inimigos derrotados, cavalos, e pôs fogo às carroças; depois, tomou Asor e incendiou a cidade, repartindo entre si os despojos, como o Senhor tinha ordenado a Moisés; e como Moisés ordenara a Josué, este cumpriu tudo, não omitindo uma só palavra de todos os mandamentos que o Senhor tinha dado a Moisés” (cap. XI).

Segundo o capítulo XIII, “foram 31 reis derrotados e mortos pelos israelitas, cujas terras eles possuíam além do Jordão, e que nenhum ousou resistir-lhes” (cap. XIII). Finalmente, no cap. XXIV, os ossos de José, que os filhos de Israel tinham trazido do Egito, também foram sepultados com Josué.

Ora, se José do Egito foi contemporâneo de Moisés, e se este morreu com 120

anos, não pode ter havido 400 nem 430 anos de escravidão no Egito, depois que Jacó (ou Israel) ali entrou, a convite de José, com setenta pessoas.

#### **7) Está escrito no livro de Juízes**

“Gedeão matou Zebes e Salmana, tomando as lunetas com que adornavam os pescoços dos camelos do rei” (cap. VIII).

Pelo que estou informado, a luneta é criação de um artesão holandês, utilizada, pela primeira vez, por Galileu, cerca de 1609 dC – portanto há mais de 2.500 anos depois do relato bíblico. E a luneta teve uma utilização mais útil do que a de adornar pescoços de camelos.

Na história de Sansão, narra o texto que “o espírito de Deus se apoderou de Sansão, e este despedaçou um leão, como se fosse um cabrito, sem ter nada nas mãos”. Depois, ele perdeu uma aposta e ficou devendo, aos filisteus, trinta vestidos e trinta túnicas. Segundo o chamado “Livro de Deus”, “o espírito de Deus se apoderou de Sansão, e ele foi a Ascalon e matou trinta homens, tirando deles os seus vestidos”, com que pagou a aposta perdida (cap. XIV). Está escrito, ainda, que “Sansão matou mais gente quando morreu, do que durante toda a sua vida”; e que foi juiz de Israel durante vinte anos (cap. XVI).

#### **Análise textual dos sete primeiros Livros Bíblicos**

Depois de conferir, em sua própria Bíblia, o resumo que fizemos das maiores contradições e absurdos contidos nos sete primeiros livros bíblicos, cada leitor fará seu próprio julgamento. Nós tentaremos, tão somente, submeter o texto às cinco perguntas feitas anteriormente:

1) Para nós, aquele personagem irascível, instável, colérico, temperamental e beligerante não possuía os atributos essenciais da Divindade Suprema do Universo – logo, ele não era Deus;

2) Na nossa opinião, Moisés não escreveu nenhum dos cinco livros pentatêuticos que lhe são atribuídos: ele não recebeu ordens de Deus para escrevê-los: em pleno deserto, durante quarenta anos, ele não teve ambiente adequado para escrever: à frente de 600 mil soldados rebeldes e indisciplinados, ele não teve tempo de escrever qualquer coisa: sobretudo, ele não tinha material adequado para a escrita. Se o próprio “Deus” teve de escrever em duas lâminas de pedras os Dez Mandamentos: que foram quebrados por Moisés, é porque não havia material mais apropriado para tal – e se não havia para Deus, como pretendemos que houvesse para Moisés?

3) Diante desta pequena mostra que fizemos, deu para se perceber que a mensagem bíblica, como chegou até nós, nas línguas modernas, não é a fiel palavra de Deus aos homens;

4) Notamos que a mensagem bíblica, depois de mil cópias e traduções, como chegou até nós, não resiste aos rigores de uma análise racional e lógica, nem da atual cultura humana;

5) Na nossa humilde opinião, os exemplos deixados por alguns patriarcas, como Lot, Jacó, Judá e Sansão não servem mais como alicerce para a moralidade do indivíduo, da família nem da sociedade.

#### **C) História dos Israelitas durante o 2º Período**

A história dos israelitas, de Juízes até à morte do rei Salomão, está narrada em

seus livros religiosos I, II, III de Reis (até o capítulo X), que serão analisados no capítulo 3.1.2 “C”.

#### **D) História dos Israelitas durante o 3º Período**

A literatura religiosa, desse período está contada nos livros III Reis (a partir do capítulo XI), IV Reis, Profecias de Isaías, profecias de Jeremias, Lamentações de Jeremias, os profetas Baruc, Oséias, Amós, Joel, Abdias, Sofonias e Habacuc.

**A divisão do reino de Israel** – Hester, em “O Livro dos Livros” escreveu que: “com a morte do rei Salomão, as dez tribos do Norte, lideradas por Jeroboão, sublevaram-se e formaram uma nova nação, chamada “Reino do Norte”; Judá continuou a existir como contemporânea de Israel” (68/69).

**O aparecimento dos profetas** – Em “História da Civilização – 1ª Parte”, Will Durant observa que “foi nessa atmosfera de desastre político, de guerras econômicas e de degeneração religiosa que apareceram os profetas; mas a palavra “nabi”, do hebraico, traduzido pelos gregos como “pro-feta”, não se aplicava ao caráter que associamos a Amós e a Isaías; alguns profetas não passavam de adivinhos que, por dinheiro, liam os segredos do coração e do passado, ou previam o futuro; outros eram fanáticos, que se entregavam freneticamente a estranhas danças e bebidas, os quais – em transe – pronunciavam palavras inspiradas. Foi dessa multidão de faquires que se desenvolveram os profetas, uma mistura de adivinhos e de socialistas; mas eles não pretendiam prever o futuro, não passando de eloqüentes mestres da oposição” (101/20).

#### **Influência sofrida pelos Israelitas no 3º período**

Nesse período, a religião e a teologia judaica sofreram influências de povos estrangeiros, principalmente vindas da Índia, da Pérsia, da Mitologia Grega, dos Pré-romanos e dos Gregos.

##### **1) Influências vindas da Índia, nesse período**

O Bramanismo foi a sistematização litúrgica e intelectual das tradições védicas, feita pela casta sacerdotal (1000 – 500 aC), em um período de sincretismo religioso, ético e filosófico. Continuam acreditando nos Vedas, mas sua principal literatura é representada pelos brâmanes, que são os comantadores dos Vedas; foi nesse período e nesses comentários que se efetua, propriamente, a passagem do Vedismo para o Bramanismo (42/15).

O Bramanismo pode ser dividido em três períodos: a) Bramanismo ortodoxo; b) Bramanismo dos Upanishades; c) Bramanismo Heterodoxo ou não bramânico, que inclui o Jainismo e o Budismo.

**a) O Bramanismo Ortodoxo** – é uma evolução do Vedismo. Ele prega a transmigração das almas, ou reencarnação: a alma não recebe, imediatamente, a sentença de recompensa ou de castigos, mas tem oportunidades de se reencarnar e de se aperfeiçoar, numa série de novas vidas; e a salvação ou felicidade eterna consiste em fundir-se com a Divindade, depois da última reencarnação, na região do Nirvana (157/14). Foi o Bramanismo que introduziu o conceito de Metempsicose, desconhecido dos Vedas, mas ficará também no Jainismo e no Budismo, como em todo o pensamento indiano (42/14). Nele temos, também, a Lei do Karma, ou Lei da Causalidade do mundo Espiritual (102/231).

Todos os sofrimentos que surgem na vida humana, desde o berço, e acompanha o homem, até o túmulo, são inteligíveis ao indiano que acredita no Karma. Esses males e injustiças, essas variações entre o idiota e o gênio, entre a pobreza e a riqueza, são resultados de existências passadas – a inevitável ação de uma lei, injusta para a vida presente, mas perfeitamente justa no fim (102/232). Porém, conforme Durant, o karma não é um fado, porque fado implica a impotência do homem para determinar o seu destino. Nem o céu nem o inferno terminam o trabalho do karma, ou cadeia de renascimento e mortes. Todas as almas deverão voltar à Terra, cedo ou tarde, e continuar a viver o seu karma, em novas reencarnações (102/231).

**O Nirvana ou felicidade eterna** – A existência é uma escravidão: as almas que se abstiverem da ação, voltam para o mundo absoluto (o Nirvana); mas os indivíduos que agirem, seja para o bem ou para o mal, têm que responder, no mundo futuro, em condições diferentes, as ações das vidas anteriores. Fugir à transmigração, ao renascimento, à vida e à morte, eis o objetivo e a felicidade (42/17).

O Bramanismo dos Upanishades e o Heterodoxo serão visto no período seguinte (4º período, capítulo 2.2.5. E – Índia).

## **2) Influências vindas da Pérsia – 3º período**

**O Avesta** – O livro religioso dos persas é o Avesta; e Zend-Avesta significa “comentário do Avesta”. Durant afirma, porém, que o estudioso descobre, aqui e ali, idéias, deuses e até palavras do Rig-Veda (da Índia), em tal extremo, que muitos eruditos consideram o Avesta inspirado, não pelo deus Ahura-Mazda, mas pelos Vedas Indianos. Entretanto, aqui também se vê um trecho mostrando a influência babilônica na história da criação do mundo, em seis dias (102/74).

**O Dualismo persa ou “doutrina dos dois princípios”**– Ensina a existência de duas potências no universo: o bem e o mal, a luz e as trevas, coexistindo como inimigos e adversários. Na opinião de Mário Cavalcanti de Melo, “o dogma da criação da luz antes do sol é persa, e está inteiramente conforme à opinião do antigo Zoroastro e dos primeiros persas; eles separaram a luz das trevas, mas a luz e as trevas foram sempre inimigas, e Arihman, o deus da noite, foi sempre revoltado contra Oromassi, o deus do dia (158/44).

**Ensinamentos do Avesta** – Segundo Anquétil, os antigos persas admitiam, além da morada celeste dos bem-aventurados, os lugares de expiação, chamados Hamestam, para onde iam as almas cujas condutas não foram boas nem más: é o hades (ou inferno dos persas) (158/33). Também lá a legislação era editada em nome de Deus, e já estavam em vigor o juramento e o ordálio; o Avesta insistia na condenação da sodomia, não admitindo para ela perdão algum; “nada a pode lavar” (102/68).

## **3) Influências da Mitologia Grega, no 3º período**

Ensina-nos Pièrre Grimal: dá-se o nome de Mitologia Grega ao conjunto de narrativas maravilhosas e lendas de toda sorte, que tiveram curso nos países de língua grega, entre o século IX- III aC (que marcou o final do paganismo). Na Mitologia Grega, havia personagens humanos, animais, híbridos de homens e animais. Os animais mitológicos eram seres imaginários que reuniam as características de um ou mais animais, porém dotados de poder e dimensões extraordinárias.

**Entre os personagens humanos**, destacamos: Cíclopes (monstros de um só olho,

localizado na testa), habitantes da Sicília (178/523); Deucalião e Pirra (o casal de gregos que sobreviveu ao dilúvio enviado pelo deus Júpiter): eles construíram, em nove dias, um barco e atracou o Monte Parnaso (179/685); Caronte (o condutor de almas, de uma para outra margem do Rio Estige, fazendo-as ingressar no reino dos mortos), ele era chamado também “o barqueiro do inferno” e exigia pagamento pelos serviços prestados. Por isso, os gregos enterravam seus defuntos com um óbolo para Caronte (157/62); Adônis, o jovem de grande beleza, que morreu e foi ressuscitado (177/39); Afrodite (a deusa protetora do amor e da fecundidade): embora fosse a mais bela entre os deuses, tinha por marido Hephaistes, o mais feio dos habitantes do Olimpo. Em Roma, ela passou a ser chamada de Vênus (157/07).

Entre os híbridos de animais e homens, mencionamos: esfinge (um monstro com corpo de leão e cabeça humana, que teria assolado a região de Tebas): ela era representada com a cabeça e os seios de mulher, o corpo de um leão e a cauda prolongada, como nas estátuas de Gizé, no Egito (2.900 – 2.750 aC) (179/177); Centauro (uma raça lendária de monstro, meio-homem, meio-cavalo, que habitava as planícies da Tessália e tinha caráter violento): escavações feitas em 1962, perto de Fumagusta, encontraram as mais remotas representações do centauro (1.800 – 100 aC), com criaturas de duas cabeças (178/498).

Entre os animais mitológicos, havia Cérbero (um cão de três a cinquenta cabeças); Hidra de Lerna (um animal de dez cabeças) e Fênix (uma ave imortal) (177/121).

#### **4) Influências do Pré-Romanos – 3º período**

**Da Etrúria (800 – 500 aC)** – Will Durant afirma que os etruscos praticavam a adivinhação do porvir, por meio do fígado de carneiro e do vôo das aves; vítimas eram sacrificadas ou enterradas vivas; em certos casos, havia o massacre dos prisioneiros de guerra, em propiciação aos deuses (106/08).

Para eles, os espíritos dos mortos eram conduzidos pelos gênios ao Tribunal do Inferno, para um juízo final. Lá, eles tinham oportunidade de justificarem sua conduta em vida. Da condenação só escapavam os bons; entretanto, os sofrimentos dos proscritos poderiam ser abreviados por meio de preces e sacrifícios dos vivos; e as almas, assim ajudadas, seriam transferidas do inferno para a morada dos deuses (106/09).

**Da Gália** – Os gauleses praticavam diversos meios de adivinhação e eram hábeis na arte dos augúrios; acreditavam em sonhos e atribuíam virtudes especiais a certas aves e plantas. As vítimas humanas eram prisioneiros de guerra, escravos e criminosos. Os sacrifícios humanos só cessaram na Gália por meio de um Edito do imperador Cláudio. Os druidas não formavam uma casta social: eles se tornavam druidas através de estudos especiais (146/758) e geralmente desempenhavam as funções sacerdotais, sendo recrutados entre as famílias aristocráticas (157/114).

#### **5) Influência dos Gregos, 3º período**

Consta da Enciclopédia Delta Larousse: primitivamente, os gregos reverenciavam os fetiches, o pilar, a força de sustentação e diversas armas (o escudo, símbolo do trovão); a bipene ou machadinho de dois gumes, utilizado nos serviços sangrentos) e os demônios (que eles representavam nos engastes dos anéis) (146/713).

**Os deuses ctônios** – os mais terríveis deuses – para Durant – habitavam as

entranhas da Terra; eram entidades ctônicas, que moravam nas cavernas, nas fendas ou grutas infernais; eles não eram cultuados de dia, mas somente à noite, com ritos antropaicos, medrosos e afugentadiços (104/230). Os Gregos menos instruídos costumavam sacrificar cachorrinhos para afugentá-los, e só os deuses do Olimpo tinham rito de lisonja (104/207).

**O dilúvio Grego** – Os Gregos acreditavam existir, na Terra, outros homens – da idade do bronze, viciosos e maus. Zeus resolveu destruí-los, por isso desencadeou o Dilúvio. Somente Deucalião e Pirra deveriam ser poupados. Eles construíram uma barca que flutuou sobre as águas e, depois de nove dias e noites, aportou nas montanhas da Tessália (132/40).

Hades e o inferno – Hades era um deus, irmão de Zeus— era o mestre do inferno, o único da família divina que não habitava o Monte Olimpo. Apesar de não ser propriamente um Deus do mal, afirma Homero que Hades odiava os mortais. Seu reino – o Hades ou Inferno – situava-se debaixo da Terra, era povoado de espectros e muito sombrio (157/171).

**Os deuses patronos ou padroeiros** – Durant nos ensina que, na Grécia, cada cidade possuía o seu deus; no centro e no alto de cada cidade ficava o altar do deus local (104/255). Quando uma cidade marchava para a guerra, levava consigo a imagem e o emblema do deus, na vanguarda das tropas, e nenhum passo importante era dado sem prévia consulta ao oráculo (104/226). Os exércitos costumavam ofertar-lhes parte dos despojos de guerra; vítimas humanas eram lançadas do alto do espinhaço, de Chipre e de Leucas, a fim de saciar Apolo; outros, ofertados a Dionísio, em Quios e em Tebas (104/349).

#### **E) História dos Israelitas durante o 4º período**

**O Cativoiro dos Israelitas, na Babilônia**, começou em 586 aC, foi até 538 aC (166/97). A literatura religiosa dos israelitas, desse período, abrange os livros de Ezequiel, Zacarias, Malaquias, Naum, Daniel, I e II Paralipômenos ou Crônicas, os Salmos, Jó, Provérbios, Cânticos dos Cânticos, Eclesiastes, Ester, Sabedoria, Eclesiástico, Tobias, I e II de Esdras (ou Esdras e Neemias) e I e II de Macabeus (53/60).

**Os Profetas do exílio** – Como superar a ruptura da tradição oral, ocorrida durante o cativoiro? Parece que a orientação sacerdotal e conservadora desempenhou, nisso, papel principal (53/60).

**Os Profetas do pós-exílio** – Neles já não domina mais a fascinação pela novidade; a importante imagem do profeta empalideceu. O profeta se torna um perito nas Escrituras, que apenas parafraseia e utiliza palavras e eventos do passado. Os chamados “pequenos profetas” são meras coleções de palavras proféticas. A coleção dos escritos proféticos deve ter sido encerrada nos fins do século III aC (53/61).

**Influências sofridas pelos Israelitas**, durante o 4º período – As mais profundas e decisivas foram da Índia, da China, da Pérsia, da Religião Grega, da Filosofia Grega e de Roma.

#### **1) Influências vindas da Índia, no 4º período**

O Bramanismo dos Upanishades – Esta fase é transmitida pelos Upanishades, e revelada oralmente pelos sacerdotes; só posteriormente foi transcrita em livros (130/106). Nesse período, a obra religiosa indiana mais importante foi o Mahabhárata.



composto, em sua forma atual, provavelmente cerca de 300 anos aC (181/1253). Entretanto, além dos Upanishades, outra grande obra desse período foi o Baghavad-Gitã (173/1280), que pregava a imortalidade da alma, a reencarnação, a finalidade do conhecimento, a metempsicose e a existência dos demônios:

**Sobre a reencarnação** – Bg-II:20, “Para a alma, nunca há nascimento nem morte; uma vez que exista, ela nunca deixa de existir (...) Ela não morre quando o corpo morre”. II:22, “Assim como uma pessoa se veste com roupas novas, dispensando as velhas, de forma similar a alma aceita novos corpos materiais”.

**Sobre a renúncia dos desejos** – II:71, “Só uma pessoa que tenha renunciado a todos os desejos, que seja livre de desejos, que renunciou a todo o sentido de propriedade e está desprovido do falso ego, pode alcançar a paz verdadeira”.

**Sobre o conhecimento** – IV-36, “Mesmo que você seja considerado o mais pecaminoso de todos os pecadores, quando você estiver situado no barco do conhecimento transcendental, será capaz de atravessar o oceano da miséria”.

**Sobre o Nirvana** – VIII:16, “Do planeta mais elevado do mundo material até o mais baixo, todos são lugares de miséria, nos quais repetidos nascimentos e mortes acontecem. Mas aquele que alcança minha morada, nunca mais volta a nascer”. VIII:26, “Segundo os Vedas, há duas maneiras de deixar este mundo – uma na luz, e outra na escuridão. Quando a pessoa sai da luz, ela não volta; mas, quando sai na escuridão, ela volta”.

**Sobre a Metempsicose** – XIV-15, “Quando a pessoa morre no modo de paixão, ela nasce entre aqueles que se ocupam em atividades frutivas; e quando morre em estado de ignorância, ela nasce no reino animal”.

**Ascensão espiritual** – XIV-18, “Aqueles que estão situados no modo da bondade, ascendem gradualmente aos planetas superiores; aqueles que estão no modo da paixão, vivem nos planetas inferiores; e aqueles que estão no mundo da ignorância, caem nos mundos infernais”.

**O Bramanismo dos Upanishades** – Provoca uma febre de renúncia: não há medo da morte, mas medo da vida; não mais medo do fim, mas medo de continuar a viver outras vidas, conforme a doutrina da Metempsicose. A única salvação está no conhecimento, que dissipa as ilusões do mundo e nos faz atingir a imutável realidade do Brahman, onde cessa o turbilhão de vida e de morte, e onde se alcança a paz (42/17). Os mais antigos Upanishades estão situados entre os séculos VI e III aC (42/17).

**O Bramanismo Heterodoxo ou não-bramânico** – Ele não reconhecia o caráter sagrado dos Vedas; e as principais correntes indianas no Bramanismo Heterodoxo foram o Jainismo e o Budismo (42/21).

**O Jainismo** – O Jainismo não toma o nome de seu fundador (que foi o sr. Mahavira, “O Grande Herói”), mas o de Jaina que, em Sânscrito, quer dizer “O Vencedor, o Triunfador”. Ele foi fundado pelo penúltimo Jaína, o Sr. Mahavira (42/22), que viveu entre 628 – 590 aC. Aos vinte e oito anos de idade, ele começou a indagar sobre o significado da vida e da morte; ligou-se a uma ordem de monges mendicantes e, por fim, conseguiu esclarecer-se sobre algumas proposições fundamentais do Bramanismo. Depois, pregou durante trinta anos, e seus discípulos

reuniram seus ensinamentos, sermões e discursos em quarenta e seis livros, que são chamados de Agmas, as Escrituras do Jainismo (130/137).

Da religião mater, o Jainismo aceita a idéia da reencarnação; a idéia do karma (ou lei das ações, que atua em todas as existências); a idéia de que o que quer de bom ou de mal que alguém faça em uma existência, será premiado ou inexoravelmente punido na próxima existência; a de que o fim último de todos os seres é atingir o estado de não-ser, na eterna paz do Nirvana. Segundo o Sr. Mahavira, pode-se alcançar o Nirvana mediante a aceitação das três jóias da alma: reta convicção, reto conhecimento, reta conduta. “Dentro de vós mesmos está a salvação, e cada homem pode atingir a salvação por meio de suas boas ações” (130/136).

Nós temos que expiar nossas atividades mundanas, não só imediatamente nesta vida, em que tais atos foram realizados, mas também, sucessivamente, em outras vidas; assim, a presente vida é a expiação de vidas anteriores (42/23).

O Jáina era obrigado a cinco votos: não matar coisa alguma; não mentir; não tomar o alheio; guardar castidade; renunciar aos prazeres mundanos. O ideal consiste na indiferença aos prazeres e à dor, na renúncia de todos os confortos da vida. O Jáina nunca matava ou sacrificava um animal; e muitos deles estabeleceram hospitais ou asilos para animais (102/131).

**O Budismo** – iniciou-se na Índia, no século VI aC, quando o príncipe Gautama renunciou a sua vida luxuosa e saiu, como monge, à procura de uma solução para o enigma da vida (130/16). Gautama (563 – 493 aC) recebeu o título de Buda, que significa “O Iluminado” (102/134). Buda repudiou a divindade, os ritos litúrgicos (178/38); e nunca pretendeu que nenhuma entidade lhe houvesse falado (102/140). Ele denunciou o sacrifício aos deuses; rejeitou o culto e a adoração de entidades sobrenaturais, bem como todo o ascetismo e as preces; ofereceu uma religião livre de dogmas e de sacerdotes, e proclamou o caminho da salvação aberto a todos os fiéis e infieis (102/145).

**As causas do sofrimento humano** – Buda compreendeu que o sofrimento é essencial à vida, que se resolve na doença, na velhice e na morte (1ª verdade): que a raiz de todos os sofrimentos está no desejo mundano e na ignorância da verdade (2ª verdade); que a destruição dos sofrimentos depende do aniquilamento do desejo, filho da ignorância (3ª verdade); e descobriu que o caminho – ou “óctuplas vias de libertação” – é que leva à supressão dos desejos e do sofrimento, a libertação da existência, que leva ao Nirvana (4ª verdade) (166/35).

**A Reencarnação** – A doutrina da reencarnação ou transmigração das almas não se originou de Buda, mas foi com ele que ela se desenvolveu consideravelmente: os homens já viveram mais vezes, em uma quase infinita série de reencarnações. Se o homem toma a senda das oito trilhas, ele melhorará, até que, em certa e derradeira vida, atingirá a extinção de todos os desejos, correspondentes à abençoada paz do Nirvana (166/157).

**A Libertação da Alma** – Para o Budismo, a libertação depende do conhecimento e da ciência, do mesmo modo que a escravidão depende da ignorância. O Budismo – observam Padovani e Castagnola – é uma doutrina intelectualista, pela importância que atribui ao conhecimento, na solução dos problemas da vida (42/26). No livro

“Religião”, opina Carlos Imbassahy: “Buda ensinou que “o pecado é prejudicial ao próprio homem, porque este é vigiado por Rama: o que fazes de bem, produzirá naturalmente boas ações. E um Sutra estabelece que “destas más ações, por ti praticadas, não serão responsáveis nem teu pai, nem tua mãe, nem teus amigos, nem teus conselheiros; foste tu mesmo quem as comeste, e serás tu mesmo quem colherás os frutos por ela produzidos”(op. cit.-79).

Buda ensinou cinco mandamentos: não matar, não furtar, não tomar a mulher do próximo, não mentir, não beber bebida embriagante. E o Budismo foi adotado, com entusiasmo, pelos intelectuais, e triunfou em meados do século III aC (102/34). Mas cerca de três séculos depois da morte de Buda, o rei Assoka, que reinou na Índia entre 234 – 198 aC, e seu filho Meandras estabeleceram o Budismo como religião do Estado, na Índia, e o introduziram no Ceilão (166/16), atual Sri Lanka.

## **2) Influências recebidas da China, no 4º período**

Ensina Will Durant que o povo chinês sentia um mundo de espíritos, bons e maus, pairantes sobre eles, procurando aplacar e seduzir essas forças por meios de encantamentos mágicos e de orações; videntes eram pagos para ler o futuro nas linhas da mão ou nos cascos das tartarugas, ou ainda nos movimentos das estrelas; feiticeiros eram contratados para trazer o sol e a chuva (103/246). Porém as religiões da China nunca se repeliram umas às outras, como na Europa e na América, nem jamais levaram o país a lutas sangrentas. Normalmente, se toleravam, não só no Estado, como no individual. O chinês é o tipo humano mais secular que a história revela. Se o deus não lhe responde os rogos, ele o insulta e lança-o ao rio. “Nenhum fazedor de imagens adora os deuses”, diz um provérbio chinês, “porque sabe de que material são feitos” (103/248).

**Lao-Tseu e o Taoísmo** – Lao-Tseu nasceu em 603 aC, e foi o maior filósofo antes de Confúcio (103/102); sua doutrina está contida no livro “Tao Te-King” ou “Livro da Razão Suprema e das Virtudes”. O Taoísmo tornou-se uma religião a partir do século I aC, quando o povo passou a buscar nele um processo para prolongar a vida e evitar a morte. Sacerdotes que diziam possuir poderes mágicos, prometiam aos crentes a restauração da juventude e garantiam a imortalidade da alma e do corpo (157/343).

**Segundo o “Livro das Recompensas e das Penas”**, escrito pelo douto Lao-Tseu e traduzido por Juilão, nos § 136, “os maus serão atirados em um braseiro, cuja intensidade do fogo é proporcional à gravidade dos crimes ou males que fizeram aos seus semelhantes. O homem mau, depois da morte, é obrigado a percorrer três carreiras infelizes, chamadas Sant-tou: a) voltar ao mundo como besta de carga; b) sofrer, em um braseiro, os suplícios do inferno c) ou ser um demônio de fama (158/317)”. No mesmo livro, lê-se que todos os sábios e todos os santos acreditavam na imortalidade da alma, na aparição dos mortos e na existência dos espíritos e dos demônios (...) e que “aquele que não respeita os espíritos, é severamente punido por eles”. Lao-Tseu pregava a imortalidade da alma, a metempsicose e a aparição dos mortos aos vivos (158/306).

O taoísta deve permanecer imperturbável diante dos acontecimentos bons e maus. Por isso, o homem de sabedoria é modesto, porque, aos cinquenta anos de idade, já

descobriu a relatividade de tudo e a fragilidade da sabedoria (...) “E não dará nenhuma importância à riqueza e ao poder” (103/107).

### **Confúcio e o Confucionismo**

**Kung-Fu-Tseu (Confúcio)**, nasceu em 551 aC; depois de exercer diversos cargos públicos, ele se retirou para interpretar os clássicos chineses... A seguir, refundiu e preservou a nova forma que lhes deu, e com o tempo eles se tornaram as Sagradas Escrituras do Confucionismo. (...) O quinto deles era de autoria do próprio Confúcio. Segundo ele, nesses clássicos, “residem os guias infalíveis para a vida do homem superior” (130/49). Confúcio não foi legislador, nem profeta, nem santo; ele foi, antes de tudo, um moralista. Firmava-se na experiência dos antepassados. Sua moral exige do homem a bondade e a lealdade, a vida serena e pacífica para enfrentar, sem preocupação, as dificuldades do cotidiano (157/86).

Confúcio ensinou que os espíritos existem antes do mundo material: que eles constituem a essência invisível de tudo o que existe (Mem. Concernente Les Chinois, III-65-66) (158/307).

Em vez de Dez Mandamentos, Confúcio deu aos seus companheiros um só princípio exclusivo: “Não façais aos outros o que não quereis que eles vos façam” (166/170). Confúcio ensinou “sede severos para convosco mesmos e indulgentes para com os outros” (103/126).

Observa Will Durant que Confúcio não ignorava que só o mais sábio de todos ou o mais estúpido não poderia beneficiar-se com a instrução, e que ninguém poderia sinceramente estudar filosofia humanística sem melhorar em caráter e inteligência. “Não é fácil – diz ele – encontrar um homem que tenha aprendido durante três anos, sem se tornar bom” (103/151). Confúcio não aconselhava, como aconselhava Lao-Tseu, a pagar o mal com o bem. Quando um discípulo lhe perguntou se o mal deve ser recompensado com a bondade, Confúcio retorquiu com mais vivacidade do que de costume: “com que então recompensarás a bondade? Devemos recompensar o mal com a justiça, e a bondade com a bondade” (103/122).

Para Confúcio, o homem superior considera nove coisas: a respeito de seus olhos, anseia por ver claramente; a respeito do seu aspecto, anseia parecer benigno; a respeito de seus modos, anseia por tê-los respeitosos; a respeito de suas palavras, anseia por ser sincero; a respeito de seus negócios, anseia por ser extremamente cuidadoso; a respeito de suas dúvidas, anseia por indagar dos outros; quando a cólera o toma, ele reflete sobre as dificuldades que a cólera poderá trazer-lhe; e quando vê o lucro a auferir, ele pensa na retidão (103/123).

**Eis a nota central e a substância da filosofia de Confúcio**, nas palavras de Will Durant: “O mundo está em guerra – diz ele – porque os Estados que o compõem estão sendo imperfeitamente governados; são imperfeitamente governados os Estados, porque nenhuma montanha de legislação pode substituir a ordem social natural, que vem da família; a família está em desordem e deixa de fornecer essa ordem social, porque os homens se esqueceram de que não podem regular a família, se não regularem a si próprios; e deixam de regular a si próprios, porque não retificam seus corações, isto é, não expurgam da alma os desejos desordenados; os corações não estão retificados, porque eles não têm o pensamento sincero, fogem à realidade e

escondem sua verdadeira natureza; o pensamento é insincero, porque eles deixam que os desejos desordenados desnaturem os fatos e determinem as suas conclusões, em vez de procurarem investigar imparcialmente a natureza das coisas”.

“Deixai que os homens procurem o conhecimento imparcial, e seus pensamentos serão sinceros; deixai que seus pensamentos sejam sinceros, e seus corações se libertarão dos desejos desordenados; limpos assim os corações, estarão os homens regulados; bem regulados que sejam os seus “eus”, as famílias estarão automaticamente reguladas, não por meio de sermões virtuosos ou de castigo, mas pelo silencioso poder do exemplo; bem reguladas as famílias, por meio do conhecimento, da sinceridade e do exemplo, surgirá uma nova ordem social espontânea, promissora do bom governo, o Estado que emana a Justiça e a tranqüilidade interna, e todo o mundo se sentirá contente e feliz” (103/120).

### **3) Influência da Pérsia, no 4º período Hebreu**

**Zoroastro, também conhecido por Zaratustra**, fez uma profunda reforma na religião persa, estabelecendo o culto a um Deus único Ahura-Mazda, de onde lhe veio o nome de mazdeísmo. Zoroastro nasceu em 660 e morreu em 583 aC (166/85). O Zoroastrismo é um sistema filosófico que se baseia em dogmas e seitas anteriores (41/173). Uma lenda diz haver Zoroastro nascido de uma virgem de quinze anos; sua ascendência é tratada, até Goyamar, através de seu progenitor (166/82).

**O adversário de Zoroastro** foi-se transformando, gradativamente, em Arihman, dos seus contemporâneos persas; mais tarde, no “satanás” (ou “Adversário) dos judeus; no “Príncipe do Mundo”, de Jesus; no “Príncipe das Potências do Ar”, de São Paulo; e no “Demônio” do Cristianismo da Idade Média (166/83).

**A Perda do Paraíso** – A Pérsia considerava a lenda só de um homem e uma mulher, colocados em um jardim de delícias, expulsos por terem-se deixado seduzir por Arihman, o mistificador e mentiroso (158/24). P. Góes comenta que foi por intermédio de Zoroastro “que se popularizou, entre as nações civilizadas, a crença no paraíso”. Charles Potter, em “História das Religiões”, afirma que “paraíso” é uma palavra persa; e paraíso é a morada zoroastriana dos bem-aventurados. Zoroastro foi conduzido à presença de Deus, a fim de receber dele os princípios da verdadeira religião. Há uma perfeita semelhança com Hamurábi, recebendo as tábuas da lei, das mãos de Deus (166/89).

Zoroastro descobre o diabo, o paraíso, o juízo final e a ressurreição (166/83). Havia o inferno, o purgatório e o paraíso. Todas as almas tinham que passar pela “ponte do exame”: as almas más iriam para a “Morada do Canto”, em nível do inferno, adequado às suas maldades. Porém, de acordo com Will Durant, esse inferno não era o Hades das religiões anteriores, para onde iam todos, bons ou maus, mas sim um abismo em que os condenados padeciam tormentos sem fim. Se as virtudes do homem sobrepujavam seus pecados, ele era submetido a uma purificação temporária; mas, se ele havia pecado muito, mas feito boas obras, sofreria apenas doze mil anos, e depois disso sairia para o paraíso (102/78).

“Depois da morte, ensinavam os sacerdotes de Mitras, todos os homens serão submetidos a um julgamento diante de Deus: as almas dos pecadores passarão para Arihman, para o castigo eterno, enquanto que as dos puros se salvarão através de sete

esferas, perdendo, em cada uma delas, uma parte dos elementos que ainda contiverem; e, assim, até serem introduzidas à plena radiação do céu, pelo próprio Ahura-Mazda” (104/98). Mitras era o filho do deus Ahura-mazda, o deus da luz, que às vezes se identificava com o sol e chefiava a guerra contra os poderes das trevas (106/197).

P. Góes assinala que foi Zoroastro o criador do “Juízo Final” e da “Ressurreição dos Mortos”, ou melhor, foi ele quem divulgou tais idéias no meio do seu povo, de vez que as mesmas vieram de épocas remotíssimas, e sua origem se perde na noite dos tempos. “É singular – reconheceu Tertuliano – que o dogma da Ressurreição do Deus cristão é idêntico à do deus persa” (op. cit. 30).

**O fim do mundo** – O reino de Ahura-mazda virá, e Arihman e todas as forças do mal serão exterminados; as almas dos bons começarão uma nova vida, em um mundo sem mal, sem trevas e sem dor; e os mortos “se erguerão” (102/79). Ora, todos esses conceitos de paraíso, de juízo final e ressurreição dos mortos se encontram também nos ensinamentos judaicos e cristãos. Potter afiança que os hebreus tomaram de empréstimo, do zoroastrismo, a crença no diabo. Os judeus foram conduzidos ao cativeiro da Babilônia em 586 aC, três anos antes da morte de Zoroastro. Antes do cativeiro, eles não tinham demônio algum em sua teologia; mas, cinquenta anos mais tarde, Ciro, o zoroastrista, conquistou a Babilônia e permitiu aos judeus voltarem à sua pátria (166/98).

Potter menciona que “a teologia do Judaísmo de pós-exílio passou a ter um diabo. Ora, considerando que o Zoroastrismo daquele tempo destacava entre os maus espíritos a figura principal, chamada “Arihman” (o adversário) e, tendo os judeus, após o exílio, denominado o demônio de “Satanás”, que também significa “adversário”, só há uma conclusão a se tirar (166/98). A Cristandade primitiva se rejubilava com a história desses sacerdotes do velho credo, trazendo aos pés do menino Jesus, preciosos presentes de ouro, incenso e mirra, talvez a exprimir-lhe a esperança de ser ele a criança Saoshyant ou Salvador, tão longamente aguardado pelo zoroastrismo” (166/99).

#### **4) A Influência da Religião Grega, sobre os hebreus do 4º período**

A Teologia órfica mostrava que, depois da morte, a alma desce ao Hades e tem de submeter-se a um julgamento – castigos ou recompensas eternas (166/199). Em suas reuniões, os membros da Irmandade Órfica bebiam e comiam a carne da vítima que, pela sua santificação, era tida como assimiladora dos poderes do deus e, desse modo, passava para os comungantes (107/19). Uma forma de doutrina concebia esta forma de punição como inapelável e eterna, transmitindo à futura teologia a noção de inferno; outra forma adotava a transmigração (ou reencarnação); outra variante acenava com a esperança de que o castigo de Hades podia ser redimido em vida, por meio de sofrimentos e infortúnios, ou depois da morte, pelos amigos que o morto deixasse na Terra; foi daí que tiveram origem as doutrinas do purgatório e das indulgências (104/245).

**O oráculo de Delfos** era um vasto santuário onde, segundo à lenda, o próprio Deus respondia às perguntas que lhe eram feitas, em troca de valiosas oferendas. Ele falava pela boca de uma sacerdotisa, a Pítia, que aspirava uma fumaça, originária da queima de uma determinada planta, e caía em transe profundo (157/106). De um

buraco na terra, sob o templo, emanava um gás, atribuído à eterna decomposição da serpente “Píton”, que foi morta por Apolo. A sacerdotisa se sentava no alto de um tripé, aspirava o gás divino, mascava folhas de louro, de efeito narcótico; caía em delírio e convulsões e, assim inspirada, proferia palavras que eram traduzidas pelos sacerdotes (104/254). Após haver matado o monstro, que era Píton, o deus Apolo lavou-se com o sangue derramado, num exemplo aos homens; mas Zagreu ressuscitou, sob o nome de Dionísio; e a ele coube a tarefa de resgatar os homens (146/737).

**O sacrifício de vítimas humanas** – Em Atenas, em tempo de fome, de peste ou de qualquer outra catástrofe, era costume oferecer aos deuses um ou mais “bodes expiatórios”, para a purificação da cidade. Porém, com o correr dos tempos, os sacrifícios humanos foram se atenuando, restringindo suas vítimas a criminosos condenados, previamente anestesiados com vinho; por fim, foram substituídos pela imolação de animais. Na noite precedente à batalha de Leuctras (471 aC), o líder Boécio sonhou indispensável um sacrifício diante do altar, como preço pela vitória. Alguns de seus companheiros se mostraram favoráveis à sugestão; outros, porém, se manifestaram contrariamente, alegando que “uma prática assim, tão bárbara e impiedosa, não poderia ser do agrado de nenhum ser Supremo, e que era absurdo imaginar qualquer divindade ou poder se deliciando com a matança e sacrifícios de homens” (104/249).

**Os sacrifícios de animais** foram um grande passo no desenvolvimento da civilização. Na Grécia, os animais atingidos por este golpe eram os touros, os carneiros, os porcos. No entanto, apenas os ossos e um pouco de carne cheia de gordura iam para os deuses; o resto era reservado para os sacerdotes e para os fiéis. Apenas nos sacrifícios feitos aos deuses ctônios recebiam eles a totalidade das oferendas; as divindades do mundo subterrâneo sempre foram mais temidas do que as do Olimpo (104/250).

**As supertições beiravam à ciência** e, de certo modo, procederam a nossa atual teoria microbiana das moléstias. Para os gregos, todas as doenças significavam o corpo na posse de um espírito estranho; os nossos bacilos constituem formas modernas que os gregos chamavam de “keres” ou de “pequenos demônios”. Quando os gregos saíam de qualquer casa, em que houvesse um defunto, borrifavam-se com água de uma vasilha especial, que já se encontrava à porta, a fim de afastar de si o espírito que se apossara do morto (104/251).

**A loucura era tida como obra dos maus espíritos:** o louco ficava “fora de si”, enquanto isso, o demônio penetrava o seu corpo. A todos esses casos, impunha-se uma cerimônia de purificação. E o sacerdote sabia exorcizar espíritos com pancadas em vasos de bronze, encantamentos, magias e preces. Até o homicida intencional podia, pelos ritos adequados, purificar-se contra o demônio (104/252).

### **5) Influência da filosofia grega, no 4º período hebreu**

**Tales de Mileto (640 – 550 aC)** espantava os habitantes de Mileto, ao dizer-lhes que o sol e as estrelas, que eles adoravam como deuses, eram simples bolas de fogo (122/78). Interrogado, certa feita, de como poderiam os homens viver com maior virtude e justiça, Tales respondeu: “nunca fazendo o que criticam nos outros” (104/179).

**Anaximandro (610 – 547 aC)** ensinou que, na sua forma primitiva, a Terra se encontrava em estado fluídico; que os organismos foram surgindo em fases graduais, originados da unidade inicial; que os animais terrestres foram, a princípio, os peixes, e só com o ressecamento da Terra, adquiriam a forma atual; que o homem também foi, a princípio, peixe; que ele não poderia ter nascido como nasce hoje, porque seria por demais indefeso para obter alimentos, e teria sido destruído (104/181).

**Xenófones (579 – 480 aC)** disse que Homero e Hesíodo “atribuíram aos deuses todos os defeitos que causaram a vergonha e a desgraça da humanidade: o roubo, o adultério, a fraude; que os mortais imaginam que os seus deuses nascem, possuem roupas e voz semelhante às suas; que, todavia, se os leões e os bois tivessem de pintá-los, eles os fariam à sua semelhança: os cavalos pintá-los-iam como cavalos; os bois, como bois; que os etíopes representavam seus deuses negros e de narinas chatas; e que os trácios referem-se aos seus “olhos azuis e cabelos ruivos” (104/216).

**Leucipo (500 – 430 aC)**, para ele, o universo contém átomos, espaços e nada mais; que todas as coisas, até mesmo a alma, são compostas de átomos (122/09).

**Empédocles (490 – 430 aC)** condenava o uso da carne como alimento, e chamava isso de canibalismo: não eram esses animais a reencarnação de seres humanos? (105/13).

**Sócrates (470-399 aC)** tinha sua própria fé religiosa. Ele acreditava em Deus e, com a humildade habitual, esperava que a morte não o destruísse completamente (122/129).

**Demócritos (460 – 370 aC)** alardeou que “a pátria do homem sábio e bom é o mundo inteiro; que, por convenção, o doce é doce, o amargo é amargo, o quente é quente, o frio é frio, a cor é cor, mas, na realidade, só existem átomos e vácuos. Matéria alguma se cria ou se destrói; a quantidade da matéria permanece sempre a mesma; apenas as combinações de átomos mudam”. Tudo no homem é composto de átomos: a alma humana compõe-se de pequenos átomos. O acaso não existe; é uma ficção inventada para disfarçar nossa ignorância. Segundo ele, a cultura vale mais do que a riqueza, pois não pode haver tesouro mais valioso do que a extensão de nosso saber (105/11).

**Aristipo (435 – 356 aC)**, segundo Will Durant, declarou que a maior herança que deixava à sua filha Arlete era a lição de que “não desse valor a nada que fosse dispensável” (105/200).

**Platão (427 – 347 aC)** descreveu o comércio das indulgências de Atenas do século IV aC (104/245). Para ele, “os homens não se contentam com a vida simples: domina-os a ganância, a ambição, a inveja, a rivalidade; logo se aborrecem do que possuem e anseiam pelo que não tem: raramente não desejam coisas que não pertençam a outrem. Disso resulta um grupo invadir o território de outro, digladiar pela posse dos recursos do solo e, depois, empenhar-se em guerras” (122/39).

Platão acreditava que “sem a crença em Deus, nenhuma nação pode ser forte” (122/42). Ele acreditava na reencarnação e na metempsicose (105/214). As reminiscências platônicas: A precocidade do conhecimento nas criaturas, o desenvolvimento de sua inteligência nos primeiros anos de vida, o conhecimento inato das ciências e das artes, nas crianças prodígios, não podendo ser explicadas pela hereditariedade,



nem por um desenvolvimento anormal da caixa craniana, fizeram Sócrates e, depois dele, Platão dizerem que “aprender era recordar daquilo que já se sabia em outras vidas” (158/313).

#### **6) Influência de Roma sobre os Hebreus, no 4º período**

**Os deuses romanos:** ao contrário dos Gregos, os Romanos não atribuíam a forma humana às suas deidades – denominavam-nas, simplesmente, númerias ou espíritos. Nunca houve uma religião com tantas divindades: Varros calculava em trinta mil; e Petrônio se queixava de que, em algumas cidades da Itália, havia mais deuses do que gente. Para os Romanos – escreve Durant – Deus significava tanto santo, como Deus (106/72). O sétimo dia da semana era consagrado ao deus sol (dies solis) e, no fim de dezembro, os adoradores de Mitras celebravam o dia de nascimento de Mitras, “o invencível Mitras”, que, no solstício do inverno, obtinha a vitória anual sobre as forças das trevas. Também lhe ofereciam pão e vinho consagrados, e o apogeu da cerimônia era assinalado por um toque de sino (107/197).

Os deuses romanos também vieram de fora: da Judéia veio Yahweh, um intransigente monoteísmo, que impunha mais rigorosa conduta individual e social, dando aos seus seguidores coragem para suportar as tribulações (107/36). A Ísis egípcia foi oficialmente consagrada em Roma em 43 aC (146/776). Do sul da Itália veio a adoração de Pitágoras — o vegetarianismo e a reencarnação (107/35).

**A adoração de Cibele** se firmou na Líbia, na Frígia, na Itália, na África e por toda parte: nas festas da deusa, na primavera, os seus adoradores jejuavam, rezavam e lamentavam a morte de Átis; os sacerdotes feriam os braços e bebiam o próprio sangue; depois, era o jovem deus levado para o seu túmulo em solene procissão; mas, no dia seguinte, as ruas vibravam com gritos do povo, a celebrar a ressurreição de Átis e a renovação da Terra. “Coragem, ó místicos – exclamavam os sacerdotes – o deus está vivo; e para cada um de vós também virá a salvação” (107/196).

Durant registra que, nos últimos dias da festa, a imagem da Sagrada Mãe passeava em triunfo pelas ruas e, em Roma, a multidão a saudava como “Nostra Domina” (que significa “Nossa Senhora”). A ressurreição do deus Tamuz ainda continuava, nas cidades sírias, a ser saudada com gritos de “Adonis (isto é, o Senhor) ressuscitou”; e sua “ascensão ao céu” era celebrada na última parte do festival; cerimônias similares comemoravam, na Grécia, a agonia, a morte e a ressurreição deus Dionísio (107/196).

**Ainda mais adorada do que Cibele era a deusa egípcia Ísis**, a mãe dolorosa: seu esposo Osíris morrera e se erguera de dentre os mortos; em quase todas as cidades do Mediterrâneo – esclarece o historiador – esta ressurreição era comemorada “com imponentes procissões e cânticos de júbilo”. “Encontramos Osíris outra vez”. Nas imagens sagradas, Ísis aparecia portando nos braços o seu divino filho Hórus; nas ladainhas, saudavam-na como “Rainha do Céu”, ou como “Estrela do Mar”, ou como “Mãe de Deus”. A religião de Ísis passou do Egito para a Grécia, durante o século IV aC; para a Sicília, no século II; para a Itália no século I; e, em seguida, para todas as partes do Império Romano (107/197).

**Os rituais e as cerimônias** – Para darem resultados, tinham de ser feitos com a precisão de palavras e movimentos que só o clero alcançava... Como os sacerdotes se deixassem levar pelo dinheiro, os augúrios se ajustavam às necessidades do

comprador: uma legislação poderia ser barrada com o anúncio de que os auspícios eram desfavoráveis ao prosseguimento do processo naquele dia; e, por meio de auspícios favoráveis, podia a Assembléia votar uma guerra (106/77).

**Os amuletos e os talismãs** – Toda gente usava amuleto; as crianças traziam bulas ou talismãs de ouro no pescoço. Feitiços e encantamentos tinham largo uso para evitar desastres, curar doenças, fazer chover, destruir um exército, prejudicar as culturas do inimigo ou fazer o mal pessoalmente. Com exceção de uns poucos cépticos, todos acreditavam em milagres e portentos, em imagens que falavam e suavam, em deuses que desciam do Olimpo para lutar em favor de Roma, em dias aziagos e dias de sorte, no presságio do futuro, por meio de estranhos acontecimentos (106/73).

### **A Literatura do Velho Testamento**

Como já foi visto, os assírios, os babilônios, os caldeus, os egípcios, os gregos, os hebreus, os romanos, os hititas, os astecas, os incas etc., registraram em pedras, tijolos e madeiras, suas artes e suas crenças religiosas, seus feitos históricos e seus costumes. O papiro só foi descoberto 3.000 anos aC, mas era muito escasso e, por isso, de uso exclusivo dos faraós do Egito. Nos tempos de Moisés, por volta de 1.500 anos aC, não havia material adequado para escrita. O próprio texto do Êxodo – 24:12 e 31:18 – revela: “Deus escreveu, em duas lâminas de pedra, as dez palavras do Testamento”.

Segundo a Enciclopédia Século XX, os Dez Mandamentos foram escritos em lajes de pedras; todo o Velho Testamento foi grafado em pedras e tijolos. Na Índia, as Escrituras foram escritas “in follium” de palmeiras, o que deu origem à palavra “folhas” para designar as páginas. Os egípcios passaram a usar fibras de papiro, em Biblos, de uma planta cultivada às margens do Nilo, conseguindo o “papiro” para escreverem seus textos sagrados, que reuniram no “Biblion”. Depois de escrito, o papiro era enrolado, formando “kylindros”, que os romanos chamavam de “volumen” e que deu a palavra volume, para indicar livros (181/1239).

**O longo período de tradição oral, antes da escrita** – Entretanto, antes de serem levados à escrita, idéias, pensamentos e crenças passaram, entre todos os povos, por um período de “tradição oral”, transmitidos, de uma geração a outra, de pai para filho.

Alfredo Lápplé, em “As origens da Bíblia” assinala que houve sete períodos, durante a fase oral, percorridos pela tradição dos judeus, antes de chegarem à fase da escrita (53/35). Foi só depois desse tempo, que as condições possibilitaram redigir, agora também por escrito, o patrimônio das tradições passadas do povo hebreu.

H. Hester, em “O Livro dos Livros”, afirma que “não possuímos hoje o manuscrito de nenhum livro do Antigo nem do Novo Testamento, porque há muito eles se perderam(68/20). Só possuímos deles cópias remotas”. Ora, se os copistas não tiveram a assistência do Espírito Santo, como os agiógrafos tiveram, era natural que, enquanto copiavam à mão, introduzissem, no texto, alterações de várias espécies. No longo período de 1.500 a 300 aC, quando surgiram as primeiras cópias, e destas até a invenção da imprensa (séc. XV dC), era moralmente impossível que dois exemplares de um mesmo livro, ao menos os mais extensos, fossem exatamente iguais (53/28).

**Outro problema de difícil solução** – O Hebraico não possuía vogais; somente depois do século VI aC, para facilitar a leitura e para uso didático, foram inventadas

e inseridas nos textos – quando, há séculos, o hebraico já tinha deixado de ser uma língua falada. A ausência de vogais deu origem a muitas ambigüidades, no tempo em que o hebraico não era mais falado. A Septuaginta Grega nos oferece muitas evidências de que o texto era lido e entendido de modos diferentes, já na época daquela tradução (280 aC) (67/19).

**As línguas utilizadas no Velho Testamento** – No Velho Testamento, temos três línguas originais: a maior parte dos livros chegou até nós em língua hebraica; alguns capítulos do livro de Esdras e de Daniel, e um versículo de Jeremias estão em Aramaico, que era o idioma falado na Palestina, depois do exílio na Babilônia; dois livros (o II Macabeus e o Livro da Sabedoria) foram escritos em grego (0408). Entretanto, nenhum daqueles livros religiosos foi escrito em papéis que, aliás, não existiam ainda (181/1239).

**A Bíblia e o Mishna** foram escritos em hebraico, que era a língua dos judeus, quando ambos foram compilados; posteriormente, seus comentários e grande parte do Mishna resultaram em uma obra interpretativa, conhecida, em Aramaico, como “Gemara” (o Estudo da Lei) (130/148). Para os judeus, a Thorá (ou Lei) é o fundamento de suas tradições religiosas; foi de lá que se traduziu o Pentateuco; em Aramaico “Thorá” ou Lei (46/01).

**Algumas traduções do Velho Testamento** diretamente do Hebraico – No século IV aC, foi traduzido para o grego, por um grupo de judeus residentes em Alexandria; parece que foi nessa ocasião que foi dividido em cinco partes, talvez por não existir, no comércio, rolos suficientemente grandes para contê-lo todo; daí, o nome de Pentateuco (do grego “penta”, cinco, e “theucos”, rolos) (46/01).

Entre os séculos III e II aC apareceu a Septuaginta, ou Versão Grega dos Setenta, que foi considerada, até tempos modernos, como uma obra coletiva de setenta e dois doutores hebreus, vindos de Jerusalém para isso, a pedido do faraó Ptolomeu Philadelfo (285 – 247 aC); ela ainda continua a chamar-se “Versão dos Setenta” ou “Septuaginta” (67/19).

Na opinião de Clayde Francisco, em “Introdução ao Velho Testamento”, o grego da Septuaginta se afasta muito do grego clássico. Os livros da Bíblia foram traduzidos por diferentes pessoas: enquanto alguns conheciam bem o grego e o hebraico, outros, parece, conheciam sofrivelmente essas línguas. A maioria delas foi perfeitamente fiel ao original, mas alguns fizeram apenas uma paráfrase. O Pentateuco é a parte mais bem traduzida, e o Livro de Daniel, a pior de todas (67/19). O texto grego, usado pela Vetusta Grega, estava bem afastado da primitiva pureza e integridade; e a maioria das alterações, agora deparada dos textos massoréticos, já existia nos séculos imediatos ao exílio da Babilônia (04/12).

**A Invenção do Pergaminho** – Admite-se, como fato histórico, que o rei Eumênio, de Pérgamo (197 – 158 aC), ordenou que as Escrituras do seu reino fossem registradas em peles de carneiros, de cabras ou de vitelas, material que passou a ser chamado de “pergaminho” (uma fusão dos nomes Pérgamo e Eumênio). As peles eram cortadas e dobradas ao meio, em “quaterniones”, que deu origem à palavra “caderno” (181/1239).

**A escrita nos tempos de Jesus** – Evidentemente, nos tempos de Jesus, só havia

papiros e pergaminhos; mas Jesus não deixou sequer uma palavra escrita. O papel ainda não existia, pois só surgiu no século X dC e foi uma invenção chinesa.

**A Tradução para o Aramaico** – A versão siríaca, feita para o Aramaico, entre 150 e 200 dc, foi elaborada para servir aos de língua siríaca (67/20).

**Traduções do Grego para o Latim** – A mais famosa tradução do grego para o Latim é a tradução literal da Septuaginta, e não do hebraico; pertence ela ao século II dC. Só mais tarde vem a tradução de São Jerônimo, ou Vulgata Latina, que só foi terminada em 450 dC, depois da morte do tradutor. Entretanto, a cronologia dos livros do Antigo Testamento não se apresenta na mesma ordem em que vemos nas Bíblias da atualidade.

\*\*\*\*\*

### **2.2.3. A Fé, a Religião e a Filosofia, de Jesus à Era da Imprensa**

#### **A) A Religião de Jesus**

Ele não deixou nada escrito; no seu tempo não havia papel, e foi Paulo, convertido dois anos depois da morte de Jesus, quem nos introduziu ao Novo Testamento.

Charles Francis Potter informa que “Jesus e seus pais pertenciam à religião judaica; que Jesus estava familiarizado com a literatura hebraica, conhecida pelos cristãos como Velho Testamento, como também com outros escritos; que ele não deixou uma só palavra escrita, por isso, tudo o que dele sabemos ou ouvimos dizer, chegou-nos através dos Evangelistas, dos apóstolos, dos discípulos e dos teólogos” (166/195).

Na opinião de Potter, há palavras atribuídas a Jesus que dificilmente se coadunam com aquela teologia; se a crença de que Jesus fora o único filho de Deus constituiu o verdadeiro Cristianismo, poder-se-ia levantar a séria questão de não ter sido cristão o próprio Jesus; ao contrário, ele sempre se esforçava para que os outros se reconhecessem filhos do Pai Celeste; preocupava-lhe mais a idéia de moldar-se o homem a Deus, do que a de ser ele próprio um Deus humanizado (166/202).

Na “História da Civilização”, Will Durant ensina que a parábola era a forma usual da Ásia, por isso, alguns de seus ditos parecem obscuros, outros injustos ou tratados de sarcasmo e de amargor; “mas quase todos são modelo de brevidade, de clareza e de forma” (107/246); que nele nada é novo, afora o arranjo: o tema central de sua pregação – o Advento do Juízo Final e do Reino de Deus – já há um século existia entre os judeus; que a Lei do Levítico já inculcava a fraternidade: “Amarás o teu vizinho como a ti mesmo”. Segundo Durant, além disso, Jeremias e Isaias já haviam aconselhado: “deixai oferecer o rosto aos que vos esbofetear”; e que, portanto, não podemos culpar Jesus por haver herdado a lição moral do seu povo (107/250).

#### **B) Foi Paulo quem criou os Fundamentos do Cristianismo**

Etimologicamente falando, “Cristi-an-ismo” significa “doutrina dos seguidores de Cristo”, isto é, daqueles que admitem Jesus como enviado por Deus para a salvação da humanidade. Sob o rigor lingüístico, “Jesu-ismo” seria a doutrina ensinada por Jesus”. Ora, como Jesus não deixou nada escrito, podemos imaginar quantos arranjos,

adaptações e acréscimos foram-se incorporando ao Cristianismo nascente.

De acordo com Will Durant, “talvez influenciado pelas idéias platônicas e estoicas da matéria como um mal; recordando, talvez, o antigo costume judaico de sacrificar um “bode expiatório” para resgatar os pecados humanos; e acreditando que todo homem nasce infectado pelo pecado de Adão e Eva, e que só seria salvo da condenação mediante a morte expiatória de Jesus, Paulo criou uma teologia quase sem nenhum apoio nas palavras de Jesus”. À maneira dos deuses Osíris, Átis e Dionísio, que também tinham morrido para a redenção dos seres humanos, Jesus foi deificado como Filho de Deus.

### **C) Os Apóstolos e os primeiros Cristãos**

Ainda Durant: “A fé na missão messiânica, na ressurreição corporal e na volta de Cristo, iriam ser o fundamento do Cristianismo inicial. O novo credo, porém, não vedava que os apóstolos continuassem a aceitar o judaísmo. (...) Eles acreditavam ter recebido, do Cristo e do Espírito Santo, milagrosos poderes de inspiração e terapêuticos; muitos doentes a eles se dirigiam, e alguns foram curados (107/260). A divulgação e propagação da teologia paulina foi se operando lentamente.

**Aos Gálatas**, Paulo envia uma violenta Epístola, na qual rompe completamente com os escritos judaizantes, e declara que os homens não seriam salvos pela Lei de Moisés, mas sim pela fé em Cristo, o filho de Deus, que viera redimir a humanidade (107/272).

**Aos Filipenses, ele escreveu:** “Estamos esperando ansiosamente a vinda de um Salvador, o Senhor Jesus Cristo”. (...) Aos Coríntios, ele garantiu: “O prazo está acabado; de agora em diante, os que tiverem mulheres, devem viver como se não as tivessem (...) porque a presente forma do mundo está no fim”. Entretanto, na II Epístola aos Tessalonicenses, ele os censura por deixarem os negócios do mundo em vista do breve Advento do Cristo; e a Vinda será adiada até que “o adversário” Satã apareça e se proclame Deus” (107/278).

**O Apóstolo João** – Conforme a tradição, o Apóstolo João é o autor do 4º Evangelho e do Apocalipse. “A verdade é que, consciente ou não, o autor do 4º Evangelho continuou a obra de Paulo, separando o Cristianismo do Judaísmo; e, dessa maneira, o mundo pagão, e até mesmo o mundo anti-semita, poderia aceitar o Cristo” (107/283).

**O Apocalipse** – “A crítica coloca o Apocalipse (ou Livro da Revelação) entre os anos 69 e 70, e o atribui a João, o Presbítero, mencionado por Papias, em 135 dC (108/280). Para Will Durant, há vários outros Apocalipses, mas o de João excede a todos na eloquência. Partindo da convicção de que o próximo Advento do Reino de Deus seria precedido pelo reino de Satanás e o apogeu do mal, o autor descreve o principado negro como exatamente a Era de Satanás. Na revolta contra Deus, Satã e os seus seguidores serão batidos pelas hostes do Anjo Miguel e lançado sobre a Terra, onde encabeçam o mundo pagão, no ataque contra o Cristianismo. Nero é a besta, o Anticristo do Apocalipse; Roma é descrita como a “prostituta que senta nas grandes águas, com a qual os reis da Terra praticavam fornicações”; é a “meretriz da Babilônia”, a fonte, o centro e o cume de toda iniquidade, imoralidade, perversão e idolatria” (107/281).

**As profecias apocalípticas** – "Numa sucessão de visões, o autor vê os castigos que caem sobre Roma: "durante cinco meses, uma praga de gafanhotos torturará a todos os habitantes do Império, exceto 144 mil judeus, que trouxerem na testa o signo do Cristianismo; um grande terremoto deixará o planeta em ruínas; formidáveis chuvas de pedra cairão sobre os sobreviventes, e Roma será completamente destruída" (107/281). Derrotados em toda parte, Satã e sua corte acabarão lançados no inferno. De todas as calamidades só se salvarão os verdadeiros homens de Cristo: os que por ele sofrerem, os que forem "salvos no sangue do cordeiro", que receberão copiosas recompensas" (107/282).

**A Teoria do Milênio** – "Depois de mil anos, Satã será solto para, novamente, afligir a humanidade; e o pecado triunfará no mundo sem fé; as forças do mal farão um último esforço para destruir as obras de Deus. Então, chegará o Dia do Juízo Final, quando todos os mortos se erguerão das tumbas, e os afogados levantarão do fundo dos mares. Nesse terrível dia, os homens "cujos nomes não estiverem no "Livro da Vida", serão lançados em um lago de enxofre derretido". "Os fiéis se reunirão para o grande banquete com Deus (...) O reino do mal chegará ao fim; os homens de Cristo herdarão a Terra; e não haverá mais morte, nem noites, nem aflição, nem dor" (107/282).

**A influência do "Livro da Revelação"** foi imediata. Aquela profecia de salvação dos crentes e de castigo para os contrários, tornara-se o segredo da resistência da Igreja perseguida. "A "Teoria do Milênio" consolou os que se lamentavam da grande demora da "Segunda Vinda de Cristo". (...) E, por dezenove séculos, os homens interpretaram os acontecimentos da história como realização das profecias de João" (107/282).

**Os Primeiros Cristãos** – "Pouco esforço – ensina Will Durant – se fazia para conquistar a gente dos campos; essa população só veio por último. daí o nome "pagani" (aldeões, camponeses), que começou a ser aplicado aos habitantes dos Estados mediterrâneos, anteriores aos cristãos" (107/285). Para os cristãos, uma única fé unia as Congregações esparsas: Cristo, o Filho de Deus, voltaria à Terra para estabelecer seu reino (107/294).

"Entretanto – ensina o mestre dos historiadores – os cristãos divergiam quanto à data do segundo advento: quando Nero morreu; depois, quando Tito arrasou o templo; e, mais tarde, quando Adriano destruiu Jerusalém, muitos cristãos encararam essas calamidades como signo do segundo advento de Cristo. Quando, nos fins do século II, o caos ameaçou o Império, Tertuliano e outros julgaram chegado o "fim do mundo". Como todos os sinais falhassem, e o Cristo não aparecesse, os cristãos de maior descortínio, procuraram atender ao desapontamento com uma nova interpretação da vinda: Ele viria, sim, mas dali a "mil anos" – dizia uma Epístola atribuída a Barnabé; ele viria – declaravam os mais cautelosos – quando "a geração ou raça dos judeus já se achasse totalmente extinta, ou quando o Evangelho estivesse pregado a todos os gentios" (107/294).

"Ou ele mandaria, em seu nome, o Espírito-Santo ou paráclito, como anunciara o Evangelho de São João. (...) E, afinal, o reino foi transferido da Terra para o céu. (...) Mas mesmo a fé no "milênio", na "volta do Cristo" depois de mil anos, foi

contrariada pela Igreja e, por fim, condenada. Porém essa fé no advento do Cristo estabeleceu o Cristianismo, e a esperança do céu o preservou. Ainda hoje, muitos que praticam o Cristianismo, interpretam as perturbações de nosso tempo como prenúncio na próxima vinda de Cristo” (107/294).

#### **D) Origem da Literatura do Novo Testamento**

Por não terem os judeus aceito Jesus, como sendo “aquele” prometido no Antigo Testamento, eles não possuem, em sua Bíblia, o Novo Testamento; e, aqui, a literatura Judaica se separa da literatura cristã.

O padre Matos Soares explica que “Jesus não escreveu nada, nem ordenou que seus apóstolos escrevessem, mas confiou sua fé à pregação deles. Ao aparecerem as heresias, que iam surgindo, os apóstolos deixaram escrito apenas uma parte de sua pregação, para servir de testemunho contra os heréticos e para consolar os fiéis. “Não pretendem, pois, incluir toda a revelação nas suas Epístolas. (...) Por isso, os escritos do Novo Testamento são um reflexo e um auxílio para a Tradição Oral” (04/1175).

**Antes dos Evangelhos** houve um grande acervo de tradições orais, contendo coleções de parábolas, de discursos e de milagres atribuídos a Jesus; foi um “Evangelho antes dos Evangelhos”; mas só aproximadamente pelos anos 40 e 50 foram passados à escrita, constituindo a fonte de onde os evangelistas tiraram o seu material e se inspiraram para escrever seus Evangelhos.

Segundo Alfredo Läpple, em “As Origens da Bíblia”, há pessoas que, por sua colocação no início do Novo Testamento, pensam que os Evangelhos apresentam a parte mais antiga e que, por conseguinte, as Epístolas de São Paulo foram escritas logo após à conclusão dos três primeiros Evangelhos. Os nomes dos autores que encabeçam os livros da Bíblia costumam ser tidos como históricos... Assim, todo o conjunto de escritos neotestamentários é tido como autêntico em cada uma de suas partes. Ulteriores acréscimos e alterações ou interpolações são rejeitadas, em princípio, pois admiti-los seria ir contra a teoria da inspiração (53/100).

“Muitas pessoas há que, tomando nas mãos a Bíblia, pensam que os diversos livros foram surgindo na mesma ordem – orienta Läpple – em que se aparecem nas edições atuais. A base deste modo de pensar está talvez no fato de ser considerado o relato da criação como a mais antiga parte do Antigo Testamento. Já outros conservam a idéia, assimilada desde a infância, de que os quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) se alinham, no cânon do Novo Testamento, na mesma ordem histórica de sua redação; e que as Epístolas de São Paulo foram escritas logo após os quatro Evangelhos” (53/17).

“Entretanto – continua o mesmo autor – a ordem em que se alinham os livros da Bíblia, tais como os contêm o cânon atual do Novo Testamento, não corresponde necessariamente à época de formação de cada um deles (53/104). Na verdade, os livros do Novo Testamento foram escritos, mais ou menos, na seguinte data e ordem: a) em 60 dc, as Epístolas Paulinas; b) em 70, os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos; c) em 80 a Epístola aos hebreus; d) em 90, os escritos de João; e) em 100 dC, a I e II Epístolas de Timóteo e a Epístola de Tito” (53/103).

O professor Carlos Peppe afirma que “podemos imaginar as dificuldades dos apóstolos e dos primeiros doutrinadores, na preservação dos conceitos da nova

doutrina, diante da ignorância generalizada do povo e da precariedade dos meios gráficos" (208/193).

### **E) A Longínqua Itália Adota a Religião da Palestina**

Com o tempo, a longínqua Itália adotou o novo credo surgido no Oriente Médio; criou a Igreja Romana; adotou o Latim como língua eclesiástica; realizou os primeiros concílios, até que, em 607, instituiu oficialmente o papado. Porém, durante a divulgação, proteção e propagação da nova crença, através de todos os territórios dominados pelo Império Romano, foram surgindo diversas doutrinas. No século II, por exemplo, houve divergência quanto à celebração da Páscoa; aproximadamente, pelo ano 197, conforme Durant, Irineu tinha colecionado vinte variedades de Cristianismo. Então, a Igreja sentia que era preciso definir seus termos e proclamar as condições a que tinham de sujeitar-se os fiéis. Três passos eram indispensáveis, mas todos difíceis: a) o estabelecimento de uma Escritura padrão; b) a fixação da doutrina Católica; c) a organização da autoridade eclesiástica" (107/309).

**Influência do "dualismo maniqueísta"** – "No século II, um persa místico, chamado Mani de Ctesifon, proclamou-se Messias mandado à Terra pelo verdadeiro Deus, para reformar a vida moral da humanidade. Tomando elementos de zoroastrismo, do mitraísmo, do judaísmo e do gnosticismo, Mani dividiu o universo em dois reinos rivais: o reino das trevas e o da luz: a terra pertenceria ao reino das trevas, com o homem criado por Satã. Porém, após trinta anos de bem sucedida pregação, Mani foi crucificado por sugestão dos sacerdotes da magia; e sua pele foi pendurada numa porta de Susa. Mas os martírios levaram a fé aos maiores delírios de entusiasmo, e o maniqueísmo se espalhou pela Ásia e pelo Norte da África, tendo imperado em Agostinho por uma década" (107/296).

**O Cisma de Hipólito** – Escreve Will Durant: "Calixto subiu ao trono, com a morte de Zeferino, e desejava readmitir na Igreja todos os que, depois do batismo, haviam cometido pecados mortais (adultérios, homicídios, apostasias etc.), mas que professaram a penitência. Hipólito considerou calamitosa essa leniência e escreveu uma refutação de todas as heresias, principalmente essa. Calixto o excomungou e, vigorosamente, afirmou a doutrina suprema da fé romana sobre a Cristandade".

A Conversão de Constantino – "Depois de convertido — afirma a "História da Civilização" — Constantino raramente se conformou com a exigência da adoração cristã". Pouco lhe interessavam as diferenças teológicas em curso, embora desejasse suprimir as dissensões, no interesse da unidade imperial. Ele convocava os concílios, presidia-os e punha em vigor aquilo que o conclave formulava. O Cristianismo significava para ele um meio, e não um fim. Os cristãos formavam uma minoria, mas uma minoria unida, forte e brava; ao passo que a maioria pagã se separava em muitos credos. E Constantino aspirava à Monarquia Absoluta, forma de governo que se beneficiaria com o apoio religioso: a disciplina hierárquica e a autoridade ecumênica talvez proporcionassem um corretivo à monarquia; talvez que aquela maravilhosa organização pudesse tornar-se um instrumento de pacificação, de unificação e de governo" (107/356).

**Ário e o Arianismo** – "Por essa época, na África, um padre nega a "consubstancialidade" de Jesus com Deus. Cerca de 318 dC, Ário — que era um padre na cidade



egípcia de Bucália — espantou o bispo de sua diocese com estranhas idéias e opiniões a respeito da natureza de Cristo: “Cristo — dizia Ário — não se confunde com o Criador”. O Bispo de Alexandria protestou. Ário insistiu: “Se o filho foi gerado pelo pai, isso se deu em um tempo, logo o filho não pode ser coeterno com o pai; e se o Cristo foi criado, deve ter sido tirado do nada, e não da substância do pai; portanto, o Cristo não era “consustancial” com o pai; o Espírito-Santo foi gerado pelo Logo e ainda era menos Deus que o Logos” (107/359).

**Constantino e o Concílio de Nicéia** – “Constantino resolveu convocar o I Concílio Ecumênico, isto é, Universal da Igreja. Convidou todos os bispos a se reunirem em Nicéia, e promoveu fundos para os gastos. Compareceram 318 bispos de várias partes, mostrando como já estava desenvolvida a Igreja. No dizer de Durant, Ário reafirmou o seu conceito de que Cristo era um ser criado, “divino por participação”, mas não igual ao Pai. Hábeis argumentos o levaram a admitir que, se o Cristo fosse uma criatura e tivesse tido um começo, nesse caso podia mudar; e se podia mudar, podia passar da virtude ao vício. As respostas foram lógicas, honestas e lúcidas. Atanásio, o eloqüente e belicoso arcediogo, que o bispo Alexandre trouxe como uma espada teológica, tornou claro que, “se o Cristo e o Espírito Santo não eram da mesma substância do Pai, então o politeísmo triunfaria. Ele admitiu a dificuldade de representar três pessoas distintas em uma só, mas argumentou que a razão deve curvar-se diante do mistério da Trindade” (107/361).

“Para a Igreja, porém, o ponto da “consustanciação”, contra a mera similaridade do Pai e do Filho, era vital tanto à luz da teologia quanto da política: se o Cristo não era Deus, toda a estrutura da Igreja estava ameaçada; e se fosse permitido aos cristãos duvidarem desse ponto, a confusão poderia destruir a autoridade e a unidade da Igreja; portanto, o seu valor como suporte para o Estado” (107/361).

**O Credo de Nicéia** – “De acordo com o Imperador Constantino foi emitido o seguinte “Credo”, conhecido como “Credo de Nicéia”: “Creio em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, que fez todas as coisas, visíveis e invisíveis; e em um Senhor, Jesus Cristo, o filho de Deus, gerado (...) mas não feito, sendo da mesma substância que o Pai (...) que, para nós homens e para a nossa salvação, desceu e se fez carne, se fez homem, sofreu (...) ele desceu aos infernos, para pregar aos mortos (...), levantou-se de novo, no terceiro dia, subiu ao céu e julgará os vivos e os mortos (...) e também no Espírito Santo”. Isso difere do “Credo de Nicéia”, hoje em uso e produto de uma revisão feita em 362 (107/362).

O Concílio acentuou “a convicção da maioria do clero – a de que a organização e sobrevivência da Igreja requeriam uma certa fixidez de doutrina; e realizou aquela unidade fundamental da fé, que iria dar à Igreja medieval o nome de Católica, isto é, universal; tornou definitiva a aliança do imperador com a fé triunfante. E uma nova civilização, baseada em uma nova religião, iria agora se erguer das ruínas de uma cultura exausta e de um credo moribundo. Começava a Idade Média” (107/362).

Em 1096, começaram as Cruzadas Religiosas.

Depois, em 1231, o Papa Gregório IX instituiu o Tribunal da Inquisição.

\*\*\*\*\*

## 2.2.4. A Fé, a Religião e a Filosofia da Imprensa Metálica ao Colapso da Fé

### A) Conseqüências Filosóficas da Imprensa

**A Inquisição e os Autos-de-fé** - O Santo Ofício, porém, prossegue suas atividades. Registra Jappi que, além da violência e crueldade que eram normais, as cruzadas contra os heréticos davam ensejo a saques e roubos de propriedades de terras. Muitos fidalgos empobrecidos refizeram suas fortunas, apossando-se dos bens dos heréticos aniquilados; receberam, também, do papado, novos títulos e brasões para os seus nomes.

“A ação desse Tribunal da Inquisição estendeu-se até à Espanha, norte da Itália etc. Aos poucos, porém, sua mão diminuiu a intensidade e, como que, se extinguiu. Fernando, o rei de Aragão e de Castela, em 1478, exigiu do papa Sixto IV o direito de nomear juízes dos Tribunais da Nova Inquisição na Espanha, e que os bens confiscados aos protestantes, heréticos e judeus, por motivos religiosos, passassem à propriedade da Coroa Espanhola” (128/101).

**“O Tribunal confiscava os bens dos condenados**, em favor da Igreja e, como Fernando precisava de dinheiro, exigiu do papa serem os juízes da Nova Inquisição Espanhola nomeados por ele, e que os bens fossem confiscados em seu proveito. Assim se restabeleceu, na Espanha, o infame Tribunal, e pouco depois, se estendeu a Portugal. A princípio, contra judeus e mouros, mas depois contra todos os que propusessem reparo a qualquer ponto da religião. Serviu, também, para o estabelecimento do Absolutismo Real. Até fins do século XVI, quando se extinguiu, foi elevado o número de suas vítimas. Calculam alguns ter havido mais de 30 mil pessoas queimadas vivas e 280 mil condenados à prisão e a penas mais leves” (128/101).

**Os Autos-de-Fé** – “Em 1481, começaram os autos-de-fé em Sevilha. no Quemadero, onde as vítimas, amarradas a uma estaca sobre um monte de lenhas, eram queimadas vivas. À morte de milhares de pessoas, seguiu-se o confisco de suas propriedades, em favor do rei e da Igreja (128/101). Não era só a morte das vítimas que importava: seus bens não iriam para os filhos, e sim para o rei e para a religião. As leis, porém, admitiam exceções: se os filhos espionassem os pais e os denunciassem, receberiam parte de seus bens. Tanta bondade encantava o papa Gregório IX, que afirmava: “fazer bem ao coração ver como as crianças se voltavam contra os pais, por amor a Deus” (128/106).

“O clero, porém, não se contentava com tão pouco; queria enaltecer aquilo, com algo mais grandioso, mais concreto. Ora, a Igreja não executava ninguém. Após condenar à morte, ela entregava suas vítimas ao Estado, para que este executasse as sentenças (...) Dava-lhes, para isso, o prazo de cinco dias. Tal exigência foi, porém, abrandada. Urgia fazer exceções para um grande espetáculo público, torná-lo uma cerimônia comovente. Resolveram, por isso, executar muitos condenados ao mesmo tempo, em cerimônias públicas, que se chamavam, então, “autos-de-fé” (128/106).

“Os reis apóiam e cumprem as decisões do Santo Ofício. Perante os clérigos representantes do Santo Ofício, o rei Felipe II, da Espanha, jura – com a espada erguida ante à cruz de Cristo – que fará cumprir todas as decisões que chegarem dos Tribunais inquisitoriais da Santa Madre Igreja, Católica, Apostólica, Romana (128/106). Reis, ministros, altas autoridades militares e eclesiásticas, em Espanha e

em Portugal, unidos pelo crime, assistiam freqüentemente a tais espetáculos religiosos” (128/109).

**A execução de Girolamo Savonarola** – O padre italiano, Girolamo Savonarola (1452 – 1498), da ordem dos dominicanos, que foi prior do Convento de São Marcos (177/175), combateu, com veemência, a corrupção política e a licenciosidade de costumes na Itália. Suas críticas atingiram o clero e a própria Igreja. Após um entendimento entre Carlos VIII e o papa Alexandre V, Savonarola foi acusado de heresia e condenado à fogueira (157/326), juntamente com seu companheiro Fra Domênico.

Na sua monumental “História da Civilização”, 5ª parte, “A Renascença”, Will Durant escreve: “No dia indicado, foi a grande praça tomada por uma multidão ansiosa por ver um milagre ou o espetáculo do sofrimento humano. (...) Fra Domênico mudou de roupa com outros frades. Os franciscanos instaram para que ele fosse proibido de se aproximar de Savonarola, receosos de novos feitiços. Domênico foi proibido de carregar tanto o crucifixo como a hóstia para a fogueira; ele entregou o crucifixo, porém conservou a hóstia, resultando daí uma longa discussão teológica, entre Savonarola e os franciscanos, sobre se o Cristo seria queimado naquela hóstia, com a aparência de um pão” (112/202).

## **B) Lutero e A Reforma Protestante**

**A Questão das indulgências** – “Com o objetivo de angariar fundos para a construção do Vaticano, o papa Leão X lançou, em 1517, uma campanha de venda de indulgências. As indulgências eram certificados, expedidos pela Igreja, as quais absolviam os fiéis de determinadas faltas ou pecados, caso fossem para o purgatório. O movimento assumiu características mercantis, o que provocou indignação do monge e professor universitário alemão, Martinho Lutero”

As primeiras divergências começaram quando Lutero se escandalizou com a forma pela qual Tetzel efetuava a venda de indulgências, parecendo-lhe não ser necessária a conversão, nem o arrependimento do doador (151/351). Ao tomar conhecimento das divergências, o papa pensou tratar-se de simples rivalidade entre as ordens Agostiniana (a que pertencia Lutero) e a ordem dos Dominicanos (à qual pertencia Tetzel), e que a questão não passava de uma questão teológica; entretanto, depois, ela tomou proporções políticas e sociais (151/350).

**A denúncia da Igreja** ocorreu quando, em 1520, Lutero se dirigia a alta nobreza alemã, incitando-a a suspender o pagamento das anatas à Igreja, isto é, o pagamento equivalente às rendas do primeiro ano do benefício eclesiástico, com o que emigravam, anualmente, de cada país católico do mundo, uma avultada soma para os cofres de Roma (151/351).

**O rompimento definitivo** – Em Dezembro de 1520, o papa expediu uma Bula contra Lutero, condenando muitas de suas afirmações, determinando que seus livros fossem lançados às chamas, e que ele mesmo se submetesse às penas contra as heresias, se não se retratasse imediatamente. Foi quando Lutero queimou, publicamente, a Bula Pontifícia (151/352). O Cisma lavrou-se rapidamente. O povo apoiava aquela exaltação à consciência individual, e os Senhores previam na Reforma um meio de se apoderarem das terras eclesiásticas, pois a Reforma preconizava a pobreza

original do Cristianismo, e quase todas as regiões romanas eram propriedade da Igreja.

### **C) Contra-Reforma, o Concílio de Trento e canonização textual**

A Contra-Reforma opôs-se à Reforma Protestante e teve início no Concílio de Trento (1545 – 1563), levando um apelo à reação da Igreja, contra a Reforma. Sua maior expressão foi a Companhia de Jesus (42/225). E nós vimos que, com a Contra-Reforma, a Inquisição foi revigorada e destruiu as células reformistas na Itália, na Espanha e em Portugal; que ela consolidou e devolveu à Igreja o prestígio que fora abalado pelo separatismo; e que a acentuada cisão, entre católicos e protestantes, em alguns países, se transformou em verdadeiras guerras religiosas (157/92).

**O Concílio de Trento, da Contra-Reforma**, condenou os erros inovadores dos protestantes e reformou a Igreja de todos os abusos (45/242). Suas decisões foram de fundamental importância para a doutrina católica, em face do Protestantismo: nele, ficou estabelecido que “tanto a Bíblia, como a tradição, são fontes de fé (e não apenas a Bíblia, como ensinavam os Reformistas); que os textos autênticos e oficiais da Igreja são os da Vulgata Latina; que a Bíblia deve ser interpretada segundo às diretrizes da Igreja (contrariando o “livre exame de cada um”, apregoado pelos protestantes); que a salvação se obtém pela conjugação das obras com a fé (em oposição à “salvação pela fé somente”, ensinada pelos protestantes); foram mantidos os sete sacramentos, o culto dos santos, a legitimidade das indulgências, a crença no purgatório e no jejum; confirmou a presença de Cristo na Eucaristia; ratificou a superioridade do papa em relação aos concílios; considerou infalível a palavra do papa; manteve o celibato clerical; conservou o Latim nas orações e nas missas, permitindo apenas os sermões nas línguas nacionais; e recomendou a criação de Seminários, para a formação de sacerdotes” etc.

**A Canonização dos textos bíblicos** – Segundo o padre Matos Soares, enquanto os judeus, disseminados pelo mundo greco-romano, não tinham dificuldades em introduzir os livros religiosos em grego, os judeus da Palestina não queriam se conformar com isso. “E foi se formando, entre eles, a opinião de que – depois de Esdras (séc. V aC) – faltando ou sendo incerto o dom da profecia, eles não admitiam sequer pudessem ser escritos livros inspirados por Deus. Em virtude disso, no fim do século I dC, quando os doutores da Sinagoga fizeram o cânon das Escrituras Judaicas, dele foram excluídos os livros, mesmo escritos em hebraico, depois de Esdras. Daí, faltarem, no seu cânon, os livros de Tobias, de Judite, II de Macabeus, Eclesiásticos e de Baruc, ou seja, sete livros do Antigo Testamento” (04/08).

**O que é canonizar?** – “Em hebraico, “cânon” significava, primitivamente, “vara ou regra”, usada para manter algo em linha reta, à semelhança de uma linha ou régua dos pedreiros. Os clássicos gregos usavam essa palavra no sentido figurativo de “regra, norma, padrão”; mas a palavra “cânon” passou a significar o conteúdo das Escrituras, como se encontra nos livros; e, canonizar, passou a significar a história através da qual os vinte e sete livros do Novo Testamento foram selecionados. Foi só no século IV dC, que os autores católicos da Patrística aplicaram, pela primeira vez, o termo “cânon” às Escrituras Sagradas, para distingui-las como escritos reconhecidos pela Igreja” (122/21).

#### **D) Alguns Conflitos Teológicos**

**Zapata, um teólogo em má situação** – De acordo com Will Durant, em “História da Filosofia”, um candidato ao sacerdócio católico perguntou, ingenuamente, a seus superiores: “Como poderemos demonstrar que os judeus, a quem queimamos às centenas, foram – durante quatro mil anos – o povo eleito de Deus?” E prossegue com perguntas que deixam visíveis as incoerências das narrativas e cronologias do Velho Testamento (122/229).

Mário Cavalcanti de Melo, em “Da Bíblia aos Nossos Dias”, observa tratar-se, este católico, do licenciado Domenico Zapata, nomeado professor de Teologia da Universidade de Salamanca. Esse ilustre frei, (...) “não podendo conciliar o seu raciocínio com aquilo que lhe parece pouco claro no Velho Testamento, pede, em 1629, aos doutores daquela Universidade, que o tirem do embaraço, ministrando-lhe ensinamentos a respeito de suas inumeráveis dúvidas. Assim, fez a estes extraordinários interpretadores das coisas sagradas várias perguntas que, ao que consta da história, ficaram sem resposta” (158/363).

“É importante dizer – continua Mário Cavalcanti – que Zapata não recebeu respostas. Desiludido, abandonou o seu velho ofício e pôs-se a pregar Deus e a moral. Diz a história que ele foi um modelo de virtudes, o que não o impediu de ser queimado vivo, em 1631, em Valadolid.

**Alguns ensinamentos da Filosofia – Para René Descartes (1595 – 1650)**, o “cogito” (o pensamento, a consciência) será sempre a intuição primeira, de onde se tira todo o ser (Deus, o espírito e o mundo” (122/237).

**O filósofo Baruc de Spinoso (1632 – 1677)** foi excomungado, em 27/08/1565, pela Sinagoga Judaica, nos seguintes termos: “Com o assentimento dos santos e dos anjos, nós anatematizamos, execramos, amaldiçoamos e expulsamos Baruc de Spinoso, com audiência da Comunidade Sagrada, em presença dos Livros Sagrados, onde os 614 preceitos estão escritos, pronunciamos contra ele a maldição com que Elisha amaldiçoou os filhos, e mais as maldições do Livro da Lei:

“Amaldiçoado seja ele de dia, e amaldiçoado seja de noite, dormindo ou acordado, indo ou vindo! O Senhor nunca o perdoe ou o receba; e que a ira do Senhor não cesse contra este homem, e o carregue de todas as maldições do Livro da Lei, e apague o seu nome de debaixo do céu e o afaste de todas as tribos de Israel; e que ninguém com ele deve ter contacto, por gesto ou por palavras, nem por escrito; ninguém lhe deve prestar assistência, nem permanecer no mesmo teto que o abrigar, nem se aproximar dentro da distância de 4 cúbitos, nem ler nada por ele escrito ou citado” (122/160).

**Voltaire (1694 – 1778)** “combateu a superstição, o fanatismo religioso e a imoralidade clerical. Para ele, “o mal de todos os séculos foi o fanatismo entretecido de superstição e ignorância”. Conforme Durant, Voltaire não acreditava em milagres: “Eu estava na porta do convento, quando sóror Fessue disse à sóror Confite: Visivelmente, a Providência atendeu-me. Sabes o quanto amo o meu pardal; e ele teria morrido, se eu não tivesse rezado Ave-Marias para obter-lhe a cura”. Nisso, o metafísico observou: “Irmã, nada há de tão bom quanto as Ave-Marias, principalmente quando uma moça as reza, em Latim, nos arrabaldes de Paris! Mas eu não

posso crer que, por mais lindo que seja o seu pardal, Deus se preocupe com ele. Eu creio que Deus tem mais coisas de que cuidar. Cara irmã, eu acredito, como acredito na luz do sol, em uma providência Geral, que estabelece para toda a eternidade, as leis que regem as coisas; mas não creio que uma Providência Particular altere o mecanismo do Universo por causa do seu pardal" (122/231).

**Emmanuel Kant (1724 – 1804)** Em "Crítica da Razão Pura" – afirma Durant: "Kant ensinou que o conhecimento não procede todo dos sentidos" (122/262). E na "Crítica da Razão Prática", Kant concluiu que qualquer Bíblia ou revelação devem ser julgados por seu valor moral, não podendo, por si mesmos, serem juízes de um código moral. As Igrejas e os dogmas só têm valor quando auxiliam o aperfeiçoamento moral da humanidade; quando os credos passam a valer mais do que a excelência moral, como prova de religiosidade, é que a religião desapareceu. E os milagres não servem de prova de uma religião, por não podermos confiar no testemunho dos que o atestam; e a prece será inútil, quando o seu intuito for a alteração das leis naturais que governam todas as coisas" (122/127).

**George Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1835)** ensinou que "o real é o que é racional; que as leis do pensamento são as leis da realidade; que a lógica deve refletir as contradições da natureza, onde as coisas não são só o que são, mas estão em contínuo processo para se transformarem em seus contrários". Tal é o método dialético de Hegel, com os momentos da tese, da antítese e da síntese (180/1012). Segundo Hegel, a vida não foi feita para a felicidade, e sim para as realizações; que os períodos felizes são suas páginas em branco, por serem períodos de harmonia. "O gênio se limita a colocar uma nova pedra no pilar, a exemplo dos outros; e feliz é aquele que tem a sorte de chegar por último, pois, ao colocar a sua pedra, fica arrematada a abóbada" (123/283).

**John Dewey (1859 - )** mostra que "a educação deve ser concebida, não como um preparo para a maturidade (porque daí surge nossa absurda idéia de que a educação deve parar depois da adolescência), mas sim como acréscimo contínuo do espírito e uma contínua iluminação de vida. Nesse sentido, as escolas só podem dar-nos instrumentalidade de crescimento mental; o resto vem de nossa observação e interpretação da experiência. A educação real começa depois de deixada a escola, e não há razão para que não perdure até à morte (122/461). Tanto o indivíduo é um produto da sociedade, como a sociedade o é do indivíduo" (1222/463).

**Henri Bergson (1859 – 1941)** acha que a filosofia está em função da idade. Quando aprovamos ou desaprovamos uma filosofia, estamos simplesmente apresentando outra, como a que criticamos. E, à medida em que as experiências se dilatam, as esperanças mudam, e encontramos mais "verdades" nas "falsidades" que denunciamos e, talvez, mais "falsidades" nas nossas "ações de moço" (122/415).

**Bertrand Russel (1872 - )** acha que a primeira lei da moralidade deveria ser pensar corretamente. Para ele, a palavra "cristão" não tem hoje o sentido vigoroso que tinha nos tempos de Santo Agostinho e de Santo Tomás. Então, quando um homem se dizia cristão, sabia-se o que ele queria significar; mas a palavra é usada, hoje em dia, por um grande número de pessoas, em um sentido muito impreciso (172/17). "Penso eu se deve ter uma certa dose de crença definida, antes que a gente

tenha o direito de considerar-se cristão (172/18). Antigamente, incluía, por exemplo, a crença no inferno. Essa crença era uma cláusula essencial à fé cristã. Mas neste país (a Inglaterra), como sabeis, a crença do inferno deixou de ser item essencial à nossa religião, devido a uma decisão do Conselho Privado (...) e o inferno deixou de ser uma coisa necessária a um cristão” (172/18).

### **E) A Linguística Decompõe os Textos do Pentateuco**

“A Nova Imagem da Bíblia”, Luc Grollenberg, diz que “além das contradições e das repetições, os sábios encontraram muitas diferenças de estilo, de modo de expressar, tornando muito hipotética a sua atribuição a um único autor (46/08). E Clayde Francisco, informa que “puseram em dúvida tanto o texto quanto a autoria mosaica do Pentateuco; que a opinião geral é que os livros do Pentateuco foram escritos por Esdras, por volta do catifeiro da Babilônia, em meados do século V aC, enquanto que Moisés teria vivido cerca de 1.000 anos antes de Esdras” (67/56).

**A primeira hipótese – fragmentária** – Clayde afirma que um médico francês, chamado Francisco Astruc, que cuidava do rei Luis XVI, publicou, em 1753, uma obra intitulada “Conjecturas a Respeito do Memorando Original”, que Moisés teria usado na composição do “Livro Gênese”. Astruc notou que o mesmo se compunha de dois documentos principais: um, ao qual ele deu o nome de “Eloístico”, por usar a palavra Eloim para designar Deus; e o outro, que ele chamou de “javísta”, porque emprega o nome de Jeová para Deus (67/26). Segundo Grollenberg, Astruc não negou a autoria mosaica do livro, mas achou que Moisés teria feito uso de escritos mais antigos para compô-lo (46/08).

**Surgem novos argumentos científicos** – Mais tarde, um erudito alemão, chamado Eichhorn, publicou uma obra denominada “Introdução no Velho Testamento”, na qual ele examina a discussão de Astruc e lhe dá ênfase, acrescentando novos argumentos, tais como a diferença de estilo. Tanto Astruc quanto Eichhorn sustentaram a autoria mosaica daquele livro. Por si mesmas, essas especulações nenhum mal teriam feito, quanto à credibilidade dos livros bíblicos, mas foram um estopim que incendiou o campo da crítica moderna (67/26).

**A Teoria Anacrônica** – Grollenberg lembra que a palavra “anacronismo” indica um descuido de ordem cronológica, uma falha de ordem em relação ao tempo. E que os exegetas, que se ocuparam do Pentateuco, no século passado, foram forçados a concluir que a atribuição de sua autoria a Moisés não passava de um colossal anacronismo: um homem que viveu no século XIV aC – diziam eles – fora tratado como um escritor semelhante aos escritores greco-romanos; a realidade é que, nos tempos de Moisés, a escrita acabava de ser inventada, e ele certamente não a dominava bem; por isso, os documentos facilmente identificáveis, que constituem o Pentateuco, deviam ser situados em épocas mais recentes (46/11).

**Uma nova hipótese fragmentária** – Em 1800, Alexandre Guedes decompõe o Pentateuco em considerável número de fragmentos, sem lógica e sem nexo, destruindo até mesmo a ordem cronológica (67/26). Seguiram-se-lhe Valter (1802 – 1805) e Harmann (1831), os quais orientaram que o Pentateuco era constituído de um grande número de documentos pós-mosaicos, e que, de tempo em tempo, adições foram feitas, até tornarem-se os cinco livros atualmente conhecidos como Pentateuco. Com

tal publicação, estava destruída a unidade de toda aquela obra e colocada em dúvida a sua própria autoria (67/27).

**A hipótese suplementar** – "Nessa nova hipótese, o livro foi dado como pertencente ao tempo do rei Josias, sendo escrito pouco antes da reforma religiosa que ocorreu em 621 aC. Essa teoria foi defendida por Bleck, em 1830, por Tuck, em 1838, por Staehelin, em 1843 e por Knobel, em 1852 – dando origem à escola conhecida como "Hipóteses Suplementares". Para essa escola, o documento eloísta (E) formava a base do Pentateuco; e o documento javísta (J) fora recebido no primeiro, formando os dois a base do Pentateuco; que, além disso, novas adições teriam sido feitas nos documentos, através dos séculos, terminando com a cristalização do atual conjunto de livros, denominado Pentateuco. Todos esses críticos negavam a autoria mosaica do Pentateuco" (67/27).

**A Hipótese do Hexateuco** – Posteriormente, surgiu a idéia de que também o "Livro de Josué" pertencesse à mesma história e à mesma escola; que, portanto, em vez de Pentateuco (cinco livros), deveríamos dizer Hexateuco (seis livros) (67/27).

**A Hipótese Documentária** – Hpufel chegou à conclusão, em 1853, de que, além do Deuteronômio (D), havia três composições distintas, na base do Pentateuco, sendo duas Eloístas (E) e uma Javista (J); mas, dali em diante, os críticos passaram a afirmar que, em lugar de três documentos, deve ter havido quatro documentos. Para facilitar o raciocínio, deram aos referidos documentos as denominações de "J-E-D-P"; e tais documentos, segundo eles, deviam pertencer ao tempo de Davi e de Josias (67/28).

**Alteração nas datações** – Entretanto, em 1865, Graf entendeu que toda a literatura encontrada nos livros de Êxodo, de Levítico e de Números, não pertence ao período de Davi e Josias, mas sim ao tempo do cativo da Babilônia (586 aC) (67/28). O alemão Wellhausen adotou essa teoria, colocando o importante documento sacerdotal (P, de Priest, sacerdote em inglês), mais ou menos em 500 aC. Estava, assim, concluída a obra destrutiva de toda a unidade do Pentateuco (67/28). Na opinião do autor católico Grollenberg, Wellhausen descobriu o que os outros, com maior ou menor clareza, já tinham vislumbrado: um anacronismo descomunal; uma multidão de instituições surgidas e evoluídas em épocas posteriores haviam sido atribuídas a Moisés (46/12). E, a partir de 1865, o enérgico alemão acumulou argumentos para provar que a seqüência histórica dos documentos do Pentateuco deveria ser: "J-E-D-P" (46/13).

Para Wellhausen, o primeiro documento (J) teria sido composto em meados do século IX, mais ou menos em 850 aC; o segundo documento (E) teria surgido um século mais tarde, por volta de 750 aC; depois, houve um trabalho de mistura ou fusão de ambos, formando um novo documento (J-E), que foi obra de um redator do ano 650 aC; e o terceiro documento (D) foi composto pouco antes de ser descoberto, em 621, sob o império do rei Josias, e acrescentado mais ou menos em 550 aC; finalmente, o quarto documento (P ou sacerdotal), foi o único a ser acrescentado, entre 500 e 400 aC, e fez o papel de moldura para os documentos (J-E-D), por volta de 400 aC, quando o Pentateuco tomou a configuração que hoje nos é familiar (46/13).

Isto – para Wellhausen – também explica por que a tradição que considerava Moisés como legislador só predominou depois do exílio da Babilônia (46/16). Assim,



ficava clara a impossibilidade da atribuição do Pentateuco a Moisés: uma pessoa teria usado uma forma de estilo que somente séculos mais tarde iria se desenvolver (46/15). O sábio alemão afirmou que as narrções sobre Abraão, Isaac, Jacó e José do Egito não continham nenhum fato histórico: são histórias apenas na medida em que refletem fielmente as idéias que os israelitas do século IX aC e dos séculos posteriores formavam a respeito dos seus ancestrais (46/18).

Não era negada a existência histórica de Moisés, mas nada se podia afirmar de positivo a respeito de sua pessoa. Também os Dez Mandamentos promulgados por Moisés, que os recebera de Deus, segundo os documentos (E) e (D), não passavam de resumo da moral pregada pelos profetas. Isso aparentemente abalava todos os alicerces do sistema cristão vigente. Não é de admirar que o exegeta alemão fosse considerado, por muitos, como a encarnação do Anticristo (46/18).

No dizer do Diretor da Escola Bíblica, Lagrange, a tradição referente à autoria de Moisés era uma questão de literatura, uma hipótese de origem relativamente recente e sem autoridade comprovada (46/18).

**“Babilônia e a Bíblia”** foi um famoso discurso, pronunciado por Frederico Delitzsch, em 1902, e que desencadeou um grande tumulto também fora da Alemanha; ele provou que o Antigo Testamento não passava de um traste, muito posterior e de qualidade inferior à religião babilônica. Ele disse que a antiga Mesopotâmia (região entre rios), melhor do que a Bíblia, estava em condições de fornecer elementos para uma religiosidade moderna e racional, capaz de satisfazer à inteligência e ao coração (46/41).

**Confirmação da teoria de Wellhausen** – “Em 1912, um dos expoentes máximos da ciência alemã, escrevendo a respeito do sistema de Wellhausen, considerou-o clássico e arrematou: “As investigações posteriores apenas poderão, quando muito, modificar particularidades de importância secundária” (46/20).

“Um sacerdote católico – O dominicano R. de Vaux – sucessor de Lagrange na direção da Escola Bíblica – fez aparecer, em 1951, uma tradução francesa do Gênese, precedida de uma introdução ao Pentateuco, que aceita a teoria de Wellhausen. Nas primeiras páginas, havia a aprovação eclesiástica; e a matéria foi dividida em quatro fontes, identificadas pelas siglas J-E-D-P, intercaladas na história de Israel, muito semelhante ao de Wellhausen. “Aparentemente, opina Luc Grollenberg em “A Nova Imagem da Bíblia, a profecia de Wellhausen se cumpriu brilhantemente” (46/42).

Depois, em 1957, nove pesquisadores franceses escreveram o livro “Introduction à la Bible”, que foi publicado sob a responsabilidade e direção de Feulet, na Bélgica. Eles contaram as histórias das pesquisas sobre o Pentateuco e também admitem que aquele livro resultou de quatro correntes teológico-literárias conhecidas como “J-E-D-P”.

Da mesma opinião, é Maurice Vernes, em “La Grande Encyclopedie”. Para ele, “o trabalho da crítica distinguiu, no Pentateuco, uma série de fontes ou documentos, notadamente o javista-profético, o eloísta-sacerdotal e o Deuteronomico, cuja combinação e mistura teriam dado nascimento ao atual estado dos textos; e que o Pentateuco deve ser considerado um amálgama de peças, de procedências diversas, às quais um redator do conjunto deu uma unidade mais exterior do que real” (158/229).

**O livro “Sabedoria de Israel”, de Lewis Browne,** afirma que “as Escrituras Judaicas iniciaram-se com a Tora ou Lei, inscrita nos chamados “cinco livros de Moisés”; mas que elas se compõem de um certo número de elementos diversos, que refletem as atividades morais e sociais muito divergentes, de tantos e tão diversos períodos da história hebraica. Segundo o autor, estudiosos modernos chegaram a distinguir, pelo menos, quatro elementos diversos: 1º) O Javístico, advindo originariamente das tribos hebraicas estabelecidas no sul da Palestina; esses documentos acusam vestígios de uma religiosidade primitiva, desenvolvida por essas tribos enquanto ainda viviam no deserto; 2º) O Eloístico, oriundo das tribos domiciliadas ao norte; 3º) O Deuteronomista, um código muito adiantado, ao que parece, compilado sob a influências dos grandes profetas e datado de 622 aC; 4º) O Sacerdotal, código aparentemente mais moderno, reflexo da influência babilônica, redigido pela casta sacerdotal babilônica, em cujo país os judeus foram conservados cativos pelo espaço de meio século (158/230).

No parecer de Luc Grollengerg, em “A Nova Imagem da Bíblia”, “ninguém que seja razoável poderá simplesmente colocar estas aquisições e continuar dizendo que continua a crer que o Pentateuco foi escrito pelo próprio Moisés. Mas qualquer um pode ver que foi essa a atitude do Magistério Eclesiástico Católico, no Decreto da Pontifícia Comissão Bíblica, conhecido pelas palavras iniciais “Divino Afflante Spiritu” (por inspiração do Espírito Santo (158/32), pois constatou-se que, muito antes de Moisés, já havia uma vasta literatura escrita, além de um sem-número de códigos” (46/22).

Complementa o mesmo autor: “Chegamos à conclusão de que a leitura da Bíblia não se tornou algo fácil; antigamente, não havia problemas; partia-se da criação do mundo em 3.761 aC, passando pela biografia de Abraão, de Isaac, de Jacó e de José e seus irmãos, e a biografia circunstanciada de Moisés até sua morte, em 1045 aC. Mas, na realidade, o curso da história foi muito diferente; sofreu um processo infinitamente mais complicado, do qual apenas aparecem algumas linhas” (46/33).

Igualmente, o autor protestante R. Martin Achard ensina, que “o Velho Testamento supõe uma lenta elaboração da maior parte dos livros que o compõe; ele se desenvolveu em Israel, dirigido por uma tradição que não cessou de prolongar-se, e terminou pelo ano 500 aC (62/17)”.

\*\*\*\*\*

## **2.2.5. O Colapso da Fé Religiosa e suas Conseqüências**

### **A) O Colapso da Fé Religiosa**

Já em 1874, no livro “Roma e o Evangelho”, Don José Amigó y Pellicer se mostrava apreensivo: “Não vedes que o mundo moral se desmorona? Não ouvis os ruídos das crenças que caem por terra? (162/39). Sabeis por que imperam o dolo e a mentira, nas relações sociais e na política dos povos? Por que os laços de família se relaxam, e a imoralidade campeia em todas as esferas? Por que o egoísmo se apossa dos homens e por que o ouro é o ímã das suas ações e desejos? A causa de tantos

males é a falta de crenças que sejam a sanção moral; e sem o regulador moral, a perturbação se introduz nas famílias e a corrupção agita a sociedade” (162/40).

### **B) A Fé religiosa em Desencanto**

**As Heresias de Nosso Tempo** – Um grupo de teólogos italianos escreveu, recentemente, um livro com o título de “Heresias de Nosso Tempo”, publicado em Portugal, em 1956, mostrando a atual situação da fé religiosa no mundo. O livro relata que, no romance “Demônios”, de Dostoiévsky, o autor reduziu a essência crítica do problema contemporâneo a esta interrogação: “O ponto crucial do problema está em saber se um homem educado na civilização moderna, um europeu, pode ainda crer na Divindade do Filho de Deus, Jesus Cristo. Está precisamente nisso toda a fé” (44/12).

Segundo aquele livro, Kant já introduzira, no campo religioso, um postulado resultante do seu sistema filosófico: a religião deve estar dentro dos limites da razão; o mistério do Cristo, homem-Deus, é um absurdo; Jesus não é senão o ideal da humanidade que agrada a Deus; é o homem ético por excelência. Igualmente, Hegel, com sua lógica de idéias, colocou o Cristo nos domínios de um pensamento abstrato: “Jesus de Nazaré, homem-Deus, — dizia ele — é um ideal, não uma realidade histórica” (44/15). Desde aqueles tempos, já se notava que a fé estava entrando em crise, e não podia satisfazer à racionalidade dos homens modernos.

Frederico Paulsen, morto em 1908, afirmou que “se o Cristianismo consistisse na afirmação de que, há seis mil anos, o mundo foi tirado do nada; que Adão foi feito de um punhado de barro e Eva feita de uma costela dele; se o Cristianismo consistisse na afirmação de que Jesus nasceu de uma Virgem; na água convertida em vinho e nas 5 mil pessoas saciadas com pouco pão; se consistisse no mistério das duas naturezas de Cristo, ou nos mistérios da Trindade... Se o Cristianismo consistisse apenas nisso, seria necessário dizer que, a um homem moderno, capaz de raciocinar, não é possível professar a fé cristã” (44/18).

Haroldo Hoofin (Filosofia e Religião, 1909) julga que a religião não pode dar uma explicação real, como é requerida pelas nossas experiências intelectuais (44/19). “Muitos não quererem crer que o Cristo é Deus (44/14). E alguns autores católicos defendem também que a expressão de Mateus não manifesta religiosamente a Divindade do Cristo, mas que exprime apenas uma necessidade transcendente” (44/11).

“Na corrente italiana do pensamento religioso, Martinele (Il Cristo e il Cristianesimo, Milano, 1934), conforme a tese racionalista, apresenta o Cristianismo como um fruto da evolução sincrética da experiência religiosa hebraica, irânica, helenística. E Adriano Tilgler (Il Cristo e Noi, Modena, 1934) deseja, pelo contrário, sepultar definitivamente o Cristo Paulino e o seu ministério, juntamente com a “religião que tem por centro o ser divino Cristo, que está igualmente morto; que morreu para sempre. (...) Morreu o mito da redenção. (...) Nós outros, homens modernos, não podemos continuar a sonhar, se quisermos ser leais e sinceros conosco mesmos. (...) Homens do século XX, não podemos fingir acreditar naquilo em que hoje não acreditamos mais” (44/34).

Comenta A. Von Harnack: “Desde o início Jesus teve consciência de sua digni-

dade pessoal e se apresentou como o único mediador entre Deus e os homens; que, todavia, Jesus não é Deus. Dizer que ele é Deus, é acrescentar qualquer coisa aos Evangelhos; a sua divindade não faz parte da Nova Mensagem; a divindade de Cristo não se prova nos Evangelhos, mas é um dogma que a consciência cristã inclui na idéia de Messias (Lamentabilis, 27)” (44/25).

“Nicolas Pende ensina que se tem escrito ser o homem meio-besta e meio-anjo; que esta expressão pode ser traduzida na seguinte linguagem científica: o homem é um composto biológico-psicológico em que se encontram reunidos e coordenados os três reinos (mineral, vegetal e animal), com suas leis físico-químico-biológicas, e ainda ligado a um espírito, isto é, a um ser imaterial dotado de consciência, de razão e de liberdade de auto-determinar-se” (44/107).

“Entretanto, recentemente, a encíclica “*Humani Generis*”, de Pio XII, 1950, distinguiu o Evolucionismo Mecanicista da simples Teoria Biológica da Evolução (44/140). É certo que “*As Origens das Espécies*”, de 1859, como a posterior “*A Origem do Homem*”, de 1871, não chegou a ser abertamente anticriacionista nem anti-religiosa. Como é sabido, Darwin não chegou a negar claramente a existência de um Criador; em sua segunda obra, ele terminou dizendo que “o nascimento da espécie como a do indivíduo são partes daquelas séries de acontecimentos que a nossa inteligência recusa a aceitar como efeito do acaso” (44/145). A verdade é que, conforme a fé católica, isto é, conforme a Pontifícia Comissão Bíblica, “mesmo admitindo-se a Evolução para a origem do corpo humano, exige-se sempre a intervenção espacial de Deus, para tornar o corpo apto à infusão da alma” (44/172).

**A Fé em Crise** – Max Thurian escreveu “*La Foi en Crise*” (“*A Fé em Crise*”). Nesta obra, o autor alega que “só um cego não tomaria conhecimento de que o Cristianismo, a Igreja, todas as igrejas, atravessam hoje uma crise decisiva. Alguns se esclerosam numa atividade conservadora e reacionária; outros estão prontos a abandonar os valores tidos como essenciais desde os tempos apostólicos: os grandes dogmas trinitários e cristológicos, quando não, até o da personalidade e transcendência de Deus; a Igreja, como instituição sacramental: o ministério ordenado do serviço do povo de Deus e a própria autoridade das Escrituras” (61/03).

Segundo Thurian, não devemos considerar a crise atual mais grave do que as outras (61/05). Por ocasião do Sínodo de Bispos, em Roma, em outubro de 1967, foram enfocados os atuais problemas da fé cristã, como o fato da ressurreição de Cristo; ou como a redenção; outros são mais periféricos, como acontece com a doutrina do pecado original, em conexão com as descobertas científicas (61/07). De fato, certa tristeza poderia se apoderar de nós, ao ouvirmos pôr em xeque, aqui e acolá, dados essenciais dos Evangelhos (61/19).

O futuro do Cristianismo, opina ele, exige a reconstituição da unidade visível das Igrejas. Como poderiam os homens crer no Evangelho de amor e paz, proclamado pelas Igrejas, que não conseguem entrar em entendimento? (61/75).

### **C) A Teologia da Morte de Deus**

Para o escritor católico Van de Pol, autor de “*O Fim do Cristianismo Convencional*”, exatamente no ano de 1961, quando João XXIII começava os preparativos para o II Concílio Vaticano, apareceu, nos Estados Unidos, um livro intitulado “*The Death*

of God” (A Morte de Deus), que foi sucedido, mais tarde por “Faith Without Idols” (Esperanças sem Ídolos) e por “No Other God” (Nenhum Outro Deus); logo depois do aparecimento do primeiro livro, começou a se falar, nos Estados Unidos, em uma nova teologia, a chamada “Teologia da Morte de Deus” (59/69).

Talvez por isso mesmo, e contrariando a ala radical e conservadora da Igreja, no II Concílio Vaticano (1962 – 1965) surgiu a “Teologia da Libertação”, que punha fim ao enclausuramento, ao uso da batina, ao escapulário, ao exorcismo católico e muitas outras práticas milenárias. Um importante cânon do II Concílio Vaticano decidiu, como posição oficial da Igreja, que “a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa; que os homens devem todos ser imunes à coação; que, em assuntos religiosos, ninguém é obrigado a agir contra a própria consciência” (Compêndio Vaticano II, comentado por Boaventura Kloppenburg) (26/600).

Van de Pol informou que, em um artigo de 08-04-1966, a revista norte-americana “Times” divulgou, para o mundo inteiro, “a morte de Deus”; e que diversas e até opostas foram as reações por ele suscitadas (59/71). “Entretanto – explica Gabriel Vehanian, autor do primeiro livro citado. “A Morte de Deus” – poderia ser um puro fenômeno cultural, conseqüência, entre outras coisas, do fato de o Cristianismo oficial ser, na opinião do homem moderno, uma negação do Cristianismo primitivo do Novo Testamento. Além disso, nossa cultura imanentista não consegue mais atribuir sentido algum a uma realidade supostamente transcendente; é possível que a morte de Deus seja somente um fenômeno cultural, significando apenas que a nossa noção religiosa e cultural de Deus esteja morta” (59/72).

“A convicção, porém, de que a ruína do Cristianismo convencional é tão inevitável como “a morte de Deus” – opina Van de Pol – está ligada a esta outra: a de que o Cristianismo convencional, com sua moral burguesa e oficial, não passa de uma negação radical da mensagem de Jesus de Nazaré. E, cada vez mais, há gente que faz oposição entre o Cristianismo convencional e a pregação de Jesus Cristo” (59/74).

**Deus está morto?** Um grupo de teólogos católicos, italianos, escreveu um livrinho intitulado: “Dio è Morto?”, que a Editora Vozes, de Petrópolis, publicou, em 1970, como “Deus Está Morto?”, livro aquele que, mesmo sendo católico, traz subsídios para a “teologia da morte de Deus”. Embora pareça estranho, é uma composição teológica elaborada por teólogos cristãos (prevalentemente protestantes). Essa posição retoma o grito de Nietzsche, colocando na boca de um de seus personagens, que andava gritando no meio da multidão: “Deus está morto; nós o matamos” (43/13).

O livro nos conta que Marie-Dominique Chenu havia escrito em “Realidade Terrestre e o Mundo do Trabalho”, que Deus não criou o universo pronto, no qual colocasse o homem como espectador estranho de uma paisagem às vezes encantadora, às vezes impressionante; mas Deus chamou o homem para ser colaborador na organização progressiva do Universo em que ele – o homem – fosse não somente a imagem viva de Deus, mas também um demiurgo e uma consciência universal” (43/90).

#### **D) A Agonia das Religiões**

No Brasil, o grande parapsicólogo J. Herculano Pires publicou, em 1976, o livro

“Agonia das Religiões”. No prefácio ele noticia que, nos Estados Unidos e na Alemanha, anunciaram “a morte de Deus” e pregaram a novidade do “Cristianismo Ateu”. Mas, na sua opinião, os teólogos uma vez mais se enganaram. “Esses teólogos da chamada “teologia da morte de Deus” sofrem de um processo de alucinação por transferência. Quem está morrendo não é Deus; são eles mesmos e suas teologias; são eles e as religiões formalistas e dogmáticas” (pág. X).

Herculano Pires continua: “O desenvolvimento da humanidade tem sido marcado por fases de agonias e de morte, seguida de fases mais duradouras de ressurreição e de construção; a agonia atual das religiões é geralmente considerada um resultado da situação crítica da sociedade, em seu acelerado desenvolvimento tecnológico” (pág. XI). “Enquanto as religiões voltam a matar-se reciprocamente, em nome do Deus morto, as grandes potências da civilização, sem perspectiva, preparam os funerais atômicos da Terra; os padres sem batina e as freiras sem hábito, ou os monges sem escapulários e os santos cassados em sua santidade, já não podem consolar os crentes. Foi a morte de Deus que esvaziou o mundo, ou foi o vazio do mundo que matou Deus?” (pág. XII).

“O ponto crucial do problema religioso se chama hipocrisia; e a hipocrisia resulta das atividades egoísticas, da falta de compreensão do verdadeiro sentido da religião, que é um caminho e não a chegada da espiritualidade no homem. Os religiosos que se revestem de pureza exterior, encobrendo a podridão interior, são os hipócritas condenados veementemente nos Evangelhos” (pág. XV).

J. Herculano Pires mostra que “o poder das religiões já não é mais religioso, mas simplesmente econômico, político e social. As igrejas se esvaziam, os seminários se fecham, a vocação sacerdotal desaparece, e o clero de todas elas recorre, no mundo inteiro, aos mais variados expedientes para manter seus rebanhos, fazendo concessões perigosas. Mas todos os expedientes se mostram incapazes de restabelecer o prestígio e o poder da religião” (pág. 01).

“Não há dúvida de que as religiões agonizam. E o responsável por esse fato alarmante, como sempre, é a própria vítima que, pela imprevisão, pelos abusos do poder, pelo apego às instituições, deixam-se levar pela ilusão de indestrutibilidade. As próprias religiões cavam a sua ruína, no desenrolar do processo histórico. Acomodadas em sua superioridade, recusam-se a integrar na cultura natural, marginalizando a si mesmas (...) Assim, dialeticamente, o conceito arbitrário de sobrenatural, que era o fundamento de sua segurança, tornou-se o motivo de sua decadência (pág.02). A concepção nova de Deus é de uma inteligência cósmica, que preside a todas as realidades possíveis. Dizer que Deus morreu, é como dizer que a vida se extinguiu; e só o fato de estarmos vivos já prova o contrário” (pág. 04).

“O que não aceitamos é o Deus das religiões convencionais, porque esse Deus – ilógico e absurdo – como diria Aristides Lobo – pertence a um passado remoto, em que a humanidade necessitava dele. Para livrar a religião da pulverização dogmática, é indispensável libertá-la do formalismo dogmático, do profissionalismo religioso, do fanatismo igrejeiro” (pág. 06). “Se quisermos salvar a religião, nesse maremoto de transformações que afligem os passadistas, façamos urgentemente a liquidação das religiões em agonia, e mandemos seus artigos de fé, com seus ícones e suas

medalhas, para o museu do homem, como simples testemunho de um passado morto” (pág. 07).

### **E) O Fim do Cristianismo Convencional**

Van de Pol escreveu um livro que, em 1969, a Editora Herder, de São Paulo, publicou como tradução em português “O Fim do Cristianismo Convencional”, com nihil obstat e imprimatur da autoridade católica. Na opinião daquele autor, “chegamos a um ponto crítico da história de nossa civilização. E isso vale mormente no que diz respeito à religião. Representações, convicções, doutrinas e comportamentos, que até a pouco eram tidos como intocáveis, de repente parecem fora de nosso tempo. As revoluções no terreno religioso são precisamente causadas pelo que está acontecendo no terreno científico, filosófico e social (165/03); e muitas formas seculares do Cristianismo convencional já não podem ser mantidos ou utilizados. Neste momento, encontramos-nos (a cristandade como um todo) numa fase de transição, com todas as incertezas que isso acarreta” (165/04).

“Estamos diante de uma acumulação de causas que, juntas e englobadamente, provocaram, afinal, a situação religiosa que presenciamos agora (165/05); estamos presenciando o desmoronamento de certezas seculares, ou o acelerado definitivo daquilo que chamamos, neste livro, de Cristianismo Convencional. Tanto para os católicos, como para os protestantes, está se acabando, com todas as conseqüências, o Cristianismo Convencional (165/06)”.

“De repente, uma porção de coisas que, há pouco tempo atrás, nem sequer eram consideradas matérias contestáveis, agora são discutidas (165/10). O II Concílio Vaticano mostrou, claramente, que, em nossos tempos, entram em ação certas forças que nos obrigam a acabar, de vez para sempre, com o ultrapassado, e concentrar-nos em coisas essenciais, que serão válidas também para o futuro. Podemos caracterizar o II Concílio Vaticano como um sintoma de “fim do Cristianismo convencional” (165/11). “Assim, parece-nos que aquelas “firmezas” não estão, nem de longe, tão inabalavelmente firmes, como pensávamos. O Cristianismo convencional está sendo atacado e corroído, em nossos dias, por uma acumulação de fatores dos mais variados tipos e origens” (165/12).

“Uma religião é convencional na medida em que as convicções e práticas são tidas como verdadeiras e válidas, não por que tenham chegado à convicção de sua verdade ou do seu valor pelo pensamento, pela experiência, pela consciência, mas sim e principlamente pelo fato de que assim foi ensinada; e este ensino pode estar ligado à casa, à escola, à igreja e ao ambiente religioso onde fomos criados e ao qual sempre pertencemos”(165/18). “Mas, enquanto a religiosidade do homem estiver num estágio de convencionalismo, nada mais perigoso para a tranqüilidade de sua consciência, do que ver esse convencionalismo corroído e minado. E quase nunca se reage a uma investida contra o convencionalismo com argumentos claros e apropriados, mas sempre com paixão e indignação violenta” (165/22).

“Mas a nossa fé, muitas vezes, não é tão pessoal; e a nossa opinião não é tão independente quanto imaginamos (165/25). De dia para dia diminui a percentagem dos fiéis que acreditam simplesmente, sem impor condições, sem pensar em argumentos ou motivos, mas só porque souberam que esta é a afirmação ou mandamento

da Bíblia, ou da Igreja, ou do Papa, ou do Concílio, ou do páraço, ou do pastor” (165/27). “Convencionalismo e preconceitos são duas atividades inseparáveis; nenhuma se estriba em fatos ou argumentos, mas sim numa visão ou opinião preconcebida. (...) E a história da Igreja indica, em não poucas ocasiões, que o Convencionalismo e o preconceito contribuíram, repetidas vezes, para argumentos que não brotassem do amor, mas do ódio” (165/31).

**“O Cristianismo convencional** já é definitivamente algo do passado, e nós nos encontramos diante de um novo dilema: ou Cristianismo renovado, ou cristianismo algum; não fosse assim, não teria havido o II Concílio Vaticano, e não aconteceria, em toda a cristandade, aquilo que estamos vendo agora” (165/60). “A corrosão do Cristianismo convencional é um processo que está tomando uma velocidade cada vez maior, e cuja duração não deverá estender-se além de uma ou duas gerações (...) O que vemos atualmente, no campo religioso, foi iniciado há séculos, depois ganhou força e influência, por acúmulo, cada vez maior, de causas das mais diversas e que, em nossos dias, finalmente, se aproxima do seu fim, num ritmo cada vez mais acelerado” (165/77). “As objeções contra a religião e, mais precisamente, contra os milagres e o seu lugar na Bíblia, são tão antigos quanto à própria Bíblia” (165/83).

**As conseqüências do esfriamento da fé** – O leitor está consciente das desastrosas conseqüências da falta de fé da humanidade atual; o cepticismo, o materialismo, a ambição, o comodismo, a hipocrisia, o indiferentismo moral e o imediatismo, a violência urbana, a insegurança social, o rompimento dos laços de família e a queda dos valores morais de toda a civilização.

Há também o arrojamento de alguns, pelas ilusórias portas do suicídio, à procura do “descanso eterno”, ignorando que o ser pensante, moral e espiritual não morre. Só nos Estados Unidos, país de primeiro mundo e também educado sob a égide do Cristianismo convencional, em 1965 houve 35 mil suicídios. Depois, a Universidade de Heaver Delth abriu um curso facultativo a todos os alunos, intitulado “Educação para a Morte”, onde são enfocados diversos aspectos da morte, inclusive o suicídio. O Diretor daquela equipe – Dr. Stevenson – concluiu que “só a certeza inabalável a respeito da sobrevivência do ser pensante poderá deter a crescente onda de suicídios”. Felizmente, em apenas cinco anos de experiências, já foi possível notar um decréscimo considerável no número de suicídios naquela região. O exemplo extraordinário deveria ser seguido por todos quantos se preocupam realmente com a educação e evolução espiritual do ser pensante.

Diz Will Durant: “A compreensão não é apenas a mais alta das virtudes, mas também a mais alta felicidade, pois contribui mais do que qualquer outra faculdade para que evitemos a dor e o sofrimento. A sabedoria é a única libertadora: liberta-nos da servidão e das paixões, do temor dos deuses e do pavor da morte” (154/384).

\*\*\*\*\*

### **2.3.0. O Advento do Espírito da Verdade (ou Consolador Prometido).**

#### **2.3.1. Alguns fenômenos “paranormais” na história**

##### **A) Na Antiguidade Oriental**

Em “A Face Oculta da Mente”, publicado no Uruguai, em 1960, o jesuíta Oscar



Quevedo ensina que “os fenômenos parapsicológicos têm sido assinalados em todas as épocas e entre todos os povos, como os egípcios, os chineses e os hebreus (60/18); que, embora esses fenômenos sejam atribuídos às mais diversas causas, inclusive sobrenaturais, como demônios, espíritos, lavas astrais, maatmas, gnomos, fadas etc., o fenômeno é um só; a interpretação que a ignorância científica das épocas anteriores tenha dado a esses fenômenos é uma diferença puramente acidental” (60/19). De fato, examinando até mesmo as páginas da Bíblia, encontramos, desde o Antigo Testamento, centenas de exemplos desses fenômenos.

### **B) Durante a Idade Clássica**

Quevedo afirma que Cícero (in Opera Omnis, XIII) narrou diversos lances cotidianos em que Sócrates fora avisado e influenciado pelo seu gênio pessoal, evitando desgraças e padecimentos; todavia, “dado os escassos conhecimentos daquela época e não sabendo a que atribuir os resultados das rápidas elucubrações inconscientes, Sócrates acreditava que eram revelações de um gênio familiar, uma divindade” (60/229).

Para o Dr. Justinus Kerner, autor de “A Vidente de Prévorst”, segundo a história, o grande médico Galeno teve mais êxito com os sonhos do que com toda a sua ciência médica (141/27).

### **C) Durante a Idade Média e a Renascença**

Segundo o Dr. Kerner, Santa Teresa foi, no começo do século XIV, uma sonâmbula natural e teve visões como as de Joana D’Arc; ela sentia a alma, a cabeça e todo o seu corpo se levantando do solo e, à vista de toda a comunidade, flutuava em cima da soleira da porta (141/37).

Aldorema Freitas, no “Dicionário da História da Civilização” ensina que, mais tarde, Santa Joana D’Arc, nascida em 1412, filha de humildes camponeses, acreditava ser inspirada por “vozes e visões celestes”; que ela foi aprisionada e vendida aos ingleses, foi processada e julgada por crime de “feitiçaria e heresia”, por um tribunal faccioso, que a executou na fogueira; que, entretanto, já em 1456, o processo de sua condenação foi anulado, e a memória dela foi restabelecida; e, mais tarde, em 1909, a Igreja Católica a beatificou, sendo que, em 1920, o papa Benedito XV a canonizou como santa (157/205).

O autor de “As Profecias de Nostradamus” registra que São Francisco de Paula nasceu na Itália, em 1416 e viveu até 1508; que ele fez importantes previsões sobre o futuro, previsões essas que ocorreram posteriormente (pág. 136).

E o médico – Michele Nostradamus (1503 – 1566), da França, que renunciou o futuro, e que ainda hoje é seriamente estudado e interpretado? Ele escreveu suas previsões em versos de quatro linhas ou rimas, chamadas “quadras”; entretanto, para livrar-se das perseguições da Igreja, ele teve de escrevê-las em francês, misturado com latim, com grego e com anagramas. As mil quadras escritas por ele foram divididas em dez centúrias ou grupos de cem; entretanto, seu trabalho só foi publicado após a sua morte.

Uma reportagem da TV Globo brasileira, em 1992, noticiou que, segundo Nostradamus, suas visões eram recebidas por um sutil espírito de fogo, por uma voz que vinha de longe; essas vozes e visões eram geralmente fragmentadas, mas

mostravam coisas e acontecimentos futuros que ele mesmo não entendia. Os estudiosos de Nostradamus garantem que inúmeras previsões feitas por ele, vieram a se realizar integralmente: a morte de Henrique II em um torneio; trinta quadras sobre a Revolução Francesa; a vida, as conquistas e a morte de Napoleão Bonaparte, duzentos e cinquenta anos antes de seus acontecimentos; a história de toda a realeza britânica; alguns acontecimentos futuros da história americana, como o assassinato de Lincoln, a vida e morte de John Kennedy etc. Ele teria previsto o trabalho de Pasteur, descobrindo “a coisa escondida”, que veio a se confirmar em 1869; falou sobre Hitler e até sobre a AIDS.

Houve ainda, nesse período, Santo Antônio de Pádua, que viveu em Portugal e se comunicava com o mundo invisível. Entretanto, no dizer de Gabriel Delane, baseando-se nas proibições bíblicas, a Igreja da Itália proibiu qualquer comunicação com os mortos e que, Santo Antonio previra sua própria morte (60/21). Houve, também, o italiano Santo Afonso de Liguori, que, em 1774, demonstrou extraordinária paranormalidade (ou mediunidade) (60/31).

#### **D) Durante a Era Moderna**

O mais importante de todos, nesse período, foi São João Bosco, que “fazia milagres” e tinha visões do futuro. Uma reportagem da TV Globo, de 04-02-1993, transmitiu que João Bosco nascera em Turim, na Itália, no século passado, e foi o fundador da Ordem Salesiana; que, sem nunca ter vindo ao Brasil, ele previra, em 1883, com oitenta anos de antecedência, a construção de uma grande metrópole no Planalto Central do Brasil, a meia distância entre o Atlântico e o Pacífico, entre os paralelos 15 e 20. Essa metrópole foi identificada mais tarde como Brasília, inaugurada em 21-04-1960, pelo grande presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira. A Igreja acredita piamente que Dom Bosco tivera uma visão de Brasília, muitos anos antes de sua construção; e o santo é venerado na “Igreja de Dom Bosco”, localizada na Avenida W-3, na “capital da Esperança”.

#### **E) A Vidente de Prévorst**

Entre os anos 1826 a 1829, o Dr. Justino Kerner estudou as faculdades mediúnicas da Sr<sup>a</sup> Frederica Hauffe, que ficou conhecida como “a Vidente de Prévorst” – com este título ele publicou um livro, relatando o resultado de suas pesquisas estritamente científicas.

No prefácio da edição em português, o parapsicólogo brasileiro J. Herculano Pires escreve que o Dr. Justino Kerner foi injuriado e desprezado pelo conteúdo de seu livro; mas que, agora, as investigações científicas vieram confirmar suas pesquisas: a “vidência” foi a primeira faculdade paranormal do homem a ser provada em pesquisas de laboratório, sob o nome de “clarividência”, desde 1940, na Carolina do Norte, pela equipe da Universidade de Duke, chefiada pelo Dr. Joseph B. Rhine (131/XVI).

Herculano Pires diz, ainda, que, depois disso, o Dr. Rhine já provou também a “Telepatia ou Transmissão de Pensamento”; que estas descobertas vêm sendo investigadas por outros americanos e russos. As pesquisas se intensificaram tanto, na Europa e na América, que, atualmente, também já está provada a “precognição” (ou profecia) e a “retrocognição” (ou adivinhação de coisas passadas) (pág. XVII).

O prefaciador da edição inglesa, Mr. Crowe, escreveu que “o caráter bem conhecido do Dr. Kerner bastará para afastar quaisquer suspeitas; nada é mais fácil

do que a acusação de uma impostura – esse é o método mais cômodo para evitar os empecos de um inquérito e suprimir os fatos que molestam as idéias preconcebidas – mas se trata de um expediente tão vulgar quanto tímido” (pág. XX).

Finalmente, no prefácio da edição portuguesa, René Sudre notou que, vinte anos antes de Allan Kardec, aquela doutrina e os fenômenos descritos nos livros do Codificador já se apresentavam nas manifestações da Vidente de Prévorst; que o psiquismo supra-normal se verificou em todos os fatos da humanidade; que o que ainda não se havia coligido, em um corpo de doutrina, era a moral que estas manifestações traziam (pág. XXVII).

“Nascida em 1801, e ainda pequena, descobriu-se nela uma faculdade absolutamente incontestável, supra-normal ou de pressentimentos, que se manifestavam principalmente por sonhos proféticos (pág. 02); que ela tinha consciência da presença dos espíritos; que foi em casa de sua avó que um espectro lhe apareceu pela primeira vez (pág. 03). E a faculdade de ver espíritos, que a Sr<sup>a</sup> Hauffe possuía desde a infância, desenvolveu-se constantemente; era de espantar a segurança com que ela indicava, durante o sono, os meios que deviam curá-la (pág. 14).

“Quando encontrava uma pessoa que perdera um membro, ela costumava vê-lo ligado ainda ao corpo (pág. 48). A Vidente nunca deixou de referir-se ao seu espírito protetor, sua avó Schmidgall, seu guia constante e invisível, que lhe aparecia sempre sob a forma que tivera em vida, mas com atributos diferentes (pág. 53). Aproximando-se dos doentes, a Sr<sup>a</sup> Hauffe tocava-os, ou mesmo sem tocá-los, conhecia a moléstia e, com grande espanto deles, experimentava-lhes as sensações. A Vidente curou a condessa Von Moldefhen (pág. 71). “Em sonambulismo, ela falava frequentemente uma língua que nos era desconhecida, mas que os filólogos descobriram semelhança com o copta, o árabe e o hebraico” (pág. 89).

“Essas formas não são produtos de minha imaginação – garantiu ela – porque eu não gosto de vê-las; causam-me, ao contrário, aborrecimento; e só penso nelas quando as recebo ou me fazem perguntas a respeito (pág. 101). Certas pessoas, junto de mim, sentem a sus presença, mesmo que não as vejam. Os aspectos que os espíritos têm é o que tinham em vida, mas parecem acinzentados, e as vestimentas vaporosas (pág. 102). Noto que, quanto mais escuro é o fantasma, mais forte é a sua voz e o poder de produzir qualquer espécie de ruídos e de outros fenômenos físicos. Movem os lábios quando falam, e suas vozes são tão variadas como as dos vivos. Não podem responder a todas as minhas perguntas. Os espíritos perversos respondem com mais facilidade, mas evito entrar em conversas com eles. Eu já vi espíritos, sobretudo os escuros, acolherem minhas palavras como unção, e se tornarem logo brilhantes, mas isso me enfraquece” (pág. 103).

“Essas revelações parecerão incríveis e absurdas, sobretudo aos que supõem que os espíritos devem saber mais do que os homens. Responderei que isso não se dá com os espíritos de quem falo. Eles são de condições inferiores (pág. 105). Perguntei um dia a um fantasma, se os seres humanos crescem depois da morte – porque vi alguns mortos da primeira infância, que pareciam ter crescido – e ele respondeu: sim, quando são levados da Terra antes de terem atingido todo o crescimento” (pág. 106).

Conforme testemunho do Dr. Justino Kerner, “os espíritos podiam ser ouvidos por pessoas de diversas condições, de modo acidental, mas nunca quando eram esperados

(pág. 110). Os ruídos eram ouvidos por outras pessoas que moravam sob o mesmo teto (pág. 111). Dei-me a grande canseira para fiscalizar as narrativas, mas jamais notei uma burla. Outros, porém, que nunca a viram nem a conheciam, falam a seu respeito como os cegos falam das cores, para logo descobrirem, sem qualquer dificuldade, um embuste. A Sr<sup>a</sup> Hauffe nunca falava voluntariamente de aparições, porque o assunto lhe era desagradável. Quando o fazia, a meu pedido ou de outra pessoa, era sempre com uma simplicidade e uma convicção que até aos mais incrédulos impressionava. Ela considerava o dom de ver espíritos como uma grande infelicidade, sobretudo por causa dos comentários que isso provocava, e então ela pedia a Deus, com fervor, para que o retirasse” (pág. 112).

Escrevia ela, um dia, a uma amiga – informa o Dr. Kerner: — “Se eu pudesse impedir os espíritos de me conhecerem e me visitarem, eu eliminaria imediatamente, ou faria com que os outros também pudessem vê-los, e a minha situação melhoraria. Sinto-me isolada, abandonada e desconhecida” (...) Ela não esperava que os outros aceitassem a realidade das aparições: “Infelizmente, minha vida foi feita assim. Os seres espirituais me vêem, e eu os vejo; as outras pessoas não têm essa faculdade e tanto podem crer como não nas visões, como considerá-las ilusões, se lhes agrada. Ninguém devia desejar vê-los”. “Pedi-lhe, durante muito tempo, que me desse oportunidade de ouvir um espectro, e como isso se produzia. A princípio pedi-lhe ainda para ver um; mas ela me respondeu que isso não dependia de sua vontade. (...) Alguém lhe fez o mesmo pedido, e a Vidente deu a mesma resposta” (pág. 113).

“A primeira vez que ela disse ter visto um espírito, censurei-a e a contradisse, afirmando-se-me aquilo uma ilusão; e posto que o tempo e as circunstâncias modificassem a minha opinião, esforcei-me sempre por persuadi-la de que os espectros, que ela via, não passavam de alucinações visuais. Mas, a despeito disso, eles continuaram a apresentar-se; e eram, muitas vezes, ouvidos e percebidos por outras pessoas. (...) Sua convicção nunca foi abalada por minhas dúvidas, nem pelas declarações que lhe fazia – aliás, difíceis de crer, quando outros também tinham visto” (pág. 114). “A meu pedido, o prelado de Markin veio falar à Vidente e se esforçou por combater-lhe a crença na realidade das aparições, sendo ele próprio absolutamente incrédulo a respeito. Ela o escutou com satisfação, mas nem por isso os fantasmas deixaram de vir, nem foram menos freqüentes em suas visitas” (pág. 115).

“Muitas outras testemunhas dignas de fé verificaram que os ruídos não foram produzidos pela Sr<sup>a</sup> Hauffe nem por outra pessoa qualquer. Muito longe de prevalecer-se de suas qualidades de ver espíritos, ela a considerava uma grande infelicidade. Não queria convencer ninguém. Não achava mal que não acreditassem nela, mas suas convicções eram tão profundas que – dizia ela – “seria preciso fosse uma loucura para ter dúvida da realidade das aparições; dever-se-ia então duvidar de tudo o que pode cair sob nossos olhos” (pág. 123).

Em “Sonhos de uma Vidente”, Kant escreveu que “demonstrar-se-á, um dia, que mesmo nesta vida, as almas humanas estão em constante comunicação com o mundo espiritual, suscetível de impressionarem-se reciprocamente” (141/54).

\*\*\*\*\*

## 2.3.2. As Mesas Girantes e a Codificação do Espiritismo

### A) Ainda Antes de Allan Kardec

Já em 1840, o médium Gootlibenitus produziu fenômenos extraordinários; e, a partir dele, a sonâmbula Adèle Maginot, sob a orientação de Alfonso Cahagnet, foi bastante destacada até 1844 (191/XV). Entretanto, o princípio das manifestações ostensivas dos espíritos deu-se nos EUA, em 1847, com as pancadas “ou ruídos” de Hydesville, na presença das irmãs Fox, pelo espírito Kátia King. Foram os anos de incubação do Espiritismo. E o Dr. David Fox foi o primeiro a usar um alfabeto em Hydesville (95/23).

Wilson Frungilo Júnior, em “O Senhor da Terra”, 1ª edição, escreveu que, “em 1848, em Hydesville, no estado de Nova Iorque, uma família protestante, formada por John Fox e suas filhas, Margareth, Kate e Leah, sentiram que, de repente, ruídos, pancadas e batidas inexplicáveis começaram a ocorrer na cabana onde moravam, e eles resolveram pesquisar o mistério, achando tratar-se de pancadas do que denominavam “o desconhecido”; decidiram tentar entrar em contato com essa fonte. Começaram, então, a fazer perguntas que eram respondidas, inteligentemente, por pancadas – e descobriram tratar-se de um espírito que fora assassinado naquele local, tendo este fato sido provocado ao descobrirem, no ano de 1904, ou seja, cinquenta e seis anos depois, um esqueleto, quando uma parede da casa ruiu. Na mesma época, outros fenômenos, denominados “mesas girantes” começaram insistentemente a acontecer, principalmente nos anos de 1853 a 1855 (O Senhor da Terra, cap. X, pág. 155).

Entretanto, em 1850, os próprios espíritos indicaram uma nova maneira de se comunicarem: recitava-se o alfabeto, chegando, depois disso, às mesas girantes. Em 1852, em Nova Iorque, o Juiz Edmonds começa suas investigações, e diversas testemunhas importantes e idôneas corroboram suas afirmativas.

Na Áustria, o arquiduque Rodolfo entra em contato com as mesas girantes, e os jornais do mundo inteiro anunciam diversos fenômenos (95/47). E as mesas giram em todo o mundo. Todos os jornais destacam a “febre das mesas girantes”. Na Inglaterra, Robert Owen escreve uma carta ao Sr. Group, em 1853, confessando acreditar nos fenômenos. O Reverendo Robson fez uma publicação em que chama a atenção para os fenômenos espíritas. Na Itália, destacam-se Ercole Chiaia, César Lombroso e outros famosos pesquisadores das mesas (95/46).

Em 1853, as mesas giram na França. O Jornal “L’Universe”, em julho de 1853, foi o primeiro jornal francês a destacar a questão (191/182). Depois disso, as mesas gravitam sem contato algum (191/07). A mediunidade do Sr. Victor Hugo em verso (191/139). O Sr. Faraday estuda as mesas girantes (191/238). Um piano de 300 kg se levanta sozinho (191/247). Charles Richet se interessa pelo estranho fenômeno (191/103). Uma petição de 15 mil assinaturas reconhece a realidade do fenômeno (191/238). Entretanto, enquanto isso, as altas rodas da sociedade européia faziam daquilo um passatempo, uma brincadeira de salão; porém, ninguém que delas participasse negava a realidade de tais fenômenos.

### B) O Prof. Hippolite Rivail Léon Denizard e suas pesquisas

“Em 04/10/1804, havia nascido, em Lião, o Sr. Rivail; mais tarde, ele se tornou bacharel em letras, em ciências e doutor em Medicina. Ele foi um lingüista insigne:

falava e conhecia, a fundo, o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e o holandês (200/11). À noite, escrevia gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores; traduzia do inglês e do alemão. Também organizou, em sua casa, entre 1835 a 1840, cursos gratuitos de Química, de Física, de Astronomia e de Anatomia Comparada. Foi membro de várias sociedades sábias, inclusive da Academia Real D'Arras. Em 1849, foi professor do Liceu Polimático, regendo as cadeiras de Filosofia, de Astronomia, de Química e de Física” (200/13).

Em 1854, o prof. Hippolite entra em contato com as mesas girantes (191/182), ouvindo falar nelas pela primeira vez. Certo dia, o Sr. Fortier lhe disse: “Eis aqui uma coisa que é bem extraordinária: não somente se faz girar uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar; interroga-se, e ela responde”. – “Isto é uma coisa – disse o prof. Rivail. Eu acreditarei quando vir, e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir, e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita-me que eu não veja nisso senão uma fábula para provocar o sono” (200/14).

Ele confessou: “Em 1855, encontrei o Sr. Carlotti, um amigo de vinte e cinco anos, que percorreu a cerca desses fenômenos durante mais de uma hora, com entusiasmo que ele punha em todas as idéias novas. Ele foi o primeiro a falar sobre a intervenção dos espíritos. “— Você um dia será um dos nossos”— disse-me ele. “— Não digo que não – respondi eu – veremos isso mais tarde” (200/15).

“Pelo mês de maio de 1855, estive na casa da sonâmbula Sr<sup>a</sup> Roger, com o sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pastier e a Sr<sup>a</sup> Plainemaison, que me falaram desses fenômenos no mesmo sentido que o Sr. Carlotti, mas noutra tom. Sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu-me viva impressão; e quando ele me convidou para assistir às experiências que se realizavam na casa da Sr<sup>a</sup> Plainemaison, aceitei com solicitude. Foi aí que, pela primeira vez, testemunhei o fenômeno das mesas girantes, que saltavam e corriam; e isso em condições tais que a dúvida não era possível” (200/16).

“Aí também vi alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica em ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de haver se modificado, mas naquilo havia um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob estas aparentes futilidades e espécie de divertimento com que esses fenômenos se faziam, alguma coisa séria e como que a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar. (...) Foi aí que fiz os primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelação, do que por observação” (200/16).

“Eu me encontrava, pois, no ciclo de um fato inexplicado, contrário, na experiência, às leis da Natureza, e que minha razão repelia. Não tinha ainda visto nem observado muito; mas as experiências feitas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, me haviam firmado a possibilidade de efeitos puramente materiais; mas a idéia de uma mesa falante não me entrava ainda no cérebro” (200/15).

“Apliquei a esta nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; e, dos efeitos, eu procurava remontar às causas, pela dedução, pelos encadeamentos lógicos dos fatos, não admitindo como válida

uma explicação, senão quando ela pudesse resolver todas as dificuldades da questão” (200/16).

“Foi assim que procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze e dezesseis anos. Compreendi, desde o início, a gravidade da exploração que ia empreender. Entrevia nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e controvérsado do passado e do futuro, a solução que havia procurado toda a minha vida; era, portanto, em uma palavra, uma completa revolução nas idéias e nas crenças; preciso, portanto, se fazia agir com circunspeção, e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar arrastar pelas ilusões” (200/17).

“Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao seu grau de adiantamento; e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Essa verdade, reconhecida desde o início, evitou-me o grava escolho de crer na infalibilidade deles, e preservou-me de formular teorias prematuras sobre a opinião de um ou de mais alguns deles. Mas só o fato da comunicação com os Espíritos, o que quer que eles pudessem dizer, provava a existência de um mundo invisível ambiente: já era um ponto capital, um imenso campo franqueado às nossas explorações, e a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados” (200/17).

“O segundo ponto era reconhecer o estado desse mundo e dos seus costumes, se assim podemos nos exprimir. Cedo observei que cada espírito, em razão de sua posição pessoal e dos seus conhecimentos, desvendava-me uma face desse mundo, exatamente como se chegasse a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e condições, podendo cada qual ensinar uma coisa e nenhum deles poder, individualmente, ensinar tudo (200/17). Eu agi, pois, com os Espíritos, como o teria feito com os homens: eles foram para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações, e não reveladores predestinados” (200/18).

Conhecendo as vastas aptidões do Sr. Rivail, aqueles senhores lhe enviaram cinqüenta cadernos de comunicações diversas, pedindo-lhe que tomasse conhecimento e as pusesse em termo, que as arranjasse. Mas esse trabalho era árduo e exigia muito tempo (...) e o sábio enciclopedista se recusava a essa tarefa enfadonha e absorvente, em razão de outros trabalhos. Mas, numa noite, o seu guia protetor “E” lhe deu, por um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma existência precedente, ao tempo dos Druidas, e viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava então Allan Kardec; e como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que era chamado, e que facilmente levaria a termo. Rivail, pois, lançou-se à obra; tomou todos os cadernos e anotou-os com cuidado (200/18).

“Comparecia a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas; elas eram respondidas com precisão, profundeza e de modo lógico. Desde então, as reuniões tiveram um caráter muito diferente. (...) A princípio, eu não tinha em vista senão a minha própria instrução; mais tarde, quando vi que tudo aquilo formava um conjunto e tomava proporções de uma Doutrina, tive o pensamento de o

publicar, para a instrução de todos. Foram essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de “O Livro dos Espíritos” (200/19).

Um dia, o professor Rivail perguntou ao espírito chefe: “O nome de Verdade, que tomais, é uma alusão à verdade que procuro?” – “Talvez ou, pelo menos, é um guia que há de te auxiliar e proteger”, respondeu o Espírito da Verdade (200/20).

Em 12/06/1856, através de Mme. Aline, ele perguntou: “Quais são as causas que poderiam me fazer fracassar? Seria a insuficiência de minhas aptidões?” — “Não — respondeu o espírito — mas a missão dos reformadores é cheia de escolho e perigo; a tua é rude – te previno – porque é ao mundo inteiro que se trata de agitar e transformar. Não creias que seja suficiente publicar um livro, dois livros, dez livros, e fiques tranqüilamente em tua casa. Não (...) é preciso te mostrares ao conflito” (220/23).

“Contra ti açularão terríveis ódios; implacáveis inimigos tramarão a tua perda; estarás exposto à calúnia, à traição, mesmo daqueles que te parecerão mais dedicados; as tuas melhores instruções serão impugnadas e desnaturadas; sucumbirás mais de uma vez ao peso da fadiga. Em uma palavra: é uma luta quase constante que terás de sustentar, com o sacrifício do teu repouso, de tua tranqüilidade, de tua saúde, e mesmo da tua vida, porque não viverás muito tempo. (...) Não encontrarás, sob os seus passos, senão espinhos, agudas pedras e serpentes. Para tais missões não basta inteligência. É preciso, antes de tudo, para agradar a Deus, humildade, modéstia, desinteresse, porque abatem os orgulhos e as presunções. Para lutar contra os homens é necessário coragem, perseverança e firmeza inquebrantável; é também preciso ter prudência e tato para conduzir as coisas e propósitos, e não comprometer-lhe o êxito por medidas ou palavras intempestivas; é preciso, enfim, devotamente, abnegação e estar pronto para todos os sacrifícios. Vês que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti” (“O Espírito da Verdade” – 200/24).

### **C) O Consolador Prometido**

Diz o Evangelho atribuído a São João, que Jesus teria prometido enviar “o prometido por meu Pai”, que foi diferentemente traduzido ora por “Espírito Santo”, ora por “Espírito da Verdade”, ora por “Consolador”.

Vejam os textos: **João XIV-15**, “Se me amais, observai os meus mandamentos. 16) E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Consolador, para que fique eternamente convosco. 17) O Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque habitará convosco, e estará em vós. 18) Não vos deixarei órfãos: voltarei a vós. 21) Aquele que retém os meus mandamentos e os guardar, esse é um que me ama (...) e me manifestarei nele. 25) Eu vos disse estas coisas permanecendo convosco. 26) Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas, e vos recordará tudo o que vos tenha dito”.

**João XV-26**, “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, ele dará testemunho de mim; 27) e vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio”.

**João XVI-7**. “Mas eu vos digo a verdade: A vós convém que eu vá, porque, se eu não for, não virá o Consolador; mas, se eu for, virá ele, eu vo-lo enviarei. 12) Tenho



ainda muitas coisas para dizer-vos, mas vós não me podeis compreender agora. 13) Quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará todas as coisas que estão por vir. 25) Eu vos disse estas coisas em parábolas, mas vem o tempo em que eu não vos falarei por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai”.

No livro “Gênese”, Allan Kardec indagou: “por que chamais Consolador ao nosso Messias?” — “Esse nome significativo e sem ambigüidade encerra toda uma revelação. Assim, ele previu que os homens teriam necessidade de consolação, o que implica em insuficiência daqueles que se achariam na crença que ia fundar (202/27). Se o Cristo não disse tudo o que poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra. Como ele próprio confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; ele previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas. Ora, só se restabelece aquilo que foi desfeito” (203/231).

Na nossa opinião pessoal, Espírito da Verdade seria o chefe espiritual daquela plêiade de desencarnados que, no século XIX, promoveram os ensinamentos codificados por Allan Kardec. Embora tenha o padre Matos Soares, na sua tradução do Latim para o Português, usado a expressão “a vinda do Espírito Santo” ou “a segunda vinda de Jesus”, ele se referia ao mesmo acontecimento. Portanto, Espírito da Verdade, Consolador ou Peráclito era uma única entidade espiritual.

No “Evangelho Segundo o Espiritismo”, destacamos diversas mensagens que vêm assinadas pelo “Espírito da Verdade”.

“Cap. V-5, “Venho, como antigamente entre os filhos transviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me: o Espiritismo, como antigamente minhas palavras, deve lembrar aos incrédulos de que acima deles reina a verdade imutável. (...) Mas os homens ingratos se desviaram do caminho reto e largo, que conduz ao reino do meu Pai, e estão perdidos nos ásperos e estreitos caminhos da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos (quer dizer, mortos segundo à carne, porque a morte não existe), vos socorrais; e que não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que já não estão mais na Terra, se faça ouvir para vos proclamar: Oraí e crede, porque a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida, durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver” (“O Espírito da Verdade” – 204/VI:5).

Desse modo, para nós, fossem as promessas de Jesus referentes à sua segunda vinda, seja da vinda do Espírito da Verdade, seja do “Espírito Santo”, elas já foram cumpridas no século passado: a Doutrina ensinada pelos Espíritos Superiores preenche todos os requisitos daquelas promessas evangélicas. O Espiritismo ou Consolador já veio.

#### **D) A Codificação dos Ensinamentos dos Espíritos Superiores**

Segundo Allan Kardec, mais de dez médiuns prestaram seu concurso a esse trabalho. “E foi da comparação e fusão de todas estas respostas coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas, que formei a primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, o qual apareceu em 18-04-1857” (200/19).

No cabeçalho daquela obra, ele escreveu o conselho dos espíritos: “Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, no trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois este trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva, e que um dia há de reunir todos os homens no mesmo sentido de amor e de caridade” (198/48). “Este livro foi escrito por ordem e mediante o ditado dos espíritos superiores, para estabelecer o fundamento de uma filosofia racional, isenta de preconceitos e do espírito de sistemas. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles reexaminado. Só a ordem e a distribuição metódica da matéria, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar” (198/49).

“Não te deixes desanimar pelas críticas. (...) A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e que tudo querem explicar (...) Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos e os maus acumularão no teu caminho (...) que se afasta do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se de um cego para fazer perceptível a luz” (198/49).

A idéia de publicar a Revista Espírita (*Revue Spirite*) – Em razão do êxito de “O Livro dos Espíritos”, Allen Kardec formara o propósito de criar um jornal espírita (200/22). “Apressei-me em redigir o primeiro número – diz ele – e o fiz aparecer no dia 01/01/1859, sem dizer nada a pessoa alguma. (...) A partir daí, os números se sucederam sem interrupção; e, como previra o espírito, esse jornal tornou-se um poderoso auxiliar. E, durante onze anos, nessa “*Revue Spirite*”, ele enfrentou todas as tempestades, todas as emulações, todos os ciúmes, que não lhe foram poupados, como ele mesmo relata, narrando também o modo como lhe foram anunciados, ao ser revelada a sua missão (200/23):

“Escrevo esta nota (...) dez anos depois que esta comunicação me foi dada, e verifico que ela se realizou em todos os pontos, porque experimentei todas as vicissitudes que nela me foram anunciadas. Tenho sido alvo de ódio, de implacáveis inimigos, de injúria, de calúnia, de inveja e de ciúme; têm sido publicados contra mim infames libelos; as minhas melhores instruções têm sido desnaturadas; tenho sido traído por aqueles a quem eu tinha prestado serviços (200/24). A Sociedade de Paris tem sido um contínuo foco de intrigas, urdidas por aqueles que se dizem a meu favor, e que se mostrando amáveis na minha presença, me de tratam na ausência. Não tenho mais conhecido o repouso; mais de uma vez sucumbi; sob o excesso de trabalho, tem-se-me alterado a saúde e comprometido a vida. Entretanto, graças à proteção e assistência dos bons Espíritos (...) sou feliz em reconhecer que não tenho experimentado um único instante de desfalecimento nem de desânimo” (200/25).

**O Auto de Fé em Barcelona** – “Em 1861, a pedido do sr. Lachâtre, então residente em Barcelona, eu lhe enviara certa quantidade de “O Livro dos Espíritos”, de “O Livro dos Médiuns”, de coleções da “*Revue Spirite*”, além de diversas obras e brochuras espíritas, perfazendo um total de cerca de trezentos volumes. A expedição da encomenda fora regularmente feita pelo correspondente em Paris, numa caixa que continha outras mercadorias e sem a menor infração da legalidade. À chegada dos livros, fizeram com que o destinatário pagasse os direitos de entrada: mas, antes de

os entregar, houve de ser entregue uma relação das obras ao Bispo, pois, naquele país, a polícia de livraria competia à autoridade eclesiástica. O Bispo ordenou que eles fossem apreendidos e queimados em praça pública, pelas mãos do carrasco; e a execução foi marcada para 09-10-1861" (205/301).

“Se se houvesse tentado introduzir aquelas obras como contrabando, a autoridade espanhola teria direito de dispor delas à sua vontade; mas, desde que, absolutamente, não havia fraude, nem surpresa, como o provara o pagamento espontâneo dos direitos de entrada, fora de rigorosa justiça, que se ordenasse a reexpatriação dos volumes. (...) Ficaram, porém, sem resultado as reclamações apresentadas por intermédio do Cônsul da França em Barcelona” (205/301”).

"Perguntado sobre o acontecido, o Espírito da Verdade respondeu: “Por direito, podes reclamá-las e conseguirias que te fossem restituídas, se tu dirigisses ao Ministro de Estrangeiros na França. Mas, no meu parecer, desse Auto de Fé resultará maior bem do que adviria da leitura de alguns volumes. A perda material é nada, a par da repercussão que semelhante feito produzirá em favor da Doutrina. Deves compreender quanto uma perseguição ridícula e atrasada poderá fazer a bem do progresso do Espiritismo na Espanha. A queima dos livros determinará uma grande expansão das idéias espíritas, e uma procura febricitante das obras dessa doutrina. As idéias se disseminarão lá com maior rapidez, e as obras serão procuradas com maior avidez, desde que as tenham queimado. Tudo vai bem” (“O Espírito da Verdade” ) ( 205/301).

E o fato se consumou. Eis o extrato da “Ata de Execução”: “Neste dia nove de outubro de 1861, às 10 horas e meia da manhã, na Esplanada da cidade de Barcelona, no local onde são executados os criminosos condenados ao derradeiro suplício, e por ordem do Bispo desta cidade, foram queimados 300 volumes e brochuras sobre o Espiritismo” (205/302).

“Seja como for, o Auto de Fé de Barcelona não deixou de produzir o esperado efeito, pela repercussão que teve na Espanha, onde contribuiu fortemente para se propagarem as idéias espíritas (205/304). O acontecimento abriu ensejo a muitas comunicações da parte dos Espíritos. A que se segue, foi dada espontaneamente, na Sociedade de Paris, em 19-10-1861, quando regressei de Bordéus:

“Fazia-se mister alguma coisa que chocasse com violência certos espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se com esta grande doutrina, que há de regenerar o mundo. Nada para isso se faz inutilmente na Terra; e nós, que inspiramos o Auto de Fé de Barcelona, bem sabíamos que, procedendo assim, forçávamos um grande passo para frente. Este fato brutal, inaudito nos tempos atuais, se consumou, tendo por fim chamar a atenção dos jornalistas que se mantinham indiferentes. De bom ou mau grado, hoje falam dele... Ensejaram uma polémica que dará volta ao mundo, de grande proveito para o Espiritismo. Essa a razão por que a retaguarda da Inquisição faz hoje o seu último Auto de Fé. É que assim o quisemos” (O Espírito São Domingos) (205/304).

### **E) A Morte de Allan Kardec – Um discurso de Flammarion**

Allan Kardec faleceu em Paris em 31-03-1869, com a idade de 65 anos, sucumbido da ruptura de um aneurisma (200/44). A Sr<sup>a</sup> Kardec tinha 74 anos, por ocasião da morte do marido, e viveu até 1883, quando morreu sem deixar herdeiros diretos.

Todos os jornais da época se ocuparam da morte de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as conseqüências (200/45).

Junto ao túmulo de Allan Kardec, o sábio Camille Flammarion pronunciou um expressivo discurso, do qual destacamos o seguinte trecho: “Estimaria fazer-lhe entrever os horizontes desconhecidos que a mente humana verá erguer-se diante de si; (...) demonstrar-lhe que essas comprovações constituem o mais eficaz antídoto para a lepra do ateísmo, de que parece atacada principalmente a nossa época de transição; de dar, enfim, aqui, testemunho público do eminente serviço que o autor de “O Livro dos Espíritos” prestou à filosofia, chamando a atenção e provocando discussões sobre fatos que, até então, pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas” (205/21).

“Quantos corações já foram consolados por esta crença religiosa! Quantas lágrimas não secado! Quantas consciências se abriram às irradiações de beleza espiritual! (205/24). Porque, meus amigos, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o “a, b, c”. Passou o tempo dos dogmas. A Natureza abrange o universo. (...) O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas com o auxílio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural, e devem ser severamente submetidas à verificação das experiências. Não há milagres. Assistimos ao alvorecer de uma nova ciência desconhecida. Quem poderá prever a que conseqüências produzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo dessa nova Psicologia?” (200/46).

**Também o “Journal de Paris”**, em 03-04-1869, escreveu: “Aquele que, por longo tempo, ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos (200/45). Com ele termina o prólogo de uma religião vivaz que, irradiando todos os dias, cedo terá iluminado toda a humanidade (200/46). É difícil praticar o bem sem chocar interesses estabelecidos. O Espiritismo destrói muitos abusos, reanima muitas consciências doloridas, dando-lhes a certeza da prova e a consolação do futuro. Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não deixa de ser, por isso mesmo, um grande feito para a humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem; é a pedra tumular enchendo esse imenso vácuo que o materialismo cavara aos nossos pés e sobre o qual o Espiritismo espargue flores de esperanças” (200/47).

\*\*\*\*\*

### **2.3.3. As Obras Básicas da Doutrina dos Espíritos**

#### **A) Introdução às Obras Básicas**

Não há como confundir “Animismo” (as antigas práticas de evocação dos mortos, necromancia, magia, adivinhação, encantamento e revelação de coisas ocultas, praticadas pelos israelitas e proibidas no Antigo Testamento) com “Espiritismo”, que foi codificado por Allan Kardec, na França, entre 1857-1868. O Animismo está conforme às leis da natureza, não constitui privilégio de um povo nem de uma época, pois existiu em todos os tempos e lugares, desde que o mundo é mundo. Já “Espiritismo” (formado

do sufixo “ismo”, doutrina, ensinamentos, conjunto de ensinamentos, e “Espírito”, a identificação do princípio inteligente e espiritual do Universo) significa “os ensinamentos, a doutrina, o conjunto de ensinamentos trazidos pelos Espíritos”.

O Pe. Boaventura Kloppenburg reconhece que, com a publicação de “O Livro dos Espíritos, em 1857, de Allan Kardec, “surgia, pela primeira vez, na história da Humanidade, a palavra Espiritismo”.

O conjunto de ensinamento dos Espíritos Superiores está contido nas obras básicas da Doutrina dos Espíritos, que são:

**1) O Livro dos Espíritos** – Em 18/04/1857, Allan Kardec publicava a 1ª edição de “**Le Livre des Sprites**” (O Livro dos Espíritos), trazendo uma síntese de toda a Doutrina dos Espíritos, sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade – conforme foi trazida pelos Espíritos Superiores, com o concurso de diversos médiuns, recebida e coordenada por Kardec.

Segundo o codificador, “Esta obra contém a doutrina completa, como a ditaram os Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas conseqüências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da Natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê, compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não constitui frívolo passatempo” (199/47).

**2) O Livro dos Médiuns** – Em 1957, Allan Kardec publicou “*Instructiones Pratiques sur Les Manifestations*”, uma obra menos extensa, que precedeu ao atual “*Le Livre des Médiuns*” (O Livro dos Médiuns). Ele é um verdadeiro “vade-mecum” de quantos querem se entregar, com proveito, às práticas do Espiritismo Experimental; é ainda o mais seguro guia de que possamos nos servir para explorar, sem perigos, o terreno da Mediunidade (200/21),

“Esta obra traz o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo. É um guia tanto para os médiuns, como para os evocadores” (200/31).

**3) O que é o Espiritismo?** – Em Julho de 1859, ele publicou “*Qu’est-ce que le Spiritisme?*” (O que é o Espiritismo?), no qual demonstra que Espiritismo é, ao mesmo tempo, “uma ciência de observação e uma doutrina filosófica; como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações” (200/50).

“As pessoas que só têm conhecimento superficial do Espiritismo são, naturalmente, inclinadas a formular certas questões, cuja solução podiam, sem dúvida, encontrar em um estudo mais aprofundado dele (...) Antes de empreenderem essa tarefa, muitos desejam saber, pelo menos, do que se trata, e se vale a pena ocupar-se com tal coisa (200/49). E esta obra contém uma exposição dos princípios da Doutrina Espírita, um apanhado geral desta, permitindo ao leitor aprender-lhe o conjunto dentro de um quadro restrito” (199/47).

**4) O Evangelho Segundo o Espiritismo** – Em 1864, Kardec publicou “*L’Expli-*

cation de Maximes Morales du Christ” (A Explicação das Máximas Morais de Cristo), sua aplicação e concordância com o Espiritismo. Mais tarde, o título dessa obra foi modificado, e hoje é conhecido como “L’Evangile Selon le Spiritisme” (O Evangelho Segundo o Espiritismo) (200/42). Na apresentação da obra, os Espíritos Superiores ensinam que “Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade”.

**5) Resumo das Leis que Regem os Fenômenos Espíritos** – Em 1864, Kardec publicou “Resumé de la loi des Phenomènes Spirités” (Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritos), cujo título já indica o seu conteúdo.

**6) O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo** (Le Ciel et l’enfer, ou la Justice Divine Selon le Spiritisme”) foi publicado em 1865. É um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e as recompensas futuras, sobre os chamados “demônios” e “anjos”, seguido de numerosos exemplos da situação real da alma, durante e depois da morte, com revelação das razões que motivaram essas situações (200/42).

**7) A Gênese** – Em janeiro de 1868, Kardec publicou “La Gènesese” (A Gênese), que trata da gênese material e espiritual, isto é, da criação do mundo material e do mundo espiritual, segundo os ensinamentos dos Espíritos Superiores; traz, ainda, explicações sobre os chamados “milagres” e sobre as “predições” segundo o Espiritismo.

**8) Obras Póstumas** – Depois da morte do codificador, foram publicadas outras anotações, informações e ensinamentos que ele fez em vida; e esse conjunto recebeu o nome de “Oeuvres Posthumes” (Obras Póstumas), que saiu em 1869, e trata de diversos assuntos.

A seguir, apresentaremos uma pequena mostra de cada obra básica, provando a seriedade da “Doutrina Ensinada pelos Espíritos Superiores” e convidando os leitores e interessados a consultarem as próprias fontes.

### **B) Uma Mostra De “O que é Espiritismo?” e do "Livro dos Espíritos"**

“O Espiritismo é uma Ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como das suas relações com o mundo corporal (200/50). Estou certo de que, diante dos fatos, a convicção há de vir, mais cedo ou mais tarde, e que os incrédulos não de ser arrastados pela torrente” (200/52).

“A quem deseja se instruir, eu direi: Não se pode fazer um curso de Espiritismo Experimental como se faz um de Física ou de Química, atendo que nunca se é senhor de produzir os fenômenos espirituais à vontade; e que as inteligências desses agentes fazem, muitas vezes, frustrarem-se todas as nossas convicções (200/64). E o Espiritismo se prende a todos os ramos da Filosofia, da Metafísica, da Psicologia e da Moral; é um imenso campo que não pode ser percorrido em algumas horas” (200/65).

“Mas o erro de todos está em serem que a fonte do Espiritismo é uma só, e que se baseia na opinião de um só homem; daí, a idéia de que poderão arruiná-lo, refutando essa opinião. Eles procuram na Terra uma coisa que só achariam no Espaço: essa fonte do Espiritismo não se acha em um só ponto, mas em toda parte, porque não há lugar em que os espíritos não possam manifestar-se, em todos os países, nos palácios e nas choupanas (...) A verdadeira causa está, pois, na própria natureza do Espiritismo

(...) que permite a cada qual receber diretamente comunicações dos Espíritos e por elas se certificarem da verdade do fato. Como persuadir a milhões de indivíduos, que tudo isso não é mais do que comédia, charlatanismo, escamoteação, prestidigitação, quando, sem o concurso de estranhos, são eles próprios que obtêm tais resultados?” (200/73).

“Essa universalidade das manifestações dos Espíritos, que surgem em todos os pontos do globo, para desmentir os detratores e confirmarem os princípios da Doutrina, é uma força que não podem explicar aqueles que desconhecem o mundo invisível (200/73). Este sistema não nos pertence; ele foi totalmente deduzido do ensino dos Espíritos. Eu vi, observei, coordenei e procuro fazer compreender aos outros aquilo que compreendo; esta é a parte que me cabe” (200/199).

“O fim providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que tudo para o homem não se acaba com a vida terrena, e dar aos crentes idéias mais justas sobre o futuro (200/168). As manifestações não são, pois, destinadas a servir aos interesses materiais; sua utilidade está nas conseqüências morais que delas dimanam; não tivessem elas, porém, como resultado senão fazer conhecer uma nova Lei da Natureza, e já isso seria muito, porque era um largo caminho aberto à Filosofia” (200/160).

“As almas que se manifestam, nos revelam suas alegrias ou seus sofrimentos, segundo o modo como empregaram o tempo na vida terrena; nisso temos a prova das penas e recompensas futuras (200/186). Sem a vida futura, a atual se torna para o homem uma coisa capital, o único objetivo de suas preocupações, ao qual ele tudo subordina; por isso, quer gozar a todo custo, não só os bens materiais, como as honrarias (...) daí, a ambição desordenada e a importância que liga aos títulos e a todos os efeitos da vaidade — pelos quais ele é capaz de sacrificar a própria honra, porque nada vê além. A certeza da vida futura e de suas conseqüências muda-lhe totalmente a ordem de idéias, e lhe faz ver as coisas por outro prisma: é um véu que se levanta, descobrindo imenso e esplendido horizonte” (200/188).

### \*\*\*) **Uma Mostra de “O Livro dos Espíritos”**

“**O povoamento da Terra** – Aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra (pergunta nº 50). O homem surgiu em muitos pontos do globo e em épocas variadas; depois, dispersando-se por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram” (198/53).

“**A Escala Espírita** – Diferentes ordens dos Espíritos – Os Espíritos são de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado (198/96). As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são ilimitados, porque entre eles não há uma linha de demarcação traçada como barreira, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, eles podem reduzir-se a três principais ordens: Na 1ª ordem colocam-se os que já atingiram a perfeição máxima, os puros espíritos; formam a 2ª ordem os que chegaram ao meio da escala; e pertencem à 3ª ordem os que ainda se acham na parte inferior da escala: os espíritos imperfeitos” (198/97).

Alguns seguem o caminho do Bem, outros do mal, por causa do livre-arbítrio. Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo aptidões tanto

para o Bem quanto para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria” (198/121).

“O Livre Arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, se a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do espírito. Uns cedem à tentação, outros resistem a ela (198/122). Os espíritos que se enveredam pela senda do mal, poderão chegar aos mesmos graus de superioridade que os outros, mas essas eternidades lhes serão mais longas (198/125)”.

“O esquecimento do passado – O espírito encarnado perde a lembrança do passado, porque não pode nem deve o homem saber de tudo. Deus assim o quer em sua Sabedoria. Sem o véu, que lhe oculta estas coisas, ele ficaria ofuscado, como quem saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si (198/392). Gravíssimo inconveniente teria o nos lembrarmos de nossas individualidades anteriores. Em certos casos, isso nos humilharia sobremaneira. Em outros casos, exaltaria o nosso orgulho, peando-nos, em consequência, o livre-arbítrio. Para melhorarmos, Deus nos dá exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos; isto nos priva dos que nos prejudicariam” (198/34).

“A Influência oculta dos Espíritos – Os espíritos influem em nossos pensamentos muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem (198/459). Vossa alma é um espírito que pensa. Não ignorais que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um só tempo e, não raro, contrários uns aos outros? No conjunto, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí, a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem” (198/460).

“Influência e poderes ocultos, talismãs e feiticeiros – “Pode, um homem mau com o auxílio de um mau espírito, que lhe seja dedicado, fazer o mal ao seu próximo? — Não! Deus não o permitiria (198/551). Não há pacto com os maus espíritos. Há, porém, naturezas más que simpatizam com os maus espíritos (...) Aquele que intenta praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio maus espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque dele também precisam os espíritos, para o mal que queiram fazer. Nisso apenas é que consiste o pacto (198/549). Mas todas as fórmulas são meras charlatanices. Não há palavras sacramentais, nem sinais cabalísticos, nem talismãs que tenham qualquer ação sobre os espíritos; pois estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais” (198/593).

“Não existe metempsicoses – Poderia encarnar num animal o espírito que animou o corpo de um homem? — Não! Isso seria retrogradar, e o espírito não retrógrada. O rio não remonta à sua nascente” (198/612).

“O incompleto progresso da civilização – De que maneira o Espiritismo pode contribuir para o progresso? - Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, e fazendo com que os homens compreendam onde se encontram os verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor (...) o que lhe é dado preparar para o futuro (...) aprendendo a grande solidariedade que os há de unir como irmãos” (198/799).



### C) Uma mostra do livro “O Livro dos Médiuns”

“Há espíritos? A dúvida, no que concerne à existência dos espíritos, tem como causa a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, eles são imaginados como seres à parte da Criação, e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentados em criança” (199/16).

“A crença neles se funda necessariamente na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Tomemos, conseqüentemente, por ponto de partida: a existência, a sobrevivência e a individualidade, após a morte; forçoso é concluir: 1º) que a natureza dela difere do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as peculiaridades do corpo; 2º) que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegrias ou de sofrimentos, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada valeria” (199/17).

“Admitido isso, tem-se que reconhecer que essa alma vai para alguma parte. O que vem a ser dela, e para onde vai? Segundo à crença vulgar, ela vai para o céu ou para o inferno. Mas onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se, outrora, que o céu ficava em cima, e o inferno em baixo. Porém, o que são o alto e o baixo no universo, uma vez que se reconhece a esfericidade da Terra, o movimento dos astros? Ora “lugares inferiores” também designam as profundezas da Terra. Mas o que vem a ser essas profundezas, desde que a Geologia as esquadrinhou? (...) desde que se verificou que a Terra não é o centro do mundo, nem o sol o único; mas que milhões de sóis brilham no espaço; a que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidade? Por que injustificável privilégio, este quase imperceptível grão de areia – que não se avulta nem pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar – seria o único planeta povoado de seres racionais?” (199/17).

“Desde que admitais a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Por que as almas estão em toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida, se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva, para isso, dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria do seu corpo? Não era ela quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão, pois, depois da morte, entrando em acordo com outro espírito, ainda ligado ao corpo, estaria impedido de se utilizar desse corpo vivo, para exprimir os seus pensamentos, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fala, para se fazer compreender?” (199/21).

“Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negação, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir leis, mas expondo razões peremptórias, que tal coisa não pode dar-se (...) que tirem do seu arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, filosófica e provem – por “a” mais “b” – partindo sempre do princípio da existência e sobrevivência da alma:

1º) que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte; 2º) que, se continua a pensar, será inibido de pensar naqueles a quem amou; 3º) que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles; 4º) que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado; 5º) que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco; 6º) que não pode, por meio de seu envoltório

fluidico, atuar sobre a materia inerte, como fazia enquanto vivo; 7º) que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado; 8º) que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir as mãos para fazê-la escrever; 9º) que, podendo fazê-la escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir os seus pensamentos..." (199/22).

"Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isso é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que não é o sol que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda argumentação a que recorrem, resume-se nestas palavras: "Não creio, logo isto é impossível" (199/23).

"Mas o Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com paciência e perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído (...) e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meios de outros argumentos mais peremptórios (...) Tal crítico ainda está por nascer" (199/30).

#### **D) Uma Mostra De "O Céu e o Inferno", ou a Justiça Divina e do "Gênese"**

**1) De "O Céu e o Inferno" — O Porvir e o Nada** – "Vivemos, pensamos, operamos e morremos, eis o que é positivo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos, após à morte? Estaremos melhores ou piores? Existiremos ou não? Tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais? Viveremos eternamente ou tudo se aniquila?" (203/11)

**A Perspectiva do Nada** – "Haverá algo mais desesperador do que esse pensamento de destruição absoluta? Afeições caras, progresso, saber laboriosamente adquirido – tudo despedaçado, tudo perdido? De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço no sofreamento das paixões, da fadiga para nos ilustrarmos, do devotamento à causa do progresso, desde que de tudo isso nada aproveitássemos, predominando o pensamento de que amanhã mesmo, talvez, de nada nos serviria tudo isso. Se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior do que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente, na satisfação de seus apetites materiais, sem aspirações para o futuro. Diz-nos, porém, uma secreta intuição, que não é assim, que isso não é possível" (203/11).

**"A doutrina do niilismo e a crença no nada** – Pela crença no nada, o homem concentra todos os seus pensamentos forçosamente na vida presente. Logicamente, não se explicaria a preocupação por um futuro que não se espera. Esta preocupação exclusiva pelo presente conduz o homem a pensar em si, de preferência a tudo; é, pois, o mais poderoso estímulo ao egoísmo; e o incrédulo é conseqüente consigo mesmo, quando chega à seguinte conclusão: Gozemos, enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, porque conosco tudo termina; gozemos depressa, porque não sabemos o quanto existiremos; gozemos de qualquer modo, cada qual por si: a felicidade neste mundo é dos mais astutos" (203/12).

"Se há doutrina insensata e anti-social é, seguramente, a do niilismo, que rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade em que se fundam as relações sociais (203/12). Torne-se, não obstante, absoluta a incredulidade, e a sociedade entrará em dissolução. Eis ao que tende a propagação da doutrina niilista" (203/13).

**“A doutrina da absorção no Todo Universal** – também é prejudicial. Segundo esta doutrina, cada indivíduo assimila, ao nascer, uma parcela desse princípio que constitui sua alma e lhe dá vida, inteligência e sentimentos. Pela morte, esta alma volta ao foco comum e se perde no infinito, qual gota d’água no oceano. Incontestavelmente, esta doutrina é um passo adiantado sobre o puro materialismo, visto que admite alguma coisa, quando o materialismo nada admite. As conseqüências, porém, são exatamente as mesmas: ser o homem imerso no nada ou no reservatório comum, é como se não existisse: as relações sociais nem por isso deixam de romper-se e para sempre. O que lhe é essencial é a conservação do seu eu; sem este, o que lhe importa existir ou não subsistir? O futuro se lhe afigura sempre nulo, e a vida presente é a única coisa que o interessa e o preocupa. Sob o ponto de vista das conseqüências morais, esta doutrina é, pois, tão funesta, tão desesperadora, tão subversiva quanto o materialismo propriamente dito” (203/15).

**3) O Panteísmo** – “O panteísmo propriamente dito considera o princípio universal da vida e da inteligência como constituindo a Divindade. Deus é, concomitantemente, espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da Natureza compõem a Divindade, da qual são moléculas e os elementos constitutivos. Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é Deus ele próprio; nenhum ser superior e independente rege o universo, o conjunto; o universo é uma República sem chefe, ou antes, cada qual é chefe com poderes absolutos” (203/16).

“Sob o ponto de vista moral, as conseqüências são igualmente ilógicas. Em primeiro lugar, é para as almas, tal como os sistemas precedentes, a absorção num todo e a perda da individualidade. (...) Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, deixa de ser dominada por um poder superior: não incorre em responsabilidade por seus atos bons ou maus; soberana, não tendo interesse algum na prática do bem, ela pode praticar o mal impunemente” (203/17).

**“A Impotência das religiões** – Mas, se a religião se mostra impotente para sustar a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa na luta (...) é a sanção das suas doutrinas por fatos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da ciência. Dizendo elas ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a ciência e a fé cega. É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura” (203/14).

**“As três alternativas para a alma** – O homem tem, pois, três alternativas: o nada, a absorção total ou a individualidade – antes e depois da morte. É para esta última que a lógica nos impele irresistivelmente; crença que tem formado a base de todas as religiões, desde que o mundo existe. E se a lógica nos conduz à individualidade da alma, também nos aponta as outras conseqüências: a sorte de cada alma deve depender das qualidades pessoais, pois seria irracional admitir-se que a alma atrasada do selvagem, como a do homem perverso, estivesse no nível da do sábio, do homem de bem. Segundo os princípios de justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos; mas, para haver essa responsabilidade, é preciso que elas sejam livres na

escolha do bem ou do mal; sem o livre-arbítrio, há fatalidade e, com fatalidade, não coexiste a responsabilidade” (203/17).

**“A felicidade ou infelicidade depois da morte** – Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma depois da morte, ou – por outra – as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno, encontradas em toda parte. No que elas diferem, essencialmente, é quanto à natureza dessas penas e gozos, principalmente sobre as condições determinantes de uma ou de outra. Daí, os pontos de fé contraditórios, dando origem a cultos diferentes (...) para honrar a Deus e alcançar, por esse meio, o céu – evitando o inferno (203/18). Instintivamente, tem o homem a crença no futuro, e não possuindo, até agora, nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que originaram a diversidade de crenças” (203/19).

**“A Doutrina Espírita sobre o Futuro** – Não sendo uma obra de imaginação, porém, o resultado de observação dos fatos materiais que se desdobram à nossa vista, o Espiritismo congraçar-se-á, como já está acontecendo, as opiniões divergentes e trará, gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre este ponto, não baseado em simples hipótese, mas na certeza. A unificação feita, relativamente à sorte futura das almas, será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa” (203/19).

**“O temor da morte** – Para se libertar do temor da morte, é mister encará-la sob o verdadeiro ponto de vista (203/21). Esse temor decresce à proporção em que a certeza aumenta, e desaparece quando está completa (203/22). A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese, para ser uma realidade. O estado das almas, depois da morte, não é mais um sistema, porém, o resultado de observação. Ergue-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa; são os próprios habitantes desse mundo que vêm nos descrever a sua situação: aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases de felicidade ou de desgraça; assistimos, enfim, a todas as peripécias da vida do além-túmulo. Eis por que os espíritas encaram a morte calmamente, e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra” (203/25).

“Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições; e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do sol, após uma noite de tempestade. O motivo dessa confiança decorre, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a Justiça e Bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da humanidade” (203/26).

**“A vida continua depois da morte.** Para os espíritas, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que é muito para fixar a idéia sobre a individualidade, as aptidões e percepções. A lembrança dos que lhe são caros repousa sobre alguma coisa real. Não se apresenta mais como chamadas fugitivas que nada falam ao pensamento, porém, sob uma forma concreta que antes no-las mostra como seres vivos. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do espaço,

estão ao redor de nós. E não sendo mais permissível a dúvida sobre o futuro, desaparece o medo da morte” (203/26).

“**As atribuições dos espíritos** são proporcionais ao progresso, às luzes que possuem, às suas capacidades, experiências e grau de confiança inspirados ao Senhor Supremo (203/34). Nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é pesado na balança da mais estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de as cumprir e incapazes de desfalecimento ou comprometimento. (...) Ao lado das grandes missões, confiadas aos Espíritos Superiores, há outras de importância relativa, em todos os graus, concedidas a espíritos de todas as categorias, podendo-se afirmar que cada encarnado tem a sua – desde o chefe de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio, que lança à sociedade novos germes do progresso. Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer seja o grau atingido” (203/35).

## **2) Uma Mostra do Livro “Gênese”, de Allan Kardec**

“**Generalidade e Concordância do ensino dos Espíritos** – Esse o caráter essencial da Doutrina, a condição mesma de sua existência; donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração de controle da generalidade, não pode ser considerado integrante dessa mesma doutrina: será simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade. Essa coletividade concordante de opiniões dos espíritos, passadas depois pelos critérios da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que disseram. Pois que ela tem sua fonte e origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse, seria mister que os espíritos deixassem de existir” (202/11).

“**A progressividade dos Ensinos dos Espíritos** – O Livro dos Espíritos teve consolidado o seu crédito por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral; os princípios fundamentais, cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido das experiências; todos, sem exceção, permanecem de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as idéias contrárias, que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário” (202/11).

“Os ensinamentos dos espíritos não provêm de uma fonte única. Deus não confiou a um só espírito o encargo de promulgar a Doutrina dos Espíritos (202/43). E a moral que os Espíritos ensinam é a moral do Cristo, pelo simples fato de não haver uma melhor do que aquela” (202/46).

## **E) Uma Mostra do “Evangelho Segundo o Espiritismo”**

“Não vim destruir a Lei – Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modificou com o tempo. (...) Os Dez Mandamentos – É de todos os tempos e de todos os países esta lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou,

obrigado, que se via, a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado. (...) Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas só a idéia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, nas quais ainda pouco desenvolvido se encontrava o senso moral e o sentimento de uma justiça reta” (204/I).

“Aliança da Ciência e da Religião – A ciência e a religião são duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo moral, e a outra as do mundo material, tendo, no entanto, umas e outras, o mesmo princípio – Deus – razão por que não podem contradizer-se. Se fossem uma negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. (...) A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam” (204/I).

“Há muitas moradas na casa do meu pai – Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Entre eles, há os em que estes últimos são inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros, que lhe são mais ou menos superiores, em todos os respeitos” (204/III).

“O progresso dos mundos é a lei da natureza; a essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus. (...) Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, também moralmente progridem os mundos em que eles habitam (...) Marcham, assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, e o dos vegetais, porquanto nada na Natureza permanece estacionário” (204/III).

“A Reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe. Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói. No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. (...) Aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto os seres que neste mundo se unem, apenas pelos sentidos, nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Duráveis somente o são as afeições espirituais; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem” (204/IV).

“Vejam agora as conseqüências da doutrina anti-reencarnacionista. Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo em que os corpos, nenhum laço anterior há entre elas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação da família fica assim reduzida à só filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. (...) Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não-reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determi-

nada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, pois que desde que haja progresso, já não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a mansão dos bem-aventurados, ou para o inferno eterno. Ficam, assim, imediatamente e para sempre, separados e sem esperanças de tornarem a juntar-se (...) é a ruptura absoluta dos laços de família” (204/IV).

“**A. Justiça das aflições** – Causa das Aflições. De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Uma têm suas causas na vida presente; outras, fora desta vida”.

“**As Causas atuais** - Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todos os gêneros! Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram, desde o princípio, as más tendências! (...) A quem há o homem de responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo?” (204/V).

“**As causas anteriores** – Mas, se há males que se vêem nesta vida, cuja causa principal é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho, e que parecem atingi-lo por fatalidade. Tais, por exemplo, a perda de entes queridos e dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes, que nenhuma previsão poderia impedir; tais os reveses da fortuna; tais os flagelos naturais, as enfermidades de nascença (...) a deformidade, a idiotia, o cretinismo etc. Os que nascem nestas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudarem, por si mesmos” (204/V).

“Problemas são estes que ainda nenhuma filosofia pôde resolver – Anomalias que nenhuma religião pôde justificar, e que seria a negação da Bondade, da Justiça e da Providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser a alma criada ao mesmo tempo em que o corpo, e de estar a sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. O que fizeram essas almas, que acabaram de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem uma recompensa ou punição qualquer – visto que não hão podido praticar nem o bem nem o mal?” (204/V).

“Ora, se a causa precede sempre o efeito; se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a esta vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez – se punidos, é que fizemos o mal; e se não fizemos este mal na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir, e em que a lógica decide de que parte se acha a Justiça de Deus. O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na existência atual; mas, não se escapa nunca às consequências de suas faltas. Se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo

queaquelequesofre,estáexpian dooseupassado”(204/V).

“O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da terra, onde o homem expia o seu passado; mostra o objetivo dos sofrimentos; (...) O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro, e a dúvida pungente não mais se apossa de sua alma. (...) Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: o conhecimento das coisas, fazendo com que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra.” (204/V).

**“O Consolador prometido** – Jesus prometeu outro consolador: o Espírito da Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender: (...) para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito da Verdade tinha que vir mais tarde, ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que ele disse foi esquecido ou mal compreendido. O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa de Cristo; preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. (...) Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e todos os que sofrem, atribuindo uma causa justa e um fim útil a todas as dores” (204/VI).

**“A reconciliação com os adversários** – A morte, como sabem, não nos livra dos nossos inimigos: os espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guarda rancor. (...) O obsedado e o obsessor são, pois, quase sempre, vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra numa existência anterior, e à qual, aquele que sofre, deu causa pelo seu proceder. (...) Quando Jesus recomendou que nos reconciliássemos, o mais cedo possível, com o nosso adversário, não estava somente objetivando apaziguar as discórdias no curso de nossa atual existência; mas era principalmente para que elas não se perpetuassem nas existências futuras:” (204/X).

**“Os inimigos desencarnados** – Sabe-se, também, que a morte apenas o livra da presença de seu inimigo, pois este pode persegui-lo, com seu ódio, depois de haverem deixado a Terra; (...) Eis uma razão de ser positiva e uma utilidade prática do perdão e no conceito do Cristo: “Amai os vossos inimigos”. Não há coração tão perverso que, mesmo a seu mau grado, não se mostre sensível ao bom proceder” (204/XII).

“O perdão para os inimigos encarnados e os desencarnados – Pode-se, portanto, contar com inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços. (...) É assim que o mandamento “Amai os vossos inimigos” não se circunscreve ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universal” (204/XII).

**“A desigualdade das riquezas** – por que não são igualmente ricos todos os homens? – Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. Aliás, é ponto matematicamente demonstrado que, se repartida com igualdade a riqueza, daria a cada um uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, em pouco tempo o equilíbrio estaria desfeito, pela diversidade de



caracteres e de aptidões; e que, supondo-a possível e durável – tendo cada um o com que viver – o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade” (204/XVI).

“A riqueza é um meio de o experimentar moralmente. Mas, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso; não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva, pelo que incessantemente a desloca (...) E, se todos a possuísem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido. (...) Há ricos e pobres porque, sendo Deus justo como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é a prova da paciência e da resignação para os que a sofrem; a riqueza é a prova da caridade e da abnegação para os outros” (204/XVI).

“**A verdadeira propriedade** – O homem só possui, em plena propriedade, aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar aqui e deixa ao partir, goza ele enquanto aqui permanece. (...) Que é, então, que ele possui? – Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é do uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, e que ninguém lhe pode arrebatá-lo – o que lhe será de mais utilidade no outro mundo do que neste. (...) Os lugares aqui não se compram; conquistam-se por meio da prática do bem. (...) Aqui, tudo se paga com as qualidades da alma” (204/XVI).

“**A fé transporta montanhas** – mas o Cristo, que realizou milagres verdadeiros, mostrou, por esses mesmos milagres, o que pode fazer o homem quando tem fé. (...) Ora, o que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cuja causa era desconhecida dos homens de então, mas se explica hoje, em grande parte e que se compreenderá completamente pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo? (...) O magnetismo é uma das maiores provas da fé posta em ação; é pela fé que ele cura e produz esses fenômenos estranhos, que outrora eram qualificados de milagres” (204/XIX).

**O dom de curar, a mediunidade gratuita, as preces pagas** – “Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”, “disse Jesus a seus discípulos. (...) Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus espíritos. Esse dom, Deus lhes deu gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé. Jesus recomendava, pois, que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem de meio de vida” (204/XXVI).

“**As preces pagas** – Disse também Jesus: “não façais que vos paguem as vossas preces; não façais como os escribas e fariseus que, a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas” (...) A prece é um ato de caridade, um arroubo do coração. Cobrar alguém que se dirige a Deus, por outrem, é transformar-se em intermediário assalariado. (...) Ora, de duas uma: ou Deus mede, ou não mede, suas graças pelo número de palavras proferidas. Se essas fossem necessárias em grande número, por que dizê-las em poucas ou quase nenhuma, por aqueles que não podem pagar? – É falta de caridade! Por que, então, cobrá-las? – É prevaricação! Deus não vende os benefícios que concede. (...) Não é possível que Deus subordine um ato de sua clemência, de sua bondade e justiça, que de sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. (...) Pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da terra, poder-se-á

ter por lícito o comércio com as do Soberano do Universo? “ (204/XXVI).

“Ainda há outro inconveniente nas preces pagas: aquele que as compra, às mais das vezes, se julga dispensado de orar ele próprio, porquanto se considera quite, desde que tenha dado o dinheiro. Ora, sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por ele se interessa. Qual pode ser o fervor daqueles que acometem a terceiros o encargo de por eles orar, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, e este a outro, e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso? (204/XXVI). Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou, assim, o tráfico das coisas santas sob qualquer forma. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no reino dos céus. Não tem, pois, o homem direito de lhes estipular preço” (204/XXVI).

**“A mediunidade gratuita** – fazer pagar por ela seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo. (...) Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão por tudo o que é de interesse egoístico, jamais poderá admitir que os Espíritos Superiores estejam à disposição do primeiro que aparece e os convoque a tanto por sessão. O simples bom-senso repele semelhante idéia” (204/XXVI).

“Não haveria, também, uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos ou que nos são caros? Os espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda cagerva de espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responderem ao que lhes pergunte, sem se preocupar com a verdade. (...) Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material” (204/XXVI).

**“A ação da prece** – transmissão de pensamento – pode-se orar por si mesmo ou pelos outros, pelos vivos e pelos mortos. O Espiritismo explica a função da prece: É uma transmissão do pensamento – seja quando o ser amado vem ao nosso apelo, seja quando nosso pensamento o alcança. (...) É preciso mentalizar todos os seres, encarnados e desencarnados, mergulhados no fluido Universal; esse fluido é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, enquanto que esse fluido universal é infinito. Portanto, enquanto o pensamento é dirigido a um ser qualquer, sobre a terra ou no espaço (...) estabelece-se uma corrente fluídica de um para o outro. (...) A energia da corrente está na razão do vigor do pensamento e da vontade. Por isso, a prece é ouvida pelos Espíritos em qualquer lugar que eles se encontrem; os espíritos se comunicam entre si, transmitem-nos suas inspirações e o intercambio se estabelece (204/XXVII).

**“Finalidade da prece** – Pela prece, o homem chama para si o concurso dos bons Espíritos que vêm sustentá-lo nas suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos; adquire, assim, a força moral necessária para vencer as dificuldades e reencontrar o caminho reto, se dele se afastou, assim como afastar de si os males que atrai por sua culpa” (204/XXVII).

### **O Livro “Obras Póstumas”**

Esta obra traz algumas anotações, comentários e ensinamentos feitos por Allan Kardec, durante sua vida na Terra, sendo publicado depois de sua morte (pág. 21/30);

fala sobre as manifestações dos espíritos, com suas conseqüências religiosas (pág. 42/57); sobre os tipos de médiuns e de mediunidades (pág. 57/67); sobre o homem duplo e a aparição de pessoas vivas (pág. 75/84); sobre o conhecimento do futuro e as previsões (pág. 99/106); introdução ao estudo das fotografias e da telegrafia do pensamento (pág. 107/119); estudo sobre a natureza de Cristo (pág. 121/153); sobre a influência perniciosa das idéias materialistas etc. (pág. 207/213); sobre as expiações coletivas (pág. 215/223); sobre o egoísmo, o orgulho e suas conseqüências (pág. 225/232); e apresenta uma ligeira resposta aos detratores do Espiritismo (pág. 257/261); finalizando, algumas previsões concernentes ao Espiritismo (pág. 265/336).

\*\*\*\*\*

### 2.3.4. Obras Suplementares da “Doutrina dos Espíritos”

#### A) Introdução às Obras Suplementares

Pela razão mesma de ser Experimental e de transmitir a inteligência e a vontade dos Espíritos Superiores, o “Espiritismo” é uma Doutrina progressista e evolucionária. Por isso, depois da codificação, feita por Allan Kardec, e que consta das Obras Básicas, a Doutrina continua sendo suplementada, esclarecida e exemplificada, através das Obras Suplementares. Pelos quatro cantos do Orbe, milhares de médiuns honestos, compenetrados da grandeza de suas tarefas, continuam sendo intérpretes da voz dos Espíritos Superiores, no inaudito esforço de reformular as crenças religiosas, melhorar a conduta moral da humanidade, e contribuir com a evolução espiritual das criaturas.

Numa imperfeita analogia com as legislações nacionais, poderíamos dizer que as “Obras Básicas” correspondem à “Carta Magna” de um país, enquanto que as “Obras Suplementares” representam suas “Leis Suplementares e Ordinárias”. As últimas apenas regulamentam, esclarecem ou exemplificam as primeiras, sem com elas entrar em choque, nem contradizê-las. Nunca acontece que uma Obra Suplementar negue, modifique ou contrarie os ensinamentos das Obras Básicas, porque os médiuns autênticos estão sempre a transmitir, fielmente, o pensamento dos Espíritos Superiores”.

Dos milhares de médiuns existentes na Terra, vamos citar apenas três grandes médiuns brasileiros: Francisco Cândido Xavier (que, até março de 2000, já havia publicado 420 obras psicografadas), Divaldo Pereira Franco (com 140 obras publicadas) e a extraordinária Yvonne Pereira, com inúmeras obras ditadas pelos espíritos suicidas, atualmente existentes no Mundo Invisível.

Em seguida, vejamos uma mostra de algumas importantes e oportunas lições que a Espiritualidade envia aos habitantes da Terra. Aqui incluímos trabalhos dos seguintes espíritos:

**a) do espírito Emmanuel**, psicografado por Francisco Cândido Xavier, “Religião dos Espíritos” e “Vida e Sexo”;

**b) do espírito André Luis**, psicografado por Francisco Cândido Xavier, “Liber-tação” e “Ação e Reação”;

c) **do espírito Humberto de Campos**, com o pseudônimo de “Irmão X”, psicografado por Francisco Cândido Xavier”, “Cartas e Crônicas”;

d) **do espírito Vianna de Carvalho**, psicografado por Divaldo Pereira Franco, “Enfoques Espíritas”;

e) **do espírito Francisco Valdomiro Lorenz**, psicografado por Francisco Cândido Xavier, “Esperanto como Revelação”;

f) **finalmente, do espírito C.C.B.**, pela psicografia de Yvonne Pereira, “Memórias de um Suicida”.

Convidamos os leitores a consultarem, nos livros citados, todo o conteúdo dos ensinamentos espirituais ora sintetizados.

## **B) Ditados pelo Espírito Emmanuel**

### **1) A “Religião dos Espíritos”**

“Compromissos no lar – Por mais inquietante que se nos afigure a experiência no educandário doméstico, guardemos, dentro dele, extrema devoção ao dever, perdoadando e ajudando, compreendendo e amparando, sem descansar, pois somente aquele que se engrandeceu entre as quatro paredes da própria casa, é que pode, em verdade, servir à obra de Deus, no vasto campo do mundo” (220/30).

“Problemas domésticos – Na esposa impertinente e enferma, surpreendes a mulher que viciaste à distância das obrigações veneráveis, para que, à custa de abnegação e carinho, lhe restaures, no espírito, a dignidade do próprio ser. No companheiro insensato e infiel, tens o ânimo defrontado pelo homem que desviaste de deveres santificantes, de modo a lhe despertar, na consciência, a preço de sofrimento e renúncia, as verdadeiras noções de honra e de lealdade. Nos filhos ingratos, encontras, de novo, aquelas mesmas criaturas que atiraste ao precipício da irreflexão e da violência, a exigirem de ti, em sacrifício incessante, a escada do reajuste” (220/49).

As causas de nossos compromissos – “Interessado em desfrutar vantagens transitórias, no imediatismo da existência terrestre, quase sempre o homem aspira à galhardia de apresentação e de porte distinto, elegância e domínio, no quadro social. (...) Entretanto, conduzido à Esfera Espiritual pela influência renovadora da morte, identifica-se às próprias deficiências, na tela dos compromissos inconfessáveis a que se junge; e implora da Providência Divina, determinados favores na reencarnação”.

“É assim que cientistas famosos, a emergirem da crueldade, rogam encarceramento na idiotia; políticos hábeis, que abusaram de coletividades a que deviam proteção e defesa, suplicam inibições cerebrais que os recolham a precioso ostracismo; administradores dos bens públicos, que não hesitam em esvaziar os cofres do povo a favor da economia popular, solicitam raciocínios obtusos que lhes entrem a sagacidade para o furto aparentemente legal; criminosos que brandiram armas contra os semelhantes, requisitam braços mutilados, assinalando aflitivas sentenças contra si mesmos; suicidas que menosprezaram as concessões do Senhor, atentando a deploráveis caprichos, recorrem a organismos quebrados ou violentados no berço, para repararem as faltas cometidas contra si mesmos; tribunos da desordem pedem o e embaraços da gaguez”.

“Artistas, que se aviltaram, arrastando emoções alheias às monstruosidades da

sombra, invocam a internação na cegueira física; caluniadores eminentes, que não vacilaram no insulto ao próximo, requerem o martírio silencioso dos surdos-mudos; desportistas eméritos e bailarinos de prol, que envileceram os bens recebidos da Natureza, exortam nervos doentes e glândulas deficitárias que os segreguem à distância de novas quedas morais; traidores que expuseram corações respeitáveis ao pelourinho da injúria, demandam a própria detenção no catre dos paralíticos; mulheres que desertaram da excelsa missão feminina e se prostituíram na preguiça e na delinqüência, solicitam moléstias ocultas que lhes impeçam a expansão dos sentimentos enfermiços (220/65). O Criador, que estabelece o Bem de todos, como Lei para todas as Criaturas, não cria Espírito algum para o exercício do mal” (220/85).

“A prova antecipa o resgate, a luta anuncia a vitória, e a dificuldade encerra a lição (220/171). Quando a ambição se desregra entre os homens, cresce a força da injustiça; e quando a injustiça se rege como poder supremo da Terra, habitualmente aparece o esquecimento de Deus, no âmago das elites. E, com o esquecimento do Criador, desentendem-se as criaturas, gerando conflitos e destruição. Entregue ao livre-arbítrio (...) pode o homem olvidar a Paternidade Divina e escarnecer das idéias religiosas que lhe traçam roteiro moral, mas tomba nos arrasamentos da irresponsabilidade e da delinqüência” (220/176).

“Em nosso presente estágio de evolução, será preciso renascer, na Terra ou noutros mundos que se lhe assemelham, tantas vezes quantas se fizeram necessárias – não somente no regate dos erros e culpas do pretérito – em louvor da Justiça – mas também no aperfeiçoamento de nós mesmos – em obediência ao Amor” (220/180).

## 2) “Vida e Sexo”

“Em torno do sexo, será justo sintetizarmos todas as digressões nas seguintes normas: não proibição, mas educação; não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo; não indisciplina, mas controle; não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a própria experiência; sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra de sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizeram necessárias, pelo mecanismo da Reencarnação” (221/07).

“O sexo se define, deste modo, por atributo não apenas respeitável, mas profundamente santo, exigindo educação e controle (...) Conseqüentemente, reclama responsabilidade e discernimento, onde e quando se expresse. (...) Porque todos os compromissos da vida sexual estão igualmente subordinados à Lei da Causa e Efeito, segundo este princípio de que “o que dermos a outrem, no mundo afetivo, outrem também nos dará” (221/11).

“A poligamia – Através da poligamia, o espírito assinala a si próprio longa marcha em existências e mais existências sucessivas de reparações e aprendizagem, em cujo transcurso adquirê a necessária disciplina do seu mundo afetivo. Fustigado de experiências dolorosas, nas quais recolhe o fruto amargo da delinqüência ou do desespero que haja estabelecido nos outros, reconhecerá na monogamia o caminho certo de suas manifestações afetivas. Atento a isso, identificará, na criatura que se lhe afina com os propósitos e aspirações, o parceiro ou parceira ideal para a comunhão sexual suscetível de lhe granjear o preciso equilíbrio” (221/25)”

“Deveres e responsabilidades – (...) O dever principia sempre, para cada um de vós, no ponto em que ameaçais a felicidade ou tranqüilidade de vosso próximo; e acabará no limite que não desejais que ninguém transponha em relação a vós. Para que não sejamos mutilados psíquicos, urge que não mutilemos o próximo. (...) Tais resultados da imprudência e invigilância repercutem no agressor, debitando-lhe no caminho a sementeira partilhada de conflitos e frustrações que carregará para o futuro. Daí decorre a certeza de que não escaparemos das equações infelizes dos compromissos de ordem sentimental, injustamente menosprezados” (221/29).

“Ninguém fere ninguém, sem ferir a si mesmo. Milhões de almas, detidas na evolução primária, jazem no planeta, arraigadas a débitos escabrosos, perante a Lei da Causa e Efeito.(...) Aprenderemos, no corpo de nossas próprias experiências, no ambiente da vivência pessoal, através da Penalogia sem cárcere aparente, que nunca lesaremos outrem, sem lesar a nós mesmos” (221/33).

“O Divórcio – O divórcio é uma lei humana, que tem por objetivo separar legalmente o que, de fato, já está separado. Não é contrário à Lei de Deus, pois apenas reforma o que os homens hão feito, e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a Lei Divina (Evangelho Segundo Espiritismo -XIII-5). Mas, partindo do princípio de que não existem uniões conjugais ao acaso, o divórcio – a rigor – não deve ser facilitado entre as criaturas. É aí, nas relações matrimoniais, definidas nas leis do mundo, que se operam burilamentos e conciliações endereçadas à precisa sublimação da alma” (221/37).

“Óbvio que não nos é lícito estimular o divórcio em tempo algum; compete-nos, tão somente, neste sentido, reconfortar e reanimar os irmãos em lide, nos casamentos de provação, a fim de que se sobreponham às próprias suscetibilidades e aflições (...) Não cabe a nós interferir na vida de cônjuge algum, no intuito de arredá-lo da obrigação a que se confiou. Em muitos lances da existência, é a própria individualidade, na vida do Espírito, antes da reencarnação, que assinalara a si mesmo o casamento difícil que faceará na existência física. Ele próprio é quem chama a si a parceira ou o parceiro de experiências pretéritas, para os ajustes que lhes pacificarão a consciência, à vista dos erros perpetrados em outras eras” (221/37).

“União para provas e expiações – Dolorosa, sem dúvida, a união considerada menos feliz. (...) Mas, indubitavelmente, os débitos que abraçamos são anotados na Contabilidade da Vida. (...) A pedra que atiramos no próximo, talvez não volte sobre nós em forma de pedra, mas permanecerá conosco na figura de sofrimentos. E, enquanto não se remove a causa da angústia, os efeitos dela perduram sempre, tanto quando não se extingue a moléstia em definitivo, se não a eliminarmos na origem do mal. Nas ligações terrenas encontramos as grandes alegrias; no entanto, é também dentro delas que somos habitualmente defrontados pelas mais duras provações. Isso porque, embora não o percebamos de imediato, recebemos, quase sempre, no companheiro ou na companheira de vida íntima, o reflexo de nós mesmos” (221/39).

“Os princípios cármicos se desenvolvem com as horas. Provas, tentações, crises salvadoras ou situações expiatórias surgem na ocasião exata, na ordem em que nos recapitulam oportunidades e experiências. (...) O matrimônio pode ser precedido de doçura e esperanças, mas isso não impede que os dias subseqüentes, em sua marcha

incessante, tragam aos cônjuges os resultados das próprias criações que deixaram para trás. A mudança espera todas as criaturas, no caminho do Universo, a fim de que a renovação nos aprimore” (221/44).

“A jovem suave, que hoje nos fascina para a ligação afetiva, em muitos casos será, talvez amanhã, a mulher transfigurada, capaz de impor-nos dificuldades enormes para a consecução da felicidade; no entanto, esta mesma jovem foi, no passado, em existências transcorridas, a vítima de nós mesmos, quando lhe infligimos os golpes de nossa deslealdade ou incoseqüência, convertendo-a na mulher temperamental ou infiel, que agora nos cabe relevar e retificar. O rapaz distinto, que atrai presentemente, muitas vezes será provavelmente o homem cruel e desorientado, suscetível de constrangê-la a carregar todo um calvário de aflições, incompatíveis com os anseios de ventura que lhe palpitam na alma; esse rapaz distinto, porém, foi no pretérito, em existências que já se foram, a vítima dela própria, quando, desregrada e caprichosa, lhe desfigurou o caráter, metamorfoseando-o no homem vicioso e fingindo que lhe compete agora tolerar e reeducar” (221/41).

“Ela estará não somente a cobrar-nos o pagamento de contas certas, mas, sobretudo, a esmolar-nos compreensão e assistência, tolerância e misericórdia, para que se refaça ante às Leis do Destino. E a união supostamente infeliz deixa de ser, portanto, um cárcere de lágrimas, para ser um educandário bendito, onde o espírito equilibrado e afetuoso, longe de abraçar a deserção, aceita, sempre que possível, o companheiro ou companheira que mereceu, ou de que necessita, a fim de quitar-se com os princípios da Causa e Efeito” (221/14).

“Um ser não dispõe de regalias para abusar impunemente de outro, sem que a vítima seja liberta de qualquer compromisso para com o agressor (...) e nenhum de nós, os filhos da Terra, está em condições de acusar, nos domínios do sentimento – porquanto, os virtuosos de hoje podem ter sido os caídos de ontem; e os caídos de hoje serão, possivelmente, os virtuosos de amanhã, a quem tenhamos talvez de rogar o apoio e bênçãos” (221/45).

“O dia-a-dia conjugal – Ocorre, porém, que o matrimônio é uma quebra de amarras, através da qual o navio da existência larga o cais dos laços afetivos em que, por muito tempo, jazia ancorado. Na viagem, que se inicia a dois, parceiro e parceira se revelam, em frente ao outro, tais quais são e como se encontram na realidade. Desajustes e inaptações costumam repontar, ameaçando a estabilidade da embarcação doméstica, atirada a navegar nas águas da experiência. (...) Daí, a conveniência de mútuo aceite, com a obrigação de melhoria do casal. Para isso, não bastarão providências de superfície (...) Óbvio que conclusões e atitudes não se impõem, no campo mental; entretanto, não se arrependerá quem se disponha a estudar os princípios da Reencarnação e da Responsabilidade Individual no próprio caminho; obtêm-se da vida o que se lhe dá; colhe-se o material do plantio” (221/53).

“A sexualidade do casal existe, sobretudo, em função da alimentação magnética entre os dois corações que se integram um no outro, daí, procede a necessidade de vigilância, para que a harmonia não se perca nesses circuitos de forças” (221/60). Quantos milhares de existências terminam, anualmente, no mundo, pelos golpes da criminalidade? Claro que as vítimas não foram arrebatadas para os céus ou infernos

teológicos. Na maioria das circunstâncias, todavia, persistem no caminho daqueles que lhes dilapidaram a vida profunda, transformando-se em perseguidores magoados e vingativos, jungidos mentalmente aos antigos ofensores. (...) É indispensável amar e desculpar, compreender e servir, tantas vezes quantas se façam necessárias, de modo que o sofrimento e a dissensão desapareçam” (221/69).

“Desvinculações conjugais – Desfeitos os votos articulados em dupla, claro que a ruptura ocorre à conta daquele ou daquela que a empreendeu, com o aceite compulsório das conseqüências que advenham de semelhante resolução. Toda semelhanteira se acompanha da colheita, conforme a espécie. (...) A criatura em sofrimento não deixa de ser Criação de Deus, nem perde a imortalidade que lhe é própria, à frente do Universo” (221/91).

### **C) Obras do espírito André Luis**

#### **1) No livro “Ação e Reação”**

“Se as almas humanas pudessem morrer no corpo, alguns dias por ano, não à maneira do sono físico, em que se refaz, mas com plena consciência da vida que as espera (...) isso realmente modificaria a face moral do mundo.” (213/17).

“O inferno, a rigor, pode ser definido como um vasto campo de desequilíbrio. (...) Nas zonas infernais propriamente ditas, apenas residem aquelas mentes que, conhecendo as responsabilidades morais que lhes competiam, delas se ausentaram, deliberadamente, com o louco propósito de ludibriar o próprio Deus (213/23). No plano físico, muitos de nós supúnhamos que a morte seria o ponto final dos nossos problemas; enquanto muitos outros se acreditavam privilegiados pela Infinita Bondade, por haver abraçado atitudes de superfície, nos templos religiosos. A viagem ao sepulcro, no entanto, ensinou-me uma lição grande e nova: a de que nos achamos indissolúvelmente ligados às nossas próprias obras. Nossos atos tecem asas de libertação ou algemas de cativo, para a nossa vitória ou nossa perda. A ninguém devemos o nosso destino, senão a nós próprios” (213/24).

“Na retaguarda, aniquilávamos o tempo, instilando, nos outros, sentimentos e pensamentos que não desejávamos para nós mesmos. (...) O pretérito fala em nós como gritos de credor exigente, amontoando laços de afetividade mal dirigidos; e cadeias de aversões aprisionam-nos, ainda, a companheiros encarnados e desencarnados, muitos deles em desequilíbrio mais graves e constrangedores do que os nossos” (213/25).

“Não havia, então, males ocultos na Terra: todos os crimes e todas as falhas da criatura humana se revelariam algum dia, em algum lugar. (...) A criação de Deus é gloriosa luz. Qualquer sombra de nossa consciência jaz impressa em nossa vida, até que a mácula seja lavada por nós mesmos, com o suor do trabalho e com o pranto da expiação” (213/52).

“Imaginemos, agora, o pensamento. (...) Emitido por nós, volta inevitavelmente a nós mesmos, compelindo-nos a viver, de maneira espontânea, em sua onda de formas criadores, que naturalmente nos fixam no espírito. (...) Daí, a necessidade imperiosa de nos situarmos nos ideais e nos propósitos mais puros da vida, porque energias atraem energias da mesma natureza (213/56). (...) O problema é de natureza mental. Modifiquemos as próprias idéias, e modificar-se-ão as situações” (213/69).



“Esse nosso irmão, que padece de fixação do remorso, não tendo expiado, nos cárceres da Justiça Humana, o crime que perpetrou deliberadamente, recolhe de retorno as ondas de pensamento que emite, sem qualquer auxílio que lhe amenize o arrependimento doloroso (...). Todos estamos ligados uns aos outros, na carne ou fora dela, e achamo-nos livres ou prisioneiros, no campo das experiências, segundo as nossas obras, através de nossa vida mental. O bem é a luz que liberta; o mal é a treva que aprisiona” (213/70).

## **2) No livro “Libertação”**

“Na verdade, permanecemos diante de um mundo civilizado na superfície, que reclama não só a presença daqueles que ensinam o bem, mas principalmente daqueles que o praticam” (218/15).

“Além do principado humano, para lá das fronteiras sensoriais (...) começa vasto império espiritual, vizinho dos homens. Aí se agitam milhões de espíritos imperfeitos, que partilham, com as criaturas humanas, as condições de habitabilidade na crosta do mundo (218//18). Mas fora do amor verdadeiro, toda união é temporária; e a guerra será sempre o estado natural daqueles que perseverarem na posição de indisciplina” (218/19).

“Inabilitados para a jornada imediata, rumo ao céu, em virtude das paixões devastadoras, que os magnetizam, arrebamham-se, de conformidade com as tendências inferiores em que se afinam, ao redor da Crosta Terrestre, de cujas emanções e vidas inferiores ainda se nutrem. O objetivo principal de tais exércitos é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, a fim de que o planeta permaneça, tanto quanto possível, sob o seu jugo tirânico” (218/27).

“Nossa alma é uma entidade colocada entre forças inferiores e superiores, com o objetivo de aperfeiçoamento (218/31). Atitudes mentais enraizadas não se modificam facilmente: o rei, que governa milhares; o condutor, que se acostumou a traçar férreas diretrizes; o homem que se habituou a dobrar os caracteres alheios, quando não dispõem de princípios santificantes, no terreno idealístico para se alimentar intimamente na tarefa a que se consagra, não se transformarão em servidores humildes de um momento para o outro, só porque desfizeram da carga de células materiais. (218/32). Os átomos que integram a hóstia de um templo são, no fundo, iguais àqueles que formam o pão pobre de uma penitenciária. Assim é toda matéria em si mesma: passiva e plástica, é análoga nas mãos de entidades sábias ou ignorantes” (218/31).

“Há milhões de almas que não se afastaram, ainda, da crosta terrestre, há mais de 10 mil anos. Morrem no campo denso e renascem nele, qual acontece às árvores, que brotam sempre, profundamente arraigadas ao solo. Recapitulam, individual e coletivamente, lições multimilenárias, sem atinarem aos dons celestiais que herdamos, afastadas deliberadamente do santuário de si mesmas, no terreno movediço da egolatria inconseqüente, agitando-se, de quando em quando, em guerras arrasadoras, que atingem os dois planos (218/35). Os espíritos, em qualquer parte, movem-se dentro das criações que desenvolveram (218/58).

“Não faltam apelos santificantes de cima; contudo, com a ausência da íntima adesão dos interesses ao ideal de melhoria própria, é impraticável a iniciativa legítima em matéria de reajustamento geral. Sem que o Espírito, senhor da razão e dos valores

eternos (...) delibere mobilizar o patrimônio que lhe é próprio, no sentido de elevar o seu campo vibratório, não é justo que seja arrebatado, por imposição, a regiões superiores que ele mesmo, por enquanto, não sabe desejar. (...) É natural, pois, que o homem, dono de vastas teorias de virtudes salvadoras, enquanto se demora no comboio da inferioridade, seja empregado em atividades inferiores. A Lei estima infinitamente a lógica” (218/59).

“Aqui, o julgador conhece, à saciedade, as leis magnéticas, nas esferas inferiores, e procura hipnotizar a vítima em sentido destrutivo, não obstante usar, como vimos, a verdade contundente (...) (218/70). O remorso é uma bênção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda; mas também é uma brecha, através do qual o credor se insinua, cobrando pagamento. (...) O Hipnotismo é tão velho quanto o mundo; empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se por base, acima de tudo, os elementos plásticos do perispírito” (218/72).

“Aqueles que se acham sob o controle de energias cegas, acomodando-se aos golpes de sugestões de forças tirânicas, emitidas pelas inteligências perversas que os assediam, demoram-se longo tempo nas condições de aparelhos receptores de desordem psíquica (218/84). Imergimo-nos dentro dos fluidos carnis e deles nos libertamos, em vicioso vai-vem de existências numerosas, até que acordemos a vida mental para expressões santificantes” (218/86).

“Sobre outro espírito em sofrimento, o mentor espiritual esclareceu: se o detentor de tão grandes bens não se acha inteirado em gastar os recursos de que dispõe, em favor da felicidade dos semelhantes, o conhecimento e o dinheiro apenas lha agravarão os compromissos no egoísmo praticado, na distribuição inoperante ou na perda lamentável do tempo (218/136). A morte – elucidou Gúbio – é simples mudança de vestes: somos o que somos. Depois do sepulcro, não encontramos senão o paraíso ou o inferno criado por nós mesmos” (218/160).

#### **D) Obras do “Irmão X”**

##### **1) No Livro “Cartas e Crônicas”**

“A religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar as profundezas da alma (216/22). Um espírito confessou: Ajustei muitas considerações e muito dinheiro; no entanto, retorno mais pobre do que quando saí rumo à reencarnação (216/40). Outro espírito alertou: A morte é apenas mudança (...) Cuidado, meu amigo! Muito cuidado! Sabia você que a vida continua?” (216/56).

A Espiritualidade e a pena de morte – “Eliminar a carne não é educar o espírito. (...) O tribunal terrestre jamais decidirá, com segurança, sobre a extinção do crime, sem o concurso ativo do hospital e da escola. Sem o professor e o médico, o Juiz de sã consciência viverá sempre atormentado pela obrigação de prender e condenar, descendo da dignidade da toga para ombrear com os que se dedicam à flagelação alheia. A função da Justiça Penal, dentro da civilização considerada cristã, é – acima de tudo – reeducar. (...) A educação é a mola do processo de redimir a mente cristalizada nas trevas. Organizar a Penitenciária renovadora, onde o serviço e os livros encontrem aplicação adequada, é a solução para o escuro problema da criminalidade entre os homens, mesmo porque o melhor esforço da sociedade, contra o delinqüente, é deixá-lo viver, na reparação da própria falta (216/93). Não é morrendo

que encontraremos a facilidade para a reconciliação (216/95). Jesus mesmo ensinou: “É preciso considerar que o crime confesso encontra, na lei, a corrigenda estabelecida: quem rouba, é furtado; quem ilude os outros, engana a si próprio; o que fere, será ferido” (216/153).

Um outro espírito confessou: “Creio que, realmente, errei muito. (...) Entretanto, a morte constrangeu-me ao reajuste íntimo. Acordei para um novo dia e procuro comunicar-me com os que ainda se encontram nas sombras da noite(...) Algo, porém, amadureceu dentro de mim: aquilo que me trazia prazer, causa-me agora repugnância. A experiência mostrou-me a parte inútil da minha vida” (216/170).

Outro espírito confessou: “Situava-me dentro da dúvida e da ironia, quando a morte, na condição de meirinho da Justiça Divina, intimou-me a comparecer ao Tribunal da Realidade, mais cedo do que eu supunha; e, somente então, comecei a interessar-me pelo gigantesco esforço dos homens de boa-vontade que se dedicam hoje à solução dos enigmas inquietantes do destino e do ser” (216/172).

## **2) Obras do espírito Vianna de Carvalho**

**No livro “Enfoques Espíritas”** - “O Espiritismo é simples, o que não implica ser fácil, já que nos convida a acurado estudo e imediata reflexão, de cujo comportamento decorre, como efeito mais próximo, a renovação de conceitos ante à Vida, e a própria transformação moral, de que ninguém pode furtar-se, transferindo o mister para outrem” (195/20).

“O estudo é indispensável, sem dúvida, para oferecer mais amplo entendimento do mecanismo espiritual da vida, através de cujas aquisições se arma o aprendiz para utilização dos seus conceitos no cotidiano. O conhecimento Espírita dá dimensão real à vida, liberando a consciência dos anestésicos da ilusão, ao mesmo tempo que das muletas do falso desculpismo (...) Quando os ensinamentos espíritas forem bem compreendidos, examinados, observados pelos homens, estes mudarão o comportamento social, em razão da modificação moral que cada ser imporá, erguendo-se uma comunidade pacífica e justa (...) auxiliando a transformação da Terra, regenerada e luminosa. (...) Este é o fanal do Espiritismo” (195/21).

A acomodação da mente humana – “Como consequência imediata, o homem aceita a fé, mas não a vive. Vincula-se a uma denominação religiosa, todavia não se modifica para melhor. Diz acreditar no “reino dos céus”, mas, sem embargo, não se desapega dos fortes atavismos das coisas terrestres. Participa dos cultos, entretanto não lhe incorpora os ensinamentos ao comportamento. Conhece o mandamento do amor, que tem regime de urgência, mas não o impõe a si mesmo, tornando-se, não raro, o lobo de seus irmãos” (195/24).

O imediatismo humano – “Vivendo o programa imediatista do “salve-se quem puder”, o homem esqueceu de que a finalidade precípua da existência física é desenvolver a individualidade, mediante o amor e o conhecimento. (...) Por isso, a implantação do Cristianismo, nos dias hodiernos, é um trabalho de reeducação dos velhos hábitos, revolucionando o comodismo (196/26). Porque há enfraquecimento dos postulados da fé e descrédito quanto à legitimidade dela naqueles mesmos que a professam” (195/27).

A função da fé religiosa – “Lamentável erro de interpretação acreditar-se que a

fé religiosa e, em particular, a adoção dos princípios espíritas, torna o crente indene a dor, às provações redentoras. Se tal ocorresse, seria uma grave concessão para os privilegiados pela crença, em detrimento dos que, embora não acreditando nas realidades espirituais, pautassem o comportamento nas seguras diretrizes éticas. (...) Uma das funções precípuas da fé é a de fortalecer o homem, para que possa lutar contra as vicissitudes, armado de coragem(...) A fé possui um valor imunológico, auxiliando o homem a não se deixar atingir pelas farpas da inveja, pela agressão da leviandade, pelo bafio das paixões comburentes, pelas adversidades, revidando-as” (195/43).

“Provas e expiações são os mecanismos da Lei Divina para a felicidade do Espírito; e ninguém conseguirá atingir as estrelas, sem nascer pelo vale das expressões terrenas, crescendo e amando a casa planetária, ajudando-a, no seu fanal de tornar-se um mundo feliz, habitação dos seres ditos do futuro” (195/61). Torna-se indispensável, portanto, a aceitação da fé no futuro, para que se culminem os relevantes compromissos com a Vida” (195/64).

“As causas do suicídio – Nos grandes centros, considerados super civilizados, os altos índices de suicídio e de loucura são estarrecedores; isto porque o homem, no sentido integral, embora apresentado numa expressão fisiológica, é mais do que uma máquina que elabora o pensamento. Esvaziado de idéias transcendentais, imortalistas, perde o rumo e tomba, inerme, nas depressões aniquiladoras, gênese dos suicídios espetaculares que atestam o primitivismo das bases da civilização (195/104). Por isto, a informação espírita é um convite à madura reflexão, não ao entusiasmo fugaz; é um apelo ao recolhimento, não à venalidade; é um impositivo à transformação interior e não à mudança de rotulagem externa, nem às posições rutilantes, nem às situações de primazia na transitoriedade do mundo” (195/132).

### **3) Obras do espírito Francisco Valdmiro Lorenz**

**No Livro “Espiranto Como Revelação”** - “Disparidade das línguas e separação dos Espíritos – Nas linhas inferiores da Terra, os seres de caráter rudimentar, pelo primitivismo das manifestações que os singularizam, correspondem facilmente uns com os outros: os bovinos de uma pastagem Síria berram de modo análogo aos brutos da mesma espécie numa instância chilena; e o gemido de um cão, em Londres, é idêntico em tudo ao choro esganiçado de um cão de Tóquio. Do fonema, porém, à linguagem articulada, vigem milhares de séculos, marcando a peregrinação da inteligência (217/138). Se o animal, diante do homem, está limitado ao cubículo da interjeição, o homem, perante o anjo, ainda está preso ao cárcere verbalístico” (217/130).

“O problema da Linguagem na Espiritualidade – Na esfera imediatista à moradia humana, o problema da linguagem é daqueles que mais nos afligem o senso íntimo. Despertando, fora da roupagem constringente do corpo físico e sobrepondo-nos (...) ao processo liberatório da alma (...) sonhamos perلustrar os caminhos do mundo, conhecer, enfim, a Terra (217/130). O idioma simbólico prevalece, com efeito, para as grandes comunidades dos Espíritos em mais nobre ascensão. Ainda aqui, aos milhões, não obstante se nos descerrem horizontes renovadores, achamo-nos separados pelas barreiras lingüísticas (217/134). Isso porque a palavra pronunciada ou

escrita é e será ainda, por muitos milênios, o agente de transmissão dos valores do espírito, estabelecendo a comunhão das almas” (217/136).

“Necessidade de uma Língua Internacional – Urgia, desse modo, não apenas para o ajuste de humanas cogitações, a criação de uma língua auxiliar que interligasse os territórios do Espírito. Um sistema de comunhão que exonerasse os lidadores do avanço intelectual de maiores entraves, para o acesso aos tipos mais altos de cultura. (...) Ansiavam milhões de almas pela libertação das algemas lingüísticas que lhe mumificavam as expressões. (...) Grandes comunidades imperiais, quais a URSS e a Grã-Bretanha, mostravam-se divididas por várias línguas e múltiplos dialetos, afigurando-se como gigantesco corpo em que o sangue circulasse deficiente” (217/142).

“Verificando as imensas dificuldades para o intercâmbio de tribos e povos desencarnados, especialistas espirituais de fonética, de etimologia e onomatopéia empreenderam a formação de um idioma internacional para atendimento rápido das regiões espaciais vizinhas ao globo, multiplicando, em vão, ditames e experiências; até que um dos grandes missionários da luz, consagrado à concórdia, tomou a si o exame e a solução do problema” (217/144).

“A Criação do Esperanto entre os Espíritos – Cercando-se de acessores eficientes, o construtor da unificação iniciou dilatados estudos; e, conjugando as mais conhecidas raízes idiomáticas de vários povos, concretizou, em quase meio século de trabalho, a sublime realização. (...) Auxiliado pelas numerosas equipes de colaboradores, que lhe afinaram o ideal, o Gênio da Confraternização Humana, que conhecemos por Lázaro Luiz Zamenhof, engenhara, com a inspiração Divina, o prodígio do Esperanto, estabelecendo-se instituições de Academias respectivas, nos planos espirituais conexos com nações mais cultas do planeta” (217/146).

“A criação do Esperanto entre os homens – Reconhecido o primor do mecanismo da língua, que nascera por fator exato de aproximação das coletividades espirituais, avizinhou-se o século XIX com enormes programas de serviço renovador. Caem bastiões do fanatismo e da ignorância. A pesquisa científica desvela novos rumos à mentalidade popular. Aprestam-se enviados ao campo físico, para o conagraçamento dos homens” (217/148).

“O Esperanto é revelado à Terra – Corporifica-se Zamenhof, em 1859, num lar da Polônia, então associada ao império moscovita, cujos povos congregados falavam e escreviam em quase duzentas línguas diferentes. Retomando gradualmente as potencialidades que enriqueceram na Esfera Superior, sente-se ele amparado pelos mesmos amigos que o ajudaram na constituição do Idioma Internacional. E, ante as farpas da crítica e sob os látegos da ingratidão, atormentado e incompreendido pela maioria dos contemporâneos, ferido por muitos e apedrejado em seus sentimentos mais caros, recompõe ele o Esperanto para os povos terrestres, encetando nova estrada para unificação mundial” (217/150).

“A contribuição mediúnica na difusão do Esperanto – Decerto que o Esperanto não é disciplina religiosa, mas fascinante chave de percepção, descortinando filões inesgotáveis de cultura superior. (...) Aprender o Esperanto, ensiná-lo, praticá-lo e divulgá-lo é contribuir para a edificação do Mundo Unido (217/152). (...) É imprescindível falar e ouvir, perceber e compreender, desonerar-se dos condicionamentos

antigos, quebrar velhas fórmulas, ajustar-se a mais altas dimensões, expungir o passado” (217/154).

“Idioma internacional e religião Universal – Não importa estejamos, na condição de coidealistas do Esperanto, em sintonia com os nossos irmãos católicos, reformistas, ortodoxos, bramanistas, budistas, israelitas, xintoístas, maometanos, zoroastristas, ateus e de qualquer outra convicção, porquanto as correntes de idéias (...) alcançam sempre o oceano da realidade imutável.” (217/156).

### **E) Obra do Espírito C.C.B.**

**No Livro “Memórias de um Suicida”** - Segundo a psicógrafa, o autor espiritual pediu-lhe que o identificasse pelo próprio nome; entretanto, mesmo contrariando o pedido do espírito, Yvonne Pereira preferiu chamar o autor espiritual pela sigla C.C.B.

“Os réprobos e o Vale dos Suicidas – (...) precisamente no mês de Janeiro, do ano da graça de 1891, fora eu surpreendido com meu aprisionamento em região do mundo invisível” (209/15).

“Não os convidarei a crer: não é assunto que se imponha à crença simplesmente, mas ao raciocínio, ao exame, à investigação. Se sabem raciocinar e podem investigar – que o façam! E chegarão a conclusões lógicas, que os colocarão na pista de verdades assaz interessantes para toda a espécie humana (209/18). O a que os convido (...) é que se eximam de conhecer essa realidade através dos canais trevosos a que me expus, dando-me ao suicídio, por desobrigar-me da advertência de que a morte nada mais é do que a verdadeira forma de existir!” (209/20).

“Eu era, pois, presidiário dessa cova ominosa de horror! Não habitava, porém, ali sozinho. Acompanhava-me uma falange extensa de delinquentes como eu. Então, ainda me sentia cego. Pelo menos, sugestionava-me do que o era; e, como tal, me considerava. (...) A mim, cego, não passaria contudo despercebido o que se apresentasse mau, feio, sinistro, imoral, obsceno (...) agravando, destarte, a minha dês dita (209/20). A fome, a sede, o frio enregelador, a fadiga, a insônia, as exigências físicas martirizantes, fáceis de o leitor entrever. A natureza como que aguçara em todos os meus desejos e apetites, qual se ainda trouxéssemos o envoltório carnal: a promiscuidade, muito vexatória, de espíritos que foram homens e dos que animaram corpos femininos” (209/22).

“A contagem do tempo, para aqueles que mergulharam nesse abismo, estacionara no momento exato em que fizeram, para sempre, tombar a própria armadura de carne. Daí para cá, só existiam assombros, confusões, enganosas induções, suposições insidiosas. Igualmente, ignorávamos em que local nos encontrávamos, que significação teria nossa espantosa situação! Sim! Vivíamos na plenitude da região das sombras! (...) E os espíritos de ínfima classe do invisível – obsessores que pululavam por todas as camadas inferiores, tanto na Terra como no além – os mesmos que haviam alimentado em nossas mentes as sugestões para o suicídio, divertindo-se com as nossas angústias, prevaleciam-se da situação anormal para a qual nos resvalávamos, a fim de convencer-nos de serem juízes que deviam nos julgar e castigar” (209/23).

“Submetiam-nos a vexames indescritíveis. Obrigavam-nos a torpezas e deboches, violentando-nos a compactuar de suas infames obscenidades! Donzelas que haviam suicidado, desculpando-se como motivo de amor (...) eram agora insultadas no seu

coração e no seu pudor por essas entidades animalizadas e vis, que as faziam crer serem obrigadas a se escravizarem por serem eles os donos do império das trevas, que escolheram em detrimento do lar que abandonaram (209/24). Em verdade, porém, tais entidades não passavam de espíritos que também foram homens, mas que viveram no crime: sensuais, alcoólatras, devassos, intrigantes, hipócritas, perjuros, traidores, sedutores, assassinos perversos, caluniadores, sátiros, enfim, essa falange maléfica que infelicitava a sociedade terrena; que muitas vezes têm funerais pomposos e exéquias solenes, mas que, na existência espiritual, se resumem na corja repugnante que mencionamos (...) até que reencarnações expiatórias, miseráveis e reajustantes, venham impulsioná-los a novas tentativas de progresso” (209/25).

“Quem ali temporariamente estaciona, como eu estacionei, são grandes vultos do crime! É a escória do mundo espiritual – falanges de suicidas que, periodicamente, para seus canais fluem, levadas pelo turbilhão das desgraças em que se enredam (...) por conseqüência sacrílega do suicídio, e provindo, preferencialmente, de Portugal, da Espanha, do Brasil e colônias portuguesas da África – infelizes carentes de auxílio confrativo da prece; aqueles levianos inconseqüentes que, fartos da vida, não quiseram compreender, se aventuraram ao Desconhecido em procura do olvido, pelo despenhadeiro da morte” (209/17).

“Uma caravana visitava, periodicamente, esse antro de sombras. Extraordinária legenda, que tinha o dom de infundir insopitável e singular temor: “Legião dos Servos de Maria”. (...) Voz grave e dominante de alguém invisível, que falasse pairando no ar, guiava-os no caridoso afã, esclarecendo detalhes ou desfazendo confusão momentaneamente suscitada. A mesma voz fazia a chamada dos prisioneiros a serem socorridos, proferindo seus nomes próprios, o que fazia com que se apresentassem sem a necessidade de serem procurados” (209/28).

“Os réprobos – Em geral, aqueles que se arrojam ao suicídio, para sempre esperam livrar-se dos dissabores, julgados insuportáveis, de sofrimentos e problemas considerados insolúveis pela tibiez da vontade deseducada, que se acovardaram em presença, muitas vezes, da vergonha do descrédito ou da desonra, conseqüência de ação praticada à revelia das Leis do Bem e da Justiça. Também eu assim pensei muito, apesar da auréola de idealista, que minha vaidade acreditava glorificando-me a frente. Enganei-me, porém; e lutas infinitamente mais vivas e mais ríspidas esperavam-me adentro do túmulo, a fim de me chicotearem a alma de descrente revel com merecida justiça!” (209/31).

“Passei a reunir idéias, mau grado meu. Revi minha vida em retrospecto, até à infância, e sem omitir o drama do último ato extra sob minha inteira responsabilidade. (...) Sentindo-me vivo, averigüei, conscientemente, que o ferimento, que em mim mesmo fizera, tentando matar-me, fora insuficiente, aumentando assim os já tão grandes sofrimentos. (209/33) (...) Reduzi-me, por isso, à miséria do vencido. E, considerando insolúvel a situação, entreguei-me às lágrimas e chorei angustiosamente, ignorando o que tentar para meu socorro (209/35). (...) Eu me encontrava num cemitério! (...) A confusão cresceu: por que me encontrava ali? Como viera, pois nenhuma lembrança me acorria? (...) E o que viera fazer, sozinho, ferido, cego, dolorido e extenuado? Era verdade que eu “tentara” o suicídio, mas...” (209/36).

“Sussurro macabro, qual sugestão irremovível à consciência, esclarecendo à memória aturdida pelo ineditismo presenciado, percutiu estrondosamente pelos recôncavos alarmados do meu ser: “Não quiseste o suicídio?... pois aí o tens. – Mas, como assim? Como poderia ser (...) se eu não morrera? (...) Acaso, não me sentia ali vivo? (209/37) Não concluíram ainda minhas ingênuas e dramáticas interrogações, e vejo-me a mim próprio, como à frente de um espelho morto, estirado num ataúde, em franco estado de decomposição, no fundo de uma sepultura, justamente aquela sobre a qual acabara de tropeçar!. Quis furtar-me à presença de mim mesmo, procurando incidir no ato que me desgraçava, isto é, reproduzir a cena patética do meu suicídio mentalmente, como se, por uma segunda vez, buscasse morrer, a fim de desaparecer da região em que, na minha ignorância dos fatos de além-morte, eu supunha o eterno esquecimento. Mas nada havia capaz de apagar a malvada visão. Ela era, antes, verdadeira” (209/37).

“Tornei à minha casa. Surpreendente desordem estabelecera-se em meus aposentos, atingindo objetos de meu uso pessoal, meus livros, manuscritos e apontamentos. (...) Encontrei-me estranho em minha própria casa! Procurei amigos, parentes a quem me afeioara. A indiferença que lhes surpreendi em torno à minha desgraça chocou-me dolorosamente, agravando o meu estado de excitação. (...) A toda parte a que me dirigia, sentia-me insocorrido! Negavam-me atenção, despreocupados e indiferentes todos ante minha situação. (...) Pareciam alheios às minhas insistentes algaravias, ninguém me concedendo sequer o favor de um olhar” (209/38).

“Faltava-me uma coisa irremediável, sentia-me incompleto! Eu perdera algo que me deixava assim estonteante; e essa “coisa” que eu perdera, parte de mim mesmo, atraía-me para o local em que se encontrava, e como as irresistíveis forças de um ímã, chamava-me imperiosamente, irremediavelmente! Era tal a atração que sobre mim exercia (...) para que voltasse, que tornei ao sítio tenebroso de onde viera: o cemitério! Essa “coisa”, cuja falta me enlouquecia, era o meu próprio corpo – o meu cadáver! apodrecendo na escuridão de um túmulo!” (209/39).

“Porém havia mais ainda! (...) E o leitor perdoe à minha memória estas minudências, talvez desinteressantes para o seu bom-gosto literário, mas úteis certamente como advertência ao seu possível caráter impetuoso, chamado a viver as inconveniências de um século em que o “morbus” terrível do suicídio se torna mal endêmico. Não pretendo, aliás, apresentar obra literária para deleitar gosto e temperamento artístico. Cumprimos um dever sagrado, tão somente, procurando falar aos que sofrem, dizendo a verdade sobre o abismo que, com malvadas seduções, há perdido muitas almas descrentes, em meio dos desgostos comuns à vida de cada um” (209/46).

“Eu compartilhava o mesmo antro residencial de quatro outros indivíduos, como eu portugueses; e, no decorrer do longo martírio em comum, tornamo-nos inseparáveis, à força de sofrermos juntos, no mesmo tugúrio de dor (209/50). De súbito, ressoou, na atmosfera dramática daquele inferno onde padeci, percutindo estrondosamente pelos mais profundos recôncavos do meu ser, o meu nome chamado para a libertação! Em seguida, ouviram-se os quatro nomes dos companheiros que, comigo, se achavam presentes na praça. Foi então que lhes conheci os nomes, e eles o meu. Disse a voz longínqua, como servindo de desconhecido e poderoso alto-falante:



abrigo 36, da rua número 48, atenção!... Ingressar no comboio de socorro – Atenção Cândido Camilo Botelho, Belarmino Queiroz e Sousa, Jerônimo de Araújo Silveira, João D’Azeredo, Mário Sobral – ingressem no comboio” (209/51). “Entrei... Dentro em pouco, a tarefa dos abnegados Legionários estava cumprida (209/52). Deus misericordioso!... Havíamos deixado o vale sinistro (209/53).

No Hospital “Maria de Nazaré” – Ao despertar, depois de sono profundo e reparador, afigurou-se-me ter dormido longas horas; e, de algum modo, senti que o raciocínio se me aclarava, oferecendo maior possibilidade de entendimento das circunstâncias. (...) Mas, ai de mim! Semelhante reconforto mental antes aprofundava do que balsamizava as angústias, pois me compelia a examinar, com maior dose de senso e seriedade, a profundidade da falta que contra mim mesmo cometera! Ardentes sentimentos de desgosto, remorso, temor, desapontamento, coibiram-me de apreciar devidamente a melhoria da situação. E incômoda sensação de vergonha chicoteava-me o pudor, gritando ao meu orgulho que ali me achava indevidamente, sem qualquer direito a me assistirem. (...) Não era possível que eu tivesse morrido; o suicídio, absolutamente não me matara. Eu continuava vivo, e bem vivo!” (209/61).

**“Nisso, 1) Mário Sobral começou a falar:** É inegável que somos subordinados a uma Direção Maior, que independe de nossa vontade. (...) Não sei bem se morri. (...) Mas, sinceramente, creio que não! (...) A Senhora minha mãe era uma pessoa simples, humilde, de poucas letras, mas boa devota à crença e ao respeito a Deus. Afirmava aos seus filhos, com estranha convicção, quando os reunia ao pé da lareira, a fim de ensinar-lhes as orações da noite (...) que todas as criaturas trazem uma alma imortal, criada pelo Ser Supremo e destinada a gloriosa redenção pelo amor de Jesus Cristo. (...) Nunca mais, desde então, obtive ciência de mais alto valor! Considero as aulas ministradas por minha mãe, durante o serão da família, superiores às que, mais tarde, aprendi na Universidade!”

“Infelizmente, para mim, sorri à sabedoria materna, embrenhando-me pelos desvios das paixões mundanas. (...) Contudo, ó minha mãe, (...) hoje, passados tantos anos e depois de tantos sofrimentos (...) eu me convenço de que a Senhora estava com a razão. Devo possuir uma alma realmente imortal! Escapa-se de um tiro de revólver e pode-se até restabelecer-se! Curamo-nos da ingestão de um corrosivo, tais sejam as circunstâncias em que o tenhamos usado (209/63). Mas não se escapa de uma forca, com a que me destinei! Se estou aqui, e se sofri tudo quanto sofri, sem conseguir aniquilar dentro de mim as potências da vida, é porque sou imortal!”

“E se sou imortal, é que possuo uma alma, com efeito, porque, quanto ao corpo humano, esse não é imortal, pois se consome no túmulo. E se eu possuo uma alma, dotada de virtudes da imortalidade, é que ela proveio de Deus. (...) Oh, minha mãe, tu dizias a verdade! Oh, meu Deus. Meu Deus! Tu existes! E eu a renegar-te sempre com meus atos, minhas paixões, meu descaso às tuas normas, minha indiferença criminosa aos teus princípios! (...) Agora, eis que é soada a hora de prestar-te conta da alma que tu criaste – da minha alma! Eis que nada tenho a dizer-te, Senhor, senão que minhas paixões me infelicitaram (...) perdoe-me. Perdoe-me, Senhor Deus! (Lágrimas abundantes misturavam-se a estertores de asfixia). E com esse arrazoado iniciou-se uma série de confidências entre os dez” (209/64).

“**Era 2) Jerônimo de Araújo Silveira** o mais impaciente e pretensioso dentre os dez, mais incoerente e revoltado, quem prosseguiu: "Aliás, eu jamais descri da existência de Deus, Criador de todas as coisas. Fui, isto é, sou... Eu sou, pois que não morri, católico militante, irmão remido da Venerável Irmandade da Santíssima Trindade de Lisboa, com direitos a bênçãos e indulgências especiais, quando necessárias” (209/65).

— Creio, meu vizinho, que chegou a hora, ou já vai passando a ocasião de reclamardes os favores que são de direito obteres. (...) Não podes estar mais necessitado deles – reveidei, num crescendo mau-humor, fazendo-me de observador”.

“Ele, porém, não respondeu, mas continuou: Fui, porém, muito impaciente e nervoso durante a juventude! Impressionava-me facilmente; era insofrido e inconformado, às vezes melancólico e sentimental (...) nunca levei a sério os verdadeiros deveres de cristão. (...) Por isso mesmo, certamente, quando se deparou a ruína dos meus negócios comerciais (pois não sei se sabem que fui importador e exportador de vinhos), crivado de dívidas insolúveis, surpreendido por estrondosa e irremediável falência – sem ascendentes para evitar a miséria que a mim e à minha família escancarava fauces irremediáveis – acusado por amigos e pessoas da família como responsável único do dramático insucesso, obstinado pela perspectiva do que sucederia à minha mulher e aos meus filhos, a quem eu, por muito estremecer, habituara a excessivo conforto, mesmo ao luxo, mas os quais, agora que me viam castigado e sofredor, me responsabilizavam cruamente por tudo, em vez de pacientemente me ajudarem a mover a cruz dos insucessos, que a todos abatiam, fraquejei-me na coragem, que até então não tivera, e “tentei” desertar-me da frente de todos e até de mim mesmo, a fim de poupar-me à censura e humilhação. Todavia, enganei-me: mudei apenas de habitação, sem conseguir encontrar a morte, e perdi de vista a minha família, o que tem acarretado insuportáveis contrariedades” (209/65).

“**Depois disso, falou 3) Mário Sobral:** Caí nas trevas da desgraça (...) quando tão boas oportunidades encontrei pela vida a fora. Esqueci-me de que o respeito a Deus, à família, ao dever, seria algo sagrado a atingir, porque recebi bons princípios da moral na casa materna! (...) Jovem sedutor, inteligente, culto, envaidecido com os dotes que me assistiam, cultivei o egoísmo, dando asas aos instintos inferiores, que reclamavam prazeres sempre mais febricitantes. (...) A convivência afetada da Universidade fez de mim um pedante, um tolo, cujas preocupações únicas eram as exhibições vistosas, senão escandalosas. (...) E depois, quando não mais consegui esconder-me, a fim de reconduzir a mim próprio, procurei a morte, supondo poder esconder dos remorsos através do olvido de um túmulo”!

“Enganei-me. A morte não me aceitou! Encontrou-me decerto demasiadamente vil para me honrar com sua proteção; por isso, devolveu-me à vida quando o coeiro teve a honra de encobrir minha figura repulsiva da frente da luz do sol. (209/66). Minha mãe, porém, essa sim, não se enganou: sou imortal! jamais, jamais morrerei! Sim! porque para sobreviver às desgraças que cruciaram o meu sentir, desde a noite aziaga da primavera daquele ano de 1889, só um ser que seja imortal! Sim, meu Deus! Perdoai-me! Perdoai-me! Eu me arrependo e me submeto, visto que reconheço que erre! Perdi-me diante de ti, meu Deus, à frente da desesperadora paixão que nutria

por Eulina! Mas, se me permites, reabilitar-me-ei por amor de ti”.

**A seguir, 4) Belarmino Queiroz** tomou a palavra e informou: Eu julgava, sinceramente, que o túmulo absorveria a minha personalidade. (...) seria o nada! Discípulo de Augusto Comte, a filosofia que me levou ao materialismo, ao mecanicismo accidental das coisas – única explicação satisfatória que ao raciocínio pude oferecer diante das anomalias com que deparava a cada passo pela vida afora, para me alarmar o coração e decepcionar a mente! Nutri sempre grande ternura e compaixão pelos homens, aos quais eu considerava irmãos de esperança, pois, para mim, a vida era a expressão máxima da desgraça, embora deles procurasse afastar-me quando possível, temendo amá-los demasiadamente, e, portanto, sofrer! Nem outra coisa compreendia ser o que seria senão desgraça um homem nascer, viver, trabalhar, sofrer, lutar por todos os pretextos (...) para, depois, desfazer-se, irremediavelmente, no pó do túmulo!”

“Eu não fui jamais dado ao casamento. (...) Para que amar, constituir família, contribuindo para lançar à vida outros desgraçados a mais, se a filosofia (comtista) convencera-me, além do mais, que o amor era apenas uma secreção do cérebro? (...) Fui um estudioso, isto sim, e estudava a fim de me aturdir, evitando o acúmulo de elucubrações sobre a miserável situação da humanidade! (...) estudava para esquecer que, um dia, eu também me perderia no vácuo” (209/69).

“Fui infeliz, como toda humanidade é! Somente no ambiente sereno do lar, desfrutava alguma satisfação. (...) Agarrei-me ao lar o quanto possível, pesaroso de um dia ser forçado a abandoná-lo para me aniquilar entre os vermes que destruiriam a minha individualidade! Minha mãe, que partilhava de minhas convicções, bastava-me para companhia nas horas de lazer, porque também as recebera de meu genitor. (...) O móvel da minha “tentativa” de suicídio, como vê, não foi desgosto amoroso. Foi a perda da saúde!”

“Fui sempre fisicamente débil, franzino, um triste, um sonhador infeliz e insatisfeito, apavorado de existir! (...) Desenganado pela ciência, preferi, então, acabar de vez, sem mais sofrimento. Para quê, pois, esperaria eu a marcha dolorosa da tuberculose extinguir minha individualidade em lentos suplícios, sem consolo, sem esperanças consoladoras no porvir do além-túmulo, onde não encontraria senão o aniquilamento absoluto, a desintegração perfeita, o espantinho humano atirado ao desalento, do qual fugiriam todos – a própria mãe – quem o adivinharia? – temendo perigo de contágio? (...) Morrer era a solução boa, mais lógica”.

**“Nisso, intrometeu-se Jerônimo:** “Não possuo a competência de V. Excelência., Senhor Professor, nem me será dado raciocinar com tanta finura. Todavia, com o devido respeito à pessoa de V. Excia., considero execrável pecado o não aceitar o homem a existência de Deus, Sua paternidade para com as criaturas e a eternidade da alma, por mais criminosa que seja. Felizmente, para mim, foram coisas em que sempre acreditei com veemência” (209/70).

**“Revidou o discípulo de Comte:** “Como e por quê, então, vós revoltastes contra as circunstâncias naturais da vida humano, a ponto de confessardes que desejustes morrer? (...) Se eu, desfavorecido pela fé, carente de esperanças, desamparado pela descrença em um Ser Superior, à mercê do pessimismo a que minhas convicções

conduziram, para quem o túmulo apenas traduzia o olvido, o aniquilamento, a absorção no vácuo, me desorientasse ao combater na desventura e “tentasse” matar-me, a fim de poupar-me à luta desigual e inútil, concebe-se! Mas, vós outros! Vós outros, crentes na paternidade de um Ser Criador, sede de perfeições infinitas, como dizeis, sob cuja direção sábia caminhais...”

“Vós, certos da personalidade eterna (...) cair em desesperação e revoltar-se contra a mesma Lei, pois sei que a crença num poder absoluto proíbe a infração do suicídio. é paradoxo que não se chega a admitir. Portadores de tal ciência, corações alumiados pelos ardores de tão radiosa convicção (...) deveríeis considerar-vos deuses também. homens sublimados, para quem os infortúnios seriam meros contratemplos do momento! Oh, pudesse eu convencer-me dessa verdade e não temeria enfrentar, novamente, nem os desgostos que arruinaram os meus dias, nem a tuberculose que me reduziu ao que vedes” (209/71).

“— “E agora, qual a opinião de V. Excia. sobre o momento presente? Que explicação sugere a filosofia Comtista para o que se passa? – Interroguei, cheio de curiosidade, interessando-me pelo debate. – Nada, respondeu simplesmente. Não sugere coisa alguma (...) Continuo na mesma. (...) Não consegui morrer! (...) evidente era que dúvidas desconcertantes nos atacavam a todos, e a ele também. O que não queríamos era curvar-nos à evidência. Tínhamos medo de encarar, de frente, a realidade!” (209/72).

**“Então, o 5) Sr. João D’Azeredo confessou:** “Bem sabeis que os motivos que me arrojaram ao pélagó ignóbil do suicídio: a paixão pelo jogo. Joguei tudo, a honra inclusive, e a própria vida” (209/72).

**6) “Depois, o Sr. Camilo Cândido Botelho falou:** Aborreci-me. Fui indivíduo sempre melindroso e suscetível, e a morte não corrigira ainda a grave anormalidade. (...) Eu, professor, sou um indivíduo que se imaginava iluminado por um saber senjaça, mas que, em verdade, hoje começa a compreender que ignorava e continua ignorando o que há dois palmos do nariz existe. Fui paupérrimo (digo “fui” porque algo segreda em meu ser que tudo isso pertence ao pretérito), com o insuportável defeito de ser orgulhoso”.

“Um homem finalmente, que não descria da existência de um Ser Superior presidindo a Sua Criação—é certo—mas que, considerando-a uma incógnita a desafiar possibilidades humanas de lhe decifrar os enigmas, não somente deixava de associar o respeito a esse Ser, à Sua vida, como, principalmente, não lhe dava quaisquer satisfações do que fazia ou pretendia fazer para regalo dos próprios caprichos e paixões vãs. Será, pois, redundância afirmar que, muito sábio—tal como me julgava—arrastava a dissonante ignorância da descrença na possibilidade de existirem leis onipotentes, irremissíveis, partindo da Divindade Criadora e Orientadora, para dirigir a Criação, o que me fez cometer erros gravíssimos” (209/72).

“Sofri, e minha vida fôï fértil em situações desanimadoras! A resignação nunca foi virtude a que se amoldasse o meu caráter violento e agitado por índole. A fundezza dos meus sofrimentos tornou-me irritadiço, genioso. O orgulho insultou-me na convicção de que, para além de mim, só existiam valores sofríveis. Após décadas de prélios malogrados, de aspirações banidas da imaginação, por irrealizáveis (...) a cegueira.

meu amigo!, que atingiu meus olhos cansados, como desconcertante prêmio às lutas que de minhas forças exigiram impulsos supremos. Fiquei cego! O espectro negro da eterna escuridão estendia sobre meus olhos apavorados, o seu manto de trevas, que nem a ciência dos homens, nem a fé alcandorada e ingênua dos amigos (...) dos corações que me amavam (...) seriam capazes de arredar. Cego eu?”

“Entendi que, se o Ente Supremo, de quem eu não descrevia até então, existisse realmente, isto não se daria, porque não queria certamente desgraçar-me. Esquecia-me de que existem, esparsos pelo mundo, milhões de homens cegos, muitos em condições ainda mais prementes que a minha, e que todos, como eu, eram criaturas advindas do mesmo Deus! Descri, porque entendi que, se havia outros cegos, que houvesse, mas que eu não o deveria ser (209/74). Cego! Era o máximo! (...) Dei-me por vencido.

“A obsessão fatal do suicídio entrou a fazer ronda em torno das minhas faculdades. Enamorei-me dela e lhe dei guarida com todo o abandono do meu ser desanimado e vencido. A morte atraía-me, como remate honroso de uma existência que jamais curvava a cerviz à frente do que fosse. A morte estendia-me os braços sedutores, falsamente mostrando às minhas concepções viciadas pela descrença em Deus, a paz do túmulo em consoladoras visões! Firmada a resolução sob sugestões doentias, acabrunhado e a sós com minha superlativa desgraça, insocorrido pelo sereno consolador da fé, criei um romance dolorido em torno de mim mesmo e, considerando-me mártir, condenei-me sem apelação!”

“É que tive vergonha de ser cego! Matei-me no intuito de encobrir da sociedade, dos homens, dos meus inimigos, a incapacidade a que ficara reduzido! Ninguém se gloriaria vendo-me receber o amargo pão da compaixão alheia! Ninguém contemplaria o espetáculo, humilhante para mim, de minha figura vacilante, tateando nas trevas dos meus olhos incapacitados para a visão! Meus inimigos não se rejubilariam, refocilando na vingança de assistirem à minha irremediável derrota! Mil vezes, não! Eu não me brutalizaria na inércia de olhar só para dentro de mim mesmo, quando o Universo continuaria irradiando vida fecunda e progressiva ao redor de minha sombra empobrecida pela cegueira!” (209/75).

“Matei-me, porque me reconheci demasiadamente fraco para continuar, dentro da noite pávida da cegueira, a jornada que, já enfrentada à boa luz dos olhos, fora farta de empeços e percalços! Era demais! Revoltei-me até no âmago contra o destino que me reservara tão desconfortante surpresa; e, inconsolavelmente, permaneci sob o esmagamento de dramática ingratitude, que supunha vir de Deus! (...) Para mim, a Providência, o Destino, o Mundo, a Sociedade estavam errados todos; só eu estava certo, exagerando a tragédia das minhas desesperanças!”

“Pois que Eu, que possuía capacidade intelectual avantajada, era paupérrimo, quase faminto, ao passo que circulavam, em torno de mim, ignorantes e beócios de cofres recheados!. (...) Eu, honesto, probo e reto, a pautar-me por diretrizes sadias (...) sim, era demais! E depois de tão extenso panorama de desventuras – porque, para mim, indivíduo impaciente e nada conformado, esses fatos tão vulgares da vida cotidiana avultavam-se como veras calamidades morais – o doloroso arremate da cegueira, reduzindo-me à insignificância do verme, à angústia do desamparado, à

inércia do idiota, à solidão do esmasmorrado! Não pude mas” (209/76).

“Faltou-me a compreensão para tão grande anomalia! Não compreendi Deus! Não entendi Sua Lei! Não entendi a Vida! Uma torrente de confusão insolúvel alargou-me o pensamento, aterrado em face da realidade. Só compreendi uma coisa: era que eu precisava morrer! E quando uma criatura deixa de confiar no seu Deus e Criador, torna-se desgraçada! É um miserável, um demônio, é um réprobo! Quer o abismo, procura o abismo, precipita-se no abismo! Precipitei-me” (209/77).

“**Não! Não era possível que eu tivesse morrido! Isto será a morte?** (...) Seria a vida? (209/81). Mas, afinal, onde me encontro eu? O que aconteceu? (...) Estarei sonhando? (...) Eu morri ou não morri? Estarei vivo? (...) Estarei morto?”

“**Nisso, atendeu-me um cirurgião hindu.** Atendeu-me sem se deter na melindrosa situação: “Não, meu amigo! Não morreste! Não morrerás jamais!, porque a morte não existe na Lei que rege o Universo! O que passou foi simplesmente um lamentável desastre com o teu corpo físico-terreno, aniquilado antes da ocasião oportuna, por um ato mal dirigido do teu raciocínio. (...) A vida, porém, não residia naquele teu corpo, e sim neste que vês e contigo sentes no momento, o qual é o que sofre, o que realmente vive; o de carne, que rejeitaste, (...) já desapareceu sob a sombria pedra de um túmulo, como vestimenta que é deste outro que aqui está. Acalma-te, porém. (...) Melhor compreenderás à proporção em que te fores restabelecendo” (209/82).

**Mais adiante, outro mentor espiritual professou:** “Pois já tereis compreendido que jamais, jamais haveis de morrer! Jamais conseguireis desaparecer da frente de vós mesmos, ou da frente da Criação e do Universo! E isso acontece porque sois criaturas emanadas do Fluido Eterno na Mente Divina: em vós reside a Vida Eterna daquele que vos concedeu a glória de vos criar à Sua Semelhança, o que equivale a dizer que sereis como Ele é: por toda a Eternidade! Para que, pois, haveis de vos recalcitrar contra vossa origem divina? Vosso suicídio, para que vos aproveitou? (...) Apenas para a vós próprio demonstrar o grau de ignorância e de inferioridade em que laboráveis; (...) apenas para distender vossas amarguras a longitudes incalculáveis (...)” (209/405).

“**A Cidade Universitária - Mansão da Esperança** – (Muito tempo depois). Emocionados, detivemo-nos diante das Escolas que deveríamos cursar. Lá estavam entestando-as letrêiros descritivos dos ensinamentos que receberíamos: Moral, Filosofia, Ciência, Psicologia, Pedagogia, Cosmogonia e até um idioma novo, que não seria apenas uma língua a mais, a ser usada na Terra como atavios de abastados. Não! O idioma (...) que havia de futuramente estreitar as relações entre os homens e os Espíritos, por lhes facilitar o entendimento, removendo igualmente as barreiras da incompreensão entre os homens, e contribuindo para a confraternização ideada por Jesus: “Uma só língua, um só rebanho, um só pastor”.

“Esse idioma, cuja ausência entre os médiuns brasileiros me havia impossibilitado de ditar obras, como as desejava, contribuindo para que fosse menos penoso o trabalho de minha reabilitação, possui um nome que se aliava aos doces refrigerios que aclarava nossas mentes. Chamava-se Esperança, e lá se encontrava, junto aos demais, no majestoso edifício onde era ministrado. (...) Conviria, assim, que o aprendêssemos.

para que, quando nos reencarnássemos, levando-o impresso nos refolhos do espírito, não nos descurássemos de exercitá-lo sobre a Terra” (201/415).

**“Um outro mentor concluiu:** “O suicídio – dizemos- arrebatou todo o mérito que poderíeis ter, precipitando-vos em situação calamitosa, da qual não saireis enquanto restaurações totais não sejam efetivadas. E advirto-vos, meus amigos, que, na luta que empreenderdes para a consecução de tal desiderato, mais de um século presenciareis as lágrimas que derramareis sobre as conseqüências do execrado ato de desrespeito a vós mesmos, como a Deus! Todavia, os ensinamentos que vos ministraremos influirão bastante na vitória que deveis alcançar contra vós mesmos”(209/422).

**Tempos depois, uma falange de esperantistas veio,** proveniente de camadas espirituais superiores, para dar um espetáculo onde nos encontrávamos” (209/549).

**“Mostrando os rigores da “Lei da Causa e Efeito”,** das páginas 499 em diante, o autor espiritual mostra o seu passado, sob o título “As causas de minha cegueira no século XVIII”.

\*\*\*\*\*

### **2.3.5. Os Espíritos Superiores e os Dogmas Convencionais**

#### **A) Sobre os dogmas teológicos**

**A Crença em Deus** – Segundo eles, o Universo existe, logo tem uma causa, a que chamamos de Deus. “Duvidar da existência de Deus, é negar que todo efeito tenha uma causa, é avançar que o nada pôde fazer alguma coisa” (198/04). A existência de Deus é uma realidade comprovada, não só pela revelação, como também pela evidência material dos fatos (202/55). O homem não pode compreender a natureza íntima de Deus, porque falta-lhe para isso o sentido (198/10). Um dia, quando não tiver o espírito obscurecido pela matéria, ele o verá e o compreenderá; a inferioridade das faculdades humanas não lhe permite, ainda, compreender a natureza íntima de Deus, mas ele pode formar idéias de algumas de Suas perfeições” (198/01).

Os Atributos da Divindade Suprema do Universo – A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir, em grau supremo, essas perfeições, porque, se uma lhe faltasse ou não fosse infinita, ele já não seria superior a tudo; não seria, por conseguinte, Deus! “Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer imperfeição que a imaginação possa conceber” (198/13).

**1) Deus é Eterno** – “Ele não teve começo e nem terá fim; se tivesse tido princípio, houvera saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa alguma pode produzir; ou teria sido criado por outro Ser anterior e, nesse caso, este Ser é que seria Deus”! (212/57).

**2) Deus é Único** – “Se muitos deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo (198/13). A unidade de Deus é conseqüência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas; se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro e subordinado ao poder

desse outro e, então, não seria Deus! Se houvesse, entre ambos, igualdade absoluta, isso equivaleria a existir, de toda a Eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos, assim, quanto a identificação, não haveria, na realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas, então, não existiria igualmente perfeita identidade entre eles, pois que nenhum possuiria a autoridade suprema” (202/59).

**3) Deus é Imutável** – “Se Ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo, nenhuma estabilidade teriam” (198/13).

**4) Deus é Imaterial** – “quer dizer que sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outra sorte, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria (198/13). Deus carece de forma apreciável pelos nossos sentidos. (...) O homem, nada mais conhecendo, além de si mesmo, toma a si por termo de comparação para tudo o que não compreende. Mas são ridículas as imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto. Têm o inconveniente de rebaixar o Ente Supremo até as mesquinhas proporções da humanidade. Daí, a lhe emprestarem as paixões humanas e fazerem dele um Deus colérico, não vai mais que um passo” (202/57).

**5) Deus é Onipotente** – “Ele é onipotente porque é o único; se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então teria feito todas as coisas. Se ele não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e, assim por diante, até chegar-se ao Ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse então é que seria Deus” (202/57).

**6) Deus é Soberanamente Justo e Bom** – “A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim, nas pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite que se duvide nem de sua Justiça, nem de sua Bondade (198/14). O fato de ser infinita uma qualidade, exclui a possibilidade de uma qualidade contrária, porque esta a apoucaria ou anularia. Um ser infinitamente Bom não poderia conter a mais insignificante parcela de malignidade, nem o ser infinitamente mau poderia conter a mais insignificante parcela de bondade. (...) Deus, pois, não poderia ser, simultaneamente, bom e mau, porque, então, não possuindo qualquer dessas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho, e para nenhuma haveria estabilidade” (202/57).

“A soberana bondade implica soberana justiça, porquanto, se ele procedesse injustamente ou com parcialidade numa só circunstância que fosse, com relação a uma só de suas criaturas, já não seria soberanamente justo e, em conseqüência, não seria soberanamente bom” (202/57).

**7) Deus é Infinitamente Perfeito** – “É impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o qual ele não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo. E, sendo infinitos, os atributos de Deus não são suscetíveis nem de aumento, nem de diminuição, visto que – do contrário – já não seriam infinitos, e Deus não seria perfeito. Se lhe retirassem a qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito” (202/58).



**A Origem das Crenças Politeístas** – “A Ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o politeísmo, culto adotado por todos os povos primitivos. Mais tarde, a razão os levou a reunir essas diversas potências numa só. Depois, à proporção em que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, retiraram, dos símbolos que haviam criado, a crença que implicava a negação desses atributos” (202/59).

**Em resumo**, “Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, porque o ser que o excedesse no que quer que fosse (...) é que seria o verdadeiro Deus. Para que tal não se dê, indispensável se torna que ele seja infinito em tudo. É assim que, comprovada pelas suas obras a existência de Deus, por simples dedução lógica se chega a determinar os atributos que o caracterizam” (202/59).

Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana; é único, é eterno, é imutável, é imaterial, é onipotente, é soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições, e não pode ser diverso disso. Tal o eixo sobre o qual repousa o edifício universal. Esse é o farol cujos raios estendem por sobre o universo inteiro, única luz capaz de guiar os homens na pesquisa da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Tal também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. (...) Toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos – que tenda não tanto a anulá-lo, mas simplesmente diminuí-lo – não pode estar com a verdade. (...) Em Filosofia, em Psicologia, em Moral, em Religião, só há de verdadeiro o que não se afasta, nem um til, das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita será aquela em que nenhum artigo de fé esteja em oposição àquelas qualidades; aquela cujos dogmas todos suportem a prova dessa verificação, sem nada sofrerem” (202/60)

**A Trindade Universal** — Não existe a Santíssima Trindade, representada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo! “Há três elementos gerais no Universo: a matéria, o espírito e, acima de tudo – Deus – o criador de todas as coisas. Portanto, Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a Trindade Universal” (198/27).

### **B) A Criação Divina**

**A Existência do Princípio Espiritual** – “O princípio espiritual é, de certo modo, uma verdade axiomática; ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos efeitos que lhe são próprios. (...) Se vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não existe quando está morto (202/206). O princípio espiritual é um corolário mesmo da existência de Deus: sem o princípio espiritual, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a Soberana Inteligência do Universo a reinar, pela eternidade afora, unicamente sobre a matéria bruta; como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade (justiça, sabedoria e bondade), inúteis lhe seriam essas qualidades divinas, ele as houvesse de exercitar somente sobre a matéria” (202/207).

“As propriedades sui generis que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser

atribuídos à matéria, chega-se – remontando dos efeitos à causa – à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos orgânicos e inorgânicos (202/209)".

**Os Espíritos tiveram um começo.** "Se não tivessem tido um começo, seriam iguais a Deus, mas – ao contrário – são criações Suas e se acham submetidos à sua vontade (198/78). A criação do mundo é constante. Ao mesmo tempo em que criou, desde toda a eternidade, seres materiais. Deus tem criado, também, desde toda a eternidade, seres espirituais; não fosse assim, os mundos materiais careceriam de finalidade (202/209)".

**A Criação dos Espíritos** – "Acerca do modo da criação dos Espíritos, entretanto, não posso ministrar mais que um ensino muito restrito, em virtude de minha própria ignorância. Aos que desejam religiosamente conhecer e se mostram humildes perante Deus, eu direi – rogando-lhes, todavia, que nenhum sistema baseie nas minhas palavras – o seguinte: o Espírito não chega a receber iluminação divina que lhe dá – simultaneamente com a consciência e o livre-arbítrio – a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualização. Unicamente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio da Humanidade" (202/117).

**O Princípio Material** – "A composição e decomposição dos corpos se dá em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si: Os corpos se formam em proporções definidas, isto é, pela combinação de certas quantidades de princípios constituintes. A inumerável variedade deles resulta de um número pequeno de princípios elementares, combinados em proporções diferentes (202/192). A matéria existe em estado que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause nos sentidos, contudo é sempre matéria, embora para vós não o seja (198/22). As diversas propriedades da matéria são modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito de sua união em certas circunstâncias" (198/31).

**O Fluido Universal** – "Há, ainda, um fluido etéreo, que enche os espaços e penetra os corpos: é o éter ou matéria cósmica primitiva (202/111). Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso; é nele que reside o princípio vital, que dá a origem à vida dos corpos e a perpetua em cada globo (202/124). Mas o fluido universal é suscetível de inúmeras combinações: o que chamais de fluido universal não é senão matéria mais perfeita, mais sutil, que se pode considerar independente (198/127). essas múltiplas forças, indefinidamente variada segundo às combinações da matéria, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, magnetismo, eletricidade ativa etc. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de som, calor, luz etc". (202/111).

**O Princípio Vital** – "É separável e independente do princípio inteligente; logo, ambos não podem ser confundidos: há seres que não pensam, quais as plantas; há corpos humanos que ainda revelam animados de vida orgânica, quando já não há

qualquer manifestação do pensamento. Uma vez que, no ser vivo, produzem-se movimentos vitais, independentemente de qualquer intervenção da vontade; que, durante o sono, a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independentemente da vida espiritual, que é inerente ao espírito. Ora, desde que a matéria tem vitalidade independente do espírito, e que o espírito tem vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes" (202/208).

**Os Seres Inorgânicos** – "Combinando-se, sem o princípio vital – o oxigênio, o hidrogênio o azoto e o carbono – teriam formado unicamente corpos inorgânicos ou minerais. Os seres inorgânicos são formados pela simples agregação da matéria, sem o princípio vital (202/198). E a lei que preside a formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos seres orgânicos" (202/195).

**Os Seres Orgânicos** – "A formação dos primeiros seres vivos pode-se deduzir, por analogia, da mesma lei em virtude da qual todos os dias se formam os corpos inorgânicos (202/191). Modificando o princípio vital, a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais: em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontrou os elementos que o constituem: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono" (202/198).

"Existe, nos seres orgânicos, uma manifestação da vida; há um princípio especial, o princípio vital. Ativo nos seres vivos, esse princípio vital se acha extinto nos seres mortos. A atividade do princípio vital é alimentada, durante a vida, pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor pelo movimento de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue como o calor se extingue quando a roda deixa de girar. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos seres inorgânicos, também conseguiu decompor e recompor alguns corpos orgânicos; porém jamais chegou a reconstruir uma folha que estava morta – prova evidente de que nesta última há o que quer que seja inexistente em relação aos outros" (202/198).

**A transição nos laboratórios da natureza** – "A análise química mostrou que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz toda a variedade de substâncias e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura – nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, óleos, as resinas – nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que, igualmente, não se encontre no reino mineral (202/195). Levada pela circulação a todas as partes do vegetal, a seiva, conforme o órgão a que vai ter e onde sofra uma elaboração especial, se transformará em lenho, em folhas, em frutos, como o sangue se transformará em carne, em ossos, em bÍlis etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos – oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados" (202/196).

**A Formação dos Primeiros Animais** – "Tempo houve em que não existiam

animais; logo, eles tiveram um começo. Cada espécie foi aparecendo, à proporção em que o globo adquiria condições necessárias à existência deles (202/190). A Química considera elementares umas tantas substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Combinando-se, eles formam os elementos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes. Mas a combinação de dois corpos, para formar um terceiro, exige o especial concurso de circunstâncias: seja de determinado grau de calor, de sequidão, seja de umidade. Se essas circunstâncias não se verificarem, a combinação não se operará" (202/191).

**A Criação Simultânea** – "De acordo com o que foi dito, percebe-se que não existe geração espontânea, senão para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam o produto de transformações sucessivas destes mesmos seres, realizadas à proporção em que as condições atmosféricas lhe forem tornando propícias" (20/192).

**Diversidade e multiplicidade dos Mundos** – "Debaixo das vossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; diante de nosso passado, desenrolou-se o panorama esplêndido da harmonia do Cosmo e antegozamos a idéia do Infinito. Quanto é ínfima a Terra e medíocre sua importância na hierarquia dos mundos!" (202/137).

**A Morte dos Seres Vivos** – "E a morte não será um acontecimento inútil, nem para a Terra, nem para as suas irmãs. Noutras regiões, ela renovará outras criações de natureza diferente. Compreendamos a vaidade dos homens que crêem que tudo no Universo foi feito para ele, e dos que ousam discutir a existência do Ente Supremo! Depois de alguns séculos, causará espanto que uma religião, feita para glorificar Deus, o tenha rebaixado a tão mesquinhas proporções, e que haja repellido, como concepção do espírito do mal, as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela Onipotência, iniciando-nos nos grandes mistérios da Criação" (202/133).

### **C) Sobre Jesus de Nazaré**

**I. A Natureza de Jesus** – "A respeito da natureza de Jesus, Allan Kardec escreveu, em "Obras Póstumas", que a questão da natureza de Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e ainda não se acha solucionada, pois continua sendo objeto de discussão; foi a divergência de opiniões sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos" (205/121).

"Nada tendo escrito Jesus, seus únicos historiadores foram os apóstolos, que tampouco escreveram coisa alguma enquanto Cristo ainda vivia. Ali somente é que se há de procurar a chave do problema. Todos os escritos posteriores, sem exceção dos de São Paulo, são apenas – e não poderiam deixar de ser – simples comentários ou opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias, que, em caso algum, poderiam ter autoridade de narrativa dos que receberam as instituições diretamente do Mestre" (205/122).

**I,I- "Os Milagres de Jesus não provam a sua Divindade"** — Conforme a Igreja, a Divindade de Cristo está firmada pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural. Hoje, porém, que a ciência levou suas investigações até às leis da Natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres (205/123). A fé nos milagres

foi destruída pelo próprio uso que deles fizeram, donde resultou que muitas pessoas consideram agora os Evangelhos como puramente lendários. A própria Igreja, aliás, tira dos milagres todo o alcance como prova da Divindade de Cristo, declarando que o demônio pode operar tão prodigiosamente quanto aqueles outros. Como poderá um simples mortal distinguir os bons milagres dos maus milagres? (205/124).

**O que é um Milagre?** "No sentido teológico, o caráter essencial do milagre é o de ser uma exceção aberta às leis da Natureza o que – conseqüentemente – o torna inexplicável mediante essas mesmas leis; deixa de ser milagre um fato, desde que se possa explicar e que se ache ligado a uma causa conhecida. Desse modo, as descobertas da ciência colocaram, no domínio natural, muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto se lhe desconheciam as causas. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência das propriedades do perispírito, facultou a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos não constituem, mais do que os outros, derrogação das leis da Natureza, mas decorrem, quase sempre, da aplicação dessas leis. Todos os efeitos do Magnetismo, do Sonambulismo, do Êxtase, da dupla vista, do Hipnotismo, da Aparição e da Transfiguração etc., que formam a quase totalidade dos milagres dos Evangelhos, pertencem àquela categoria de fenômenos" (205/125).

"A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus, se acha hoje completamente demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais (205/125). Se o próprio Jesus qualificava de milagres os seus atos, é que nisso, como em outras coisas, cumpria-lhe apropriar sua linguagem aos conhecimentos dos seus contemporâneos. Para o vulgo, eram milagres as coisas extraordinárias que ele fazia e pareciam sobrenaturais, naquele tempo e muito tempo depois. Ele não lhes podia dar outros nomes. Importa, pois, que se risquem os milagres do rol de provas, nas quais se pretende fundar a crença da divindade na pessoa do Cristo" (125/126).

**I,2) As palavras de Jesus provam a sua Divindade?** – "O dogma da Divindade de Jesus baseou-se na igualdade absoluta entre sua pessoa e Deus, pois que ele próprio seria Deus. É este um artigo de fé. Ora, estas palavras, que Jesus tantas vezes repetia "aquele que me enviou", não só comprovam uma dualidade de pessoas, mas também excluem a igualdade absoluta entre eles, porquanto aquele que é enviado, necessariamente está subordinado ao que enviou – visto que não se pode enviar a si mesmo! Jesus o disse, em termos categóricos: "Não vim de mim mesmo; foi ele quem me enviou" (205/127). Se há uma diferença hierárquica entre o Pai e o Filho, como filho de Deus, Jesus não pode ser igual a Deus (205/129). E se, ao morrer, Jesus entregou sua alma nas mãos de Deus, é que ele tinha uma alma distinta da de Deus, submissa a Deus; logo, ele não era Deus (205/134). São ainda palavras de Jesus, depois de sua morte: "Não me toques, porquanto ainda não subi para o meu Pai" (João- 20§17) (205/136).

**I,3) A Dupla Natureza de Cristo** – "A subordinação de Jesus é ainda indicada pela qualidade mesma de Mediador, que implica a existência de duas pessoas distintas. É ele quem intercede junto ao pai. Ora, se ele é o próprio Deus, ou se fosse igual a Deus, não precisaria interceder, porquanto ninguém

intercede junto a si mesmo" (205-140).

**A Questão da Divindade de Jesus** – Nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações que alguns deram às palavras “Verbo”, “Filho” etc. Só no século IV, uma parte da Igreja adotou, em princípio, essa crença. Semelhante dogma resultou, pois, de uma decisão dos homens, e não uma revelação divina (205/147). A única autoridade competente para decidir a questão é a das próprias palavras de Jesus, quando diz: “Não tenho falado de mim mesmo; aquele que me enviou, foi quem prescreveu, por seu mandamento, o que tenho a dizer; a doutrina que prego não é minha, mas daquele que me enviou; a palavra que tendes ouvido não é palavra minha, mas do meu Pai, que me enviou”! A ninguém fora possível exprimir-se com mais clareza e precisão (205/148).

**I,4) "A qualidade de “Messias” ou Enviado** nega a Divindade de Jesus e ser ele e Deus uma única pessoa. A qualidade de Messias implica uma posição subordinada em relação àquele que ordena; o que obedece não pode ser igual ao que manda" (205/148).

**I,5) "Igualmente, o título de “Filho de Deus” e de “Filho do Homem”,** longe de implicar igualdade, é, muito ao contrário, indícios de uma submissão. Ora, ninguém é submisso a si mesmo, mas a alguém! Para que esse fosse, em absoluto, igual a Deus, fora preciso que ele existisse, como Deus, de toda a Eternidade, isto é, que ele fosse incriado. Ora, o dogma diz que Deus gerou desde toda a eternidade! Fosse ou não desde toda a eternidade, ele não deixou de ser, por isso, uma criatura, e de estar, como tal, subordinado ao seu criador" (205/149).

**"A Crença no dogma da Divindade de Cristo** foi uma decisão, tomada pelo voto da maioria, no Concílio de Nicéia... Tudo, pois, dependeu da autoridade soberana de um homem que pertencia à Igreja, e que reconheceu, mais tarde, o erro político que cometera, inutilmente procurando voltar atrás, conciliando os partidos. Unicamente daquela autoridade dependeu não haver Arianos, em vez de católicos, e não ser hoje o Arianismo a ortodoxia, e o catolicismo a heresia" (200/152).

#### **D) Dogmas Antropológicos:**

##### **1) A Crença nos Anjos e Demônios**

**A Origem ou Criação dos Anjos** – "Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita, neste caso, confirma a crença de todos os povos (203/112). Porém, segundo a Igreja católica, os anjos são criaturas de Deus, feitas à parte da humanidade; são possuidoras de todos os poderes, faculdades e conhecimentos, desde o início, por um privilégio divino, sem nunca terem vivido na vida corporal".

"Segundo o Espiritismo, os anjos não são senão almas dos homens, chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta. Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam da felicidade relativa ao seu adiantamento; felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que Deus lhes apraz conferir (203/113). A alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência, daí o ser falível. Não lhes dá Deus essa experiência, mas lhe dá os meios de adquiri-la. Desse modo, pouco a pouco, ela se desenvolve, se aperfeiçoa e se adianta na hierarquia espiritual, até o estado de espírito puro ou anjo" (203/113).

"Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que a suponhamos, outros mundos já havia, nos quais os espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que ora percorrem os de mais recente formação. De toda a eternidade tem havido, pois, puros espíritos ou anjos; mas, como a sua existência humana se passou num infinito passado, eis que os supomos como se tivessem sido anjos por todos os tempos" (203/114).

**2) A Crença na Origem e Existência dos Demônios** – "Em todos os tempos, os demônios representam papel saliente nas diversas teogonias (203/115). Acreditando num poder extra-humano, e porque o prejuízo material é sempre o que mais perto lhe importa, atribuíram-no a esse poder, do qual, aliás, eles faziam uma idéia muito vaga. Tal poder se lhes afigura identificado nos seres e nas coisas que os prejudicam (203/116); os animais nocivos não passam, para eles, de representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, vêem nas coisas úteis a personificação do bem. Mas o homem é comumente mais sensível ao mal do que ao bem; este lhe parece natural, ao passo que o mal mais o afeta. Nem por outra razão se explica, nos cultos primitivos, as cerimônias mais numerosas em honra ao poder maléfico: o temor suplanta o reconhecimento" (203/117).

"Provada, porém, a patente luta entre o bem e o mal, triunfante muitas vezes este sobre aquele, concluíram pela existência de dois poderes rivais no governo do mundo. Daí nasceu a "doutrina dos dois princípios", aliás, lógica numa época em que o homem se encontrava incapaz de, raciocinando, penetrar a essência do Ser Supremo. Como poderiam então compreender que o mal não passa de um estado transitório, do qual pode emanar o bem, conduzindo-os à felicidade pelo sofrimento e auxiliando-lhes o progresso? (203/117). Ora, para compreender como do mal pode resultar o bem, é preciso considerar não uma, porém muitas existências; é necessário aprender o conjunto do qual resultam nítidas as coisas e os respectivos efeitos" (203/118).

**3) "O Duplo Princípio, do bem e do mal,** foi, durante muitos séculos, e sob vários nomes, a base de todas as religiões. Vemo-la sintetizada em Oromase e Arihman, entre os persas; em Jeová e Satã, entre os hebreus. Todavia, como todos os soberanos devem ter ministros, as religiões geralmente admitiram potências secundárias, bons ou maus gênios. Os pagãos lhes deram atribuições para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios" (203/118).

"Segundo a Igreja, Satanás, o chefe ou rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas uma entidade real, praticando exclusivamente o mal, enquanto Deus pratica exclusivamente o bem. Mas, existe Satanás, de toda a eternidade, como Deus, ou ser-lhe-á posterior? Existindo de toda a eternidade, ele seria incriado e, portanto, igual a Deus; mas Deus, por sua vez, deixará de ser o único, pois haverá um Deus do mal. E como tal, só praticando o mal, por incapaz de fazer o bem e tampouco arrepende-se, teria sido Satanás criado por Deus, mas voltado exclusivamente e eternamente ao mal. Tal foi, por muito tempo, a crença nesse sentido" (203/119).

"A doutrina dos demônios, por conseguinte – afirma Kardec – tem origem na antiga crença dos "dois princípios". Compete examiná-la se está de acordo com as noções mais exatas que possuímos hoje dos atributos da Divindade. Estes atributos

são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas: os dogmas, os cultos, as cerimônias, os usos e moral – tudo é relativo à idéia, mais ou menos justa, mais ou menos elevada, que se forma de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo” (203/119).

“As citações seguintes – afirma Kardec – são extraídas da Pastoral de Monsenhor Gousse, Cardeal-Arcebispo de Reime, para a quaresma de 1865. Atento ao mérito pessoal e à posição do autor, podemos considerá-la a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios”:

“Deus não os havia criado perversos e maus. Às qualidades eminentíssimas de sua natureza, juntaram a liberdade de sua graça; em tudo os fizera iguais aos espíritos sublimes da glória e felicidade (203/119). Eles tinham o mesmo fim e idênticos destinos. Foi seu chefe o mais belo dos arcanjos. Eles podiam ter alcançado a conformização de justos para todo o sempre, e serem admitidos no gozo da bem-aventurança dos céus; mas deles se desmereceram por insensata e audaciosa revolta” (203/120).

“Nunca poderiam atribuir a si próprios os títulos dessa glória. Um mediador entre Deus e eles? Que injustiça à sua dignidade! Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a tais pensamentos de inveja e de orgulho. São Miguel e, com ele, muitos clamaram: “Quem é semelhante a Deus?” E o chefe dos rebeldes, porém, esquecido de que a Deus devia a sua nobreza e prerrogativas, raiando pela temeridade, disse: “Sou eu quem subirá; fixarei residência acima dos astros; sentar-me-ei sobre o Monte da Aliança, nos flancos de Aquilão; dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo”. Os que tais sentimentos partilhavam, acolheram essas palavras com murmúrio de aprovação, e partidários houve em todas as hierarquias” (203/121).

Rejeitando aquela “rebelião dos anjos”, Allan Kardec argumentou, em “O Céu e o Inferno”: “Se satã e os demônios eram anjos, e como, sendo perfeitos, puderam falar, a ponto de desconhecem a autoridade de Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda que tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haverem percorrido a escala da perfeição, teríamos nós de conceber um triste retrocesso. Deus quis criar seres perfeitos, porque os favorecera com todos os dons. Mas se enganou; logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível!” (203/121).

“Essa doutrina monstruosa é corroborada por Moisés quando diz, em Gênese VI:68: “Ele se arrependeu de ter criado o homem na Terra e, penetrado da mais íntima dor, disse: “Exterminarei a criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais (...) porque me arrepende de os ter criado”. Ora, um Deus que se arrepende do que fez, não é perfeito nem infalível; portanto, não é Deus! Tampouco se percebe o que poderia haver em comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que também aqueles merecessem tal extermínio.” (203/122).

Uma falsa interpretação do texto de Isaías – Encontramos, em Isaías XIV:11, “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto baqueou por terra; tua cama verterá podridão e em vermes tuas vestimentas. Como caíste do céu, ó Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao romper do dia? Como foste arrojado sobre a Terra, tu que ferias as nações com os teus golpes? E, todavia, foste precipitado dessa glória ao inferno, até o mais profundo abismo”.



“Estas palavras do profeta – esclarece Kardec – não se referem à revolta dos anjos; mas, sim, uma alusão ao orgulho e à queda do rei da Babilônia, que tinha retido os judeus no cativeiro, como atestam os últimos versículos. O rei da Babilônia é alegoricamente designado por Lúcifer, mas não vai aí qualquer menção da cena supracitada” (203/122).

“As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável para um anjo que, por sua natureza e grau distintivo, deve participar quanto à organização do Universo! Como poderia dizer que fixaria a residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens? (203/122). É sempre a velha crença da Terra como centro do universo, do céu formado de nuvens e estendendo-se até às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia mostra disseminadas ao infinito espaço! Emprestar aos anjos uma linguagem tisonada de ignorância, é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios que os anjos” (203/123).

Mas qual foi a sorte desses tais anjos e o que fizeram? “Foram banidos para sempre da celeste mansão e precipitados ao abismo”... E São Paulo diz, expressamente, que “Deus os prendeu às cadeias de torturas infernais, sem que lá estejam contudo perpetuamente, visto como só no Fim do Mundo serão, para sempre, enclausurados com os réprobos”! Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça Divina, contra as almas infelizes que conduziram, outros, em número infinito, formam legiões e residem nas camadas inferiores da atmosfera, percorrendo todo o globo; envolvem-se em tudo que aqui se passa, tomando mesmo parte ativa nos acontecimentos terrenos” (203/126).

“Por essa doutrina – continua Kardec – apenas uma parte dos demônios está no inferno; a outra parte vaga em liberdade, envolvendo-se em tudo o que aqui se passa, dando-se ao prazer de praticar o mal, e isso até o fim do mundo! Por que tal distinção? Serão estes menos culpados? Certo que não! Por que, enquanto o causador principal da primeira falta, o agente provocador goza de tal ou qual distinção e liberdade até o fim do mundo? Como poderia a justiça de Deus ser menos perfeita do que a dos homens?” (203/126).

“Os demônios não passam, portanto, de agentes provocadores e, de antemão, destinados a recrutar almas para o inferno; e isso com a permissão de Deus, que antevia, ao criar as almas, a sorte que as aguardava. Estranhas idéias que nos dão da Providência, de um Deus cujos atributos essenciais são a Justiça e a Bondade Soberanas! E dizer que é em nome d’Aquele que só pregou amor, perdão e caridade, que tais doutrinas são ensinadas! Não! Não pode ser, ou Deus não fora Deus!” (203/127).

“E com semelhantes doutrinas ainda muita gente se admira de que haja incrédulos e ateus? Queriam, desse modo, que os homens fossem melhores, mais justos e mais indulgentes do que o próprio Deus?” (203/131).

**4) De acordo com o Espiritismo, não existem demônios.** “Nem os anjos, nem os demônios são entidades distintas, pois que a criação de seres inteligentes é uma só (203/131). Os espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e,

conseqüentemente, novos gozos, desconhecidos dos espíritos inferiores" (203/130).

"Desde o momento de sua criação, os seres progridem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingindo o apogeu, tornam-se puros espíritos ou anjos, segundo a expressão vulgar. Há espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, conforme a posição em que se achem, na imensa escala do progresso. Em todos os graus existem, portanto, ignorância e sabedoria, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se os espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes, pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios e fazem jus aos ditos atributos. O Espiritismo não lhes dá tal nome, por se prender ele à idéia de uma criação distinta da do gênero humano" (203/132).

"Conforme a doutrina da Igreja, os anjos foram criados bons e se tornaram maus por desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Para o Espiritismo, os demônios são espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados nas bases da escala, hão de nela graduar-se" (203/142).

### **E) Sobre alguns dogmas religiosos ou eclesiásticos**

**1) Sobre a raça adâmica** – Expôs Kardec que "a raça adâmica apresenta todos os características de uma raça proscrita. Os espíritos que a integram, foram exilados na Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, tendo aqueles, por missão, fazerem progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde vieram os espíritos que a compõe, era mais adiantado do que a Terra" (202/231).

**2) Sobre o Dogma do Pecado Original** – "Sem a pré-existência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, como seria também um contra-senso: segundo ela, a alma não existia na época em que lhe pretendem fazer que sua personalidade remonte! Com a pré-existência, o homem traz ao nascer, o germen de suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou qual vício. É esse o verdadeiro pecado original, cujas conseqüências naturalmente sofre, mas sofre as penas de suas faltas, e não as de outrem" (202/232).

"Cada existência lhe oferece meios de redimir, pela reparação, e de progredir, quer despojando-se de algumas imperfeições, quer adquirindo novos conhecimentos. Pelas mesmas razões, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, com o que progrediu intelectualmente traz idéias inatas; identificando o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculos" (202/232).

**3) O Dogma das Penas Futuras** – "A Doutrina dos Espíritos ensina que, desde todas as épocas, o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. Entretanto, a idéia que o homem fez dessa vida futura está em relação com o seu adiantamento, seu senso moral e as noções mais ou menos justas do bem e do mal. Os povos guerreiros fazem consistir a suprema felicidade nas honras conferidas à bravura; os caçadores, na abundância de caça; os sensuais, nas delícias da voluptuosidade. Dominado pela matéria, o homem não pôde compreender senão imperfeitamente a espiritualidade,

imaginando para as penas e gozos futuros, um quadro mais material do que espiritual; afigura-se-lhe que deve comer e beber no outro mundo, porém melhor do que na Terra. Mais tarde, já se encontra, nas crenças sobre a vida futura, um misto de espiritualismo e materialismo: a beatitude contemplativa concorrendo com o inferno das torturas físicas" (230/40).

"Não podendo compreender senão o que vê, o homem primitivo naturalmente moldou o seu futuro pelo presente. Também o quadro por ele ideado sobre as penas futuras não é senão o reflexo dos males da humanidade, em mais vastas proporções. Nos climas abrasadores, imaginou-se um inferno de fogo, e, nas regiões boreais, um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido, não podia conceber senão penas materiais; e assim, com pequenas diferenças de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham" (203/41).

"O Espiritismo não nega, antes confirma a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado, com suas fornalhas e penas irremissíveis (203/65). Na realidade, não há para o Espírito mais do que duas alternativas, a saber: a punição temporária e proporcional à culpa, ou recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, a da eterna condenação. O inferno se reduz a figura simbólica dos maiores sofrimentos, cujo termo é desconhecido (203/66). Não nega, outrossim, o purgatório, pois prova que nele nos achamos, pois o define precisamente; e, explicando a causa das misérias humanas, conduz à crença aqueles mesmos que o negam" (203/65).

**3,1) A crença ao inferno** – "Expressa-se a letra do Evangelho do seguinte modo: Jesus desceu aos infernos, isto é, aos lugares baixos, para deles tirar as almas dos justos que lhe aguardavam a vinda. Os infernos não eram, portanto, lugares unicamente para suplícios, mas, tal como para os pagãos, eram lugares baixos" (203/43).

**Localização do Inferno** – "Todavia, localizando o céu e o inferno, as seitas cristãs foram levadas a não admitir, para as almas, senão duas situações extremas: a felicidade perfeita, ou o sofrimento absoluto: o purgatório é apenas uma posição intermediária e passageira. Dada à crença na sorte definitiva da alma após a morte, outra não poderia ser a hipótese: se não há mais de suas habitações, a dos eleitos e a dos condenados, não se pode admitir muitos graus para cada uma delas, sem se admitir que há progresso da alma. Ora, se há progresso da alma, depois da morte, não há sorte definitiva; mas se há sorte definitiva, não haverá progresso. Jesus resolveu a questão, quando disse: "Há muitas moradas na casa do meu Pai" (203/44).

**Onde, então ficaria esse inferno?** "Alguns doutores o têm colocado nas entranhas mesmas do nosso globo; outros, não sabemos em que planeta etc. Os teólogos mais circunspectos não se atrevem a descrever os horrores dessa morada, limitando-se a no-la mostrarem com premissas do pouco que dela fala a Escritura" (203/43). Santo Agostinho não concorda em que esses tormentos físicos sejam apenas reflexos dos sofrimentos morais; ele vê ali um verdadeiro lago de enxofre, vermes de verdadeiras serpentes, saciando-se nos corpos, causando suas picadas com as do fogo. Os condenados, vítimas sacrificadas e sempre vivas, sentirão a tortura desse fogo, que queima sem destruir, penetrando-lhe a pele, serão dele

embebidos e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos, na pupila dos olhos, nas mais recônditas e sensíveis fibras do seu ser. A cratera de um vulcão. se aí pudesse submergir, ser-lhe-ia um lugar de refrigério e repouso” (203/54).

“Incontestavelmente – afirma Kardec – há hoje, no seio da Igreja, muitos homens sensatos que não admitem essas coisas à risca, vendo nelas antes simples alegorias, cujo sentido convém interpretar. Essas opiniões, no entanto, são individuais e não fazem lei, continuando a crença no inferno material, com suas conseqüências, a constituir um artigo da fé católica” (203/60).

E, no livro “Ação e Reação”, o espírito André Luis descreveu a Lei da Causalidade, ou Lei da Causa e Efeito, com todas as suas conseqüências inevitáveis, mostrando que “o inferno exterior nada mais é do que o reflexo de nós mesmos” (213/09).

No livro “Gênese”, Allan Kardec escreveu que “se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infringidas por única falta – a dos suplícios do inferno... A mesma razão inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que tudo leva em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende, constantemente, a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo (202/30)”. E, em “O Céu e o Inferno”, ele declara, também, que, pelo dogma do inferno, a sorte fica fixada irrevogavelmente depois da morte, é como um travão definitivo aplicado ao progresso: “Ora, a alma progride ou não? Se progride, a eternidade das penas é impossível” (203/77).

**Para o Espiritismo**, "o inferno – como lugar circunscrito a um espaço e por toda a eternidade – não existe; é um estado da consciência, de sofrimento íntimo, de desequilíbrio da alma após a morte do corpo; está dentro de cada um dos culpados. Em “Ação e Reação”, o espírito André Luis ensina que “a morte do veículo carnal não exprime libertação. Em pleno caminho da espiritualidade, você se identifica com as escuras reminiscências que permanecem longe, no tempo: o lar, a família, os compromissos imperfeitamente solucionados” (213/32).

E da justiça ninguém fugirá, mesmo porque nossa consciência, em acordando para a santidade da vida, aspira resgatar dignamente todos os débitos de que se onerou perante a bondade de Deus. Assim é que, se claudicamos nessa ou naquela experiência, indispensável à conquista da luz, que o Supremo Senhor nos reserva, necessário é que nos adaptemos à justa recapitulação das experiências frustradas, utilizando o patrimônio do tempo” (213/93).

### 3.2. Os Limbos

Segundo Kardec, é verdade que a Igreja admite uma posição especial em casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, sem fazer mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno; mas, também, não tendo feito o bem, não lhes assiste o direito à felicidade suprema. Ficam no limbo – diz-nos a Igreja – nessa situação jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança. O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais (...) A simples lógica repele tal doutrina em nome da Justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: “A cada um segundo às suas obras” (203/44). Obras sim,

boas ou más, porém praticadas voluntária e deliberadamente, únicas que comportam responsabilidade. Neste caso não podem estar a criança nem o selvagem, e tampouco aquele que não foi esclarecido" (203/45).

### **3.3. O Céu ou Paraíso**

A palavra "céu", orienta Allan Kardec, em "O Céu e o Inferno", "designa espaço indefinido que circunda a Terra e, mais precisamente, a parte que está acima do nosso horizonte; ela vem do latim "coelum", formada do grego "coilos", côncavo, porque o céu parece uma imensa cavidade. Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a terra por centro; fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos degraus da bem-aventurança; o último deles era o abrigo da Suprema Felicidade. Segundo a opinião comum, havia sete céus, e daí a expressão "estar no sétimo céu", para exprimir a perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais aumenta a felicidade dos crentes" (203/27).

"A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é a região do ar e das nuvens; o segundo é o do espaço em que ficam as estrelas; o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que o contemplam face a face. É conforme esta crença que se diz que São Paulo foi alçado ao terceiro céu. Porém as diferentes doutrinas relativamente ao paraíso repousam todas no duplo erro de considerar a Terra como centro do universo, e o de ser limitada a região dos astros" (203/28).

**A Ciência Desmistifica os Céus** – "A ciência, com a lógica inexorável das observações e dos fatos, mostrou a nulidade de todas essas teorias: a Terra não é mais o eixo do universo, porém um dos menores astros que rolam na imensidão; o próprio Sol não é mais do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sóis, em torno das quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora se nos afigure tocarem-se. Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas, a Terra não é mais do que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade. E, assim sendo, é lícito perguntar por quê Deus faria a Terra a única sede da vida e nela degredaria as suas criaturas prediletas? Ao contrário, tudo anuncia a vida por toda a parte, e a humanidade é infinita como o universo. Revelando-nos a ciência mundos semelhantes ao nosso, parece-nos que Deus não podia tê-los criado sem intuítos; antes, deve tê-los povoado de seres capazes de os governar" (203/28).

### **3.4. A Crença no Purgatório**

"O Evangelho não faz menção ao purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano 592. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme à justiça de Deus, do que o inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis. Sem o purgatório, só há para a alma duas alternativas extremas: a suprema felicidade ou o supremo suplício. Nessa hipótese, porém, o que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas?" (203/62).

"Entretanto, necessariamente, a noção de purgatório deveria ser incompleta, porque conhecendo apenas a penalidade de fogo, fizeram dele um inferno menos tenebroso, visto que aí também as almas ardem, embora em fogo mais brando; mas

sendo o dogma das penas eternas incompatível com o do progresso das almas, as almas do purgatório não se livram dele por efeito do seu próprio adiantamento, mas em virtude das preces que se dizem ou se mandam dizer em sua intenção" (203/62).

"Porém, se foi bom o primeiro pensamento, outro tanto não aconteceu quanto às conseqüências dele decorrentes, pelos abusos que originaram. As preces pagas (isto é, remuneradas) transformam o purgatório em mina mais rendosa do que o inferno. E o purgatório originou o comércio escandaloso das indulgências, por intermédio das quais se vende a entrada do céu. Este abuso foi a causa primária da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório" (203/63).

"Onde se situa o purgatório? Jamais foram determinadas e definidas claramente o lugar do purgatório e a natureza das penas ali sofridas. À Nova Revelação estava reservado o preenchimento desta lacuna, explicando-nos a causa das misérias terrenas da vida, das quais só a pluralidade das existências poderia mostrar-nos a justiça. Essas misérias decorrem, necessariamente, das imperfeições da alma, pois se esta fosse perfeita, não cometeria faltas nem teria de sofrer-lhes as conseqüências. O mais das vezes, o homem é desgraçado por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando agora não somente faltas atuais, como também as anteriores, não resgatadas" (203/63).

"O Espiritismo não nega, pois, a existência do purgatório, antes a confirma: é aqui na Terra mesmo. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais longo tempo sofrerá, quanto mais imperfeito for; da mesma forma que, tanto mais tempo persistirá uma enfermidade, quanto maior for a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto for orgulhoso, o homem sofrerá as conseqüências do orgulho; enquanto for egoísta, as do egoísmo. Devido às suas imperfeições, o Espírito sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a reencarnação" (203/64).

Entretanto, submetido à lei do progresso, em virtude de suas aptidões para o mesmo, não progridem as almas contra sua vontade! Deus lhes oferece constantemente os meios, porém com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório, não haveria mérito; e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégios; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio. Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando – como os demais – pela rota comum (203/64).

**A necessidade da encarnação dos Espíritos** – "A encarnação é necessária ao duplo progresso, moral e intelectual, do espírito (...) A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a sinceridade, a fraqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia – tudo, em uma palavra, o que constitui o homem de bem ou o perverso, tem um móvel, por alvo e estímulo, as relações dos homens com seus semelhantes. Para o homem que vivesse insulado, não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal, pelo insulamento, o bem de si mesmo se anularia" (203/31).

**A Pluralidade das Existências** – "Todavia, uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e para eliminar todo o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação, nivelar-se, intelectual e moralmente, aos mais adiantados europeus?"

É materialmente impossível! Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbárie, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades lhe pode proporcionar? O simples bom-senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e bondade Divina, mas das próprias leis evolutivas e progressivas da Natureza. Mas Deus, soberanamente justo e bom, concede aos espíritos tantas encarnações quantas forem necessárias para atingirem o seu objetivo e perfeição" (203/32).

"É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja de suas imperfeições; que purga, em uma palavra, até que esteja bastante puro para deixar os mundos de expiação, como a Terra. O livramento, porém, não se dá por conclusão do tempo, nem por méritos alheios, mas pelos próprios méritos de cada um, consoante estas palavras de Cristo: "a cada um segundo as suas obras", palavras que resumem inteiramente a justiça de Deus!" (203/64).

\*\*\*\*\*

## **2.4.0. Pesquisas Científicas à Procura da Alma**

### **2.4.1. Existe, no Universo, um princípio Espiritual?**

#### **A) Existe a Alma?**

Serão a inteligência e o senso moral resultantes das manifestações da matéria inerte? Ou serão provenientes de algo fora da matéria? Existirá a alma humana, ou não passa tudo isso de elucubrações?

Compete à Filosofia tirar conclusões, partindo de dados e experiências concretas. A Filosofia Espiritualista já mostrou, suficientemente, que nem tudo acaba com a morte física; que a existência de um princípio inteligente e espiritual, é uma verdade axiomática, que se afirma pelos seus efeitos; que a existência do princípio espiritual é um corolário da existência de Deus, pois não se poderia conceber a existência da Divindade Suprema do Universo a reinar, pela eternidade afora, exclusivamente sobre a matéria inerte.

#### **B) Esse Princípio Espiritual Sobreviveria à morte?**

A ciência materialista afirma que a morte aniquila a consciência humana, porque o pensamento e a inteligência não passam de uma "sudorese cerebral".

A Filosofia dos Espíritos orienta que "não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao "nada" após alguns dias de sofrimento sem compensação; a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinida de seres que nascem, sem que o hajam pedido, pensam por alguns instantes, apenas para conhecer a dor, a se extinguirem para sempre, ao cabo de efêmera existência. Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam – por parte de Deus – uma crueldade sem objetivos" (202/207).

#### **C) Individualidade do ser pensante**

"A Filosofia Espírita prova a existência, sobrevivência e individualidade da alma, ou ser pensante, depois da morte do corpo físico. Estes postulados têm, no Espiritualismo, a sua demonstração teórica e dogmática, e no Espiritismo a sua demonstração

positiva, nas suas manifestações” (199/17). “Para o Espiritismo, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que é muito para fixar a idéia sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que lhe são caros repousa sobre alguma coisa real; não se apresentam mais como chamadas fugitivas, que nada falam ao pensamento; porém, sob uma forma concreta, que antes no-las mostram como seres vivos” (20/26).

Também o filósofo e pesquisador Arthur Conan Doyle, no seu livro “A Nova Revelação”, publicado em 1918, já argumentava que “se lá, no além, não tivéssemos corpo semelhante ao que aqui temos; se nada conservássemos do caráter que aqui nos individualiza – como desejariam aqueles críticos – então nos extinguiríamos” (99/99).

A Metapsíquica (que agora se chama Parapsicologia), as fotografias da aura e a dos espíritos, as experiências de “quase-morte”, a terapia da regressão, a transcomunicação, o Espiricom, o Vidicom, o Áudio-Vidicom e as transcomunicações mediúnicas nos provam a existência da alma, sua sobrevivência e individualidade após a morte. Todavia, como demonstrá-la cientificamente?

#### **D) A Psiquê Humana**

A palavra “psiquê” vem do grego (“psykê”, espírito, sopro de vida, alma); entretanto, em diversas ocasiões, o termo é empregado também em sentido figurado, para indicar “princípio da vida, princípio da vida psíquica”.

De acordo com o “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais”, os modernos psicólogos preferem usar o termo “psiquê” em vez de “alma ou espírito”, o qual, para alguns, inclui apenas os fenômenos conscientes, ao passo que, para outros, compreende esses dois princípios e mais os orgânicos e vitais (174/1070).

#### **E) Psicologia, a Ciência que Estuda a Alma**

“Etimologicamente falando – diz o dr. Joseph Rhine, o pai da Parapsicologia moderna – a Psicologia era conhecida como o estudo do Psiquismo Humano, a alma em suas conceituações filosóficas; mas, atualmente, a definição mais aceita de Psicologia é aquela que diz ser ela “a ciência que estuda os fenômenos psíquicos e as leis que os regulam” (169/11).

Ora, como as atividades – conscientes e inconscientes – do Psiquismo abrangem suas atividades durante a vida e depois dela, a Psicologia tanto se interessa pela vida quanto pela “morte”.

\*\*\*\*\*

### **2.4.2. – Noções de Magnetismo e Hipnotismo – Karl Weissmann**

#### **A) O que é o Magnetismo?**

Em seu livro “O Hipnotismo”, o Dr. Karl Weissmann mostra que magnetismo é o nome comum às propriedades características dos campos e das substâncias magnéticas, e que, muitas vezes, é usado como sinônimo de fascinação e de encantamento. A prática do magnetismo é sabidamente velha, como a própria humanidade, como provam os achados arqueológicos; entretanto, na sua origem, o magnetismo ou hipnotismo aparece envolto em um manto de mistérios e de superstições. Seus



praticantes se diziam instrumentos da vontade dos céus, enviados diretos de Deus ou de Satanás; e eram considerados feiticeiros e bruxas, e suas curas eram levadas invariavelmente à conta de milagres (189/10).

### **B) Antigos casos de Magnetismo**

Para Weismann, já os gregos realizavam peregrinações a Epidaurus, onde os peregrinos eram submetidos à hipnose pelos sacerdotes de Ísis; em estado de transe, a sacerdotisa manifestava o dom da clarividência; e, quando hipnotizada, revelava aos faraós fatos distantes ou ainda para acontecer.

Entre os grandes homens, sábios, filósofos e líderes religiosos que, mais tarde, se destacaram no campo do Hipnotismo, podemos lembrar: Avicena, no século X; Paracelso, no século XVI; Middleton e muitos outros (189/11). Entretanto, somente em meados do século XVI, o Hipnotismo tomou rumos científicos.

"O Padre Gassner – realizava espetaculares curas em dezenas de milhares de pessoas; entretanto, naquela época, era crença comum de que os doentes eram simplesmente possuídos pelo demônio. Para assegurar a aprovação da Igreja, o padre explicava o seu método de curas como sendo um processo de exorcismo; e os que se sentiam “com o diabo no corpo”, vinham ao padre para que ele o expulsasse: o padre falava em Latim, a paciente pronunciava numa língua que normalmente lhe era desconhecida; e, sem perceber vestígios de pulsação ou respiração, o padre declarava morta a jovem; mas bastava uma ordem do padre, para que a paciente retornasse, gradativamente, à vida; e agora, com o demônio expulso do seu corpo, a moça se sentia nascida de novo" (189/12).

Franz Anton Mesmer – "Foi um estudioso de Astrologia, que deu começo ao Hipnotismo Científico. Entretanto, ao invés de responsabilizar o demônio pela enfermidade, ele responsabilizava os astros. Para ele, os fluidos invisíveis, emanados dos astros, povoavam os organismos; a doença era a freqüência irregular dos fluidos astrais, e a cura dependia da regulagem desses fluidos. Ao entrar em crise, em contato com a corrente elétrica, o paciente tinha que sofrer convulsões, sem o que não seria curado. Mesmer passou a usar o imã, tocando os pacientes com uma vara de metal, para provocar-lhe as convulsões terapêuticas; mais tarde, ele descobriu que a mesma crise poderia ser provocada pela simples imposição das mãos ou de passes magnéticos aplicados no doente. Por fim, ele recorreu à magnetização indireta, sem tocar no paciente: cerca de 30 ou 40 pacientes sentavam-se em torno de uma tina circular, que continha garrafa com água magnetizada" (189/15).

Não obstante as demonstrações bem sucedidas, as idéias de Mesmer não eram bem recebidas pelos círculos médicos de Viena: intimado pelas autoridades a descartar-se de seus métodos terapêuticos extravagantes, Mesmer desgostou-se e mudou-se para Paris; mas, também em Paris, mais uma vez, a medicina ortodoxa moveu contra ele um processo de perseguição: em 1784, Luis XVI, instigado pela classe médica, de certo modo despeitada, nomeou uma Comissão de Sábios para investigar a natureza dos fenômenos mesmerianos. Ocorreu que, no ano anterior, Mesmer havia solicitado à Academia Francesa que investigasse, cientificamente, o fenômeno, e isso foi indeferido. Indignado com essa falta de atenção, Mesmer agora se recusa a submeter-se à prova daquela Comissão (189/18).

Os membros da Comissão se limitaram a presenciar as demonstrações realizadas pelos seus alunos: enfiaram suas próprias mãos na tina e, como o banho magnético não lhes provocou os efeitos esperados (nada de crise, nada de convulsão, nada de fluidos invisíveis, nada de anormal), saíram incólumes às experiências (hoje nós os chamaríamos de insuscetíveis). Não obstante o êxito obtido em centenas de pessoas, tudo era classificado taxativamente de fraude, de farsa, de embuste (189/18).

O Marquês de Puységur – "Entre os diversos discípulos de Mesmer, destacamos o marquês. Ele continuava a empregar os métodos do mestre, até o dia em que, por mera casualidade, magnetizou um jovem camponês, Chamado Vitor, que sofria de uma afecção pulmonar. Verificou que o expediente magnético podia produzir um estado de sono e de repouso; dormindo, Vitor movia os lábios e falava mais inteligentemente do que em estado normal. Ele mesmo chegou a indicar um tratamento para sua própria enfermidade, tratamento esse que obteve pleno êxito. O marquês descobriu que, nesse estado, Vitor parecia produzir pensamentos alheios, muito superiores à sua cultura rudimentar. No mais, o paciente se conduzia como um sonâmbulo; por isso, a esse fenômeno, ele chamou de "sonambulismo artificial" (189/19). Embora continuasse dando passes magnéticos, ao mesmo tempo em que a sugestão, para conduzir o paciente em transe, ele deu um grande impulso ao hipnotismo; e, em muitos "sujets", o marquês observou fenômenos telepáticos e clarividentes" (189/20).

"Alexander Bertrand era mesmerista, já em 1820, mas apontava o estado hipnótico como uma coisa psicológica; para ele, tudo era atribuído a uma sugestão aplicada ao "sujet": este simplesmente dorme porque pensa em dormir, e acorda porque pensa em acordar. Os historiadores da Psicologia consideram Bertrand como o ponto de transição entre o Magnetismo e o Hipnotismo" (189/30).

O Abade Faria – "No mesmo ano em que morreu Mesmer (1815) apareceu, em Paris, um monge português que havia travado relacionamento com o hipnotismo e recebido grandes estímulos do marquês. Ele foi o primeiro a lançar a doutrina da sugestão e mostrar que a hipnose não é sinônimo de sono. Para ele, a hipnose se produzia exclusivamente em função do "sujet", o transe estava no próprio "sujet" e não era devido a nenhuma influência magnética do hipnotizador; tudo era uma sugestão psicológica, ou pouco mais" (189/22).

Entretanto, explicando a verdade do Hipnotismo, o padre Faria não escapou às perseguições maliciosas de seus contemporâneos. Seus inimigos recorreram a um dos expedientes mais estúpidos: "contrataram um ator para simular a hipnose e, na hora oportuna, abrir os olhos e gritar: "Embuste, embuste"! Embora muito irracional, esse golpe não deixou de surtir efeitos (189/22).

"O Dr. Elliotson foi um dos derradeiros expoentes do magnetismo. Eminentemente médico inglês e uma das figuras mais eminentes da história médica britânica, ele foi o primeiro a usar a hipnose no tratamento da histeria; introduziu o "sono magnético" na prática hospitalar, tanto para fins cirúrgicos, como para expedientes psiquiátricos. Entretanto, os métodos pouco ortodoxos do Dr. Elliotson não tardaram em criar uma onda de oposição; e o Conselho da Universidade acabou por proibir o uso do mesmerismo naquele Hospital".

"James Esdaille foi outro adepto do Mesmerismo. A ciência ordodoxa, porém, levantou-se também contra ele; e seus pacientes, que sofriam as mais diversas intervenções cirúrgicas, inclusive amputação sob o sono magnético, eram apontados como "um grupo de endurecidos e renitentes impostores" (189/25). Em Calcutá, ele realizou milhares de intervenções cirúrgicas, usando apenas os efeitos da anestesia hipnótica, porque o éter e o clorofórmio ainda não eram conhecidos como anestésicos" (189/26).

Uma testemunha descreve como Esdaille extirpou um olho do paciente, enquanto o paciente acompanhava, com o outro olho, o andamento da operação, sem pestanejar. Os fatos eram esmagadores. Contudo, o Calcutta College moveu-lhe uma insidiosa campanha de desmoralização: a anestesia hipnótica não valia como prova de coisa alguma. E os médicos faziam circular a notícia de que os pacientes haviam sido comprados para simular ausência de dor" (189/26).

### **C) O Hipnotismo se torna Ciência**

Por fim, o hipnotismo se torna uma ciência; uma ciência verdadeira e não uma prática mágica ou supersticiosa. A palavra hipnotismo (do grego "hipnose", sono) é um termo geralmente usado para indicar a prática que consiste em provocar os fenômenos de hipnose. Os Dicionários especializados definem a hipnose como: "a) um estado provocado artificialmente, que muito se assemelha ao sono, mas que é fisiologicamente diferente; b) ela se caracteriza pelo aumento da sensibilidade, graças à qual pode provocar certas anomalias sensoriais e manifestações que não se realizariam em estado normal" (174.712).

### **D) Caminhos percorridos pelo Hipnotismo**

"O Dr. James Braid – continua Karl Weismann – apareceu por volta de 1841, e marcou o fim do magnetismo animal; a partir dele, a ciência passaria a chamar-se "Hipnotismo". Ele era um céptico desses que, desde que se lhe dê uma base científica, está propenso à conversão. Segundo ele, a primeira demonstração não o convenceu; no entanto, sua curiosidade levou-o a assistir a uma segunda; e, na segunda, ele aceitou o fenômeno como verdadeiro, mas não aceitou a teoria. Para merecer a atenção de um cientista, o fenômeno tinha de ser de origem provavelmente física; para não incorrer na pecha de charlatanismo, tinha ele de encontrar a causa física para o fenômeno. Conforme seus biógrafos, Braid era um cientista, e nada faria dele suspeitar qualquer espírito de charlatão" (189/27).

O que ele procurou demonstrar foi o fato de que o transe se assemelha a um estado de sono, que podia ser induzido por um agente físico. E, apesar de sua índole anticharlatanesca, Braid não escapou às campanhas maliciosas da classe médica (189/29).

"O Dr. Liébeault, em 1864, leu um exemplar da obra de Braid. Já conhecia noções de magnetismo, quando ainda era estudante de medicina. Agora, ele se encontrava em Nancy, que se tornaria a Capital do Hipnotismo, e onde se dedicou, mais de vinte anos, à hipnoterapia (189/30). Em seu trabalho, Liébeault havia ressaltado a influência do psiquismo sobre o físico. Porém o psiquismo ainda era uma coisa misteriosa, e a alma humana era praticamente inexplorada. Ele não foi molestado, pelos colegas provavelmente por ser indiscreto, ser pobre e não aceitar dinheiro dos pacientes,

quando os tratava hipnoticamente. Ele dizia sempre aos seus clientes: “se desejais que vos trate com drogas, eu o farei, mas tereis que me pagar como antes; entretanto, se me permitis que vos hipnotize, farei o trabalho de graça” (189/32).

“Hippolite Berheim foi um expoente da medicina na França, e era um homem de reputação ilibada. A princípio, contrário ao Hipnotismo, em 1821 resolveu visitar Liébeault, em Nancy – presumivelmente para desmascará-lo como charlatão. Entretanto, ele mesmo havia tratado, durante seis meses, de um caso ciático, fracassando; esse caso foi curado posteriormente por Liébeault. E o eminente clínico, que viera com propósitos hostis e como céptico, logo se convenceu da autenticidade do modesto médico rural”. Ele foi o primeiro a vislumbrar a hipótese de que a sugestionabilidade não era apanágio dos doentes, pois não se limitava a indivíduos histéricos” (189/33).

“Jean Martin Charcot – Concomitantemente com a Escola de Nancy (de Liébeault e Berheim) e independentemente uma da outra, havia, em Paris, no Hospital Salpêtrière, a chamada “Escola do Grande Hipnotismo”, chefiada por um neurologista de grande prestígio, o professor Charcot” (189/33).

Ele só trabalhava com histéricos e histero-epiléticos, acreditando que somente os histéricos podiam ser hipnotizados, não passando o estado hipnótico de um estado de histeria. Ele formulou a teoria dos três estágios: a letargia, a catalepsia e o sonambulismo. Ele convenceu seus discípulos de que, aplicando um ímã em um determinado membro do “sujet”, esse membro se paralisaria (189/34).

### **E) A Magnoterapia**

“Na Rússia, Simeón Kirlian e sua esposa, Valentina Kirlian, conseguiram fotografar a aura dos seres vivos. Para isso, utilizaram uma máquina fotográfica aperfeiçoada, com uma técnica própria do casal; ao todo, tiraram catorze patentes de invenções (186/24). O que a “Câmara de Kirlian” registra é a aura, isto é, o reflexo que ondas de alta frequência causam, quando incidem sobre qualquer forma de vida física, sejam plantas, animais ou minerais. Afirma Mário Tamassia: “diríamos que isso é a fotografia da alma também, porquanto quaisquer modificações no estado psicológico do ser, na alma do indivíduo, imediatamente se reflete na intensidade e na cor da aura. Logo, indiretamente, é como se, olhando para a aura de um indivíduo, disséssemos estar vendo a sua própria alma” (186/26).

Ensina Tamassia: a Efluvioscopia não é a mesma coisa que a fotografia. E a operação de Kirlian é chamada de Efluviografia. Foi o engenheiro Hernani Guimarães de Andrade, de Belo Horizonte, quem conseguiu, no Brasil, tirar efluviografia colorida (186/25).

A Magnoterapia e o Exército Russo – Por volta de 1938, cirurgiões do exército russo e neurologistas do Instituto Médico de Perm, usaram campos magnéticos para aliviar dores nevrálgicas insuportáveis de soldados, cujos membros tinham sido amputados. Ali já começava a se inferir que as forças magnéticas atuam decisivamente nas propriedades dos seres vivos. Na Universidade de Rostov, eles verificaram que, em um campo magnético forte, o “paramécium” muda completamente o seu comportamento; também plantas submetidas à ação magnética – verificando-se que

crecem mais rapidamente e aceleram os fenômenos da fotossíntese, desde que submetidas a cargas magnéticas (186/20).

Efeitos da Magnetoterapia – Os soviéticos acreditam que, no futuro, através do Magnetismo, poderá o governo evitar o pânico das massas ou, pelo menos, atenuá-lo. Foi como resultado desses ensaios que apareceu a chamada bioritmologia (186/22). E, numa revista italiana “Metapsichica”, a cientista soviética – Bárbara Ivánova – confessa ter chegado à conclusão de que as curas, através de passes magnéticos, são uma estupenda realidade; e que ela mesma os pratica com grande êxito (186/23).

\*\*\*\*\*

### 2.4.3. Ocultismo Científico e Metapsíquica

#### A) “Fatos Espíritas”, por William Crookes, 1874

Oscar D’Argonnel, no prefácio da obra “Fatos Espíritas”, afirma ter em vista somente torná-los conhecidos, examinados rigorosamente à luz da ciência, por um dos mais eminentes sábios do século (pág. 09). Na sua opinião, os fenômenos espíritas têm sido objeto de atenção de nomes mais ilustres do mundo como William Crookes, Elliotson, Lodge, Challis, Wallace, Verley, Lombroso, Zöllner, Carl de Prel, Charles Richet, Aksakof, Rochas e muitos outros. São os mais distintos físicos, químicos, matemáticos, astrônomos, fisiologistas, criminalistas etc., os homens que atestam a realidade dos fatos do Espiritismo. Essa atestação é um golpe mortal vibrado contra a escola materialista, porque a existência da alma é hoje, graças ao Espiritismo, uma verdade científica. Atualmente, os sábios dizem que a alma existe, porque a vêem e a tocam, conversam com ela e lhe tiram o retrato; a prova científica da existência da alma e das suas comunicações conosco é o legado mais brilhante que o presente século vai deixar ao vindouro (pág. 10).

No texto, William Crookes escreveu: “essas conclusões foram feitas entre os anos 1870 – 1873 e publicadas, pela primeira vez, no *Quartely Journal of Science*, de janeiro de 1874. Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos mais enraizados pontos do credo científico (...) que, mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu espírito: entre a minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho dos meus sentidos – da vista e do tato, testemunhos corroborados pelo sentido de todas as pessoas presentes – que me diziam não serem testemunhas mentirosas, visto que elas depõem contra as minhas idéias preconcebidas (pág. 21).

“Mas, tendo-me assegurado da sua realidade, seria uma covardia moral negar-lhe o meu testemunho, só porque as minhas publicações precedentes foram ridicularizadas por críticos e outras pessoas que nada, em absoluto, conhecem do assunto (pág. 25). As centenas de fatos que me preparo para atestar, para serem imitados pelos meios físicos ou mecânicos conhecidos, desafiariam a habilidade de Houdine, de um Bosco ou de um Anderson” (pág. 27).

E Crookes descreve suas experiências diversas: 1) movimento de corpos pesados, com contato, mas sem esforço mecânico; 2) fenômenos de percussão e outros da

mesma natureza; 3) movimentos de objetos pesados, colocados a certa distância do médium; 4) elevação de corpos humanos; 5) movimento de diversos objetos, sem contato; 6) aparições luminosas; 7) escrita direta; 8) figuras e formas de fantasmas etc. Ali, ele descreve pancadas, estalidos, sons, dando respostas a perguntas feitas por ele. Mesas e cadeiras elevadas do chão, sem que ninguém seja visto a movê-las; pelo menos cem casos de elevação do sr. Home, na presença de muitas pessoas; ouvir tocar ou flutuar uma harmônica, enquanto tocava o tempo todo; aparição de corpos sólidos, luminosos, elevando-se no ar e baixando novamente; uma comunicação alfabética, por meio de clarões luminosos que se produziam no ar; pequena mão se elevando acima da mesa, para pegar uma flor e trazê-la ao pesquisador; palavras e comunicações escritas em papel marcado com o seu sinete particular; cortinas de uma janela se agitando, com uma figura semelhante à forma humana; um fantasma tocando uma harmônica.

### **B) Provas Científicas do Espiritismo**

Em 1880, Epes Sargent escreveu o livro “Bases Científicas do Espiritismo”, no qual revela importantíssimas pesquisas experimentais, feitas sobre a clarividência e a escrita direta (pág. 29). Apresenta provas científicas do sonambulismo provocado (pág. 100); descreve inúmeras comunicações espirituais, inclusive um em que Swedenberg previu sua própria morte (pág. 252). Descreve os diferentes estados mentais (pág. 279) e, finalmente, junta provas sobre a realidade do mundo invisível (pág. 303).

“**Provas Científicas da Sobrevivência**” foi o título do livro do dr. J. F. Friederich Zöllner, professor de Astronomia e Física em Leipzig, na Alemanha, em 1881. O prefaciador João Teixeira de Paula informa que Zöllner foi membro da Real Sociedade de Astronomia de Londres, e membro correspondente da Real Sociedade Saxônica de Ciências. “O livro não se apóia em argumentos teológicos, nem em textos sagrados, é um livro de ciência, relatando experiências científicas, realizadas por homens que são expoentes máximos da ciência positiva, respeitados e estudados em todas as Universidades do mundo”.

No texto, Zöllner fala sobre o espaço em quatro dimensões (pág. 27); sobre as experiências científicas de magnetismo (pág. 41); sobre as experiências com a impressão de pés e de mãos (pág. 59); sobre experiências de nós em corda sem ponta (pág. 75); e sobre a escrita através da mesa (pág. 148).

**A Fundação da Sociedade de Pesquisas Psíquicas**, em 1882 – Soal e Bateman, em “Telepatia”, ensinam que foi em 1882, na Inglaterra, que se fundou a SPR (80/21); que a Sociedade, como um todo, não tem um ponto de vista oficial, no que diz respeito aos fenômenos paranormais; que cada um de seus membros pode fazer suas observações pessoais e tirar as próprias conclusões; mas que não podem afirmar que esta ou aquela afirmação representa a opinião social da Sociedade (80/21).

### **C) “Por que Creio na Imortalidade da Alma”, Lodge, 1887**

No livro “Por que Creio na Imortalidade da Alma”, Sir Oliver Lodge informa que, em 1883, ficou certo de que o espírito pode agir independentemente dos órgãos corporais – mediante o relatório que sir William Barret apresenta à British Association, em 1876 (pág. 13). Para ele, encontramos seres cujas faculdades receptivas ou telepáticas são particularmente desenvolvidas; são os chamados médiuns (pág. 27).

Tais fatos – afirma Lodge – ocorrem, muitas vezes, sob a forma de visão ou de aparição de fantasmas; também fora esta a conclusão a que chegaram Myer e Curneu, no livro “Phantasmas of the Living” (Fantasmas dos Vivos”), publicado em 1886 (pág. 14).

De acordo com Lodge, Wallace citava Kant, quando afirmou que “a possibilidade de comunicação entre os espíritos puros e os espíritos revestidos do seu envoltório carnal depende do estabelecimento de uma ligação entre as idéias abstratas e espirituais e as imagens da mesma espécie. Assim, as almas dos mortos são suscetíveis de atuar sobre uma alma que pertence, como eles, a uma grande coletividade espiritual” (pág. 15); e que, em “Human Personality”, Myer afirmava que “o cérebro humano é, em última análise, um arranjo material, especialmente adaptado para ser manipulado por um espírito” (pág. 75).

Para Lodge, “o corpo humano, que vemos e tocamos, não é nunca o corpo inteiro; ele deve possuir uma contraparte etérea e verdadeiramente animada; a vida e o espírito não estão nunca associados à matéria, e não pode agir senão indiretamente por suas conexões com um vínculo etéreo, que é o seu real instrumento. Possuímos um corpo etéreo, independentemente de todo o acidente que possa acontecer ao conjunto de matéria associada; e continuamos a possuir esse corpo etéreo depois do desaparecimento do corpo” (pág.09).

Segundo Sir Oliver Lodge, “os argumentos em favor da sobrevivência humana, isto é, de que a morte é um acontecimento que diz respeito ao corpo, são tão velhos quanto o mundo (pág. 01); é indiscutível que a alma é imortal e imperecível, e – conforme disse Platão, em Fedon – nossas almas viverão efetivamente em outros mundos” (pág. 65).

#### **D) O Relatório da Comissão de Sábios, Milão, 1892**

Relatório da Comissão de Sábios, que se reuniram em Milão, em 1892, para estudar os fenômenos psíquicos: Tomando em consideração o testemunho do prof. César Lombroso, sobre os fenômenos mediúnicos que se produziram por intermédio da Sr<sup>a</sup> Eusápia Paladino, os abaixo-assinados se reuniram naquela cidade, “para fazer, com ela, uma série de estudos tendentes a verificar esses fenômenos, submetendo-a a experiências e observações tão rigorosas quanto possíveis” (91/96).

No livro “Fatos Espíritos”, de William Crookes, estão as assinaturas do Relatório, com os nomes e respectivas profissões e títulos dos assinantes: Alexandre Aksakof, Diretor do Jornal “Os Estudos Psíquicos” de Leipzig, e Conselheiro do Estado de Sua Majestade o Imperador da Rússia; Giovanni Schiaparelli, Diretor do Observatório Astronômico de Milão; Carlo du Prel, doutor em Filosofia, de Munique; Ângelo Brofferio, professor de Filosofia; Giuseppe Gerosa, professor de Física da Escola Superior de Agricultura, de Porticci; G. B. Ermáncora, doutor em Física; Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris e diretor da “Revista Científica”; César Lombroso, professor da Faculdade de Medicina de Turim, entre outros (91/118).

Depois de presenciarem as sessões, com movimentos espontâneos de objetos à distância, sem contato; pancadas e reprodução de sons de mesa, para responder “sim” ou “não”; transporte, no ar, de diversos objetos, como cadeiras, vestuários e outras

coisas; percussão de sons produzidos por objetos”; aparições de pontos fosforescentes; visão de mãos aparecendo; traços de lápis deixados numa folha; nós feitos e desfeitos; impressão de mãos em uma folha de papel etc. a Comissão emitiu a seguinte conclusão e parecer: (...): “O que vimos e verificamos é, a nosso ver, suficiente para provar que esses fenômenos são bem dignos da atenção dos sábios” (assinaturas – 91/118).

**Conclusão de Charles Richet** – “E agora, o que se pode concluir? Pois não basta enumerar as experiências; é preciso tirar-lhe as conseqüências. (...) Trata-se de demonstrar fenômenos verdadeiramente absurdos, contrários a tudo o que os homens, vulgos e sábios, têm admitido há milhares de anos. É um desmoronamento completo de todo o pensamento humano, de todas as suas experiências; é um mundo novo muito reservado na afirmação desses estranhos e assombrosos fenômenos. Se a hipótese de fraude não explica, é racional crer-se na realidade do fenômeno” (91/121).

**Opinião de Aksakof** – “De tudo o que procede, é preciso concluir que os moldes de parafina foram obtidos em condições tão conclusivas, como se a porta da gaiola tivesse sido fechada com parafusos. Em primeiro lugar, um indivíduo não tem senão um único pé esquerdo, ao passo que os moldes, por nós obtidos, pertencem a dois pés esquerdos, dissemelhantes pelas suas dimensões e formação” (91/121).

**Narrativas do Sr. Bodisco**, camarista de Sua Majestade Czar da Rússia, sobre o fenômeno de materialização: “Não hesito em declarar que o corpo astral ou psíquico é o mais importante de todos os corpos da Natureza. (...) Esse corpo constitui a única parte material do corpo humano que não é perecível” (91/128).

**O que diz o Sr. Alfred Russel Wallace**, da Sociedade Real de Londres: “Eu era absolutamente um materialista tão convencido, que não admitia a existência espiritual, nem outro agente no Universo, além da força e da matéria. Os fatos, entretanto são coisas pertinazes (...) e, afinal, venceram-me. Eles me forçaram a aceitá-los como fatos, muito antes de eu admitir a sua explicação espiritual” (91/143).

**Opinião do Coronel De Rochas**: “Estou convencido, por provas experimentais, que, de meu corpo, pode destacar-se, durante a sua vida, alguma coisa que pensa e sente (...) e que essa coisa pode sobreviver à destruição da carne” (91/145).

**Confissão de César Lombroso**: “Sinto-me envergonhado e pesaroso de ter combatido, com tanta insistência, a possibilidade dos fatos espíritas; digo fatos, porque ainda fico oposto à teoria” (91/147).

### **E) Nasce uma Nova Ciência – a Metapsíquica – em 1905**

O “Reformador”, de julho de 1994, página 20, noticiou que “O prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina fora concedido ao francês Charles Richet, pelo Real Instituto Médico-Cirúrgico Carolina, de Estocolmo”. E foi Richet quem, em 1905, criou a ciência da Metapsíquica, para estudar os fenômenos espíritas, também conhecidos como “fenômenos parapsicológicos”.

Em 1905, foi introduzido o nome de Metapsíquica, entretanto – afirma Quevedo – na Alemanha triunfou o nome de Ocultismo Científico e só mais tarde o nome de Parapsicologia foi adotado também nos Estados Unidos. Essas são as primeiras observações sérias e sistemáticas, com intenção científica, sobre os fenômenos do Espiritismo moderno – afirmou Quevedo (60/25).



**A Metapsíquica se transforma em Parapsicologia** – E hoje, os dicionários definem: "Metapsíquica é o mesmo que Parapsicologia". E, segundo Mário B. Tamassia, em "Em Busca da Matéria Psi", a partir de 1920, substituíram o nome de Metapsíquica para Parapsicologia; e ela passou a adotar cientificamente o método quantitativo, isto é, não o ser um caso espetacular, mas que a sua ocorrência se verifica em quantidades suficientes (186/04).

\*\*\*\*\*

#### **2.4.4. Da Parapsicologia à Reencarnação**

##### **A) "A Nova Revelação", Sir Arthur Conan Doyle, 1918**

O livro supracitado foi prefaciado, no Brasil, por Indalécio H. Mendes, redator-chefe de "O Reformador". Ele mostra que, nascido em ambiente católico, Doyle foi aluno de jesuítas, em Stonyhurst, em Lancashire; um dia, Doyle ouviu um padre irlandês afirmar, em público, que "todo aquele que não era católico, iria para o inferno". Aí, nesse pormenor aparentemente insignificante, estava o ponto inicial de sua futura atitude de abandonar a religião tradicional da família (prefácio).

"Possuidor de uma idoneidade moral e intelectual a toda prova, mundialmente conhecido e respeitado, Doyle foi também o criador do personagem Sherlock Holmes, um famoso detetive. Em 1882, ele se tornou médico e, muito impressionado com o livro "A Personalidade Humana", de Frederick Myer, Doyle tomou a decisão de fazer suas próprias experiências, sob severo controle e todas as precauções contra a fraude e a mistificação" (prefácio).

No texto do livro, Conan Doyle confessou que "ao concluir, em 1882, o curso de Medicina, achei-me, como sucede à maioria dos médicos jovens, um materialista convencido, relativamente ao nosso destino pessoal. Jamais deixara de ser fervoroso deísta. Eu não acreditava, certamente, num Deus antropomórfico, mas cria então, como agora, em uma Força Inteligente, presidindo todas as operações da Natureza, força tão grande que meu cérebro, limitado, não pôde ir além do reconhecimento de sua existência" (pág. 42).

"Sempre, porém, que encarava a questão de saber se as nossas insignificantes personalidades sobreviveriam à morte, afigurava-se-me que todas as analogias da Natureza se pronunciavam contra essa sobrevivência: consumida a vela, a luz se apaga; quando a centelha elétrica se parte, cessa a corrente; a dissolução do corpo marca o fim da matéria (...) e, assim, estava convencido de que a morte, realmente, punha fim a tudo, se bem que não achasse fosse esse fato de molde a afetar os nossos deveres para com a humanidade" (pág. 43).

"Essa a minha maneira de pensar, quando os fenômenos espíritas me chamaram a atenção. Sempre considerava esse assunto a maior tolice da terra; e, como tivera conhecimento de fraudes em alguns médiuns, eu perguntava a mim mesmo de que modo podia um homem sensato crer em semelhantes coisas" (pág. 43).

"Tudo isso me demonstrava que o espírito depende da matéria. Tal a minha forma de raciocinar, naquela época. (...) Contudo, muito estimulada fora a minha curiosida-

de, de sorte que continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos, referentes ao assunto. Causou-me espanto notar que muitos homens eminentes, cujos nomes figuravam na vanguarda da ciência, se achavam inteiramente convencidos de que o espírito independe da matéria e lhe sobrevive. Enquanto considerei o Espiritismo como uma ilusão vulgar dos ignorantes, pude tratá-lo com desprezo. Depois, porém, que o vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia ser o maior químico da Inglaterra, por Wallace, o rival de Darwin e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já não me foi possível desprezá-lo. Mas muito satisfeito deve ficar consigo mesmo um homem se vê chegar o dia de inquirir se o ponto fraco não está no seu próprio cérebro” (pág. 45).

Por muito tempo ainda me mantive no ceticismo, considerando que muitos homens notáveis, como o próprio Darwin, Huxley, Tindall e Herbert Spencer zombavam desse novo rumo de conhecimento. Mas, assim vim a saber que o desdém de parte deles chegara ao extremo de não quererem ao menos examiná-lo. (...) Fui forçado a admitir que, por maiores que fossem esses homens, como cientistas, seu modo de proceder a tal respeito era dogmático e nada científico; ao passo que, os que estudavam os fenômenos espíritas e procuravam aprender as leis que os regem, esses seguiam o caminho que nos há conduzido à realização de todos os progressos do saber humano. Tendo chegado a tão longe o meu raciocínio, a minha posição de céptico já não era tão firme como dantes. A reforçá-lo tive as minhas próprias experiências” (pág. 46).

“Ainda conservo notas dessas reuniões. (...) Recordo-me, por exemplo, de que, de uma feita, em busca de provas, perguntada quantas moedas eu trazia no bolso, a mesa respondeu: “Estamos aqui para instruir e elevar as almas, não para a adivinhação”. E acrescentou: “O que queremos é inculcar um estado d’alma religioso, e não crítico”. Creio que ninguém achará seja isto uma mensagem pueril” (pág. 47).

“Clinicava eu em Southles, onde residia o general Drayson, homem de caráter muito distinto e um dos pioneiros do Espiritismo neste país. Confiei-lhe o embarço em que me via, e ele me ouviu com grande paciência. Não ligou importância às minhas críticas. (...) “A verdade fundamental ainda não a aprendestes”, disse-me ele. “Essa verdade consiste em que cada espírito encarnado passa, para o outro mundo, exatamente como é neste, sem transformação alguma. O mundo que habitamos está cheio de fracos e néscios, e o outro mundo também. Nenhuma necessidade tendes de vos envolverdes com os de lá, como não tendes de misturardes com os daqui. Cada um escolhe seus companheiros. Prossegui e tratai de obter coisa melhor”. Assim falou o general Drayson e, conquanto a sua explicação não me houvesse satisfeito, no momento, acabei por compreender que ele, asperamente, me aproximava da verdade” (pág. 49).

“Tais foram os meus primeiros passos no Espiritismo. Continuava céptico, mas já um investigador; e, quando de qualquer crítico da escola antiga ouvia dizer que ali nada havia a explorar, que tudo era embuste, ou que um prestidigitador bastaria para tudo desmascarar, já não tinha dúvidas de que insensatez era dizer isso. (...) As provas por mim reunidas até aquele momento ainda não haviam bastado para me convencer. Entretanto, das minhas contínuas leituras, tirei a conclusão de que outros já tinham

aprofundado a questão, e reconheci que os testemunhos em favor do Espiritismo eram tão poderosos que nenhum outro movimento religioso, no mundo, poderia se lhe comparar. Isso não provava que ele fosse a verdade, mas, pelo menos provava que devia ser tratado com respeito, e não atirado para o lado” (pág. 49).

“Continuei a ler muito sobre o assunto e pude apreciar, cada vez mais, a infinidade dos testemunhos existentes e quão meticulosos tinham sido em suas experiências os que davam. Isso impressionava muito mais do que os limitados fenômenos que eu lograva obter em minhas sessões (pág. 54). (...) Também, nessa época, fui influenciado pelo relatório Dialectical Society, relatório antigo, datado de 1869. É um trabalho convincente e, conquanto tenha sido ridicularizado pelos jornais ignorantes e materialistas daquele tempo, constitui um documento de grande valor. A Dialectical Society se compunha de um certo número de pessoas distintas e imparciais, desejosas de investigar os fenômenos físicos do Espiritismo. O relatório a que me aludo, faz uma exposição minuciosa das experiências que realizaram e das precauções que adotaram contra as fraudes. Atentado às provas de que ele dá conta, ninguém compreenderá de que modo seus autores teriam podido chegar a uma conclusão diversa da que proclamaram, isto é, os fenômenos eram, sem dúvida alguma, autênticos e indicavam a existência de leis e forças que a ciência ainda não explorara” (pág. 56).

“Se as conclusões fossem contrárias ao Espiritismo, o Relatório teria sido saudado como o golpe de morte do movimento espírita; mas, porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo. O mesmo, aliás, sucedeu a muitas outras investigações, desde que se fizeram em Hydesville, no ano 1848, e à que se verificou quando o prof. Hare, em Filadélfia, se atirou, como outrora São Paulo, contra a verdade, mas teve de render-se e curvar-se diante dela” (pág. 56).

“Por volta de 1891, eu me fiz membro do Psychological Research Society, o que me facultou ler todos os seus relatórios. Foi então que li a obra monumental de Myer, “A Personalidade Humana”, obra de cujas formidáveis raízes se há de erguer toda uma árvore de conhecimento. Myer não pôde apresentar nenhuma fórmula que envolvesse todos os fenômenos ditos “espíritas”. Contudo, discutindo a ação – a que deu o nome de Telepatia – da mente sobre a mente, expôs e estabeleceu, de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, aquela ação passou a figurar entre os fatos científicos” (pág. 57).

“Foi um grande passo dado: se a mente podia atuar, à distância, sobre a mente, é que existe no homem poder de todo independente da matéria, tal como a temos compreendido sempre. O terreno fugia debaixo dos pés do materialismo, e a minha posição de outrora fora destroçada. Eu dissera que – consumida a vela, a chama se apaga. Surgiu-me uma chama mais afastada da vela e agindo por si mesma. A analogia, portanto, era evidentemente falsa: se a mente, o espírito, a inteligência do homem podia operar à distância do corpo, é que era independente deste. Por que, então, não poderia continuar a existir, mesmo depois de haver perecido o corpo? E não só essas impressões se produziam à distância, nos casos dos que tinham morrido, como também o mesmo fato prova que aquilo, donde elas provinham, revestiam as aparências de pessoa morta, mostrando que eram transmitidas por alguma coisa

exatamente semelhante ao corpo, mas que obrava independentemente deste o que lhe sobrevivia. Ininterrupta se apresentava a cadeia de provas, desde o simples caso de leitura do pensamento – num extremo – até às manifestações mesmas dos espíritos sem o corpo – noutra extremo. Esta circunstância me pareceu conter os primeiros elementos de um sistema científico” (pág. 58).

“Mas, veio a guerra e, reafetivando-nos as almas, obrigou-nos a olhar mais intimamente para as nossas crenças, a fim de renovarmos o valor. Em face de um mundo que agonizava, ouvindo narrar diariamente como a flor da raça, nos primeiros albos da juventude – observando, à volta de nós, as esposas e mãe sem fazerem idéias claras do destino que teriam tido os seres a quem amavam – de pronto se me afigurou que o assunto, com que eu desde tanto tempo brincava, não se resumia apenas ao estudo de uma força que escapava aos preceitos da ciência; que neles havia alguma coisa verdadeiramente inegável, vinda diretamente do além, um brado de esperança e de encaminhamento para o gênero humano, na hora de sua mais viva aflição” (pág. 63).

“O fato objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal, de sua veracidade, não havia mais por que prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior: a campainha do telefone é coisa em si mesma pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. O que tem valor é a mensagem, não os sinais. (...) Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até à evidência, por todos os que não tido o cuidado de estudá-los, em si nada valem; o justo valor deles está em que servem de base, dando-lhes uma realidade objetiva, a um imenso corpo de Doutrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que, quando bem compreendido e assimilado, fará a da religião alguma coisa de muito real, e não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato” (pág. 64).

“De que maneira atuará o Espiritismo sobre as antigas religiões existentes e sobre os diferentes sistemas filosóficos que têm influenciado as ações dos homens? A resposta é que só a uma dessas religiões ou filosofias a Nova Revelação será absolutamente fatal: ao Materialismo! Se o espírito pode viver sem a matéria, desaparece a base mesma do materialismo, acarretando o desmoronamento de todas as suas teorias” (pág. 75)

“Os nossos informantes são unânimes em dizer que nenhuma religião terrena leva vantagem a qualquer das outras; que o caráter e a pureza dos sentimentos são tudo. Concordam, contudo, ao mesmo tempo, em considerar boas todas as religiões que inculcam a prece e recomendam que volvamos os olhos para o alto, de preferência a tê-los postos aqui, naquilo que se chama ao nosso nível. É a afirmação constante que nos fazem do Além, que os que lá chegam, não sabem que morreram, e que muito tempo decorre antes que se inteirem desse fato. Dizem todos que este estado de desorientação é prejudicial e atrasa o espírito; e são acordes em que o possuir, desde aqui, um certo conhecimento da verdade ora revelada ao mundo, constitui o único meio de evitar semelhante situação no Invisível e que, quanto mais rigidamente ortodoxas tenham sido suas opiniões, tanto mais difícil lhes será aceitar o novo meio a que passam, como tudo o que ele envolve” (pág. 96).

“O pensador e poeta Gerard Massey revelou que “O Espiritismo foi para mim,

do mesmo modo que para muitos outros, como que uma elevação do meu horizonte mental e a entrada no céu. Tanto assim que a vida, sem ele, eu só posso comparar a uma travessia, feita por um prisioneiro, a bordo de um navio, com as escotilhas fechadas; prisioneiro que vivesse todo o tempo iluminado pela luz de uma vela, e a quem, de súbito, numa esplêndida noite estrelada, permitissem subir, pela primeira vez, ao tombadilho, para contemplar de lá, o prodigioso mecanismo do firmamento, flamejando a glória de Deus” (pág. 119).

### **B) A Parapsicologia se torna ciência de vanguarda**

O jesuíta Oscar Quevedo escreveu que “depois de árduo trabalho, a ciência da Parapsicologia encontrou o seu caminho; é reconhecida e respeitada como ciência de vanguarda; que seu reconhecimento oficial, como ciência, se deu em 1952, no Congresso Internacional de Parapsicologia, realizado em Utrecht; que, nessa mesma data e Universidade, surgiu a primeira cátedra de Parapsicologia” (60/28).

Segundo Quevedo, “o campo da Parapsicologia é imenso: às vezes, trata-se de incorporações, de um suposto endemoniado que passa a falar pela boca do médium”; outra vez, “um suposto milagre, ou os poderes extraordinários que se atribuem a uma feiticeira, a um faquir, a um bruxo”. “Não raro, a ciência tradicional fica surpresa perante o anunciar de fatos que não de suceder depois de dez, de vinte, de trinta, de cem anos – quando era “impossível” prevê-los por vias normais – e vê que os fatos comprovam os diagnósticos; ou perante adivinhações de fatos sucedidos há milhares de quilômetros de distância. E o que dizer de uma mesa que se eleva pelos ares, desafiando aparentemente toda a lei da gravidade? E o que pensar de um ignorante e analfabeto que, de repente, começa a falar uma língua estrangeira? Ou de um adolescente que passeia, com os pés descalços, sobre brasas acesas, sem ter queimaduras nem dor? Ou ainda, de outro indivíduo que escreve, automaticamente, num ângulo, enquanto que, em outro ângulo do aposento, ouvem-se vozes, ruídos, sem causas aparentes”? (60/31).

“Falam-se de curas extraordinárias; comentam-se aparições de fantasmas, de membros humanos tangíveis, separados de seus corpos que, não obstante, continuam a viver; respostas aparecem escritas em papéis, sem que ninguém tenha visto escrevê-las. Enfim, são em números incalculáveis os fenômenos assombrosos, incríveis, isto é, parapsicológicos (60/32); mas as faculdades paranormais, como faculdades, são patrimônio de todo o gênero humano e, nesse sentido, são faculdades normais” (60/33).

A Enciclopédia Século XX registra que “tais fenômenos parapsicológicos vêm sendo estudados, com rigor científico, nas cátedras de Parapsicologia da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, EUA (pelo prof. Joseph B. Rhine e sua esposa Dr<sup>a</sup> Louise E. Rhine); na Universidade de Leningrado, na URSS (pelo prof. L. L. Vasilev); na Universidade de Friburgo, na Alemanha (pelo Dr. Bender); e na Universidade de Utrecht, nos Países Baixos (por W. Tenhaelf” (192/1558).

### **C) A PES, a Telepatia, a Carividência e a Vida sem Morte**

O que é a PES, ou Percepção Extra-Sensorial? A palavra vem do inglês (Extra-Sensorial Perception, ou simplesmente ESP) e indica a capacidade de perceber as coisas sem o uso dos cinco sentidos tradicionais.

**1) A percepção Extra-Sensorial** – No seu livro “Vida Sem Morte”, o Dr. Niels

Jacobson interrogou: “Afinal, seriam nossos sentidos (a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato) os únicos canais pelos quais podemos obter conhecimento das condições exteriores? Não existiriam outros mais? A esta pergunta é que a Parapsicologia procura responder”(140/16).

**2) A Telepatia** – O nome é grego (“tele”, à distância e “patia”, sentimento) e indica a transmissão à distância, do pensamento ou do sentimento, entre emissor e receptor. Na opinião de Buttler, existem cientistas que, como muitos teólogos, não aceitam as teorias novas que não se ajustam ao seu próprio modo de pensar; porque essa tendência, estabelecida através de milhares de anos, é difícil de mudar-se” (85/25); porque, no que se refere aos nossos próprios interesses, temos naturalmente a tendência de resistir a quaisquer novidades que possam, segundo nos parece, ameaçar o nosso modo de pensar” (85/29).

**3) Separação entre a Telepatia e a Clarividência** – Soal e Bateman ressaltaram que “foi o Dr. Rhine quem, pela primeira vez, tentou isolar a Telepatia da Clarividência. Até então, a maioria das experiências realizadas, em transmissão de pensamento bem sucedidas, poderiam ser atribuídas a algum poder desconhecido da mente humana, que trazia informações do próprio objeto ou fato, e não de uma mente alheia” (80/46).

**4) A Clarividência** – “Quando um objeto físico ou um acontecimento jamais foi percebido por outra pessoa – esclarecem Soal e Bateman – mas o experimentador acerta, dizemos que houve Clarividência (ele capta o conhecimento diretamente do objeto ou do fato ocorrido); mas, se ele pode ter lido ou captado isso da mente de outra pessoa (ele capta o pensamento, a informação ou mensagem de uma mente alheia), dizemos que houve Telepatia” (80/25).

**5) Os métodos de pesquisas** – “As primeiras experiências estatísticas (1916-1934) foram realizadas na Universidade de Stanford, na Califórnia (80/24). No começo das pesquisas científicas, de Telepatia e Clarividência, usavam-se, principalmente, cartas de baralho, para o que foi criado o “método de apreciação dos acertos”: Com quatro naipes de um baralho, ou 52 cartas, a possibilidade de se acertar cada naipe será de 1/4, ou seja, 52:4, isto é, 13 acertos. Se se fizer, por exemplo, 1.200 tentativas de adivinhação, a chance de acertar pelo “acaso” ou pela “lei das probabilidades matemáticas” será de 1200 vezes 13, ou seja, 15600 acertos. Se alguém acertar mais do que isto, diz-se que houve um “desvio positivo”; mas se acertar menos, diz-se que houve um “desvio negativo” (80/26).

**6) Experiências Científicas ou Psicocinese** – Chama-se psicocinese à faculdade que algumas possuem de movimentar objetos à distância, sem contato com o mesmo. Segundo Soal e Bateman, foi também o Dr. Rhine quem separou a psicocinese dos outros meios da Percepção Extra-Sensorial ou PES: “No ano de 1941, ele já havia encontrado alguma evidência que tendia a demonstrar que certas pessoas podem influir, através de sua vontade, o lance de um dado comum, isto é, concentrando-se, por exemplo, no número “três” de um dado, poderá fazer com que apareça essa face do dado mais freqüentemente do que seria de esperar pela teoria das probabilidades matemáticas” (80/107).

**7) A Teoria Corpuscular do Espírito – Hernani Guimarães, 1959**

Em 1959, o engenheiro Hernani Guimarães escreveu "A Teoria Corpuscular do Espírito", mostrando que os argumentos negativistas não têm conseguido abalar os sólidos fundamentos do Espiritismo. (...) "Nós consideramos como realidade incontestável a existência do Espírito; negá-lo seria o equivalente a negar o resto dos fatos observados no Universo" (pág. 13).

"Entretanto, o Espiritismo não logrará a triste sorte de converter em dogmas as suas conceituações, cristalizadas em religião. Não podemos esquecer o tríplice aspecto do Espiritismo: científico, filosófico e religioso. O Espiritismo não pode desgarrar-se da ciência; necessita acompanhá-la, passo a passo" (pág. 17).

A necessidade de uma "Teoria Científica Espírita"- Na verdade, o Espiritismo Científico com ou sem Metapsíquica, é a ciência dos fenômenos espíritas, e não há necessidade de mudar-lhe o nome, a fim de achar um lugarzinho entre as ciências. Ele se imporá, mais cedo ou mais tarde, no conceito dos cientistas" (pág. 20). "Mas não vemos outra saída para o desenvolvimento do Espiritismo Científico, a não ser a hipótese da natureza corpuscular do Espírito. Para sermos mais precisos: somente uma teoria fundamentada sobre tal hipótese poderá fornecer os pontos de fixação, para se encaixarem nos raciocínios matemáticos necessários ao desenvolvimento da Ciência Espírita" (pág. 22).

"Naturalmente, devemos entender que a substância espiritual é suscetível de diferenciação, pois os próprios espíritos declaram como sendo de fato. Nos relatos psicografados de André Luis, transmitidos através de Francisco Cândido Xavier, é revelado que os Espíritos apresentam constituição heterogênea, havendo ali até citação de órgãos perispirituais" (pág. 29).

Aliás, no "Livro dos Espíritos", encontramos a resposta nº 82, dos espíritos a uma pergunta formulada por Kardec: se os espíritos são imateriais. "Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deveis compreender que, sendo uma criação, o espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quitessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos".

**8) "A Vida Sem Morte", Dr. Niels Jacobson, Suécia, 1971** – O Dr. Niels Jacobson, famoso pesquisador e psiquiatra sueco, há muito coleta e analisa, emite opiniões, como cientista, sobre os fenômenos considerados sobrenaturais. Ele é professor da Universidade de Lund, na Suécia, e já estudou, inclusive, o caso de Zé Arigó, falecido no Brasil em 1971 (pág. 07).

Em seu livro, Dr. Jacobson relata diversas experiências sobre "a fotografia da aura, a fotografia dos próprios espíritos", e atesta que, até agora, não foi provada nenhuma fraude" (pág. 90).

Segundo ele, o americano Watter construiu uma variação de "sala de Wilson", para estudar o que ocorreria quando um animal morre. Em várias ocasiões, ele pôde tirar fotografias de uma substância em torno do corpo animal, e que se assemelha ao corpo físico. Ele registra que o francês Baraduc fotografou seu filho e, seis dias depois, sua mulher, no leito de morte; as fotografias mostraram uma substância nebulosa concentrada um pouco acima dos corpos" (pág. 146).

O autor ensina que Burr e Northrop mostraram a existência de um campo

eletromagnético, em torno dos seres vivos; e que outros têm informado de um corpo brilhante, em torno do corpo humano, e que desaparece com a morte. Este campo consiste em algo diferente das ondas de calor, e poderiam corresponder à aura. Segundo o cientista, uma amputação não afeta este campo de energia. (...) “Isto pode indicar a existência de um corpo etéreo. Há também relatórios independentes, segundo os quais este corpo elétrico, focalizado onde deveria estar a parte amputada, se torna visível” (pág. 156).

#### **“Em Busca da Matéria Psi”, Mário B. Tamassia e outros, 1976**

Os autores da obra citada ensinam que, desde as mais remotas eras, filósofos, pensadores e religiosos haviam afirmado a existência de qualquer coisa desse tipo, semelhante à aura: Allan Kardec chamou de “perispírito”; Paracelso chamou de “Avestrum”; os Vedas, de “Linga-Shira”; e São Paulo, de “Corpo Astral ou Corpo de Glória” (pág. 54).

#### **D) As Experiências norte-americanas de “Quase-Morte”**

Uma psiquiatra suíça, a Dr<sup>a</sup> Elizabeth Kübler Ross, naturalizou-se norte-americana e, depois de incontáveis tentativas, conseguiu permissão para interrogar pacientes em estado terminal, inquirindo sobre suas opiniões a cerca da morte. Simultaneamente, também nos EUA, um famoso psiquiatra, Dr. Raymond Moody Jr. aplicou-se às “experiências de quase-morte”, e publicou suas experiências no livro “A Vida Depois da Vida”, que, até o final de 1996, já havia vendido oito milhões de exemplares.

No prefácio da obra, o Dr. Raymond afirma: “Não estou tentando provar que existe vida depois da morte; nem creio que provas disso sejam possíveis no presente; não estou pedindo que ninguém aceite o conteúdo deste volume e acredite nele com base na minha autoridade. Tudo o que peço, a alguém que desacredita do que lê, é que investigue, aqui e ali, por conta própria. Já há algum tempo venho lançando este desafio repetidamente: dos que o aceitaram, houve muitos que, cépticos de início, chegaram a partilhar minha perplexidade com esses eventos” (pág. 15).

“Durante os últimos anos, encontrei um grande número de pessoas que estiveram envolvidas no que chamarei de “experiências de quase-morte” (pág. 21). “O que me surpreendeu (...) foi a grande semelhança de relatos, a despeito de terem vindo de pessoas das mais diversas religiões e de diferentes circunstâncias sociais e educacionais. No presente momento, conheço cerca de 150 casos destes fenômenos. As experiências que estudei, recaem sobre três categorias: 1º) Experiências de pessoas que foram ressuscitadas depois de terem sido julgadas, consideradas ou declaradas mortas pelos seus médicos; 2º) Experiências de pessoas que, no decorrer de acidentes, doenças ou ferimentos graves, estiveram muito próximas da morte física; 3º) Experiências de pessoas que, enquanto morriam, contaram-na a outras pessoas que estavam presentes” (pág. 23).

Um modelo das Experiências de estar morrendo: “Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior aflição física, ouve o seu médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, um zumbido alto ou o toque de uma campainha e, ao mesmo tempo, sente-se movendo, rapidamente, encontra-se fora do seu corpo físico, mas ainda vizinho do ambiente físico, e vê o seu próprio corpo à



distância, como se fosse um espectador. Assiste às tentativas de ressurreição, desse ponto de vista inusitado, em estado de perturbação emocional” (pág. 27). Observa ainda que “tem um corpo”, mas um corpo de natureza muito diferente e com capacidade muito diferente das do corpo físico que deixou para trás” (pág. 28).

“Outros vêm ao seu encontro e ajudam-no. Vê, de relance, os espíritos de parentes e de amigos que já morreram; e aparece diante dele um caloroso espírito, de uma espécie que nunca encontrou antes, um espírito de luz. Sem usar palavras, este pede-lhe que reexamine sua vida, e o ajuda, mostrando-lhe uma recapitulação panorâmica e instantânea dos principais acontecimentos de sua vida. Em alguns pontos, encontra-se perto de uma espécie de barreira ou fronteira, representando, aparentemente, o limite entre a vida terrena e a seguinte. No entanto, descobre que ainda precisa voltar sobre a terra; que o momento de sua morte ainda não chegou. A esta altura, oferece resistência, pois está agora tomado pelas suas novas experiências no após-vida, e não quer voltar” (pág. 28).

“Mais tarde, tenta contar o acontecido a outras pessoas, mas tem dificuldade em fazê-lo. Em primeiro lugar, não consegue encontrar palavras humanas adequadas para descrever o episódio não-terreno. Descobre, também, que os outros caçoam dele, e então pára de dizer essas coisas. Ainda assim, a experiência afeta profundamente sua vida, especialmente suas opiniões sobre a morte e as relações dela com a vida” (pág. 28).

“A narrativa acima não pretende representar a experiência de alguma pessoa; é, antes, um “modelo”, um composto de elementos comuns, encontrados em muitas histórias: 1) Apesar de notável semelhança entre vários relatos, não há dois deles exatamente iguais (embora alguns cheguem a ser praticamente idênticos); 2) não encontrei nenhuma pessoa que relatasse cada um dos componentes individuais da experiência “completa”; muitos relatam a maioria deles (isto é, oito ou mais, em cerca de quinze), e alguns chegam a incluir até doze elementos; 3) Não há nenhum dos elementos que tenham aparecido em todos os relatos. Não obstante, alguns desses elementos chegam bem perto de serem universais; 4) Não há, em meu modelo abstrato, nenhum componente que tenha aparecido em apenas um relato; 5) A ordem na qual uma pessoa que está morrendo passa por esses vários estágios pode variar da ordem dada pelo meu “modelo teórico”. (...) Várias pessoas relataram ter visto o “ser de luz” antes de deixar seus corpos físicos, ou ao mesmo tempo” (pág. 29).

“Conversei com algumas pessoas, que foram declaradas mortas, ressuscitadas e que voltaram, mas não relataram nenhum desses elementos comuns. De fato, disseram que não se lembravam nada a respeito de sua “morte” (pág. 30).

Em seguida, o Dr. Raymond Moody Jr. descreve e transcreve palavras de seus pacientes, a respeito das experiências por que passaram”.

**Os efeitos da Experiência sobre suas vidas** – “Muitos me contaram haver sentido que suas vidas tinham sido ampliadas e aprofundadas pelas experiências; que, por causa delas, tinham-se tornado mais profundas e mais preocupadas com as questões filosóficas fundamentais” (pág. 91). Outro homem declarara: “Antes, eu reagia apenas na base do impulso; agora, primeiro eu passo as coisas pela cabeça, de vagar e cuidadosamente. Quero fazer coisas que sejam boas e não coisas que sejam boas apenas para mim” (pág. 92).

**“Muitos outros acentuaram a importância da busca do saber.** Foram avisados, durante suas experiências, de que a aquisição do saber continua no Além-Vida. Um homem dá um conselho: “Não importa a idade com que você esteja; nunca pare de aprender; é um processo que continua pela Eternidade” (pág. 95). Um outro afirmou: “Não tenho medo de morrer – é que sei para onde vou, quando deixar aqui, porque eu já estive lá antes” (pág. 98).

**Conclusões do Dr. Raymond Moody Jr.** – “A razão pela qual a morte já não é amedrontadora, é que, depois das experiências, a pessoa já não entretém dúvidas quanto à sobrevivência à morte corporal” (pág. 98). E ninguém descreveu o céu, nem o inferno de chamas e demônios, como enfocados pela teologia” (pág. 99).

### **A Reencarnação, a TVP e a Psiquiatria**

**1) A Reencarnação** – Mário Tamassia e os co-autores de “Em Busca da Matéria Psi” informaram que “no cenário dos pesquisadores contemporâneos, aparecem duas importantes figuras: o prof. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia; e o Dr. Stevenson, da Universidade de Virgínia – ambos conceituados neurologistas e psiquiatras. Eles sabiam que, antes de mais nada, era preciso separar a religião das pesquisas científicas, pois, com as palavras “reencarnação, transmigração, palingenesia etc.”, formam-se resistências prejudiciais às pesquisas. E parece que coube à equipe do Dr. Banerjee escolher o nome de “memória extra-cerebral” para o estudo de qualquer efeito que sugerisse que um homem poderia se lembrar de um passado pelo qual não passara corporalmente. Como, no campo da Parapsicologia, Eismar e Thoules propuseram as expressões “psi-gamma” para substituir “clarividência” e “psi-kapa” para substituir “psicocinese”, também aqui, no estudo da reencarnação, foi adotada a expressão “memória extra-cerebral”. E as pesquisas feitas, sob esse título, evidenciaram que certas criaturas têm uma memória que vai “além daquela que normalmente deveria ter” (186/68).

**O professor Banerjee reuniu 1.100 casos** de criaturas que diziam se lembrar de uma vida anterior – o que demonstra que a “memória extra-cerebral” não é um fenômeno tão raro quanto se pode pensar (186/96). Já o Dr. Stenvenson coletou 600 ocorrências do mesmo tipo, submetendo-as ao mesmo tratamento de averiguação. Finalmente, preparou 20 casos que julgou mais sugestivos da existência de reencarnação, e publicou-as num famoso livro intitulado “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação” (186/70).

**2) A Terapia da Regressão, ou Terapia das Vidas Passadas** – É um tratamento que está conquistando milhares de pessoas em todo o orbe planetário, inclusive no Brasil. Porém a TVP não é nova; ela já tem, pelo menos, meio século; e foi oficialmente divulgada pelo norte-americano Morris Nesteron, que escreveu o primeiro livro sobre o assunto, ao qual deu o nome de “Vidas Passadas em Terapia”.

Em: 26-05-1991, a Rede Globo de Televisão, do Rio de Janeiro, levou ao ar um programa com diversas reportagens sobre a TVP ou TdR, mostrando que ela “é capaz de ajudar nas curas de problemas físicos e psicológicos. Sem perder a consciência, o paciente regride, mergulhando no passado, entra no “túnel do tempo” e volta dez, vinte, trinta anos. Ele se vê como criança, como jovem, ou mesmo retorna ao útero materno, no instante da fecundação, e até pode ir mais

longe ainda... há cem, duzentos, quinhentos, mil anos”.

Segundo a TV Globo, os terapeutas acreditam que, nesta volta ao passado, os pacientes vão encontrar explicações para os problemas que estão sofrendo hoje – psicológicos e mesmo físicos – que a medicina não consegue resolver. “Cientistas do mundo inteiro já aplicam ou pesquisam a Terapia da Regressão (TdR), procurando, nos diagnósticos, a cura de doenças através da regressão – como no Instituto de Desenvolvimento de Personalidade, nos EUA, que durante mais de vinte anos, vem trabalhando neste terreno. Lá, a teoria mais aceita é a chamada “teoria da memória genética ou memória cromossômica”.

A reportagem mostrou que, segundo alguns pesquisadores, “para a “teoria genética” ou “teoria cromossômica”, todos nós trazemos, ao nascer, dentro das células do nosso corpo, partículas que herdamos de nossos antepassados, próximos e até distantes; na verdade, nossos antepassados estariam vivos, dentro de nós; quando herdamos os cromossomos, estamos herdando também a herança genética e cultural de nossos antepassados – todos os fatos vividos por eles. Em resumo: nós traríamos, dentro de nós mesmos, o resultado de fatos, de acontecimentos vividos, não por nós pessoalmente, mas pelos nossos antepassados; e, de vez em quando, estas lembranças surgem e são desarquivados, provocando doença em seus portadores”.

De acordo com a reportagem, no Brasil a TVP começou a ser usada há, pelo menos, dez anos, e hoje conta com cerca de 500 psicólogos e terapeutas brasileiros que trabalham com ela; mas 90% desses profissionais acreditam na “teoria da Reencarnação”.

### **3) “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, Brien L. Weiss, 1981**

Nos Estados Unidos, o Dr. Brien L. Weiss publicou um excelente livro que foi traduzido por Talita M. Rodrigues e publicado pela Editora Salamandra, intitulado “Muitas Vidas, Muitos Mestres”. É a história verdadeira de um famoso psiquiatra, sua jovem paciente e a terapia de suas vidas passadas, que mudou completamente suas vidas – esclarece a Editora. O autor é médico e psiquiatra pela Columbia University e professor catedrático do Mount Sinai Medical Center.

Na apresentação da obra, em língua portuguesa, o médico e psicoterapeuta Lívio Túlio Picherle, Presidente da Associação Brasileira de Terapia de Vidas Passadas, mostrou a atualidade daquelas pesquisas e a respeitabilidade do autor. O apresentador lembrou-nos, também, que “por ver as coisas que os outros não queriam ver, Jesus foi crucificado, Galileu quase massacrado, Giordano Bruno queimado na fogueira, Mesmer perseguido, e Freud – por muitos anos – afastado do ambiente universitário” (pág. 11).

Prefaciando a obra, o próprio Dr. Brien declara: “Assim foi com Catherine. Eu a vi, pela primeira vez, em 1980, quando ela tinha 27 anos. Ela veio ao meu consultório buscando ajuda para sua ansiedade, seus ataques de pânico e de fobias. Embora esses sintomas se manifestassem desde a infância, tinham piorado nos últimos tempos” (pág. 13). “Durante anos de estudo disciplinado, eu fui treinado para pensar como cientista e médico, moldando-me aos estreitos caminhos do conservadorismo de minha profissão. desconfiava de tudo que não pudesse provar por métodos científicos tradicionais. Sabia dos estudos de Parapsicologia os quais estavam sendo feitos nas

principais Universidades do País, mas eles não me despertavam interesse” (pág. 14).

“Então, encontrei Catherine e, durante 18 meses, utilizei os métodos convencionais de terapia para ajudá-la a superar seus sintomas. Quando nada pareceu funcionar, tentei a hipnose” (pág. 14).

“Este livro é a minha pequena contribuição para as pesquisas que estão sendo feitas no campo da Parapsicologia, especialmente no ramo que trata de nossas experiências anteriores ao nascimento e após à morte. Tudo o que está escrito aqui é verdade. Não acrescentei nada, apenas suprimi as repetições. Levei quatro anos para escrever o que aconteceu; quatro anos para reunir coragem e assumir o risco profissional de revelar estes fatos nada ortodoxos” (pág. 15). “De repente, uma noite, enquanto tomava banho, senti-me compelido a colocar no papel a experiência. Tive uma forte sensação de que o momento chegara; de que eu não deveria mais guardar o que sabia; devia dividir com os outros o que aprendi, e não manter em segredo. (...) Estamos conscientes de que nenhuma consequência que eu viesse a enfrentar, seria tão arrasadora como a de não compartilhar o conhecimento que eu adquirira sobre a imortalidade e o verdadeiro sentido da vida” (pág. 16).

“A sua religião (de Catherine) era simples e sem questionamento. Ela fora educada para acreditar na teologia e nas práticas tradicionais católicas, e jamais duvidara da veracidade e validade de sua fé. (...) Fiquei sabendo que Catherine não acreditava na reencarnação; na verdade, sabia muito pouco a respeito. A reencarnação era uma idéia contrária aos conceitos em que ela fora criada e nos quais acreditava. Jamais lera, nem tinha interesse por qualquer literatura metafísica ou ocultista. Estava tranqüila na sua crença” (pág. 20).

“Afim, eu era bastante céptico com relação às idéias de vida após a morte, reencarnação, experiências extracorporais e fenômenos afins. Afim, o meu lado lógico ruminava: podia ser fantasia dela. Mas eu estava também consciente de um outro pensamento menos emocional. As “lembranças” dela podiam não ser fantasia ou imaginação; podia haver algo mais que os olhos – ou qualquer um dos outros sentidos – não estavam vendo” (pág. 31) “Os conceitos de vidas anteriores e de reencarnação eram estranhos à sua consciência, mas suas lembranças eram tão claras; as visões, os sons e odores tão nítidos e tão imensa e imediata a consciência de que estivera lá, sentindo que deveria realmente ter estado lá. Eu não duvido disso” (pág. 33).

“Durante a semana, reli o livro do “Curso de Religião Comparada”, que freqüentei no meu primeiro ano em Columbia. Havia, de fato, referências à reencarnação no Velho e no Novo Testamento. O II Concílio de Constantinopla, reunido em 533.dC. invalidou este ato, declarando herético o conceito de reencarnação. Aparentemente, ele enfraqueceria o poder crescente da Igreja, dando aos homens tempo demais para buscarem a salvação” (pág. 33). “Mas as referências originais existiam: os primeiros padres da Igreja haviam aceitado a idéia. Clemente, de Alexandria, Orígenes, São Jerônimo e muitos outros acreditavam que tinham vivido antes e que voltariam a viver” (pág. 34).

“Eu, entretanto, jamais acreditara na reencarnação. Na verdade, nunca pensara muito nisso. Embora em minha educação religiosa tivesse aprendido a respeito de uma vaga existência da “alma”, após à morte, eu não estava muito convencido” (pág.

34). (...) “Com um novo e insaciável apetite por qualquer ensaio científico já publicado sobre a reencarnação, saí procurando pelas bibliotecas médicas. Estudei os trabalhos de Ian Stevenson, um professor de Psiquiatria da Universidade de Virgínia, muito respeitado e que publicou extensa literatura psiquiátrica. Ele reuniu mais de dois mil exemplos de crianças com recordações e experiências características de reencarnação; muitas manifestações de xenoglossia, a capacidade de falar uma língua estrangeira que nunca havia sido exposta antes. Seus relatórios são cuidadosamente completos, bem pesquisados e realmente notáveis” (pág. 37).

“Li uma excelente análise científica de Edgard Michell. Com interesse, examinei os dados de percepção extra-sensorial da Universidade de Duke; os de Dr<sup>a</sup> Helen Wanbach, os de Dr<sup>a</sup> Gertrude Schmeidler, os do Dr. Frederick Lenz e da Dr<sup>a</sup> Edith Fiore. Quanto mais eu lia, mais queria ler. (...) Existem bibliotecas repletas com este tipo de pesquisa e de literatura, mas poucas pessoas sabem disso. Muitas dessas pesquisas foram conduzidas, verificadas e reaplicadas por clínicos e cientistas de renome. Estariam todos errados ou iludidos? As evidências me pareciam esmagadoramente comprobatórias, mas eu ainda duvidava. Esmagadoras ou não, achava difícil acreditar” (pág. 38). “Senti necessidade de aplicar o método científico que eu usara rigorosamente nos últimos quinze anos de minhas pesquisas” (pág. 41).

“Catherine jamais lera os estudos da Dr<sup>a</sup> Kübler Ross ou os do Dr. Raymond Moody Jr., que escreveram sobre as experiências de “quase-morte”. Nunca ouvira falar do Livro Tibetano dos Mortos, mas estava relatando experiências semelhantes” (pág. 47). Até sobre minha vida particular Catherine fez revelações surpreendentes. Catherine não podia conhecer aqueles dados. Não havia onde buscá-los. Mas essa simples técnica de laboratório era um conduto de sabedoria transcendental, e ela poderia revelar estas verdades. O que mais havia? Eu precisava saber mais” (pág. 52).

“Talvez fosse apenas percepção extra-sensorial ou alguma destreza mediúnica (pensei eu). Admite-se que possa ser uma grande habilidade, mas não prova a reencarnação ou os Espíritos-Mestres. No entanto, desta vez, eu compreendia melhor. Os milhares de casos registrados na literatura científica, especialmente de crianças que falam línguas estrangeiras, às quais nunca foram expostas; as marcas de nascença, onde haviam feridas mortas; essas mesmas crianças que sabem onde se escondem objetos preciosos, enterrados há décadas ou séculos, há centenas de quilômetros de distância – tudo refletia a mensagem de Catherine. (...) Eu sabia o que ela era e o que não era. Não, a minha razão não ia me enganar desta vez. A prova era forte demais e irresistível. Era verdade. Ela o confirmaria, cada vez, em nossas sessões subsequentes” (pág. 53).

**1) A “Teoria do Inconsciente Coletivo”** – “O psicanalista Carl Jung estava atento aos diferentes níveis de consciência. Ele escreveu sobre o “inconsciente coletivo”, um estado com pontos semelhantes à supraconsciência de Catherine. Fui ficando cada vez mais frustrado com o abismo intransponível entre o intelecto desperto e o consciente de Catherine e sua mente supraconsciente em estado de transe. Enquanto hipnotizada, eu desenvolvia diálogos filosóficos fascinantes com ela, num nível de superconsciente. Quando acordada, no entanto, Catherine não tinha qualquer interesse por filosofia ou assuntos afins. vivia num mundo de detalhes rotineiros,

ignorante do gênio que havia dentro dela” (pág. 68).

“Durante anos eu tratara de centenas, talvez milhares de pacientes psiquiátricos que refletiam todo o aspecto de distúrbios emocionais e estava bem familiarizado com a gama de efeitos das drogas sobre o cérebro. Catherine não apresentava nenhum desses sintomas ou síndromes. O que ocorrera não era a manifestação de uma doença psiquiátrica. Ela não era psicótica, desligada da realidade e jamais tivera alucinações (ver e ouvir coisas que não existem), nem delírios (falsas crenças)” (pág. 92).

“**A idéia de Jung sobre o Inconsciente Coletivo** — um reservatório de todas as memórias e experiências humanas, que poderiam de algum modo ser interceptadas(...) Segundo Jung, o Inconsciente Coletivo não é adquirido individualmente, mas herdado, de alguma forma, dentro de uma estrutura mental. Ele inclui os motivos e as imagens que ressurgem em todas as culturas, sem um fundamento na tradição ou disseminação histórica. Achei que as lembranças de Catherine eram muito específicas para serem geradas pelo conceito de Jung. Eram descrições detalhadas de pessoas e de lugares específicos. As idéias de Jung pareciam vagas demais. E era preciso, ainda, considerar o estado intermediário. Levando-se tudo isso em conta, era a Reencarnação a que fazia mais sentido” (pág. 94).

2) “**Teoria da memória genética**” – “Mas, haveria outra explicação para que Catherine lembrasse de suas vidas passadas? As lembranças poderiam ser transmitidas pelos genes? Essa possibilidade é cientificamente remota. A memória genética requer uma passagem ininterrupta do material genético, de geração em geração. E Catherine vivera pelo mundo inteiro, e sua linha genética fora interrompida repetidamente. Seu reservatório genético terminava e não era transmitido. E o que dizer de sua sobrevivência após à morte e o estado intermediário? Não havia um corpo e, certamente, nenhum material genético; no entanto, a lembrança continuava. A explicação genética pode ser descartada” (pág. 93).

“O inconsciente de Catherine não só era minucioso e específico, como também estava além de sua capacidade consciente. Ela sabia de coisas que não poderiam ter sido captadas num livro e, depois, temporariamente, esquecidas. Era um conhecimento que não poderia ter sido adquirido na infância e depois igualmente suprimido ou reprimido da consciência. E os Mestres e suas mensagens? Vinham através de Catherine, mas não eram de Catherine. Eu sabia que as informações e as mensagens eram verdadeiras” (pág. 94).

**Conclusões do Dr. Brien - O medo da morte** — “Mas, se as pessoas soubessem que a vida é eterna, por isso não morremos e nunca nascemos de fato”, esse medo deixaria de existir. Se soubessem que vivemos inúmeras vezes e tornaremos a viver outras tantas, iriam sentir-se mais tranquilas. Se soubessem que os Espíritos estão por perto, para ajudá-las (...) elas se juntariam a esses espíritos e aos mortos queridos, ficariam muito confortadas” (pág. 170).

### **E) A Psiquiatria Face a Reencarnação – Inácio Ferreira, 1987**

Após várias décadas de trabalho psiquiátrico e de pesquisas científicas, um renomado médico de Uberaba – Dr. Inácio Ferreira – publicou, em 1987, o resultado de suas pesquisas no livro “A Psiquiatria Face à Reencarnação”. Na obra, o ilustre médico e pesquisador mostra como o seu uso de hipnotismo, de magnetismo, de

psicanálise, de passes magnéticos e de psiquiatria lhe proporcionou êxito na cura de diversos portadores de distúrbios psíquicos. Segundo ele, muitos desses males são causados pela influência de entidades invisíveis que, por vingança, mágoas ou perseguições, obsediam suas vítimas encarnadas, provocando-lhes doenças físicas e psíquicas.

Para o Dr. Inácio Ferreira, sem dúvida alguma, grande parte das atuais anomalias psíquicas, mentais e até físicas têm origem no ódio, nas mágoas, nos desafetos. (pág. 95).

\*\*\*\*\*

## **2.4.5. A Transcomunicação Instrumental e Mediúnic**

### **A) A Transcomunicação Instrumental dos Espíritos**

Em 1990, a Editora Cultural Espírita (EDICEL), de Sobradinho, DF, publicou um livro de Clóvis S. Nunes, intitulado “Transcomunicação – Comunicação Tecnológica com o Mundo dos Mortos”. Na contra-capá, a Editora informa que “a moderna Parapsicologia surgiu a partir dos anos 30, com as pesquisas do Dr. Joseph B. Rhine, com o predomínio do enfoque científico no estudo dos fenômenos paranormais; que, anos antes, surge a Psicobiofísica; em seguida, a Psicotrônica, que usa aparelhos eletrônicos no estudo dos fenômenos PSI; e que, depois disso, nossos mortos não somente falam, através destes aparelhos, como no Espíricom, mas também se mostram vivos, nas telas de televisão, como no Vidicom”.

A palavra “Transcomunicação” é formada de “transcendente e comunicação”, para indicar todo e qualquer tipo de comunicação transcendental, isto é, entre as mentes encarnadas, em nosso plano físico, e as inteligências desencarnadas, do plano não-físico (161/15).

Prefaciando aquela obra, o engenheiro e parapsicólogo Hernani Guimarães de Andrade mostra que “somente agora começam a surgir os primeiros sinais de aceitação do objeto de interesse da referida ciência: a existência e sobrevivência da personalidade humana, após à morte física; na realidade, tratam-se mesmo de pesquisas do Espírito (pág. 10). Tais evidências, resultantes de investigações, apóiam fortemente a crença na existência e sobrevivência do Espírito, após à morte; entretanto, a descoberta que irá decidir, definitivamente, a questão da existência do Espírito como entidade independente, será a Transcomunicação Instrumental com aqueles seres dos planos espirituais” (pág. 11).

Conforme Hernani Guimarães, as primeiras tentativas de comunicação dessa natureza ocorreram com Thomaz Alva Édison (1928) e com Átila Szalay (1936, 1947 e 1950); entre 1956 e 1978, desenvolveu-se intensamente a transcomunicação por meio de gravadores eletrônicos e fitas magnéticas, aparecendo os trabalhos de Friedrich Jüergenson (1959) e de Konstantin Raudive (1965). Entre 1971 e 1985, surgiram o Spíricom e outros sistemas instrumentais para a captação de vozes dos espíritos, quando se destacaram: George W. Week e William Jonh O’Neil (nos EUA, com o Spíricom); Otto Köning (na Alemanha Ocidental, com o sistema

Ultra-Som); Jules e Maggy Harash (em Luxemburgo, com o sistema GA-1 e o Eurosignal Bridge” (pág. 11).

“De 1985 a 1987, desenvolveram-se as técnicas de captação de imagem dos espíritos, destacando-se Klaus Schreiber e Martins Wensel (na Alemanha Ocidental); o casal Jules e Maggy (em Luxemburgo); além de mensagens obtidas através de computadores e telefones” (pág. 12).

Na introdução ao livro, o autor Clóvis Nunes informa que, segundo Eistein, “a morte é o passaporte para a vida”; e que “nós estamos falando, constantemente, que existe vida após a morte, entretanto, ninguém, até então, poderia pegar um telefone ou outro equipamento de comunicação e falar, mantendo uma conversa com qualquer pessoa que morrera” (pág. 26). “Há mais de 60 anos (...) alguns pesquisadores, de diversos países, procuraram criar um aparelho, baseado no eletromagnetismo, capaz de facilitar a comunicação com os espíritos; que os mais conhecidos foram: Thomas Alva Edison, Guilermo, Nikolas Tesla, Cornélio Pires e Próspero Lapagesse” (pág. 28).

“Em outubro de 1920, o Sr. B. C. Forbes, amigo de Edison, publicou no “American Magazine”: “Edison está trabalhando agora para comunicar-se com o outro mundo”. E publicou uma entrevista do próprio Alva Edison, em 30-1-1920, na qual o inventor da lâmpada elétrica garantiu: “Se a nossa personalidade sobrevive, então é estritamente lógico e científico presumir que ela retém na memória o intelecto e outras faculdades e conhecimentos que adquiriu na Terra. (...) É razoável concluir que aqueles que abandonam esta terra, gostariam de se comunicar com aqueles que aqui deixaram” (pág. 29).

**B) Surge o sistema Espiricom** – “A palavra “Spiricom” é inglesa e vem da contração de “spirit” e “communication”, para designar um aparelho destinado a possibilitar o diálogo com os desencarnados. Esse aparelho foi inventado pelo engenheiro americano, W. Week, presidente das pesquisas de Metascience Foundation, sediada em Franklin, nos EUA” (pág. 46). “Os estudos de Week partiram do fenômeno das vozes gravadas em fitas magnéticas, através de gravadores, e que receberam o nome de “Eletronic Voice Phenomenon”, abreviado pela sigla EVP (Fenômeno da Voz Eletrônica). Esta denominação tinha sido inventada para descobrir a origem das vozes; mas elas próprias se identificaram como sendo “vozes de pessoas já falecidas” (pág. 46).

Mário Tamassia comenta que “até a eletrônica tem dado sua colaboração ao estudo e investigação da alma humana após a morte do corpo e sua influência sobre os vivos” (pág. 40); e o Dr. Niels Jacobson, autor de “Vida sem Morte”, comunga da mesma idéia, quando afirma que “as vozes dizem vir dos espíritos” e são ouvidas em trompetes; e que, nesse caso, os espíritos falam diretamente, sem utilização da fala do médium” (Niels, op. cit-153).

Clóvis Nunes esclarece que a contribuição de Jüergenson foi enorme: “ele era artista e produtor cinematográfico; em 1959, ao tentar gravar gorjeios de pássaros, em Molbo, na Suécia, registrou ocasionalmente, na fita de seu gravador, vozes e sons inexplicáveis; que o fenômeno foi se repetindo, e ele pôde distinguir vozes humanas em diversos idiomas; que, falando fluentemente seis idiomas (o russo, o sueco, o



italiano, ao alemão, o inglês e o norueguês), Jüergenson traduziu diversas mensagens e identificou ainda outras línguas. Depois de sérios estudos, ficou constatado que eram vozes de seres humanos desencarnados” (pág. 34).

“Algumas vezes, as frases eram mistas: uma palavra em francês, outra em inglês e a terceira em russo. Mensagens gravadas por Jüergenson diziam: “Estamos vivos, Friedrick. Os mortos estão vivos... Vou ajudar-te, escuta-nos etc.” (pág. 38). “Alguns desencarnados lhe ofereceram informações a serem verificadas: datas, locais, fatos que marcaram a sua passagem pela Terra” (pág. 39). “Aquele fenômeno passou a interessar a um grande número de pessoas, entre elas, o grande filósofo e psicólogo letão, Dr. Konstantin Raudive; este fez diversas pesquisas de EVP e aperfeiçoou suas técnicas com o físico suíço Alex Schneider. Raudive passou aquelas vozes para o alemão e publicou-as em um livro chamado “Unhorbares Wird Hobar” (O Inaudível se torna Audível), que foi traduzido para o inglês (Breakthroug) e, mais tarde, para o português (“Telefone para o Além”). Em 1969, Jüergenson recebeu, das mãos do Papa Paulo VI, a comenda da Ordem de São Gregório, pelo reconhecimento da autenticidade das vozes” (pág. 41).

Atualmente, em vários países do mundo, especialmente nos da Europa, há milhares de “postos de escuta”, formados por amadores que se interessam pela EVP e que intercambiam suas gravações. Nesse assunto estão interessados os EUA, a Suécia, a Índia, a Alemanha, a Áustria, a URSS e, atualmente, também o Brasil” (pág. 42). Na Itália, o grupo de Grosseto, liderado por Marcelo Bacci, há mais de quinze anos, vem desenvolvendo significativo trabalho de Transcomunicação” (pág. 88).

### **C) Os Espíritos se Comunicam por Gravadores**

Em 1972, o psicólogo Dr. Peter Bander publicou o resultado das pesquisas, feitas por Konstantin Raudive, num livro chamado “Carry on Talking”, e que foi traduzido para o português, como “Os Espíritos se Comunicam por Gravadores”.

**A ciência investiga a origem das vozes eletrônicas:** “Era impossível – afirmou o Dr. Peter Bander, Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Freiburg – explicar as vozes de um ponto de vista científico. E a primeira reação, de acordo com raciocínio preconcebido foi atribuir as vozes à captação de interferência ou de ondas causais de rádio. E, durante cinco anos, os cientistas tentaram resolver esse mistério eletrônico. Foi então que se formou a teoria, ainda em discussão, de que as vozes seriam de origem paranormal. Esta palavra significa, simplesmente, alguma coisa que não pode ser explicada em termos físicos normais” (pág. 29).

**“As diversas hipóteses aventadas para explicar a origem delas:** I) As vozes seriam imaginárias, isto é, inexistentes; II) seriam captações de ondas de rádio, de interferências de ondas, ou captação por um método ainda desconhecido; III) as vozes seriam emitidas pelo inconsciente humano, sob forma de vozes, e captadas em fitas magnéticas, num gravador; IV) ou, finalmente, elas seriam emitidas por inteligências desencarnadas, isto é, por espíritos que desejariam entrar em contato com os vivos”.

“Entre as milhares de vozes de Raudive, existem algumas que merecem atenção especial: são diferentes umas das outras, não somente em clareza, como também no conteúdo da linguagem. A que mais sobressai é atribuída a Margarete Petrausk, uma amiga íntima de Raudive e de sua esposa, Dr<sup>a</sup> Zenta Maurina, e trabalhara como

secretária de ambos; algumas vezes foi gravada em diversos países sem que Raudive estivesse presente” (pág. 42).

O professor Hans Bender declarou que “a descoberta do fenômeno das vozes era provavelmente tão importante – ou até mais – que o descobrimento da Física Nuclear” (pág. 92).

Ted Bonner, da DECCA e RTE, afirmou: “Não é truque ou artimanha; é algo com que nunca havíamos sonhado”. E o Sr. Sotschek esclareceu que as vozes masculinas ocorrem entre 120/160 mhz, ao passo que as vozes de crianças e de mulheres são registradas entre 220/230 mhz (pág. 158). Pesquisadores, tanto entendidos, como leigos, repetiram as experiências de Raudive e obtiveram os mesmos resultados: vozes eletrônicas” (pág. 165).

**A Transcomunicação Instrumental por computadores** – Clóvis Nunes informa, também, que a “Parapsychology Review”, volume XVIII, número 03, maio-junho de 1986, trouxe notícia intitulada “Eletronic Ghost” (Fantasmas Eletrônicos), onde informa que Kan Webster declara que o seu computador “está assombrado pelo espírito de um certo Thomas Harden, que morreu há mais de 400 anos” (161/72). Clóvis afirma que “este fenômeno de transcomunicação por computador se processou oficialmente, de maneira voluntária, como iniciativa dos próprios espíritos; que só na Inglaterra foi possibilitada a obtenção de mais de 250 transmissões; que, posteriormente, o fato se repetiu em Luxemburgo; e que hoje, com o aprimoramento das técnicas, são transmitidos também transtextos, inclusive em outros países” (161/73).

**Os Prelúdios do sistema Vidicom** – Em 1984, o Dr. Ernest Senkowski já possuía uma coleção de centenas de comunicações; ele possibilitou que as pessoas, ainda em luto, ouvissem as vozes de seus falecidos, o que as convenceram da continuidade de suas existências. Foi em meio a essa confirmação, que os mortos se comunicaram, afirmando que queriam mostrar-se também na televisão (161/98). Aliás, o livro “O Inaudível se Torna Audível” já havia mencionado algumas “estações emissoras situadas no plano astral, destinadas a estabelecer comunicação com o mundo dos encarnados” (161/81).

Em 07 de junho de 1986, cem anos após sua morte, König Ludwig II se comunica com o grupo de pesquisadores do laboratório de Klaus Schreiber, através da Spiricom, e anuncia que irá aparecer no Sistema Vidicom; e, como havia prometido, dois dias depois de seu prenúncio, sua imagem foi registrada na tela de TV (161/105).

#### **D) O Vidicom ou Comunicação Através do Vídeo**

Finalmente, o Sistema Vidicom se torna uma realidade. Por intermédio do Spiricom, de Hans Otto König, no II Congresso Internacional “Vocci e Imagine de una alta Dimensione”, em Milão, julho de 1986, com perto de 500 participantes, foi recebida a seguinte mensagem: “Nós aqui somos e não somos mortos. Nós vivemos. Breve nos mostraremos na televisão” (161/88).

Depois, o “espírito guia”, que se denominava “o técnico” deu instruções ao casal Mr. e Mrs. M-F, no sentido de obterem também imagens conseguidas a partir do mundo espiritual. O método era simples: sobre um tripé, instala-se uma câmera de TV (filmadora de vídeo-cassete), focalizando o vídeo de uma TV em funcionamento, mas sintonizada em um canal livre. Filma-se o “chuveiro” luminoso, depois repete o

filme lentamente, para ver se alguma imagem foi detectada durante a filmagem. “Pelas explicações fornecidas, os espíritos operadores devem possuir, do lado de lá, um dispositivo capaz de projetar uma imagem fotográfica na face interna do tubo de TV” (161/89).

**O Sistema Áudio-Vidicom** – “O Dr. Ralf Determeyer, em visita à casa do casal H-G, em 01-07-1988, pôde comunicar-se com o espírito do Dr. Konstantin Raudive, com sua imagem fixa, ao mesmo tempo em que falava: “Boa noite, queridos amigos. Aqui fala Konstantin Raudive. O que vocês estão vivendo, neste momento, é uma hora histórica, do lado de vocês e do nosso também. É a primeira vez que a imagem e a voz estão sendo transmitidas e recebidas simultaneamente” (161/93); e a imagem fixa do Dr. Raudive foi vista, na tela de TV, durante 135 segundos (161/94)”.

No Brasil, em 1992, a TV Globo exibiu um programa sobre a Transcomunicação Instrumental e a Vidicom ou o Sistema Vidicom. Entre as diversas fotografias recebidas pela Vidicom, destacavam-se as de Romy Schneider, a do padre francês Alois, e a do Dr. Raudive. Este último dizia, em imagem e voz: “Estamos no limiar de uma nova civilização. Eu estou vivo” (TV Globo – 1992).

### **E) Transcomunicação Mediúnica**

Além daquela Transcomunicação Instrumental da qual já falamos, há, também, a Transcomunicação Mediúnica, que é a comunicação dos mortos (ou desencarnados) com os vivos, através de um intermediário humano (ou médium). Mediunidade, ou faculdade de intermediar o mundo invisível, é um dom que todas as pessoas possuem, independentemente do sexo, grau de cultura, raça, nacionalidade ou religião; e sempre existiu, em todos os tempos da história – todos os livros religiosos do mundo dão provas e exemplos de sua existência.

Vejamos, a seguir, o produto da mediunidade de Francisco Cândido Xavier e do médium-orador Divaldo Pereira Franco.

Francisco Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, MG, em 1910, mas mudou-se para Uberaba em 1958, onde permanece até hoje, intermediando desencarnados e encarnados. Até março de 2000, já havia psicografado 420 obras, de diversos autores espirituais, sobre os mais diversos e complicados temas. Divaldo Pereira Franco nasceu em Feira de Santana, BA, em 05/05/1927, mas mudou-se para Salvador em 1945, há 1000 km. de Uberaba, onde permanece, até hoje, psicografando e divulgando a Doutrina dos Espíritos. Divaldo já publicou 140 obras psicografadas, já proferiu palestras em 54 países, e é mundialmente conhecido.

De uma fita das palestras proferidas por Divaldo Franco, destacamos três mensagens psicografadas em Uberaba-MG, por eles. São correspondências particulares, endereçadas aos parentes dos “pseudo-mortos”; entretanto, julgamos suficientes para mostrar-nos a realidade da comunicação.

#### **1) Primeira Mensagem recebida, médium Chico Xavier:**

“Papai, sou eu! Voltei para dizer que estou vivo! Quero agradecer a você e a mamãe, que são os mais extraordinários pais da vida; quero dizer-lhes, papai e mamãe, que a AIDS não me matou. Quando recebi o diagnóstico fiquei desesperado... Mamãe, você foi a mulher extraordinária, que me deu forças. Você não perguntou como é que eu tinha me contagiado; para você, não era importante saber a forma da doença; o

que importava é que o seu filho estava doente!... Quantas vezes eu vi lágrimas nos olhos de papai, e senti que ele queria saber a razão de minha doença – se eu pertencia a um dos grupos de risco... Pois eu vim lhe dizer, papai, que eu não me contaminei por promiscuidade sexual; não me contaminei porque usasse drogas – talvez haja sido na transfusão de sangue, quando eu estava doente... E você, papai, segurando a minha mão, aberta de chagas – eu, morrendo de febre, e você chorando me dizia: “Vai, meu filho, e se tiver vida, volte para me dizer”! Aqui estou, papai, existe vida; ninguém morreu, meu velho! Eu estou feliz!” – “e assinou a carta. O pai pegou a carta e disse: é a letra do meu filho. E começou a chorar”!

### **2) Segunda Mensagem, médium Chico Xavier**

“Mas a outra carta – ensina Divaldo Franco – foi ainda maior. Chico Xavier chamou uma mulher, e veio uma mulher pobre, vestida com simplicidade: um lenço amarrado à cabeça, uma alparcata havaiana, suarenta e maltratada. Então, Chico começou a ler a mensagem: “Mãezinha, eu nem acredito que você chegou aqui! Como é que você pôde, mamãe? (Aquele senhora começou a tremer de emoção...). Como é que você pôde sair do Maranhão para vir, pelas estradas, pedindo carona, correndo os maiores riscos e dizendo “meu filho vai voltar; ele vai me contar como é que foi assassinado; eu tenho que saber”. Mamãe, isso não é importante!

“Você se lembra quando eu falei a Guiomar (a esposa) que eu ia voltar rico para cuidar da minha família?... Naquele dia (ele disse a data), eu voltava do garimpo com algumas pepitas e, de repente, ao dobrar uma esquina, eu vi o punhal pelo reflexo da luz. Ele me sangrou várias vezes. Quando caí, eu vi o rosto dele, mamãe! Você não imagina o meu ódio: eu não queria morrer. Eu sou tão jovem (28 anos). Quem deseja morrer nessa idade? Eu sou pai; deixei meus filhinhos... Mas eu quero dizer-lhe, mamãe, que depois daquele ódio, que me consumia, eu perdi a consciência. Quando acordei, a minha avó Eulália estava ao meu lado e me dizia: “João, meu filho, ninguém morre”! Então eu disse: “Você já morreu, vovó?”- E ela respondeu: “Eu? Eu, não. Eu estou viva, e você também está vivo. Morto está o povo da Terra, que não sabe de nada, mas nós estamos vivos”... (E aquela Senhora chorava convulsivamente. “Eu estou abraçando meu filho, meu filho está aqui. Eu estou abraçando o meu filho”!

### **3) Terceira Mensagem, médium Divaldo Franco**

“Eu também – informou Divaldo – recebi quatro mensagens, mas uma delas me movimentou a emoção. Era uma carta de três crianças: uma de dez anos, uma de sete anos e a outra de dois anos, dirigida à sua mãe, que ali estava, e quem eu jamais soube quem era ou de quem se tratava!”. “Quando eu declinei os nomes, veio a senhora, que começou a chorar antes que eu a lesse. A carta dizia:

“Mãezinha, é Allan quem está escrevendo, porque a Teresa e o Raimundinho ainda não podem. Eu quero lhe recordar que, na hora em que nós estávamos chegando a Ourinho-SP, através da BR tal, defronte ao posto tal, o carro bateu de lado, e explodiu o tanque de gasolina. Mãezinha, eu ainda me lembro: você foi jogada fora, e veio correndo para o fogaréu para nos salvar. As suas mãos nas labaredas! Nós gritamos os três; as portas travaram; você entrou pela frente e queria nos arrancar lá de dentro das chamas. Quando você foi arrancada, mamãe, não sei como lhe explicar o que nos aconteceu. Depois que passou a visão das

chamas, um imenso sono tomou conta de nós...”

“O que eu recordei foi quando a vovó (dizia-lhe o nome) apareceu e disse: Allan, temos que ir em casa: mamãe está muito mal”. – Vovó, o que estou fazendo aqui no hospital? ” — “Depois conversaremos. Mas temos que ir em casa, porque sua mãe está pensando em se matar, depois da sua morte”. “Quando eu soube que nós havíamos morrido, nós choramos. Queríamos você, mamãe, queríamos o seu abraço e seu beijo! Vovó disse: “não agora. Agora vocês vão esperar um pouco. Mamãe virá, mas não agora. Papai virá, mas não agora. Nós é que iremos lá”. Aí que eu vi, mamãe, as suas mãos queimadas, transformadas; seu tórax queimando nas labaredas... Eu vim lhe dizer que nós estamos vivos”...

E a carta entrava em detalhes: “... Você recebeu o Andrezinho para poder substituir o Raimundo. Mamãe, não saia de Ourinho... a cidade não tem culpa; nós tínhamos que voltar nestas circunstâncias”. “E escreveu 38 páginas... Quando terminei, a senhora distendeu as mãos (aí é que eu vi seus dedos, como garras, sem movimentação – e ela já tinha feito oito cirurgias plásticas, porque o fogo lhe devorara os movimentos e a expressão das mãos). Então, ela me abraçou e disse: Deus lhe pague por haver devolvido meu filho; eu queria me matar... Agora sei que eles vivem”!

“**A Doutrina Espírita** – continua Divaldo, na mencionada fita – veio dar-nos este conforto: matou a morte; ensinou-nos que vale a pena viver e até sofrer, sem sadismo, nem masoquismo, porque vamos nos libertar da argamassa material. O Espiritismo veio dizer que a vida continua. Nós seremos felizes, ou não, de acordo com a vida que tivermos aqui na Terra. E neste momento difícil da humanidade meditemos a respeito da Doutrina Espírita; abramos o nosso horizonte mental à fé”.

\*\*\*\*\*

## **2.5.0. O “Consolador” Sobrevive ao Desafio da Razão**

### **2.5.1. A Fé Religiosa, Científica e Filosófica**

**A) Competência e Campo de Ação:** da Ciência, da Filosofia e da Teologia. Ensina Will Durant, que “as ciências são janelas, através das quais a Filosofia vê o mundo” (121/08); a ciência é descritiva: examina, com os olhos ou com o telescópio, com o microscópio ou com o espectoscópio, e diz-nos o que vê. Sua função é observar, cuidadosamente, o fato ao seu alcance e descrevê-lo, acurada e objetivamente, sem nenhuma consideração pelo que disso venha a resultar para o homem. Temos aqui a nitroglicerina, ou gás de cloro; a função da ciência é analisá-la, calmamente, dizer-nos o que são esses compostos químicos e que propriedade possuem; se podem destruir cidades inteiras e os mais belos tesouros da arte e da sabedoria da civilização, a ciência no-lo dirá; e nos dirá como fazer isso cientificamente, rapidamente e com o menor dispêndio. Mas nenhuma ciência nos dirá que civilização deva ser destruída (121/09)”.

**E a Filosofia**, na definição do teólogo católico Jacques Maritain: “é o conhecimento científico que, à luz natural da razão, estuda as causas primeiras e últimas de todas as coisas”. Na linguagem vulgar, dizemos que “a Filosofia estuda o “como” e

o “porquê” de todas as coisas”. Na opinião de Spencer, “a filosofia é o conhecimento mais generalizado de todos” (121/08). Para Will Durant, “sem a ciência, a filosofia se torna impotente, porque, como poderia a sabedoria crescer, senão por meio de conhecimentos adquiridos pela honesta observação? Mas, sem a filosofia, a ciência também nada pode fazer: faz-se destruidora e devastadora. Ciência é a descrição analítica das partes; filosofia é a sintética interpretação do todo, ou de uma parte em relação com o todo. A ciência é o comitê das vias de comunicação; a filosofia é o comitê das resoluções e programas” (121/09).

**E a Teologia Dogmática, o que é?** Na opinião de Boaventura Kloppenburg, “teologia dogmática é uma ciência superior, que não procede por meio de raciocínio, nem pela demonstração, nem pela experiência íntima, nem pela experiência sensível da realidade da ordem natural, mas sim por uma pura intuição da verdade e das coisas que, ou são em si mesmas sobrenaturais, ou pelo menos são tais que, não é possível chegar-se senão mediante auxílios sobrenaturais” (58/31).

Ora, pelas definições supracitadas, podemos tirar as seguintes conclusões: à ciência não compete emitir opiniões nem tirar conclusões filosóficas; à filosofia não incumbe fazer descrições analíticas; e a teologia dogmática nem é uma ciência, nem uma filosofia, porque, sem qualquer direito à demonstração ou raciocínio, é uma fé cega que se impõe a alguém.

### **B) A Fé Cega e a Fé Raciocinada**

Allan Kardec afirma que “do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões; que todas as religiões possuem os seus dogmas ou artigos de fé; que, sob este aspecto, a fé pode ser cega ou raciocinada. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, tanto o verdadeiro quanto o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão; que, quando levada ao excesso, a fé cega conduz ao fanatismo e à intolerância; mas que, em se assentando no erro, cedo ou tarde, ela se desmorona. Somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, por nada temer do progresso das luzes, dado que o que é verdade na obscuridade, também o é à luz meridiana; que prescrever alguém uma fé cega sob um ponto de crença, é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão” (204/XIX).

Escreve Kardec: “a fé necessita de uma base, a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer; e para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. Por isso, a fé cega, já não é deste século. Tanto assim que, precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número de incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação do livre-arbítrio. É precisamente contra esta fé cega que se levantam os incrédulos: não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. Já a fé raciocinada, por apoiar-se em fatos, na razão e na lógica, nenhuma obscuridade deixa; e então a criatura crê, porque tem certeza; e ninguém tem certeza, senão porque compreendeu – eis porque a fé raciocinada não se dobra” (204/XIX).

### **C) A Doutrina dos Espíritos é uma Ciência e uma Filosofia**

O codificador escreveu que “o Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma filosofia: Como ciência, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que

dimanam dessas mesmas relações; por isso, podemos defini-lo como uma Ciência que trata da origem, natureza e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (198, perg. 50).

**O Espiritismo é uma Ciência Experimental** – “Como meio de elaboração, ele precede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, isto é, aplicando o método experimental. Fatos novos que se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, ele os observa, analisa e compara e, remontando dos efeitos à causa, chega à Lei que os rege; depois, deduz-lhe as conseqüências e busca a sua aplicação útil. O Espiritismo não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida. Assim, não apresentou como hipótese nem a existência, nem a intervenção dos espíritos, nem a do perispírito. Concluiu pela elaboração dos fatos, e procedeu da mesma maneira igual quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram, “a posteriori” confirmar a teoria; a teoria é que veio, subseqüentemente, explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma Ciência de observação, e não um produto da imaginação” (202/205).

“Cristóvão Colombo também foi chamado de louco. Pois bem, o Espiritismo, a “loucura do século XIX, segundo os que se obstinam em permanecer na margem terrena, nos patenteia todo um mundo, um mundo mais importante para o homem do que a América, porquanto nem todos os homens vão à América, ao passo que todos, sem exceção de nenhum, vão ao mundo dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro” (202/205).

#### **D) O Espiritismo Caminha ao lado das Ciências**

“O Espiritismo – prossegue Kardec – marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite o que o segundo admite, mas avança para além do ponto onde este último pára. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto: chegados a certa distância, um diz: — “Não posso ir mais longe”, mas o outro prossegue e descobre novos mundos” (202/204); por isso, com relação à Gênese, o materialismo se detém, enquanto que o Espiritismo prossegue em suas pesquisas no domínio da gênese espiritual” (202/205).

**O objeto das Ciências e do Espiritismo** – Segundo Kardec, “assim como a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objetivo do Espiritismo é o conhecimento das Leis do princípio espiritual. Ora, como este princípio é uma das forças da Natureza, a reagir-se incessantemente sobre o princípio espiritual e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. Por isso, o Espiritismo e as Ciências se completam reciprocamente: a ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência, faltaria apoio e comprovação. Mas o estudo das leis da matéria tinha que preceder ao da espiritualidade, porque a matéria é o que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo” (202/21).

**Porém a ciência e a religião são inseparáveis** – “A Ciência e a Religião são duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material, e a outra as do mundo moral. Tendo essas leis o mesmo princípio, que é Deus, jamais

podem contradizer-se. Se uma fosse a negação da outra, necessariamente uma estaria em erro e a outra estaria com a verdade. Mas a incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de idéias, provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e do outro; daí, o conflito, que deu origem à incredulidade e à intolerância” (204/I).

**E) “A progressividade dos ensinamentos dos Espíritos – Os princípios fundamentais, em cujas bases se assentou “O Livro dos Espíritos”, foram sucessivamente completados e desenvolvidos. Nunca, porém, receberam desmentido na experiência; todos, sem exceção, permanecem de pé, mais vivazes do que nunca; enquanto que, de todas as idéias contrárias, que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário” (202/11).**

\*\*\*\*\*

### **2.5.2. Acaso Deus proibiu ou condenou o Espiritismo?**

#### **A) Acaso aquele personagem bíblico era realmente Deus?**

- Em conformidade com o costume milenar de atribuir a Deus a origem da religião e da própria legislação humana, os escritores bíblicos atribuíram, também a Deus, aquelas proibições de se “evocar mortos, praticar adivinhações, magia, encantamentos, descobrir verdades ocultas e indagar dos mortos a verdade”. Entretanto, já vimos – em 2.2.2. “A” – que aquele personagem bíblico não era Deus, pois não possuía todos os atributos indispensáveis à Divindade Suprema, mas possuía tantos defeitos e imperfeições que sequer podemos considerá-lo como uma entidade espiritual evoluída e pura.

#### **B) É a Bíblia, realmente, a palavra de Deus?**

Nós já vimos, também, que a Bíblia não é a fiel palavra de Deus, enviada aos seres humanos: nem aquele personagem era Deus, nem Moisés escreveu qualquer um dos cinco livros pentatêuticos que lhe são atribuídos pela Tradição Oral e pelo Magistério Eclesiástico. Vimos, ainda, que tantos absurdos, incoerências, contradições e até imoralidade não podem ter sido escritas por Deus, nem inspiradas pelo Espírito Santo! E se a Bíblia não é a fiel palavra de Deus, devemos concluir que aquelas proibições vétero-testamentárias não possuem nem origem nem autoridade divina.

#### **C) Terá o texto bíblico chegado fiel até nós?**

É lógico e racional admitirmos que, não existindo material de escrita, adequado e suficiente, nos tempos mosaicos, aquele acervo de crenças, de rituais, de liturgias e definições religiosas tenha, necessariamente, de sofrer os azares da “tradição oral”. E, se a tradição oral é feita, de geração em geração, de pai para filho, é evidente que a “mensagem” ia, aos poucos, se modificando e se adaptando à opinião e vontade dos dirigentes religiosos.

Não será demais lembrar que, há 3.500 anos atrás, quando viveu Moisés, não havia material de escrita; tanto é que, conforme o livro de Êxodo-XXXIV:1, os Dez Mandamentos foram escritos “pelo próprio dedo de Deus”! Ora, se não havia material



adequado para que Deus os escrevesse, tampouco deveria haver para Moisés escrever os cinco volumosos primeiros livros bíblicos. O pergaminho foi inventado 200 anos antes de Jesus, o papel, 1000 anos depois dele, a imprensa, 1.440 anos dC; mas foi o Concílio de Trento (1545-1563) que definiu, em nome da Igreja, quais eram os livros bíblicos considerados escritos por Deus e inspirados pelo Espírito Santo.

#### **D) O que se proibiu no Antigo Testamento**

O que o escritor bíblico condenou e proibiu, com muita razão, foi o “animismo”, a desordenada prática da necromancia ou evocação dos mortos, a magia, a adivinhação, os encantamentos que, por serem uma manifestação da alma, ou espírito, sempre existiram, em todos os tempos e lugares, inclusive entre os antigos israelitas. Mas aquilo nunca foi “Espiritismo” ou “Doutrina dos Espíritos”, que só seria codificada, por Allan Kardec, cerca de 3.400 anos mais tarde.

#### **E) Diferença entre “animismo” e Espiritismo**

Etimologicamente, “anim-ismo” significa “fenômenos praticados pela alma (anima)”; estão conforme às leis da Natureza, por isso existiram em todos os tempos e lugares. E “Espirit-ismo” quer dizer “Doutrina dos Espíritos, Ensinamentos dos Espíritos”, e só foi revelada à Terra no século XIX, quando recebeu a codificação feita por Allan Kardec. Portanto, nem Deus, nem alguém em seu nome, poderia estar-se referindo à “Doutrina Ensinada pelos espíritos”, naqueles recuados tempos mosaicos. E nós já vimos que, conforme Boaventura Kloppenburg, com a publicação do “Livro dos Espíritos”, em 1857, surgia, pela primeira vez na história da humanidade, a palavra Espiritismo!

\*\*\*\*\*

### **2.5.3. O Santo Ofício e a Campanha Antiespírita Internacional**

#### **A) Os dois Motivos Alegados pela Igreja**

Os pregadores religiosos e os membros das campanhas antiespíritas alegam dois motivos pelos quais a Igreja condena ou proíbe o Espiritismo: a proibição divina e a eclesiástica.

**Para o “motivo divino”,** a Igreja alega que Deus “proibiu e condenou o espiritismo”, desde o Antigo Testamento, como está escrito em Êxodo-XXII:18; Levítico-XIX:31; XX:6,27; Deuteronômio-XVIII:10-14; I Reis-XXVIII-5-25; IV Reis-XVIII: 19,20; e Isaías-VIII:19,20.

**Para o “motivo eclesiástico”** seus membros alegam que a Igreja proibiu e condenou o Espiritismo em 1840, 1856 – portanto, antes da Codificação – e depois, em 1882, 1889, 1898, 1915, 1917, 1921, 1930, 1950, 1955, 1960 e continua até hoje.

#### **B) Diversos pronunciamentos do Santo Ofício**

Em 1882, em resposta a uma consulta feita por um católico, a Igreja respondeu: “A mera assistência passiva a consultas feitas a práticas espíritas é ilícita, por causa do mau exemplo e do perigo de salvação, que nunca estão alheios a tais práticas”. Em 1889, o Santo Ofício publicou outra resposta oficial, sobre a liceidade da chamada “escrita automática”. A resposta oficial, aprovada pelo papa Leão XIII, foi categórica:

“O que foi exposto não é permitido” (32/14).

Em 26 de abril de 1917, foi exarado o seguinte decreto oficial do Santo Ofício: “Em reunião plenária dos Eminentíssimo e Reverendíssimos Cardeais, Inquisidores Gerais em assunto de Fé e de Moral, foi proposta a seguinte questão: se é lícito assistir a sessões ou manifestações espíritas etc. Os citados Eminentíssimo Cardeais decidiram com a resposta “negativa para todos os casos”; sendo isso levado ao conhecimento do papa Benedito XV, ele aprovou a decisão” (32/15).

Naquele mesmo ano e mês, a Santa Sé decidiu outra consulta que lhe foi feita: “Não é lícito por medium ou sem eles, com ou sem hipnotismo, assistir conversa ou manifestação do Espiritismo, mesmo que aparentem aparência de honestidade e de piedade, quer interrogando os espíritos e ouvindo suas respostas, quer simplesmente assistindo, ainda que com tácito ou expreso pretexto de não querer pacto com o demônio” (32/14).

Daquela data em diante, a Campanha Antiespírita Internacional foi crescendo, expressivamente, em todos os países católicos do mundo: em 1921, o papa Benedito XV aprovou e recomendou a publicação do livro “O Mundo Invisível – Uma Exposição da Teologia Católica ante o Espiritismo Contemporâneo”, de autoria do Cardeal Aléxis Lépicier.

Em 24 de abril de 1921, respondendo a outra pergunta feita, o Santo Ofício decidiu, através de seu órgão oficial, pela “negativa em todas as perguntas” (50/198). Depois disso, em 1930, no México, o jesuíta Carlos Maria de Herédia publicou seu livro “Fraudes Espíritas”. Em 1931, em Barcelona, na Espanha, o padre Palmés publicou “Metapsíquica e Espiritismo”. E em 1960, no Uruguai, o jesuíta Oscar Quevedo publicou “A Face Oculta da Mente”, que foi traduzido para o português e passou a fazer parte do material de propaganda da campanha antiespírita no Brasil.

A seguir, vejamos alguns tópicos fundamentais daquelas obras mencionadas:

### **C) Sinopse do texto de “O Mundo Invisível, Lépicier, 1921**

Como o próprio subtítulo indica, esse livro é “uma exposição da teologia católica ante o Espiritismo Contemporâneo”. Ele traz uma carta de aprovação e recomendação do papa Benedito XV, na qual ele afirma que “(...) é grande o número daqueles que, irrefletidamente, são arrastados pelas teorias do Espiritismo, deixando-se, assim, incautamente, serem enganados pelo demônio” (Papa Benedito XV, em 30 de abril de 1921). A Carta do Secretário do Vaticano afirmava: “A Igreja tem toda razão para reprovar a prática do Espiritismo, como ofensiva a Deus e perigosa para o homem. Nunca, na história da humanidade, Satanás trabalhou tão afincadamente para arrastar para o erro e para o caminho da perdição os filhos dos homens (...) arrastar os sábios para o caminho das heresias; e, quanto aos simples, engana-os com as suas fraudes nas sessões espíritas”.

**Análise** – Eis aí a suprema autoridade da Igreja, aprovando a publicação do livro de um Cardeal, que tem por objetivo expor a “teologia católica ante o Espiritismo Contemporâneo”. Ninguém poderia, mais tarde, afirmar que a Igreja nunca se pronunciou oficialmente contra a Doutrina dos Espíritos, ou o papa não é autoridade oficial para semelhante pronunciamento.

**Texto** – “Admitimos a realidade objetiva das manifestações espíritas como

dimando, em muitos casos, dos espíritos do outro mundo, e não meramente como resultado de uma fraude ou de uma prestidigitação. Pretender marcar todos os fenômenos com o labéu de desonestidade, é um processo altamente anticientífico. (...) Seria um processo arbitrário e altamente anticientífico negar a interferência do mundo espiritual invisível em tais fenômenos” (pág. 07). “E a crença em seres de natureza invisível, exercendo uma influência, boa ou má, sobre os homens, existiu em todos os tempos e em todos os países” (pág. 16).

**Análise** – Ninguém poderá negar que foi um posicionamento oficial da Igreja Católica, que admite a realidade objetiva dos fenômenos espirituais como provocados pelo mundo invisível.

**Texto** – “Os espíritos não evoluem depois da morte” (pág. 24). E como muitos fenômenos que ocorrem em sessões espíritas revelam que os seus autores possuem um conhecimento natural muito elevado (...) a quem deve ser atribuídos tais fenômenos?” (pág. 29). “Existem duas classes de substâncias angélicas: as de mais elevada moralidade, que designamos com o nome vulgar de anjos, e os de caráter depravado, que designamos de demônios – teremos de determinar a qual destas categorias devem ser imputados os fenômenos espíritas que, nos tempos modernos, prendem a atenção de tantos cientistas” (pág. 52).

**Análise** – Por acreditar na eternidade das penas do inferno e na provisoriedade do purgatório, a Igreja jamais poderia admitir que a alma ou espírito possa evoluir depois da morte do corpo, nem no céu, nem no inferno, nem no purgatório. Se admitisse isso, estaria negando a necessidade das indulgências, das missas remuneradas, dos ofícios religiosos.

Entretanto, tendo o cardeal Lépiciet tomado conhecimento de que, nas sessões espíritas, os fenômenos denotam grande inteligência dos agentes invisíveis, ele indaga se aquela inteligência pertence aos anjos ou aos demônios. Ora, não será difícil adivinhar que, sem dúvida, o cardeal vai escolher os “anjos maus, ou demônios”, como “bode expiatório”, Não há outro caminho mais fácil, mais cômodo e menos comprometedor.

**Texto** – “**O poder dos Anjos** – “Eles podem transferir o mais pesado dos corpos, de um lugar para outro, e fazê-lo com a maior facilidade e com uma rapidez que desafiaria o mais veloz meio de transporte conhecido até hoje (pág. 68). Como estes espíritos possuem um conhecimento das leis físicas e químicas que excedem grandemente o nosso (...) dificilmente se encontrarão, neste mundo, alguns fenômenos que não possam ser provocados pelos anjos. E esses fenômenos são, por vezes, tão surpreendentes que chegam a nos parecer verdadeiros milagres” (pág. 73).

“Pode o mesmo anjo voltar cidades e vilas, de baixo para cima; provocar terremotos e encarpelar as ondas do mar; originar tempestades e furacões; parar a corrente dos rios e, se assim entender, dividir as águas do mar” (pág. 74). “Pode também um anjo produzir os mais surpreendentes efeitos óticos (...) tanto espargir jorros de luz, como, também, projetar sombras que se assemelham a representações fantasmagóricas. Pode ainda pôr em movimento os elementos da matéria; fazer ouvir a mais harmoniosa música, ou produzir os mais estranhos ruídos, tais como pancadas repetidas ou explosões subidas. (...) É-lhe também possível fazer com que um lápis

escreva, por assim dizer, automaticamente, certas frases com um sentido inteligível: (...) e fazer com que as sementes, lançadas à terra, cresçam, dentro de pouco tempo, até atingirem a altura de uma árvore, com flores, botões e frutos” (pág. 75).

“Um anjo tem inteiro conhecimento das feições e de outras qualidades de cada indivíduo, vivo ou morto, e facilmente se pode conceber que ele seja capaz, pelo seu próprio poder, de reproduzir a forma, a feição, a altura, a cor e o vestuário de certos indivíduos que possa conhecer, a ponto de que aqueles que, por mais íntimo trato que tiveram com esse indivíduo, sejam iludidos, pensando tratar-se de sua própria pessoa” (pág. 76). “Pode obrigar o corpo que assumiu a andar ou a mover-se, com a maior facilidade; a abrir e fechar os olhos; a comer, a respirar, a pronunciar palavras inteligíveis e a acompanhar todas estas ações com os gestos que são naturais de uma pessoa viva” (pág. 77).

“Pode ainda servir-se dos membros de um homem para os próprios fins; mover-lhe a língua para falar, os pés para caminhar e as mãos para escrever. Todas estas ações podem ser realizadas por intervenção dos anjos, bons ou maus, mas sempre sob a condição de que Deus (...) ordene ou, pelo menos, permita tais fatos (pág. 80). Deus não pode ordenar o mal (...) mas pode permitir que o mal se realize, deixando a maldade àquele que o pratica (pág. 81). E, desde que estas faculdades são comuns aos animais e aos homens, um anjo pode exercer, ainda diretamente, a sua influência sobre os sentidos dos animais” (pág. 82).

“Pode também um anjo atuar sobre a imaginação de um indivíduo, a ponto de o tornar capaz de descrever, com exatidão, a topografia de determinado lugar que esse indivíduo nunca viu, ou dar os sinais de certas pessoas que ele não conhece, como sucede nos fenômenos de clarividência” (pág. 84).

**Análise** – O cardeal Lépicier coletou muitos dos fenômenos anímicos e espirituais, inclusive alguns ligados à mediunidade humana, e deu poder aos anjos para praticá-los todos. Como o leitor percebeu, em alguns lances, ele atribuiu poder aos anjos, com o objetivo de justificar alguns fenômenos descritos no texto bíblico. Ele não negou aqueles fenômenos, nem os atribuiu à fraude, à prestidigitação, ao automatismo, à alucinação, nem a nada mais. Atribuiu todos eles aos poderes dos anjos, bons e maus.

**Texto** – “O perispírito, a que alguns cientistas dão o nome de “corpo astral”, não pode ser uma parte intrínseca da alma, porque a alma é imaterial; não pode também ser um invólucro, visto que uma substância verdadeiramente espiritual, como é a alma, está acima de toda a matéria, e não pode estar contida em qualquer corpo, por mais sutil que imaginemos este corpo” (pág. 111).

**Análise** – Ora, a palavra “perispírito” vem de “espírito” (alma desencarnada) e “peri” (em torno de, ao redor de, em volta de), para indicar, precisamente, um “elemento semimaterial que fica em volta do espírito, e tem a finalidade de ligá-lo à matéria corporal”. E ninguém ensinou que o “perispírito” faz parte da natureza intrínseca da alma. Ora, o padre pensa que, “uma substância imaterial, como é a alma, não pode estar contida em um corpo, por mais sutil que o imaginemos”. É lógico concluir, pois, que a alma não poderia atuar sobre o próprio corpo (que é material). Qual seria, então, a necessidade da alma?

Entretanto, o “perispírito” é uma substância mista, semimaterial, quintessenciada, logo, não é apenas material e nem apenas espiritual; é o traço de união, a ligação da alma ao corpo. Sem o perispírito, nem a alma poderia dirigir ou movimentar o corpo, como perderia sua própria individualidade e identificação. É pelo perispírito, que a alma assimila a forma do corpo físico, que a alma sobrevive à morte do corpo, mantendo sua individualidade e identificação.

Pela Doutrina dos Espíritos, o ser humano é composto de três elementos ou componentes diversos: 1) a alma ou espírito, ser pensante e espiritual; 2) o corpo físico ou material, que tem formas definidas; 3) e o perispírito, um elemento semi-material, que liga a alma ao corpo, e através do qual a alma se exterioriza. Com a morte, apenas o corpo material fica no túmulo, enquanto que o perispírito acompanha o espírito, dando-lhe individualidade e identificação. É por esse motivo que, muitos recém-desencarnados, por se verem com um corpo semelhante ao que tinham antes, julgam ainda estar vivos. É que a chamada “ressurreição da carne” outra coisa não é senão que o aparecimento do espírito revestido do perispírito, ou “segundo corpo”, que pode ser visto e até mesmo tocado.

Perguntados se “a alma é imaterial”, os Espíritos responderam, na pergunta 82, do Livro dos Espíritos: “Imaterial não é bem o termo, mas incorpóreo seria mais exato; nós dizemos ser o espírito imaterial porque ele difere de tudo o que conhecemos por matéria; mas a matéria existe em estado que ignorais”.

De fato, a chuva, o vento, o calor, o frio, a luz provam que, realmente, a matéria existe também em outros estados.

**Texto** – “É ponto de fé que, depois da morte, as almas daqueles que praticaram o mal nesta vida e não se arrependeram, são imediatamente condenadas a um eterno castigo; ao passo que as almas daqueles que praticaram o bem, são admitidas, ou imediatamente, ou depois de certo tempo, à Visão da Divina Essência, no céu” (pág. 118).

**Análise** – Mateus-XVI:15,16 diz simplesmente “aquele que crer e for batizado, será salvo; aquele que não crer, será condenado”. Portanto, o Evangelho estabelece, como condição indispensável para a condenação, apenas “o não crer”, sem falar em arrependimento. Aliás, arrependimento nunca pagou dívidas. Os Espíritos ensinam que o arrependimento sozinho é insuficiente para quitar a alma devedora; é imprescindível o ressarcimento dos danos causados a terceiro e tranqüilizar sua consciência. E só através de novas experiências, entre devedor e credor, poderá ser a dívida paga, encerrando todos os seus efeitos. Allan Kardec sintetizou, sabiamente, essa necessidade, quando afirmou “nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir continuamente – esta é a lei”.

**Texto** – “Podemos asseverar que as aparições dos mortos são sempre milagres, quando realizadas por intermédio dos anjos bons, mas não são milagres, quando devidos à atuação dos anjos maus, a não ser que eles o efetuem por ordem de Deus (pág. 175). Os anjos decaídos resolvem, por deliberação própria, representar, não uma alma salva, o que é impossível, mas uma alma condenada, com eles, às penas eternas. Neste caso, esses espíritos atuariam como principais agentes, com a permissão de Deus, mas sem sua ordem; tais aparições, portanto, não seriam milagre algum. (...) Mesmo os anjos decaídos podem ser instrumento de Deus para a realização de

milagres. Mas, em tal caso, os espíritos malignos não podem mentir, pois são obrigados a dizer a verdade, desde que atuem como servos de Deus” (pág. 177).

**Análise** – Que fragilidade teológica! Seria o leitor capaz de diferenciar os bons milagres dos maus milagres, entre os praticados com a ordem de Deus e os praticados apenas com sua permissão, os praticados pelos anjos bons e os praticados pelos anjos maus (ou demônios)? E qual seria a recompensa dos anjos maus (ou demônios), quando praticam um milagre, atuando com a permissão Divina?

**Texto** – “Defeitos de ordem moral das práticas espíritas. Mas é nos espíritos manifestantes que a desonestidade e o baixo caráter moral podem ser observados. Por outro lado, as comunicações que são obtidas por intermédio do Espiritismo, não trazem qualquer vantagem digna de menção para a humanidade. Não tem havido qualquer revelação dos segredos da Natureza” (pág. 205).

**Análise** – Os Espíritos Superiores nos orientam no sentido de que, não sendo os espíritos mais do que seres humanos desencarnados, carregam eles consigo a sabedoria ou ignorância, bondade ou maldade, seriedade ou levandade que portavam ao sair da Terra. Daí, pode ocorrer que o principiante se surpreenda ao ver espíritos dos mais diversificados caracteres, comunicações sérias e levianas – cabe a cada um diferenciar umas das outras e sintonizar com as melhores. E foi precisamente para nos ensinar a diferenciar uns espíritos dos outros, que a Doutrina dos Espíritos foi enviada à Terra. Mas é no “Livro dos Médius”, que o aprendiz poderá entender o que se pode perguntar e esperar dos espíritos.

**Texto** – “A grande revolta no céu e a origem dos demônios. “Todos, juntamente com seu chefe, foram para sempre e irrevogavelmente excluídos da glória eterna; alguns deles foram para o lugar de castigo, enquanto outros, arrastando consigo todos os seus tormentos sem fim ficaram sobre a Terra (...) Aqui, eles têm o poder, com a permissão de Deus, para vagar por toda a Terra, causando toda espécie de males físicos e incitando os homens a se revoltarem contra Deus, a fim de os arrastar para a perdição eterna” (pág. 236).

**Análise** – Eis a famosa hipótese da “rebelião dos anjos” em pleno paraíso, da qual se originaram milhões de demônios! Ela é de uma fragilidade sem precedente: como poderiam aqueles seres angélicos, criados perfeitos por Deus e colocados no Paraíso, sem nunca terem vivido em um corpo físico, revoltarem-se contra Deus, para tomar-lhe o governo do universo? Ora, se todos eles eram culpados, por que uns foram para as “profundezas do inferno”, a sofrerem eternamente, enquanto muitos outros receberam a condenação de perambularem pelos lugares pitorescos da Terra, arrepiando almas?

Ora, se nos queixamos da violência urbana, podemos nos conformar, porque, enquanto aqui podem roubar-nos a carteira ou talvez até a vida, lá no paraíso estaremos sujeitos a perder a própria alma! Mas quando, afinal, teria ocorrido aquela rebelião? Não diz o texto de Gênesis que Deus fez, em seis dias, toda a sua obra? Por que haveria Deus de criar o “inferno”, e exatamente antes da criação humana?

**Texto** – “Ora, se as manifestações espíritas não são milagres, não podemos afirmar que elas se realizem por obra de Deus, mas simplesmente com sua permissão. Daí se conclui que estas manifestações não podem ser atribuídas aos anjos bons, que

trabalham por ordem de Deus, mas sim aos espíritos malignos” (pág. 180).

**Análise** – Eis a que se reduz a “rebelião dos anjos”, inventada para tentar justificar a existência dos “demônios”. Que credibilidade merecem as argumentações de Lépicier?

#### **D) Sinopse do Texto “Fraudes Espíritas”, Herédia, 1930**

No prefácio desta obra, o jesuíta Carlos Maria de Herédia esclarece que, em 1922, havia publicado “Spiritism And Common Sense” (Espiritismo e Senso Comum); que não é uma tradução da anterior, mas contém muita coisa da obra citada. Portanto, em 1930, Herédia não havia mudado de opinião sobre o Espiritismo.

**Texto** – “Desses fenômenos reais, explicados por uma teoria falsa, vieram os antigos a terem como certo outro fenômeno característico desses aliados de Satanás (pág. 24). Bem depressa apareceu o novo broto da bruxomania: o Espiritismo. E às bruxas sucederam os médiuns, e as peneiras e cabos de vassoura foram substituídos “cientificamente” pelos pandeiros, trombetas, mesas e cadeiras dançantes (pág. 26). Foi quando começaram os “raps”, e a mãe assustada ideou a famosa hipótese espírita, que ainda hoje perdura. (...) Foi a mãe, e não as meninas, quem forjou a história do morto”(pág. 28).

“O princípio do Espiritismo foi, portanto, devido à suposição de uma mulher assustada, e o seu fundamento foi um fenômeno inteiramente falso, pois que os “raps”, pelo menos então, eram produzidos fraudulentamente, pelo estalido dos dedos grandes dos pés das meninas Fox (pág. 29). Mas, a 10 de outubro de 1888, Catarina Fox retratou: “O Espiritismo é uma farsa do princípio ao fim (...) é o maior embuste do presente século” (pág. 30).

**Análise** – Quem leu os capítulos 2.3.3. e 2.3.4 já percebeu que a Doutrina ensinada pelos Espíritos Superiores, nem é a continuação das bruxas — não possui qualquer ligação com o “demônio” inventando pelas religiões — e nem se originou dos fenômenos de Hydesville. No Espiritismo, o estudioso não encontrará pandeiros, nem tambores, nem trombetas, nem cabos de vassouras. Aqui, ele não verá nem incenso, nem quadro de santos, nem paramentos sacerdotais, nem nada disso.

Aquela “teoria dos estalidos musculares”, criada pelo Sr. Jobert e invocada por Herédia para negar a participação dos espíritos nos fenômenos, já foi devidamente analisada e rejeitada pelo próprio Allan Kardec: “Quando as pancadas são ouvidas por todas as pessoas reunidas em determinado lugar, não há como atribuí-las razoavelmente a uma ilusão. (...) O sábio doutor se esqueceu de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel, afastada da mesa, pode produzir nesta as vibrações sensíveis a quem a toque; como pode esse ruído repercutir, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, nos forros etc.; como, finalmente, a ação daquele músculo podia atingir uma mesa que ninguém toca, ou fazê-la mover-se. (...) Ele julgou sem ter visto, ou sem ter observado tudo e bem. É sempre de se lamentar que homens da ciência se afoitem a dar, do que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir” (199/52).

E que valor poderia ter uma “retratação de Catarina”, feita quarenta anos mais tarde, quando as mesas tinham girado pelo orbe inteiro? quando pesquisadores de todo o planeta haviam pesquisado e comprovado a existência de uma inteligência

invisível nos fenômenos? quando já havia vinte anos terminada a codificação por Allan Kardec? Ainda que Catarina estivesse realmente “forjando a hipótese do morto”, em nada isso abalaria as pesquisas e conclusões a que chegaram, posteriormente, cientistas do mundo inteiro. E por que fez ela, logo a seguir, uma contra-retratação, isto é, negou a primeira retratação? O simples fato de ter havido uma imediata contra-retratação nos obriga a pensar que a primeira nem foi livre, nem espontânea, mas suspeitamente forjada!

E como entender que, depois de ter a Igreja, através do cardeal Lépiciér, admitido a realidade objetiva do fenômeno espírita, atribuído ao demônio, possa o mexicano Herédia acusar todos de fraude e de embustes, de estalidos musculares? O leitor já começa a perceber a fragilidade e a incredibilidade da campanha antiespírita movida pela Igreja Católica!

**Texto** – “Realmente, há certas classes de fenômenos nos quais aparece uma mente inteligente desconhecida. Mas o Espiritismo é apenas uma hipótese para explicar certos fenômenos aos quais se dá o nome de metapsíquicos” (pág. 154).

**Análise** – Ao invés de fazer uma pesquisa séria para descobri-la, Herédia achou mais cômodo e favorável à sua Teologia chamar o Espiritismo de “simples hipótese para explicar os fenômenos aos quais se dá o nome de metapsíquicos”. Quem leu os capítulos 2.3.1 a 2.3.5., deve ter percebido que o Espiritismo é uma coisa muito séria e resulta de um trabalho profundo e respeitável.

**Texto** – “Aqui só nos ocuparemos dos fenômenos provocados (pág. 156). Mas os fenômenos principalmente colecionados com o objetivo de estudá-los são os que se relacionam com o Automatismo, o Transe, as Alucinações, a Telepatia, a Clarividência, a Hiperestesia, os Pressentimentos, as luzes, as pancadas secas ou “raps”, com ou sem contato, a escrita direta, a penetração da matéria, os aportes, as materializações, o ectoplasma, a levitação dos corpos, a fotografia psíquica, a escrita em pedras, a imunidade ao fogo e outros fenômenos. (...) Mas existem realmente estes fenômenos? (...) As provas da existência dos fenômenos físicos são sumamente duvidosas, se excluirmos os “raps” por contato. Existirão ou não, o que se afirma é que, até o momento, sua existência não está cientificamente comprovada” (pág. 157). “Mas está cientificamente demonstrado que existe realmente uma comunicação entre os vivos e os defuntos, por contato do médium. Se demonstrarmos que tal comunicação não existe, por ser a maior parte fraude, ou porque os fenômenos restantes, provocados pelos médiuns, têm uma explicação natural sem que em nada intervenham as almas dos defuntos, teremos lançado por terra os fundamentos da religião espírita” (op cit pág. 159).

**Análise** – Mesmo sem examinar os fenômenos, o padre acabou por considerá-los falsos, para, desse modo, “lançar por terra os fundamentos do Espiritismo”. Não é muita pretensão? Herédia não vai fazer nenhum análise séria, nem científica, nem imparcial: seu objetivo é tão somente defender suas idéias e opiniões preconcebidas a respeito de tudo aquilo que está em desacordo com sua corporação religiosa. Ora, já que os católicos estão proibidos, por decreto do Santo Ofício, de lerem as obras da codificação espírita, pode o leitor avaliar o estrago mental que as campanhas antiespíritas causaram na mente de grande parte da humanidade?



A pergunta de Herédia, se existem realmente tais fenômenos, é de uma simplicidade total. Não foi ele mesmo quem, às pág. 24 da sua obra aqui mencionada, afirmou que “desses fenômenos reais, explicados por uma teoria falsa, nasceu o novo broto da bruxomania – o Espiritismo”? Como alegar, agora, que os fenômenos não existem, ou não estão ainda cientificamente comprovados?

Toda espécie de corporativismo, principalmente religioso e político, é muito suspeito. Poucos são aqueles que conseguem se manter independentes e imparciais em seus julgamentos. Via de regra, seus argumentos não se baseiam na lógica, nem na razão e nem no bom-senso, mas na defesa de interesses profissionais.

**Texto** – “Um fenômeno metapsíquico é um “efeito sensível, provocado por um médium, como causa instrumental, e produzido por um agente oculto, como causa principal, por meio de forças algumas vezes desconhecidas” (pág. 161). Nesta definição, excluimos do campo da Metapsíquica todas as atividades subjetivas do médium, embora pareçam maravilhosas; pois, neste caso, seria a mente do médium a causa principal do fenômeno, e não apenas o instrumento da mente oculta” (pág. 163). (...) “Mesmo supondo fossem eles autênticos, nada têm de metapsíquico, pois neles não se manifesta a intervenção do agente intelectual oculto. Nós só trataremos dos fenômenos metapsíquicos, e não dos fenômenos espíritas” (pág. 167).

“Os fenômenos produzidos pelos irmãos Davenport (...) outra coisa não foram senão sortilégios engenhosíssimos, pura prestidigitação. Quem duvidar disso, que leia o cap. III do livro “Um Mágico entre os Espíritos”, escrito por meu bom amigo Harry Houdine. O fenômeno dos movimentos de objetos, estando o médium de mãos atadas, fica varrido para fora. Não o consideramos metapsíquico, mesmo no caso de ser autêntico, o que não é” (pág. 167).

**Análise** – Pela sua definição e objetivo, não nos será difícil “adivinhar” o que ele irá alegar: que os fenômenos não são metapsíquicos – ou que não existem – ou que não estão suficientemente comprovados – ou que são produzidos pela atividade do próprio médium, sem o concurso de uma inteligência oculta. Mas, lembrando-nos de que, às pág. 167 do seu livro, Herédia prometeu que “nós só trataremos dos fenômenos metapsíquicos e não dos fenômenos espíritas”, ficaremos em dúvida se ele encontrou algum “médium” como instrumento de pesquisas da Metapsíquica.

**Texto – O Ectoplasma** – “Certos médiuns têm a faculdade de expelir, pela boca, pelas narinas e pelos ouvidos, certa substância (...) que parece ter movimento, como se estivesse viva. Dessa substância (...) formam-se, às vezes, rostos, mãos e pés, que eventualmente podem ser moldados (em parafina). Mas, mesmo admitindo que deveras exista o famoso ectoplasma, o que ainda não está provado, poderá este fenômeno ser considerado como fisiológico, se quiser, mas de modo algum catalogado entre os metapsíquicos, porque não demonstra a intervenção de uma mente inteligente, distinta da do médium. Basta citar as palavras de Houdine, no cap. X, do seu famoso livro, anteriormente citado: “Creio que o que Eva fez é produto de simples regurgitação. E, no caso de não ser este o processo, penso que é uma companheira muito astuta Eva, e não creio que seja honrada” (pág. 171).

**Análise** – Que autoridade científica tem o depoimento do grande mágico e prestidigitador Houdine, arrolado por outro mágico e prestidigitador – Herédia – para

negar os fenômenos da ectoplasma? Ora, a simples definição de ser um fenômeno físico, químico, anatômico, fisiológico ou seja lá o que for, não esclarece a questão da origem da inteligência ou força produtora do fenômeno – nem nega que haja faculdades humanas aptas à materialização dos espíritos, e muito menos que os espíritos não se comuniquem com os vivos.

E o pesquisador e parapsicólogo J. Herculano Pires informa que “Richet descobriu o ectoplasma nos processos de materialização. Segundo ele, Geley, um fisiologista e espírita, deu prosseguimento às pesquisas de Richet. Ambos provaram, secundados por outros cientistas eminentes, entre os quais Crookes e Zöllner, que o “ectoplasma é uma emanção do corpo do médium em forma de um plasma leitoso”. Na Alemanha, Schrenk-Notzing conseguiu porções de ectoplasmas, colhidas em sessões mediúnicas experimentais e submeteu-as a exames histológicos em laboratórios de Berlin e Viena, comprovando a sua natureza orgânica” (165/88).

Por que teria a Igreja de negar a existência do ectoplasma? Porque, admitindo-o, teria de admitir, também, a possibilidade das materializações luminosas dos espíritos. Que autoridade científica merecem as palavras de Houdine e de Herédia sobre o caso? Decidam os próprios leitores!

**Texto** – “**A Materialização dos Espíritos** – (...) Von Notzing publicou, no seu livro “Fenômenos de Materialização”, muitas fotografias da médium Eva. Basta ler o seu volumoso livro para se convencer de que as materializações são pedaços de gaze, desenhos malfeitos a lápis e até retratos tirados do jornal, como as próprias fotografias testificam. Embora não tenhamos presenciado nenhuma das sessões de Eva, estudando, com atenção, as fotografias do livro de Notzing, pudemos fazer uma descoberta muito importante de um dos modos como Eva ocultava o famoso ectoplasma. (...) Ali estava, pois, um dos segredos de Eva, para “materializar” caras e ectoplasmas, sem grandes dificuldades” (pág. 173).

**Análise** – Eis como um sacerdote, pseudo-cientista, argumenta para negar a ectoplasma, a materialização e fotografia dos espíritos. Sem nunca ter presenciado uma só sessão de Eva, Herédia se julgou habilitado a negar sua mediunidade, com base em fotografias de um livro publicado décadas antes dele. Que autoridade científica e moral possuem os argumentos de Herédia?

**Texto** – “As fotografias espíritas” – “Todo aquele que já manuseou uma kodak tem, sem dúvida, experiências do que seja uma dupla exposição (...) Esta dupla exposição é o principal fundamento da fotografia espírita (pág. 184). Se alguém quiser mais detalhes, pode ler o capítulo VIII da citada obra de Houdine. (...) Até o presente, a fotografia dos espíritos não é um fenômeno suficientemente comprovado, muito menos para merecer um estudo sério. Nem pode ser considerada metapsíquico” (pág. 193).

**Análise** – Eu procurei um especialista, funcionário da Kodak, a fim de me esclarecer sobre a hipótese mencionada por Herédia. Ele me informou que, realmente, há 60 anos atrás, era possível obter-se uma foto sobre outra; mas que, atualmente, os dispositivos de segurança das máquinas modernas não permitem uma “dupla exposição”, pois o filme trava e só libera o espaço seguinte da película. Ora, se nos tempos de Herédia, alguém fazia uso de semelhante processo, hoje ele morreria de fome,

porque assim não obteria uma dupla exposição. Até hoje, porém, as fotografias de espíritos continuam sendo tiradas.

**Texto** – A telequinésia significa “movimento de objetos à distância. (...) Os movimentos das mesas, por contato, são efetivos, mas podem ser explicados pela contração muscular de quem sobre a mesa põe as mãos. Este fenômeno, embora existente não tem significação alguma, como supomos, e poderá ser um fenômeno físico, fisiológico ou o que quiserem, mas não um fenômeno metapsíquico, no sentido em que o tomamos. E os movimentos de objeto, sem contato, tenham ou não significação, não estão suficientemente comprovados (pág. 202).

**Análise** – Vejam quanta impropriedade lingüística: se telequinésia significa “movimento à distância”, como poderíamos admitir “telequinésia por contato?” Exatamente os verdadeiros fenômenos telecinéticos, isto é, provocados à distância, não têm significado algum para o mágico e prestidigitador Herédia! Quanto ao que ele chamou de movimento por contacto, ou provocado pela pressão das mãos, vale o que foi dito em 2.5.3. D., sobre o livro de Herédia, página 29. Além disso, alegar que um fenômeno seja físico, químico, fisiológico ou anatômico não esclarece sua origem, nem identifica o seu agente provocador; é apenas um artifício lingüístico para iludir leigos no assunto. Esse truque lingüístico é sempre usado pelos membros da Campanha antiespírita, quando não podem ou não querem admitir um fato.

Pelo livro “Telepatia”, de Soal e Bateman, sabe-se que “em 1951, o Dr. Rhine já havia encontrado algumas evidências que tendiam a demonstrar que certas pessoas podiam influenciar, à distância, através da vontade, o lance de um dado comum, isto é, concentrando-se num “três”, por exemplo, poderá fazer com que apareça esta face do dado, mais freqüentemente do que seria de esperar pela teoria das probabilidades matemáticas” (80/107).

**Texto** – “Não estamos estudando os fenômenos que, embora curiosíssimos, pertencem ao estudo da Física, da Fisiologia ou da Psicologia Experimental. (...) Vamos ver agora alguns fenômenos reais, e não produzidos por fraude, cuja existência está comprovada, mas que pertencem claramente à Psicologia Experimental, à Fisiologia e a outras ciências perfeitamente determinadas. (...) Estes fenômenos são, principalmente, as alucinações e o automatismo” (pág. 205).

**Análise** – Eis, mais uma vez, os truques lingüísticos do padre Herédia. Entretanto, seu jogo de palavra não convence nem a leigos em ciência; basta entender de linguagem para saber que ele está blefando: atribuir um fenômeno à Física, à Fisiologia ou à Psicologia Experimental não esclarece a origem nem a causa eficiente do mesmo. Ora, como vimos, os campos da ciência e da filosofia são diferentes, e a ciência não tem competência para tirar conclusões – isto compete à Filosofia. E quem disse que alucinações e automatismo são fenômenos, ou explicam alguma coisa? São apenas substantivos usados para dar nome às coisas, no caso a coisas que não entendemos ou não queremos admitir. Alegar alucinação, automatismo, transe, ou seja lá o que for, é apenas um artifício para camuflar nossa ignorância ou teimosia em não querer reconhecer alguma coisa inegável.

**Texto – O Automatismo** – “Por automatismo se entende, em geral, aquela ação que não é o resultado da vontade consciente. As funções orgânicas são consideradas

“automáticas”. A circulação do sangue, por exemplo, é uma ação automática, visto não ser o resultado da intervenção da vontade consciente. Estes movimentos caem diretamente sob o domínio da Fisiologia. (...) Outro fenômeno paralelo é o da “fala automática”, produzida em estado de transe. (...) O automatismo não só se produz em estado de transe, como também, com muita freqüência, em estado de vigília. (...) Na maioria dos casos, o que o autônomo descreve são lembranças de coisas completamente esquecidas, trechos de poesias, palavras e frases de línguas desconhecidas para ele, mas que, na realidade, são fragmentos que jazem esquecidos na mente inconsciente do autômato (pág. 212).

**Análise** – Quanta fantasia escrita por um jesuíta, em nome da Igreja, para negar a influência e comunicação dos mortos! Ele usurpou de termos usados pela ciência, para iludir leigos na matéria. Ora, Herédia nunca foi um cientista, mas um mágico e prestidigitador, que se apóia nas palavras do mágico Houdine. Ele foi apenas um sacerdote profissional, adestrado para defender a Igreja contra as “ameaças da propagação dos ensinamentos dos espíritos”.

Pela sua definição, “automatismo” seria qualquer ato involuntário e inconsciente. Ora, isto nunca foi “automatismo”, mas inconsciente e involuntário. Já vimos que palavras como automatismo, alucinação, transe, escrita automática, fala automática etc. são apenas substantivos que servem para dar nome às coisas, reais ou imaginárias, concretas ou abstratas, sem definir a causa produtora de qualquer fenômeno. São substantivos utilizados pelos membros da campanha antiespírita para negar aquilo que, em razão de sua profissão ou teologia, não querem ou não podem admitir.

Ora, isto nem é ético, nem racional e nem científico. Afirmar que “as funções vitais”, como a circulação do sangue, a fala mediúnica, a xenoglossia etc. sejam “automatismo”, é proferir grande inverdade. O cardeal Lépicier, expondo a teologia católica, definiu aqueles fenômenos como provocados pelos anjos; e agora, em 1930, no México, o jesuíta Herédia discorda dele, e atribui-lhes substantivos que não exprimem nem sua origem, nem sua causa.

Só há dois princípios no universo: o princípio material e o princípio espiritual (ou inteligente); e a matéria inerte não pensa, não se movimenta, não age sozinha, sem ser impulsionada ao menos pelas leis da gravidade. Mesmo as funções orgânicas, como a circulação do sangue, a excreção etc., funcionam sempre mecanicamente – pois não há automatismo no universo.

Afirmar que a “fala mediúnica”, os fenômenos da “xenoglossia” etc. sejam “fala automática” e “automatismo”, é tentar camuflar ignorância causal dos referidos fenômenos. O corpo humano não passa de uma caixa acústica, através da qual o ser pensante e espiritual exerce sua ação e se manifesta exteriormente.

**Texto** – O transe mediúnico de que unicamente nos ocuparemos aqui é caracterizado geralmente por um sono profundo, diminuição das pulsações ou desaparecimento dos reflexos. Nestes fenômenos, conquanto produzidos por causas naturais, na maioria das vezes se dá a conhecer o que a mente inconsciente do médium escreve; é onde se observa, com clareza, o verdadeiro fenômeno metapsíquico, quanto este realmente tem lugar” (pág. 216).

**Análise** – Que credibilidade merecem os argumentos de Herédia? Ora, nem todo

transe mediúnico tem aquelas características, pois há incorporações, mediunidade e psicografia tanto conscientes quanto inconscientes e semiconscientes. Há casos tão naturais de mediunidade, que nem o médium nem seus circunstantes percebem que ele está em “transe mediúnico”: não descobrem que uma mente estranha atua sobre ele. Isso ocorre tanto quando ele fala sua própria língua, como quando fala uma linguagem estrangeira. É por isso que, freqüentemente, a medicina convencional toma esses médiuns por “psicopatas”, e eles são internados em hospitais para “doentes mentais”. Lá, eles são envenenados pelas drogas medicamentosas, que não conseguem atingir a origem do problema.

Ora, Herédia acabou se contradizendo. Ao definir os “fenômenos metapsíquicos”, ele ensinou que “se é a mente inconsciente do médium que escreve”, o fenômeno não apresenta a intervenção de uma inteligência oculta, logo não é metapsíquico”. Como admitir, agora, que no seu exemplo supra, “é onde se observa, com mais clareza, o verdadeiro fenômeno metapsíquico, quando este realmente tem lugar”?

**Texto** – “Resumindo... muitos fenômenos realmente existentes, e não produzidos por fraude, nada têm a ver com os espíritos, se bem que gente ignorante e não poucas consideradas ilustradas creiam (pág. 216).

**Análise** – Ninguém jamais afirmou que todos os fenômenos estranhos, que ocorrem no mundo, sejam produzidos pelos espíritos ou pela faculdade mediúnica de alguém que está próximo. O que se afirma é que os espíritos influenciam os vivos, se comunicam com eles, e que há faculdades orgânicas no ser humano que produzem efeitos mediúnicos inexplicáveis pela terminologia científica tradicional. Entretanto, afirmar que “gente ignorante” e as “consideradas ilustradas” creiam ser eles produzidos por uma força preternatural”, já vai uma distância enorme. Entre os respeitáveis pesquisadores do Espiritismo, eu tenho visto apenas pessoas inteligentes, cultas e lúcidas.

**Texto** – “A fraude e o demônio – Nosso próprio orgulho favorece a explicação preternatural, já que nos sentimos humilhados ao ver que fomos enganados com tanta facilidade... Que o diabo nos tenha enganado, vá lá; mas que os homens nos enganem, como a um “trouxa”, por um processo tão infantil, não podemos engolir, apesar da evidência” (pág. 212).

**Análise** – Aqui, Herédia está zombando da “teoria diabólica”, antes defendida pelo Santo Ofício, pelos Inquisidores Gerais, pelos papas e pelo cardeal Lépiciér. Assim, as palavras de Herédia não são dirigidas aos pesquisadores que acreditam na intervenção dos espíritos, mas se dirigem aos católicos e aos próprios membros da Igreja. Que eles próprios se defendam, pois nós sequer acreditamos na existência do demônio. Ora, se ele não existe, como pode ser o agente oculto das manifestações chamadas espíritas?

**Texto** – “Dia e noite estamos recebendo impressões por meio dos sentidos, e estas impressões ficam arquivadas (pág. 242). E podem ser liberadas em dadas circunstâncias. Isso é mais ou menos o que se passa, com muita freqüência, quando alguém se encontra em estado de transe ou similares. Uma infinidade de impressões, completamente esquecidas, vem à tona e se manifesta, por meio da fala automática ou da escrita automática. Este fenômeno constitui o fundamento da Psicanálise” (pág. 243).

**Análise** – Eis aqui outro “bode expiatório” para salvar Herédia: a memória do inconsciente, que brota automaticamente. Ora, essa qualificação é insuficiente para demonstrar que “os espíritos não se comunicam com os vivos”, e muito menos para convencer-nos de que, consciente ou inconscientemente, aprendemos coisas que, depois de esquecidas, voltam à mente.

Herédia, porém, cometeu outro equívoco, ao dizer que isso constitui o fundamento da Psicanálise. Em verdade, o Dr. Freud, o Pai da Psicanálise, dividiu a mente humana em três departamentos diferenciados: o consciente, o inconsciente e o subconsciente. Do inconsciente as idéias passam livremente para o consciente; mas, do subconsciente, que é uma espécie de depósitos de idéias recalçadas e desejos proibidos, elas só muito raramente passam para o mundo exterior. E a função da Psicanálise é precisamente a de tentar erradicar, do subconsciente para a consciência, aquelas idéias recalçadas, reprimidas, aqueles desejos proibidos, que causam certas deficiências mentais e físicas; mas isto não explica jamais a mediunidade. Não é isso o que ocorre em um transe mediúnico, nem em uma incorporação, nem em uma vidência e muito menos em uma escrita psicográfica.

Ou Herédia ousaria afirmar que o conteúdo daqueles 420 livros já psicografados pelo mediú Francisco Xavier, e aquelas 140 obras psicografadas por Divaldo Pereira Franco sejam a exteriorização de idéias recalçadas e de desejos proibidos? Onde e quando teriam entrado no inconsciente dos dois médiuns tão delicados e complexos assuntos? Ora, uma teoria só é válida quando consegue resolver todos os problemas para os quais é proposta; e esta teoria da Psicanálise, inventada por Herédia, não resolve nem o problema da incorporação, nem da vidência, nem da psicografia.

**Texto** – “Se, depois de ler atentamente os capítulos precedentes, o leitor tiver se convencido de que muitíssimos dos efeitos sensíveis, tomados como fenômenos espíritos, são meros fenômenos naturais, pertencentes ao domínio da Psicologia Experimental, da Patologia e da Psicanálise, terá dado um grande passo em favor da sua própria cultura... E, se tiver capacitado de que é o arquivo número 3, das impressões inúmeras, nele acumuladas, seja qual for a capacidade intelectual do indivíduo, talvez até chegue a suspeitar não haver tais fenômenos metapsíquicos, mas serem todos eles manifestações da mente inconsciente do médium” (pág. 249).

**Análise** – Realmente, muitos fenômenos sensíveis nada têm a ver com os espíritos desencarnados: mas isso não prova que os espíritos não se comuniquem com os vivos, e nem que não produzam efeitos espíritos. Para Herédia, tudo nos vem do arquivo número 3, e os fenômenos metapsíquicos não existem, mas são produzidos pela mente inconsciente do médium. Como arrolar, ao mesmo tempo, a Psicologia Experimental, a Patologia e a Psicanálise para explicar o mesmo fenômeno? Já vimos que alegação de simples nomes técnicos ou científicos nada prova, nem esclarece o problema da inteligência oculta produtora do fenômeno.

**Texto** – “**A teoria diabólica** – Antes de tudo, como disse Santo Agostinho, cremos que sem diabo não há Cristo; e justamente porque cremos em Cristo, cremos também no diabo. Admitimos, pois, a existência diabo, mas não seja ele a causa ordinária e constante de fenômenos que não entendemos, nos quais se mostra a intervenção de um agente intelectual (pág. 252). A sentença que sustenta ser o diabo

a causa originária e constante de todos os fenômenos metapsíquicos verdadeiros, quando provocados pelo médium, baseia-se em argumento que não prova a tese, pelo que deve ser considerada como uma teoria cientificamente inadmissível” (pág. 269).

“Outro argumento infantil que, se tomado a sério, é uma espada de dois gumes, é este: quando se pergunta ao espírito quem é ele, muitas vezes responde ser Satanás -- logo se conclui que é Satanás o autor dos fenômenos... Este argumento não tem valor científico... Por outro lado, não nos dizem que o diabo é um embusteiro, o pai da mentira? Por que, então, vai alguém crer nas palavras dele?” (pág. 258).

**Análise** – Como já dissemos, não acreditamos na existência do demônio – portanto, os membros da Igreja se defendam da impugnação à teoria diabólica.

Herédia não se deu conta de que, negando e criticando a “teoria diabólica”, estava em oposição aos anteriores pronunciamentos do Santo Ofício, dos Inquisidores Gerais, dos papas Leão XIII e Benedito XV, do cardeal Lépiciér e de dezenas de teólogos e pregadores católicos.

**Texto** – “Contra os espíritas (e não contra os metapsíquicos) estabelecemos a seguinte tese: a sentença que sustenta ser um fato comprovado a existência de comunicação entre os espíritos e as almas dos defuntos por meio do médium não está cientificamente demonstrada” (pág. 269).

**Análise** – Se, naqueles tempos, ainda havia dúvidas sobre a prova das comunicações dos espíritos, hoje elas não existem mais. Entretanto, nas suas evasivas, o padre Herédia foi incoerente e ilógico: por que prometeu ele analisar apenas os fenômenos metapsíquicos, e não os fenômenos espíritas, mas agora conclui precisamente contra os espíritas? O leitor viu, ao longo de nossas transcrições e análises, a que fica reduzida a defesa feita por Herédia. Seus argumentos não possuem autoridade científica, nem coerência lógica, e muito menos são suficientes para negar que “os espíritos se comunicam com os vivos”.

### **E) Sinopse de “Metapsíquica e Espiritismo”, Padre Palmés**

No prefácio à 1ª edição, o autor escreveu, em Barcelona, em 1931, que “o propósito deste livro é precisamente vir em defesa da ciência, em geral, e muito particularmente da Psicologia, contra as preensões do Espiritismo, que põe todo o seu empenho em pregar seus erros e superstições, disfarçando-se com a aparência de ciência” (pág. 08).

No prefácio à 2ª edição, em 1960, Palmés escreveu: “Nesse antro de superstições e curandeirismo, que são as sessões espíritas, o vírus do Espiritismo continua fazendo estragos em não poucas mentalidades enfermas, e em outras também que, pela ignorância da verdadeira religião, acabam por simpatizar com a doutrina acomodatória do Espiritismo, a qual facilmente se presta a legitimar, do ponto de vista moral, qualquer espécie de conduta e da mais grosseira superstição” (pág. 13).

**Análise** – Pela fúria do sacerdote espanhol, o leitor já deve estar percebendo que, dificilmente, teremos uma “análise científica”. Não acreditamos que Palmés tenha equilíbrio emocional e imparcialidade, para analisar, com justiça e rigor científico, tão melindroso assunto.

Na apresentação brasileira, do “Metapsíquica e Espiritismo”, do padre Palmés, em 1960, um membro da campanha antiespírita no Brasil, Boaventura Kloppenburg,

escreveu que: “no dia 18/04/1857, Allan Kardec publicava, na França, “O Livro dos Espíritos”, com o concurso de diversos médiuns; e, com esse livro, surgia, pela primeira vez, na história da humanidade, a palavra Espiritismo”.

Portanto, segundo Kloppenburg, até 1857 ainda não existia o Espiritismo (ou doutrina ensinada pelos Espíritos Superiores). Logo, podemos concluir que, qualquer censura, acusação, condenação ou proibição, feita antes de 1857, não estava se referindo à Doutrina dos Espíritos, mas às antigas práticas de animismo, necromancia, magia e adivinhação, praticada pelos hebreus, que sempre existiram em todos os tempos e lugares.

**Texto** – “Se a ciência que o Espiritismo invoca (a Metapsíquica) não passasse de uma falsa ciência, mas como uma careta de papelão ou um disfarce de pano, o Espiritismo não só não mereceria consideração alguma, por parte de todo homem sensato e justo, porém, deveria ser reprimido nos seus desmandos, como o são os intrusos que, sem título e sem competência, e com perigo para a saúde pública, exercem o curandeirismo. E, por essa usurpação injusta do nome da ciência, seria ele digno de corretivos e sanções que a lei, muito justamente, impõe aos trapaceiros” (pág. 29).

“Outra ciência superior, que não procede por meio do raciocínio e da demonstração, nem pela experiência íntima, nem pela experiência sensível da realidade da ordem natural, mas sim por uma pura intuição da verdade das coisas que, ou não são em si mesmas sobrenaturais, ou pelo menos são tais que a ela não é possível chegar-se, senão mediante o auxílio sobrenatural, é a Teologia Dogmática” (pág. 31).

**Análise** – A notória intolerância, preconceitos e prevenção mostrados por Palmés já são suficientes para comprometer-lhe a seriedade e o valor de suas pesquisas. A Metapsíquica, sim, é que foi criada, para estudar, cientificamente, os fenômenos do Espiritismo. E provou diversos fenômenos, depois teve seu nome mudado para Parapsicologia, e hoje é conhecida e respeitada no mundo inteiro. Portanto, ela não era aquela “carea de papelão”, nem aquele “disfarce de pano” como pensava o padre Palmés.

Naquelas pequenas mostras feitas nos capítulos 2.3.3. e 2.3.4., o leitor tomou conhecimento da seriedade, respeitabilidade e necessidade da Doutrina dos Espíritos, para a evolução moral da humanidade. Entretanto, por decisão do Santo Ofício, os católicos estão proibidos, sob pena de excomunhão, de lerem as obras do Espiritismo. Com esta intolerância, preconceito e ódio espalhados por Palmés, não será difícil avaliar o estrago mental que a campanha antiespírita trouxe à humanidade!

Ora, pela própria definição de Palmés sobre a Teologia Dogmática, que não é demonstrável nem pela razão, nem pelas experiências, podemos concluir que ela nem é ciência experimental, nem filosofia dedutiva; é uma fé cega que se impõe, sem direito a exames ou comprovações.

**Texto** – “Os adeptos do Espiritismo se nutrem, constantemente, desta classe de literatura, da pobre mentalidade dos seus autores, sectários e semiloucos, que chegam ao paroxismo da superstição e do fanatismo, à força de revolverem extravagantes fantasias, próprias somente de cérebros escaldados, e que são mais dignos de compaixão e de que os encerre em manicômios, do que a ciência